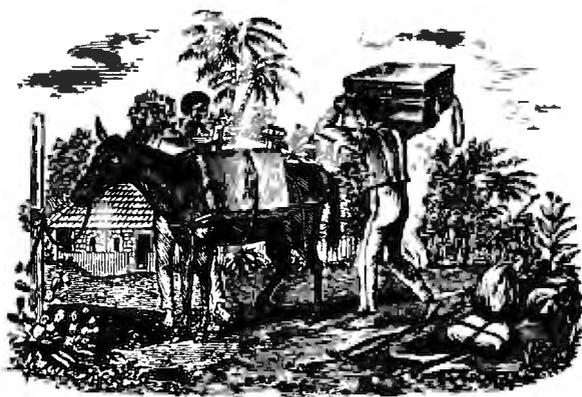


★ *Este livro foi composto e impresso nas oficinas da Empresa Gráfica da "Revista dos Tribunais" Ltda., à rua Conde de Sarzedas, 38, S. Paulo, para a Companhia Editora Nacional, em julho de 1942.*

DR. MAX SCHMIDT

ESTUDOS DE ETNOLOGIA BRASILEIRA

Tradução de CATARINA BARATZ CANNABRAVA



COMPANHIA EDITORA NACIONAL
SÃO PAULO

Estudos de Etnologia Brasileira

Peripécias de uma viagem
entre 1900 e 1901. Seus
resultados etnológicos.

Pelo DR. MAX SCHMIDT

Tradução direta do alemão de
CATARINA BARATZ CANNABRAVA

★

NA sua viagem de caráter científico empreendida com o objetivo de estudar populações primitivas do Brasil-central, Max Schmidt recolheu abundante material documentário e fez observações do mais alto interesse sobre algumas sociedades indígenas. A obra em que apresentou os resultados etnológicos de suas viagens ao centro da América do Sul, entre 1900 e 1901, apareceu, em alemão, sob o título "INDIANERSTUDIEN IN ZENTRAL-BRASILIEN" e não tardou em grangear, pela sua probidade e solidez, a consagração de um livro fundamental. A sua atenção e os seus esforços de investigação etnológica, Max Schmidt os concentrou sobretudo nas tribus dos índios *guatós*, que habitavam, como outrora, a grande região lacustre de Gafba e Uberaba, desde as margens do alto Paraguai às do baixo rio São Lourenço. Nenhum estudo sobre essas tribus foi mais completo nem mais bem documentado nem mais penetrante do que esse, do etnólogo alemão. Mas essa obra não se recomenda apenas aos especialistas pelo seu alto valor científico. Não é somente uma contribuição notável ao estudo de culturas primitivas. É ainda uma narrativa pitoresca, verdadeiramente interessante, em toda a sua primeira parte, das peripécias da expedição de Max Schmidt ao Rio Novo, à região das cachoeiras do Rio Xingú e à vasta região habitada pelos *guatós*. A obra, traduzida do original alemão, com escrupulosa fidelidade, pela senhora Catarina Baratz Cannabrava, é ilustrada com 281 gravuras, 12 estampas e um mapa.

Vol. 2 da BRASILIANA
Série Grande Formato

★

Edição da
COMPANHIA EDITORA NACIONAL
SÃO PAULO

**ESTUDOS DE
ETNOLOGIA BRASILEIRA**

876

LIVRARIA TUPY
R. RIACHUELO, 108
Tel. 32-1846 - S.P.



Estampa I
Nossa hora de descanso, no sertão.

Série 5.^a ★

B R A S I L I A N A
Grande Formato
BIBLIOTECA PEDAGÓGICA BRASILEIRA

★

Vol. 2

DR. MAX SCHMIDT

ESTUDOS DE ETNOLOGIA BRASILEIRA

*PERIPÉCIAS DE UMA VIAGEM ENTRE 1900 E 1901.
SEUS RESULTADOS ETNOLÓGICOS.*

Tradução direta do alemão de
CATHARINA BARATZ CANNABRAVA

★

Ilustrado de 281 gravuras, 12 estampas e 1 mapa

COMPANHIA EDITORA NACIONAL
São Paulo — Rio de Janeiro — Recife — Porto Alegre
1942





710007225

| | |
|--------------------------------------|--------------------|
| UFRJ MUSEU NACIONAL BIBLIOTECA | |
| N.º 405 | DATA 25 10 1994 |

ÍNDICE DA MATÉRIA

| | |
|-------------------------|------|
| Nota da tradutora | XV |
| Prefácio | XVII |

I

PERIPÉCIAS DAS MINHAS VIAGENS AO RIO NOVO, À REGIÃO DAS CABECEIRAS XINGUENSES E À DOS ÍNDIOS GUATÓS.

| | |
|---|-----|
| CAP. I — Viagem a Cuiabá: Entre os bacairís do Rio Novo | 8 |
| CAP. II — De Cuiabá à região dos índios bacairís, no Paranatinga, e daí até o local de embarque, no rio Coliseu | 18 |
| CAP. III — Entre os índios do rio Coliseu | 44 |
| CAP. IV — Regresso a Cuiabá — Prosseguimento da viagem para Amolar | 95 |
| CAP. V — Entre os índios guatós | 109 |
| CAP. VI — Reminiscências da Revolução em Mato Grosso — Regresso para a Europa | 129 |

II

RESULTADOS ETNOLÓGICOS DAS MINHAS VIAGENS AO CENTRO DA AMÉRICA DO SUL.

| | |
|--|-----|
| CAP. VII — Índios guatós — Resenha histórica | 135 |
| CAP. VIII — Índios guatós — Elementos etnográficos | 138 |
| 1 — Região habitada | 138 |
| 2 — Navegação de vapor e de canoa | 138 |
| 3 — Habitação | 140 |
| 4 — Leito e banco de assento | 141 |
| 5 — Indumentária e Ornamentos | 143 |
| 6 — Objetos de caça ou armas | 145 |
| 7 — Alimentação e preparo da comida | 162 |
| 8 — Trançados e tecelagem | 172 |

| | |
|---|-----|
| CAP. IX — Índios guatós — Linguagem | 202 |
| I — Generalidades | 202 |
| II — Formação das Palavras | 204 |
| III — Vocabulário | 215 |
| IV — Frases da Língua Guató | 239 |
| CAP. X — Índios guatós — Elementos antropológicos | 248 |
| CAP. XI — A psicologia individual dos guatós | 252 |
| CAP. XII — Condições de vida dos guatós em relação ao socialismo e ao individualismo | 258 |
| CAP. XIII — Elementos sobre o direito entre os guatós | 263 |
| CAP. XIII A — Infiltração da cultura européia nas cabeceiras xin- guenses | 268 |
| CAP. XIV — Trançados; o ornamento inspirado no trançado na re- gião das cabeceiras xinguenses | 279 |
| CAP. XV — O estudo do ornamento na região das cabeceiras do rio Xingú | 320 |
| 1 — A ornamentação derivada ou inspirada nos modelos ou padro- nagens de trançado | 320 |
| 2 — Denominação dos ornamentos derivados dos padrões de trançado | 334 |
| CAP. XVI — Ornamentações usadas durante as dansas — Textos de canções da região das cabeceiras xinguenses | 350 |
| CAP. XVII — Economia e Direito dos Índios do rio Coliseu | 371 |
| CAP. XVIII — Vocabulário | 384 |

ÍNDICE DAS ESTAMPAS

| EST. | PAG. |
|--|---------|
| I — Nossa hora de descanso, no sertão | II |
| II — Índios Lenguas | 8 A/B |
| III — Meninos banhando-se nas proximidades de Corumbá | 18 A/B |
| IV — Cervejaria alemã, em Corumbá | 20 A/B |
| V — Bacairis do rio Novo | 28 A/B |
| VI — Usina de açúcar no rio Cuiabá | 102 A/B |
| VII — Rio Cuiabá | 106 A/B |
| VIII — “Mequi”, o menino guató | 117 A/B |
| IX — Homens guatós | 122 A/B |
| X — Mulheres guatós | 130 A/B |
| XI — Uma família guató na canoa | 140 A/B |
| XII — Choça guató | 146 A/B |

Índice das Gravuras no Texto

| FIG. | PÁG. |
|---|------|
| 1 — Baile a bordo do “Diamantino” | 3 |
| 2 — Assunção | 4 |
| 3 — Cena de rua, em Assunção | 5 |
| 4 — Paisagem marginal do rio Paraguai | 7 |
| 5 — Porto Murtinho | 8 |
| 6 — Povoação no rio Cuiabá | 9 |
| 7 — Negros em Rosário, dansando o “congo” | 17 |
| 8 — Construção das nossas canoas na cortiça de um jatobá | 41 |
| 9 — Figura de palha de milho dos bacairís, representando um pássaro | 50 |
| 10 — Figura de pendão de milho, representando um quadrúpede .. | 52 |
| 11 — Flauta dos naucuás com o motivo “merechú” gravado | 74 |
| 12 — Arco e flecha dos bacairís | 77 |
| 13 — Cordel de cintura, em algodão, usado pelos homens bacairís .. | 77 |
| 14 — Escavador de páu dos bacairís | 79 |
| 15 — Desenhos a lapis dos bacairís | 81 |
| 16 — Rolo que serve de base para sustentar as cargas na cabeça .. | 82 |
| 17 — Pentes bacairís | 85 |
| 18 — Ralador de mandioca dos bacairís | 86 |
| 19 — Taramelas dos artelhos usados pelos dansarinos bacairís | 87 |
| 20 — Pintura do corpo de um bacairí. Desenho ou motivo “iauari” .. | 88 |
| 21 — Colar de conchas usado pelos homens bacairís | 90 |
| 22 e 23 — Remos dos bacairís | 93 |
| 24 — Aldeamento no rio Cuiabá | 103 |
| 25 — Meu hospedeiro José Magalhães com os seus filhos, diante de sua casa | 105 |
| 26 — “Viola”, instrumento de música dos guatós | 115 |
| 27 — “Caracachá” dos guatós | 115 |
| 28 — Gravuras na rocha no lago de Guaíba | 120 |
| 29 — “Arita” no ano de 1905 | 132 |
| 30 — Remos infantís dos guatós | 139 |
| 31 — “Singa” (zinga) (vara que impele a canôa) dos guatós | 139 |
| 32 — Banco de madeira em forma de gamela | 142 |
| 33 — Banco de madeira de quatro pernas | 143 |
| 34 a 37 — Colar de sementes, ligadura para a perna com garras de capivara e dois tufos de penas para as orelhas | 144 |
| 38 a 40 — Colares de sementes, das crianças guatós | 145 |
| 41 — Lança com ponta de ferro | 146 |
| 42 — Lança com ponta de osso | 146 |
| 43 — Arco dos guatós | 146 |
| 44 e 45 — Extremidade superior do arco | 147 |
| 46 a 49 — Extremidade inferior do arco e o sistema de enlace da corda | 148 |
| 50 — Flecha para pássaro com cabo de cambaiuva. Engrossamento na extremidade superior em forma de pendão de milho | 149 |
| 51-a a c — Os três paus recortados da flecha guató e o cabo de ubá .. | 149 |

| | |
|---|-----|
| 52 a 55 — Envoltura de algodão na extremidade inferior da flecha guató e cano de ubá | 151 |
| 56 e 57 — Flechas de ubá dos guatós com enrolamento de cipó na parte inferior do cabo | 152 |
| 58 — Flecha guató com ponta de madeira simples | 153 |
| 59 — Flecha guató com ponta de madeira denteada | 153 |
| 60 — Flecha guató com ponta de madeira denteada | 153 |
| 61 a 64 — Flechas para pássaros dos guatós com ponta de madeira engrossada | 155 |
| 65 — Flecha guató de ponta de taquára | 155 |
| 66 e 67 — Flechas guatós de ponta de taquára (extremidade superior) | 156 |
| 68 e 69 — Flechas guatós de ponta de taquára (extremidade inferior) | 156 |
| 70 — Flecha guató com ponta de osso | 158 |
| 71 — Flecha-arpão com ponta de osso dos guatós | 159 |
| 72 — Arco com bola de barro dos guatós | 159 |
| 73 — Extremidade inferior do arco com bola de barro rel. à fig. 72 | 161 |
| 74 — Nó da corda dupla na extremidade superior do arco com bola de barro | 161 |
| 75 e 76 — Extremidade inferior do arco com bola de barro | 162 |
| 77 — Nó da corda dupla na extremidade superior do arco com bola de barro | 162 |
| 78 — Contraforte que prende a bola de barro no arco dessa espécie | 162 |
| 79 e 80 — Panela e tijéla de barro dos guatós | 163 |
| 81 — Panela de barro dos guatós | 164 |
| 82 — Panela de barro e tampa em forma de tijéla dos guatós | 164 |
| 83 a 85 — Espátula para sopa dos guatós | 165 |
| 86 a 88 — Colheres de páu dos guatós | 167 |
| 89 e 90 — Bilhas de barro guatós | 168 |
| 91 — Bilha guató | 168 |
| 92 e 93 — Chúcaras ou chávenas de barro | 169 |
| 94 — Molinilho para obter fogo, dos guatós | 170 |
| 95 — Molinilho engastado num cabo de flecha velho | 170 |
| 96 — Malhador de pedra para partir sementes de palmeira (guatós) | 171 |
| 97 — Tijela de madeira guató | 171 |
| 98 — Tijela da couraça toráxica de crocodilo (guatós) | 171 |
| 99 — Trançado de uma malha em um cesto guató | 174 |
| 100 — A passagem do listrado horizontal para a direção vertical e vice-versa nos trançados de folhas pinuladas | 174 |
| 101 a 104 — Irregularidade que se apresenta no trançado ao se verificar a passagem ou mudança da direção horizontal para a vertical | 176 |
| 105 — Esteira ou rede de dormir dos guatós | 177 |
| 106 — Abano para fogo dos guatós | 179 |
| 107 — Abano para fogo, incompleto (guató) | 179 |
| 108 — Cesto triangular com a nervura da folha de lado (guatós) .. | 180 |
| 109 — Cesto quadrangular com a nervura da folha de lado | 181 |
| 110 — Desenho esquemático para mostrar como se prendem as pontas livres dos folíolos ao lado do cesto | 182 |
| 111 — Cesto dos guatós com a nervura na borda superior | 183 |
| 112 — Desenho esquemático para mostrar como se prendem as pontas livres dos folíolos no fundo do cesto | 184 |
| 113 — Chapéu masculino guató | 185 |
| 114 — Cesto guató | 186 |

| | |
|--|-----------|
| 115 — Esquema do trançado de fio duplo | 187 |
| 116 — Arco para desfiar o algodão em rama (guató) | 188 |
| 117 e 118 — Fusos guatós | 188 |
| 119 — Esteira de junco para criança | 189 |
| 120 — Desenho esquemático do trançado em junco | 190 |
| 121 — Ponto de partida do trançado em junco, esquemáticamente representado | 190 |
| 122 — Trança na borda do trançado em junco, esquemáticamente representada | 190 |
| 123 — Abano de mosquitos de fibra de tucum | 191 |
| 124 — Abano de mosquitos de fibra de tucum para criança | 192 |
| 125 — Esquema do trançado relativo ao abano de mosquitos da fig. 124 | 192 |
| 126 — Mosquiteiro de fibra de tucum (guató) | 193 |
| 127 — Esquema do trançado do mosquiteiro | 194 |
| 128 — Trançado de fio duplo na borda dos abanos para mosquitos tecidos (esquema) | 195 |
| 129 — Trançado de fio duplo na borda dos abanos para mosquitos tecidos (esquema) | 196 |
| 130 — Esquema do tecido | 197 |
| 131 a 133 — Abano de mosquitos, tecido de algodão (guató) ... | 197, 198 |
| 134 — Canto direito superior do abano de mosquitos da fig. 131 | 199 |
| 135 e 136 — Facas para tecelagem dos guatós | 199 |
| 137 a 139 — Ligaduras para pulso dos guatós | 200 |
| 140 — Como se prende o fio duplo no final da cadeia da ligadura para pulso | 201 |
| 141 a 144 — Representação esquemática das malhas de tecido das ligaduras de pulso | 201 |
| 145 — Guató de Caracará. Pae e quatro filhos | 249 |
| 146 — Agulhões de arraia empregados na dor de dente | 250 |
| 147 — Desenhos guatós executados a carvão num tronco de árvore .. | 253 |
| 148 — Desenho guató, representando uma vaca, feito a carvão num tronco de árvore | 255 |
| 149 — Corneta de alarme dos guatós | 260 |
| 150 e 151 — Instrumento de música e boneca de pano das crianças guatós | 260 |
| 152 — Arcos infantís guatós | 261 |
| 153 e 154 — Flechas das crianças guatós | 261 |
| 155 — Cuia guató. Brinquedo de criança | 262 |
| 156 — Chocalho de casca de abóbora das crianças guatós | 262 |
| 157 — Desenhos dos "xinguanos" Benedito e Augustino | 275 |
| 158 — Pau de vibrar (ou zunidor) | 277 |
| 159 — Pá de virar beijús, pintada com figuras de atiradores | 277 |
| 160 - 161 - 162 - 163 | P. 283 |
| 164 — Aumento progressivo do quadrado de trançado pelo acréscimo alternado de tiras <i>a</i> e tiras <i>b</i> | 286 |
| 165 a 169 — Demonstração esquemática de quadros de trançado juxtapostos | 288 a 290 |
| 170 — Tabela das diferentes figuras possíveis de se manifestarem no ponto de contacto dos quatro quadros de trançado juxtapostos | 291 |
| 171 e 172 — Demonstrações esquemáticas de trançados | 293 |
| 173 — Aljava de trançado meândrico (Bauanas do rio Branco) | 294 |
| 174 — Cesto dos bacairís do Rio Novo | 295 |
| 175 — Esquema do trançado do cesto da fig. 174; começo do trançado | 296 |
| 176 — Tijéla de folha de buriú dos naucuás | 297 |
| 177 — Tijéla de vime dos bacairís | 298 |

| | |
|--|-----|
| 178 — Cesto bacairí | 300 |
| 179 — Fundo do cesto da fig. 178 | 301 |
| 180 — Cesto bacairí | 302 |
| 181 — Sequência das malhas do trançado do cesto da fig. 180 | 303 |
| 182 — Bolsa de folha de burití dos bacairís | 304 |
| 183 — Bolsa de folha de burití dos bacairís | 305 |
| 184 — Esquema do trançado do cesto da fig. 182 | 306 |
| 185 — Cesto bacairí | 308 |
| 186 — Esquema do trançado do cesto da fig. 185 | 309 |
| 187 — Abano para fogo dos bacairís | 310 |
| 188 e 189 — Demonstração esquemática do trançado do abano para fogo | 311 |
| 190 — Abano para fogo dos bacairís | 312 |
| 191 — Abano para fogo dos bacairís | 313 |
| 192 — Peneira bacairí | 314 |
| 193 — Rede aueto de fibra de burití | 315 |
| 194 — Rede bacairí de fibra de algodão | 316 |
| 195 — Trançado da rede da fig. 194 | 317 |
| 196 e 197 — Fuso e gastão de barro bacairís | 317 |
| 198 — Demonstração esquemática de trançado | 318 |
| 199 e 200 — Trançados de cestos dos naucuás | 318 |
| 201 — Cesto trumaf | 319 |
| 202 — Desenho a mão feito pelos suiás | 323 |
| 203 a 207 — Pás de virar beijú dos bacairís | 324 |
| 208 a 212 — Pás de virar beijú dos bacairís | 325 |
| 213 a 217 — Pás de virar beijú dos bacairís | 326 |
| 218 — Modelo ou padrão “merechú”, segundo K. v. d. Steinen | 327 |
| 219 — Friso de parede dos bacairís | 328 |
| 220 e 223 — Cuias bacairís, pintadas com “ulurí” | 330 |
| 224 a 226 — Representação de pássaro, homem e peixe | 331 |
| 227 e 228 — Cuias bacairís com desenhos de peixes, pelo processo da cauterização | 333 |
| 229 e 230 — Cuias bacairís com desenhos de figuras, pelo processo da cauterização | 334 |
| 231 a 233 — Figuras de peixe das cuias | 335 |
| 234 — Remo bacairís pintado de peixes, segundo o esboço do autor .. | 335 |
| 235 a 238 — Cuias de casca de abóbora bacairís, com os desenhos pintados e cauterizados | 336 |
| 239 a 242 — Triângulos femininos, “ulurís”, dos bacairís. Frente e costas e respectiva ornamentação | 338 |
| 243 — Escavador de mandioca bacairí | 341 |
| 244 — Desenhos a lapis dos bacairís | 342 |
| 245 — Desenhos a lapis dos bacairís | 343 |
| 246 — Figuras na areia dos auetos | 344 |
| 247 — Desenhos a lapis dos bacairís | 345 |
| 248 a 250 — Cabaças de barro da região das cabeceiras xinguenses | 346 |
| 251 e 252 — Vasilhas de barro da região das cabeceiras xinguenses | 346 |
| 253 e 254 — Vasilhas de barro da região das cabeceiras xinguenses | 347 |
| 255 e 256 — Vasilhas de barro da região das cabeceiras xinguenses, em formas de animais | 347 |
| 257 e 258 — Vasilhas de barro da região das cabeceiras xinguenses, em forma de morego | 348 |
| 259 — Vasilha de barro da região das cabeceiras xinguenses, em forma de animal | 349 |
| 260 — Máscara de trançado aueto “kualáuit” | 352 |

| | |
|---|-----|
| 261 e 262 — Máscaras de madeira auetos “enerepirá”, “pangai” ... | 354 |
| 263 e 264 — Máscaras dos auetos | 355 |
| 265 — Manga trançada para dansas, dos auetos | 357 |
| 266 — Manga para as dansas da fig. 265 com quadros de trançado sublinhados | 358 |
| 267 e 268 — Mangas de trançado para as dansas dos auetos | 359 |
| 269 — Disco trançado dos bacairís | 360 |
| 270 — Disco trançado dos bacairís | 360 |
| 271 — Disco trançado dos bacairís | 361 |
| 272 — Disco trançado dos bacairís | 361 |
| 273 — Peixe de madeira dos bacairís “pacupira” | 362 |
| 274 — Peixe de madeira dos bacairís “pacupira” | 363 |
| 275 — Peixe de madeira dos bacairís “nivaga” | 363 |
| 276 — Peixe de madeira dos bacairís “copiri” | 364 |
| 277 e 278 — Peixes de madeira dos bacairís | 364 |
| 279 — Maxilar inferior do peixe-cachorro | 372 |
| 280 — Maxilar inferior do peixe-piranha | 373 |
| 281 — Ordem das redes da oca I, da segunda aldeia bacairí do rio Coliseu | 379 |

Nota da tradutora

Na versão da obra de Max Schmidt para a nossa língua lútei com certas dificuldades por falta de expressões técnicas, especialmente nos capítulos que estudam os trançados. Por isso mesmo os submeti à leitura de um mestre, que é o sr. Rodolfo Garcia, o que me aliviou um pouco a consciência. Agradeço aqui a sua gentileza de ter-me fornecido, além disso, algumas informações especializadas que figuram nas notas.

O leitor, que conhece o original desta tradução, dará pela falta de alguns trechos, que, à última hora, foram cancelados pelo próprio autor, em exemplar enviado à Comp. Editora Nacional.

Na parte de vocabulário o autor emprega, frequentemente 2 ou 3 sinais em uma mesma letra, isto é, um, respectivo ao som fonético, outro, relativo ao acento tônico e às vezes um terceiro, por baixo da letra, o que não faz possível à Editora reproduzir, por não dispor desses recursos tipográficos. Precisando escolher uma única maneira de assinalar as palavras indígenas, optei pela mais importante, que é a que esclarece o som fonético.

O autor e os leitores me perdoarão, por certo, as imperfeições devidas à complexidade do próprio assunto.

CATHARINA BARATZ CANNABRAVA

Prefácio

J á são passados quasi cinco anos desde que vi realizar-se o meu desejo antigo de empreender uma expedição junto aos indígenas da América do Sul. Os resultados das quatro expedições alemãs ao rio Xingú, que se sucederam, uma após outra, em pequenos intervalos, fizeram-me compreender que as cabeceiras daquele rio constituíam a região mais adequada para um encontro com os filhos das selvas e, seguindo os bons conselhos dos srs. Professores Dr. Karl von den Steinen, Wilhelm von den Steinen, Dr. Ehrenreich e Dr. Herrmann Meyer, pude tentar a longa viagem com recursos relativamente precários. Ao mesmo tempo eu tinha como preciosos auxiliares os dois livros de viagem de Karl v. d. Steinen: "Durch Zentral-Brasilien" e "Unter den Naturvoelkern Zentral-Brasiliens", que me serviram de guia durante toda a expedição e também para o preparo deste livro.

Foram-me proporcionados vários privilégios, já no estrangeiro, através da legação diplomática. Outrossim encontrei apoio entre os diversos negociantes alemães domiciliados longe da pátria dos quais posso citar aquí os srs. Letzgus (infelizmente já falecido) em Buenos Aires, Maximo Bier em Corumbá, Goerne e Consul Hesslein em Cuiabá, que aliás me foram recomendados pela firma exportadora Oscar Goetz de Hamburgo, cujos negócios se ramificam pela América do Sul. Não posso deixar de agradecer ainda uma vez a esses senhores por tudo que fizeram em meu beneficio. Também me sinto grato aos brasileiros que me acolheram generosamente. Por toda a parte fui alvo da mais franca hospitalidade e seria muito longa a lista de nomes que eu poderia mencionar aquí, pelo que me abstenho sobretudo, por saber que estas linhas jamais chegarão àquelas longínquas paragens. Exprimo, portanto, a todos o meu agradecimento profundo, e de um modo especial ao Presidente do Estado de Mato Grosso, naquela época, Antonio Pedro Alves de Barros, ao seu cunhado Vanderley e bem assim ao "Doto Paiz de Barros", que ocupava interinamente a presidência do Estado.

Ao voltar da minha expedição às cabeceiras xinguenses a Cuiabá, o "Ethnologische Hilfskomitee" (Comité de auxílios para estudos etnológicos) poz à minha disposição a soma de dois mil marcos, o que

me permitiu continuar viagem à região dos índios guatós. Aquí de-
sejo expressar a minha mais sincera gratidão ao comitê, sobretudo
ao seu presidente daquela época, sr. Conselheiro dr. Baessler.

O fato de somente agora divulgar este livro é motivado pela
circunstância de só ter chegado às minhas mãos a coleção deixada no
rio Coliseu, durante o verão de 1901, no ano passado, isto é, em 1904.
Ao que se verifica, os índios bacairís do Paranatinga cumpriram com
a sua promessa. Eles buscaram a coleção que carregaram sobre os
seus bois numa longa caminhada até Cuiabá, isto em 1902. No ou-
tono de 1903 os objetos etnológicos seguiram, finalmente, de Cuiabá,
em um navio que naufragou no alto Itaisi. De novo a coleção ficou
sujeita a uma sorte incerta às margens desse rio até que, alguns mezes
depois, um outro vapor providenciou o transporte para Corumbá, mas
os documentos de embarque, nesse intervalo, tinham sumido junta-
mente com a coleção. Foi apenas um acaso feliz que quiz que o sr.
Consul Hesslein, passando por Corumbá, visse as minhas malas e
caixas, já conhecidas, na casa de um barqueiro. Dessa maneira poude
o sr. Consul despachar para Hamburgo as minhas coisas. Aos srs.
Consul Hesslein e Goetz (de Hamburgo) é que devo a circunstância
de ter podido juntar nesta obra a coleção etnográfica relativa à expe-
dição da região das cabeceiras do rio Xingú.

Alguns desenhos contidos aquí também devo ao sr. Wilhelm v. d.
Steinen, a quem agradeço de modo especial.

Steglitz, julho de 1905.

MAX SCHMIDT

I

PERIPÉCIAS DE UMA VIAGEM AO RIO
NOVO, À REGIÃO DAS CABECEIRAS DO
RIO XINGÚ E DOS ÍNDIOS GUATÓS

CAPÍTULO I

Viagem a Cuiabá: Entre os Bacairís do Rio Novo

NA noite de 9 para 10 de setembro de 1900 deixei Hamburgo embarcando no vapor "Rio", da Companhia de Viagens a Vapor Hamburgo-Sul-America¹. Fizemos escala em portos espanhóis, afim de receber alguns emigrantes, demorando-nos um pouco na ilha de S. Vicente (Ilhas do Cabo-Verde) e, após uma agradável viagem de trinta dias, entramos, afinal, no ancoradouro de Buenos-Aires.

A próxima etapa seria a cidade de Corumbá, em Mato-Grosso, onde os navios maiores do Lloyd Brasileiro (que fazem viagem mensal a Cuiabá durante o período em que as águas não estão muito baixas) devem ser substituídos por vapores de pequeno calado.

No dia 20, pela manhã, zarpamos de Buenos-Aires no nosso ainda considerável "Diamantino". Certamente me eram conhecidas as descrições que K. v. d. Steinen² fez em seus dois livros sobre o trecho fluvial que sobe o rio e vai a Cuiabá; entretanto invadiu-me uma onda de impressões pessoais, a que se entregou minha alma de noviço em viagens.

A vida de bordo parecia muito agradável. Embora se encontrassem muitos alemães entre os passageiros, procurei manter-me junto aos brasileiros para, desse modo, aprender as noções de português mais necessárias. Todos faziam o possível para me serem úteis nesse



Fig. 1
Baile a bordo do "Diamantino"

(1) N. da T. — No original: "Hamburg-Suedamerikanische Dampfschiffahrtsgesellschaft".

(2) N. da T. — Vide a tradução brasileira da 2.^a viagem de K. v. d. Steinen, por Egon Schaden: "Entre os aborígenes do Brasil Central", publicada pelo Depto. de Cultura de S. Paulo, na Revista do Arquivo e distribuída pela Comp. Editora Nacional. A 1.^a viagem, traduzida por Catharina Baratz Canabrava, "Pelo Brasil Central", será publicada brevemente pela Comp. Editora Nacional.

sentido, principalmente um jovem oficial de marinha, que, frequentemente, me exercitava em leitura de português ou tentava gravar na minha memória toda a sorte de palavras, sob as mais fortes representações mímicas. Quanto mais me enfronzava na linguagem melhor me sentia, naturalmente, nêsse ambiente, para mim novo, de bordo, ambiente que se compunha de uma mistura dos elementos mais heterogêneos. Era o centro de atração da "sociedade" do beliche a família do comandante da flotilha de Mato-Grosso, o qual vinha do Rio de Janeiro para tomar posse do seu novo posto no Forte Ladário



Fig. 2
Assunção

em Corumbá. As condições primitivas em que se achava a propria sêde de serviço não eram de animar. Entre a quantidade de sírios e turcos a bordo, destacava-se um sacerdote católico romano, da Síria, que, talvez, devido ao seu muito espírito, ou em virtude da própria dignidade de sacerdote, assumia certa importância diante dos demais.

A 27 de outubro detivemo-nos na interessante capital Assunção.

No caminho que vai para Concepção, subindo o rio, até Porto Murtinho avistavam-se entre diversas pequenas povoações, alguns bandos de índios postados na margem. Tratava-se, na maior parte, de lenguas e "tsamakokos". Alguns vinham chegando nos seus botes que encostavam ao casco do vapor para que lhes jogassem moedas. As várias impressões, que esses índios produzem no espírito do viajante apressado, que os considera superficialmente como mendigos e mercadores, são naturalmente muito imprecisas para serem aproveitadas sob o ponto de vista etnológico, principalmente depois das investigações minuciosas e recentes que Boggiani realizou nessas tribus. Infelizmente não pude interromper aquí minha viagem a Cuiabá, afim

de não reduzir os recursos de que necessitava para a longa marcha ao rio Xingú.

O Porto Murtinho, centro de uma companhia que explora mate e cuja casa comercial se avista de bordo, estava em grande agitação por ocasião da nossa chegada. E' que dias antes se havia dado um crime. Um homem que se achava em terra atirara no seu genro embarcado num vapor que se afastava da cidade. O criminoso estava agora sendo conduzido para o tombadilho da nossa embarcação, escoltado por muitos polícias armados, onde passou a se movimentar entre os passageiros, inteiramente livre e despreocupado das consequências do seu ato.

O ex-presidente Dr. Antônio Correia da Costa, que tinha casa de campo em Porto Murtinho, e, por intermédio de quem a pequena cidade tomou rápido incremento, recebeu-me muito amavelmente, apresentado por amigos que fiz no "Diamantino", dando-me ainda vários conselhos sobre o resto da viagem. O jovem oficial de marinha do "Diamantino", a quem já me referí, queria que seu aluno o honrasse por ocasião da visita ao ex-presidente e, assim, pôs-se a ensinar-me algumas palavras e caretas que fazia de modo teatral e que eu devia reproduzir, certamente para estar de acordo com a sua concepção



Fig. 3
Cena de rua, em Assunção

dessas coisas. Nessa oportunidade tive o ensejo de me inteirar, pela primeira vez, do costume matogrossense de não bater na porta antes de entrar, e sim bater palmas.

Conforme me relatou o Dr. Antônio Correia, tivera ele antigamente em sua povoação maior número de índios tsamakokos, como trabalhadores, mas, por causa da varíola que grassava por todas essas regiões no período em que me encontrava ali, êles se retraíram, indo morar mais longe. Apenas vi um menino dessa origem de uns 11 anos, criado pelo Correia.

Na quinta-feira, 1 de novembro, chegamos a Corumbá, onde tive que aguardar durante 4 dias o vapor para Cuiabá, visto que o mesmo havia sido recolhido para consertar uma pequena avaria. O acaso fez com que uma boa se metesse sorrateiramente na embarcação. Na primeira manhã, após termos partido, apareceu a cobra em todo o seu comprimento lá em cima no convés com enorme surpresa dos passageiros.

Pela amável acolhida que me deu o despachante da alfândega de Corumbá, sr. Maximo Bier, a baldeação da minha pesada bagagem fez-se sem maiores dificuldades. Começou então uma nova viagem fluvial que ultrapassava em muito a anterior, por seus aspectos interessantes. Grande parte dos passageiros já me era conhecida da viagem no "Diamantino"; a outra parte dos companheiros de bordo, isto é, o grupo dos serviçais destacava-se pela cor escura da pele. De Buenos-Aires trazia eu recomendações para um senhor Vanderley, que encontrei aqui, a bordo, com a família. Como ele era cunhado do atual Presidente de Mato Grosso, exercendo por isso muita influência nos círculos governamentais, a maneira amigável por que me acolheu e as suas recomendações foram para mim de grande importância.

O pequeno vapor em que fomos agora, repleto de passageiros, dispunha de acomodações muitíssimo primitivas. Somente algumas senhoras possuíam cabines, o resto tinha que improvisar um canto qualquer no convés para dormir. Como eu havia conquistado para mim um colchão, estendi-o sobre um banco, preferindo isso a deitar-me na rede, a que não conseguia ainda habituar-me. Quando se procurava um canto qualquer para dormir, o principal era que o mesmo se situasse de tal modo que impedisse o conflito desagradável com as ramagens das margens do rio, pois o vapor frequentemente batia ásperamente nelas. Assim, quando o barco roçava nas densas copas das "formigueiras", que são árvores, cujos galhos e ramos ôcos fervilham de formigas de fogo, o horror assaltava os passageiros. A coisa atingiu o auge quando, certo dia, durante o almoço, um ramo dessa espécie de árvore roçou bem rente à mesa, quebrando com os seus galhos grande quantidade de louças. Mas justamente por essas circunstâncias, a vida de bordo adquiria mais intimidade, suavizando os dias de viagem, além do que ainda havia a consolar a comida, bastante gostosa.

A 10 de novembro de 1900 o nosso vapor chegou ao porto da pequenina capital de Mato Grosso, Cuiabá, e tratei logo de me hospedar num dos seus dois hotéis, o "Hotel Americano".

O aspecto exterior da pequena cidade, com a sua população de cor, de várias tonalidades, foi detalhadamente descrito por K. v. d. Steinen. Por isso, limitar-me-ei a noticiar as inovações que ela recebeu com o progresso, pois, de resto, permanece a mesma de tempos atrás.

Apareceram, em primeiro lugar, dois hotéis, o que é muito importante para o indivíduo que viaja, pois ali se obtém o de que se necessita para viver.

Além disso já existe uma linha de cavalos, ou melhor, de mulas, o chamado bonde³, que liga o centro com o porto, aliás muito afastados entre si.

Entre as inovações atuais, citaremos a construção de dois jardins públicos no ponto central da capital, onde até há concertos gratuitos da banda militar às quartas e sábados á tarde. Nessas ocasiões, a sociedade cuiabana, inclusive as senhoras, realiza o seu passeio. Outra novidade é a cerveja de genuína fabricação cuiabense, que custa apenas 1 marco, 50 por garrafa, ao passo que as importadas custavam todas 3 marcos. E, como havia ali uma cervejaria ou como se diz lá "fabrica de cerveja", onde necessariamente se encontrava um compartimento refrigerado, havendo, portanto, gêlo, aproveitava-se o que deste sobrava para a fabricação do "sorvete", que, com o calor que fazia, não era nada de desprezar.



Fig. 4

Paisagem marginal do rio Paraguai

Entretanto, sem levar em conta esses pequenos progressos superficiais, pode-se dizer que Cuiabá sofreu últimamente, no terreno puramente econômico, importante melhora, em virtude do comércio da borracha, que cada vez mais se desenvolve na pequena capital. Não poderíamos fazer uma idéia da mesma, diante das condições atuais, se não pensássemos nas três grandes empresas de borracha, fundadas por Almeida e os irmãos Orlando e Carlos Ador, cujo trabalho parece transformar a imagem geral da capital de Mato Grosso. Como a vida inquieta de hotel não me proporcionava o vagar necessário para os preparativos da minha expedição, acedi ao amavel

(3) N. da T. — Orig.: "Bonda".

oferecimento que me fez o sr. Hesslein, o qual geria, na ausência do sr. Goerne, as suas múltiplas emprêsas comerciais, de ir para a casa dele e ali preparar, com toda a tranquilidade e com muito espaço disponível, as minhas coisas.

No dia 15 de novembro, o presidente do Estado, Antônio Pedro Alves de Barros, deu uma grande festa no palácio; em comemo-

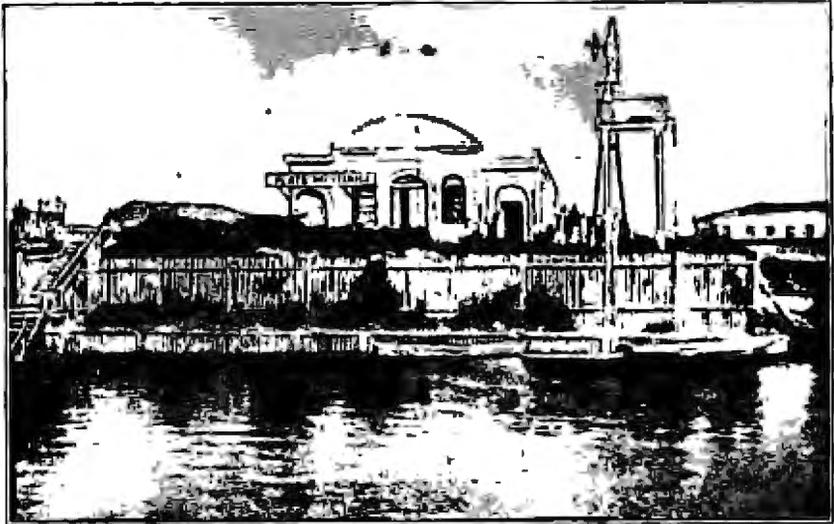


Fig. 5
Porto Murtinho

ração à fundação da república. Recomendado pelo sr. Vanderley, cunhado do Presidente, fui convidado. Assim, desde o início de minha estada em Cuiabá, tive oportunidade de conhecer diversas personalidades, cujas relações eram muito importantes para o meu empreendimento. Antes de mais nada, o Presidente teve a grande bondade de me apresentar ao sr. "Doto Pais de Barros"⁴, que já naquela época influia muito em todas as questões do governo, e mais tarde tornou-se sucessor de Antônio de Barros na presidência de Mato Grosso.

Cuiabá era o meu ponto de partida e eu pretendia iniciar a viagem nos meados do mês de março, pois nessa época as chuvas cedem um pouco e, indo depressa, ainda se consegue alcançar o Coliseu, no período das aguas altas, que facilitam mais a passagem das canôas evitando corredeiras e cachoeiras. Para poder levar a efeito expedição tão longa e arcar com a responsabilidade da chefia, antecipei de

(4) N. da T. — Penso que se trata do Dr. Paes de Barros.

tal modo a minha vinda da Europa que ainda dispunha de 4 meses para permanecer em Cuiabá, afim de conhecer a terra e a gente e me familiarizar com a língua portuguesa, antes de seguir para o mato. Parte dêsses 4 meses que me reservei foi por mim aproveitada para conhecer os bacairís do Rio Novo (de 10 de dezembro de 1900 até 1 de janeiro de 1901) ao norte da cidadezinha de Rosário. Pensava que, dessa maneira, me habilitaria melhor a estudar as condições que solucionariam o meu problema da escolha dos homens que me acompanhariam.

A minha tropa atual era constituída por um negro de nome "Franza" que serviu durante muitos anos como soldado, e que me foi recomendado como "peão"⁵ extraordinariamente habil. (Chamam de "peão", "camarada" ou também "prático" ao companheiro de viagem pago). Anselmo, um rapazinho preto, muito dedicado, digno de confiança, tinha sempre um ar alegre e, por outro lado, una boa dose de preguiça. Além dos nossos três burros, levavamos uma mula para a carga, "mula de carga", como diziam.



Fig. 6
Povoação no rio Cuiabá.

Até o lugar denominado Guia, onde chegamos na primeira noite de viagem, fui acompanhado por um patrício residente em Cuiabá,

(5) N. da T. — Original: "Peen".

sr. Bodstein, e daí em diante deixei que o "prático" Franza nos guiasse, pois êle me fôra recomendado como muito entendido em andar no mato.

Nos primeiros dias tudo correu normalmente, embora as chuvas tivessem feito encher bastante os pequenos rios. Mas já no lugarejo de Rosário, onde chegamos a 13, aguaceiros mais fortes atrasaram a nossa marcha e quando a 17, pela manhã, pretendíamos partir, apesar de tudo, percebemos que as dificuldades que ainda se ofereceriam, durante o período das chuvas, seriam mesmo muito consideráveis, uma vez que já pela seca era assim. Os pontos, em que a terra formava cavidade, tinham-se transformado em córregos. A mula tropeçava continuamente com a carga, principalmente nas passagens difíceis dos rios, mais ou menos fundos, em que os animais, ao subirem e descerem as margens íngremes, se afundavam na lama. E' claro que esse incidente não contribuiu para que o animal se tornasse mais dócil nas passagens seguintes; com essas atribulações constantes eu não podia gozar as belezas que a floresta luxuriante, cheia de bosques de palmeiras, oferecia à vista em contraste com o relvado uniforme.

Já nessa ocasião, em meio das pequenas dificuldades do caminho, eu notara que Franza nada valia como prático, mormente quando a 19 de dezembro estávamos aparentemente galgando caminho errado, e Franza não tinha noção alguma de onde nos encontrávamos. A estrada conduzia a colinas que subiam e desciam, ao passo que chovendo como chovia, não aparecia viva alma que pudesse indicar-nos alguma coisa. Em breve estava toda aquela região coberta de agua. Como íamos passar a noite? Franza estava parado, sem saber o que fazer, envolvido em seu grosso poncho. A mula deitara-se com a carga dentro da gua e Anselmo, que considerou a situação altamente anti-pática, pôs-se a chorar em voz alta. Custou-me grandes esforços (pois eu não tinha experiência dessas viagens) fazer voltar tudo aos eixos novamente. Tratei primeiro de descarregar a mula. Depois disso amarramos uma corda entre duas árvores, estendendo por cima dela a tenda em forma de telhado. Debaixo dêsse abrigo assim improvisado, em que mal encontrávamos lugar para nos conter, tentávamos proteger-nos em nossas redes de dormir que, como tudo o mais, estavam alagadas. O mais desagradavel para mim nessas noites chuvosas era uma rede de dormir impermeável, que havia trazido de bordo, afim de me proteger da umidade que vinha da terra, mas que se enchia da gua, devido ás gotas de chuva que desciam das árvores e deslizavam para dentro dela.

Pela tarde de 21 de dezembro notamos que nos aproximávamos de uma povoação e, com efeito, pouco depois estávamos no sítio do Pompeu, em Córrego das Pedras. Pompeu, a quem conheci em Cuiabá, por ocasião do baile no Palácio, recebeu-me hospitaleiramente. Como na manhã seguinte deviam sair dois homens a caminho do Rio Novo,

resolvi aproveitar essa companhia e, assim, foi sem dificuldade que me encontrei a 23 de dezembro no Rio Novo.

A pequeno trecho antes do rio, deparou-se-nos uma das duas povoações de índios bacairís e pude aí tomar as necessárias informações sobre as condições locais. Eliseu, que tinha o título de uma espécie do sub-diretor dos bacairís e para quem eu trouxera uma carta de recomendação do Presidente, morava do lado oposto do Rio Novo, onde se achava a maior parte da população bacairí, inclusive o já grisalho cacique Reginaldo. Ao atravessar o rio, far-se-ia mister fazer tres curvas, mas como o Rio Novo estava muito cheio em consequência das últimas torrentes, foi-me aconselhado evitar o seu transcurso nêsse estado, adiando-o, então, para o dia seguinte.

Após as muitas noites que tivemos de passar com chuvas e ao relento, aceitei o convite de um dos colonos para pernoitar sob o seu teto. Mas o peor foi que outros viajantes, que também iam esperar o dia seguinte para atravessar o rio, ali apareceram e se abrigaram conosco. Puseram-se a matar o tempo com bebida e em breve estavam embriagados e gaguejantes. Embora nos acomodássemos ali todos juntos, eles não davam boa impressão, de modo que tomei a resolução de me munir de revolver e faca de cinta, deitando-me para dormir todo vestido. Pouco depois verifiquei que não me enganara com êles, pois eu mal adormecera um dos sujeitos pôs-se a mexer nos meus bolsos. Ao agarrar-lhe o braço com certa força, o indivíduo recuou calado, indo para a sua rede, estendida junto à minha. Entretanto, apesar de cansado, julguei de bom alvitre manter-me acordado a noite toda.

Na manhã seguinte, estávamos a 24 de dezembro, efetuamos sem mais novidade, e com o auxílio dos moradores do lugar, a travessia do rio. Mais tarde, fomos bem recebidos por Eliseu. Eliseu, que ha 18' anos residia nessa afastada região, alegrou-se muito em receber notícias do mundo por meu intermédio e nisso escoou-se o dia. À noite mostrou-me uma grande harmônica, na qual pediu-me que tocasse. Esse instrumento é o predileto em tais lugares. Assim, logo me ocorreu a canção "O Tannenbaum, o Tannenbaum, wie gruen sind deine Blaetter"⁶ e, por um instante, os meus pensamentos recuaram para bem longe, para a pátria distante. A gente daquí mal sabia que era um dia de festa; quanto a uma árvore de Natal nem tinha noção do que fosse isso. Para mim era a primeira vez na vida que não passava essa noite junto de uma árvore de Natal.

No dia seguinte fiz minha primeira visita aos índios bacairís. Um índio moço de físico simpático e forte, que apareceu na casa de Eliseu

(6) N. da T. — Trata-se de uma velha e tradicional canção de Natal, que os alemães costumam entoar na noite do nascimento de Jesus. Traduzido, o título seria: "Pinheiro. ó Pinheiro, como são verdes as tuas folhas!"

a cavalo, acompanhou-me, afim de me ensinar o caminho. Trotando fortemente, chegamos à povoação indígena, constituída de cinco casas de argila e cobertas de palha. Descemos à porta de Reginaldo; o chefe Regi, nome que lhe davam os seus patrícios — tinha saído para pescar, de maneira que fomos recebidos por sua senhora, uma índia um tanto idosa e de aspecto agradável. Logo surgiu uma porção de meninas e meninos que, a princípio, vinham curiosos e desconfiados a olhar pelos cantos da casa, mas que, pouco a pouco, se tornavam mais confiantes, acabando por brincar animadamente. Ofereceram-me uma rede de dormir de legítimo trabalho bacairí, feito da fibra de burití, para que eu me sentasse. Dêsse modo, enquanto eu esperava o velho Regi, pude observar as coisas ao meu redor. Havia ainda muita coisa de legítimo e velho trabalho bacairí. Assim, tínhamos em primeiro lugar um cesto enorme de tecelagem típica das regiões das cabeceiras xinguanas e que fôra feito por “D. Regi”. Outras variedades de cêstos, dos quais alguns eram fabricados da grande folha em feitiço de leque da palmeira burití e outros de junco, que, tanto pela confecção como pela padronagem se revelavam típicas produções xinguanas. Havia, também, grandes quantidades de cuias (vasilhas de casca de abóbora), das quais uma delas, segundo os índios, proviria dos seus irmãos de tribo, o que prova a existência de relações comerciais entre o rio Xingú e o rio Novo! Reginaldo obtivera a cuia de abóbora dos seus irmãos do Paranatinga, com quem os do Rio Novo mantêm atualmente estreita ligação. E, com o que diremos mais adiante, se verificará que os bacairís do Paranatinga, por seu turno, se aproximaram dos seus irmãos de tribo do Xingú, os chamados “xinguanos” e que até atraíram parte destes para o seio de sua própria tribo.

Entrementes chegara, tranquilamente, Reginaldo, uma figura que, a julgar pela sua aparência, parecia muito menos com um índio do que os outros habitantes. Como o velho cacique conhecia a leitura — dizia-se que até falava um pouco de francês — entreguei-lhe a carta que o Presidente me dera para êle. A arte da leitura de Reginaldo estava um pouco trôpega, os caracteres escritos a mão tiveram que ser destrinchados por nós ambos para obtermos o sentido da carta.

Infelizmente eu tinha que voltar, afim de chegar em casa de Eliseu antes do anoitecer, mas prometi reaparecer no dia seguinte.

E, de novo, ofereceu-se oportunidade de, no dia seguinte, ir procurar Reginaldo, acompanhado, desta vez, por um índio que dizia chamar-se Pires⁷. Ao chegarmos a povoação convidou-me êle para entrar em sua casa, que, por dentro, tem a mesma disposição que a de Regi. Seu aspecto era em parte legítimo americano moderno e em

(7) N. da T. — O autor escreve “Pirich”, certamente de acordo com a pronúncia da palavra. Si se seguir a fonética à risca, parece-me esta grafia mais certa que a nossa...

parte velho e legítimo bacairí. Junto a outros objetos de uso encontrei também arcos e flechas, exatamente iguais aos que se conhecem da região das cabeceiras do Xingú e, de acôrdo com o que assegurou Pires, essas armas indígenas são usadas por todos os bacairís do Rio Novo, ao lado de armas de fogo, para caça. Mostrou-me outrossim, cheio de orgulho paterno, algumas pequeninas flechas e um arcozinho confeccionados pelo seu pequeno de 6 ou 7 anos, com verdadeira técnica indígena. Assim que o menino notou que aquilo me interessava, começou a fazer demonstrações.

Entretanto apareceu uma grande quantidade de índios na casa de Pires, pelos quais distribuí alguns presentinhos que havia trazido para esse fim. Por sua vez, deram-me em troca algumas vasilhas de casca de abóbora e outros objetos.

O que mais agradou ao pessoal foi quando lhe mostrei as gravuras nos livros de viagem de K. v. d. Steinen. Os suiás, com o batoque do lábio inferior, provocaram fortes gargalhadas e foi com certo orgulho que Reginaldo contemplou o seu próprio retrato e o de sua mulher na primeira obra daquele autor. Grandes e pequenos postaram-se ao redor de mim, e todos queriam que lhes desse explicações detalhadas daquilo.

O total de habitantes de ambas as povoações, que distam uma da outra, mais ou menos, uma hora, é de 60 pessoas. Embora, como vimos, grande parte de utensílios seja de gênero indígena, o fato de Reginaldo e a sua gente possuírem boa quantidade de vacas e cavalos demonstra bem que êstes índios se tornaram inteiramente colonos brasileiros. Entre si êles ainda falam exclusivamente a língua bacairí, mas os homens, sem excluir um, dominam o português.

No dia 27 de dezembro tomei o caminho de regresso a Cuiabá e ao chegarmos, na tarde de 31, na pequena localidade de Rosário, os meus animais e, principalmente, a bêsta estavam tão abatidos em consequência dos aborrecimentos que nos ocasionou o tempo chuvoso, que precisaram de um bom pedaço de tempo para descansar. Além disso, o rio Cuiabá que devíamos passar, rente atrás de Rosário, encheu tanto que me vi obrigado, a contragosto, a fazer uma parada nessa cidade.

Como se comemorou, durante quasi todos os seis dias que estive em Rosário, uma data católica diferente, tive ocasião de observar as dansas e os cantos brasileiros.

Já no dia 31 de dezembro de 1900 a festa da Imaculada Conceição⁸ foi comemorada solenemente. Assim, para êsse dia, uma das

(8) N. da T. — Para não fugir à fidelidade do texto, transcrevo como está no original o nome dêsse dia santo: "Festa da Macula de concepção".

famílias transformou a sua mísera cabana em um local de reunião, para o qual em breve convergiu certo número de pessoas de todas as gradações de côr. No interior da casa foi erigida uma espécie de altar. Um caixote de vidro com diversas imagens de santos havia sido enfeitado com papel de côr e fitas de pano; diante dêle ardiam duas grandes velas. Uma banda militar, que se pode caracterizar pelo fato de o regente da mesma ser ao mesmo tempo o tangedor dos pratos de cobre e o timbaleiro, começou o início da cerimônia. Seguiram-se longas orações com cantos e música. Dois velhos negros ajoelhavam-se diante do altar orientando êsses cantos e orações, ficando atrás dêles muitas senhoras. Pouco depois fez-se um intervalo em que foi servida aguardente e, então, agrupou-se em tórno do altar certo número de dansantes, formando semicírculo para começar a dança do "cururú", tão conhecida em Mato Grosso. Parte dos que dansavam acompanhava na "viola" os versos ali mesmo improvisados pelos cantores. Outra parte dos presentes seguia o ritmo por meio de um pau que roçava numa ripa de bambú, instrumento que denominam "caracacha". Os dansarinos dispuseram-se em duas filas e, depois, em círculo fechado. Assim foi indo, cada vez mais animadamente, até a madrugada, sendo apenas interrompido o movimento, de vez em quando, para se afinar os instrumentos de corda e dar aguardente aos cantores, o que lhes emprestava novas forças.

Enquanto se dansava o cururú dentro de casa, lá fora se realizava outra espécie de dança, muito apreciada em Mato Grosso, o "cirirí" acompanhado, também, por música e versos cantados. Como não se dispunha de mais instrumentos, cobriram-se algumas cadeiras com couro à guisa de tambores e os pratos fizeram de caracacha, em que tocavam ritmicamente por meio de garfos.

Dansarinos e cantores formavam uma roda em que ia constantemente um par para o centro a dansar. A dança tinha muitas variações e os movimentos eram cada vez mais rápidos, principalmente no fim, quando os dansarinos já não vinham em par e sim cada um de per si. Um rapazola negro mostrou resistência excepcional, mas a sua companheira preta não ficava atrás em flexibilidade.

O tempo passou depressa em meio de festas, de modo que entrei no novo ano sem ter dado por isso.

Dou a seguir exemplos de alguns versos de cururú e cirirí, conforme são cantados em tais ocasiões. Estes, porém, não são dos que ouvi em Rosário e sim dos que tomei nota na localidade de Amolar, no rio Paraguai, mas a sua essência é a mesma, pois são justamente as canções preferidas pela população escura de Mato Grosso. O sentido frequentemente vazio das estrófes é retirado da vida restrita dos próprios cantores, e não ha que lhe acrescentar maior valor.

EXEMPLOS DE VERSOS DA DANSA DO "CURURÚ" 9:

- 1) Lá la lá la lí la lão
Lá la lá la lí la lão
Já fúí, já vím eu só
Lá no caminho de saudáde de vossé
Quando lembráva de vós
- 2) Lá la lá la lí la lão
Lá la lá la lí la lão
Meu amór já fói embóra
Eu não dígo que eu não sínto
Mas chóra por éle não
- 3) Ái menína
Quándo mim vér em passéio
Me dá um pértto de mão
- 4) Eáh, eu mésmo!
Ascénde cigárro me dá.

EXEMPLOS DE VERSOS DA DANSA DO "CIRIRÍ":

- 1) Mím mandárão mim éspérár
La no pé da láránjéira
Esperéi deséspéréi
Méu amór é Crávachéira
- 2) Não ténho invéja de náda
Ném dos braçãos da rainha
Porque ténho a grávidáde
De chamar minha múlatínha
- 3) Fúí andándo pór um camínho
Rámo vérde mím puxóu
Náo mim púxa rámo vérde
Nósso témpo já accabóu
- 4) Láránjéira páu de spína
Árvoré de muito sciência
Quém amá amór alhéu
é preciso tér paciência
- 5) Mé mandárão éspérár
Ná tranqueíra dó capím
Esperéi deséspéréi
Quém quer bém não fáça assím

(9) (N. da T.) Transcrevo tal qual está no original para conservar o pitoresco com que o autor alemão apanhou os nossos versos. Os acentos (dados pelo autor) indicam o ritmo.

- 6) L'á encíma d'aquélle mórro
Tém um p'é de cárapícho
Já botéi a sélla
Fálta só botár rabícho
- 7) Lá encíma d'aquélle mórro
Tém um p'é de mélançia
Cónversándo com úma vélha
Cóm sentída na filha
- 8) Fúi andándo péla rúa
Eu fúi tomar café
Encontréi com úma bapúda
Tinha o bápo mácumbé
- 9) Lá encíma d'aquélle mórro
Tém um p'é de álfaváca
Um hómem que não tem réde
Dórme no cóuro de vácca.

Já o ano novo começára com um "dia santo", isto é, o dia do Espírito Santo. Desde cedo ouviam-se ruidos de música que vinham de várias direções. Pela tarde, apareceu uma quantidade de negros fantasiados, cantando e tamborilando pelas ruas — iam dansar o "congo". Fizeram parada em uma das ruas para uma demonstração teatral. Para isso dividiram-se em dois grupos, sendo que um dêles apresentava o seu rei. Assim, surgiu um arauto de cada um dos grupos. Ambos começaram um diálogo animado em que o rei se intrometeu várias vezes em tom bombástico. Finalmente o partido oposto deu vivas ao rei e continuaram a caminhar.

Numa das noites seguintes pude assistir a uma festa que me interessou bastante, pois realizaram-se dansas de animais exatamente como as descreve Avé-Lallemant¹⁰ quando fala do rio Negro. Primeiro, dois grupos de 6 figuras cada um, estando o primeiro vestido de cor vermelha e o outro de azul celeste, com o principal dansarino à frente, executaram as mais diversas dansas, entre as quais também uma dansa de espadas. Havia, ainda, um bobo vestido de encarnado e pintado de preto, cuja principal tarefa era recolher as moedas que o público atirava, e bem assim distribuir lenços para que o mesmo público amarrasse neles algum dinheiro.

Repentinamente apareceu um jaguar, bem vestido, de rabo e orelhas, que provocou terrível alarido entre as crianças negras presentes, de modo que as mães tiveram que sair com elas. O jaguar gesticulava furiosíssimo, mas sem sair do ritmo. O bobo, munido de duas bexigas de porco entumecidas, devia enfrentá-lo.

(10) Avé-Lallemant: "Reise durch Nordbrasilien im Jahre 1859" (Viagem pelo Norte do Brasil, no ano de 1859) Leipzig 1860, 2.^a parte, p. 131 ff.



Fig. 7

Negros em Rosário, dansando o "congo".

Depois que desapareceu o jaguar, entrou uma coisa negra de grandes proporções, com chifres e focinho pontudo, a representar um boi. Novamente as crianças presentes puseram-se a chorar. O boi começou logo a dançar cômicamente, mas sentiu-se mal e foi preciso chamar um médico que o fez restabelecer-se.

Os detalhes também correspondiam inteiramente aos relatos que Avé-Lallemant faz em passagens idênticas. Não pude estar presente quando se apresentou, depois, o cavalo, de forma semelhante.

Na noite seguinte, a última da minha permanência em Rosário, festejou-se o santo do dia diante da igreja. Os foguetes, inevitáveis em tais ocasiões, riscavam ininterruptamente o céu, assim como balões de papel e fôgos comuns. Ao mesmo tempo houve um baile de máscaras no largo, cujas fantasias em nada se diferenciavam das européias, pois tinham sido importadas. Um sujeito muito bem fantasiado de chinês que ali se via, certamente nem suspeitava o que o seu traje representava.

Em 8 de janeiro de 1901 cheguei novamente a Cuiabá em companhia da minha pequena tropa, sendo amavelmente recebido pelo sr. Hesslein. Infelizmente não pude mais aceder ao seu convite para ir morar em sua casa, restando-me pouco tempo para iniciar a expedição; além disso precisava fazer pastar as bestas e, à última hora, também, os bois de carga adquiridos, de modo que me instalei fora da cidade.

CAPÍTULO II .

De Cuiabá à região dos índios Bacairís, no Paranatinga e daí ao local de embar- que, no Rio Coliseu

EM Cuiabá, o plano do meu empreendimento não encontrava muita aprovação, pois eu estava bem pouco preparado para uma excursão tão prolongada como essa de ir às cabeceiras do rio Xingú. De todos os lados me preveniam e a própria experiência, que adquiri na expedição preliminar ao Rio Novo, me fazia compreender que os recursos de que dispunha não estavam à altura do que pretendia realizar. As despesas maiores consistiam no transporte do material completo até o rio Coliseu, para o que seriam precisos, no mínimo, dez bestas ou bois de carga. Como estes últimos eram muito mais baratos, optei por eles, embora sabendo de antemão que a marcha seria bem mais vagarosa com esses animais. De acordo com o que tratei, chegaram do Paranatinga oito bois de carga bastante apresentáveis, mas surgia, então, o problema de arranjar os homens adequados para conduzi-los. Infelizmente, ao mesmo tempo que eu me preparava, uma casa comercial também fazia os seus aprestos para uma grande expedição ao rio Verde e Rio Arinos, tendo em vista penetrar na região dos caiabís, sob a chefia de um alemão de nome Bodstein. Pretendiam explorar o terreno para obter borracha. Para isso teriam que tomar a aldeia principal dos índios da Barranca do Rio Verde e obrigá-los a se renderem. Já no ano passado uma idêntica tentativa de Bodstein fora mal sucedida, por isso procurava-se desta vez arranjar tudo da melhor maneira possível para o pleno êxito da empresa visada. Assim mais de vinte homens tomariam parte na expedição e receberiam 125\$000 por mês, o que era remuneração alta para as minhas posses, além do que constituíam a grande parte dos que, em Cuiabá, se dispunham a participar dessas viagens. Ainda no ano passado realizara-se outra grande expedição, chefiada por Castro, a quem já conhecemos através dos relatos de v. d. Steinen, e patrocinada pelo governo de Mato Grosso, com o fim de se fazer uma estrada sobre a linha divisória dos rios Xingú e Araguáia até o Amazonas. Nessa estrada esperava-se fazer o transporte por meio de animais, do Mato Grosso ao Pará. Já por ocasião da minha volta de Xingú circulavam notícias de diversos incidentes e mortes dessa malograda empresa, de

modo que por isso a região das cabeceiras do Xingú caiu um pouco em descrédito.

Sabia-se que eram cada vez maiores as expedições sob a direção de diversos europeus que se atreveram a penetrar nesses territórios distantes. Ainda estava fresca na memória, a expedição do Dr. Hermann Meyer e pouco antes dela uma outra, composta de cinco americanos que se destinaram ao Xingú, sendo de tal modo infelizes que os índios suiás os mataram a golpes de tacape. Como se conceberia, portanto, de acordo com o que pensavam os cuiabanos, que um único europeu como eu, ainda inteiramente novato nessas coisas, quisesse fazer a longa caminhada, acompanhado apenas de dois homens? A consequência lógica disso é que ninguém se prontificava a ir comigo.

Entrementes escoavam-se com rapidez os dias do mês de março que era o adequado para a minha partida. Qualquer adiamento teria posto em jogo o sucesso de toda minha empresa, principalmente quando o trato dos animais e dos bois (adquiri mais dois) era difícil e muito dispendioso em Cuiabá. Não devia aumentar, de maneira nenhuma, o número de companheiros que havia estabelecido, pois mais homens exigiriam mais provisões, e mais provisões requereriam mais bêstas para carregá-las, estando eu com o orçamento todo distribuído. E' claro que, nessa difícil situação, muitas vezes tive momentos em que eu próprio duvidava da possibilidade da realização dos meus planos e assim, fiquei hesitando na véspera de partir si não seria melhor aceitar o convite que me havia feito o sr. Bodstein de seguir com êle em busca dos caiabís. Mas os preparativos da minha viagem ao Xingú já me haviam custado muito tempo e a idéia de, em breve, estar com os índios do Coliseu, inteiramente desconhecidos pela civilização européia, tinha-se enraizado por demais em meu espírito para que eu pudesse desistir dela. Sentia que precisava ao menos experimentar até onde chegaria e dêsse modo fixei o dia 19 de março para começar a marcha, mau grado só dispuzesse de um camarada até Rosário; um outro, que me inspirava desde já bem pouca confiança, me acompanharia até o Paranatinga. O resto eu deixaria ao acaso de um futuro desconhecido, e que encarava agora com certa resignação.

O que me trouxe êsse futuro desconhecido, e como me desincumbi da tarefa, a que me propús, demonstrarei nas páginas seguintes, extraídas do meu diário de viagem.

19 de março, 1901

Já à saída da minha tropa da cidade lutava com grandes dificuldades, em virtude das circunstâncias. E' que o camarada, admitido para seguir até o Paranatinga, me deixara na mão, desaparecendo de Cuiabá. Outro que eu arranjara, com toda a pressa, fui obrigado a mandar embora, pois de tal maneira se apresentou embriagado no mo-

mento de partir que não se mantinha de pé. Como os bois ainda deviam ser levados para pastar fóra da cidade, antes do anoitecer, acceitei o oferecimento do meu hospedeiro João, de me acompanhar até Rosário, apesar de nem êle nem o outro companheiro entenderem de animais de carga. A chuva torrencial dificultava ainda mais o trabalho que davam os bois tornados ariscos, deixando cair a carga dos lombos. Nisso surpreendeu-nos a escuridão da noite antes que tivéssemos encontrado um lugar para acampar e, apezar dos nossos esforços, os bois juntamente com as bagagens acabaram por se perder, um após outro, no meio do matagal.

Em meio da completa obscuridade e da chuva demorada nada pudemos fazer a não ser pedir a um morador que nos desse abrigo num barracão, aliás muito exposto pelos lados. Estavamos ensopados e, sob o telheiro, a chuva penetrava em goteiras. Não se podia saber quantas peças de bagagem encontraríamos no dia seguinte, si não se teriam perdido objetos importantes, cuja falta prejudicaria o prosseguimento da viagem. Foi uma noite interminavel e cheia de cuidados para mim, aquela. Logo que começou o amanhecer seguimos, montados, as pegadas dos bois, que encontramos terrivelmente estafados, por causa da carga que levavam. Contra a minha expectativa, verifiquei logo não ter havido prejuizo algum no incidente, pois tudo estava allí. Apenas Manuel se resfriara com a noite úmida e estava com muita febre, inteiramente prostrado em sua rede. João, por sua vez, parecia aborrecido com tudo isso, julgando que não podia com esse trabalho, a que não estava habituado. Tinha o corpo todo doído, e queria que eu arranjasse outro companheiro de viagem. Nesse dia nem se pensava em seguir, mesmo porque os animais ainda não estavam refeitos.

20 de março, 1901

Na manhã seguinte João appareceu com um negro de nome Antônio, que ia substituí-lo, e como este entendia mais de animais de tração, tanto a partida como a marcha passaram a verificar-se sem incidentes. A bela e vasta superficie de pastagem do Poço Traíra, onde acampamos na noite seguinte, ofereceu aos bois certa compensação pelos maus dias anteriores.

Manuel ainda estava fraco para trabalhos pesados, de modo que a tarefa de carregar e descarregar duas vezes por dia os animais cabia a mim e a Antônio. Para se fazer uma boa marcha pelo sertão, a primeira condição é que a partida, de manhã cedo, corra bem e rápida. Os bois são muito sensiveis ao calor do dia e é com dificuldade que se arrastam quando o sol está alto. Por isso o melhor período de marcha é de manhã. Acresce que a carga ainda os oprime e cansa mais quando parados do que quando andam a passo regular.

daí os primeiros, que já estão prontos para sair, se cansarem muito mais por ter que esperar pelos outros. Naturalmente que é preciso algum tempo para se bofear 10 animais em pé de viagem, mas si se seguem fielmente certas regras que se obtêm pela prática do caminho, a espera que os animais têm de tolerar se reduz a um mínimo. Enquanto um de nós procura os animais, que se acham espalhados longe do acampamento, o outro prepara as bruacas, (que são as bolsas de viagem que pesam entre nós 90 arráteis em média) e o resto dos volumes. O que se deve tomar em conta principalmente é que ambos os volumes destinados a um boi tenham exatamente o mesmo peso, pois do contrário isso lhes acarretaria fatalmente certos ferimentos. Quando os animais se reúnem cada um sela o seu cavalo ou mula, afim de que, após o carregamento, todos montem imediatamente. Depois, colocam-se os correioes nos bois, que, entrementes, se reúnem em torno do acampamento e perto de cada um dêles, dispõe-se a "sobrecarga", que ainda se coloca no alto das bruacas juntamente com o grande couro de boi que cobre a bagagem toda do animal. Tendo tudo preparado e disposto, começa o carregamento propriamente dito. Cada um dos bois possui o seu correião próprio, assim como bruacas especiais e, um bom "prático" sabe perfeitamente como distribuir êsses arreios, coisa que escapa a um leigo. Dois homens tomam as duas bruacas correspondentes a um boi e, segurando ao mesmo tempo nas duas alças de cada lado, dependuram-nas no prolongamento das correias viradas para cima. Outro homem é imprescindível para segurar um ou outro animal, que sempre se revolta e, quando acontece que algum se mostra mesmo muito desobediente, então ha o recurso de se colocar uma corda na venta, alçando-a sobre um galho de árvore. só restando daí para diante amarrar o bicho, conforme a sua indomabilidade. Assim que a sobrecarga subiu e o couro de boi a cobriu, presa por uma correia, o animal é solto. O "prático" lança ainda uma vez um olhar em torno para ver si não foi esquecida alguma coisa, um copo ou um pedaço de corda. Si isto acontecesse, muito sofreria a sua dignidade. Depois coloca-se a arma no ombro, monta-se e — "vamos! vamos!" — vagarosamente a caravana se põe em movimento. Certamente que cada um dos bois tem o seu nome e, pelo menos aos olhos do práctico, os seus traços característicos, bons ou maus, que são invocados constantemente durante a marcha, do seguinte modo: "Vamos Brinquedo!" Vamos "Barbuleta"! oh! que preguiça danada! oh! que bicho "safado"! não tem sol quente ainda, não tem nada".

A não ser em casos muito especiais a marcha com a caravana de bois tem que ser interrompida durante algum tempo, pelo meio-dia, primeiro porque, como já disse, devem-se poupar os animais ao calor excessivo e segundo, porque se deve dar-lhes oportunidade de rumi-

nar o que comeram durante a noite. E' justamente quando o sol está muito alto que o carregar e o descarregar dos pesados volumes se tornam mais fatigantes e, assim, quando chegamos a 23 de março em Boa Vista, as consequências do trabalho que tive se faziam sentir fortemente.

Acaso feliz foi ter encontrado em Boa Vista o sr. Gange, a quem eu já conhecia da primeira viagem, cuja propriedade rural, no Corrego Fundo, no Paranatinga, constituia o último posto avançado de povoação brasileira na região. O sr. Gange Soares estava bem ao par da situação dos bacairis no Paranatinga. Tendo-me uma vez prestado os bons serviços de me arranjar as excelentes bestas de carga, também agora muito me ajudou, proporcionando-me um bom camarada de viagem que se comprometia a fazê-la na sua totalidade. E' a êsse amigo que devo André, o qual me acompanhou fielmente nos bons e maus tempos da jornada e que se mostrou um homem de capacidade e digno de confiança.

Havia-o conhecido ligeiramente na ocasião em que trouxéra os meus bois para Cuiabá e já então tivera boa impressão dêle. Estava a serviço de Gange, a quem devia 700 marcos e no momento se achava com a mãe, em Dois Córregos, a uma legua de Boa Vista. Gange mandou chamá-lo e convenceu-o de acompanhar-me por 80 marcos por mês. André era para mim particularmente precioso, porque havia trabalhado tempos atrás na propriedade rural de um irmão já falecido de Gange, situada ainda atrás de Córrego Fundo, conhecendo-o, assim, a maioria dêles. Como Antônio também se via tentado a seguir-me até o Paranatinga mediante a recompensa de dar-lhe o meu cavalo, que montava e pelo qual estava encantado, senti-me aliviado de meu maior cuidado, pois logo que chegasse ao rio Paranatinga eu poderia contar com homens que me quisessem acompanhar.

No dia seguinte, André pediu-me que fôssemos até Dois Corregos, onde, conforme prometera à sua mãe, queria despedir-se dela e dos seus, apanhando as suas coisas para então seguir viagem. Aceitei com prazer a oportunidade de percorrer o lugar que se afasta um pouco da estrada principal para ver as casas dos outros "moradores", que, aliás, povoam densamente toda aquela zona e que o viajante apressado mal pensa em encontrar. Como costumava acontecer, cavalgamos o dia todo por uma estrada solitária sem que víssemos habitação de gente. À noite encontramos um lugar para pernoitar que parecia situar-se em plena solidão. Tudo estava tranquilo, nada traía a presença de um ser humano. Mas, pela madrugada, ouvimos, de repente, o grito do galo que vinha da floresta distante, e, logo depois, de todas as direções, ora de longe, ora de perto, ressoavam às respostas de dentro dos esconderijos das diferentes habitações humanas.

Como André descia em todas as casas que encontrávamos, após meia hora de caminho, pude conhecer grande parte da população.

Nunca, nem antes, nem depois, vi tantos homens degenerados juntos, física e moralmente, como neste lugar. Alguns eram anões com gigantesas cabeças d'água, de onde se dependurava volumoso papo, outros eram idiotas e, sobretudo, havia grande número de jovens com toda a sorte de deformidades.

Os próprios irmãos de André (que, aliás é uma figura de homem forte, e que, além do papo, não possui nenhum defeito físico) são idiotas e anões. A residência da família de André era constituída por uma modesta casinha; as paredes eram feitas de postes juxta-postos, em cujos intervalos havia sido colocado, por extrema necessidade, um pouco de palha. O telhado também era de palha. A mãe ofereceu-me de tudo que tinha. Para a despedida fez ela uma galinha com arroz, que foi acompanhada de aguardente, e, depois, cigarros de palha.

Entretanto apareceram muitos vizinhos que acabaram por desenvolver o assunto habitual, isto é, a riqueza aurífera da região. Certamente a minha viagem ficou ligada a isso. Afinal, pensava, que outra coisa poderia eu ter em vista a não ser voltar com as bruacas cheias de ouro? Como haveria essa gente de se explicar a si mesma as frequentes expedições ao rio Xingú? Alguma coisa lá existia atrás da qual se ia em busca, e essa coisa só podia ser ouro. Que os índios tivessem tamanha força de atração era idéia que simplesmente não concebiam.

Antes de nos irmos embora a mãe de André veio com o pedido que me tinha a fazer e razão pela qual me convidara até a sua casa: Queria recomendar-me pessoalmente o seu filho nessa viagem longa e perigosa, a quem deixava ir, embora contrariada, e que eu o trouxesse de volta incólume. Entretanto, procedia-se ao embrulhar dos objetos e, por fim, embalou-se a inseparável espingarda de dois canos, de chumbo. Assim cavalgamos de novo até o nosso acampamento.

Depois do almoço seguimos caminho. A 26 de março realizamos em Passagem a travessia do rio Cuiabá por meio de barco ali existente. Por causa das bêstas tive que, desta vez, passar em Rosário, afim de fazê-las pastar em Poço Tubarão, que fica a meia légua de distância e é muito bom campo de pasto. Uma das dificuldades maiores nas viagens demoradas em que se levam animais de carga é que os mesmos, estando habituados a determinadas espécies de capim, são capazes de emagrecer e de se tornarem inúteis si se lhes oferecer mudança de regime.

De conformidade com os meus planos, os meus bois iriam passar a maior parte do tempo no Paranatinga e foi considerando isso que os mandei buscar desde logo nessa região. Verificar-se-á mais tarde, ao descrever a minha volta do Coliseu ao Paranatinga, o quanto foi importante essa medida. Todos os bois paranatinguenses se restabe-

leceram perfeitamente, sendo que um dos "cuiabanos" já havia perecido. Em compensação sofriamos muito com os "paranatinganos" no início da viagem. As ferraduras que costumavam pisar o terreno macio da região natal estranharam os caminhos pedregosos entre Cuiabá e Rosário. O meu forte "Barbuleta" estava tão "estropiado", como dizem os matogrossenses, que prejudicou inteiramente o ritmo da jornada e, quando, dias depois, nem mais um passo conseguia dar, só restou vendê-lo a um "morador".

Na tarde seguinte cavaleguei para Rosário, afim de me avistar com os meus conhecidos feitos na viagem anterior. Com grande surpresa encontrei ainda o sr. Bodstein, que, com a sua tropa de 40 mulas, não conseguira adiantar-se mais, embora tivesse saído de Cuiabá um dia antes de mim. Só no dia seguinte os nossos caminhos se afastariam um do outro.

De Nobre, que é uma povoação ao norte de Rosário, seguimos a estrada escolhida, em seu tempo, por Hermann Meyer; o caminho segue verdadeiramente a direção do alto rio Cuiabá que fica à direita. Como esta parte do mesmo, até Cuiabazinho, ainda não foi bem descrita e representa, outrossim, a melhor ligação com o curso superior do rio Cuiabá, por causa da boa qualidade da estrada, reproduzirei aqui, da maneira mais completa, as notas do meu diário, sobretudo aquelas que dizem respeito ao tempo, de acordo com as quais, em virtude da extrema regularidade da marcha dos bois, pude determinar a situação aproximada das diversas localidades mencionadas.

Pela tarde de 28 de março atravessamos, após pequeno descanso, o rio Nobre e ainda no mesmo dia vencemos as duas a três léguas que levam ao riacho Cancelo. Durante todo esse percurso, em que não ha sombra nem água, foi com prazer intenso que molhamos a garganta seca na fonte cristalina e fresca situada ao pé da colina e que mal acaba de brotar já se estanca para dentro da terra. E' claro que só a um viajante acompanhado de um bom "sertãoeiro" se acham reservados tesouros como esses, pois só o conhecimento profundo, para nós europeus, inconcebível, do lugar, pode conduzir de modo tão certo e sem incidente a ponto tão recôndito como este, situado sobre um terreno demasiado plano e regular.

Aquí, em Cancelo, vendí o meu boi "Barbuleta" a um morador, necessitando assim, de tempo afim de distribuir a carga do mesmo entre os outros. Justamente na ocasião em que desempacotava os brinquedos e os instrumentos de música, destinados aos índios, chegaram vários colonos ao meu acampamento, que, ao verem os objetos, ficaram admiradíssimos. Uma mulher idosa experimentava todos os óculos e lunetas com ar entendedor, sem que, contudo, obtivesse um que lhe assentasse, mas nem por isso deixou de me oferecer um grande pedaço de cana de açúcar.

Foi somente pelas 4 horas da tarde que continuamos viagem. Atravessamos o Cancelo, passamos por uma pequena localidade de nome Cavalos, e fomos pernoitar na Lagoa da Saloba, cuja agua suja era rodeada de altas árvores. Em um dos lados havia um rancho em construção.

Na manhã seguinte arribamos às 8 horas. A bússola indicava a princípio ENE e das 10 horas em diante mais inclinado para NE. O caminho leva, de começo, pelo rio Cuiabá que aquí forma pequena queda d'agua, vendo-se nas margens alguns ranchos espalhados. Enquanto o olhar se restringe, pela direita, à floresta do rio, pela esquerda se contempla uma série de montanhas que se estende durante todo o caminho. Diversos "corregos" cruzam a estrada deserta. Após descanso de três horas para o almoço, tornamos a caminhar às 3, saindo da passagem que dá sobre o rio "Moquin", o qual ainda continua durante algum tempo à esquerda do caminho (Bússola ENE). Atrás de nós ainda se vê sempre a cadeia montanhosa. Pelas 4 chegamos a uma colinazinha que nos ofereceu bela vista sobre a região de onde vínhamos. Ao longe, distinguia-se nítidamente o Morro de Santo Antônio em Cuiabá. Uma hora depois, atingíamos pequenina casa isolada, que nada tinha de novo, com o telhado de tijolos e de onde se descortinava lindo panorama para todos os lados. Pouco depois, tivemos que atravessar o "Plantião", onde o meu cavalo "Violento" tropeçou, fazendo sangrar uma das pernas.

Logo depois aparece, pela direita, a rica floresta do rio Quebó e assim estavamos num lugar para mim já conhecido da primeira viagem. Da outra vez tínhamos saído de Nobre, vindo dar aquí por outro caminho, tendo encontrado dificuldade na travessia do rio, devido à altura em que se achavam as aguas e, daqui em diante, vimo-nos perdidos por alguns dias. Desta vez, porém, tudo correu lisamente. Embora já estivesse escuro e a lua só alumiasse debilmente a densa vegetação, realizamos a primeira travessia de rio. Antes de passar o segundo rio, acampamos num local todo cercado de altas árvores. Por entre as suas copas, que zuniam e estalavam de todas as maneiras, milhares de grilos pareciam apostar corrida à fraca luz da lua, de reflexos misteriosos. Tudo isso me dava a singular impressão que se experimenta na floresta virgem, deitado como estava na minha rede, inteiramente entregue à contemplação do espetáculo.

Na manhã seguinte (pelas 9 horas) tínhamos que fazer a segunda travessia sobre o Quebó. O rio ainda se achava tão cheio que as bruacas chegavam a mergulhar n'agua. O terreno é, de começo, acidentado. O caminho é bom, mas um calor horrivel inibia os animais de caminharem no seu ritmo habitual. Durante o nosso descanso do meio-dia, próximo a um córrego, tratamos de lavar grandes peças de roupa e bem assim as que traziamos no corpo. Nisso uma cobra ve-

nenosa, de 2 ms. de comprimento surgiu nas proximidades, mas os meus companheiros acertaram alguns tiros nela. Apesar disso, não se deu logo por vencida, pois ainda mordeu numa vara que lhe estendemos.

O trecho, que vai daqui até o Córrego das Pedras, ofereceu-nos paisagens admiráveis, que podiam ser contempladas quando o sol desaparecia cada vez mais no horizonte, embelezando-as ainda mais.

O córrego, perto do qual descansamos para almoçar, continuava na sua densa vegetação marginal, durante algum tempo ainda pela esquerda do caminho. A alta "aguassú"¹¹ dominava o resto da mata. Grandes borboletas azues, assim como pequenos e coloridos "colibrís" com o seu zunir e sussurrar adejavam pelas grandes flores dos ramos. Já ao anoitecer entravamos num denso bosque de palmeiras, em que as folhas gigantescas da "aguassú" transformam o caminho numa alameda fantástica. Foi somente tarde da noite que alcançamos o Córrego das Pedras, todo rodeado de colinas, passando pela casa, já fechada, de Pompeu, indo acampar no outro lado do rio.

Na manhã seguinte, já bem cedo, uma pequena tropa passou por nós. Na frente iam alguns bois de carga, acompanhados por alguns homens, mulheres e crianças. O mais engraçado eram dois irmãozinhos que se achavam sentados, juntos, num grande burro, segurando-se fortemente um ao outro. Ao perguntar-lhes onde iam, soube que se tratava de antigos habitantes do lugar, que agora abandonavam, porque Pompeu se havia tornado muito "bravo". Haviam deixado as plantações em meio, pretendendo procurar um lar para mais longe de Cuiabá.

Quasi todo Córrego das Pedras estava como morto, a casa do Pompeu trancada e nenhum membro da família presente. Últimamente Pompeu foi por duas vezes atacado por inimigos constituídos dos próprios moradores dali, descontentes com ele. Só duas famílias restavam na fazenda do próprio Pompeu.

Pusemo-nos em marcha antes das 7 horas do dia seguinte (2 de abril). Após atravessar uma pequena elevação, precisamos cortar quatro vezes o Córrego das Pedras que, por aqui, apresenta curso cheio de voltas. Depois de pararmos um pouco num poço, chamado "Bulte"¹² Grande, atingimos novamente o vale do Cuiabá. As colinas próximas, que nos separavam do rio Cuiabá, seguem em direção ao vale. Uma faixa de floresta do lado direito, que se estende diante de uma cadeia de montanhas, erguendo-se ao longe, mostra o curso do

(11) N. da T. — Segundo Rodolfo Garcia "aguassú" pode ser baguassú, nome de uma palmeira (*Orbignia speciosa*), e de uma árvore gigantesca (*Talauma ovata*); será esta última provavelmente.

(12) N. da T. — Tratando-se de um poço, "Bulte" Grande, talvez seja Bule ou Balde Grande.

rio. Depois de termos pouco antes encontrado alguns ranchos isolados, chegamos logo após o meio-dia, em "Basseiro", constituído de umas dez casas.

Como um dos habitantes estava com uma grande torquez, aproveitei a ocasião de, por meio desse instrumento, mandar retirar as três ferraduras que sobravam ao meu Violento. Demorára-me mais tempo ali, ao passo que a minha tropa e os meus homens haviam ganho bom pedaço de caminho. Começou a cair um aguaceiro, e eu me empenhava em alcançá-los o mais breve possível, afim de não ser detido, depois, com as cheias dos pequenos rios. No mesmo instante, todos os caminhos para os riachos foram amolecidos pela chuva. Trinta Córregos — é como se chama, com justiça, esse trecho difícil de passar — se haviam transformado em pequenas cascatas, as quais desembocavam nos arroios que cresciam a olhos vistos. Uma espessa mata fechava a estreita via. A lama funda tornava penosa a marcha do meu cavalo que, pela primeira vez, não se achava ferrado e foi com muito trabalho que conseguí pegar minha tropa. Alojamo-nos bem junto ao Cuiabá. A chuva torrencial manteve-se ainda até altas horas da noite.

Da pequena colina em que subi no dia seguinte, próxima ao nosso acampamento, descortinava-se esplêndida vista sobre o vale do Cuiabá. O rio estendia-se através da mata densa, fazendo grande arco, de onde surgiam palmeiras elevadas. O conjunto era rodeado de colinas, cujos píncaros se envolviam em nuvens espessas.

Pelo meio-dia chegamos a Cachoeira, localidade que deve o seu nome à bonita queda d'agua formada pelo rio Cuiabá. Afim de resolver alguns negocios, precisei demorar-me um pouco, tendo oportunidade de observar mais de perto as pequenas casas à margem do rio. O pretexto de comprar uma galinha facilitou-me a entrada nas casas, tanto mais que todos me negavam a venda, alegando que na noite passada uma raposa tinha devorado todas as aves. Cachoeira é um desses lugares, cuja existência se deve às empresas que exploram a borracha. Os seringueiros que se encaminham, durante o período seco, para os seringais do Paranatinga têm aqui o seu refúgio durante a época chuvosa. Assim é que quando ali cheguei só encontrei em casa as mulheres — os homens já haviam saído para o trabalho. Como o meu companheiro era conhecido no lugar, sua presença serviu de motivo a uma festa que se realizou à noite, encenada pelo ciriri e o cururú. Nessa ocasião aprendí o meu primeiro verso de ciriri, com Antônio:

"Primeira cantiga, papúdo quer dár
tambem tenha pápo também quero dár."

Ruído regular e compassado anuncia desde aqui a cascata próxima, mas nenhuma picada nos leva ao belo espetáculo; portanto, afim

de chegar até lá, tive que improvisar caminho com a minha faca de mato, através da densa linha de bosques que contorna o rio, seguindo a direção de onde vinha o rumor da catadupa. Galgando assim pelas brenhas, súbito tem-se diante dos olhos belo quadro emoldurado de colinas e florestas. O rio corre em grande arco, rodeando uma elevação de montanha, a despejar as suas águas em várias ordens rio abaixo.

Somente a 6 de abril saímos de Cachoeira. Como os animais já tiveram tempo de nesse interim se refazerem, podíamos ir a Córrego Fundo com mais pressa. Já nesse mesmo dia caminhamos de 9 da manhã às 9 da noite, tendo tomado apenas $\frac{3}{4}$ de hora para fazer um churrasco. Era-me agora mais fácil andar muito tempo a cavalo. Ia na "mula" Mantuca que eu tinha mandado descansar aqui por ocasião da minha primeira viagem e que retomára agora, ao passo que o pobre do meu Violento, tão estafado, corria livre junto do boi.

Na manhã seguinte (7 de abril, partimos às 5, o caminho era bom) tivemos que atravessar o rio em "Cuiabá de Larga", que é aqui ainda muito largo e caudaloso e cujo curso superior é, desde então, denominado Cuiabá Largo. Na outra margem vê-se a grande fazenda de Perrot, o irmão de Gange, este já nosso conhecido. A bonita casa senhorial está rodeada de vários pequenos ranchos. O caminho sobe agora para um planalto só coberto de erva seca. À esquerda do mesmo corre o Cuiabá Largo, e à direita o Cuiabá Bonito. Em ambos os lados, atrás desses rios, erguem-se cadeias de colinas.

Após algum tempo avista-se uma cadeia de montanhas também pela frente. Esta é a linha divisória das águas do Cuiabá e o Paratinga, isto é, entre as águas que correm para o La Plata e as que se despejam no Amazonas. Tudo está seco no planalto, embora a estação seja chuvosa. Em compensação ha um vento refrigerante. Somente pela tarde encontramos a primeira água da estrada, assim mesmo se tratava de um pequeno charco de líquido muito salgado, de cor leitosa. Como não se podia esperar tão cedo outra água daí em diante, fizemos parada aqui, na hora do almoço. O lugar chama-se Corova. Bem junto ao acampamento viam-se os rastros de um enorme jaguar, para os quais André me chamou a atenção. O animal ainda hoje deveria ter passado por aí. Durante o resto do dia pudemos acompanhar pelo caminho diversas pegadas do mesmo.

Teríamos de bom grado ainda alcançado o córrego "Curisal", mas a lua não iluminava, e pelas 10 horas da noite a escuridão profunda obrigou-nos a deter-nos próximo a uma lagôa. Como estávamos todos muito cansados, deitamo-nos logo nas redes, antes mesmo de fazer a comida, mas mal adormecíamos já uma chuva forte nos obrigava a levantar-nos para pôr ao abrigo as nossas bagagens.

Estávamos com pressa em alcançar Córrego Fundo, já próximo, e dar melhor pasto aos bois, de modo que, pelas 3 e meia nos apron-

tavamos para seguir. Era uma manhã linda e fresca que desta vez apreciei melhor, pois me adiantei um pouco, deixando a tropa para trás, afim de anunciar nossa chegada em Corrego Fundo e cuidar da hospedagem.

A respeito da fazenda de Gange fiz descrição pormenorizada no "Globo" vol. 82, N. 22, pags. 347-348, que indico para consulta. Ele ainda não voltára da capital. Nem por isso fui menos bem tratado e convidado gentilmente para as refeições. Os dois livros de K. v. d. Steinen e o meu album, feito de grandes folhas com ilustrações coloridas, tiveram muito êxito. Segundo as informações que obtive, eu podia esperar que, chegando ao Paranatinga encontrasse tudo conforme os meus desejos, sobretudo desde que o bacairí Joaquim, que era tio do Capitão Antônio, do Paranatinga, se ofereceu a acompanhar-me até lá.

Como desejaria levar um boi de açougue para caso de necessidade, que devia ainda ser agarrado, eu só estaria em condições de seguir para Corrego Fundo no dia 10 de abril. Joaquim levou ainda o seu garoto bacairí, de quasi 13 anos, natural do Batoví, de sorte que a minha tropa se compunha agora de 4 cavaleiros.

À noite chegamos ao Piava, que era abundante em peixes.

Na manhã de 11 de abril fui à aldeia bacairí em companhia de Joaquim, afim de ali procurar as necessárias coisas para a continuação da marcha, mas sobretudo para me convencer por mim mesmo da desconfiança que reina em Cuiabá contra o chefe da aldeia, de nome Antônio, já tornado conhecido pelas duas expedições de K. v. d. Steinen ao rio Xingú. Sabia-se dos bons serviços que Antônio, quando rapazinho, prestou a essas expedições. O amor e o entusiasmo que ele manifestava diante de mim, provam as fundas impressões que os chefes daquelas empresas imprimiram no seu espírito. Antônio havia viajado pelo baixo Xingú até o Pará; durante o regresso ao Paranatinga conhecera o Rio de Janeiro e Buenos-Aires, centros de cultura de influência européia o que produziu forte impressão entre os seus companheiros de tribu. Já em 1886, isto é, antes da segunda expedição — v. d. Steinen, ele e dois companheiros de tribu se dirigiram por conta própria às cabeceiras do rio Xingú. Com esse empreendimento fez sólidas relações com os seus companheiros de tribu ali residentes. O presidente do Estado Antônio Corrêa da Costa, por sua vez, reconheceu o valor desse homem, que, entretanto, se elevara a chefe dos bacairís do Paranatinga, tendo sido, então, agraciado oficialmente com esse título, estendendo o seu poder por toda a região indígena das cabeceiras-xinguenses. Uma carta, que me dera Antônio Corrêa da Costa em Porto Murinho, ordenava a Antônio que fizesse valer o seu prestígio auxiliando-me no que fosse preciso. A única divisa do seu alto posto era uma calça vermelha de soldado, tendo em cada um dos lados uma tira branca pregada de

alto a baixo, mas o que simbolizava mais praticamente a sua força era uma coleção de boas armas européias que estavam dependuradas em sua casa, e das quais, segundo revelam os matogrossenses, já se servira contra alguns patrícios insubmissos. A maioria dos 34 índios bacairís xinguenses residentes em sua aldeia, dentre os quais ha muitos originários das povoações do Coliseu, estão sob sua completa dependência econômica, visto que forneceu armas a alguns que lhe mereceram maior confiança, e que não deixam atualmente de representar importante fator de sua força. Durante a minha permanência em Córrego Fundo quando eu voltava do Coliseu já ele havia investido contra os índios caiabís com o auxílio dessa pequena força. Esses velhos inimigos hereditários dos baicairís foram vitoriosamente repellidos, acusando-se uma morte entre os caiabís. A batalha verificara-se na floresta do Paranatinga, a umas 6 léguas de Córrego Fundo, para onde Antônio saíra, com os seus homens, à procura de borracha para Gange.

Apenas uma circunstância principiava a limitar o poder do grande capitão e que mais cedo ou mais tarde decidirá da sua sorte: E' a concorrência que lhe começára a fazer o seu cnteado. Como se sabe, Antônio, após a segunda expedição ao Xingú, durante a visita à colonia bororó Tereza Cristina, no rio S. Lourenço, arranjava uma "cara metade" de nome Rosa, que trouxera para o Paranatinga. Dona Rosa não lhe dera nenhum filho; alí morava, entretanto, o que lhe adviera de uma união anterior, e criado no lar de Antônio. Chamava-se José, o qual, apesar de ser muito jovem, conhecia muita coisa. Quando aparecia, o seu lábio inferior perfurado lembrava imediatamente a tribu em que passara a infância e cuja língua ainda falava. Além disto, José recebeu parte de sua educação na capital de Cuiabá, de modo que era êle quem mais conhecimentos possuia do português de todos os bacairís do Paranatinga, falando-a com a própria mãe. Já em sua juventude fizera uma viagem ao rio Batoví e ao rio Coliseu, em companhia de seu padrasto. Nessa ocasião, segundo José, dera-se forte discussão entre ambos, porque José se atrevera muito com as beirdades da primeira aldeia bacairí, no Coliseu, tendo com isso prejudicado as boas relações que mantinham nesse aldeamento. Com efeito, quando José me serviu de guia em minha viagem, êle não ousara entrar nessa aldeia pelo mesmo motivo, tendo-se mantido junto aos barcos, enquanto eu permaneci na povoação. As dificuldades que me causou José com o seu retraimento foram reparadas mais tarde, quando no segundo aldeamento do Coliseu êle resolveu casar-se, levando a mulher para o Paranatinga.

José envidava todos os esforços para se ver economicamente livre de Antônio, o que pude saber através de uma conversa do primeiro com sua mãe e que do outro quarto me chegou aos ouvidos. Embora

o número de seus homens não atingisse o dos de Antônio, êle já tinha a seu serviço uma boa quantidade de "xinguanos".

Estavam as coisas nesse pé quando cheguei ao Paranatinga, após uma cavalgada muito dificultosa, por causa da umidade do caminho, e eram essas as condições com que eu devia contar para o bom êxito de minha empresa. Infelizmente só pude compreender certas coisas já no fim da viagem, de modo que não me foi possível aproveitar com justeza todas as oportunidades por não ter sido esclarecido a tempo.

A grande casa de Antônio, diante da qual descemos, fôra construída apenas no ano anterior. Partindo de um compartimento central viam-se dois quartos à esquerda, o que constituia a residência propriamente dita do capitão e sua esposa D. Rosa. Não me foi concedido penetrar nesse santuário logo na primeira visita. Somente quando, alguns dias depois, aparecí pela segunda vez com a minha tropa para oferecer alguns presentes ao chefe e à sua esposa é que conquistei mais um pouco de confiança, sendo recebido na casa particular, onde pude cumprimentar D. Rosa que, aliás, se achava num canto de costas para nós e socava milho. Pude, outrossim, admirar de dentro da rede do dono da casa as muitas armas que pendiam da parede. Tive que me contentar em permanecer no quarto dos hóspedes, que ficava à direita do compartimento central, o que era, afinal, interessante, porque toda a população masculina da aldeia entrava e saía à vontade por aquí. Êsse quarto era o tipo da casa de hóspedes que conhecemos dos índios do Xingú. Assim como vimos lá, esta também serve para festas. De quando em quando entram alguns "xinguanos" de rostos caiados de vermelho e preto dansando em torno do poste que está no centro do quarto (ao que parece positivamente para êsse fim) e acompanhando esta dança com cantigas monótonas.

Antônio, embora um tanto frio a principio, recebeu-me bem, oferecendo-me uma comida feita de arroz com farinha e carne sêca (fornecidas por mim), preparada à moda brasileira. Havia mesmo na sala de jantar do capitão uma mesa, uma cadeira, dois pratos e duas colheres. Com o meu violino, o meu album de figuras coloridas e principalmente com as duas obras de v. d. Steinen, que trazia comigo, fiz-me logo amigo dos xinguanos, que reconheciam em certas estampas os seus parentes, desatando alguns em gargalhadas infernais diante daquilo. Já nessa ocasião me contaram que o índio Tumaiaua, do primeiro aldeamento bacairí, no Coliseu, e que esteve muito ligado à segunda expedição ao rio Xingú, havia sido assassinado pelos seus irmãos de sangue.

A casa de José ficava em frente à do capitão, possuía o mesmo estilo e o mesmo tamanho. Entre os quartos em penumbra, viam-se várias mulheres, sendo que uma delas com uma criança de algumas semanas de idade, filha de José. O conjunto tinha um aspecto indí-

gena muito mais forte do que a casa de Antônio. O que me interessou especialmente foram alguns frisos de legítima pintura bacairí, que se estendiam na extremidade das paredes ao longo do teto. As pinturas eram pretas e brancas sobre tábuas e feitas pelos xinguanos. Ulurí, merechú, maimai, enfim todos os desenhos xinguenses já conhecidos estavam ali representados. Nos outros ranchos também havia muitos objetos ornamentados, mas era preciso deixar tudo para a volta. Bandos de papagaios mansos e outras aves esvoaçavam sobre os telhados.

A noite era dedicada à dança. Homens e mulheres formavam filas separadamente, colocando-se uma em frente à outra, dansando e cantando ritmicamente, dando passos para a frente e para trás. A princípio num compasso regular, depois mais vivo. O espetáculo desses dansarinos ao luar era simplesmente fantástico. Para mim constituía uma novidade completa, e era um aspectozinho do meio em que iria viver por um tempo mais longo.

Depois disso toquei algumas canções ao violino, e Antônio dansou muito animadamente ao som das melodias de "Ach, du lieber Augustin" e "Ist denn kein Stuhl da", valsas, cujo compasso não pode apressar tanto quanto êle desejava. Depois acocoramo-nos todos em torno de uma fogueira, sendo-me oferecido um charuto enorme e um tanto pesado, cuja primeira baforada foi lançada pelo capitão, naturalmente em sinal de cordialidade. A chuva, que se aproximava, separou-nos.

Já da conversa que tive com o meu companheiro Joaquim, durante a cavalgada para o Paranatinga, pude depreender que lutaria com grandes dificuldades em arranjar "camaradas" adequados entre os bacairís do Paranatinga. Os naturais do Rio Novo já estavam ao par das minhas pretensões a êsse respeito, e se haviam preparado para obter o máximo com isso. Joaquim assegurava-me que Antônio só faria alguma coisa por mim si eu lhe garantisse desde o início a quantia de um a dois contos de réis (1.000 a 2.000 M.), no que certamente eu nem de longe pensava. Após a empresa de Meyer eles tinham, por certo, feito outras idéias acerca da minha expedição, de modo que foi difícil apagar nos índios a impressão de desilusão que tiveram comigo. Foi uma felicidade ter conquistado José, cujas ambições pareciam ultrapassar as do seu padrasto. Queria que êle e um de seus homens de nome Chico, originário da segunda aldeia bacairí no Coliseu, me acompanhassem até o Coliseu. Por fim Antônio resolveu também dar-me dois dos seus, que nos acompanhariam até o local de embarque no Coliseu, voltando depois êsses dois homens com a tropa de bois para o Paranatinga. Assim ficava eu livre de cuidados com o problema dos companheiros de viagem, podendo, então, voltar com Joaquim em busca da tropa que se achava no Piava.

Como tinha chovido muito ultimamente, a volta foi ainda mais penosa do que a ida. A mula afundava por várias vezes na lama e só com grande esforço conseguimos safá-la.

No acampamento encontrei tudo em ordem. Os homens haviam aproveitado o tempo na procura de peixes e pássaros para a alimentação. Tive que deixar regressar o meu guia Antônio, cuja missão terminava aqui no Piava. Provido de alguns víveres, a sua pistola de cano duplo e uma carta minha para Herr Goerne, onde dava notícias de que até aqui eu ia bem, pôs-se a caminho de Cuiabá. Foi muito a contragosto que eu o deixava ir, êsse admiravel companheiro que tantos bons serviços me prestara.

De agora em diante passaram a entrar muitos índios bacairís no meu acampamento, os quais queriam ser servidos e me aborreciam terrivelmente pela sua mendicância e mesquinhez: Principalmente Joaquim que, de maneira alguma, se deixava reprimir, aumentava cada vez mais as suas exigências. Como iria eu me arranjar com as miúdas modestas provisões si já aqui, no Paranatinga, devia pagar tão caro a minha passagem! Notei logo que tudo faziam para prolongar o mais possível a minha estada, afim de executarem obra sistemática de exploração na minha pessoa, de modo que era preciso cortar-lhes a vaza desde o início. Queriam convencer-me de que os meus novos camaradas precisavam ainda ficar 14 dias para comemorações e festejos. Foi com grande surpresa que me ouviram responder firmemente que, apesar de tudo, me dispunha a sair no dia seguinte com André e apenas um xinguano. Os outros poderiam alcançar-me mais tarde, no caminho do Coliseu.

Que havia acontecido àqueles cinco norte-americanos que dois anos antes desceram o rio Coliseu e não mais apareceram? Tinham sido mortos todos pelos índios suiás. Quatro dêsses brancos, segundo me relataram, deviam ter-se dirigido ao aldeamento dos suiás, onde, de começo, foram bem recebidos mas, depois, tiveram que se sentar em fila nos pequenos bancos, onde os suiás admiraram a sua bela pele branca e as bonitas camisas, exclamando que eram "kura" (bom), mas de súbito, os selvagens, que se achavam atrás deles, agarraram-lhes traçoicamente as cabeças, martelando-as com a pesada claya até o golpe mortal. Um índio meinaçu procurou em vão convencer o último branco que com êle ficara junto ao barco para que fugisse, mas naquele momento lá vinham os índios convidá-lo a entrar na taba. Êste já havia desconfiado do que acontecera aos seus colegas, recusando-se a acompanhá-los. Então, foi sacrificado ali mesmo sem que pudesse defender-se.

Foi uma felicidade para mim, na situação embaraçosa em que me encontrava, que André se deixasse convencer através de algumas promessas que lhe fiz, da necessidade de me acompanhar, ao contrário do

que havia sido combinado, na viagem completa ao Coliseu. Sabia lidar com os bacairís, que já tinham trabalhado antes com êle na propriedade de Antônio, irmão de Gange. Em todo o caso, eu sabia perfeitamente que si mandasse voltar a tropa de bois com os índios do Coliseu até o Paranatinga, ao chegar às cabeceiras xinguenses teria que me separar alí de André, e os índios por certo não cumpririam sua promessa de, no outono, nos buscar novamente no ponto de embarque, trazendo os seus animais e novos víveres. Mas isso ainda estava longe, e eu precisava muito de André agora, para que pudesse fazer combinações em ralação à viagem de regresso.

Adiante! Adiante! (Vorwaerts! Vorwaerts!) era a única coisa que devíamos fazer. Só uma ação rápida poderia dominar os obstáculos que se esboçavam alí contra mim. Em todas as ocasiões, em que os indígenas se mostravam pouco amigos, pude vencê-los, aproveitando-me da sua indecisão habitual, seu ponto fraco. Si, como sói acontecer ao etnólogo, se é obrigado a tratar com os indígenas com bons modos, o que se impõe, então, é, na minha opinião, uma série de atitudes decididas e até pouco estudadas para combater as suas manhas e, principalmente, tomar por norma principal nunca lhes seguir os conselhos, os quais só facilitariam os seus planos.

No dia 16 de abril saímos de Piava para irmos ao Paranatinga, embora os meus homens não tivessem podido arranjar um boi que faltava. Foi muito a contragosto que precisaram carregar, então, a gorda rez trazida de Córrego Fundo. Uma das tarefas mais custosas, nessa parte da viagem, era a travessia sobre o Paraná, cuja correnteza continuava forte. Até aquí os meus novos camaradas me haviam aborrecido com a sua voracidade e preguiça, mas agora pude admirar a sua força e habilidade no difícil trabalho da passagem pelo rio, que puxava tanto a ponto de me esforçar muito para manter-me de pé, além de precisar fazer passar todas as bruacas e caixas nos ombros. Os pardos, nadando, pareciam estar no seu elemento. Após algumas atrapalhões — um dos bois caíra no barranco, ficando alí durante algum tempo sem se mover — estava tudo são e salvo no outro lado da margem. Por fim ainda os dois cães que, puxados pela corrente, nadaram longo trecho rio abaixo, conseguiram aparecer. Quando chegamos na aldeia bacairí do Paranatinga, na casa do Capitão Antônio, todas as crianças e mulheres dos xinguenses se atemorizaram, escondendo-se no interior das casas. Apesar de José me convidar a depositar as minhas bagagens na casa de Antônio, que no momento se achava ausente, e alí pernoitar, preferí, de acordo com a minha experiência, armar acampamento à beira do rio, junto à floresta. À noite já o nosso alojamento, apesar da chuva forte lá fóra, se achava repleto de índios, xinguanos e de velhos habitantes paratinguenses, estes últimos insuportáveis nos seus pedidos. A noite eu a passei só com André. Chovia torrencialmente.

Bem cedo (18 de abril), pela manhã, começaram a aparecer índios e a cada um dos homens ofereci alguns anzóis. A Antônio, que aparecera em sua calça vermelha, a denotar sua hierarquia, ofereci algumas miudezas entre as quais também uma garrafa de aguardente e uma enorme panela de ferro para D. Rosa. Por causa disso fui convidado a entrar em sua casa, isto é, em sua casa particular. Conversamos durante algum tempo balançando-nos nas redes, e foi com orgulho que me contou as suas recordações das anteriores expedições ao rio Xingú.

A travessia do rio Paranatinga foi fixada para o dia 19 de abril. Já antes do amanhecer tornaram a aparecer os índios, sendo que desta vez as mulheres em maior número insistentemente pediam presentes. Um dos que as acompanham exigiu, ingenuo, mas ao mesmo tempo expressivamente o seguinte: "Agora vamos abrir as bruacas". Dessa maneira as mulheres por certo iriam escolher as coisas de que precisavam. Procurei satisfazê-las com algumas missangas azues. Um pai veio acompanhado dos seus dois filhos índios, sendo que só um usava um cordão na cintura, o outro uma tanga de tecido. Eram belos produtos do Xingú. Sua desconfiança logo se desvaneceu quando lhes dei umas bugigangas e fi-los montar nas minhas costas por brincadeira. Ao nos encontrarmos, assim, no acampamento, reunidos em grande número, uma cobra enorme e venenosa, que se estendia pelas bruacas, silvando alto, causou grande susto a todos.

Entrementes André encontrara, entre os preparativos, a carne de porco, o arroz e a mandioca, já comprados. Antônio ainda trouxera algumas bonitas bananas e assim fizemos tempo para prosseguirmos o caminho. Todos os volumes precisavam ser trazidos até à margem em primeiro lugar. Ha sempre alegrias e dissabores a experimentar em travessias de rio, mas desta vez não faltavam mãos de índios que nos auxiliassem. Até mesmo os dois meninos indígenas queriam a todo o custo ajudar, de modo que procurei alguns objetos leves para agradecer-lhes. Em breve todos os volumes se acharam na margem oposta com o auxílio de três canoas que foram postas à nossa disposição. A última veio buscar a mim mesmo, e foi assim que atravessei o rio Paranatinga, que ainda hoje forma a linha divisória entre terra brasileira e região indígena. Alí mesmo encontramos uma picada estreita (só reconhecível ao olhar exercitado) que levava para o baixo rio Coliseu. Já em consequência da empresa de v. d. Steinen se fizeram relações entre a aldeia do Paranatinga e os índios do Coliseu. Mas o interessante é que essas relações se baseiam muito mais no fato da penetração dos índios no território paratinguense do que vice-versa. A aldeia do Paranatinga é habitada atualmente na sua maior parte pelos xinguanos. As festas e dansas são de um indígena antigo e a linguagem preferentemente india. Não ha nem vestígio de imagens da Virgem.

No dia seguinte, desde cedo, começaram a surgir muitos índios entre nós, entre os quais, também, Antônio, de maneira que mandei logo arrear para seguirmos viagem. Como José e Chico ainda precisavam ficar para as tais comemorações, eles nos alcançariam dias depois. Um jovem xinguanu, que havia combinado acompanhar-me, embora já fôsse homem feito, pôs-se a chorar, momentos antes da partida, atirando-se ao pescoço de Antônio, que é quem o tinha designado para seguir. Após uma conversa de ambos em bacairí, declarou-me Antônio que o rapaz não poderia vir porque a irmã não o deixava. Ao que parece o jovem indígena sentiu medo, e era interessante observar como externava êsse sentimento por um lamento em voz alta, que nem por isso causou o menor abalo aos seus companheiros.

Ao contrário, havia até conseguido o que queria. E' importante, outrossím, observar que a irmã mais velha fôsse considerada elemento decisivo nas negociações do rapaz.

Assim, tive que levantar acampamento para ir com André e os xinguanos Benedito e "Augustino".

Pelo meio-dia tivemos em Córrego Limpo o primeiro obstáculo a vencer. A água chegou-me até o pescoço e os animais, portanto, não poderiam transportar as bagagens sem risco de molhá-las. Resolvemos armar uma ponte, fazendo tombar uma árvore bem alta à beira do rio, cuja copa foi cair justamente na margem oposta. Um galho de trepadeira que se fixou em um dos lados oferecia apoio pouco seguro. Era preciso carregar por aquí nos ombros toda a carga, inclusivè as minhas pesadas caixas de zinco. Confesso que não conseguí atravessar essa ponte, nem mesmo sem a carga de volumes, mas, certo de que ao chegar no meio dela eu sentiria vertigem e cairia no rio, pus-me a nadar pelo rio impetuoso, todo sulcado de galhos de árvores que emergiam de todos os pontos.

Quantas vezes me senti invejoso dos índios ao verificar a sua superioridade física em relação aos europeus, ao vê-los meterem-se na mata cheia de espinhos, inteiramente nus, sem sequer se arrauharem. Entre eles o pé possui outras funções, ao passo que o nosso é condenado, até mesmo durante o verão, a suportar desde criança um sapato.

Com muito trabalho conseguimos ter todo o carregamento na margem oposta. Os bois já estavam carregados e tudo pronto para a viagem quando surge Augustino que tinha saído na frente com alguns bois, com a notícia de que os três bois dianteiros, em vez de seguirem a estrada, tinham voltado ao rio, de onde desceram, pesadamente carregados, o íngreme caminho para a margem que antes mal pareciam poder vencer, nadando novamente para a margem do rio anterior. Foi, portanto, vão o nosso esforço gasto com as seis bruacas, pois todas estavam molhadas agora e, conforme pude verificar depois, achavam-se

alí objetos como chapas fotográficas que correram risco muito maior. Mas já que os objetos se haviam molhado, dei ordem para que voltassem do mesmo modo por que foram. Ainda pela tarde tivemos que galgar a subida penosa do vasto planalto, que forma a linha divisoria do sistema de rios do Paranatinga e as cabeceiras do Xingú. Pequeno regato, em cima, onde acampamos, corria em pequenas e rumorosas cachoeiras para o vale. E' o último que, nesta região, ainda pertence ao Paranatinga. As altas palmeiras burutí, que se erguem, em intervalos regulares, uma junto da outra, como uma alameda artificial, mostram o curso do pequeno rio. A noite aquí foi muito fria e com chuva forte, a qual pela manhã se transformou em neblina friorenta. Os homens sentiam muito a friagem e foi só quando a caneca com aguardente passou por todo o mundo que conseguí vê-los de pé.

Pouco a pouco a neblina foi se desvanecendo e vista soberba apresentou-se. A vasta superfície do vale tornava-se cada vez mais nítida. Ao longe ainda serpenteava a floresta do Paranatinga diante das altitudes mergulhadas na cerração. Trepei num ponto mais elevado e alí me deixei ficar sobre uma pedra lisa, tendo diante de mim uma realidade bem grande e nos pensamentos o passado e o futuro. Entretanto o café estava pronto, eu devia voltar ao alojamento para cuidar dos objetos molhados, isto é, mandá-los secar ao sol. Depois do almoço, achava-me deitado tranquilamente na minha rede quando vejo, de repente, os homens e os cães a correr com grande ruído. E' que um jaguar passara bem perto dali, tendo-se aproximado de um dos bois, o que fez com que todos corressem atrás do animal. O alarido forte dos cães foi ouvido ainda durante algum tempo, parecendo vir do vale e pela espessa mata até que um tiro soou. André alvejara o animal com chumbo. Enquanto íamos cruzando muitos córregos pertencentes ao Ronuro, que é o afluente mais a oeste do Xingú, íamos chegando, pela tarde, ao Ribeirão do Desengano que por sua vez corre em direção ao alto Paranatinga. O ribeirão possui uma água esplendidamente cristalina que desce em pequenas cascatas através de rochas lisas. Pescaram-se algumas piranhas. A julgar pelos vestígios, devem ter passado por aquí muitos jaguares durante a noite. No dia seguinte vimos um rasto bem grande que se achava não longe das nossas redes. Foi possível encontrar o covil desses monstros entre alguns arbustos próximos de nós, consistindo em algumas folhas reunidas. Creio, porém, que essas feras das florestas brasileiras temem o homem, não se atrevendo fácilmente a atacá-lo, pois do contrário já estaríamos devorados. Pela manhã pusemo-nos a lavar grandes peças de roupa nas águas claras do ribeirão. Para isso empregamos o sistema de bater a roupa sobre a pedra onde a água corre até que a sujeira saía. E' claro que de quando em quando interrompíamos o trabalho para nos refrescar to-

mando banho, e as peças que usavam no corpo foram logo incluídas na limpeza. Como havia pouca mosca ou outras pragas por aquí, o longo tempo que estivemos despídos só nos fez bem.

Somente pelo meio-dia seguimos caminho. O sol ardia, mas uma vista linda nos consolava. O Morro do Sinal, conforme se denomina esse monte em feitiço de lousa, que havíamos visto ha muito tempo, deixamos ficar para a direita. Os pequenos e múltiplos córregos que também precisávamos passar neste trecho dirigiam-se novamente para o rio Ronuro. Fizemos parada na outra margem do pequeno Ribeirão do Bagio¹³.

Ao meio-dia de 25 de abril atravessamos o Jatobá que tem aquí largura consideravel. Este rio é o principal afluente do Ronuro, cuja margem está simplesmente trancada pela densa mata virgem. Pouco depois os meus índios me chamaram a atenção para José e Chico, os dois camaradas, que deviam alcançar-nos dois dias depois, os quais eram avistados muito ao longe. Ambos tinham vindo a pé, carregando suas provisões nas costas. Um tapir que haviam morto no caminho, próximo ao rio Jatobá, não pôde servir-nos, pois estávamos já muito adiantados na marcha e não nos convinha atrasá-la, por causa daquela carne.

26 de abril, 1901

Os meus companheiros eram agora em número de cinco, por isso mesmo se tornava mais difícil lidar com êles. Um leigo não faz uma idéia do que seja o trabalho do índio. Quando ha uma passagem trabalhosa ou qualquer tarefa em que cada um precisa mostrar força e habilidade, êles são admiráveis, mas quanto à rotina quotidiana... Um quer pescar, outro caçar e tudo em ocasiões impróprias.

Diversos córregos ofereciam obstáculos a vencer e por fim veio o principal dêles que era a travessia do Batoví. Era preciso primeiro passar um braço de rio menor, que possuía uma cachoeira espumante. Os bois puderam caminhar carregados, mas alguns dêles tropeçaram na confusão de pedras do leito do rio, de modo que tivemos que descarregá-los em meio da travessia. O peor surgiu no Batoví propriamente. Os bois e as béstas precisaram ser conduzidos um por um; depois disso fez-se o mesmo com as bagagens. A primeira vista quasi não se acredita que alguém possa atravessar este rio com uma tropa. Na outra margem fizemos parada, preparando-nos a fim de pernoitar. José matou um veado, que constituiu boa refeição.

27 de abril, 1901

O caminho leva novamente através do sertão, sempre o mesmo. No trecho diante do rio Batoví notamos várias trilhas de índios cru-

(13) N. de T. — Creio que se trata de Rib. do Bugio.

zando a nossa picada, improvisada pelos bacairís. Com as fisionomias assustadas os meus camaradas examinaram as pisadas nessas trilhas, chegando à conclusão de que se tratava de incursões de caibís. As muitas queimadas que se viam por alí só podiam provir d'esses índios. Por causa disso preparamos as nossas poucas e imperfeitas armas para nos defendermos de um ataque que, porventura, sobreviesse da parte d'esses selvagens. Mas pouco depois não restavam motivos para temer por êsse lado, e as nossas armas voltaram aos seus lugares sobre os bois. A marcha continuou bem até se dar um acidente. O boi denominado Tenente caíra entre as duas margens estreitissimas de um córrego, ficando imprensado e foi com muito esforço que conseguimos desenterrá-lo dalí com a ajuda dos nossos facões, pois do contrário teria morrido.

O lugar que escolhemos para pernoitar havia servido também à tropa pertencente à expedição Meyer, como se podia depreender de algumas latas vazias de conserva e de um alpendre arruinado.

28 de abril, 1901

De início tudo correu bem neste dia. Diversas fogueiras que fizemos pelo sertão puseram toda a região em chamas e fumaça. De tempos em tempos, enxames de gafanhotos procuravam em vão fugir ao fogo que os perseguia. Como o capim se tornava cada vez mais alto, a vegetação sempre mais densa e os bois, por causa disso, se desviavam, ora para a direita ora para a esquerda, mandei que os conduzissem em duas ordens. José, Chico e eu levamos cinco bois, enquanto Benedito e Augustino seguiam na frente com outros cinco. André tinha saído antes para procurar um lugar propício a fim de fazermos parada. Não sei como Benedito e Augustino se perderam, errando por algum tempo com os animais, de modo que passamos à frente d'êles. Quando, afinal, apareceu Benedito no alojamento, trazendo os bois, faltava Augustino que ficara em qualquer parte. Os camaradas puseram-se a chamá-lo, mas a resposta vinha muito fraca, de modo que começamos a desconfiar de qualquer coisa. Afinal, quando já escurecia, os índios conseguiram entender o que o companheiro dizia: queria que lhe trouxessem um cavalo, pois tinha sido mordido por uma cobra venenosa.

Embora José considerasse que tudo não passava de uma brincadeira, de mau gosto, mandei Benedito buscá-lo. Sempre podia ser verdade. Será que, faltando já tão pouco para chegarmos ao lugar de embarque (íamos alcançar-lo no Coliseu, amanhã pelo meio-dia) a minha tropa iria sofrer agora um golpe, que de novo poria em cheque a minha empresa? Eu não podia dispensar nenhum dos meus homens, porque para dois barcos eram necessários quatro remadores e os bois

só poderiam voltar ao Paranatinga conduzidos por dois indivíduos no mínimo.

Infelizmente confirmou-se o aviso. Após algum tempo vinha Benedito trazendo Augustino ao acampamento, o qual se atirou sobre o meu caixote de zinco, mudo e indiferente, pondo os dentes à mostra. Conforme dizia, fora por duas vezes mordido no pé; queixava-se de fortes dores, principalmente na região lombar. O pé inchara muito, vendo-se as marcas dos dentes da cobra. Não se podia fazer muita coisa, pois já se tinham escoado muitas horas. Amarrei-lhe o pé, abri um pouco a ferida e passei hipermanganato de potássio ("hypermangansaures Kali"). Antes de mais nada, porém, dei-lhe um bom gole de aguardente, afirmando-lhe que no dia seguinte ele estaria bom e, pedi-lhe por fim, que dormisse. Os irmãos de tribu desse xingvano em perigo de vida mostraram-se de uma indiferença espantosa pela sua sorte.

29 de abril, 1901

Por uma felicidade Augustino, contra toda expectativa, amanheceu melhor, fazendo uma cara toda satisfeita e orgulhosa quando o mandei montar no meu cavalo Violento, resignando-me a seguir a pé no lugar dêle.

Ao meio-dia chegamos, finalmente, após 44 dias de viagem contínua, ao rio Coliseu. No lugar de acampamento encontramos ainda um telhado arruinado da casa de sapé que o Dr. Pilger construíra quando ali viera aguardar com os seus homens o grupo do Dr. Hermann Meyer, que viria subindo o Coliseu.

Enquanto os homens se ocupavam em descarregar os animais fui até à beira do rio, onde fiquei a olhá-lo, êsse rio que tantas vezes me passou pelo pensamento. Tinha eu vencido a primeira etapa da minha jornada, sem prejuízos sérios, acompanhado de cinco homens, sendo que os cuiabanos, que consideraram tal coisa impossível, devido ao meu insuficiente aprovisionamento, não tiveram, por certo, razão. Eu só sentia uma grande alegria, não tinha cuidado com o futuro, que, no momento em que iria separar-me da boiada, parecia bastante incerto. Consideramos o dia como um feriado, devidamente comemoramos com o resto de aguardente misturado com açúcar.

Na manhã seguinte (30 de abril) começamos todos animadamente o nosso trabalho, isto é no preparo da viagem fluvial, agindo cada um à sua maneira. O principal era construir bons barcos. Olhando para a quantidade de bagagens que trazíamos, ficávamos um tanto preocupados. José e André duvidavam muito que conseguíssemos pôr tudo em duas canoas, pois só quatro homens restariam agora para conduzi-las. Dispensar os objéto? Não havia um de que pudéssemos abrir mão. As canoas, portanto, tinham que ser bastante compridas para conter tudo.

Dois xinguanos puzeram-se a procurar pela floresta um jatobá, de cuja cortiça construiriam os barcos, enquanto Chico e José iam em direção do baixo rio para nos arranjar peixe ou caça. Eu e André arrumávamos as coisas para a próxima navegação. Felizmente os indígenas descobriram uma palmeira não muito longe do acampamento, junto a um pequeno afluente do Coliseu, trazendo os outros dois ótimos "pintados", que, com arroz e farinha, nos souberam bem. De certo que essas refeições assim, no meio do mato, têm um aspecto diferente do que entre nós. Assim, quando a comida fica pronta, geralmente composta de arroz, feijão e peixe, cada um vai à panela e tira o seu prato, ficando depois todos acocorados em torno do caldeirão para comerem. Quando não ha bastante pratos, comem dois homens ou mais homens em um prato. Um índio que está perto de mim, pega com os dedos um pedaço de peixe de dentro da minha sopa, sendo que para me compensar agarra um pouco de farinha com os dedos ainda úmidos, espalhando-a no prato em que como. Mas tudo sabe bem, porque se tem fome, e a coisa a que o homem se habitúa mais depressa é ao meio em que vive.

Os próximos três dias (1 a 3 de maio 1901) foram-se na confecção das canoas de jatobá. Era interessante ver como os índios trabalhavam.

Primeiro, fizeram uma espécie de armação de 3 lados em torno da árvore com os elementos naturais de que dispunham, constituída de três suportes em sentido vertical e três pranchas em sentido horizontal. Estas últimas, muito finas, eram presas nas extremidades dos suportes apenas por galhos de trepadeira. A firmeza de tudo isso estava em que um dos suportes era constituído de uma árvore, que se erguia ao lado da palmeira jatobá e que oferecia a necessária segurança aos dois outros paus, muito finos e engastados em buracos de terra cavados a mão. Alguns galhos da árvore-suporte ofereciam melhor apoio às vigas horizontais.

Com muita habilidade os indígenas subiram por essa armação, utilizando-se das mãos e dos pés. Sem qualquer sinal de vertigem.

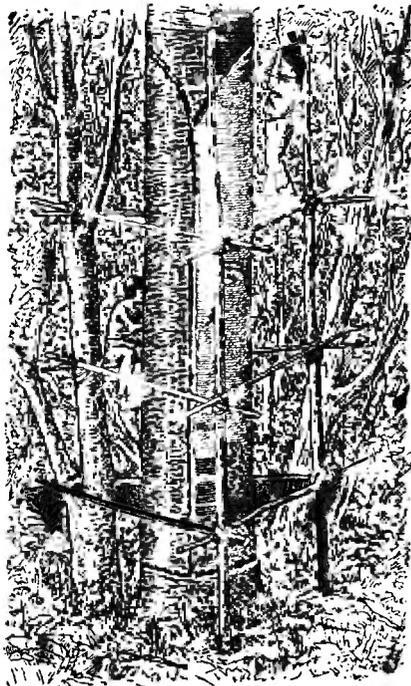


Fig. 8
Construção das nossas canoas na
cortiça de um jatobá

o meu amigo Benedito lá estava no ponto mais alto, o machado em ambas as mãos a bater na árvore. À cada sacudidéla a “escada” cedia terrivelmente. Este jatobá iria dar dois barcos, para o que era preciso fazer um corte em dois lados, da largura da palma da mão e em sentido vertical. Do mesmo modo em cima, sendo que em feição de bico e em baixo dois talhos retos. Então, já se distinguia a forma das duas canoas. Entrementes cortava-se e polia-se cuidadosamente um maior número de pequenos pauzinhos de taquara, que, por serem muito fortes e ao mesmo tempo flexíveis para se adaptarem à curva da canoa de cortiça, permitiam que, por meio de um martelo de madeira, ali mesmo improvisado especialmente para êsse fim, fossem introduzidos facilmente entre a cortiça e a madeira da árvore. Por meio de muitos desses pauzinhos a cortiça foi pouco a pouco se destacando do tronco, em duas partes, trabalhando-se sempre com muito cuidado para que não se dessem rasgões na casca da árvore.

A armação tinha a vantagem de ser moveidêça, pois as partes horizontais podiam ser modificadas em sua posição. Por meio de constante mudança das mesmas, durante o abaixamento da canoa em construção, que saía, assim, da sua posição vertical, as pranchas eram dispostas de tal maneira que a amparavam perfeitamente. E’ justamente isso que depende de habilidade, pois é preciso imenso cuidado para não ver perdido todo o trabalho anterior por alguma fenda accidental, que por acaso se faça na casca ainda nova da árvore. Todos sentiram alívio quando viram as canoas já no chão, e no mesmo momento começaram a dar-lhes os retoques necessários. Em primeiro lugar os bordos levaram um polimento, depois a extremidade de trás foi afinada com todo o carinho para que pudesse ser levantada mais facilmente pelas ondas.

Após esses trabalhos, improvisaram-se cavaletes onde as canoas foram colocadas em posição natural. Os cavaletes compunham-se de estacas fincadas no sólo. Folhas secas de burití foram postas no interior dos barcos, ateando-se-lhes fogo; isso fez com que a cortiça ainda fresca se tornasse mais maleável e se pudesse moldar ambas as extremidades, o que se faz pelo emprego de grossos vara-páus manejados com jeito.

Para se conseguir a forma plenamente curva da embarcação, espetaram-se pequenos pauzinhos atravessados à parte de cima do fundo. Mesmo quando a cortiça já secou bastante e já está pronta para o uso, esses pauzinhos atravessados, que não faltam em barco algum, têm funções importantes. Primeiro, êles conservam a forma da canoa, depois servem para base onde se colocam as bagagens e para assento da tripulação. Sobretudo nesta ultima finalidade são indispensáveis, pois a frágil embarcação, apesar de ser tão cuidadosamente trabalhada, deixa, contudo, de um lado ou de-outro, que a água penetre e se junte até certo ponto sob os pauzinhos, sem maiores prejuizos. Em

geral não ha que pensar que um tal meio de navegação seja muito seguro, sem falar absolutamente que o tripulante precisa manter incessantemente o equilíbrio, afim de não cair para o lado, assim como o seu centro de gravidade não deverá deslocar-se mais para a frente ou para trás, pois isso implicaria na entrada de água nesses pontos. Como a carga, que se põe no interior, faz com que a distância entre o nível da agua e a altura da embarcação seja muito pequena devido ao peso, qualquer ondinha joga água pelos lados. Além disso, a casca da árvore que, mesmo quando já devidamente seca, contem sempre um certo grau de flexibilidade, cede muito nos lugares em que o mais pesado da carga se aglomera, correspondendo a isso naturalmente um certo afundamento da parte sobre-carregada. E' só por constantes mudanças dos volumes para lugares diferentes que se evita êsse mal. Quasi sempre tambem, dobra-se a ponta do barco, um tanto arqueada para cima, de modo que, de quando em quando, ela tem que ser novamente endireitada, colocando-se o barco numa margem de rio.

Frequentemente verificam-se pontos em que a agua penetra; então é preciso tapá-los com pedaços de argila e esgotar a agua.

No momento em que os botes, já prontos, construídos sem nenhum acidente, foram largados na água do rio, saudei o acontecimento com um tiro de revolver no tronco da árvore gigantesca que acabavamos de roubar. A sua dura madeira não deixou penetrar a bala, que voltou fazendo angulo agudo.

Foi, afinal, vencido o trabalho fatigante de retirar as embarcações de uma confusão de troncos e raízes de árvores abatidas que obstruíam o afluente do rio. Onde os obstáculos não podiam ser removidos a machado e facão, os índios agachavam-se agilmente para debaixo dos troncos que impediam a passagem, ou, em último caso, também se atiravam à água quando o barco encontrava algum obstáculo. Quanto a mim, si tivesse que imitá-los, encontraria dificuldades.

Como não havia nada a pescar nas proximidades do nosso alojamento e a carne começou a fazer-nos muita falta, deliberei ir na manhã de 3 de maio com André a uma distância mais avançada de rio abaixo para ver si lograva mais sorte com a pesca. Em parte alguma tive ocasião de ver a mata virgem tão densa e impenetravel como nêsse pequeno trecho de caminho. Após termos andado durante algum tempo pelo "campo", entramos, à custa de nossos facões, na espessa floresta com as suas inumeráveis trepadeiras cheias de espinhos. Ficavamos constantemente presos alí dentro, partindo raízes sem parar, passando por cima de outras ou cortando-as, e assim era que aos poucos nos íamos adiantando. O bosque era aquí, também, estranhamente despovoado. Apenas um pica-pau em que atirei veio servir-me de "isca", como diz o brasileiro, para a pescaria que tínhamos em vista. Era com esforço que procuravamos atingir a margem do rio, onde, afinal chegados, fizemos uma fogueira e atiramos os nossos anzóis. Mas aquí, também, os peixes eram tão raros que, após horas de trabalho, só conseguimos apanhar uma piranha, que comemos alí mesmo.

CAPÍTULO III

Entre os índios do Rio Coliseu

A 5 de maio, pela manhã bem cedo, as duas canoas pesadamente carregadas achavam-se no ponto de embarque, perto do acampamento, e eu tinha que me despedir dos meus dois xinguanos Benedito e Augustino, que voltariam ao Paranatinga com os meus animais. Foi com muita pena que vi a pequena tropa afastar-se, pois até agora ela ainda constituía o liame entre nós quatro, que ficávamos, e o resto do mundo. Agora estávamos nessas inhóspitas paragens, inteiramente entregues a nós mesmos e precisando vencer todas as vicissitudes. José e eu entramos numa das canoas, André e Chico, na outra.

Os primeiros quatro dias de navegação fluvial passaram-se sem maiores acontecimentos. No primeiro dia tivemos logo caça em abundância, entre outros animais alguns macacos, coatís e duas gordas antas, de modo que compensamos bem os dias anteriores em que tivemos falta de carne. O peor para nós era a circunstância de ambos os barcos estarem supercarregados. As beiras das canoas, em alguns pontos, achavam-se apenas a um dedo acima da água, de modo que a menor vaga ou qualquer movimento descuidado no interior da embarcação fazia água imediatamente. Nessas condições, portanto, era-nos impossível ter os quatro cães conosco e, assim, foi preciso que eles nos seguissem pelas margens, o que faziam correndo por montes e vales.

Felizmente o rio, nessa estação do ano, ainda estava cheio, o que nos evitava as pequenas “cachoeiras”. Neste trecho elas ainda eram tão raras que podíamos, todas as vezes em que era necessário por causa dos pontos perigosos, descarregar os barcos e transportar os volumes a pé, indo pela margem. Isso nos dava muito trabalho.

Na manhã do terceiro dia de viagem passamos por Independência, o conhecido acampamento da expedição v. d. Steinen. Essa campina, em forma de caramanchão, na junção dos córregos, ainda agora nos convidava para um descanso por ali.

Fazia tempo que eu não dava corda no meu relógio. O sol, a que estávamos impiedosamente sujeitos o dia todo, era o nosso relógio. Para aquele que passa desde as 5 da manhã até à noite encolhido dentro da canoa e a remar, o sol leva tempo demais para ir de um ao outro lado do céu. O estreito rio desliza uniformemente nas suas inúmeras pequenas voltas entre o “grotesco” da mata espessa, impregnando

do toda a paisagem fluvial do efeito destruidor e ao mesmo tempo re-vivescente do seu curso. E' sem cessar que as suas águas vão destruindo os pontos externos das margens nas curvas que elas dão, pois é ali que as correntes são mais fortes. Muitas árvores gigantes, ali caídas ha muito ou pouco tempo com as copas dentro do leito, impedindo às vezes a passagem, provam o trabalho de erosão das correntezas.

Ao contrário disso os bancos de areia longínquos, apenas ligeiramente inclinados para a superfície líquida, sobre os quais milhares de borboletas se aquecem aos raios de luz, aumentam por dentro das margens das voltas do rio, dando lugar a que uma nova vegetação desabroche. Para atenuar essa monotonia da paisagem de rio lia via a beleza das diversas formas de plantas, a caça que era muita, pois animais de toda espécie apareciam de todos os cantos, mas sobre tudo isso flutuava uma solidão infinda que eu sentia, sobretudo, quando o sol já havia desaparecido, lá pelas sete horas, à luz pálida da fogueira do acampamento, deitado em minha rede, não tendo ninguém perto com quem trocasse impressões sobre o dia que se passara e o que vinha depois.

Assim me encontrava na noite de 7 de maio, mergulhado nos meus pensamentos, deitado na rede sob as ramadas da densa floresta virgem, onde havíamos feito alojamento. Já era tarde. O fogo bruxoleante lançava apenas uma luz fraca; a panela de feijão preto, que estava sendo cozido para o dia seguinte, pouco a pouco acabara de chiar e a palestra dos meus companheiros tinha emudecido com o último cigarro de palha de milho, quando, de repente, uma barulhada terrível cortou o silêncio. Latidos de cães, bater de panelas e vasilhames, e um tapir que se perdera na nossa pousada, saltou, provocado pelos cães, correndo por entre as nossas redes.

Na manhã do dia 9 de maio, após termos atravessado grande cachoeira, gastando para isso o tempo necessário, vimos aparecer um barco com três tripulantes pardos. Havia, pois, chegado o momento de entrar em contacto com os habitantes do Coliseu, de cuja recepção boa ou má estávamos dependendo muito. Como era de supor estávamos diante de índios bacairís da aldeia que fica no alto rio e, conforme soubemos logo depois, um dos três tripulantes era o próprio chefe da aldeia. A canoa vinha contornando a volta do rio mansamente. Olhavam-nos muito desconfiados, aproximando-se muito timidamente até que nos cumprimentamos: "Cura caraiba, cura bacairí", isto é "O estrangeiro é bom, bom é o bacairí", e, finalmente, a canção tocada ao violino "Margareta, Maedchen ohne gleichen"¹⁴ conquistou completamente os seus corações. Quando nos aproximamos mais uns dos outros, os haveres foram reciproca e detidamente examinados e admirados, de acordo com o costume indígena. Enquanto isso,

(14) (N. da T.) "Margareta, Maedchen ohne Gleichen", isto é "Margarida, menina sem par".

íamos, empurrados pela corrente, em direção ao “porto” da aldeia Maigeri, situada um pouco para dentro da mata. Esse “porto” era uma pequena baía, bem junto à parte alta de uma extensa e ruidosa cachoeira.

Tive muita vontade de visitar logo as habitações dos meus novos amigos, mas uma circunstância exigia nesse ponto o maior cuidado. O meu companheiro José, numa visita anterior à aldeia dos bacairís de Maigeri, se havia casado com todas as regras do costume indígena, mas tinha abandonado a mulher, arrançando outra num outro aldeamento do baixo rio, com quem vivia no Paranatinga. Essa infidelidade despertara grande indignação entre os parentes da esposa abandonada, e sabia-se que estavam dispostos a envenenar o José logo que o pegassem.

Isso se tornava interessante para mim sob diversos aspectos. Em primeiro lugar, verifica-se que o matrimônio entre os índios, realizado sem outras formalidades, apresenta, apesar disso, suas obrigações de parte a parte. Depois era importante saber que esses índios, entre os quais eu iria viver de agora em diante e em cujas mãos estava o nosso ser ou não ser, manejavam venenos, embora não tivessem armas envenenadas.

Pessoas de Cuiabá, que tiveram contacto com índios, me haviam dito que tomavam por norma não aceitar comida oferecida pelos nativos, porque ela poderia conter veneno. Tinha considerado essa precaução como exagerada. Havia até contado, apesar do que me preveniram, em completar o meu abastecimento em grande parte entre os índios. O meu plano, conforme o esboçara, tornava isso absolutamente indispensável. Agora que eu verificava que eles, de fato, tinham o habito de envenenar as refeições dos que lhes constituíam obstáculos, vejo que será perigoso aceitar refeições dos indígenas. Nestas condições eu não podia, de maneira alguma, levar José para o aldeamento, embora tivesse contado com êle para interprete durante a primeira visita. Assim fiz com que ficasse junto às canoas, enquanto Chico e os três nativos me acompanhariam.

No porto ainda tive oportunidade de mostrar o meu album colorido, onde reconheceram os seus velhos amigos tapir e jaguar, causando alegria geral. Olharam, outrossim, com muito interesse as gravuras do livro de v. d. Steinen; somente diante do retrato do Tumaiaua, o chefe daquela época, houve certo movimento, uma espécie de mal-estar, como se quisessem dizer “não toque aí”. O jovem chefe, que olhava agora o retrato, era justamente o que substituiu o Tumaiaua assassinado pelos seus irmãos de sangue. A atmosfera que se formou ali, por um instante, era de constrangimento, pois não fazia muito tempo que toda a comunidade de Maigeri (que v. d. Steinen descrevem admiravelmente no capítulo “Idílio Bacairi”) estivera em polvorosa com o caso do chefe.

Pequena via conduzia-nos através do bosque e depois através das plantações. Em poucos minutos estaríamos na povoação propriamente.

Quando já nos aproximávamos, caminhando um atrás do outro como era o costume, junto às habitações, os índios me mandaram disparar um tiro de revólver anunciando a nossa chegada. Isso não deixou de causar efeito entre os habitantes que se agitaram todos. As portas das quatro casas estavam apinhadas de gente, mas, ao me verem chegar no terreiro, fugiram para dentro. O mesmo fizeram também os três guias e, Chico, que não se sentia lá muito à vontade por aqui, devido à antipatia despertada por José, meteu-se em uma das casas, onde tinha uns parentes. Estava eu simplesmente só nêsse redondo páteo, numa situação estranha. Em torno do páteo ou terreiro viam-se três habitações em forma de cortiços. Os índios que vieram conosco não apareciam; estavam todos atemorizados e escondidos em suas casas. Não havia nada a fazer sinão esperar e ver o que iria acontecer. Foi após longo tempo que surgiu um dos homens, pedindo-me que me sentasse no centro do terreiro, sobre um dos troncos de árvore que serviam de banco. Como era o único que já estivera no Paranatinga com Antônio, guardando ainda daquela época uma calça e uma camisa, este foi considerado pelos seus patrícios como o indicado para me cumprimentar e, realmente, êle sabia fazer as honras.

Foi pouco a pouco que os homens começaram a sair de dentro das habitações, sentando-se sobre o tronco, ao meu lado. Alguns trouxeram beijús¹⁵, outro trouxe uma enorme casea de abóbora, cheia de uma bebida, o "pogo". Todos me apertavam fortemente a mão para me cumprimentarem, coisa que haviam aprendido com os brancos que os visitaram. Como não nos entendíamos recíprocamente, só passei a perguntar-lhes os nomes das aves em cima dos telhados, entre as quais se via uma linda arara azul, distinguindo-se das outras. Em retribuição aos beijús, ofereci-lhes missangas azues, o que atraíu as mulheres e as crianças e em breve tinha eu toda a população reunida em torno de mim. Embora fôssemos todos amigos, foi com muito custo que pude convencer um ou outro a deixar fotografar-se. Sempre obtive um grupinho de cinco crianças diante do aparelho, as quais de medo baixaram as cabeças, fechando fortemente os olhos. Uma delas pôs as duas mãos no rosto, e, no momento de bater a chapa, outra saiu correndo aos berros. Mais alguns beijús e de novo, pela mesma via, voltávamos ao porto desta vez com grande acompanhamento. Eu ia na frente, o chefe atrás de mim e depois uma caravana de homens, mulheres e crianças nus.

Logo abaixo do lugar que serve de "porto", ha uma grande cachoeira, intransponível com canoas carregadas, o que me forçou a es-

(15) Espécie de torta redonda feita do tubérculo da mandioca, raspado e ressecado.

vaziá-las, levando tudo por terra até a um ponto além da cascata. Os índios de Maigeri ajudaram-me prontamente, e até mesmo os meninos pegaram em volumes leves. José e Chico, meio ou um quarto civilizados, certamente se consideraram muito acima dos outros para que também pegassem no pesado, irritando-me com a sua preguiça. Entretanto, alguns nativos vadearam com os nossos barcos através das corredeiras do rio.

Como ainda havia a passar numa série de cachoeiras tive que aliviar o peso das canoas superlotadas. Apresentaram-se logo dois indígenas que se prontificaram a transportar grande parte dos volumes num terceiro barco até o porto do próximo aldeamento bacairí, Maimaieti. O número dos meus companheiros, portanto, acabava de aumentar novamente e, quando partimos nessa mesma noite, eramos cinco.

10 de maio

No dia seguinte, já bem cedo, continuamos viagem com a nossa flotilha constituída de três barcos. Eu esperei encontrar nos dois nativos de Maigeri guias excelentes nas passagens das múltiplas cachoeiras, mas êles iam tão depressa e achavam tudo tão facil, que se adiantaram muito, a ponto de em breve os perdermos de vista. Vimos como dominaram as cachoeiras com os barcos repletos; tentavamos agora fazer o mesmo. Felizmente conseguíamos evitar sempre no último momento o choque das nossas pequenas embarcações contra os recifes que emergiam da água. Uma vez foi preciso que eu e José, em uma cachoeira muito extensa, descessemos com o nosso barco, penosamente, numa dessas ilhotas, afim de esvaziarmos a água que havia penetrado na canoa que quasi submergia. Era justamente nesta última que se achavam os nossos volumes mais indispensaveis, de modo que resolvemos ter mais cautela no resto da cachoeira. Para facilitar a passagem do barco, queria eu ir a pé dentro da correnteza do rio e uma vez alcançada a margem, iria, depois, por terra ao encontro das nossas embarcações. Caminhando com pés e mãos entre a água espumante, galgando pedra por pedra, tinha eu quase alcançado a beira do rio, quando uma correnteza fortíssima, em que não podia mais me manter de pé, me fez desistir. Eu não podia voltar para a ilha, e assim precisei ficar durante longo tempo em pé sobre uma pedra no meio do rio. Depois de gritar muito é que consegui ser ouvido pelos meus companheiros muito adiante, rio abaixo. Então, da margem, José ajudou-me.

Após mais algumas cachoeiras atingimos o porto da segunda aldeia bacairí, Maimaieti, que não fica mais, como dantes, à margem esquerda do rio e sim à direita.

Uma picada íngreme leva a uma escarpa de alguns metros de altura. A mata estava arroteada numa grande extensão e a sua super-

fície coberta de esparto, que aparece por toda parte no lugar da antiga plantação de mandioca. Como conseguiu essa gente desbravar trechos de floresta virgem tão extensos com os seus instrumentos rudimentares? Essa obra da mão humana apresenta-se como um milagre ao primeiro olhar do observador. Imagine-se livrar o sólo de uma mata espessa que se estende por quilômetros! Mas êsse milagre também se explica, desde que se conheça a situação mais de perto. Veremos, mais tarde, como os índios sabem produzir coisas admiráveis, utilizando-se dos elementos naturais, de uma maneira relativamente simples e em tempo relativamente curto.

Pequeno grupo de árvores à beira da escarpa ofereceu-nos lugar propício para acampar, pois é o de que se precisa, além de algumas árvores para pendurar as redes, da água clara do rio, ali perto, e de um pouco de lenha, na proximidade, para garantir o fogo.

Desta vez mandei botar toda a bagagem no nosso alojamento, pois era preciso pôr tudo em ordem outra vez. Os últimos dias de viagem mostraram-me claramente o quanto me seria difícil atingir todos os meus fins nestas condições. Era difícil continuar o caminho com José e seu inseparável companheiro Chico. Agora que nos encontrávamos entre os habitantes do rio Coliseu, êles quase não trabalhavam e faziam o que bem lhes passava pela cabeça. Entretanto, era preciso evitar a todo custo uma briga com José, pois isso comprometeria o nosso regresso. Quem iria buscar a minha tropa de bois no rio Paranatinga se eu me indisputasse com a gente de lá? Para o resto do caminho, porém, em que se trataria para nós de ser ou não ser, eu precisava de pessoas de absoluta confiança. Assim, resolví deixar aqui, em Maimaeti, José e Chico e quase a metade das provisões, seguindo com André e os indígenas adiante do rio Coliseu. Como no prazo de um mês a minha sorte e a de André, entre os índios que habitam o rio mais em baixo, se resolveria, determinei que José e Chico me alcançassem, trazendo o resto das coisas, após decorrido êsse prazo.

Em vão pensei ordenar as bagagens antes que os moradores de Maimaeti soubessem da minha existência ali. Estava justamente tudo desempacotado e espalhado no chão, quando apareceram os visitantes de sempre, um atrás do outro, homens, mulheres e crianças. As mulheres trouxeram logo os beijús como oferta e, por sua vez, os seus presentes. Embora tivessem chegados muitos de uma vez foi fácil atendê-los. E' claro que precisei tocar violino e mostrar o album de figuras, ficando todos muito alegres. Três rapazinhos a quem tentei fotografar, pularam de repente nágua, fazendo rir, satisfeitos, os outros. Em breve anoiteceu e após ter-lhes anunciado uma visita à aldeia no dia seguinte, retiraram-se um atrás do outro.

Ocupei-me quási a noite toda com os volumes. Era preciso dividir tudo em duas partes, uma para levar comigo, outra para deixar

como reserva em Maimaieti. Já ao despontar do sol surgiram os visitantes de ontem em nosso alojamento. Desta vez puderam preparar-se melhor, e assim os meninos vieram inteiramente cobertos de desenhos negros. Consegui copiar um dêles, usado por um rapaz esbelto. Ao indagar o nome dêsse desenho, disseram: "cauári".

Após alguns preparativos, José e eu tomamos o caminho do aldeamento. O rapaz pintado de "cauári" corria satisfeito assobiando e flauteando ao meu lado, chamando-me a atenção para tudo que, segundo o seu ponto de vista, era digno de se ver.

Depois de andarmos pela estreita picada durante algum tempo, através do campo coberto de esparto, chegámos a uma aldeia antiga, agora abandonada, de habitantes Maimaieti. Eram cinco casas grandes, dispostas em círculo. O único ser vivo alí era uma grande ave de



Fig. 9
Figura de palha de milho dos bacairis, representando um pássaro.

Museu Imperial de Etnografia de Berlim, V. B. 5210. 1/4 do tamanho natural

rapina, dentro de uma gaiola feita de varas de madeira e que ainda não tinha sido transportada para o novo aldeamento. Haviam alimentado esse "santo padroeiro" com um macaco, que deve ter sido considerado pelo generoso ofertante como um grande sacrifício. Em algumas das casas viam-se ainda objetos domésticos, entre os quais caletes para fritar peixe, suportes para panelas, cestos e outras coisas. Pendia do telhado uma grande quantidade de figuras feitas com palha de milho, conforme se encontram geralmente entre os índios bacairís, sendo que estas não possuíam o pendão do milho. Havia uma grande quantidade atrás de uma das casas, num montão de lixo. Eles não davam a menor atenção a estes objetos, e achavam extraordinário que eu estivesse remexendo naquela palha velha para apanhar alguns desses bonecos tão característicos.

A maneira por que consideram o pendão do milho sumariamente como resíduo, faz-me compreender claramente que esses bonecos não representam algo de importante para estes indígenas. Entretanto, ao tratarmos disso, devemos considerar que o milho não entra como fator importante na economia dos índios do rio Coliseu. Apenas plantam um ou outro pé entre a mandioca, de modo que o fruto, nestas condições, é sempre raro. Julgo, portanto, afirmar com segurança, que os bacairís do Coliseu confeccionam toda sorte de figuras e animais com a pequena quantidade de panículas de milho, empregando, também, a palha, para aumentar a produção e dar assim a impressão, aos seus próprios companheiros, de prosperidade maior. Agindo dessa forma ao mesmo tempo acautelam essa produção, pois si se retira uma parte de qualquer porção de pendões de milho, o prejuízo é difícil de ser provado. Não acontece o mesmo, porém, quando se trata de uma figura, seja a de um quadrúpede ou a de um pássaro, composta por um conjunto de pendões de milho, no qual a falta de uma parte componente se faria notar. Essas figuras de milho, portanto, devem a sua criação à mesma razão por que, entre nós, a manteiga frequentemente apresenta formas características, isto é de acordo com seus pesos na balança, assim como os montes de carvão de pedra são cobertos de tinta branca.

Atrás do pequeno grupo de tabas o caminho dobrava para a floresta. O terreno pantanosos estava coberto, ao comprido, com finos troncos de arvores, onde foi preciso manter certo equilíbrio, o que não era fácil para mim. Peor do que isso era um desses troncos finos a fazer ponte sobre um regato. Depois que andamos um bom pedaço dentro da mata — o caminho todo do rio à aldeia leva uma hora — chegamos às novas plantações. Eram grandes pés de mandioca numa vasta superfície — "mandioca brava" — para confecção de beijús. Quando entrei no terreiro, apareceu-me logo um dos dois chefes de Maimaetí, que já me havia visitado antes, no rio. Convidou-me para

sua casa, que era justamente a primeira das quatro grandes habitações inteiramente iguais e de superfície oval. Penetrei pela estreita entrada e encontrei-me pela primeira vez no interiôr de um tal cortiço. As mulheres e sobretudo as crianças mostraram-se medrosas a princípio.

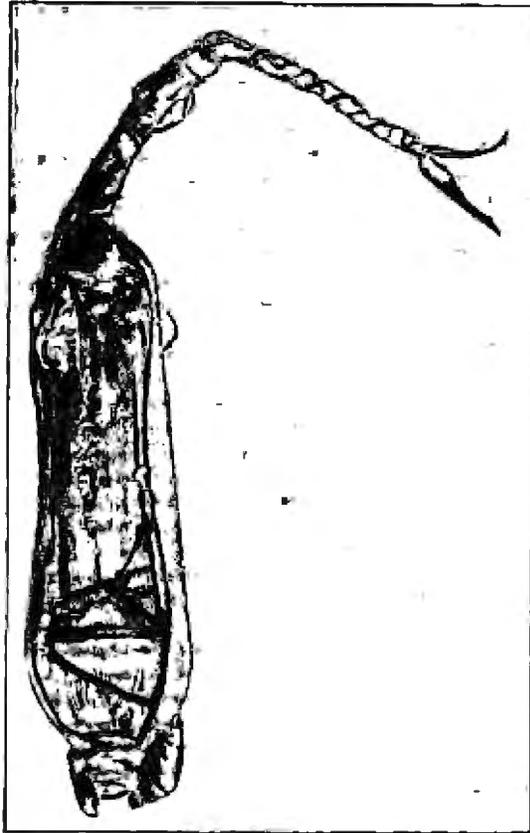


Fig. 10
Figura de pendão de milho, representando
um quadrúpede.

Museu I. Etnogr. Berlim, V. B. 5211, 1/2 do tamanho natural

As últimas meteram-se nos cantos da casa. O que os admirava muito, a todos, era a diferença de altura entre mim e êles e constantemente davam mostras disso.

Foi somente quando me adaptei à situação inevitável de sentar-me sobre unia tábua de cinco centímetros de altura, trazida para o meio da casa para esse fim (o que fiz com certo esforço) é que perderam um tanto o medo. As crianças, que estavam com o corpo todo

a tremer, chegaram bem junto de mim, para apanhar as missangas que eu lhes estendia. As mães arrastavam os filhos menores, apesar dos seus gritos, para perto de mim. Eles se tinham preparado para esta visita, pois o monte de beijús que me foi oferecido pelas mulheres, acorrendo de todos os lados, crescera enormemente. Todos queriam ser recompensados, de modo que a minha pequena reserva de missangas do bolso em breve se esgotou sem que púdesse atender a todos. Entretanto, era preciso, de qualquer maneira, causar boa impressão uma vez que me via obrigado a obter entre eles os camaradas para o resto da viagem; dei-me assim ao trabalho de voltar ao acampamento para buscar mais contas e guizos de folha, que muito agradaram, assim como também o meu album de figuras e o violino para divertí-los. O meu recurso, que já tantas vezes foi empregado para divertir os jovens, consistia em atirar pequenos objetos — como se diz em minha terra: “in die Grappel zu werfen”¹⁶ — aquí também obteve sucesso. Alegremente o bando de pequenos pardos se atirou para a mancheia de contas que lancei longe na areia fôfa. O quadro tornou-se ainda mais pitoresco quando as mulheres, não resistindo à ambição, avançaram sofregamente por entre as crianças afim de as ajudarem na brincadeira. Obrigaram-me não só a tocar como a cantar a “Margareta, Maedchen ohne gleichen” (Margarida, menina sem par). O “maimai” e o “mai”, isto é a tartaruga e o tapir do meu album muito os divertiram. Cada vez mais crescia o número dos curiosos em torno de mim, sempre sentado no meio da casa, sobre a tábua rasa, precisando morder os dentes a toda a hora para dominar a dor que sentia nos joelhos, devido à posição, não muito apropriada para um europeu. Quando pretendia sair da posição e levantar-me, todos recuavam assustados e o chefe empurrava-me suavemente para que me sentasse de novo.

Por fim, restava-me o problema de encontrar três companheiros para o resto da viagem. Recusaram-se sem mais aquela a me seguir à região dos camaiurás. Alegavam que os camaiurás não estavam bem com os bacairís, desde o tempo em que aqueles guiaram brancos através dos seus campos, durante as expedições passadas, tirando os proveitos que tais oportunidades davam direito a eles, bacairís, donos da região. Tentei, então, obter os camaradas até o ponto dos auetós, entrando em negociações com o chefe, a conselho de José. Falava eu português — de que êle naturalmente nada entendia — e José traduzia para o bacairí. Seguiu-se uma conversa mais demorada entre os seus homens. Por fim apresentaram-se dois, depois um terceiro, que se prontificavam a seguir até a região dos auetós. Fiquei satisfeito e assim saímos todos pela picada estreita, um atrás do outro, de volta ao meu acampamento. Mal tínhamos chegado, quando sobre-

(16) N. da T. — Expressão intraduzível.

veio fortíssima carga d'água. Colocamos depressa as nossas coisas sob a proteção das peles de boi. Alguns índios e eu nos colocamos debaixo da lona ampla da barraca, que, aliás, pouco abrigo oferecia. Embora os nativos tremessem de frio, não consegui convencê-los a tomarem um gole de aguardente. Um jovem indígena, ao meu lado, tremia como vara verde. Os seus braços estavam tão fortemente amarrados no ante-braço, que o sangue refluía muito, deixando o resto do braço até os dedos muito inchado. O rapaz estava no período da puberdade. Disseram-me que amarravam assim o seu braço porque isso aumentaria a sua força física.

Justamente antes do anoitecer foram-se os índios e também José e Chico, pois queriam dormir nos ranchos vazios. Só o chefe ainda ficou entre nós, afim de nos convencer (o que não conseguiu) de passarmos a noite dentro das casas, por causa da chuva. Julguei mais seguro ficar com André junto às nossas bagagens. Quando afinal o cacique também se fora, fizemos uma fogueira bem grande para nos aquecer um pouco, arranjando da melhor maneira possível o nosso leito molhado.

12 de maio, 1901 (domingo)

Já pela manhã, antes que tivéssemos tudo pronto para partir, surgiram as visitas de costume: homens, mulheres e crianças. Trouxeram, para despedida, uma porção enorme de beijús. Sentei-me com dois bacairís em um dos barcos, enquanto André e o terceiro índio tripulavam o outro. Despedimo-nos dos nossos guias de até aqui, os quais ainda nos acopanharam, juntamente com os habitantes de Maimaeti, durante algum tempo, ao longo da margem alta do rio até que as nossas embarcações desapareceram aos seus olhos. Estavam agora muito menos pesadas que antes e os pilotos que levávamos agora entendiam muito mais da arte de lidar com cachoeiras. Ia, pois, a navegação através das cascatas, muito alegremente, por entre os rochedos. Tudo estalava dentro das canoas. Infelizmente o meu fiel amigo-cão Rusgão perdeu-se nêsse trecho. E' que conforme depreendi logo, cansado de nos acompanhar correndo pela margem, pois iam agora mais depressa, voltara para o acampamento. Sentí muito perdê-lo, pois era êste cão o que costumava dormir junto de mim, sob a minha rede, não permitindo que ninguém, nem mesmo um dos camaradas, se aproximasse.

Como estavam todos com fome, desde cêdo fizemos parada num banco de areia, de onde, em breve, os índios pegaram um grande "bagadú",¹⁷ o que garantiu a nossa refeição. Depois os nativos trouxeram também uma grande "maimai", tartaruga. A carne deste animal é muito gostosa.

(17) N. da T. — "Bagadú" — peixe de rio, o mesmo que bagre — Teschauer, Novo Dic. Nac. s. v.

Agora, entre nós cinco, os índios nus formavam a maioria: o nosso modo de vida foi assumindo, portanto, o caráter indígena. Os trastes só nos serviam para proteger-nos contra os mosquitos e os outros insetos. As refeições, sem falar do arroz ou algum feijão que juntávamos, faziam-se simplesmente ao gosto nativo: os peixes sofriam preparo sumário e eram logo fritos sobre o cavalete de três pernas, ali mesmo habilmente improvisado. Do mesmo modo os macacos e os coatis caçados por ali iam, com pêlo e tripas, para o fogo e ainda estavam meio crus quando cada um de nós arrancava o pedaço predileto com o qual se deliciava. A divisão entre nós cinco, unidos numa comunidade pequena e com um único destino de viagem, era inteiramente honesta. Os dias que passei aí, em meio da natureza virgem, compartilhando de uma vida selvagem, sem os cuidados e as necessidades que ainda sobreviriam, são os mais belos na recordação que tenho dessa viagem.

Não nos sentíamos absolutamente os “selvagens retrógrados e desprezíveis”, como nos consideraria talvez a civilização européia de alto coturno, si nos houvesse visto. Mas, por quanto tempo gozaria eu essa vida idílica na natureza virgem?

13 de maio, 1901

Muito cedo, na manhã seguinte, levantamos acampamento. De agora em diante, eu controlava a viagem por meio do relógio, da bússola e do mapa, desenhando diariamente o trecho percorrido. Estava folgadoamente sentado no centro da canoa, em cima de um grande caixote de zinco e o meu estojo do violino fazia de mesa.

Pelo meio-dia encontramos duas canoas. À margem e na praia viam-se vários índios, acompanhados das mulheres e filhos, que regressavam de uma pescaria.

Percebi logo que se tratava de bacairís, estando assim assegurada a nossa amizade. Desta vez consegui convencer um dos caciques de Maimaeti da inofensividade do meu aparelho fotográfico. Mandei que êle olhasse para o espelho, e eu mesmo me coloquei diante do aparelho. Ao verificar que isso não me causara mal algum, seguiu o bom exemplo e pude fotografar todo o grupo. Dois meninos, já bem crescidos, tremiam de medo quando lhes estendi a mão. Os pequenos guisos alegraram-n’os muito. Aqui também realizei a brincadeira das missangas. Conquistei-os de verdade, porém, quando na presença de todos tirei minhas roupas e armas e atirei-me nua. Agora o “caraíba” era um homem igual a eles e a minha nudez aos seus olhos era tão natural quanto a deles. Antes que tivesse retomado minhas roupas, já me pediam que lhes mostrasse o meu album. Adaptei-me ainda mais áquele ambiente quando experimentei as tintas retiradas de dentro de uma panela, em meu braço, não me tendo sido possível remover até hoje os desenhos denominados “merechu” e “uluri”, nem

mesmo usando areia, a qual de ha muito substituiu o meu sabão. Precisei cantar e tocar a "Margareta". Ofereceram-nos uma porção de peixes defumados, pelo que tivemos que nos desfazer de alguns anzóis para lhes dar em troca. Esse cômico e bucólico encontro na areia, o banho engraçado que tomei, o meu pulo nagua, imitado pelo chefe da tribo com um salto mortal, ficarão para sempre na miúda lembrança

Os meus novos amigos subiram o rio em direção a Maimaieti, enquanto nós seguimos — "adiante!" — descendo o rio.

Nossa pousada desta vez foi sob um telhado de sapé de um rancho que os bacairís haviam improvisado para ali se abrigarem. Muito mosquito, é verdade, mas em compensação muito peixe defumado! No rancho havia uma porção de beijús velhos amontoados. Ao partirmos, na manhã seguinte, os índios vieram substituí-los por outros, frescos. que, conforme disseram, eram para o meu regresso.

14 de maio, 1901

A respeito da modificação que se observa nas aldeias bacairís, faremos aqui pequena descrição. Enquanto a velha e primitiva Maigeri ainda se encontra quasi no mesmo local, i. é., à margem esquerda do rio, junto a uma das grandes cachoeiras e não muito para dentro do campo, os antigos aldeamentos Igueti e Cuiacualiéti não existem mais, ou melhor, eles formaram, com os tempos, Maimaieti ou, conforme o nome que também me forneceram, Murica, que conhecemos à margem direita, quasi a uma "légua" de distância da agua.

A viagem hoje corria calma e agradável. A maior parte do tempo, o cacique em pé no meio da canoa, atirava flechas nos peixes, apanhando vários deles. Jogava flores e grãos de milho nagua e logo que o peixe se aproximava largava a flecha.

Na maioria dos casos a vítima estrebuchava ferida; então é preciso cuidado para que o peixe não quebre a flexa com os seus movimentos. Uma paulada na cabeça com um dos pauzinhos existentes na canoa, completa a pesca.

Pela tarde desabou repentinamente um aguaceiro, de modo que procuramos rapidamente a margem para cobrir os nossos objetos, esvaziando a grande quantidade de agua que encheu a embarcação. Nesse momento dobrou na volta do rio uma canoa com dois naucuás que, ao me verem de pé na margem, me fitaram muito desconfiados. Exclamei alto o meu "cura caraíba" ("o estrangeiro é bom"). Então, imediatamente aproximaram-se de nós. Tratava-se de dois jovens rapazes, cujas vozes possuíam um timbre estranhamente cristalino. Todos os pelos do corpo, inclusive os da cabeça, cílios e pestanas estavam cuidadosamente arrancados. Em sua canoa guardavam muitos arcos

e flexas, dois cestos cheios de beijús, as redes e um grande peixe que haviam apanhado. Em vão procuraram conservar o fogo que tinham no fundo da embarcação, sobre uma camada de areia, procurando agitar uma pequena panela de barro. Iam, conforme me disseram, visitar os bacairís, rio acima. Os dois naucuás acompanharam-nos. Deilhes algumas missangas, recebendo em troca um beijú e um pedaço de tartaruga dagua. Cozinhamos as nossas piranhas, convidando os nossos hóspedes a tomar parte na refeição. Também eles não se animaram a beber aguardeite; comeram, entretanto, sal às mancheias.

15 de maio, 1901

No dia seguinte, antes do amanhecer, já os naucuás seguiam viagem. Não muito tempo depois de nossa partida, os índios bacairís atracaram numa pequena baía e o nosso chefe, sem me dizer coisa alguma, desceu à terra. De acordo com o que me informaram os outros, pretendia ir a pé para a aldeia dos naucuás, afim de os prevenir da nossa chegada.

Fiquei descontente com a maneira independente do chefe agir, pois esperava passar pela região povoadíssima dos naucuás, sem que eles notassem a nossa presença. Agora nem pensar nisso; além do mais os meus índios declararam que não poderiam continuar comigo, mas que conseguiriam arranjar alguns naucuás para me acompanharem. Era obrigado, portanto, a tratar com os naucuás.

Pouco depois, aproximaram-se, dentro de um barco, um cacique naucuá e seu filhinho de cinco anos. Pai e filho estavam passados e repassados de vermelho urucú. O cacique falava bem camairá e como eu gravara o vocabulário constante do livro de v. d. Steinen, durante a minha cavalgada atrás dos bois, a nossa conversação, isto é, perguntas e respostas, processou-se animadamente. Foi um momento tranqüilo, essa palestra sobre a agua clara do rio, tranqüilidade que contrastou chocantemente com o que se deu logo após.

Depois de viajarmos curto trecho, chegamos ao porto dos naucuás onde, contra a vontade, me vi obrigado a desembarcar. Alguns índios, que apareceram na margem, sumiram com a nossa presença. Pensei daí que estaria em paz o resto do dia. André saíra de ao pé das canoas para pescar, os meus três índios bacairís tinham ido à aldeia naucuá e eu estava confortavelmente instalado na minha rede entre duas árvores, à beira do rio, afim de vigiar as nossas bagagens. De repente percebi passos nas moitas e ao mesmo tempo ouvi exclamarem numa confusão e bem alto: "naucuá, naucuá". Respondi "cura caraiba", saindo do meu mosquiteiro. Um sujeito baixote e nú, todo repassado de vermelho, pulou para mim, batendo o peito e fazendo trejeitos, gritando sem parar "êapitão naucuá" ("chefe dos nau-

cuás”). Devia, portanto, respeitá-lo como tal. De fato, usava duas chapas de latão, ao passo que os outros apenas uma. À primeira vista pareciam todos suspeitos, pintados de vermelho, com longas penas nas orelhas, muito berrantes e folgazões, formando grande contraste com a conduta do índio que encontramos pela manhã. Escurecia cada vez mais e os cinco a seis homens que ali estavam faziam tentativas cada vez mais fortes para se apoderarem de alguma coisa minha. Tentei demonstrar-lhes o efeito do meu revólver, dando um tiro em direção do rio, mas a impressão foi passageira. O melhor foi atacar fortemente a “Margareta” no violino, acompanhada de canto, mas, mesmo assim, foi preciso várias vezes arrancar-lhes das mãos alguns objetos. Por fim chegaram os meus ajudantes bacairís e André, que me tiraram dessa situação. Alojamo-nos perto do fogo e os indígenas prepararam um peixe, apanhado por nós. O pequeno cacique deu a todos um pedaço, não se esquecendo de nós também. Já era quase meia-noite. Afim de me manter acordado resolvi fazer os cigarros do nosso fumo e palha de milho, mas logo que aprontava um os nossos hóspedes incorrigíveis mendigavam-no para êles. Foi somente muito tarde que os naucuás se sumiram, em fila, carregando, infelizmente, com o nosso machado grande, conforme notei apenas no dia seguinte. Havia uma infinidade de mosquitos, de modo que dormi pouco nessa noite.

16 de maio, 1901

Logo que começou a amanhecer as visitas da vespera já vinham se aproximando. Estavam mais ambiciosos do que ontem, mas agora na claridade era mais fácil observá-los. Quando eu estava a secar uma roupa no meio do mato, silvou, de repente, bem junto do meu rosto uma daquelas pontas de osso que usam nas flechas. Pulei horrorizado e agarrei o meu revólver, mas nêsse instante notei que não era eu o visado; é que André pedira aos índios que lhe mostrassem sua arte de disparar a flecha e não vira que eu me achava por ali.

Já tínhamos tudo pronto para partir quando surgiram os índios naucuás em massa, homens, mulheres e crianças num alarido e chôro alto. Fazendo singulares caretas e trejeitos, aproximou-se um chefe que não era o mesmo de ontem, apresentando-me o seu filho, um rapaz forte, pintado de encarnado, dizendo que era êsse o futuro cacique e que por isso devia ser presenteado especialmente: “Cura naucuá, camaiurá curapa” (os naucuás são bons e os camaiurás são máus) exclamava ininterruptamente e todo o pessoal “zunia” em nosso acampamento como num formigueiro. As mulheres haviam trazido beijús e pequenas cascas de abóbora pintadas, querendo trocá-las comigo por contas, mas procuravam ludibriar-me, isto é, tentavam furtar-me o objeto já trocado para novamente obterem missangas, e, aí de mim, si não

estivesse atento. Só notei, com efeito, êsse seu processo lucrativo de fazer negócio, depois que uma das mulheres me trocara duas vezes a mesma casaca de abóbora pintada. Os nossos bacairís já haviam partido de volta a Maimaieti, sendo difícil para mim e André prestar atenção a tudo e a todos naquela confusão e ao mesmo tempo aprontar a viagem. André precisava tomar conta das suas canoas e eu procurava acomodar-me com os ambiciosos visitantes. Por fim veio o problema dos camaradas. Eu queria levar dois ou três desses sujeitos como remadores, mas todos eles não pensavam absolutamente em nos deixar, sem mais outra. Sem que se pudesse evitá-lo, eu e André tínhamos em cada uma de nossas canoas três homens, sendo que um precisou logo sair, pois a embarcação estava superlotada.

A visita dos naucaús em seu próprio porto produziu antes o efeito de um assalto do que o de uma visita.

Ao que parece tiveram a intenção de nos roubar fosse o que fosse enquanto nos distraíssem com as trocas. Assim, logo ao partir, registramos vários prejuízos, entre outros os meus óculos escuros, a minha lona da barraca e uma garrafinha de pó de iodofórmio, que era absolutamente indispensável para certas feridas da perna. Em todo o caso pudemos salvar o bastante para prosseguirmos viagem.

O dia acabou sem preocupações. Tínhamos sempre em vista os cinco novos tripulantes que, bem o sabíamos, só nos acompanhavam para, na primeira oportunidade, armar-nos uma cilada e furtar o máximo possível. De qualquer maneira as nossas armas lhes impunham respeito impedindo-os de apanhar as nossas coisas abertamente. Entretanto era difícilimo reparar as suas investidas às ocultas. Logo ao sairmos do porto, os nossos remadores meteram-se, de repente, num pequeno afluente dentro da mata espessa; êsse arroio tinha a sua foz trancada por uma estacada feita de galhos de árvore, ao que parece, próprio para pescaria. Pararam aí na margem e tentaram, naturalmente em vão, convencer-me a seguir um galináceo ali perto. Creio que jámais teria tornado a ver os meus barcos si tivesse caído nessa cilada. Ao meio-dia descansamos um pouco sobre um banco de areia, causando enorme surpresa aos índios quando nos viram retirar peixes d'água presos aos anzóis. A noite aproximava-se e, em companhia desses selvagens suspeitos, parecia a peor de todas as que já passamos até hoje. Enquanto André e os índios estendiam as redes na floresta próxima, deixei-me ficar deitado, em cima de uma pele de boi que estendi sobre o lodo, bem junto às embarcações, para não perder de vista as canoas. A noite era muito escura, e em breve percebi que as minhas precauções não foram inúteis. Mergulhado nêsse meio-sôno que se tem quando se está muito cansado e, ao mesmo tempo, se luta para não dormir, sob o peso de uma grande responsabilidade, pude perceber três naucaús, entre os quais o pequenino chefe, que se dirigiam, um atrás do outro, por entre os arbustos. Ficaram, porém,

muito desapontados quando me viram acordado, não se detendo, entretanto, e avançando para uma das embarcações. Rápido levantei-me do sólo e impedi que seguissem. A situação era um pouco penosa, pois eles alegavam que precisavam do barco para matar um mutum, cujo lamento desagradavel se ouvia de longe. Era preciso o emprego da força, e, afinal se quisessem fugir, quem poderia impedir a esses selvícolas de fazê-lo, ali no meio da floresta vírgem? Portanto, resolví ceder-lhes o barco, mas antes retirei dele todos os volumes, inclusive o meu grande caixote de folha que se achava, aliás, trancado por duas fechaduras de cobre e bem seguro. Pouco depois do amanhecer, os selvagens regressaram com a canoa.

17 de maio, 1901

O baixote do naucuá insistia muito para que seguissemos, o que fizemos logo. Tínhamos remado curto trecho, quando os índios de repente se dirigiram para a margem, descendo três deles da canoa. Conforme me disseram, pretendiam ir a pé até os meinacús para anunciar-lhes a nossa chegada. André e eu tínhamos agora, em cada bote, um índio. O do meu barco declarou-me então, enquanto os outros estavam ausentes, que não era um naucuá e sim um camaiurá, ao passo que o companheiro de André se disse meinacú. Naturalmente eu não dava muita importancia ao que afirmavam, mas o primeiro parecia dizer a verdade pois era o mesmo que eu encontrara no porto dos naucuás juntamente com o filho, tendo trocado com êle algumas palavras camaiurás. Em breve, porém, pude perceber por que motivo esses dois índios negavam a sua nacionalidade naucuá. Como na região em que nos encontrávamos, podíamos topar a cada instante com indígenas meinacús, eu quis apanhar desde logo algumas contas coloridas e outras miudezas do meu caixote de zinco. Encontrei os dois cadeados quebrados e artificialmente recolocados. Desapontadíssimo, compreendi o que houve: os três, que se foram, haviam durante a noite, quando alegaram ir caçar um mutum, assaltado o meu caixote. Certamente suniram de vez. Imediatamente mandei remar para a praia. Assustados os dois indígenas repetiam continuamente que não eram naucuás, que não faziam uma coisa dessas, que os naucuás eram "curapa" (máus), êles, o resto dos meinacús, e os camaiurás, eram "catú, catú, catú" (bom). Muitíssimo aborrecido abrí o meu caixote. Como previra, só nos restou um saco de missangas. O resto das contas, espelhos, anzóis e outras miudezas haviam desaparecido. O resto que ficara estava bem arrunado de modo que a um primeiro olhar quase não se percebia o prejuizo. As perdas até aquí foram grandes e cada vez eu duvidava mais se levaria a bom termo essa viagem com os poucos objetos que me restavam. Além do mais, ainda me preocupava se José, que estava com parte das minhas bagagens, entre

as quais havia um caixote igual a êsse, bastante tentador, conseguiria trazê-lo incólume quatro semanas depois.

A numerosa tribo dos naucuás, que deixamos para traz, tornárase nossa inimiga. Não havia que duvidar sobre a possibilidade de um assalto qualquer, de modo que, de ora em diante, precisavamos ter sempre à mão armas e cartuchos.

Resolvi convencer os dois indígenas nossos companheiros — que súbito haviam declarado só nos acompanharem até o povoado dos meinacús — a seguirmos logo oferecendo a um a minha comprida camisola de dormir, e ao outro o meu casaco de cáqui já defeituoso. “Adiante!” e assim procuramos sair o mais depressa possível da região dos naucuás.

Mais adiante encontramos na areia pegadas recentes de índios trumaís ou meinacús.

Os primeiros tinham estado, recentemente, de novo em luta com os suiás. Estes mataram muitos trumaís, perseguindo os restantes na direção de rio acima até a região dos naucuás. Em consequência desses acontecimentos, os trumaís abandonaram as suas casas, que se localizavam proximo à foz do Coliseu no Xingú, tendo-se fixado mais adiante num afluente esquerdo do Coliseu, como meinacús. Ao que parece estavam em boas relações com os meinacús, mas de tal modo que estes precisavam ter boa influência sobre os trumaís. Os nossos dois companheiros pareciam sentir-se muito mal por desconfiarem que tais pegadas significavam a proximidade dos trumaís.

A caça foi feliz. André matou um jacutinga e uma pomba, eu peguei uma enorme tartaruga, no momento em que ela procurava fazer um buraco na areia para lançar nele os seus ovos. Os preliminares no preparo da tartaruga são tão atrozes que resolvi, na próxima vez, não tocar em semelhante animal ou, pelo menos, matá-lo primeiro... E' que êsses índios deitaram o bicho com a casca sobre o fogo, ainda vivo, fazendo-o rebentar pouco a pouco, enquanto a sua gordura já fervia nas cavidades das patas. Entretanto um pedaço de carne desse animal e os muitos ovos que me trouxe depois o “camaiurá” me souberam admiravelmente. No momento em que escrevo estas linhas — são duas horas da manhã — acabo de comer os últimos. Preciso manter-me vigilante. André e eu revezamo-nos sempre após algumas horas. Essa precaução foi necessária nêstes dias. Causavam-nos verdadeira tortura os numerosos mosquitos, eu já estava todo picado, comido mesmo por êles, além de estafado pelas cancelas do dia, mas, dentro de alguns minutos, André me substituiria.

18 de maio, 1901

Pela manhã bem cedo, remamos bem, de modo que, ainda antes do meio-dia, alcançamos a aldeia dos meinacús. Foi com esforço que

consegui que passassem pelo porto, pois o meu suposto meinacú queria ali descer. Curto trecho depois, encontramos uma canoa com um homem meinacú e um menino. "Meinacú, catú, catú, catú", gritaram para mim, e eu respondi "Catú caraíba". O índio recebeu algumas contas e o menino uma pequena campainha e uma faquinha. Obtive algumas flechas e um arco, apanhei uma fotografia, toquei a "Margareta" e seguimos. No almoço houve macaco com pele e tripas, frito pelos índios — ótimo prato. Pouco depois os nossos remadores dobraram em um comprido canal lateral do rio, afim de evitar as suas inúmeras sinuosidades. A folhagem muito densa pendia de ambos os lados sobre o canal, no qual encontramos uma canoa meinacú e uma cerca trançada e atravessada, que servia para pesca.

Durante a noite, estendi a minha rêde bem junto aos barcos. Desta vez não achei necessário fazer vigília.

Mal tinha adormecido quando ouvi chamar baixinho "doutor". Era André que julgou ouvir passos humanos nas brenhas. Levantei-me rápido, armando-me, mas não se ouvia mais nada. Provavelmente tratava-se, como sempre, de um jaguar que por ali passara atraído pelo fogo. Pelo menos adormeci logo depois.

19 de maio, 1901

Remamos depressa, afim de chegarmos ainda cedo à aldeia dos auetós.

22 de maio, 1901

Entrementes, a minha viagem entrou em fase crítica. Ontem André e eu tratamos de voltar às pressas, como se fossemos fugitivos. Já não possuíamos sequer uma colher. Só o mais necessário para que ainda pudéssemos alcançar, com muito trabalho, a aldeia dos bacairís.

No dia 19 de maio pela tarde tínhamos chegado ao porto dos auetós. Um canal pequeno e cheio de plantas nos levou até lá. Ao desembarcarmos presentí logo a tempestade que nos esperava.

Os meus camaradas indígenas pensavam que era melhor se dirigirem primeiro à aldeia, ficando nós dois por enquanto junto aos barcos. Queriam mandar os auetós receber-nos. Desde logo, suspeitei de suas intenções, pois queriam levar todas as coisinhas, inclusive os seus remos e o nosso fio de anzol, que aliás ainda salvamos a tempo. Quando, porém, o suposto camaiurá ainda me pediu a enxada de ferro, vi logo que ambos nos queriam abandonar, e que, além disso, dariam as necessárias indicações aos auetós. Afim de evitar o perigo, resolvi ir de qualquer maneira com os dois traidores até a aldeia dos auetós.

Tomei algumas missangas, pendurei a minha espingarda, e puz-me a caminho. André também estava conciente do perigo que representava permanecer junto às duas embarcações. A sua expressão séria e firme fez-me entender o seu estado de alma. O caminho para a aldeia era longo. Passamos por uma plantação de piqui¹⁸, próxima a alguns ranchos vazios, depois por um mandiocal dos auetós, e, finalmente, ouvimos o ruído que fazia um índio trabalhando na mata. O “camaiurá” dirigiu-se ao auetó e eu exclamei “catú caraíba”, mas o pardo não ousava aproximar-se. Sómente depois de muitos chamados no momento em que apareceu outro auetó, é que êle se aproximou, hesitante. Dessa maneira éramos agora cinco a nos adiantarmos em fila pelo estreito picadeiro que ia à aldeia. Quando esta apareceu, um dos auetós anunciou-nos por meio de gritos, e imediatamente aquilo parecia ter-se animado. A grande quantidade d’esses indígenas, presentes no aldeamento, não parecia absolutamente intimidada com a minha presença. Tive que me sentar sobre um tronco de árvore que se achava diante do rancho de hospedes, e aí distribuí missangas, que foram recebidas com sofreguidão. Apesar da imensa ambição que os possuía, todos eram amáveis e alegres. Por fim, quando já queria ir-me, apareceu, por sua vez, o chefe, trazendo beijús e pogo. Ele procurou ainda convencer-me enérgicamente de que era costume dos caraíbas, quando visitavam, distribuir por todos facas e machados.

Já um pouco antes o suposto camaiurá se despedira de mim. Conforme me explicou, pretendia passar a noite junto aos auetós e como se sentia muito cansado, pretendia deitar-se logo. Nem a ele nem ao suposto meinacú jamais tornei a ver. Certamente ter-se-ão dirigido aos naucuás, a cuja tribo pertenciam realmente. Quando quis voltar ao porto, fui escoltado por muitos indivíduos, todos armados de arco e flecha. Na frente ia eu, depois o cacique, visivelmente preocupado em que minha posição fosse exatamente à frente da dele, e, atrás do cacique a longa fila dos nativos. Pude observar que algumas palavras portuguesas já penetraram até aqui, pois, ao deixar o aldeamento, uma mulher aproximou-se de mim, dizendo misteriosamente “tabaco, machado”. Aquele que conhece o sertão brasileiro saberá o que significam essas palavras.

Foi uma felicidade ter avisado André com um grito ao nos aproximarmos da beira do rio. André respondeu. Ele também havia passado algumas horas apreensivas, pois alguns auetós apareceram por ali e foi com muito esforço que pôde salvar os nossos objetos. Tendo esperado longo tempo por mim, começara a ficar com cuidados a meu respeito e puzera-se a andar para ver si eu aparecia. Não me tendo encontrado, voltou às canoas com a firme resolução de atirar nos primeiros auetós que ali aparecessem, pois acreditava que haviam dado

(18) N. da T. — Original: “Pikepflanzung” — isto é plantação de piqui ou piquiá, árvore da família das Caryocaraceas (Caryocar brasiliensis, Camb.), cujos frutos são comestíveis. (Rodolfo Garcia).

cabo de mim. Si André não houvesse reconhecido a minha voz, por certo teria atirado contra alguns índios que saíram correndo na minha frente, o que significaria a nossa morte.

Dentro do nosso acampamento os índios puseram-se logo à vontade. Um jacú que apanhamos foi entregue a eles para o devido preparo, embora já começasse a escurecer. Cada um de nós arrancou um pedaço de carne da ave; os pequenos, quando não podiam só com os dedos, metiam também os dentes. Desde logo eu notara que estes índios estavam de olho nos volumes, mas toquei a "Margareta" e vigiei atentamente. Finalmente, já muito tarde, cada um deles apanhou um fragmento de lenha para servir de archote na escuridão, indo-se embora. Depois que saíram notei, muito assustado, que diversas coisas nos faltavam. A tampa do caldeirão, o prato, todas as colheres e garfos com que os havíamos servido, os cartuchos que estavam na bolsa de couro de André, tudo!

Como iríamos transportar as coisas que ainda restavam através do sertão? Quasi que não tinha mais nada a oferecer aos camaiurás. Já nessa ocasião pensei em desistir da empresa, vendo que o pouco de que dispunha não daria para nos manter, mas havia ainda um dia de viagem para atingirmos o ponto almejado, de modo que só restou exclamar: "Adiante!". Nessa noite dormi pouco, torturado pelos cuidados.

Desde bem cedo da manhã de 20 de maio de 1901, André e eu estávamos atarefados na distribuição das coisas para o carregamento. As contas e outras miudezas fáceis de serem furtadas assim como objetos indispensáveis pusemos no próprio ombro. Em breve apareceu uma porção de índios auetós. E todos estavam armados de arco e flecha, coisa que chamava a atenção. Tentaram logo furtar. O cacique já tinha o chapéu de André na cabeça. Atrás d'ele via-se o cabo da nossa panelinha d'água e, quando a retirei abruptamente da cabeça do chefe, caíram de dentro dela uma porção de lenços coloridos. Haviam enterrado o nosso prato, que era branco, em restos de farinha. — "Adiante!" André sobraçou tudo que lhe era possível, eu pus minha espingarda, o aparelho fotográfico, o caixote com os cartuchos e três sacos de chumbo. O peso era quase insuportável, principalmente quando se era obrigado a correr atrás dos índios que procuravam afastar-se com o que levavam. Em dois pontos havia um arroio muito fundo com uma ponte de troncos de árvores tão estreita que preferi entrar n'água. Entrementes, os nossos carregadores-índios espalharam-se. E' claro que muita coisa estava sendo furtada, mas só o pudemos avaliar ao chegarmos à aldeia, onde os volumes foram introduzidos no rancho festivo. Pouco depois André veio dizer-me que o nosso último saco de contas também faltava. Não tínhamos, decididamente, quasi nada para os índios camaiurás, portanto era preciso ficar por aquí, pois não seria possível adiantar-nos nessa situa-

ção. Chamei o chefe da tribo, declarando-lhe que desejaria ficar mais tempo entre eles, e que eu distribuiria, com o tempo, as minhas coisas com os auetós, mas que queria que me devolvessem o meu saco de missangas; do contrário regressaria imediatamente e eles nada receberiam. O cacique fingiu que procurava obter a devolução das missangas, o que fez gritando do meio do terreiro para todos os cantos, mas em vão. Os indígenas tornavam-se cada vez mais desavergonhados com os seus pedidos e caretas. Enquanto André dormia subtraíram-lhe quasi tudo que possuía no corpo, inclusivé a sua faca de mato que jazia ao seu lado. Indignado ao se ver assim espoliado, queria logo atentar de arma em punho contra os nativos e só conseguí suavizar a sua cólera quando lhe oferecí a minha própria faca. Novamente procurei o chefe para lhe dizer que as nossas coisas não se achavam muito seguras no rancho festivo, pelo que nos ofereceu a sua casa. Tudo foi transportado para lá, as redes alí foram estendidas, deram-nos bebida e beijús e tudo parecia correr melhor. Deixei o chefe tomar conta por um instante das bagagens, enquanto André e eu fomos até uma lagoa próxima tomar banho. Ao voltarmos deparamos com o nosso cacique distribuindo as últimas peças do nosso saco de roupa entre índios que formavam círculo em torno d'ê. Possuía eu agora apenas a camisa que tinha sobre o corpo e uma calça esfarrapada. As mínimas miudezas que havia guardado no saco também se foram, pelo que declarei a André a minha intenção de madrugar no dia seguinte, afim de voltarmos para junto dos bacairís.

Quanto mais a noite se aproximava tanto mais a situação se tornava exquisita. Faziam tentativas de nos atrair para dentro das casas e quando cheguei no grande terreiro, onde havia muita animação, fui de tal maneira rodeado por todos que admiravam e apalparam a minha roupa e a minha faca que tornei depressa para a casa do cacique, principalmente porque um dos auetós me preveniu e me fez ver diante dos próprios irmãos de raça que eles ambicionavam o meu facão. Pouco antes do anoitecer o nosso homem de confiança, o chefe em casa de quem morávamos, procurou encostar as nossas armas que se achavam debaixo da minha rede, contra a parede da oca. Como esta era feita de troncos de árvores separados entre si e se podia calmamente retirar as armas do lado de fóra, tive que, naturalmente, impedir êsse ato por meio de recurso um tanto enérgico. Assim, as armas foram para debaixo da rede como antes e eu mesmo dei-me nela com revolver e facão no cinto. Como, apesar de todo o meu cansaço, eu não havia dormir, pude, durante a noite, observar bem a vida noturna dos selvícolas.

O esquema da habitação em forma de cortiço, que só em parte era coberto de folhas, representa um oval, com duas saídas, uma diante da outra. O telhado apoia-se em dois grandes postes, nos quais se dependuravam, um ao lado do outro, fazendo estrêla para a parêde,

as redes dos habitantes. As redes dos casais ficavam na maior parte uma sobre a outra.

O cacíque mostrou-me um lugar bem junto da dêle para pendurar a minha rêde. Ao lado da sua rede, estendia-se a de sua espôsa, que alí se achava com o filhinho. Depois vinha a de um filho maior, atrás dessa a de uma filha, que, ao começar a escurecer, pôs-se a brincar com as suas perninhas e as do seu amante, alojado numa rede por cima. Assim, balançavam todos leitos para lá e para cá, com os seus ocupantes nus. Havia sempre uma fogueira entre cada duas redes, que, de quando em quando, era atigada pelos indígenas. Para isso pulavam agilmente para fóra. A metade do quarto era ocupada, da maneira descrita, também pela família do chefe; na outra metade viviam dois outros grupos do mesmo modo.

À noite toda a casa estava sob grande animação e em breve começou uma música de flauta, (quatro grandes flautas) ao mesmo tempo que dansavam e chocalhavam com os pés, que durou até o amanhecer. Só pude vêr o final disso tudo, pois que eu não devia absolutamente sair de onde estava.

Pela manhã (21 de maio) dormi ainda um pouco, mas logo o chefe me acordou. Eu previa cada vez mais que permanecer entre essa gente seria perder-nos com toda a certeza. Declarei, pois, ao chefe que ia voltar para junto dos bacairís. Ofereceu-se êle a dar-me companheiros até lá. Tomei depressa algumas fotografias das casas auctós e tentei, o quanto me era possível, compor uma pequena coleção etnográfica. Para isso dirigí-me com o chefe ao rancho festivo, onde em cima, sob o teto, pendiam diversas máscaras de madeira e tecelagem. Êsse rancho, que formava o centro das dansas e cantos dos homens, distingue-se, mesmo por fora, das outras casas, pelas duas entradas que ficam em um dos lados e juntas uma da outra, tão baixas que é preciso engatinhar por entre elas. A construção do cortiço também se apoiava sobre dois postes centrais. No meio havia no chão um tronco de árvore ôco de quase seis metros de comprimento, no qual costumam bater com um grosso bastão como si fosse uma trombeta, o que, em ocasiões importantes, serve para convocar a população masculina. Atrás da "trombeta" jaziam no chão algumas máscaras grandes, que não pude levar comigo por serem grandes demais. Uma delas era semelhante às máscaras dos bacairís, já conhecidas. Duas outras, porém, apresentavam formato inteiramente novo, como ainda não se conhecia nada parecido em relação aos índios sul-americanos. Eram feitas de um tronco de trepadeira, enrolado em espiral, e tinham, quando estavam no chão, uma média de três metros. Mostraram-me como se usava essa máscara. O dansarino pegava o centro dessa espiral muito flexível e punha na cabeça a extremidade externa, muito larga, balançando-se durante os movimentos da dansa, para cima e para baixo.

Além disso havia no rancho festivo um número de grandes flautas como charamelas. Ao que parece, as mulheres não podia ver essa espécie de instrumentos. Quando executavam á noite, no terreiro, essas dansas sob o acompanhamento dessas flautas, costumavam fechar imediatamente todas as portas dos cortiços. Isso explica por que as entradas do rancho festivo eram tão baixinhas.

Tive muito trabalho em negociar uma daquelas máscaras coloridas. Alguns meninos trepavam agilmente sobre o cavalete do telhado, afim de me apanhar os objetos á venda alí dependurados. Não queriam ceder-me certa máscara que muito me chamou a atenção pela originalidade da pintura. Finalmente, após longa conversa, o proprietario da mesma levou-a para a sua casa e exigiu que eu o acompanhasse para fecharmos o negócio lá. Embora estranhasse essa sua atitude, eu não queria, entretanto, desistir do objeto. Uma vez na casa, mandaram sentar-me na tábua, entregaram-me a máscara pelo preço combinado, mas nêsse ínterim grande número de nativos encheu a entrada, e um dêles tentou de repente arrancar-me à força o meu facão da cintura, coisa que muito ambicionavam, conforme já observara no dia anterior. Mas, ao verem que me levantei, pondo calmamente a mão no meu revólver, os índios permitiram que, com a outra mão, eu os afastasse um pouco e passasse pela porta. Já não era sem tempo tratar de partir.

De novo fui obrigado a deixar os índios carregarem as minhas coisas, assim como a coleção etnográfica. Depois que todos se prepararam para o transporte solene, pintando-se e repintando-se de urucú, de uma maneira fantástica, a longa caravana começou a movimentar-se. Desta vez, toda a população me acompanhou. André ia á frente, e eu ia por último com a minha arma e a maquina fotografica, caminhando bem junto ao indivíduo que carregava o meu caixote de cartuchos. Esse selvagem era o mesmo que pouco antes pretendera tirar-me o facão, e tinha o aspecto de ser o mais atrevido de todos. Queria agora a todo custo fazer com que eu o perdesse de vista, mas eu corria com a minha carga, tão rápido quanto êle. Pôs-se então, atrás de mim, o que deixei. Fingiu-se cansado e parou. Deixei-me ficar também. Em breve estavam os dois isolados na mata. Ao continuarmos a andar, voltei-me para ver o que fazia, já êle tinha desamarado a corda do caixote. Troquei então de carga com êle, dei-lhe a maquina fotografica e tomei o pesado caixote. Mas também aí encontrou o que roubar — a peça pequenina que lhe pareceu um espelho tentou-o. Eu não devia perdê-lo de vista, por um momento sequer, e assim chegamos à estrada dos ranchos vazios. Entrou num dêles, que, como todos os outros, possuia duas entradas uma em frente da outra. Seguí-o. De novo tentou êle apanhar o meu facão, e quando viu que não o conseguia usou de um ardil que me teria sido fatal. Estávamos já ha algum tempo no cortiço deshabitado e como na semi-

escuridão tudo se confundia nessa construção redonda, êle saiu então pela segunda porta que se achava em frente à primeira. Por felicidade notei logo que nos achavamos sobre uma trilha muito diferente da anterior e que tomava a direção da aldeia, que é de onde tínhamos vindo. Mas o caminho que considerei o certo e que ia através do capim alto, só apresentava uma única pegada recente. Não era possível que toda essa gente que veio conosco tivesse passado ha pouco por aquí. Astuciosamente o índio me fez ver essa realidade indubitável. Eu havia dado logo pela traição, tirei-lhe a máquina também e caminhei com todo o pêso na direção que considerava certa. Poucos momentos depois o indígena deixou-se ficar para trás, declarando-me que me alcançaria em companhia de alguns outros que ficaram pela floresta. Fiz o possível para correr depressa sob a pesada carga em direção ao porto, onde devia encontrar André. Por fim, já eu não estava bem certo si me achava no bom caminho diante da quantidade dos pequenos picadeiros ali existentes; entretanto em breve eu me encontrava próximo ao porto, pois o meu grito foi respondido por André. Grande surpresa me esperava ali: é que todos haviam sumido no mato levando as cargas. Era preciso muita cautela, pois quem sabe o que os índios ainda queriam conosco? Felizmente não tiveram a idéia de nos tirar as embarcações. Afim de preparar-nos para qualquer eventualidade, colocamos diante de nossos barcos, um grande couro de boi, e aprontamos tudo quanto era arma de atirar atrás da pele, perto do caixote de cartuchos, aberto. O meu revólver e a pistola de André perfaziam onze tiros prontos a disparar. Após algum tempo chegaram alguns selvagens, trazendo uma bruaca quasi vazia, os sacos de arroz e feijão e o meu grande saco de roupa. Ao verem os nossos preparativos de guerra sumiram-se todos exceto o cacique. Mostrei-lhe, então, cuidadosamente, como era bom o meu revólver e quis também dar-lhe o exemplo de um disparo sobre o rio. Medroso, exclamou: "Anité catú, anité catú (isto não é bom), pedindo-me que não o fizesse e desaparecendo logo depois também.

Dêsse modo, André e eu estávamos sós outra vez. Fizemos fogo, cozinhamos um pouco de arroz e esperamos os índios com o resto das coisas. Tornava-se cada vez mais tarde. Faltava ainda uma bruaca com o meu caixote de conservas e livros, o meu grande caixote de zinco e a coleção etnológica feita com tanto esforço. André pegou a sua arma para ir à aldeia, dar vaza á sua indignação, vingando-se dos auetós. E' claro que o dissuadi desse intento inteiramente louco, nas circunstâncias em que nos encontravamos. Achei melhor abandonarmos os objetos e fugir com os poucos que ainda nos restavam, o mais depressa possível, isto é, devíamos sair desse canal intrincado como um labirinto, que nos separava do rio principal, ainda antes do anoitecer. Dessa maneira largamos em uma das nossas canoas. Colheres, pratos, tudo desapareceu, só uma panela sem tampa e três caixas

de fósforos nos restavam. Tínhamos algum arroz e feijão, as redes e a minha coberta. Era o que possuíamos além dos trastes que usávamos.

Remávamos fortemente contra a corrente, alcançando ainda antes da noite um lugar relativamente bom para acampar. Em virtude da grande quantidade de mosquitos, queríamos estender as nossas redes uma debaixo da outra, sob a proteção do meu mosquitoeiro, mas verificamos que os indígenas haviam arrancado boa parte do mesmo, de modo que era agora mais um péga-mosquito do que um abrigo contra essa praga. Não podíamos, por outro lado, acender fogo, afim de não denunciarmos o nosso esconderijo. Assim, pois, procuramos em vão dormir, mordidos continuamente por esses insetos.

22 de maio, 1901

Bem cedo, continuamos a remar. Felizmente André apanhou um jacutinga. Eu sentia fome intensa, pois nestes últimos dias, não me havia quasi alimentado. O jacutinga veio acompanhado de arroz, e, por falta de outro instrumento, metíamos os dedos diretamente na grande panela. As cascas de abóboras eram nossos únicos copos.

Durante o dia trabalhávamos penosamente com uma vara ("singa") contra a forte corrente, subindo o rio. Pela noite, matamos a tiro uma enorme giboia. Eu quis retirar-lhe a pelê, mas com todo o meu esforço não pude dominar o grosso tecido com a única faca céga que nos sobrara. Nosso acampamento nessa noite foi instalado sobre areia pura. Pela primeira vez, depois de muito tempo, conseguí dormir algumas horas consecutivas.

23 de maio, 1901

Oh ! luta pela vida ! Remamos fortemente durante dois dias e ainda não chegamos ao lugar em que fizemos acampamento na ultima noite da nossa viagem rio-abaixo. Logo após a nossa partida, que desta vez foi um pouco mais tarde do que de costume, matámos dois jacutingas, dos quais devoramos logo um. Penosamente iamnos seguindo hoje, com a canoa fazendo muita água, trocando as tarefas. Um de nós ora pegava na vara para impelir o bote para a frente, ora remava atrás sentado, fazendo o outro o contrário. Tivemos a sorte de encontrar ainda uma agulha com que pude coser a minha calça, a qual havia perdido uma das pernas. Fiz-lhe um remendo de pano de saco. À noite, muitos mosquitos e péssimo sôno.

24 de maio, 1901

De manhã cedo, depois de termos comido o outro jacutinga com arroz, ouvimos o bater de remos. Que nos poderia trazer de novo o aparecimento de uma embarcação? Peguei depressa na minha arma e desci com André até junto do rio. Com grande surpresa, verifiquei tratar-se de dois auetós que vinham dentro de nossa canoa, deixada no seu porto, trazendo uma parte dos objétoes que haviam retido. Porque essa mudança por parte dêles? E ainda nos ofereciam boa provisão de peixes, querendo, por todos os modos, tornar-se amáveis? Creio que ao desaparecermos, recceram a nossa vingança. E' que nós lhes havíamos dito que no aldeamento dos bacairís deixáramos mais cinco brancos e que voltaríamos com êles. E' claro que o que nos traziam estava terrivelmente desfalcado; entretanto ainda alí se encontravam, conforme pude verificar numa vista de olhos, uma máscara de madeira, duas de tecelagem e uma parte das minhas chapas reveladas; as não reveladas tinham sido abertas e achavam-se completamente molhadas.

O mais importante para nós era o barco, pois os repuxos que irrompiam, sem parar, do fundo da nossa embarcação tornavam-se cada vez maiores, tendo-nos já inspirado cuidados. Pegamos, portanto, todos os volumes e os colocamos na nova embarcação, remando em companhia dos dois indígenas para adiante, rio-acima. O barco velho foi afundado pelos índios. Como estávamos causadíssimos pelos esforços dos longos dias que levamos remando, êsses dois novos companheiros, a quem conquistei por meio de grandes promessas, nos foram muito úteis.

Pela tarde passamos pela região dos meinacús. À beira do rio havia duas embarcações, uma delas pertencia a um homem e dois meniños que tinham vindo buscar lenha. Havia por alí um cavalete típico para fritar peixes, onde se achava grande quantidade dêles. Desembarcamos por alguns momentos. A muito custo pude negociar qualquer coisa; aliás não possuímos quase nada para fazer trocas. André puxou do seu bolso alguns lenços de côr e eu apanhei as chaves de latão do caixote arrombado pelos auetós para obtermos algum feijão. Aquí também notamos a princípio maneiras afaveis, mas logo depois a ganância e a insistência. Creio que si nos detessemos por aquí, também teríamos de sofrer com os meinacús o que passamos entre os auetós, isto é, o regime da rapina. De mêdo dos trumaís residentes mais acima, os dois auetós pretendiam pernoitar entre os meinacús, mas para mim o perigo dos trumaís era menor do que ficar, sem possuir bugigangas, entre êsses meinacús cada vez mais desagradáveis. Por fim, antes de seguir, besuntamo-nos recíprocamente com urucú, conforme o costume indígena. Num dos pequenos fiz uma bonita borboleta no braço e bem assim um bigode, pelo que me olearam o cabelo de vermelho. André com o rosto pintado de vermelho parecia o demônio em pessoa.

Entretanto convidavam-nos insistentemente a ir até à aldeia, por meio de exclamações de “cura meinacú”, ao que, os auetós, que pareciam não possuir boa consciência, acrescentavam: “cura auetó”. O seu “cura” ou “catú” significava que não matavam os caraíbas como o faziam os trumais e os suiás. “Cura auetó” — e sacudiam a cabeça, fazendo um movimento como quem quebra o pescoço de alguém, isto é, eram bons, pois não me haviam morto como os suiás o fizeram aos cinco americanos. Aliás já me tinham dado a entender de modo muito direto, quando ainda na cabana festiva dos auetós, a maneira por que foram sacrificados aqueles homens. Para isso tive que me sentar, depois do que passaram a acariciar-me e então, com um grande remo, procuraram-mostrar-me na minha pessoa o processo usado pelos suiás para matar. “Suiá curapa, auetó cura”.

25 de maio, 1901

Graças a Deus essa noite foi menos perturbada pelos mosquitos. Dormi bem debaixo da minha ampla coberta de lã e sonhei que estava no nosso jardim de Altona. Após as aventuras todas, aquele ambiente familiar pareceu-me como uma dádiva reconquistada após longo tempo. Ainda antes de partirmos, na manhã seguinte, os dois barcos dos meinacús da véspera nos alcançaram, com dois homens e dois meninos. Estavam ainda mais gananciosos do que ontem, mas toquei a “Margareta” e cantei. Cumpre dizer que o instrumento estava reduzido a duas cordas apenas. Foi com muito trabalho que conseguí fazer os dois auetós nos acompanharem ainda mais um pouco. Os barcos dos meinacús vinham conosco.

Sobre um recife fizemos ponto de parada para almoçar, comprando dois peixes aos meinacús. Para isso tínhamos um pano azul com que negociáramos, mas não dava para pagar. André ofereceu o seu anel e eu cortei alguns botões da minha calça, a última coisa que ainda podia dar. André estava com pressa de seguir, ao passo que eu estimaria ficar ainda um pouco junto aos meinacús, afim de, com toda a pressa, poder anotar alguns dos seus vocábulos, mas ao olhar para o rio não ví mais o meu barco com a minha gente. Não podia compreender André, que tão levemente me deixava só no recife. Gritei, mas o barco já estava longe por causa de uma curva do rio e eu não era mais ouvido. Assim embarquei imediatamente numa das embarcações meinacús e pedi que remassem á toda atrás deles. Logo que puderam ouvir-me, trataram de parar e então entrei no meu próprio barco não sem uma discussão prévia com André. Os meinacús seguiram e, em breve, perdemos-os de vista. Não demorou muito a restabelecermos a nossa boa camaradagem, André e eu. Ofereci-lhe um pedaço de chocolate e êle, para me agradar, preparou-me um charuto do último bocado de fumo que tinha em sua bolsa de couro.

Pela tarde os nossos amigos auetós notaram uma canoa com índios à beira do rio, que, por aquí, só podiam ser da tribo meinacú ou trumaí. O mais velho dos dois auetós disse baixinho: “trumaí curapa”. Pouco depois a embarcação aproximou-se. Tratava-se realmente de trumaís a quem íamos agora enfrentar. Desembarcamos junto com os índios e após tirar uma fotografia, verificou-se um negócio de trocas *sui generis*, pois não tínhamos, de fato, nada mais para oferecer. Apenas o último botão da minha calça e o reforço de trás foram arrancados pois eram considerados de valor. Além disso ainda precisei desistir do meu poncho, que fazia de lenço, pois não tinha mais nenhum, afim de obter mais algumas preciosidades etnográficas. Eram dois homens, uma mulher, de cabelos compridos e uma criança. Os enfeites que usavam já eram de missangas de vidro. A criança, enquanto negociávamos, havia surrupiado alguns dentes de macaco e o homem uma corrente de caroços de frutas. A mulher, como todas as mulheres do rio Coliseu, usava o pequeno triângulo de fibra, o ulurí. Apesar de oferecer-lhe o meu último lenço, o homem recusou-se terminantemente a ceder-me o ulurí da mulher.

Pouco depois tornamos a ingressar nos botes e ao som da “Margarida, menina sem par”, continuamos viagem à procura de um bom lugar para pernoitarmos. O barco dos trumaís vinha atrás de nós.

Tivemos novos cuidados em preservar nossas coisas dos assaltos dos índios, resolvendo ficar de vigília, substituindo-nos um ao outro. Assim fiquei até às três e meia acordado na minha rêde, fazendo cozinhar nosso feijão para o dia seguinte. Pela manhã ainda tirei algumas fotografias dos trumaís. Afim de colocar as chapas nas caixinhas precisei, apesar do ambiente um tanto duvidoso que nos rodeava, meter-me debaixo da coberta de lã com a lampada vermelha e as chapas, pois um dos trumaís fazia questão de me cobrir com a colcha.

Ao que parece todos souberam da nossa presença, porque começaram a aparecer barcos com índios, um após o outro, uns meinacús e outros trumaís. Agora que tínhamos maior número deles em torno de nós, o pessoal mostrou-se impertinente e assanhado por nada ter-lhes trazido. Havia uns cacos de vidro da minha lanterna vermelha da máquina fotográfica que ainda pude distribuir. O meu violino, recurso velho, já não adiantava mais, pois eu me havia sentado nêle sem saber que o tinha colocado na rêde, às pressas, na confusão em que me encontrava. Ajuntamos depressa as nossas coisas para desaparecer o mais depressa possível. Grande número de índios acompanhava-nos em suas canoas numa distância de mais ou menos cem metros, e certo é que não tinham lá uito boas intenções conosco, pois ao verem como acertamos num pássaro à margem do rio, desapareceram todos imediatamente.

Foi essa a convivência que tivemos com os tão temidos trumaís, “que sabem dormir debaixo d’água e do fundo dela atiram flechas sobre os seus inimigos”.

26 de maio, 1901 (domingo)

O dia de hoje demonstra como é grande o comércio no rio, mesmo entre tribus diferentes. Uma canoa com dois naucuás e uma mulher meinacú alcançou-nos hoje. A mulher tinha cabelo comprido ondulado, toda pintada de riscas pretas e urucú. Poz-se confusa, de cores na canoa. Do ombro pendia-lhe um cordão com um estojo de cartuchos vazio.

Ao pararem para tomar banho, apareceu outro barco com dois meinacús, que vinha ao nosso encontro, descendo o rio. Pudē obter alguns estojos de cartuchos vazios por uma panelinha de barro. e alguns arcs e flechas. Pela tarde chegamos a uma foz que, segundo parece, foi fechada pelos meinacús por meio de folhagem para poderem pescar. Por fim, ainda pela noitinha encontramos uma embarcação com dois homens e uma mulher trumaís. Ao passarmos um junto do outro, um dos nossos auetós trocou a sua flecha pela do trumaí. Parece-me regra determinada que os indígenas do Coliseu, quando em viagem, troquem os seus objetos entre sí. Verifica-se que o auetó aquí no meu barco já assim procedeu por diversas vezes, pois grande parte de suas flechas não era de origem auetó, provindo das mais diferentes tribus das redondezas.

Encontramos bom lugar para dormir. Eu continuava a usar uma pequena caixa de folha de Flandres hermeticamente fechada, que o sr. Wilhelm v. d. Steinen me dera em Berlim, na estação, antes de partir, sob a condição de a abrir somente quando chegasse ao ponto final da minha viagem. Agora, que me achava de volta, pude fazê-lo e foi com enorme prazer que comí o conteúdo, após as necessidades por que passei nestes últimos tempos — eram salsichas de Francfort!

27 de maio, 1901

Hoje não tivemos visitas. Lenta e regularmente o barco ia sendo conduzido pelos indígenas, enquanto me esforçava para escrever algumas melodias que os auetós cantavam.

28 de maio, 1901

Hoje íamos passar pelos diversos “portos” dos naucuás. Como iriam êles portar-se, após os desentendimentos que tivemos? À tarde encontramos três embarcações com cinco naucuás adultos e um rapazinho. Um tanto tímidos puseram-se a rastejar no seu barco, junto à margem e quando remamos em direção dêles, desceram imediata-

mente alguns para terra. Embora descontente com êles, principalmente porque usavam uma grande quantidade das minhas contas no corpo, exclamei, contudo, o meu "cura caraíba", e com isso pareceram tranquilizados. As compras desta vez realizaram-se de modo mais sumário. Apanhei simplesmente uma linda flauta e outras coisas e, em vez de oferecer algo em troca, apontei para os seus colares de contas, feitos com o que me haviam subtraído. Aliás mostraram-se acordes com isso. Apenas com os beijús foi mais difícil. Primeiro o índio procurou contentar-me com um pedacinho, quando, porém, rejeitei, veio um pedaço maior; pedi então os dois e dei-me por satisfeito, continuando o caminho.

29 de maio, 1901

Afim de mostrar aos naucuás que eu nada mais queria ver com êles, escolhi, para pernoitar, um lugar situado bem atrás de seu porto, do outro lado do rio. Pouco depois da partida, pela manhã bem cedo, encontramos novamente um barco com naucuás, que, provavelmente com muito medo de nós, passaram rapidamente a remar no lado oposto em que íamos. O motivo era explicável, pois um dêles usava uma das minhas camisas e não tivera tempo de retirá-la logo.

Vinham, evidentemente, da aldeia bacairí, porque um dêles gritava constantemente pelo rio "José catú, José catú", e referia-se com certeza ao meu companheiro José que ficara entre os bacairís.

De tarde passamos num lugar onde havia um pau metido nágua no qual pendiam duas fileiras de dentes de peixe. Pelo que os meus tripulantes diziam, pude depreender que se tratava de um sinal para os pescadores. Em geral a pesca está regulamentada até o mínimo detalhe. Enquanto os nossos companheiros auetós pescavam desordenadamente conosco sobre o rio principal, êles se recusavam, entretanto, a dobrar para um afluente quando se tratava de alí pescar. Ao dizer, certa vez, ao meu auetó que em tal afluente deveria haver muito peixe, respondeu como quem recusa: "naucuá parú", isto é, "a água pertence aos naucuás". Entendera que eu queria persuadí-lo a ir até lá.



Fig. 11
Flauta dos naucuás com o motivo "merechú" gravado.
Museu I. Ethnogr. Berlin, V. B. 5285, 1/4 tam. nat.

30 de maio, 1901

O dia não trouxe nada de novo. Eu sentia pouco a pouco a falta de alimentação. Fiz uma sopa de cerefolho numa panelinha de barro conquistada aos trumáís, a qual me deu muito trabalho, pois no sertão êsses pratos não são faceis de preparar, mas ficou bem toleravel. Entretanto a nossa farinha já estava meio mofada e não podíamos enganar o estômago fumando, porque não possuíamos mais fumo. O rio, desde que por aquí passamos a primeira vez, fez diferença, pois suas águas baixaram muito e a paizagem tornou-se diferente por causa dos penhascos que se apresentavam. Mas a viagem, com tudo isso, era bela. Quando o nosso bote deslizava muito tranquilo pela orla do rio antes de anoitecer, longos bandos de araras passavam duas a duas sobre as águas, refulgindo a sua plumagem vermelha e azul aos reflexos do sol que descia. O que eu tinha vindo buscar — uma vida confortavel entre os filhos da selva — não encontrara. Os esforços sobrehumanos despendidos, a constante inquietação, tudo isso poucos momentos de prazer me proporcionou e agora já estava regressando. Diante dos sacrifícios feitos, as compensações recebidas eram poucas, e o peor é que me sentia cada vez mais fraco fisicamente.

31 de maio, 1901

De novo passamos por um pesqueiro como o acima descrito, mas na ponta do pau havia em vez de dentadura de peixe uma fita de fibra.

Durante a noite encontramos hospedagem no rancho de abrigo dos bacairís, onde uus beijús muito mofados nos pareceram bem gostosos. Comemos ali também uma tartaruga que eu havia apanhado e que me havia mordido o dedo a ponto de botar a unha rôxa. Aliás André me havia prevenido que a não acariciasse na cabeça... E André quasi não conseguia retirar a facão o animalzinho preso no meu dedo, de tal maneira ria.

Tartaruga, farinha velha e peixe pareciam sobrecarregar o meu estômago enfraquecido, de modo que pela noite passei bem mal. Além disso, a idéia do meu insucesso já não me deixava parado na rêde. Passeava pelo rio ao clarão da lua, para cima e para baixo. Amanhã devíamos chegar, enfim, à povoação dos bacairís, onde deixara parte das minhas provisões.

1 de junho, 1901

Logo depois que partimos, encontramos uma canoa bacairí, tripulada pelo meu companheiro Chico e pouco depois, outra, contendo alguns conhecidos do último aldeamento. Foi uma sorte tê-los en-

contrado agora que vinham as cachoeiras, pois o nosso barco estava muito cheio e além do mais êsses índios sabiam haver-se muito melhor diante dos obstáculos do que os auetós. Por meio das longas varas impeliam as embarcações, subindo as catadupas espumantes. Si o bote ficava preso na confusão de pedras, o índio que estava na frente pulava para dentro d'água, puxando-o por entre as pedras com muito jeito. Vimos dois restos de embarcação numa das cachoeiras, o que nos evidenciava claramente que essa difficil passagem de rio nem sempre corre bem, até mesmo para êsses conhecedores exímios.

Ao chegarmos, pouco tempo depois, ao local de desembarque dos bacairís, deixei André com os dois auetós e dirigí-me à aldeia, para preparar a minha estada por aqui, verificando as provisões alí deixadas. Ainda que as vasilhas de ferro tivessem sido um tanto desfalcadas, contudo ainda encontrei o bastante para uma estada mais longa, além do que me receberam todos muito bem, convidando-me a permanecer mais tempo na aldeia. Como dispunha já de muito pouca coisa e me sentisse fisicamente muitissimo abatido para pretender visitar outras tribus, resolví, antes de mais nada, descansar um pouco entre essa gente agradável.

Como José, ao tempo da minha chegada, havia saído para a caça, precisei adiar o transporte dos objetos que tinha no barco, para o dia seguinte, de modo que à noite ainda voltei ao porto para alí pernoitar com os companheiros de viagem.

Embora estivesse satisfeito em encontrar abrigo junto aos bacairís e encontrar a parte das provisões aos cuidados de José e Chico em bom estado, de uma coisa fiquei certo — é que José não viria ter comigo no alto Coliseu, conforme prometera, no tempo determinado. Si tivesse podido permanecer mais tempo entre os auetós, eu me veria de qualquer maneira obrigado a esperar José dentro das quatro semanas marcadas entre nós, pois não poderia passar sem o resto das provisões que êle deveria trazer. Por isso mesmo, contando com José, apressei o meu regresso, afim de chegar à aldeia bacairí antes que êle saísse, chegando um dia antes da data em que devia partir para me alcançar. Minha volta súbita foi surpreendê-lo. Não houve o menor preparativo de viagem. José e Chico instalaram-se na casa de seus parentes, os respectivos cunhados, levando para lá as panelas e vasilhames que lhes deixei para guardarem. Além do mais Chico casara-se ha dois dias com uma beleza indígena, à moda da terra. Não se notava qualquer indício de quem está para viajar, mas adiante das circunstâncias atuais suas atitudes não me importavam.

Ainda que almejasse descansar, após tantas vicissitudes, nem podia pensar em tal coisa. Mal havia adormecido quando três bacairís que voltavam da pesca, desceram no nosso acampamento, aquecendo-se, primeiro, junto ao nosso fogo. Um peixe, que nos ofereceram, e

outro, que eu comprei, foram logo assados. Durante o repasto conversamos fiado, o que durou até o amanhecer, quando surgiu, em longa caravana, a população da aldeia, em nosso alojamento.

2 de junho, 1901

Logo cedo mandei levar meus objetos para a aldeia, onde haviam disposto um lugar para nós, numa das quatro grandes casas junto às redes da família do chefe. José e Chico deixaram-se ficar numa das outras habitações, que, sendo mais ampla, nos serviu propriamente de lar.

Os nossos dois auetós acompanharam-nos ainda até à aldeia. Logo nos primeiros momentos de contacto, com os bacairís, mostraram-se calados e retraídos. Primeiro, receavam que sofressem aqui alguma vingança pelo que os seus irmãos de tribo nos haviam feito; segundo, pareciam outrossim desiludidos por não encontrarem tantos tesouros quantos lhes havíamos prometido quando os persuadimos a nos seguir. Em vão tentei satisfazê-los com dois machados e uma faca. Estavam grudados na parede do rancho do cacique, aborrecidos e meio perturbados, pois

os rapazes bacairís os provocavam, tentando furtar-lhes os arcos e flechas da canoa e quando se defendiam, saíam correndo às risadas. Sentiam-se, evidentemente, diminuídos diante dos seus irmãos de tribo que os haviam enviado para, com toda certeza, lhes levarem o resto dos nossos valores. Acrescia ainda a maneira absolutamente leviana por que os bacairís tratavam êsses seus hóspedes pintados

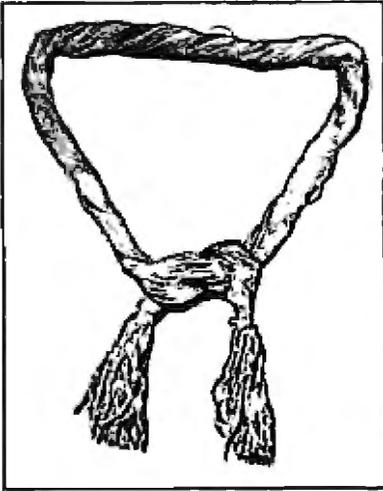


Fig. 13
Cordel de cintura em algodão,
usado pelos homens bacairís.
Museu I. Etnogr. Berlim, V. B. 5189



Fig. 12
Arco e flecha dos bacairís, 1/14 do tam. nat.

de vermelho urucú. Puseram-se em seguida a comer o pedaço de peixe que ambos tinham no barco. Mais tarde, quando, na viagem de regresso, em que os bacairís lhes saíram na frente em algumas canoas, os dois auetós ficavam para trás, retirados pela corrente do rio, aqueles desatavam em gargalhadas gritantes.

Como eu me sentia ainda muito fatigado, tornou-se-me difícil a atividade incessante que precisava manter entre os 45 habitantes do aldeamento. Do que mais gostavam era de me ver articular grande parte do seu vocabulário com o auxílio dos livros de v. d. Steinen. Pela tarde houve exercício de flechas infantís no espaço livre existente entre as quatro casas, em que a minha primeira experiência, que não foi lá muito feliz, os fez rir. Precisei cantar as canções já conhecidas dêles quando da minha viagem de ida: "Margareta" e "Darapi" ou "A canção do André", que é como denominavam a cançoneta "Schoene Wirtshausle, já die hab i an dre an der Zahl"¹⁹, por causa da palavra "an dre", André.

Pensei em poder dormir sossegado esta noite, mas mal me havia deitado na rede, quando dois dansarinos apareceram berrando, batendo com os pés e cantando, após o que se retiraram por uma pequena porta para continuarem num outro rancho a mesma coisa²⁰. A cada dois minutos os bailarinos entravam no rancho num estridente "có cohohohohó", que pretende imitar a voz de um certo pássaro, batiam com os pés durante alguns minutos como um canto de duas vozes, que parecia melodia alternada executada ao mesmo tempo, desaparecendo novamente com o mesmo có cohohohohó. Si eu puxava a minha grande coberta de lã sobre a cabeça para ouvir o menos possível, vinham os cantores ainda mais junto da minha rede e tanto mais agudo se tornava, então, o có cohohohohó. Não era possível pensar sequer em dormir; saí para o terreiro, onde um grande número de indígenas se achava fumando ao redor de uma fogueira. O charuto aromático, recoberto de uma folha verde, ia de boca em boca numa calma absoluta; depois que fiz tambem o meu de palha de milho, do mesmo modo mo tiraram para fazê-lo vagar de boca em boca, voltando depois a mim. Entrementes, tratei de anotar uma das canções, e transformei-me em bacairí, trocando a minha camisa por uma corda para a cintura. Consegui fugir à caiação do corpo, pedindo-lhes que deixassem isso para o outro dia. Por fim, houve dansas em círculo nas quais, para o prazer dos índios, eu tambem tomei parte, não tendo sido vencido pelos meus parceiros, apesar da extraordinária elasticidade com que tentavam abraçar-me as pernas e os jarretes. Um jovem quis obrigar-me a cair por meio de um habil golpe de perna, mas em uma cabeçada fi-lo rolar, o que os seus companheiros receberam com gargalhadas.

(19) N. da T. — O título da canção é em dialeto alemão.

(20) V. Globus Vol. 82, N. 2. Pg. 45.

3 de junho, 1901

Logo de manhã acompanhei uma família ao mandiocal para ver como se colhe o tubérculo da mandioca. Marido, mulher e filhos dirigiram-se todos juntos a certo ponto da plantação, cujo trecho lhes pertencia. Ao chegarem no lugar em que a planta já apresentava tubérculos maduros, a mulher passava o filhinho para o marido, e, com os dedos e um pauzinho de ponta aparada separava a terra nos tubérculos de alguns pés, arrancando-os do sólo. Os galhos inúteis eram cortados na parte superior do tubérculo e alguns destes eram imediatamente recolocados no lugar, de onde a planta fôra arrancada afim de se produzirem novos tubérculos.

No caminho através das grandes plantações, encontramos alguns pés de "mandioca mansa", que os bacairís haviam recebido dos seus irmãos de tribo do Parantinga e, sobre os quais me chamaram a atenção, inteiramente orgulhosos. Viam-se entre os pés do mandiocal alguns arbustos de milho isolados, o que denotava a pouca importância que os indígenas emprestavam à cultura do milho.

Ao voltar às habitações, os dansarinos estavam a bailar dois a dois como na noite anterior, de casa em casa. Conforme me informaram, diziam êles em sua canção de hoje, que era preciso ter em vista o trabalho que os esperava. Tomavam parte nessas dansas os jovens solteiros, os adolescentes e os meninos, que, reunindo-se, formavam fila fechada. Assim, seguiam pelos ranchos, estendendo as mãos, de corpo curvado, para receberem presentes e cantando o "huganotile"²¹, por mim já divulgado no "Globo". Falam essas estrofes, em síntese, das grandes obrigações dos jovens solteiros enviados ao trabalho, dos seus méritos e dos direitos que lhes assistem então à papa de mandioca. As mulheres saíam de dentro das habitações, oferecendo-lhes a sopa em cuias.

Depois disso seguiam todos cantando para a roça. Hoje tomava parte o curandeiro da tribo, para quem iam queimar um trecho da mata, de modo que êle dirigia a cerimônia, unindo o trabalho aos festejos e nessa qualidade dansou longamente entre a aldeia e a mata.

Infelizmente eu ainda hoje tinha muito que fazer, não podendo ir à roça com os índios; em compensação, porém, à tarde, quando os indígenas ainda se achavam no campo,

Fig. 14

Escavador de páu dos bacairís.

Mus. Eth. Berlín, V. B. 5203, 1/4 do tam. nat.



(21) V. detalhes no capítulo: "O estudo do ornamento na região das cabeceiras do rio Xingú".

consegui convencer o indivíduo mais velho da povoação, (indicado por José), por meio de presentes, a dar comigo uma volta pelos ranchos, afim de me informar o nome de cada pessoa dona de tal rêde e, si possível, o respectivo parentesco com os outros.

Pela noite passei algumas horas agradáveis entre os índios de uma das casas vizinhas. Baruní, o velho que me indicara os nomes dos índios, estava sentado perto de mim, tentando fornecer-me as palavras dos primeiros bacairís, estudando êle o significado em português.

Um semi-círculo formado de indivíduos alegres rodeava-nos, acompanhando os meus movimentos com o lapis no livro de notas. Por sua vez êles se eternizaram em meu livro através dos belos desenhos de animais que nele executaram.

4 de junho, 1901.

Pouco depois da minha chegada à aldeia dos bacairís, um pequeno de dez anos de idade, de nome Iéiga, fizera-se muito meu amigo e a amizade que entre nós se estabeleceu foi tão espontânea que êle se prontificou, sem mais aquela, a prestar-me pequenos serviços, principalmente como cicerone pelas redondezas, sendo por mim sempre preferido na distribuição de presentes. Também hoje, quando a população masculina se dirigira como ontem à floresta, entoando as canções de costume, ficou êle comigo para, mais tarde, guiar-me até à queimada.

Uma picada estreita e sinuosa típicamente indígena levava através da floresta por um pequeno curso d'água transparente, onde as mulheres se abasteciam da necessária água para os afazeres do lar. Como o caminho era pantanoso, haviam colocado varas ao comprido, as quais, afinal, eram tão finas que só os índios sabiam equilibrar-se nelas. As mulheres faziam o trajeto até alí sempre escoltadas pelos homens. Uma vez chegadas, tomavam primeiro um banho refrescante, depois do que enchiam as suas cuias de casca de abóbora que levavam para casa sobre a cabeça, formando longa fila.

Nós, também, tomamos primeiro um banho, caminhando depois um certo trecho pela densa floresta vírgem. Um caminho muito sinuoso e cheio de acidentes como uma árvore caída ou outros semelhantes, levava-nos a uma clareira, onde um grupo de índios, na maioria pais de família, se ocupavam em aproveitar os galhos da queimada na confecção de toda a sorte de objetos, o que faziam alí mesmo. Um dêles fabricava um arco, outro um raspador de mandioca, outro colocava um cabo de madeira numa enxada de ferro e todos trabalhavam naquilo a que a madeira se prestava e na que era necessário. Grande parte dos objetos eram destinados, desta vez, para mim, e, após terem tudo pintado com todas as regras de sua arte, fizeram negócio comigo, pagando eu com missangas ou coisa equivalente.

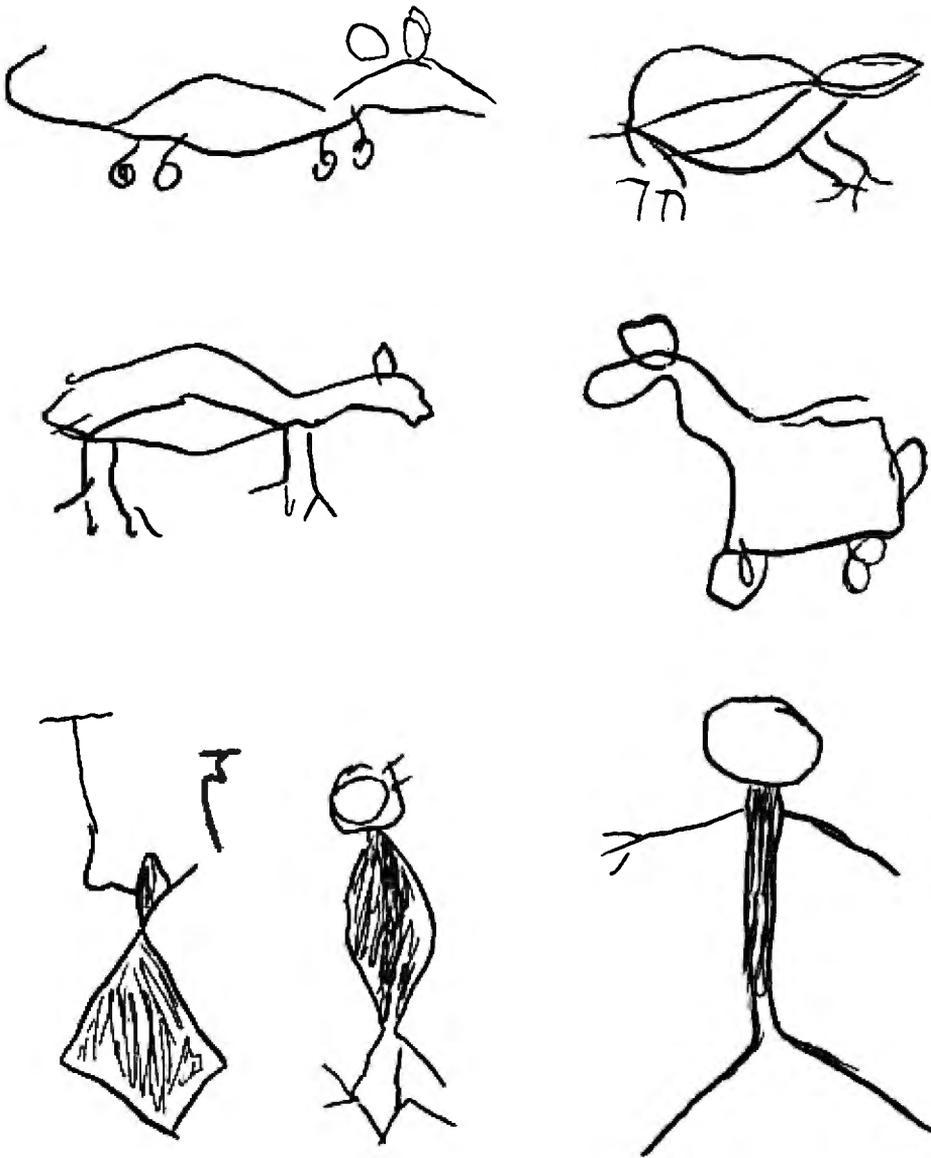


Fig. 15
Desenhos a lapis dos baicarís.
1/1 tam .nat.

Mais adiante chegamos ao local, onde os rapazes se ocupavam em desbravar o mato. Todos estavam alegres e satisfeitos como nuna festa. Os meninos que estiveram cantando fortemente o "huganotile"

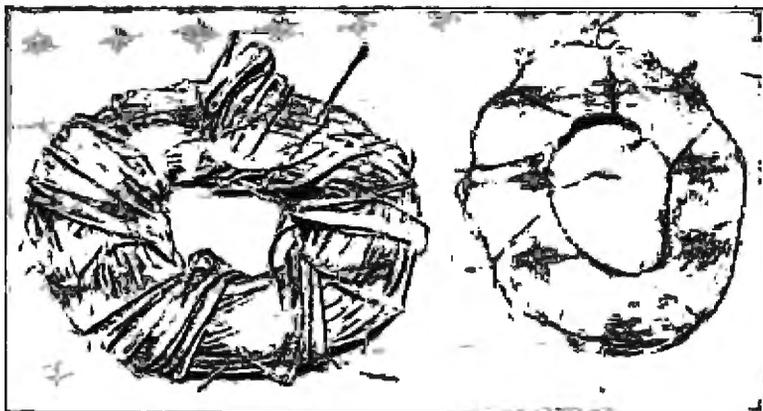


Fig. 16

Rolo que serve de base para sustentar as cargas na cabeça.

Mus. Etn. Berlin, V. B. 5212 e 5213, 1/3 do tam. nat.

ajudavam aquí na remoção dos arbustos por meio de seus pequenos machados, ou batiam as árvores menos fortes, enquanto os mais velhos tratavam das grandes árvores. Só percebi que aquilo tudo obedecia a um plano bem determinado quando peguei da enxada para atacar um tronco razoavel. A princípio deixaram-me à vontade, mas quando o entalho já ameaçava fazer a árvore tombar, chegaram-se diversos índios para mim, num tom polido, mas um tanto exaltado, dizendo que eu não estava fazendo a coisa direito e que me abstinêsse do trabalho. Ao devolver a ferramenta ao indígena, notei que êle se esforçava em modificar o talho que eu fizera naquela árvore. Entremettes, retomei a minha camisa, que tirara por causa do calor e que um índio havia vestido, deixando-me ficar como simples espectador. Os troncos eram trabalhados por êles de tal maneira que, ao caír, arrancavam outras árvores juntamente. O chefe ocupara-se com um tronco excepcionalmente vigoroso e que dominava um grupo de outras árvores que estavam sendo golpeadas pelos rapazes. Quando tudo estava pronto, isto é, quando os troncos se achavam cortados até certo ponto e após todos se afastarem um pouco dali, a enorme árvore do cacique levou os últimos golpes e caíu, com enorme estrondo, arrastando os troncos menores; êstes, por sua vez, levaram ainda outros, formando de repente uma clareira, como sob os efeitos de um tufão. Como sabiam êles aproveitar habilmente as forças naturais já que não possuíam ferramentas suficientes, as quais até ha pouco tempo se constituíam apenas de pequenos machados de pedra?!

Dessa maneira, após seis a sete horas de trabalho, a tarefa do dia estava terminada e os indígenas puseram-se a caminho do regato, onde todos sem me excluir tomaram um banho refrescante. De novo os jovens e os meninos se reuniram de dois em dois, seguindo assim para os lares. Os estridentes "cô cohohohohó" já se faziam ouvir de longe. Depois vinha o canto huganotile com a mesma melodia de quando partiram para o trabalho, mas com outra letra. Continuaram assim cantando diante das portas das habitações, exigindo víveres das mulheres em paga do trabalho que produziram. Cada uma das casas forneceu nesse dia a cada cantor um pedaço de beijú, um pouco de peixe e algum feijão. No dia seguinte, porém, receberam só feijão.

5 de junho, 1901

De manhã fui novamente ao campo com os indígenas, afim de assistir à conclusão dos trabalhos, mas pouco depois sentí-me tão mal que precisei voltar à aldeia. Veio-me uma febre alta, que atribuí, primeiro, às feridas purulentas que tinha nos pés e nas pernas e que, nessas últimas semanas, pioraram muito devido às canceiras que sofri. Não foi possível tratar-me no caminho, durante a fuga aos auctós. Por causa da frequente necessidade de vadear o lodo, de caminhar pelos arbustos de espinhos e o eterno molhar e secar durante a viagem na canoa furada, as pequenas arranhaduras ou inflamaçõezinhas por picadas de insetos, em si insignificantes, não melhoraram, ao contrário, tornaram-se cada vez maiores e persistentes. Acrescia, ainda, que as minhas roupas esfarrapadas permitiram o ataque de insetos aos exames sobre o meu corpo, assim como a exposição constante aos raios ardentes do sol. Os insetos, atraídos pelas feridas, eram a muito custo afastados por mim para evitar que depositassem os seus ovos nelas. Uma das pernas da calça, durante dias a fio, só cobria a perna até o joelho, de modo que a minha perna direita estava sujeita aos insetos, enquanto, ao vadear o rio, bandos de peixinhos faziam egora em torno da ferida, bicando à vontade. Nossos trapos nem eram lavados nesses dias de intranquilidade.

Felizmente, à noite, me senti bastante melhor para poder presenciar à festa da conclusão dos trabalhos no campo, que durou três dias, comemorada por uma refeição em comum. Pouco antes de se iniciar propriamente a festa, houve cantos de huganotile e a entrega de víveres. Estes últimos foram trazidos para o terreiro pelos jovens, onde se achavam reunidos o cacique Caría, os outros pais de família e os meninos em torno de uma fogueira, sentados sobre troncos de árvores que jaziam no chão. Cada um dos jovens distribuía agora a sua comida pelos pais de família, oferecendo pedaço por pedaço, sendo que o chefe recebia geralmente em primeiro lugar. Os peda-

cinhos de peixe ou alguns feijões cozidos estavam cuidadosamente colocados sobre pedacinhos de beijús. O conjunto era muito bonito. Dentro daquela noite de lua, os jovens esbeltos e enfeitados para a festa, com a fala e os rostos compenetrados ofereciam, como págens, a comida nos fragmentos de beijú àquelas figuras pardas rodeando o fogo, sendo que o "piserego" em tijelas de casca de abóbora completava o banquete ao ar livre. Como me havia sentado junto aos convivas, também fui servido pelos jovens.

6 de junho, 1901

Hoje novamente não me foi possível sair da rede, e diante da absoluta indiferença dos meus camaradas pela minha condição, a coisa se tornava muito desagradável para mim. Aliás havia junto de mim, sobre o meu caixote de latão, uma grande quantidade de beijús amontoados, mas essa espécie de pão de mandioca é quasi indigerível a um estômago normal de europeu; quanto a outros petiscos — é difícil obtê-los aqui, principalmente àquele que não pode mover-se de onde está. Os meus camaradas também comem sózinhos o que caçam, ou dividem com alguns índios de sua predileção.

A minha única distração era, além de afugentar, de quando em quando, um galináceo, que queria atacar os beijús, observar a vida que levavam os indígenas no interior da oca grande, ou conversar com eles da maneira por que conversam pessoas cujas línguas são reciprocamente desconhecidas. Para isso, aproximavam-se tão amavelmente que não podia levar-lhes a mal quando, não havendo melhor lugar, se sentavam sobre o caixote onde estavam os meus beijús. Considerando que andavam inteiramente nus, o meu apetite pelos beijús diante disso não podia absolutamente aumentar. Causava-me sempre satisfação vê-los fazer sua "toilette" matutina, quando as mulheres arranjavam os seus cabelos e os das crianças por meio de pentes muito interessantes. Nessas ocasiões, surgia sempre um ou outro piolho que muito rapidamente levavam à boca com delícia.

Onde eu me achava deitado residiam também André e mais 15 índios. Ao meu lado, conforme já descreví atrás, estavam as rêdes do cacique Caría²² e de sua mulher Cauipé²², uma sobre a outra. Seguiam-se as redes das duas filhas menores do cacique Aquída²² e Eguíco²². Aquída, a menor, era muito engraçadinha, podia ter uns quatro a cinco anos. O dia inteiro aquele seu corpinho esbelto e fino que ainda não era velado (nem o da irmã), pelo ulurí, corria por entre os outros. Após alguma timidez, aproximou-se de mim, também, principalmente quando eu começava a mexer nas missangas co-

(22) N. da T. — A grafia do autor é a seguinte: Karía, Kauipé, Akída, Egiko, Sinakálo.

loridas. Vivia ainda com a família do chefe um pequeno orfão de pai e mãe, criado por eles.

Separado por um cavalete quadrado de fritar peixe seguiam-se as rêdes da família do curandeiro da aldeia, Caialábi que era aparentado com o chefe da tribo por intermédio da sua esposa. Esta, de nome Sinacálo²² parecia ser muito doente e, entre outros males,

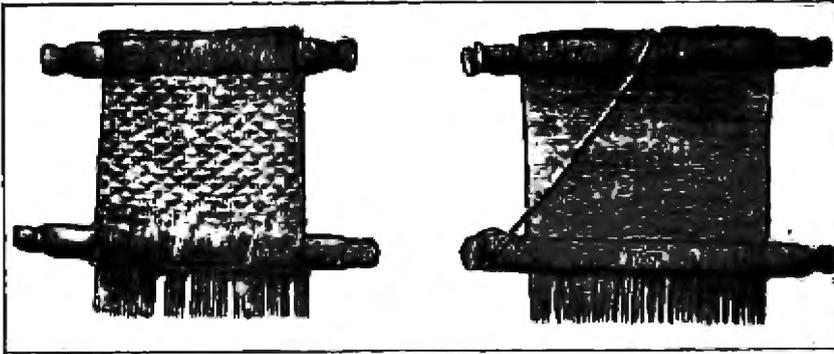


Fig. 17
Pentes bacairís.

Mus. Etn. Berlim, V. B. 5187 e 5188, 1/3 do tam. nat.

tinha uma úlcera bem adiantada no pé. Como não podia manter-se de pé, vinha muitas vezes se arrastando para junto de minha rede para que eu lhe tomasse o pulso, pois assim pensava melhorar. Outros meios de cura que pretendi empregar não me foram permitidos pelo ciumento Caialábi²³. Provavelmente temia abalar sua reputação. Apesar da doença, a pobre mulher realizava os seus deveres para com o seu filho de peito, que gritava frequentemente durante a noite inteira. O pai procurava em vão acalmá-lo, carregando-o no colo de um lado para o outro. Muitas vezes o irmãozinho mais velho do lactante, de nome Vaúto, ajudava a olhar o bebé. Aconteceu que certa vez deixara cair a criança sem querer. Enquanto esta jazia aos berros no chão, o pai saiu atrás do garoto que fugira. Não podendo agarrá-lo, atirou-lhe um pedaço de madeira, que, aliás, não o atingiu, nem parecia dever atingi-lo, mas poucos minutos depois o menino voltava a ser o amigo inseparável do pai no interior doméstico. É necessário salientar que foi a única oportunidade em que vi uma criança indígena ter medo do pai, e a êste encolerizado para com o seu filho.

Era do mesmo modo aparentado com o cacique, através da mulher Coláui e Idúnu (sua espôsa) que viviam na outra metade da casa.

(23) (N. da T.) A grafia do Autor é Kayalábi.

O seu filho Iéiga, a quem já me referi, me era ainda mais dedicado agora, durante minha doença. A partir dêsse grupo separadas pelo grande cavalete, seguiam-se as rêdes de uma menina e dos inseparáveis amigos Pacábi e Orco, ambos alegres rapazes que entravam agora no período da puberdade.

E' claro que para um doente o ambiente acima descrito não era lá muito adequado, principalmente quando o calor que fazia ainda aumentava por intermédio de cinco ou seis fogueiras, de onde subia, dia e noite, a fumaceira intensa dos peixes sobre os cavaletes a fritar. Mas sempre era agradável assistir a essa vida simples, ver como no meio da grande área do rancho fervia, em cuias rasas, o piserego; ao lado a mulher do cacique ralava a raiz da mandioca sobre uma tabuazinha provida de espinhos de palmeira, sendo nisso ajudada pela filhinha Aquída, que descascava a mandioca com uma pequena concha. Ela é muito engraçadinha. Colocara na cabeça um pano de côr, e, sobre as pequeninas ancas um cordão de contas, oferecidos por mim. Eguíco, um pouco mais velha, cozinha os grandes beijús. Os dedos delicados esfarelam a farinha, esfregam-na por uma peneira trançada e despejam o conteúdo cuidadosamente sobre uma chapa de barro quente, onde vai cozinhar. A farinha é, em seguida, alisada por um peda-



Fig. 18

Ralador de mandioca dos bacairís.

Mus. Etn. Berlim, V. B. 5209, 1/7 do tam. nat.

cinho de madeira achatado, com o qual também se vira o grande bolo depois que está cozido de um lado. Se ao virar o beijú fica prêso um pedaço, a pequenina e parda figura solta um suspiro, e vira a cabeça afim de lançar para trás os cabelos que lhe cobrem a frente.

À noitinha chegou o cacique Caría, com alguns amigos, da pesca. Ofereceu-me logo um exemplar do seu cabaz. Faminto como eu estava, saí logo de dentro da rêde para limpar o peixe e fritá-lo em seguida. Infelizmente toda noite até o amanhecer houve canto e dança incessante, desta vez acompanhada pelas grandes flautas e pelos maracás de casca de abóbora. Conforme me informou José, isso significava novas desbravações na floresta.

7 de junho, 1901

Durante o dia de hoje, sentí-me cada vez pior. Não era possível levantar-me e experimentava sobretudo grande falta de ar. Em torno de mim, havia uma animação constante. Volta e meia, entra-

vam algumas crianças correndo e rindo ou exclamando alegremente "Margareta, Margareta", sua canção preferida. O pequeno Iéiga aproximou-se de mim e levantou os dedos dizendo: "Um, dois, três, quatro", queria êle aprender a contar em português, o que não conseguia. O pequeno sentia-se fatigado, mas tentava sempre de novo. A mim também não me aprazia hoje fazer de professor. As dôres nos membros indicavam cada vez mais que eu estava atacado de malária, adquirida provavelmente durante as aventuras nas lagoas dos auetós. Estava aterrado com a idéia de precisar enfrentar essa situação nas condições irremediáveis em que me encontrava. "Margareta, Margareta", pedia agora o meu amiguinho. Mas a canção modulada diversamente, tanto nos momentos perigosos entre os gananciosos naucuás, como diante da astúcia e da ladroeira dos auetós, como também diante dos tão temidos trumaís, essa canção não me saía agora da garganta. Recusei mostrando a minha cabeça quente e disse: "Curapa", isto é: A cabeça está mal. Diante disso o menino saíu calado.

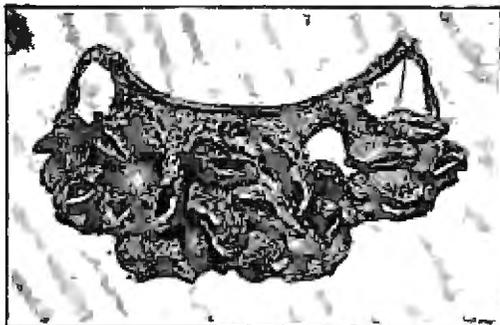


Fig. 19

Taramelas dos artelhos usados pelos dançarinos bacairís.

Mus. Etn. Berlim, V. B. 5202, 1/3 do tam. nat.

Penosamente, virei-me para o outro lado. Sentia fraqueza. Veio uma forte sensação de fome e quebrei um pedaço de beijú, que, já um pouco mofado, o meu estomago fraco não queria aceitar. Perguntei pelos meus companheiros. José e Chico tinham saído para caçar. Talvez me trouxessem alguma ave. André, que se queixava de dor de cabeça, também caiu em desânimo e só falava em regressar no dia seguinte. Dizia que viria buscar-me com uma tropa de bois daí a alguns meses. Eu mesmo fiquei a pensar no que já passara e no que ainda nos esperava até que, cansado, tentei dormir. Nesse momento entrava um grupo de mulheres e meninas. Uma velha um tanto corpulenta, usando grosso cordão de missangas ofereceu-me um grande beijú que poz na minha mão. Uma outra joven índia de longos cabelos negros trouxe um pequeno fuso de tecelagem para a minha coleção

e a bela Tuirquí, linda adolescente, de corpo esbelto, provavelmente cõscea de seus encantos, entregou-me risonha alguns desses pequenos tularís de fibra, que constituem a única peça do vestuário feminino, não alcançando sequer o tamanho de uma folha de parreira. Peguei nêsses objetos e mostrei a minha cabeça, dizendo "Curapa". Elas me entenderam, mas nem por isso deixaram de me torturar. Uma queria em troca um lenço de cor, a outra uma quantidade de missangas, e assim por diante. Como eu me achava tão fraco que nem podia levantar-me dentro da rede, prometi-lhes tudo para o dia seguinte, o que, afinal, consegui demovê-las, e, após ter cantado com as últimas forças a canção "Margareta", acabaram cedendo.

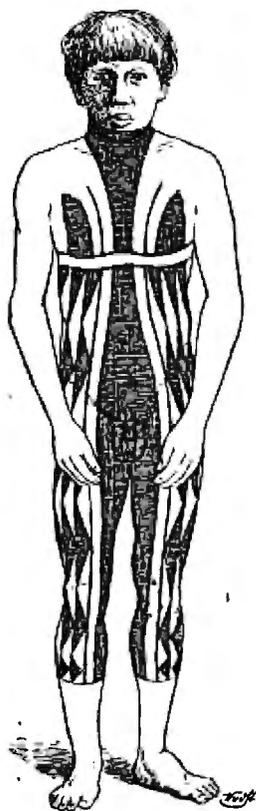


Fig 20
Pintura do corpo de um
bacairí. Desenho ou mo-
tivo "iauari".

A febre aumentava cada vez mais, os vultos das mulheres e das meninas pareciam-me envolvidas num véu. Uma delas atendeu ao meu pedido, trazendo-me um pouco de água numa cúia. De longe eu ouvia os sons agudos do "có cóhohohohó" e depois o hukanotile que se aproximava cada vez mais. Os rapazes voltavam do trabalho na floresta. As vozes dos meninos soavam agudas em meio do canto abafado. Em breve os cantos entravam na aldeia e o ritmo para mim já conhecido penetrava surdamente nos meus ouvidos. Pararam primeiro diante do nosso rancho cantando, de posição curvada, batendo os pés no chão até que as donas de casa saíram para lhes entregar o devido tributo em alimentos.

Hoje, as suas canções não passaram para mim de um ruído surdo. Diante dos meus olhos semicerrados, os vultos escuros dansavam loucamente na névoa. Que seria de mim se os dançarinos entrassem, cada dez minutos, na noite a dentro, batendo os pés e a cantar? Não tive nem tempo de pensar. Uma fresca e jovem índia de cachos negros, de nome Pacabí, acabava de entrar, acompanhada de seu primo Orfo, ambos com o cabelo tinto de urucú e o corpo ornado de desenhos pretos. Nas orelhas usavam as penas amarelas do japú. Uma cadeia de conchas pendia-lhe do pescoço e um cordão de pequenas contas azues ornava-lhe a cintura. O estridente grito de "có colohohohohó" despertou minha atenção para êles. Estremecei e puxei minha coberta de lã sobre a cabeça, mas o côro rítmico das suas duas jovens gargantas atravessava a coberta.

Ao lado da minha rede ouvi alguém que espirrava, sorvia e chupava. Era Cailábi, o curandeiro que muito se esforçava em curar o cacique, que havia adoecido depois da pescaria da véspera, achando-se a gemer em sua rede. O curandeiro aspirava com toda a força o ventre do doente, fazendo toda a sorte de ruídos borbulhantes, após o que se acocorava num canto escuro da oca, fumando fortemente num longo charuto. Novamente chegou-se ao doente, sugou, sorveu, borbulhou e apareceu por fim com duas raizezinhas que pretendia ter arrancado da barriga do doente, como sendo as fontes do seu mal. Esse processo repetia-se constantemente e com muita paciência. Prudentemente o curandeiro refugiou-se no escuro canto, quando percebeu que eu o observava nas suas manobras feiticeiras.

Nesse dia, o espetáculo que eu presenciava me impressionara sobremodo. Quem sabe, quando as minhas forças me abandonassem de todo, que eu seria obrigado, por não poder evitá-lo, a sofrer esse processo de cura! Por várias vezes, eu recusara o bem intencionado oferecimento que me fizeram os meus companheiros de rancho de me submeter à cura do feiticeiro.

Entrementes entraram André e José, trazendo um prato de arroz e galinha cozida, especialmente preparado para mim, mas o meu acesso de febre aumentara muito e não pude comer. Ambos pareceram compadecidos ao notarem o meu estado, mas logo depois saíram satisfeitos. Para eles era muito mais interessante estar na casa da "moreniuha", (conforme denominavam a jovem índia Tuirquí), onde também havia outras beldades. "Huganotile", cantava José com voz penetrante ao sair. Os moradores do rancho notaram entretanto que eu estava realmente doente, de modo que muitas mulheres se puseram em volta da minha rede, exprimindo tanta compaixão nas suas fisio-nomias, que parecia duvidarem do meu restabelecimento. "Curapa, curapa" disse eu novamente, isto é, não permitam que nesta noite se danse e cante neste rancho". E, com efeito, atenderam o meu pedido. Ao escurecer as mulheres barraram as portas por dentro tão fortemente que nenhum dos jovens poderia entrar para dançar. As muitas fogueiras ali no escuro, assim como os buracos no telhado, através do qual entrava o luar, pareciam-me cada vez mais sinistras e sob uma luz verde, que foi para mim a última impressão desse dia, pouco a pouco adormeci.

8 de junho, 1901

Na manhã seguinte a febre propriamente tinha passado, mas ainda me achava muito fraco, e experimentava forte sensação de fome, visto que no dia anterior nada conseguira comer. Mas, além dos beijús e um pouco de cacáu e "Somatose"²⁴, que eu mesmo preparei, não havia nada. Após muitas tentativas inúteis, consegui que uma

velha índia me dêsse em troca de um punhado de missangas, o seu último peixe seco, que retirou de sua velha bolsa trançada, debaixo

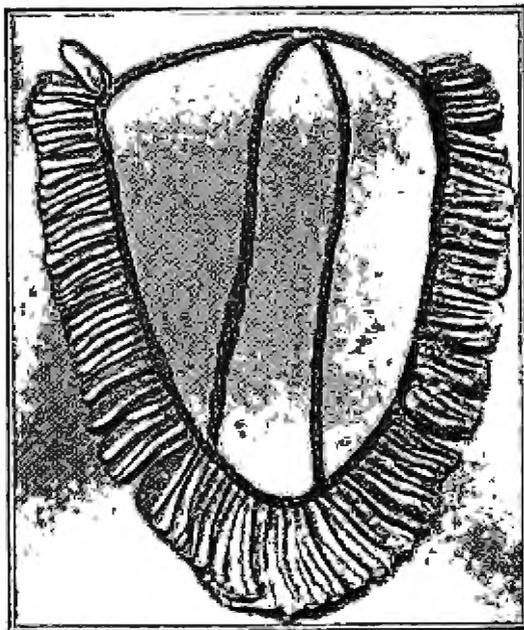


Fig. 21

Colar de conchas usado pelos homens bacairis.

Mus. Etn. Berlin, V. B. 5197, 1/2 do tam. nat.

de uma porção de objetos diversos. Embora o peixe estivesse tão cheio de bicho, que era preciso retirar a maior parte de dentro da cavidade da barriga, ficando apenas o resto do peixe ressequido, não pude, diante da intensa necessidade de comer carne, resistir à tentação de atacá-lo.

Infelizmente eu reconhecia cada vez mais que André, afinal, tinha razão quando alegava não suportar mais a comida indígena, pretendendo regressar de qualquer maneira nos próximos dias. Além do mais, também estava doente da febre. Como iria eu arranjar-me sem André, fraco como me sentia, em quem, no caso de necessidade, eu encontrava certo apoio? Na noite seguinte, que me pareceu infundável pelas preocupações que me assaltaram o espírito, tomei a resolução de

(24) N. da T. — "Somatose" — parece tratar-se de Zomos ou Zomodium que significa sopa nutritiva, caldo de carne. (Dicionário: Hyses Fremdwörterbuch).

regressar junto com os meus companheiros nos próximos dias, afim de em breve chegar a Cuiabá e de Cuiabá seguir para a Europa. Mas que faria eu com os meus livros, instrumentos e coleções? Até o local de embarque no Coliseu, os índios ajudariam a carregar, mas daí ao Paranatinga, para onde eu mandara voltar os bois de carga e as bēstas, não haveria meio de transporte. Poderíamos no máximo levar as provisões de boca para nós quatro, si quisessemos ir a pé até o Paranatinga. Sabia que Antônio não viria buscar-me no outono, nem traria os animais conforme havíamos combinado, pois eu já adquirira experiência bastante para não me iludir a êsse respeito. Creio que nem André jamais teria voltado ao Coliseu, embora o tivesse prometido firmemente.

11 de junho, 1901

Após ter nos últimos dois dias feito os preparativos finais para a viagem, juntando, principalmente, à coleção etnográfica ainda algumas peças adquiridas, tudo estava pronto para a partida, esta manhã. Já na vespera os índios levaram a maior parte da bagagem ao lugar mais próximo do porto. Eu caminhava com esforço por entre as plantações e a floresta. Dormi, então, com André, ali mesmo junto as bagagens e, logo pela manhã bem cedo, a visita dos índios para a despedida não se fez esperar, aproximando-se todos, um atrás do outro, numa extensa fila. Eram as últimas horas que ainda ia passar com os meus amigos pardos. Embora a minha estada entre êles me tivesse custado muitos sacrifícios, confesso, porém, que a lembrança dos momentos agradáveis passados em sua companhia, já me dificultava a separação. O chefe da tribo Caría é que se tornara um verdadeiro amigo meu. A única coisa que podia deixar-lhe como recordação era o resto do meu violino, assim como algumas caixas de latão contendo sementes de flores e de legumes. Havia guardado as sementes até aqui, pois tencionava durante a minha estada prolongada entre os indígenas semear em torno de mim, para me lembrar, um pouco da Europa. Agora que me ia embora não precisava mais guardá-las, e si Caría cumprisse a promessa, semeando mesmo, talvez contribuísse assim para que, algum dia, os cientistas estabeleçam relações entre o velho e o novo mundo, sob o ponto de vista botânico, de uma maneira mais perfeita do que lhes tem sido possível até hoje.

Três dos índios de Maimaieti iriam acompanhar-nos até o local de embarque. Como éramos sete homens e três barcos, eu não precisaria remar, de modo que me sentei no centro da embarcação tripulada por André e José. Os olhares dos moradores de Maimaieti acompanharam-nos ainda até à última volta do rio. Tinham vindo todos, até mesmo as criancinhas, para se despedirem.

Nosso barco começou a fazer muita água. Era um daquêles que havíamos construído. Estava a esvaziar a água sem parar um instante e na primeira corredeira encheu-se tanto que por um triz teria afundado. Muitos dos nossos objetos ensoparam-se, mas quando André mudou de lugar com um dos bacairís, experiente em lidar com o rio, tudo pareceu correr melhor. Passamos muito bem por uma cachoeira, mas na outra o barco encheu-se súbitamente e afundou. Era difícil a gente manter-se de pé, em meio das pedras por onde a água rugia segurando as peças importantes retiradas a tempo do barco. Tudo que era leve boiava na corrente que descia, o resto naufragou. Enquanto alguns de nós apanhávamos volumes caídos no rio para colocá-los sobre os recifes mais próximos, uma canoa subiu a correnteza para buscar as coisas levadas por ela. Botou-se quasi tudo a salvo, mas grande parte ficou avariada pela umidade. A embarcação foi retirada do leito do rio por dois homens que a empurraram para cima até aparecer a extremidade superior, o que, aliás, não exigia muito esforço. Depois impelindo-a para trás e para a frente, lançaram fora parte da água. O resto foi esvaziado por meio de cuias, e com as mãos.

E' claro que com êsse incidente foi preciso, antes de mais nada, esperar até que secassem os objetos principais. As minhas chapas fotográficas ficaram reduzidas a um grande bôlo massiço, e não pude fazer mais nada sinão jogar o fruto de tanto trabalho no rio. Cuidadosamente retirei os nossos últimos fósforos das caixas molhadas para colocá-los sobre uma pedra lisa ao sol.

Entrementès os nossos amigos bacairís ofereceram-se a voltar a Maimaieti, afim de nos trazer uma canoa melhor, de modo que por isso adiamos o proseguimento da viagem para o dia seguinte.

Ao estender a minha rêde um pouco mais longe da dos meus companheiros, chamou-me a atenção o cuidado com que um dos maimaietianos destruía por meio de fogo de tocha um formigueiro, que, aliás, parecia abandonado. Não me importei com isso no momento, mas na manhã seguinte, ao acordar, vi umas formigas de uns 4 cm. de comprimento, que corriam sobre o montãozinho de terra, carregando algumas companheiras feridas e mortas. Eu ainda não havia observado esses formigões; coloquei então, um dêles na mão, afim de vê-lo melhor, mas a dor que sentí quando me enterrou o ferrão foi intensíssima.

E pensei com gratidão no índio que com tanta dedicação e sem dizer palavra, me puzera a salvo de um assalto notúrno por parte dessas terríveis formigas "tocanguira"²⁵.

(25) N. da T. — "Tocanguira" — o mesmo que tocandira ou tocandeira.

12 de junho, 1901

Nos próximos oito dias a viagem transcorreu sem novidades dignas de nota. No dia 13 atravessamos a grande corredeira junto ao aldeamento Maigéri com a ajuda espontânea dos seus habitantes in-



Fig. 22

Remo dos bacairís.

Propriedade do autor, 1/8 do tam. nat.

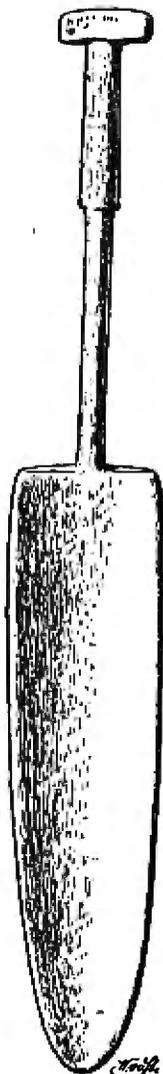


Fig. 23

Remo dos bacairís.

Propriedade de W. v. d. Steinen, 1/8 do tam. nat.

dígenas. Aquí pude enriquecer a minha coleção com uns belos peixes de madeira que usam na cabeça quando dansam.

Depois de nos termos afastado um pouco da povoação, tivemos fartas oportunidades de pescar bem, e encontramos boa caça nas margens. Nossos cavaletes, no almoço e no jantar, tinham o que assar, apresentando, assim, exemplares diversos do reino animal, como anta, macaco, coatí, galináceos e patos; isso nos compensava de certo modo a perda no naufragio dos beijús que havíamos trazido de Maimaieti, pois toda a provisão estava mofada.

Infelizmente André sofria últimamente frequentes acessos de febre. Agora, durante a viagem de canôa, isso não tinha ainda muita importância. Quando se sentia peor do que eu, ajudava-me a remar e vice-versa. Mas, o que nos preocupava, principalmente, era a perspectiva da caminhada que nos esperava mais tarde, uma vez que ambos estávamos atacados de malária.

No dia 19 de junho, à tarde, chegáramos ao nosso primitivo local de embarque. Aproveitei o resto do dia nos preparativos da marcha. Chegara o momento em que iria deixar a coleção, os livros e grande parte dos desenhos entregues a um destino incerto. Como tudo ainda se achava mais ou menos úmido da viagem fluvial, não podia guardá-los no caixote de lata, mas utilizei-me do abrigo já ameaçando ruína, construído pelo Dr. Pilger, da expedição Meyer, para alí estender tudo e deixar ficar. Havia bem pouca esperança de ainda tornar a ver aquelas peças.

CAPÍTULO IV

Regresso a Cuiabá — Prosseguimento da viagem para Amolar

27 de junho, 1901

Aquí fica uma lacuna de 7 dias a preencher no diário, sete dias de uma penosa luta pela vida. No dia em que tornei a escrever as primeiras linhas estava ainda muito abatido e fraco na casa do chefe bacairí Antônio, no Paranatinga, onde D. Rosa, sua esposa, se havia encarregado de me tratar.

Resumirei o que se passou nesse intervalo:

No dia 20 de junho pela manhã tínhamos tudo pronto para a partida, mas os meus pés estavam em muito más condições. Além disso ainda precisava contar com um ou outro acesso. Preocupava-me, também a nossa minguante provisão. Por felicidade encontramos alguns velhos e mofados beijús no rancho de abrigo que existe no local de embarque, provavelmente ali depositados algumas semanas atrás por bacairís de passagem, mas êsses poucos beijús só nos chegariam para alguns dias. Por isso resolví mandar na frente José e Chico, os dois índios que certamente sabiam caminhar mais depressa que nós, levando a metade das provisões de que dispunhamos para que êles chegassem o mais depressa possível ao Paranatinga, vindo ao nosso encontro de lá com os cavalos, e mais alimentos. O que me levou a agir assim foi pensar que, si em meio do caminho não conseguisse mais andar, José e Chico por certo me abandonariam na estrada. Seria prova muito dura para André não se aliar a êles. Mas, indo-se José e Chico, ficaríamos nós dois dependentes um do outro, procurando adiantar-nos lentamente.

Algum tempo depois de terem saído os dois índios, que, aliás, se despediram com o levantar do sol, partimos, André e eu. Em breve, porém, (logo depois do meio-dia) fomos obrigados a procurar um lugar para pernoitar, pois a pesada bagagem que eu arrastava me fatigara demais. Com um fio de linha preso numa agulha, pescamos sete lambarís, peixes de mais ou menos 8 cm. de comprimento, que foram o nosso jantar.

No dia 22 de junho tivemos a sorte de matar um corço, por cuja carne estávamos anciosos. Além dos males, que já me afligiam o meu estômago, também adoeecera em consequência da má alimentação, de modo que à noite jazia meio desmaiado no chão. André pretendia arranjar um lugar paar dormir mais adiante, e começara a fazer uma cara de quem ia deixar-me ali e seguir para a frente sózinho. Fingí que concordava em que fosse, mas disse-lhe logo muito calmo, que mandasse lembranças aos meus patrícios em Cuiabá e que lhes dissésse que havia deixado o patrão deitado no solo entre os rios Coliseu e Batoví. Sem me responder deixou-se ficar, e algumas horas depois encontrei novamente forças para ir com êle à cata de um alojamento mais adequado.

A 22 de junho atravessamos, pelo meio-dia, o rio Batoví, acampando à noite não muito longe do rio Jatobá.

Em 23 de junho, logo pela manhã, acometeu-me um forte acesso a ponto de não poder seguir, apesar de todos os meus esforços, caíndo na margem do Jatobá. André estendeu minha rêde entre duas árvores da deusa floresta, metendo-me na mesma com alguma dificuldade. Depois foi caçar e eu fiquei inteiramente só e indefeso sob a espêssa floresta vírgem entre uma infinidade de passarinhos e outros animais que emprestavam vida à solidão e contribuíam para o ruído tão característico da mata vírgem. Teria André de fato ido caçar ou ter-me-á deixado de uma vez? E si pretendia voltar, estaria tão certo dos caminhos nos bosques a ponto de me saber encontrar? Todos êsses cuidados me assaltavam e só desapareceram ao tornar a ver, horas depois, André, junto à minha rêde. Tivera a felicidade de matar dois macacos, de modo que os dias mais próximos estavam garantidos. Entretanto não dispúnhamos sinão de meio litro de farinha, e não havia mais beijús. Que seria de nós se não nos pusessemos a caminho imediatamente? André afirmava com toda segurança que José e Chico não voltariam do rio Parauatinga para nos trazer provisões e eu admitia que êle estivesse bem informado a respeito das verdadeiras intenções dos dois camaradas. Devia saber até mais do que dizia.

Dos dois macacos só restou no dia seguinte, 24 de junho, um antebraço, que devorei com a fome intensa que se experimenta após um acesso. Como necessitávamos seguir de qualquer maneira, resolví deixar por aquí toda a bagagem, inclusive a metade da minha ampla coberta de lã. Os pratos de sopa, a panela e a rêde constituíam grande parte da carga que levava. O mais difícil para mim era separar-me do meu diário, afinal até êste eu me resolví a deixar ali no chão, após muita hesitação. André foi muitas vezes testemunha de como registrava no diário minhas impressões pela noite a dentro, deitado sobre o ventre. Era possível que se lembrásse disso no momento em que me viu na dúvida atroz de abandonar também o livrinho, pois sileu-

ciosamente apanhou o caderno do chão e meteu-o no sacco em que levava os seus últimos haveres.

Nêsse dia e no outro adiantamo-nos bom pedaço, e quando André me via ficar atrás, pegava uma folha de palmeira ou um pouco de capim, acendendo-o por alí para que eu não me perdesse. Pouco depois toda a região se achava por isso em chamas, que se aproximavam cada vez mais, o que me obrigava simplesmente a adiantar-me, embora estivesse fraquíssimo.

Havia já dois dias que não encontrávamos nenhum comestível, sendo que no dia 25 de junho não havia absolutamente nada para comer.

Acháramos um lugar para dormir e alí estávamos a olhar um para o outro, sem saber como arranjar algo que se pudesse comer. Em torno de nós só havia áridos capinzais e todas as minhas idéas estavam esgotadas. Mas, André sempre se lembrou de uma coisa. Lembrou-se que anos atrás, em companhia de alguns seringueiros, estivera numa situação idêntica à nossa e que o chefe, então, ordenara que, cortassêem uma boa quantidade de guarirobas,²⁶ que também tínhamos aquí entre o mato por toda a parte, e que retirassem as partes inferiores dos cabos das fôlhas para assá-las sobre o fogo. Procedemos de igual modo e, ainda que a massa fôsse um tanto amarga e pouco agradável, era sempre alguma coisa para enganar o estômago.

Na noite de 26 de junho, fui novamente atacado por um acesso. Como não possuía mais rêde, improvisei um leito numa cavidade do sólo, onde pus uma porção de capim. Durante a noite veio uma chuva fina, que é muito rara nestas paragens no mês de junho, e o meu leito ficou umido. De manhã estava eu transido de frio. Ao olhar para André, sua face apresentava um abatimento profundo, abatimento êsse que nêstes dias de fome deve ter aumentado muito. Avistamos da altura em que nos encontrávamos o vale do Paranatinga e o que, para nós, era mais importante: havia lá em baixo um capim muito verde e fresco; portanto, havia perspectiva de lá encontrarmos um corço ou outro animal. Quasi mortos de fome, descemos o declive, vagarosamente um atrás do outro, pela estreita picada já improvisada por nós na viagem de ida. Alguns abutres, que já há alguns dias nos acompanhavam, continuavam voando sobre nós. Certamente não visavam os restos das nossas refeições, deviam ter em vista bocado melhor... Mas, ainda que nos sentissemos no auge da fadiga e do esgotamento, a manhã em que avistamos o vale do Paranatinga deu-nos novo impulso para proseguirmos num esforço derradeiro. Em breve avistamos uma pequena manada de veadinhos, que se destacava na vasta superfície verde. Deitei-me logo no chão, afim de não as-

(26) N. da T. — Guariroba — espécie de palmeira.

sustar os animais e André arrastou-se, armado, até o ponto propício para atirar. Foram momentos de grande tensão para mim. Pareceu, por um instante, que já haviam farejado o caçador, mas este sabia aproveitar todos os acidentes do solo; por fim veio a bala certa. De novo tínhamos carne que daria até o Paranatinga. Cortamos o fígado e o coração da presa, penduramo-los em bastões que apoiamos nas costas. fomos procurar uma fonte d'agua mais próxima, onde iríamos comer o tão almejado manjar. Assamos a carne e, após pequeno descanso, continuamos o caminho levando o resto sobre os ombros. Precisamos atravessar uma altitude, onde o calor era intenso, antes de chegarmos à nossa próxima etapa que era o Córrego Limpo, com as suas margens de rio de sombras protectoras e onde iríamos matar a sede que nos torturava. Esfolado como cheguei, fiquei durante algum tempo estirado à margem do rio, depois do que me puz a vadear com grande esforço e dolorosamente pelo lodo e a água, procurando, então, meter os meus pés inchados nas meias e nas botas, quando ruidos nos chamaram a atenção. No mesmo instante apareceram dois cavaleiros que vinham em nossa direção. Era o meu camarada Chico e outro índio do Paranatinga. Tínhamos bēstas para montar e comida! Estavamos salvos, portanto, e ainda nesta mesma noite estaríamos na aldeia indígena sem maiores dificuldades. Os dois rapazes trouxeram-nos alguns "matrinxãs", "farinha", "rapadura" e, o que era mais precioso, muita cana de açúcar. Foi com louca sofreguidão que nos pusemos a atacar todas essas preciosidades alimentícias.

André e eu montamos os dois animais, enquanto os índios seguiam a pé. Era para mim um verdadeiro prazer sentir-me de estômago cheio, sentado calmamente sobre o meu velho Violento, após todas as aventuras por que passei, a chupar um pedaço após outro as longas canas de açúcar penduradas na sela atrás.

Algumas horas depois atingimos o rio Paranatinga. Dei dois tiros para avisar os moradores da margem oposta para que nos viessem buscar em suas canoas. Imediatamente fomos ouvidos e pouco depois veio um índio, de nome José Baicari, com dois meninos, atravessando o rio em nossa direção. Fomos transportados. Depois montamos até a casa do chefe Antônio, esfarrapados como estavamos. Este havia ido com a maior parte de sua gente para uma festa na casa de Perot, o irmão de Gange, em Cuiabá de Largo, onde se realizava o batismo dos "xinguanos" residentes na propriedade de Antônio.

Nem por isso deixei de colocar uma rêde em sua casa e D. Rosa, sua esposa, trouxe-me logo um belo matrinxã frito, sinal de que era benvindo em sua casa.

Embora José e Chico tivessem chegado à aldeia ha alguns dias, êles sô trataram de nos vir ao encontro com os víveres e os animais,

quando notaram a nossa lenta aproximação através da fumaça das fogueiras que fazíamos no sertão. José desculpou-se comigo, alegando que já no início da marcha, tivéra um pé machucado, e que seguira manquejando penosamente, deixando todos os volumes, inclusive os beijús. Que êle e Chico também sofreram fome e que, no último dia, nada mais tinham para a boca. Que, em consequência, ficara tão fraco que não podia voltar logo para nos encontrar, e que seu padraсто Antônio havia expressamente proibido mandar um outro indígena conforme José lhe propusera.

Verifica-se que os bacairís do rio Paranatinga não fizeram, evidentemente, muita questão que voltássemos sãos e salvos. Do contrário teriam tomado providências para nos salvar, o que não lhes custaria muito, porque viriam montados. E' claro que sabiam que após sete dias a nossa provisão estava ha muito acabada, assim como, conhecendo a região, estavam certos de que a caça era rara. Quando, mais tarde, perceberam através das colunas de fumaça que nos aproximávamos, realmente, então saíram ao nosso encontro, pois o trecho de caminho agora era bem curto para êles.

As condições dos bois que em tempos voltaram ao Paranatinga eram, conforme me informei, satisfatórias. Apenas um sucumbira em consequência de seus grandes ferimentos, os outros curaram-se todos. Mas que iria eu fazer agora com os dois? Não poderia levá-los na longa viagem que ainda precisava fazer, nem tão pouco vendê-los antes de partir, a uma gente que não possuía dinheiro. Portanto deixei os bois sumariamente como presentes a Antonio e José sob a condição de que êles deveriam buscar os objetos deixados no Coliseu e despachá-los para Cuiabá. Cumpririam ou não a promessa — só o futuro diria ²⁷.

Cinco dias depois, eu estava bastante forte para continuar viagem, mas só contava em melhorar de saúde de uma maneira decisiva quando chegasse a Cuiabá. Dessa forma, André e eu cavalgamos para Córrego Fundo, levando os necessários víveres na bruaca. Chegamos no dia seguinte pelo meio-dia. Embora parecêssemos, ao chegarmos no sítio do Gange, dois piratas maltrapilhos, fomos recebidos da melhor maneira possível e aí satisfizemos nossas necessidades de civilizados. Em primeiro lugar Gange me levou a um regato proximo, onde pude tomar banho e pôr uma roupa limpa que êle me trouxe. Eu estava coberto de sujeira e sangue das caças. A alimentação mais regular que Gange me ofereceu em grande quantidade me fez muito bem. Entretanto precisei demorar-me mais do que tencionava, porque continuava a ter fortes acessos de febre. Assim só no dia 12 de Julho, continuei em companhia de André a cavalgada para Cuiabá.

(27) Os índios cumpriram a sua promessa e em março de 1904, portanto, três anos depois — tomei posse dos objetos deixados por mim na região do rio Coliseu. Leia-se, no prefácio, como isso se verificou.

Emquanto estivemos em casa do Gange, recebemos frequentes visitas dos bacairís do Paranatinga, que eram agora todos meus amigos. Trabalhavam eles agora, para Gange, nos seringais proximos ao rio, e justamente nesses últimos dias tiveram um choque com seus inimigos hereditários, os índios caiabís, a seis léguas do sítio, tendo sido morto um caiabí. E' claro que a notícia de que essa tribo tão temida vagava próximo dali, deixou as mulheres muito assustadas, principalmente achando-se Gange fóra no momento e bem assim a maior parte dos seus homens.

O chefe Antônio também apareceu em visita por alguns dias. Aliás chegára em mísero estado, pois o seu cavallo lhe dera dois coices no caminho. Uma das patas atingira-lhe o peito e a outra o rosto, de modo que ambas essas partes estavam avariadas e inchadas. De acordo com o legítimo costume indígena, Antônio quisera matar imediatamente o cavallo, mas quando notou que não havia fratura, refletiu e continuou a cavalgar. Esse incidente veio muito a propósito para André. Eu lhe havia dado além do ordenado o meu velho cavallo Violento como presente, por causa dos seus dedicados serviços nos períodos mais difíceis que atravessamos. Agora aproveitava-se ele da indignação em que se achava o chefe indígena pelo animal para lhe propor a troca de Violento, que era ainda novo e forte e não tinha o defeito de dar coices.

Por mais penoso que me fosse cavalgar, eu procurava adiantar-me o mais depressa possível para Cuiabá. Como possuíamos agora novos animais de montar — eu ia na minha mula Mantuca e André no seu cavallo novo — chegamos após oito dias de viagem calma à capital, descendo a 19 de julho, pela tarde, diante do Hotel Americano.

A primeira coisa que fiz, foi pedir dois almoços e uma garrafa de vinho para o meu quarto. Alí, juntamente com o meu fiel companheiro, com quem tantas vezes partilhei de um cardápio, a que ambos não estávamos habituados, nos regalariamos ainda uma vez. Si bem que jamais houvesse bebido vinho tinto, André estava compenetrado da situação ao batermos os copos numa saudação pela feliz chegada a Cuiabá. Quantas vezes, em silencio, havíamos perdido a esperança de rever Cuiabá — só nós o sabíamos. Não sei si estava cômico de que eu lhe devia a minha vida. Na manhã seguinte, ao se despedir de mim, só me disse, com ar serio: "Senhor, desculpe algumas coisas". Conhecia-se pela sua fisionomia que não era uma simples palavra banal de despedida, mas que nesse momento se lembrava de determinados momentos da nossa viagem. Outrossim, o meu agradecimento pelos seus dedicados serviços também exprimiram algo de mais profundo do que as poucas palavras proferidas.

Uma vez em Cuiabá, resolví antes de mais nada recolher-me ao leito, o que não havia feito desde a minha passagem por Corumbá no ano passado. E, como nos dois meses que se passaram entre a minha

chegada a Cuiabá e o meu novo intento de procurar os índios guatós, estive de cama, inclusive os últimos quatorze dias da véspera do embarque, nada tenho a registrar aqui desse período.

Uma das minhas maiores alegrias, naturalmente, foi o recebimento de cartas da pátria, que o sr. Goerne imediatamente me entregava. Entre as cartas encontrei uma do Prof. v. d. Steinen em que me convidava a realizar nova expedição. Era com prazer que eu considerava essa oportunidade de poder substituir as coleções etnológicas deixadas no Coliseu, entregues a um futuro incerto, por outras que porventura trouxesse de outra viagem, mas a condição essencial era que eu me restabelecesse, primeiro, completamente, antes de o fazer.

Algum tempo depois considerava-me suficientemente bom para realizar uma excursão aos ranchos de alguns índios guanás, residentes um pouco abaixo do porto de Cuiabá e do outro lado do rio. Do porto já se podem ver as pequenas habitações mergulhadas no verde, e chega-se até lá de piroga em vinte minutos. O resultado da visita à pequena povoação que, aliás, quanto ao seu modo de viver se tornou completamente brasileira, foi por mim transmitida no ano passado através do vastíssimo vocabulário que colhi.²⁸

Infelizmente fui muito otimista ao me considerar de boa saúde, de modo que em consequência desse passeio precisei ficar mais quatorze dias de cama. Após esse espaço de tempo, parece que entrei numa melhora definitiva a ponto de alguns dias mais tarde poder procurar os meus amigos, assim como assistir ao grande baile do palácio oferecido pelo presidente de Mato Grosso, de fraque e colarinho duro.

Em pouco tempo fiz os meus preparativos para ir à região dos índios guatós, de modo que já no dia 22 de setembro metia-me na "lança" que ia a Corumbá, a qual me levaria ao logarejo de Amolar.

Apesar da falta de comodidade dessa lança, que servia, propriamente, de rebocador aos chamados "charters", preferi-a ao vapor de passageiros do Lloyd Brasileiro, pois nela tinha mais possibilidades de conhecer o povo e a gente dos rios Cuiabá e S. Lourenço, graças às constantes escalas para carregar e descarregar mercadorias. Ao mesmo tempo, ficaria orientado para caso, não encontrasse campo de ação própria em Amolar, estender para outras direções os meus estudos etnológicos. Com efeito, as minhas esperanças nesse sentido foram até ultrapassadas pela realidade, principalmente por causa da baixa das águas, circunstância que nos obrigou a muitas paradas indesejáveis.

Logo no primeiro dia, vi-mo-nos encalhados num banco de areia, num forte solavanco; de onde só conseguimos sair após muito traba-

(28) V. meu trabalho "Guaná" na revista de etnologia "Zeitschrift fuer Ethnologie", 1903, Caderno 2 e 3 e Caderno 4, Pg. 324 ff. e Pg. 560 ff.

lho. Isso acontecia depois quasi diariamente, de modo que fiquei onze dias nessa embarcação até alcançar Amolar.

O peor, para nós cinco passageiros, eram as noites, visto que não houve meio de se colocar uma rêde, precisando dormir, sem qualquer forro, sobre as duras taboas da cobertura. Por causa do baixio a embarcação encostava, na maioria das vezes, à margem, o que nos trazia um exército de mosquitos para aumentar as “doçuras” do leito.

Os dois “charters”, que vinham rebocados lateralmente na lancha, continham, como principal produto, péles de boi ressequidas, as quais exalavam um odor pestilento, quando a lancha parava. Excetuando êsses inconvenientes, a vida de bordo era interessante e em geral agradável. Todos se mantinham numa boa camaradagem, em que um e outro procuravam auxiliar-se nas pequeninas dificuldades.

Os momentos mais agitados eram aquêles em que se procurava retirar as embarcações de algum recife. Para isso são separadas, e cada uma é jeitosamente desembaraçada. Todos, até mesmo o proprietário da embarcação e nós, passageiros, tomávamos parte nessa tarefa metidos dentro d'água, durante horas. Uns ocupavam-se em puxar o barco para um cabo fixado na margem do rio, outros sustentavam nas costas as paredes embonadas da lancha e, sob o comando rítmico de um chefe, empurravam-na para a frente até que houvesse bastante água para que a hélice se movimentasse. O chamado “prático”, isto é, o piloto, sabe aproveitar, com muito cuidado, a parte mais funda do rio. As suas ordens de comando aos dois timoneiros que seguram os remos dos charters, como “esquerdo”, “meio”, “direito” confundem-se com as exclamações uníssonas do barqueiro à frente de um dos charters, a sondar constantemente o rio com uma vara. Os seus avisos em espaços regulares de “cinco e meio”, “cinco da marca” ou o terrível “dois e meio” fica, durante muito tempo, soando ao ouvido daquele que alguma vez já experimentou essa espécie de transporte.

Por causa das paradas forçadas, o abastecimento da lancha naturalmente esgotara-se, de modo que era preciso cuidar disso. Então, certa manhã o “Senhor Louis” e alguns dos seus homens empreenderam uma pescaria. Num ponto rico em peixes largou-se um cartucho de dinamite, e imediatamente após a explosão a superfície do rio cobriu-se de uma quantidade enorme de peixes maiores e menores. Era só apanhar. Dias depois matou-se um novillo em terra. E de novo todo mundo ajudou nos trabalhos, mas, em compensação, cada um teve o privilégio de cortar para si os miudos de que mais gostava. Dividi com um colega de bordo a minha velha predileção, o figado, muito bem preparado pelo cozinheiro.

Era sempre agradável parar junto às pequenas estâncias de madeiras, onde o vaporzinho se abastecia de lenha. O “Senhor Louis”,

que conhecia bem toda gente, introduziu-me por toda parte, de modo que passei horas conversando com os moradores, tomando informações sobre os índios habitantes das redondezas. João Paiz²⁹ tinha em sua propriedade rural, denominada Vila Concepção, uns 20 chiquitos. Em Porto Urbano deparou-se-me a primeira índia guató, mulher já meio velha e enrugada, que ajuda nos serviços domésticos e ainda fala algumas palavras da linguagem de sua tribo. Entre os franceses do-



Fig. 24
Aldeamento no rio Cuiabá.

miciliados em Baía das Conchas, rio abaixo, que me receberam de modo excepcionalmente amavel, eu soube que a 5 leguas daí existia uma aldeia de 300 “coroados”, num lugar denominado Tarigani, facilmente acessivel. Infelizmente não podia demorar-me por alí, renunciando, portanto, a visitar os “coroados”.

No dia 1.º de outubro entrámos, finalmente, no rio S. Lourenço, onde já na fazenda S. José encontrava entre os trabalhadores um maior numero de guatós, que era a tribo que mais me interessava. Uma hora depois, descendo o rio, chega-se à povoação guató. Além dos indivíduos que encontrei parados à margem, vi alguns também que passaram remando proximo de nós.

Pouco depois da nossa partida de Cuiabá, chegavam rumores da resolução que se preparava e que, conforme verificaremos posterior-

(29) N. da T. — Provavelmente o nome seria João Paes, mas conservo o original.

mente, se deu algumas semanas depois, tendo por principal teatro os lugares por onde passei. Como havia vivido os últimos meses longe de intrigas políticas e sociais, sentia-me alheado dessas coisas.

Nossas embarcações demoraram-se um pouco em S. José. Então aproveitei a oportunidade de ir até a fazenda e usina de açúcar do "Dotô Paiz" que ficava a uma hora de distância a pé, em Itaisi, tencionando encontrar lá mesmo o vapor. O "Dotô Paiz", a quem pretendia pedir algumas informações e conselhos para minha viagem, não se achava em casa, mas encontrei o meu patrício Heinerts, chefe da fábrica. Cumprimentei a dona da fazenda diante de quem precisei naturalmente desculpar-me por causa dos meus trajes pouco dignos de uma sala, pois etavam bastante avariados pela vida de bordo. Acontece que nessa noite ia haver uma festa, à qual compareceriam alguns fazendeiros vindos da outra margem e onde entraria em função a banda de música dos trabalhadores da fazenda, relativamente bem ensaiados.

O regimento, que ultrapassa os 400 trabalhadores da fazenda e da fábrica, dá a impressão de ser bem forte. As pequenas habitações dos operários estão dispostas em longas séries. Para os jovens ha um professor particular.

A fábrica é muito grande. Os dois engenheiros de máquinas Wenzel e Rainerts edificaram-na com material alemão da firma Oscar Goetz, de Hamburgo. Do mesmo modo a nossa lancha "Floriano" tinha por armador Kieler Schiffswerft e como despachantes a casa Goetz (Hamburgo) e Goerne (Cuiabá), conforme as marcas na mesma.

Na manhã de 2 de setembro, bem cedo, o nosso vapor entrou no rio Paraguái, aos pés do morro de Caracará, atrás do qual ainda existem algumas habitações guatós e sobre as quais, mais tarde, ainda falaremos. Os guatós têm ligação direta com os seus irmãos de sangue da bahia de Guaíba e Uberaba. Algumas horas depois paramos no logarejo Amolar, que era onde eu pretendia desembarcar. O "Senhor Louis", proprietário da lancha, recomendou-me ao comerciante José Antônio Magalhães, visto que eu não possuía conhecidos no lugar, e por êste fui muito bem recebido e até estimulado nos meus intuitos de visitar a tribu dos guatós.

Amolar é um dêsses lugares que o viajante não esquece mais. Numa das grandes voltas do rio Paraguái acham-se, meio-escondidas por entre a folhagem e sob elevadas bocaiúvas, umas 15 casinhas de argila. O fundo é formado por uma cadeia de altas montanhas, de linhas muito escarpadas, imediatamente atrás das habitações. A pedraria branca de quartzo rebrilha entre as ramadas dos declives, atraindo muito frequentemente os olhares saudosos dos pobres moradores que acreditam sempre encontrar-se diante de um futuro "eldorado", representação essa que também ocorreu na denominação de um lu-

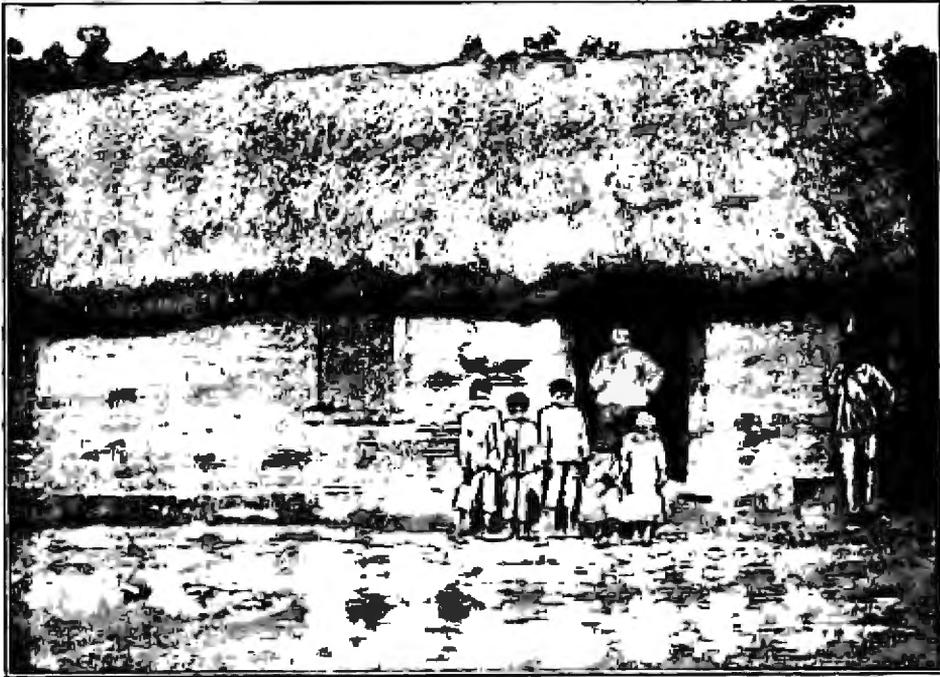


Fig. 25

Meu hospedeiro José Magalhães com os seus filhos, diante de sua casa.

gar vizinho chamado "Dorado". Realmente, o estrangeiro tem a impressão de se encontrar numa paragem lendária. Primeiro pensa-se que se está numa completa prisão, num pedacinho de terra fechado pelo rio e pelas íngremes montanhas onde a natureza generosa provê tudo de uma variedade fabulosa. Para o botânico e o zoólogo isto aqui seria realmente um eldorado. Em parte alguma vi tanta variedade de animais e plantas, em parte alguma me arrependí tanto de não ser um pouco naturalista para poder regalar-me com o que via. Sobre o rio e nos lagos vizinhos crescem as mais variadas plantas aquáticas que, muitas vezes, formam, como a linda e azulada "guaape"³⁰, obstáculos ao barco. As terras baixas fronteiras, na maioria pantanosas, que ficam entre o rio e as casas, estão cobertas de um bosque espesso que se interrompia às vezes bem próximo às habitações, sombreado aqui e ali pelas altas bocaiúvas. Atrás das habitações começa uma floresta densa, recheada de palmeiras, estendendo-se em al-

(30) N. da T. — Guaape, de acordo com Rodolfo Garcia, deve ser *guapé* — planta aquática da família das *Nymphaeaceas* (*Nymphaea rudgeana*, Mey.).

guns pontos muito para cima das colinas, até que se separa lá no alto, num solo pedregoso, pelo silvado parco e algumas árvores ressequidas. O conjunto é reavivado por uma fauna opulenta, sobretudo por uma variedade de pássaros maiores e menores. Bandos de lindas araras vermelhas e de papagaios pousam sobre as bocaiúvas. As mais diferentes espécies de lagartos fazem ruído constante entre os arbustos. Ha-os bem grandes. Coelhos guincham por ali, são os porquinhos da Índia que, por serem muito ariscos, só se consegue ouvi-los e nunca vê-los³¹.

Afim de ter uma idéia do meu campo de ação, resolvi galgar as altitudes. Como não havia picada por ali, a coisa não era fácil, pois as escarpas eram íngremes. A falta de água por aqui, durante o período sêco, me fez desistir de continuar a subir até as rochas ardentes de sol. Consegui alcançar um ponto em que se oferecia esplendida vista em contraste com o estreito quadro lá em baixo no rio. O observador tinha diante de si uma superfície sulcada de diversos lagos, através da qual o Paraguai se estendia em diversas voltas e, de ambos os lados, alongava-se ainda mais para além a cadeia de montanhas. À esquerda, entre montes e lagos estava a região que agora mais me interessava. De novo eu via tão perto o habitat de índios primitivos! Bem junto de mim a colina de Caracará; atrás dela, como pude saber, existiam tesouros e segredos etnológicos. Tudo me parecia tão perto e ao mesmo tempo tão difícil de alcançar, visto que não mais me achava em pleno vigor físico, não possuindo mais livros nem instrumentos. Apesar disso, devia agora compensar o que havia perdido.

Em breve me tornei amigo do pessoal do lugarejo. O que contribuiu muito para isso foi ter livrado a muitos, por meio do quinino, dos acessos de malária. A primeira dose, 1 e $\frac{1}{2}$ grama umas seis horas antes do acesso, deu resultados radicais em quatro casos, de modo que todos os outros casos foram evitados. Infelizmente tive que economizar as últimas pílulas de que dispunha, dividindo-as somente com os vizinhos mais próximos, uma vez que eu mesmo precisava contar com a recaída nesta região.

No rancho pertencente a um vizinho de Magalhães arranjaram-me lugar para dormir. A mobília consistia unicamente numa pequena caixa de madeira, onde se dispunham os objetos de uso mais necessários. Quanto à comida, esta me era oferecida em abundância na casa de Magalhães, e a minha roupa era tratada por uma mulata já um tanto velha. Outros serviços me prestavam três filhos do Magalhães, que possuía ao todo oito. Eles me mostraram os pontos mais interessantes das proximidades, gostando muito de ir comigo à caça pela manhã.

(31) Apesar de todos os meus esforços jamais consegui agarrar um coelho, e certa vez vi um, caçado a tiro. O tamanho e a altura são exatamente iguais às das nossas cobaias (porquinhos da Índia). A cor é cinza e manchas amarelo-claras, de modo tal que cada fio de pêlo tem a extremidade inferior cinza e em cima amarelo claro, o que é relativamente raro entre os nossos porquinhos da Índia. Eu mesmo criei em tempos cobaias dessa espécie, selecionando-as entre os nossos porquinhos comuns.

Por toda a mata acham-se espalhadas habitações humanas, cujos moradores se utilizam de Amolar como centro, onde vão buscar as coisas de que precisam. Aproveito com prazer a ocasião que se me oferece de procurar freqüentemente esses moradores, só alcançáveis pela viagem de canôa. Entre êles eu me informaria a respeito dos guatós.

Dessa maneira acompanhei certo dia o padeiro do meu hospedeiro, um paraguáio de seus 18 anos, que se dirigia para o outro lado da baía de Amolar, onde existiam as povoações Campina das Flores e Cambará, cada uma tendo três ranchos. Nossa canôa era imprestável e diante de uma forte rajada de vento que a bailou violentamente, não conseguimos esvaziar o bastante a água de um vagalhão maior e ela sossobrou. Os últimos pães do rapaz foram-se sobre o meu casaco pela correnteza. Fizemos um esforço para levantar o barco que havia, por felicidade, afundado num lugar raso, de modo que as tão temidas piranhas, existentes nessas águas, nos pouparam. Após êsse acidentezinho, matamos nossa fome com os pãezinhos que conseguimos salvar, voltando para Amolar.

Tive duas vêzes, antes da minha partida, oportunidade de ir a Bracinho, pequena localidade, sendo que uma vez por terra, outra pelo rio. É claro que só foi possível encontrar as recônditas casas com o auxílio da pessoa, em cuja companhia eu me abalava. Estreita picada leva-nos, no espaço de hora e meia, num lugar, por um caminho, ora sombreado por folhas semelhantes a rabos, da palmeira "acuri", ora inteiramente expostos ao sol, indo ora pelas colinas, ora vadeando entre as águas que se acham escondidas durante longos trechos, mas que, de repente, é preciso atravessar. Bracinho era importante para mim, porque aí se achavam três índias guatós, "companheiras" dos colonos, de maneira que se haviam estabelecido relações entre os colonos e os guatós residentes mais para trás. Conheciam elas, outrossim, a barafunda dos inúmeros braços de rios e pequenos lagos que levavam até a tribu. Era preciso, portanto, arranjar um camarada entre eles que me acompanhasse até lá, o que não era facil uma vez que aquela gente estava justamente a cuidar das plantações, pois se estava no início da época chuvosa. Por fim, encontrei um negro de nome Reginaldo, marido da índia guató Rosa, que se prontificou a ir comigo junto com a mulher, que conhecia perfeitamente a estrada, e que aproveitaria a oportunidade de visitar os seus parentes. Entretanto foi preciso levar também a filha de Rosa, de doze anos, de nome Maria, cujo pai era índio chiquito, assim como João de cinco anos, o que não foi lá muito cômodo, conforme verifiquei mais tarde.

Além dêsses levei ainda como companheiros o guató João, que estava de visita em Amolar, e um camarada do Magalhães, chamado José.

O meu abastecimento constituiu do que havia mais necessidade. Com respeito a armas possuía, além do meu revólver, duas espingar-

das de vareta, adquiridas em Amolar. De instrumentos eu só dispunha de uma bússola que voltara do Xingú, e uma máquina fotográfica quasi imprestavel que, a muito custo, consegui comprar em Cuiabá pelo preço absurdo de 240 mil réis, isso depois de ter perdido o meu rico aparelho. A nova máquina não fotografava retratos de pose e, por toda parte, entrava luz na câmara, já um tanto descolada. Ha mezes que não tinha um relógio que andasse, mas o peor era que uma das lentes dos meus óculos estava trincada no centro.

Minhas roupas encontravam-se em tristes condições. Os dois ternos de fazenda lavavel que mandara fazer em Cuiabá já tinham as costuras rebentadas. As camisas de tamanho maior que pude arranjar não passavam dos cotovelos e não me era possível abotoá-las, tão estreitas eram. Com tudo isso machucavam-me os pés dois canos de botas novinhos comprados em Cuiabá.

Os alimentos que levava eram: arroz, feijão preto, farinha, açúcar, café e mate. A respeito de carnes, tínhamos os anzóis e as espingardas, visto que não era possível encontrar um quilo de carne por toda a localidade. Alguns metros de fumo e as respectivas palhas de milho para enrolar, assim como alguns litros de aguardente de cana completavam a provisão.

Levamos o estritamente necessário em panelas, isto é, dois caldeirões, uma panelinha para o café, alguns pratos e canecas de estanho e algumas colheres. Levava entretanto muita mercadoria para fazer trocas, afim de obter suficientes objetos típicos entre os guatós. Na pequenina localidade de Amolar essas coisas estavam a alto preço e os guatós tinham feito relações tais, que já conheciam valor e contravalor dos objetos.

CAPÍTULO V

Entre os índios guatós

EM breve estavam os preparativos tão adiantados, que pude marcar a partida para o dia 12 de outubro. Como sempre, ela teve de arrostar várias dificuldades imprevistas. O guató João Caracára, que já tinha chegado a Amolar na noite passada, amanheceu completamente embriagado. Quanto ao negro Reginaldo, um velho opôs dificuldade à sua saída da cidade, porque era seu devedor.

Afinal só lá pela tarde é que as duas canoas foram carregadas e pudemos zarpar. Enquanto Reginaldo pilotava o nosso barco, o guató João Caracára dirigia o outro menor, no qual se achavam a “companheira” de Reginaldo e os seus dois filhos.

Mal tínhamos remado algumas centenas de metros quando ouvimos o apito da lancha que chegava a Amolar. O vapor estava repleto de gente, que se dirigia evidentemente ao teatro de operações revolucionárias, esperando ainda tomar mais pessoas a bordo para completar os partidos. A que partidos pertenciam, não sei dizer, apenas fiquei ansioso para que entrássemos no braço do rio, à direita do Paraguái, denominado Bracinho, o que realizamos após enérgicas remadas. É com o Bracinho que começa a rêde complicada das águas. Aí eu sabia que a minha gente e as minhas munições estavam livres de ataques.

Já ao anoitecer deslisamos para dentro do Bracinho. Aí encontramos no pequeno rancho de Reginaldo, onde queríamos pernoitar, alguns dos meus conhecidos, entre os quais as índias fortes e bonitas Benedita e Arita, a última acompanhada de João Procópio e seu filhinho de sete meses de idade. Embora a criaturinha negra, inteiramente nua ainda fôsse pequenina para se manter de pé, acompanhava tudo com o olhar vivo, engatinhando, ligeira, por toda a parte como um sapinho, de modo que passei a chamá-la “Sapinho” para todos os efeitos.

Reginaldo havia trazido de Amolar uma enorme garrafa de aguardente. Dessa maneira o cururú começou logo, dansa essa que já conhecia de Rosário e que agora muito me acabrunhava, pois não poderia descansar depois das peripécias do dia. Todos fizeram círculo, João Caracára afinou a “viola”, alguns pratos serviam de pandeiros para as colheres e, logo depois, ouviram-se os gemidos das vozes que entoavam os versos uníssonos. O andar regularmente ritimado em círculo era de momento a momento interrompido por uns pulos exe-

cutados pelo nosso amigo Reginaldo, que ainda procurava completar o ruído dos chamados instrumentos, batendo com as palmas das mãos nas diferentes partes do corpo propícias a isso. O exíguo espaço de alguns metros quadrados, fracamente iluminado por um pavio mergulhado em gordura dentro de uma cuia, estava cheio pelo ajuntamento. Aguentei algumas horas de pé, no canto do rancho de Reginaldo, a animação que ali reinava, brincando com Sapinho, a única criatura, além de mim, que não tomava parte na bebedeira até que,¹ vencido pelo sono, estendi minha rêde numa árvore junto do rancho, tentando dormir.

Já havia clareado o dia e aquela gente ainda estava bebendo, de modo que quis tirar a cachaça dali e mandar que se preparassem para partir, mas notei, pelas correrias para a casa do vizinho João Procópio e seus dois irmãos e mãe, que algo de anormal ocorria. Foi hesitando que me disseram ter João Procópio e seu irmão Leonardo brigado fortemente. Como eu vira Reginaldo dirigir-se ao rancho do vizinho que, portanto, devia estar envolvido na briga, tratei de ir imediatamente com José ver os contendores. Como eu já era conhecido dessa gente das minhas visitas anteriores, êles permitiram que os acalmasse e os separasse em quartos diferentes.

Já havíamos perdido muito tempo com o incidente, mas como si não bastasse, a índia Rosa parecia tão embriagada que não foi capaz de arrumar as suas coisas. Reginaldo tentou, em vão, fazê-la voltar ao estado normal dando-lhe uma palmada nas costas; por fim, mandou-a curtir a carraspana debaixo do mosquiteiro. Dêsse modo precisamos, ainda uma vez, largar depois do meio-dia. Pelo menos estávamos longe de Bracinho, tendo evitado uma repetição do bailado cururú. O jantar constituiu de piranhas e uma pequena capivara. Eu pensava, satisfeito, que iria dormir esta noite, mas mal me havia deitado, o velho João Caracára fez soar as cordas da viola no conhecido ritmo, que aliás ainda não me saíra dos ouvidos. José tocava noutra canto a sua harmônica e do mosquiteiro de Reginaldo e Rosa chegavam até nós os gritos e gemidos da mulher, a qual estando a esperar criança, sofria as consequências do álcool e da grande quantidade de carne gorda de capivara que havia ingerido. Fiquei seriamente preocupado com o estado dela. Ainda depois da meia-noite, procurei um pouco de lenha para fazer-lhe uma chícara de mate como remédio, depois do que melhorou.

Já antes de levantar o sol, preparavamo-nos para seguir. Era ainda muito cedo, quando andávamos pelo morro do Pontudo, que começou a destacar-se pela sua forma regular, logo que nos aproximávamos dêle. Acampamos sob uma grande figueira. Pegamos um "sinimbú" no momento em que procurava esconder os seus ovos num buraco, os quais fomos recolhendo aqui e ali na areia. A parte mais gostosa dêsse lagarto é o rabo, que comemos com arroz e piranha.

Durante muito tempo continuavamos a viajar por pequenos braços e lagoas. Uma destas ofereceu-nos dificuldades, devido ao súbito vento que se levantara. Quem viaja nessas redondas pirogas de índios, a que falta em absoluto o equilíbrio das quilhas, sabe a dificuldade que ha, mesmo diante de uma simples brisa, em manejar o barco pelo largo e guiá-lo entre as ondas. À primeira delas, êle viraria. Portanto, si se está no centro das águas fluviais no momento em que se aproxima a tempestade, o resto da viagem só pode obedecer à direção do vento. É absolutamente impossível tentar, junto às margens, lugar apropriado para descansar e só se escapa de um naufrágio, remando esforçadamente contra o vento. Naufrágio aquí, devido à quantidade imensa de piranhas, significaria morte certa. Os guatós temem de tal maneira êsses peixes vorazes que não se atrevem jamais a tomar banho nos pontos fundos das lagoas, nem sequer vadeiam. Receiam até mesmo pôr a mão dentro d'água. Essa precaução, devido certamente à experiência que possuem dêsses peixes, deriva justamente do fato da piranha morder qualquer isca, inclusive a carne da própria piranha. No mesmo instante em que um fragmento qualquer toca a superfície da água já o peixe mordeu. O sangue atráí de tal maneira êsses peixes que, no mesmo instante, aparecem em grandes cardumes para devorar; mesmo tratando-se de um sêr maior, em poucos minutos é esfacelado por êles³².

Já no fim da tarde entrámos novamente no rio Paraguái, que é o rio principal e onde a correnteza exigia maior trabalho. Continuam a estender-se as montanhas ao longo do rio, montanhas essas densamente cobertas de florestas.

Toda essa região aquí pertence a uma sociedade belga, cuja fazenda Acurisal, que possui certa quantidade de casas de operários, é o último posto avançado de povoação brasileira, antes da vasta região lacustre habitada pelos guatós. Nessa qualidade a colônia parece que exerce certo controle sôbre as pequeninas embarcações que por alí passam. Em todo o caso a minha gente aconselhou-me a procurar alí o chamado "capataz", afim de esclarecê-lo sôbre os fins e o carater dessa minha visita tão extraordinária nessas paragens.

Foi só por termos conosco a índia guató que conseguimos entrar, em plena escuridão, por entre as muitas plantas aquáticas, no braço Figueira, onde se acha a primeira povoação guató. Milhares e milhares de efêmeros zuniam em tórno da minha lanternazinha, que só nos fornecia um parco raio de luz. Viam-se de maneira indecisa os contornos mais escuros dos morros e arvores copadas no fundo do céu; quando a sombra de uma árvore mais alta dominava as outras, os meus pilotos iam em direção dela. Essa árvore, que era uma gigantêsca "fi-

(32) N. da T. — A piranha é certamente muito voraz, mas sabe-se que só ataca quando ha vestígios de sangue na água.

gueira”, assinalava o lugar em que se encontrava a povoação de nome Figueira, habitada por índios guatós.

Esse aldeamento é constituído de uns cinco domicílios isolados um do outro. Num dêles morava João Caracára, meu companheiro, com mulher e mãe, no outro o irmão dêle, Timóteo, com a família e alguns outros parentes. Os meus homens haviam-me aconselhado a ficar na casa de Timóteo, porque era mais influente que o outro irmão, mas, só se avaliou a importância que tem o escolher acertadamente o hospedeiro, através dos acontecimentos que se desenrolaram na noite imediata. A qualidade de anfitrião aqui não se cerca apenas de deveres como também de direitos, de modo que uma falta qualquer por parte de um expedicionário nesse sentido seria depois difícil reparar. Por isso resolvi, após curta visita na habitação de João, pedir a Timóteo para pernoitar em sua casa. Este me assegurou, então, poder ficar durante três dias. Essa limitação expressa do tempo da estada de um viajante não parece ser puro acaso, ao contrário, é o costume indígena que se desenvolveu não só aqui, como entre outras tribus para com as pessoas não pertencentes a elas.

Ao chegarmos ao ponto de desembarque de Timóteo, homem barbado e forte, estava êle à beira do rio, tranquilo e calado em companhia dos seus dois filhos menores, esperando que lhe falasse. Como João Caracára havia chegado algumas horas antes de nós, estavam prevenidos da nossa visita. Todos tinham vestido camisas e calças limpas, até mesmo alguns meninos, e estavam todos ansiosos pela aguardente que o estrangeiro costuma trazer. Naturalmente desiludiram-se muito quando lhes disse que não a trouxera, principalmente dois guatós vindos da outra margem ficaram bastante desapontados. Eu estava cansadíssimo e nada disposto a suportar outro cururú a noite inteira. Assim, depois de me entender com Timóteo, estendi a rêde entre as árvores que ficavam diante da casa, dormindo uma noite sem ser perturbado.

Na manhã seguinte, 15 de outubro, reuniram-se muitos índios e índias, formando círculo em tórno de mim, mas a frieza das nossas relações só diminuiu quando ofereci algumas miudezas às mulheres e crianças. Estas estavam agora a correr com lenços vermelhos na cabeça. A velha mãe de Timóteo experimentava, toda orgulhosa, um colar de contas multicores que lhe ofereci em troca do seu modesto colar de sementes. Dessa maneira, em breve conquistei o elemento feminino e a infância, o que constituia para mim um princípio no comércio com os nativos. São justamente as crianças que proporcionam melhor contacto com os indígenas. Embora inicialmente só se aproximassem muito tímidas para estender as mãozinhas aos presentinhos que lhes oferecia, elas se tornavam, quando tratadas com afeto, tão confiantes que passavam a mostrar suas pequenas habilidades e recebiam com muita alegria as diferentes brincadeiras que

fazia com elas. Na Europa os pais que educam as crianças em bases pragmáticas tornam-nas, às vezes, ridículas diante de visitantes estrangeiros, e desculpam-se da falta de autoridade sobre elas, alegando que a criança se impressiona com o estranho. Aqui, entre os índios, notei que estes se admiravam ao verificarem com que cuidado o estrangeiro se havia com os seus filhos. Logo que obtive a confiança dos menores, veio a dos adultos, que encaravam a preferência dada aos filhos deles com certo orgulho. Timóteo logo me inteirou de suas condições de vida e o comércio de trocas pôde começar entre nós no dia seguinte.

A maior parte da vida quotidiana passava-a debaixo de uma grande árvore frutífera, que ficava no meio do espaço entre as três ócas e o local de embarque. Diversas rédes de dormir, cobertas de lindas peles de animais, ficavam debaixo dessa sombra. Havia, também, um grande cântaro de barro coberto por uma "cuia", onde a água morna da laguna sempre se tornava mais tolerável. Junto à árvore longas varas estavam dispostas para fazer cair as frutas vermelhas, muito frescas, mas um tanto acres da "sitobá"³³ e quando as varas não alcançavam, os garotos subiam pelos altos ramos, ou figavam-nas com flechas de pontas rombudas, com admirável habilidade. A habitação de Timóteo era um rancho bem feito à moda brasileira. Apenas o telhado de folhas dava até o chão. As paredes eram simplesmente constituídas de postes, sem o revestimento de barro. Assim como vi nos outros ranchos guatóes de estilo mais simples e dos quais ainda voltarei a falar, aqui também havia vigas horizontais, dispostas sob o telhado, que serviam de depósito para os diversos objetos de uso. Foi com certa polidez que Timóteo me ofereceu a casa para nela dormir e depositar minhas coisas. De tarde a maioria dos índios ia-se embora para certo ponto da mata, onde se punham a beber vinho de palmeira: "tsitsa". Queriam que também fôsse com eles, mas, quanto desejasse conhecer essa bebida e o seu preparo para mim desconhecido, eu não podia deixar as minhas bagagens entregues ao dono da casa, a quem ainda não conhecia bastante. Em todo o caso, conforme pude verificar mais tarde, entre os guatóes estavam protegidas.

Ao voltarem os índios, pela tarde, os efeitos do vinho de palmeira já nêles se faziam sentir. Verifiquei, então, que suas intenções para comigo eram boas, pois muito desejaram iniciar-me nessa bebida, oferecendo-me uma garrafa dela. Era com orgulho que falavam no produto da palmeira nesse dia, cujos efeitos exageravam por causa da própria embriaguês. Era com verdadeira cubiça que exigiam agora a minha aguardente e por mais que fizesse em dar-lhes pouco, a velha mãe do Timóteo lá estava de braços dados com uma companheira, ambas deitadas à beira do rio, ora balbuciando versos do cururú, ora

(33) N. da T. — O autor diz "Sitobábaum", isto é "baum" — árvore e "sitobá", que deve ser a espécie da árvore, e que não encontrei em dicionário algum. Outras vezes escreve "sitobá".

chorando e lamentando-se em altas vozes. Agora seria o momento oportuno para um “hábil explorador e colecionador comprar” uma porção de coisas uteis aos índios por pouca coisa, sobretudo porque, ao recusar-se contribuir para que se embebedassem, estavam dispostos aos maiores sacrifícios em troca de um copinho de cachaça. Timóteo, que me havia arrancado quatro notas de mil réis por algumas peças de interesse etnológico, queria, ao ver que nada adiantava, devolver-me todo êsse dinheiro por um único gólezinho.

Mas é extraordinário como os índios se refazem rapidamente do estado de embriaguês. Depois do quadro descrito, adormeceram. Ao acordarem tomaram banho e então pude conversar com êles prazerosamente até que, ao anoitecer, começou o detestavel cururú e suas desagradáveis consequências.

Entretanto vieram com uma proposta original para mim. Arita, a filha do João Caracara, que já conhecemos de Bracinho, e que acompanhou o seu pai até aquí, veio pedir-me que batizasse o seu sobrinho Mique, o filho de Timóteo, de onze anos de idade, tornando-me assim o “compadre” de Timóteo. Dizia que era desejo expresso por Mique e seu pai, que depositavam uma grande confiança em mim. Por mais que quisesse fortificar essa confiança aquiescendo ao seus desejos, eu não tinha, entretanto, nenhuma vontade de abusar dela. Além disso, poderia arranjar-me de outra maneira com êles. Na verdade os índios se interessavam muito mais pela orgia que se seguia, via de regra, ao batizado, do que propriamente pelo ato religioso. Assim consolei-os, pela minha recusa com a perspectiva de lhes proporcionar uma festacururú com a respectiva aguardente, de modo que si não pude ingressar na familia como “compadre” do Timóteo, fui logo considerado “primo” (primo-irmão) dêle, o que, segundo o ponto de vista guatú, é um parentesco muito mais consanguíneo. Em todo o caso, o menino não recebeu o nome de Mique, que era o escolhido para o batismo em homenagem ao grande São Miguel, mas houve uma tróca de vogais e êle voltou ao seu nome primitivo “Mequi”,³⁴ o que em guatú quer dizer — “coelho”. Dêsse modo o coelho substituiu imediatamente o protetor São Miguel.

A festa que começou ao escurecer esteve a princípio alegre e solene. No grande largo dominado pela “sibotá” a que já me referí atrás, as mûlheres e as crianças tomaram logar nas largas rêdes de dormir, feitas da folha da acurí. Os homens apareceram em círculo dansando o cururú rítmicamente. Mequi e eu, sentados ao pé do tronco, fazíamos música, isto é, êle brandia as cordas da viola com melancólica inspiração, em acordes compassados, e eu fazia o possível para contribuir com a minha parte no “caracachá”, instrumento recém-adquirido. Não foi pouca a animação produzida na festa pela minha pequena lan-

(34) N. da T. — O autor escreve “Meki”.

terna de vela de estearina que foi suspensa num galho da árvore, dominando o conjunto. Em breve os versos improvisados também estavam em bom andamento. Nêles se dizia das minhas bôas qualidades e, como eu era o motivo de toda a alegria daquela festa, intimavam-me, entre parêntesis, a passar o álcool. Como, por cautela, só pús em circulação pequeno copo da bebida, guardando à distância a minha garrafa grande, tive muito trabalho em satisfazer a todos, um por um. Mas a animação e a boa amizade só se afirmaram



Fig. 26

“Viola”, instrumento de música dos guatós.

Mus. Etn. Berlim, V. B. 5007, 1/10 do tam. nat.

realmente quando Mequi e eu, os tocadores de música, entramos no centro do círculo dos cantores para tomarmos parte na correria que durava horas e de que não cansavam. Por fim Reginaldo e eu executamos algumas valsas, sob o aplauso geral, trocando de par com as índias de Bracinho, cujas figuras esbeltas, descobertas até a cintura, se destacavam em toda sua beleza sob a luz fraca da nossa pequenina lanterna.

Depois que a bebida forte foi servida algumas vezes em redor, uma mulher que se achava nas rédes e que até agora não havia tomado parte,

começou a berrar terrivelmente e áto contínuo todas as outras a acompanharam, aumentando o furor daquela cena o choramingar das crianças assustadas com aquilo. O barulho era indescritível. Os homens não tomavam parte nisso, e assim êles puderam informar a razão de tudo isso. Uma daquelas mulheres havia perdido muitos filhos últimamente e aquele ambiente de festa e embriaguês lhe despertara a lembrança dos mesmos, provocando o berreiro lamentador.

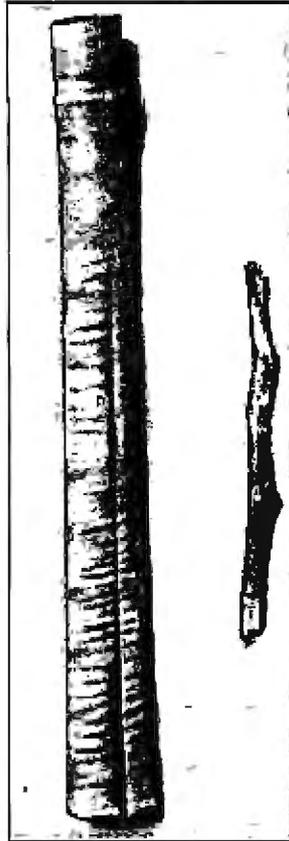


Fig. 27

“Caracachá” dos guatós.

Mus. Etn. Berlim, V. B. 5008, 2/7 do tam. nat.

Como em geral acontece, a principal significação dessas festas, motivadas pelo prazer da bebida forte, reside em o indivíduo poder por algum tempo dar plena vazão aos seus sentimentos. Assim, nessas ocasiões, êles se recordam dos mortos, experimentam gratidão para com o anfitrião, homenageiam Eros e os prazeres que êle concede. Ao mesmo tempo agita-se o sentimento da força e da supremacia humana, misturado com amor-próprio ferido e inveja, assim como velhas idéias de vingança. Mais um pouco e os sentimentos quebram os limites das simples idéias, transformando-se em realidade prática, numa confusão indizível. Dessa maneira verificou-se o cururú em Bracinho, e assim a nossa festa em Figueira.

Koslowsky³⁵ relata uma cena de luta após o prazer do álcool entre os guatós do Paraguái, verificada entre tio e sobrinho; a respeito dos guatós do rio S. Lourenço, um velho colono de Amolar contou-me que, alí, no fim de uma festividade dessas, um homem havia morto o irmão por causa de uma velha rixa. Os dois irmãos entraram em luta por causa de uma mulher. O cacique havia reconhecido a mesma como pertencendo a um dêles, o que fez com que acabassem com a briga, mas, êbrios como estavam alí na festa, o ódio antigo dominou-os, levando-os ao fratricídio.

Na festa de Figueira eu mesmo fui testemunha de como aqueles versos, improvisados durante o cururú, exprimiam cada vez mais à vontade os seus sentimentos. Enquanto eu mesmo tomava parte e dançava, tudo ia muito bem e era possível manter os espíritos em altura moderada. Mas, afinal — já quasi ao amanhecer — fui deitar o meu corpo ainda fraco para descansar um momento, embora acordado, pois queria vigiar o resto da caçhaça que tinha ao pé de mim. Nisso Reginaldo chamou-me (felizmente êle costumava manter-se sóbrio em ocasiões difíceis) para intervir numa contenda que começava a desenrolar-se entre os índios do sexo masculino. E' que o velho Timóteo havia em verso provocado a briga, encontrando como adversário um rapazóla. Assim que aparecí houve ainda a possibilidade de paz. Timóteo deixou-se enganchar pelo braço, prometeu não cantar mais sob a condição de ainda dar-lhe um pequeno góle da bebida predileta e foi conduzido ao seu mosquiteiro. Houve um silêncio por algum tempo, depois ouviu-se a gritaria de uma índia que, conforme soube depois, manifestava assim o amor despertado nela pelo meu companheiro José. Esse clamor foi acompanhado durante muito tempo pelo ruidoso palavrório da mãe da índia, emudecendo, afinal, pouco a pouco.

Do terreiro, porém, vinha de novo um alarido infernal, gritos agudos de medo por parte de mulheres e crianças partiam numa confusão selvagem. Antes que pudesse pular da rêde e afivelar o cinto

(35) Koslowsky, Julio: "Três semanas entre los índios Guatós". — Separata da Revista del Museo de La Plata, Tomo VI, La Plata 1895, Pg. 18.

das armas, Rosa veio pedir-me socorro. Dentro da escuridão só pude reconhecer o velho Timóteo nu, deitado no chão de cabeça para baixo e imóvel. O irmão dele, João, urrava como um animal feroz ali no mato. Tinha entrado em discussão com Timóteo, acabando por dar-lhe na cabeça com um pau. Tratei de arranjar um pouco de luz para verificar si havia algum ferimento exposto, o que não encontramos. Depois de muito tempo Timóteo voltou a si e, por sua vez, passou a urrar por vingança. As mulheres, sobretudo a sobrinha Arita, filha do agressor, envidavam todos os esforços para suavizar-lhe a cólera, mas tivemos que vigiá-lo ainda, pois fêra buscar no seu rancho arco e flechas e facão. Entretanto a mãe dos dois irmãos, que residia com João, informara do acontecido as mulheres guatós. Estas foram ao encontro d'êle e Rosa conseguiu, finalmente, que o outro se desarmasse. Toda essa complicação surgira em virtude de João achar que Timóteo se havia embriagado muito mais que êle durante a festa.

Entretantes o dia já vinha alto e em toda a povoação reinava absoluto silêncio, pois todos eoziam a bebedeira. Aproveitei essas horas de tranquilidade para com Mequi completar o meu vocabulário, relativo aos objetos adquiridos no dia anterior. Pouco a pouco começou a aparecer novamente a família de Timóteo, um após outro, sob a grande "sibotá".³⁶ Os seus rostos, ainda marcados pelos acontecimentos da noite, tinham uma expressão estúpida. Apenas as crianças que brincavam junto aos pais, assim como alguns pequenos papagaios, que acabavam de ser alimentados com papas tiradas da boca pela mulher de Timóteo, é que traziam um pouco de vida.

À tarde veio uma chuva que foi aumentando, de modo que nos abrigamos na casa do nosso anfitrião, onde parecíamos encurralados todos juntos. Gastamos o tempo com toda a sorte de jogos até a hora de dormir. O "Hackeln", conhecido entre nós, brincadeira de fugir com a mão quando outro vai bater e o "jogo de sapateiro", sugerido pelo meu amigo Reginaldo, obtiveram sucesso, principalmente o último, que consiste em três parceiros que se sentam no chão, um junto do outro, de pernas estendidas para a frente; cada um tem um sapato ou uma alpercata na mão. O que está no centro ocupa-se em concertar o calçado e tenta, em meio disso, bater com a mão na côxa dos outros dois, antes que êsses possam bater-lhe na mão com o calçado que seguram para tal fim. A coisa não era lá muito suave, mas, por isso mesmo tornava-se mais animada e os índios permitiam as pancadas em suas côxas nûas com a esperança de poderem, de outra feita, vingar-se, batendo na mão do outro com o duro calçado. E quando acertavam havia, naturalmente, um berreiro de satisfação.

Na manhã seguinte, mandei arrumar as bagagens para seguir até o Lago Gaíba. Timóteo prontificou-se a guardar as peças da coleção até que eu voltasse, assim como dar-me seu filho Mequi como compa-

(36) N. da T. — "Sibotá" ou "sibotá"; como escreve outras vezes o autor, não foi encontrada palavra semelhante.

nheiro. Quanto a João não o tornei a ver desde aquela noite tempestuosa. Êle não podia aparecer diante do irmão, sobretudo porque além de o agredir ainda prejudicou naquela noite, no auge da cólera, o prôdoto das palmeiras acurí³⁷ para o preparo do tchitcha. Sua mãe trouxe-me a notícia de que êle não poderia continuar mais a meu serviço, de modo que novamente me ví sujeito a segurar o remo por falta de gente para isso, o que era muito penoso para mim, sobretudo porque sofria diariamente, como consequência da malária, de forte neuralgia da face durante horas.

Ao anoitecer fizemos parada debaixo de uma grande árvore à beira do rio, a qual tinha os seus ramos carregados de ninhos de pássaros, formando assim uma certa clareira no silvado da margem. Desde logo os meus companheiros olharam desconfiados para um rasto de jaguar que se observava até a agua. O medo que os guatós tinham ao jaguar impediu-me de dormir até alta madrugada. Volta e meia sobresaltavam-se todos, julgando ter ouvido alguma coisa dentro dos arbustos, atirando achas de lenha em brasa na direção do ruído. Com o frequente sair da rede, em breve esta se achava tão cheia dos insetos que somente após demorada caça à praga por meio de uma vela de estearina, pude pensar em um pouco de socego.

Na manhã seguinte dobramos, imediatamente após termos zarpado, num braço direito do Paraguai. Era o escoadouro da grande região lacustre de Uberaba e Gaíba no rio Paraguai.

Após termos remado aquí umas dezenas de metros, alcançamos o morro do Letreiro que se ergue à nossa direita e que possui interessantes inscrições. A mão do homem retirou aquí uma parte tão consideravel do rochedo, que se formou uma baía artificial. A margem dessa baía é constituída por um paredão que foi derribado verticalmente numa altura de 3 metros calculado pelo nivel baixo atual, das águas, apresentando diversas figuras gravadas nêle numa extensão de cinco metros. (V. fig. 28)³⁸. Ao tempo de minha estada por aquí, estavam em 18 de outubro, as figuras começavam por cima da superfície fluvial, ao passo que ao tempo de Fonseca, fins de julho, elas se achavam cobertas pelas águas na sua parte inferior.

A reprodução fornecida por Fonseca dessas gravações³⁹ é muito imprecisa e arbitrária para ter valor, o que se verifica comparando-se ligeiramente com o desenho feito por mim no próprio lugar. Dessa maneira não devemos levar em conta a misteriosa significação que

(37) N. da T. — "Acurí" — o mesmo que "acuri", palmeira (*Cocos schisophylla*, Mart.) (Rodolfo Garcia).

(38) V. "Da Fonseca". Dr. João Severiano: Viagem ao redor do Brasil. 1875-1878, Rio de Janeiro. 1880. 1.º volume. pg. 326 ff.

"Da Fonseca" dá a latitude geográfica do local, de acordo com a medição feita por Lacerda 17°42'48", conforme a de Melgaço 17°43'36", senda que Ricardo França também concorda com essa diferença de menos 12 segundos. (pag. 327).

(39) V. Pg. (327) l. c.

Fonseca lhes pretende emprestar, a respeito de certa atração do sol, da lua e das estrelas, das cobras, braços e pernas humanos, patas de jaguar e folhas de palmeira. Na verdade aquelas figuras nada apresentam que possa relacionar-se com semelhante interpretação.

A impressão que causa ao viajante uma pesquisa pela rocha fá-lo, pelo menos, desconfiar de que semelhantes garatujas possam representar imagens de qualquer idéia. Os meus amigos guatós também não emprestavam sentido algum àquilo, pois ao perguntar pelo nome das figuras ao meu homem de confiança, Mequi, respondeu-me simplesmente: "vaigucuarigacu",⁴⁰ que, evidentemente, não se relaciona propriamente aos desenhos. De acordo com o vocabulário guató sabemos que "(ma) cú" significa pedra,⁴¹ "harica"⁴² - buscar e a sílaba "vai"⁴³ encontramos nas palavras designando "faca" e "afiar". Si se explicar tudo sob o ponto de vista puramente linguístico, vemos que em "vaigucuarigacu" se acham contidas as idéias de "pedra", "buscar" e "afiar", relativas a "faca", o que se relaciona exatamente com a retirada de considerável massa de pedra daquela rocha e as figuras "brunidas" na pedra. É possível duvidar do sentido dos componentes da palavra "vaigucuarigacu", mas uma coisa é decisiva, de acordo com o que acima expús, é que essa palavra não se refere a uma representação da imaginação, mas sim ao emprêgo prático do material, portanto, a qualquer coisa real.

Outra interpretação das inscrições nos forneceriam os guatós. Serão esses sinais provenientes de tempos remotos, apesar dos guatós, essencialmente voltados para o real, não saberem apreciá-los, ou serão os vestígios de uma atividade industrial recente dos povos dessas regiões, de que os guatós hodiernos constituem o último resquício? Terão os criadores dessas inscrições, talvez, experimentado o que nós experimentamos a respeito da essência dessas figuras, de tal forma que elas nada mais representassem para eles do que os sulcos afiados pelo trabalho das águas num lugar em que a rocha foi quebrada com instrumentos de pedra? A todas essas perguntas poderá responder uma nova pesquisa que se execute por aqui, nêsse material ainda conservado e tão importante para a etnologia. Essa pesquisa deverá ser mais minuciosa e mais apurada do que a que pude fazer em visita aos guatós, com os meus últimos recursos de explorador.

Após ter feito um esboço exato das gravações na rocha, onde era impossível fotografar, devido à extrema luz do sol, remamos fortemente para diante, afim de ainda efetuarmos, antes que sobreviessem os ventos fortes da tarde, comuns nêsse período do ano, a travessia do lago Gaíba. As nuvens negras, que se aglomeravam em torno dos cumes

(40) V. n. 118 do vocabulário.

(41) " " 76 " "

(42) " " 474 " "

(43) " " 101 e 467 do vocabulário.

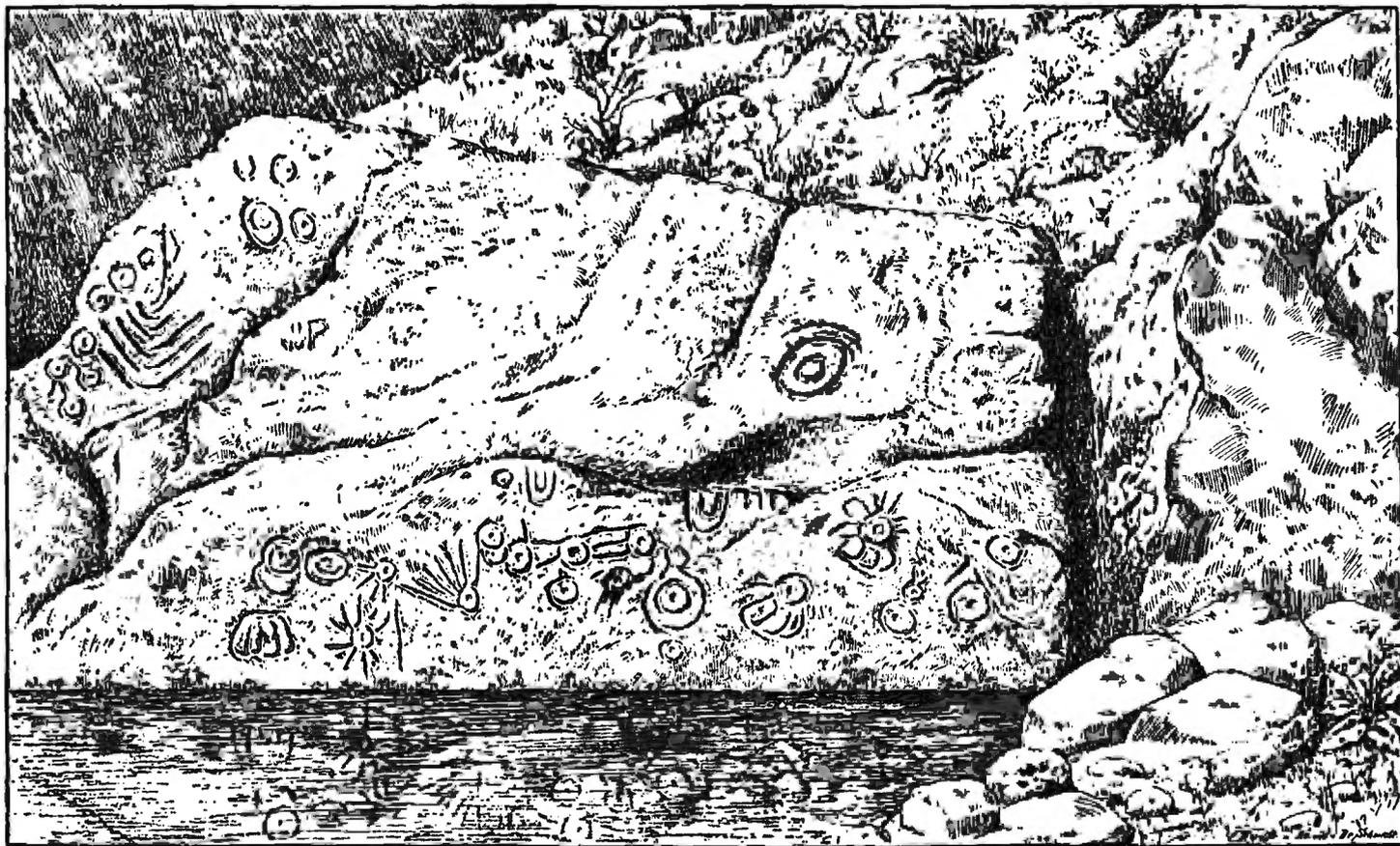


Fig. 28
Gravuras na rocha no lago de Guafba.

das montanhas que rodeavam a alva superfície líquida, obrigaram-nos a fazer parada ao meio-dia, mas ao vermos o céu novamente limpo, resolvemos continuar viagem em direção ao aldeamento guató situado na outra extremidade do lago. Logo que chegamos à grande e rasa ilha que fica diante da foz, o nosso curso foi dominado pelos elementos naturais.

Era impossível orientar o barco para a margem, pois as vagas impeliam-no fortemente ao sabor do vento. Qualquer onda que viesse de lado o teria virado, precisavamos, portanto, adiantar, embora as nuvens escuras de novo se tivessem ajuntado e a nossa meta só lentamente se aproximasse. Nada aumenta tanto a força de um remador do que o bater progressivo dos vagalhões nas condições em que nos encontrávamos. Os índios evitavam qualquer sílaba inútil, inquietando-se quando alguém proferia alguma palavra: conhecedores que eram dessas viagens fluviais sabiam que toda cautela era pouca e o silêncio que reinava em torno bem traía o perigo. Eles julgam que os ruídos feitos sobre as águas, durante uma travessia de um desses grandes lagos, excitam ainda mais os elementos ameaçadores. Quem já experimentou viajar assim, em mau tempo, quando o remador perscruta as ondas a aproximarem-se de longe, certo de que um naufrágio poria a perder imediatamente a todos, pois seriam sacrificados pelos inúmeros peixes vorazes, também não gosta que o perturbem no esforço que faz em se manter calmo diante da situação, pois o indivíduo sente então, com mais intensidade, os efeitos dos elementos ameaçadores. É fácil, portanto, compreender que o homem de nível mental menos desenvolvido, atribua maiores ou menores efeitos aos próprios elementos de acordo com o que se verifica no seu próprio estado de espírito. Daí a idéia simples que o leva a julgar que os elementos enfurecidos se excitam mais ainda, com ruídos ou palavras inúteis. É, entretanto, completamente improcedente pretender que os guatós possuam a representação de quaisquer forças espirituais superiores, cuja cólera seria provocada pelos ruídos inúteis, desde que têm semelhante concepção do mundo.

À tarde (18 de outubro) aportamos no ponto de desembarque dos índios guatós no lago Gaíba. Diversas canoas achavam-se à beira do rio. Um atalho levava, através da floresta, às duas habitações construídas à moda dos ranchos brasileiros, mas com os telhados chegados até o solo.

A colônia contava três homens, duas mulheres e algumas crianças. Além desses ainda estava em visita um homem de Uberaba, irmão de Rosa, minha companheira de viagem.

Com relação à indumentaria, felizmente a influência européia aqui se fazia sentir menos do que em Figueira. Não vestiam a calça como geralmente se faz, apenas dobrada e presa por meio de uma cor-

reia frouxa em torno da cintura. As pernas da calça são enroladas sendo que as extremidades inferiores são enfiadas no ciuto. Dessa maneira êles têm a consciência, de possuir uma calça sem tolerar as suas desvantagens que impedem os movimentos livres do corpo, e que, com relação à estética, só servem para encobrir as formas do corpo. As mulheres só usam saia, tendo a parte superior do corpo descoberta e as crianças andam nuas. Rosa e Mequi aproveitaram logo a oportunidade de se desfazerem de suas roupas, tornadas supérfluas agora nêsse ambiente, retornando aos seus trajes mais cômodos e mais de acordo com o clima.

Assim como em Figueira, aquí também não havia plantações nem animais domésticos. Sem falar de algumas necessidades, a que os guatós se haviam tornado escravos por causa da influência européia, a natureza oferece aos habitantes da região tudo de que precisam para viver. Os vastos lagos estão cheios de peixes saborosos. Os densos bosques são povoados de aves e outros animais de caça, possuindo frutas de toda a espécie em quantidade suficiênte. Dessa maneira leva-se alí uma vida contemplativa. "Olhai os pássaros sob os céus; êles não semeiam, não colhem, não guardam nos celeiros e, entretanto, o Nosso Senhor os alimenta ⁴⁴!"

Fui bem recebido e levei pouco tempo em completar a minha coleção etnográfica. Apenas a hospitalidade era um tanto limitada, por causa do difficil accesso ao convívio com as mulheres, muito vigiadas. Essa ciosa vigilância era talvez justificavel por que essa região ainda estava muito próxima do "meio civilizado". Pelo menos, recusaram-se, de início, sumáriamente e por um silencioso gesto com a cabeça, ao pedido de colocar minhas coisas numa das casas por causa da chuva que se aproximava e, bem assim estender alí a minha rede.

Era tocante o quadro em que vi uma mulher cuidar com extrema dedicação do filho completamente idiota que gaguejava e se mexia pelo chão, tomando-o no colo e vertendo-lhe, na boca com muito custo, uma colher de alimento líquido.

À noite todos os habitantes se dirigiram ao deposito de acurí, afim de beber "tehitcha". Dessa vez também fui para assistir ao preparo da bebida predileta dos índios guatós e conhecer-lhe o sabor.

Cada família possuía o seu próprio depósito de palmeiras. Uma picada estreita e muito sinuosa nos guiava até lá. Prepara-se a acurí de tal maneira que as fôlhas maiores se dobram para baixo. Na base superior do tronco, escava-se, por meio de uma concha ou de um pedacinho de ferro, um orifício, onde se ajunta a seiva. A bebida leitosa e de bom sabor é sorvida do tronco por meio de um canudo. Dizem que pela manhã ela ainda é mais embriagadora do que à noite. Isto se explica pelo fato de, durante a noite, o líquido completar sua

(44) N. da T. A citação no original é a seguinte: "Sehet die Vögel unter dem Himmel an; sie süen nicht, sie ernten nicht, sie sammeln nicht in die Scheuern und unser himmlischer Vater nährt sie doch"

fermentação. Todo o dia é preciso consumir toda a produção, porque do contrario o resto no orifício apodreceria, prejudicando a árvore. Logo que o buraco é esvaziado, à noite, procede-se à nova escavação, pelo que fica sempre mais fundo. Cheguei a ver buracos até 30 cm. de fundo. Logo que as chúvas se intensificam, cessa o habito de beber a tchitcha. Naturalmente as palmeiras, roubadas em sua seiva, acabavam morrendo.

Era engraçado ver aquela gente toda sentada lá nas copas das árvores, abaixando-se, de quando em quando, ao orifício onde sorviam a bebida. Conseguiram chegar ao arejado pouso lá no alto por meio, de uma vara recortada e encostada rente à palmeira. Os indígenas corriam lépidos pela mesma, apoiando-se com o dedo maior do pé nos recortes, ao passo que para mim os cortes só serviam de obstáculo tanto na dificultosa subida como no deslizar para baixo, coisa que os fez rir muito.

Assim como o ciume às mulheres os fazia limitar a franca hospitalidade, não gostavam de partilhar com o estrangeiro a sua tchitcha, pela qual tinham grande paixão. Ao perguntarmos, meus companheiros e eu, pelo suco existente no buraco da planta, os homens sentados lá em cima responderam que já estava esgotado, mas como eu apareci na copa, deram-me o canudo para que eu bebesse.

Na manhã seguinte, 19 de outubro, um vento forte pôs o lago em tal agitação que nos foi preciso adiar o embarque. Pela primeira vez tive a oportunidade de experimentar a carne da sucurí, a cobra gigantesca, preparada pelo mais velho dos nativos, Antônio, numa enorme panela de barro. A carne era saborosa, mas muito dura. Também provei de um prato indígena nacional, que consta de uma sôpa de bananas feita juntamente com peixe.

Eu pretendia ainda visitar rapidamente os guatós, residentes além do lago de Uberaba, atrás da colina de Caracará, tomando como ponto de referência o lado do rio em que me encontrava. De acordo com o que me informaram, aquela região parecia oferecer ricos tesouros etnológicos. Não sei até hoje o verdadeiro motivo por que os guatós se recusaram a ir comigo até lá, apresentando vários pretextos. Assim estava eu eismando à noite, na praia, tendo diante de mim o vasto lençol de água e as montanhas no fundo. Pensava que o meu desejo mais ardente foi viver alguns meses nêsse pequenino e lindo recanto da terra, entre essa gente simples e satisfeita até que as águas tivessem subido bastante para poder alcançar os pontos desejados por meio da embarcação... Nisso chegaram os jovens indígenas, inclusive Mequi, para tomarem aqui perto o seu banho. Aos poucos foram-se embora. De novo estava só. Um vento frio vinha da superfície das águas mergulhadas em neblina. Uma sensação estranha apoderou-se de mim. A viola e o canto lá na floresta soavam de longe aos meus ouvidos, os índios preparavam-se de novo para um cururú, fazendo-me lembrar que, por causa de esperanças perdidas, eu não devia deixar pas-

çar o que o presente me oferecia. Dessa maneira fui até lá e dansei uma alegre valsa com a pequenina Maria. Em breve inventaram uma dança especialmente para mim, que consistia na corrida de um par atrás de outro, cada vez mais apressadamente, até que eu não pude mais. Nêsse ínterim os jovens procediam a uma espécie de brincadeira de pegar.

Na manhã de 20 de outubro, bem cedo, partimos em nossas embarcações, tendo dessa vez feito boa viagem, de modo que em tempo relativamente curto estávamos diante do marco, já antigo, separando a região brasileira do território boliviano. Entramos depois num pequeno braço que une as águas do lago Uberaba com as do Gaíba, denominado rio Pedro II. Aquí encontrámos logo uma canoa com dois índios, João e a mulher, que se dispuseram a voltar conosco até a sua habitação ali próxima. Excepcionalmente havia em tórno do seu rancho, de construção insuficiente, uma queimada para se fazer uma plantação. Ao almoço, que foi opulento, houve sopa de bananas e rabo de crocodilo. Eu ofereci rapadura como sobremesa.

No dia seguinte (21 de outubro) de novo seguimos cedo. Após ligeira parada numa insignificante colônia guató, que não exigia delongas, porque o único homem que ali encontramos acompanhado de mulher e filho era completamente mentecapto, chegamos logo depois a uma habitação mais animada. O dono da casa chamava-se Manuel da Rosa. Era um tipo bem representativo do legítimo guató, (V. grav. dos três homens guató) para o que contribuíam a sua barba selvagem e os seus cabelos um pouco ondulados e desalinhadamente voltados para cima. Costumava ficar no centro do terreiro grande parte do dia, inteiramente scismarento e displicente, quasi sempre meio embriagado pelo "tchitcha". (O terreiro era um espaço livre que ficava, como em Figueira, entre as casas e a margem do rio). O único movimento que fazia era abanar-se para afastar os mosquitos que existiam por aquí em quantidade extraordinária. Dos presentes ainda se achava ali um guató velho e cêgo, dedicadamente vigiado pelos companheiros, o irmão mais moço de Rosa, e uma mulher com uma menina e uma criança. Estavam de visita um casal com os filhos, vindos da aldeia guató no alto Paraguai. Como diversos habitantes dos lugares que havíamos percorrido, nos acompanharam na viagem ou nos alcançaram pouco depois, reuniu-se em breve regular número de gente à noite para o inevitável cururú. E até mesmo o cego, guiado por um outro que o segurava pelo abanador, entrou na roda para cantar com voz gemebunda. Os meus homens e eu também tomamos parte durante muito tempo na dança, pois era êsse um meio realmente ótimo de a gente se livrar do "mosquito branco" que, à proporção que escurecia, aumentava cada vez mais em quantidade. Jamais ví, tanto no Xingú como no Gaíba, tão densa nuvem de mosquitos assaltar um povoado. Em parte alguma se conseguia fugir às suas terríveis mordidas, nem mesmo sob o mosquiteiro, pois por mais depressa que a gente entrasse

de baixo dele ainda carregava consigo um enxame. Só havia um recurso, que era rodar o curucú. Durante a dança, jámais me senti picado. Por isso, eramos logo obrigados a continuar a dançar, sempre em pequenos intervalos. Não seria esse o motivo que também levava os nativos a dansarem longamente durante a noite, costume, porventura, baseado numa simples contingência real? Só pude dormir após ter estendido o meu mosquitoireto diretamente sobre o chão, tendo-me demorado ainda longo tempo em exterminar os inumeráveis assaltantes, por meio da vela de estearina.

No dia 22 de outubro cheguei ao ponto final de minha viagem, isto é, às últimas habitações guatóas no Uberaba, as quais, inteiramente isoladas do resto, só são accessíveis através de uma confusão de pequenos braços de rio. Estavam presentes três mulheres, uma menina e três rapazes. Como eram parentes de Rosa, fomos, naturalmente, bem recebidos e assim pude passar alguns dias agradáveis nêsse confinado da terra. Densa mata circunda os dois ranchinhos. No primeiro plano ergue-se uma alta figueira, a qual cobre com a sua sombra uma vasta área, onde muitos pássaros, selvagens e mansos, pipilam seus cantos, e costumam descer em busca de comida. A minha grande arara vermelha também tem esse habito. Altas acurís erguem-se em ambos os lados, algumas delas fenecidas, deixando pender as suas enormes folhas murchas. É que a sua seiva lhes foi retirada para o preparo da "tchitcha".

Certamente que a influência brasileira já chegou mesmo até este canto, pois os machados são de pedra, bem assim as pontas das lanças com que matam o jaguar. A saía de chita da mulher e as calças dos homens usadas como pano da costa são de fabricação européa. Aquí e alí encontra-se uma panela de ferro, uma caneca de folha ou uma velha lata de conserva. Afóra isso, todos os objetos são legítimamente indígenas.

A forma das habitações torna-se, à proporção que se avança, cada vez mais primitiva. Em Figueira a casa do velho Timóteo correspondia inteiramente ao estilo do rancho brasileiro. Aquí em Uberaba, o ponto mais extremo, ha apenas dois telhados de sapé, cujas bordas inferiores atingem o solo. A chuva tempestuosa, que desabou durante a noite, fez-nos sentir mais o que é essa espécie de construção primitiva, visto que precisamos passar a noite todos encolhidos sobre os poucos metros quadrados protegidos pelo telhado.

Finalmente consegui algumas fotografias por meio da minha defeituosa máquina. Era uma dificuldade a operação de revelar os retratos. O único meio que eu tinha era abrigar a parte superior do corpo com o cobertor de lã durante a noite, juntamente com a lâmpada vermelha e os diversos instrumentos fotográficos para proceder ao trabalho, enquanto as pernas que saíam de dentro dela eram impiedosamente apanhadas pelos insetos que vinham aos enxames.

Aquí também existia um "acurisal" para a retirada da tehitcha. Não pude, desta vez, subir até lá em cima com as minhas pernas feridas, visto que as palmeiras eram de uma altura consideravel. Para galgar as mais elevadas havia uma vara apegada a uma outra árvore mais baixa, e daí havia ainda outra vara que levava ao cimo do acurí. Afim de se estabelecer uma ligação entre os que se achavam lá em cima e os debaixo, havia um cesto que era puxado para cima e para baixo por um longo fio.

No dia 24 de outubro, iniciamos o caminho de regresso pela mesma via por que viéramos. Como a correnteza estava agora a nosso favor, a viagem foi muito mais fácil, em breve estávamos novamente próximo á casa do Manuel da Rosa. Pela tarde tivemos vento refrescante oriundo de uma tempestade que se desenhava no horizonte, de modo que deslisavamos agradavelmente sobre o belo braço de rio. A minha canôa estava pesadamente carregada das peças recentemente adquiridas. Achava-me como sempre na frente dela, tendo junto a mim a arára mansa, estendendo a cabeça para que a coçasse. Atrás de mim, sobre o meu grande caixote, sentava-se Mequi, tendo a calça persa à cintura à guisa de avental, o resto do corpo nu, acompanhando com o olhar alegre tudo o que se passava em torno. Confeccionava charutos de folha de milho para mim, movendo de quando em quando o remo demasiado grande para êle. Vigoroso eco respondia do fundo da mata ás nossas exclamações, o que muito nos divertia. Pouco depois ameaçava-nos um grunhido vindo da margem. Imediatamente Mequi chamou a atenção de José, que se achava sentado atrás dêle, de que havia boa caça à vista. Após uma caça alternada por fortes grunhidos, chegaram José e Mequi trazendo como presas dois grandes "bugios". Já quasi ao escurecer alcançamos a casa do guató João, abandonada no momento, e onde já na ida havíamos pernoitado uma vez. Como João ficara devendo qualquer coisa á povoação do Acurisal, temia permanecer na própria casa, fácilmente accessível, por causa de um ataque de surpresa; por isso reuira as suas coisas e, apesar de já ter iniciado a plantação, transportara-se para junto dos seus companheiros de tribo residentes mais ao longe.

Nêsse lugarzinho sossegado e sereno fiz o meu dia de descanso, em que completei as minhas notas de linguagem com o auxílio dos índios, meus companheiros, ao mesmo tempo que nos deliciamos com a opulenta caça do dia anterior. Os dois macacos foram preparados como de costume, isto é, primeiro foram chamuscados, em seguida pelados e estripados, cortados aos pedaços e colocados num grande caldeirão, sobre fogo forte. Logo que ferve, o caldo torna-se gorduroso.

No dia 26 de outubro atingimos o povoado no lago Gaíba, após difficil viagem, várias vezes interrompida, em virtude da tempestade que nos ameaçava. Ao arrumar as bagagens por causa do tempo ameaçador, tive a infelicidade de ferir o olho numa flecha fincada numa

acurí. Essas palmeiras que contornam as habitações são utilizadas como suportes para tudo quanto é objeto, sendo que os restos de folha do tronco, em baixo, se prestam admiravelmente para isso. Quasi que se poderia comparar a acurí com a árvore de natal: pelo menos ali estava eu à procura de objetos escondidos entre as fôlhas que servissem para a minha coleção, como si procurasse "cakes" na árvore de Papai Noel.

À noite trepei sobre uma delas à procura de tchitcha. Quasi que a bebida me sobe à cabeça, talvez por isso tenha hoje dansadõ mais animadamente que nas outras noites. Um aguaceiro durante a noite molhou-nos completamente dentro das redes.

No dia 27 de outubro o vento e as nuvens ainda uma vez impediram o nosso embarque. Como o prazer da tchitcha a que se entregavam os indígenas, os mantinha numa semi-vertigem, nada havia a fazer com êles em relação a perguntas. Dêsse modo aproveitei o dia para repousar inteiramente. Enquanto trabalhava animadamente e cada momento me proporcionava novas impressões, o tempo voava sem que me lembrasse muito dos dias difíceis já atravessados. Agora que a minha viagem estava terminada e tinha tempo para cismar, começava a me pesar a melancolia da floresta. E' difícil descrever o meu estado de espírito. Ora me sentia triste por ter de deixar essas encantadoras regiões, ora sentia saudades do ambiente civilizado, onde o meu corpo enfraquecido mais depressa se rehabilitaria. Ha quanto tempo não tinha eu com quem conversar realmente. O único que nessas ocasiões me aliviava e distraía era o pequeno Mequi, simples e divertido. Costumavamos fazer nossa "jacuba" de açúcar e mandioca, tomando-a à moda indígena, isto é esvaziando a colher, alternadamente, um e outro. Enrolavamos cigarros, para o que eu fornecia o fumo e Mequi as folhas de feitio apropriado que êle achava na mata. Aprendia comigo a escrever os algarismos e letras, sabendo já esboçar algumas figuras de animais pontilhadas e encontrava prazer imenso em subscrever o nome de seu homónimo mequi coelho, debaixo da figura.

Na manhã seguinte a baía estava lisa e uma brisa suave passava sobre ela; tratamos de embarcar cedo. Após pequeno descanso para almoçar, em que nos regalamos com a comida preparada na vespera e que constava de peixe, pato e lombo de corça, chegamos, numa forte correnteza, a Figueira. De novo fui muito bem recebido pelo velho Timóteo. As peças que deixei com êle foram guardadas zelosamente. Como havia chegado uma família da colina de Caracará, pouco depois de nós, família essa constituída de homem, mulher e quatro filhos homens, houve à noite grande animação. Todos estavam contentes em nos tornar a ver e brincar de "Kopeisterschiessen".⁴⁵

(45) N. da T. — Kopeisterschiessen — Brincadeira que corresponde à nossa de "dar cambalhotas".

Na manhã seguinte, logo cedo, Timóteo queria sair com os seus de barco, em direção ao tchitcha, chamando para isso Mequi e ordenando-lhe que se despedisse de mim, afim de com ele seguir. Ofereci, como lembrança a esse meu amiguinho (que sempre soube reanimar-me com o seu bom humor nas minhas horas mais tristes e a sua dedicação) algumas miudezas e a minha faca de cinta. Depois disso ainda tirei uma chapa da canôa que se afastava.

Estava farto de viajar, mas a despedida definitiva dos índios aqui foi penosa para mim. Desconsolado,, mandei preparar tudo, afim de seguirmos para Amolar.

CAPÍTULO VI

Reminiscências da Revolução em Mato Grosso. Regresso para a Europa

JÁ os guatós que tinham vindo de Caracará a Figueira sabiam alguma coisa a respeito da revolução desencadeada em Mato Grosso. Assim, a tripulação de um vaporzinho fluvial teria tentado, segundo êles, aprisionar um grupo de índios guatós residentes às margens do Paraguái, com o fim de os utilizar como soldados, mas os nativos se salvaram com um pulo nágua.

As notícias mais seguras, porém, sôbre o que se passara durante o tempo em que permaneci junto aos índios, só me foram dadas através de alguns fugitivos que encontramos nas proximidades de Bracinho, à noite, quando êles se nos depararam, ali. Já era escuro quando os vimos na beira do rio, sendo compreensível que, à primeira vista, houvesse certa desconfiança de parte a parte. Mas foi com prazer que, após alguns instantes, notei que sabiam quem eu era e que estavam até incumbidos pelo negociante de Amolar a me prevenirem do que se passava e me recomendarem o maior cuidado.

Dois dias antes tinha chegado de súbito um vapor, cuja guarnição de 70 a 80 homens pertencia ao partido do govêrno, desembarcando em Amolar. Pouco antes já tinha vindo uma porção de homens armados, os quais desembarcaram misteriosamente bem mais abaixo do lugarejo, tendo vindo a correr até ali onde assaltaram alguns indivíduos, aprisionando oito dêles com o fim de os fazer lutar nas próximas escaramuças. Os que conseguiram fugir foram perseguidos a tiro. Assim, o meu hospedeiro escapou a dois tiros antes de atingir o mato próximo. Dois dos presos eram gente dêle. Chegaram a apanhar um velho de 70 anos para o mesmo fim, arrastando-o para cima do convés, mas a muito custo o velho conseguiu que o comandante da guarnição, um "coronel", o soltasse.

Por toda parte reinava confusão, pois esperavam-se sempre novos assaltos e a maior parte da população masculina, escondida na floresta, não se atrevia a sair dela. Sabia-se, outrossím, que dois irmãos, pertencentes a dois partidos opostos, estavam prestes a decidir, com o auxílio de seus homens, uma espécie de batalha.

Tendo sabido dessas novidades todas, que me puseram numa situação desagradabilíssima, tratei de zarpar a toda a pressa, afim de ainda poder pernoitar com os meus companheiros da outra canoa, os quais, de medo, já haviam ido embora. As notícias de Amolar deixa-

ram a minha gente em pânico, inclusive a José, porque havia lá deixado sua companheira negra; Reginaldo, porque receava que chegando comigo a Amolar, também fôsse preso. Em todo o caso, era preciso que eu também me acautelasse. A principal dificuldade era conseguir levar incólume para Amolar a coleção etnológica, obtida com muito esforço. Os meus homens recusavam-se a remar até ao lugarejo temido, e quanto a mim, não queria ser envolvido nas escaramuças por causa dêles. Assim resolví ir só a Amolar através de uma picada que conhecia e que levava por montanhas, floresta espessa, água até os joelhos e frequentemente tão coberta de folhagem que mal se reconhecia. Entretanto, em duas horas eu estaria lá. A coleção ficaria na canoa até mandar buscá-la.

Encontrei as primeiras choças que nos anunciam Amolar, abandonadas e fechadas. No próprio lugarejo reinava um silêncio aprensivo. Só se falava em voz baixa. Muitos dos moradores ainda não haviam surgido dos seus esconderijos na mata. Outros, que ainda não haviam dado notícias, desde o dia do assalto, davam a impressão de já terem sido mortos pelos jaguares ou sofrido outra desgraça qualquer. Os homens que se achavam presentes estavam prontos para pular no mato ao primeiro sinal suspeito. Encontrei o meu antigo hospedeiro, Magalhães, possuído de uma nervosidade terrível; êle era pai de seis crianças. Esperava-se nessa noite a passagem de um vapor, de modo que todos, excepto mulheres e crianças, que se trancavam dentro das habitações, voltavam aos seus esconderijos na floresta. Passaram-se muitos dias nesse silêncio misterioso, sem que se tivesse notícia do que ocorria. Toda a navegação a vapor estava paralisada com isso, visto que os dois irmãos inimigos se apoderavam de qualquer embarcação de rio, utilizando-as como barcos de guerra. Eu mesmo acabei ficando numa situação penosa, pois não podia receber meu dinheiro, nem os objetos mais necessários de Cuiabá. Estava, outrossim, condenado a recorrer à hospitalidade dos moradores, na maior parte pobres, após ter passado bastante tempo no sertão, pois era preciso esperar quasi um mês por um vapor que deveria trazer os meus volumes. Só então iniciaria a viagem de regresso.

Pouco a pouco começaram a aparecer embarcações oriundas do principal teatro de batalha, para aquí se abastecerem de lenha, circunstância que nos proporcionou notícias. Os habitantes continuam a estremecer de medo ao ouvirem o rolar das palhetas do vapor e o apito subsequente. O pessoal do meu hospedeiro, o qual, por sua vez, havia fugido para a Bolívia, não se resolvia absolutamente a ir vender a lenha cortada e pronta para embarcar, aos dirigentes do vapor. Em paga da hospitalidade que me deram, fui, então, a pedido da dona da casa, realizar o negócio.

Entrementes um dos irmãos em luta, atacara o outro na própria fazenda, com o auxílio de seus 1.000 indivíduos reunidos. O irmão e a sua gente entregaram-se sem que houvesse luta.

A própria vida que se levava a bordo do vapor fluvial que me transportou de volta a Buenos Aires estava, em muitos sentidos, alterada pelas consequências da revolução. De qualquer maneira, porém, as lutas francas haviam terminado nessa época. No próprio norte do estado de Mato Grosso, num lugarejo chamado Diamantino houvera muita desordem e as coisas se decidiram a favor do govêrno. A capital estava agora livre de arruaças, graças à rápida derrota dos revolucionarios. Contudo, muitos daqueles que participaram dos acontecimentos preferiram antes de mais nada deixar a pátria juntamente com as suas famílias. Por isso o vapor estava repleto de fugitivos.

Enquanto o vapor deslisava pela região brasileira, toda aquela gente tinha um ar acabrunhado e lúgubre. Muitos se viam obrigados a se refugiar em suas cabines, quando o vapor atracava em qualquer parte. Diversos locais de embarque ainda estavam patrulhados, e todos os que desciam à terra eram observados. Tudo isso, porém, terminou ao passarmos a fronteira nacional e entrarmos no território do Paraguai. Os que até então ainda não se consideravam seguros, respiravam agora livremente. Corriam, então, as notícias de tudo o que se passara, de modo exaltado e os diversos documentos dos partidos foram retirados dos esconderijos. Era muitas vezes difícil separar alguns espíritos excitados que, durante o almoço, quasi se atacavam.

É fácil imaginar o quanto é prejudicial ao país e à sua situação econômica semelhantes acontecimentos. Vimos pessoas violentamente arrancadas do seu trabalho, por qualquer dos partidos, para lutarem. Muitos deles precisaram abandonar por longo tempo sua casa e suas propriedades, afim de se ocultarem nos bosques. Outros achavam-se por demais envolvidos para poder cuidar de seu trabalho. E tudo isso se verificou justamente no início da época das chuvas, da semente e da plantação! Muitos ficam prejudicados no produto do seu trabalho, e são precisamente os mais esforçados os que mais sofrem.

No dia 17 de dezembro de 1901, à noite, o nosso vapor denominado "Rápido" entrou no ancoradouro de Buenos Aires.

Acaso feliz quis que, justamente na noite seguinte à minha chegada, houvesse uma grande festa de estudantes alemães sob a presidência do Dr. Wolf, redator do jornal alemão "La Plata Zeitung", e do Dr. Lehmann-Nitsche, em homenagem aos participantes da expedição sueca ao Polo Sul, que se achavam presentes em Buenos Aires. Fiquei muito satisfeito com o convite para essa reunião acadêmica, pois tive oportunidade de conhecer muitos patrícios meus na minha tão curta permanência na capital da Argentina.

No dia seguinte o Dr. Lehmann-Nitsche foi comigo para La Plata, onde visitamos o museu e onde êle me mostrou minuciosamente as coleções etno e antropológicas, tão ricas graças à sua direção.

Ao voltar à noite ao hotel, a minha arara guató preparara-me uma surpresa no quarto. Pouco habituada aos côstumes dos civilizados,

soubera livrar-se de sua gaiola nova e, como legítima arara que era, passou a destruir todos os objetos de madeira que havia ali. Por felicidade o dono do htoel concordou facilmente com uma indenização condizente.

A 20 de dezembro eu já me encontrava a bordo do "Tijuca". Como só havia mais dois passageiros de beliche, além de mim, pude aproveitar largamente o conforto que êsses belos vapores da Sociedade Sul-Americana de Viagens de Vapor, de Hamburgo, oferecem. Assim descansei o meu corpo cansado das aventuras da expedição, e fui ainda cuidadosamente tratado pelo médico de bordo, Dr. Hirsch, e pela especial dedicação do sr. Capitão Simonsen. O que me fazia um bem extraordinário era achar-me novamente num círculo agradável de compatriotas. Festejamos juntos o natal e o ano novo.

No dia 14 de janeiro, à noite, o nosso vapor entrou no porto de Hamburgo.

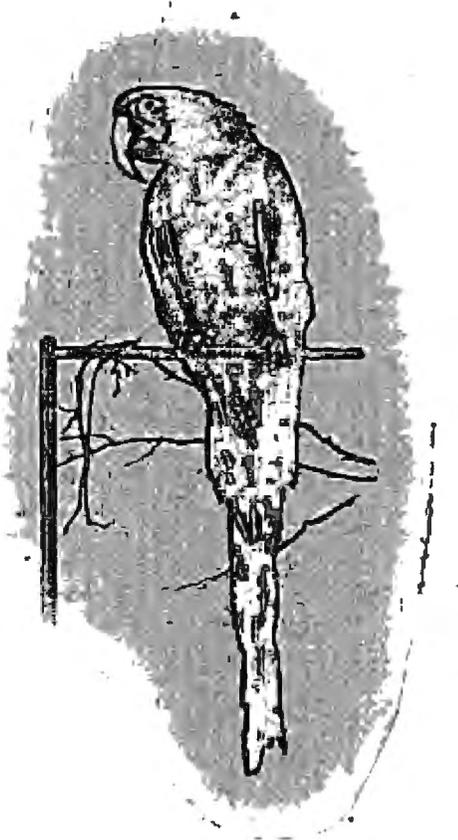


Fig. 29
"Arara" no ano de 1905.

II

RESULTADOS ETNOLÓGICOS DAS MINHAS VIAGENS AO CENTRO DA AMÉRICA DO SUL

CAPÍTULO VII

Índios Guatós — Resenha histórica

E NCONTRAMOS os primeiros dados aproveitáveis em Azara ⁴⁶, que descreve as habitações d'esses índios, ao tempo das "conquistas", situadas à beira de uma laguna, a qual, de acôrdo com as suas palavras, é fácil de ser identificada como sendo a de Gaíba. A completa dependência em que vivem os guatós das águas fluviais já era conhecida de Azara ⁴⁷, e bem assim que êsses indígenas falavam uma língua alheia a todas as outras tribus conhecidas. Quanto ao número de habitantes, diz que, provavelmente, não ultrapassa a 30 homens adultos, talvez mesmo nem chegue a uma dúzia. Êsses dados, naturalmente, só podiam ser considerados como hipotéticos, visto que os guatós, até o tempo de Azara (suas viagens datam entre os anos de 1781 a 1809) não tiveram relações algumas com os imigrados europeus, mas sempre fugiram aos mesmos, refugiando-se nos pântanos.

Os guatós devem exclusivamente à natureza da região que habitam, onde os lagos e os braços de rios lhes oferecem milhares de abrigos ocultos, o terem podido evitar o desastroso contacto com a cultura européia, por influência da qual as tribus suas vizinhas desde cedo sacrificaram a sua individualidade ou desapareceram da superficie da terra, não deixando sequer o seu nome.

Já no ano de 1543 os primeiros espanhóis, sob o comando de Martinez de Irala ⁴⁸, penetraram a região lacustre de Gaíba, afim de descobrir o caminho por terra para o Perú. Já naquela época remota fundou-se um posto a oeste do lago de Gaíba, que é o Puerto de los Reyes, e, alguns anos mais tarde, em 1557 ⁴⁹, Nuflo de Chaves adiantou-se até o lago de Uberaba, indo através do braço fluvial que une lagos de Gaíba e de Uberaba. Em 1752 veio então à região lacustre uma comissão espanhola para tratar de limites, sob a direção de Dom Manuel Antônio Flores.

Os primeiros pormenores sôbre o aspecto exterior dos guatós são encontrados em Castelnau ⁵⁰, o qual deu com êles em 1846, no lago

(46) Azara, Don Felix de: *Voyages dans l'Amérique méridionale*. Vol. II, Paris 1809, pg. 80.

(47) Ce qu'il y a d'indubitable c'est qu'ils ne sortent jamais de leur lagune qu'ils y naviguent dans de très petits canots, deux à deux, probablement mari et femme.

(48) V. Bolland, H.: *Las Exploraciones en el alto Paraguay y en la laguna Gaiba* 1901, Pg. 10.

(49) Ebenda Pg. 24, 31 e 129.

(50) Castelnau, Francis de: *Expédition dans les parties centrales de l'Amérique du sud*. Paris 1850, Vol. II, Pg. 373 ff., Vol. III, Pg. 9 ff., Vol. V, Pg. 283 ff.

Gaíba e no canal do lago de Uberaba. Aquela gente, que lhe serviu de guia pelos caminhos, causou-lhe a melhor impressão: "L'extrême douceur de leur moeurs, leur curiosité enfantine nous rappelaient les Caraïbes tels qu'ils s'étaient présentés aux premiers voyageurs⁵¹".

Ao lado de algumas indicações etnográficas gerais, devemos a êsse encontro de Castelnau com os guatós um pequeno vocabulário que acrescentei ao meu para termo de comparação. Dos dois retratos que encontramos em Castelnau, um representa uma paisagem mais ou menos geral do lago de Gaíba, tendo alguns barcos no primeiro plano, enquanto o outro pretende apresentar um índio guató. Nesse retrato, o guató usa a barba característica e os cabelos, ao contrário dos seus hábitos hodiernos, são de tal maneira enrolados que fazem atrás um carrapicho.

Em 1883, o explorador Richard Rohde⁵² conseguiu uma coleção etnográfica entre os guatós, que se encontra no Museu Etnológico de Berlim, de onde copiei algumas peças mais abaixo.

Julio Koslowsky⁵³ relata a sua permanência de três semanas entre aquela tribo no alto Paraguái, no ano de 1894, na Revista del Museo de La Plata, 1895. As principais peças de sua coleção etnográfica, existente no museu de La Plata, acham-se fotografadas e incluídas na referida publicação.

As últimas notícias, finalmente, de uma permanência entre a tribo guató, antes de mim, podem ser encontradas numa divulgação feita por Henry Bolland⁵⁴, que dirigiu uma expedição de interesse econômico para proceder à medição das terras de Uberaba. A respeito dos guatós encontramos apenas referências gerais em determinada divulgação⁵⁵. Foi através do material cartográfico expedido por Bolland, como resultado de suas medições, que organizei o esboço geográfico apenso ao meu livro de viagem.

Ainda se podem completar essas datas históricas com algumas informações sobre os guatós, naquela época remota. Certamente que essas informações devem ser aceitas com alguma reserva, como todos os depoimentos a respeito dos povos ameríndios, que, frequentemente, não revelam o menor interesse em informar de tudo ao estranho europeu. O menor motivo, a mais leve desconfiança levavam muitas vezes, os guatós, assim como os indígenas que encontrei nas cabeceiras do rio Xingú, a dizer-me exatamente o contrário da verdade. As respostas, que dão a determinadas perguntas, serão sempre tais que

(51) Castelnau: Ebenda III. Pg. 15 f.

(52) Originalmitteilungen aus der ethnologischen Abteilung der Koeniglichen Museen zu Berlin. Berlin 1885. Pg. 15 f.

(53) Koslowsky, Julio: Tres semanas entre los Indios Guatós, na Revista del Museo de la Plata. 1895.

(54) Bolland, H.: Las exploraciones en el alto Paraguay y en la laguna Gaiba, 1901.

(55) Ebenda Pg. 106 e 109.

convenham o mais possível aos seus interesses vitais, e, quando bem pagos, é que chegamos a conhecer, interessantes "fatos". Quando queriam livrar-se de mim, falavam com entusiasmo das boas qualidades e do grande número dos seus vizinhos, mas quando pretendiam ser os únicos a fruir os objetos trazidos pelo explorador, os vizinhos assumiam as peores côres, ou até era negada a sua existência, como aconteceu a respeito das informações que me deram dos guatós domiciliados na colina de Caracará: Afirmavam-me que não havia ali companheiros de tribo, porque a recente epidemia de varíola disseminara a maioria e os sobreviventes passaram a viver em Figueira. Além disso, que era impossível chegar-se até lá naquela estação do ano, por causa da baixa das águas fluviais. Foi somente no último dia passado entre os indígenas, ao ver chegar de Caracará uma família, constituída pelo casal e quatro filhos, de visita a Figueira, que percebi serem falsas as informações que me haviam dado. Dessa maneira os guatós revelam interesse especial em ocultar o verdadeiro número de seus habitantes, o que torna hipotética a história da epidemia de varíola ⁵⁶ dizimar tão violentamente os índios, ainda que se possa admitir realmente que uma grande porcentagem atingida pela doença fôsse atacada desde o primeiro contacto com os civilizados.

Os guatós falaram-me da sua antiguidade, declarando que na região que habitam, vivera anteriormente outra tribo, de nome "matsubehe", que eles, guatós, expulsaram. Que foram os "matsubehe" que erigiram ali os morros de conchas, que se encontram sobretudo na região de Caracará, e que eram eles que costumavam fazer plantações de bananas nesses morros artificiais, sendo até hoje a banana um fator importante na manutenção dos guatós.

Koslowsky ⁵⁷ soube através dos guatós que durante a guerra do Paraguái, eles também se tornaram inimigos dos paraguaios, de modo que, mais tarde, alguns dêles tomaram parte na luta contra os bororós ⁵⁸.

Durante a intentona que se verificou ao tempo de minha permanência em Mato Grosso, os guatós não se mostraram simpáticos à causa revolucionária. Relataram-me que um vapor ao passar no alto Paraguai, apanhou certa quantidade dêsses índios, mas que todos eles haviam pulado água e nadado até a margem para fugir mais adiante.

(56) V. Koslowsky Pg. 14, onde se vê o numero 27 para a totalidade da população guató com toda a certeza não corresponde á verdade visto que Koslowsky em seu livro de viagem dá 28 individuos domiciliados no alto Paraguái, aos quais ainda temos que acrescentar os guatós do lago de Gaiba e as duas famílias do rio S. Lourenço.

(57) Koslowsky, Pg. 14.

(58) Ebenda Pg. 27.

CAPÍTULO VIII

Índios Guatós — Elementos etnográficos

1 — Região habitada

No que concerne ao domicílio dos guatós, hoje como outróra, occuparam sempre a grande região lacustre de Gaíba e Uberaba. Dos povoados por mim visitados aquí, Figueira ainda se sitúa no próprio rio Paraguai, bem rente à foz em que se juntam as águas dos dois grandes lagos que entram no mesmo rio. Temos ainda outra povoação à margem norte do lago Gaíba e mais três que ficam no lago Uberaba e no braço, unindo o ao lago de Gaíba.

Contei 46 indivíduos, isto é, 16 homens, 12 mulheres e 18 crianças ao todo.

A maioria dos 28 indivíduos encontrados por Koslowsky no alto Paraguai, de acôrdo com o que me assegurou um guató daquela região, foi dizimada pela varíola que grassou recentemente por alí. Isso também deve ter diminuído o número de índios residentes na colônia de Caracará, conforme o depoimento. Além disso nada devem morar duas famílias no baixo S. Lourenço.

2 — Navegação a vapor e de canoa

O objeto que mais importância tem para a vida dos guatós é a canoa (*maní*), feita de cortiça de árvore, muito bem trabalhada. Enquanto a proa (*copíagá*) termina em forma muito bicuda, sendo escavada até a extremidade, a popa é massiça e de tal maneira que há sempre uma pequena beirada saliente, utilizada para assento.

Para movimentar as canoas elles usam grandes *remos* (*makū*), ou compridas *varas para impelê-las* (*madiuãd*).

Dos dois remos pertencentes à minha coleção, um tem 2,56 ms. de comprimento, o outro 2,50 ms. A pá (respectivamente 59 cms. e 60 cms. de comprimento, sendo no ponto mais largo respectivamente 18 cms. e 24,5 cms. de largura) termina em bico.

Os *remos infantís*, V. B. 5033 (84 cms. de comprimento) e V. B. 5034 (84 cms. de comprimento) que figuram na gravura 30, diferem dos dos adultos somente pelo tamanho e a proporção entre o cabo e a pá, enquanto a forma, principalmente a da pá, permanece a mesma.

A longa vara que impulsiona o bote (em brasileiro: “singa”)⁵⁹ termina em ponta na extremidade inferior ou, o que é o comum, ela possui uma disposição especial que a adapta às necessidades da região.



Fig. 30

Remos infantís dos guatós.
Mus. Etn. Berlim, V. B. 5033-4,
1/4 do tam. nat.

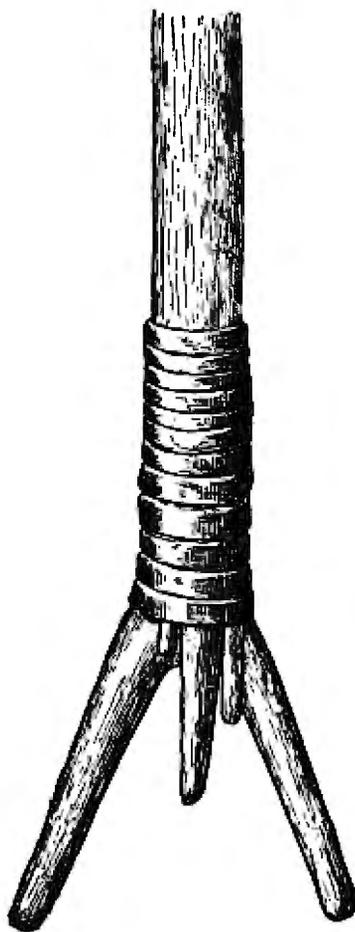


Fig. 31

“Singa” (zinga) (vara que impele a canôa) dos guatós.

3/8 tam. nat.

É que todas essas vias fluviais são recheadas de plantas aquáticas em confusão, através das quais, muitas vezes, se torna difícil a passagem do bote. Assim, para vencer a resistência desses obstáculos, os índios introduziram na vara em baixo uma espécie de garfo de madeira que

(59) N. da T. — Trata-se evidentemente da “zinga”. O autor escreve “singa”, mas o “s” alemão tem o som equivalente ao nosso “z”.

permite segurar melhor os arbustos no caminho havendo mais firmeza no momento de impulsionar a embarcação. Este garfo (V. B. 5019, 18,5 cms. de comprimento) tem dois pedaços de pau amarrados de modo tal que a extremidade pontuda da vara forma o terceiro dente no centro. A vara propriamente, fig. 31 (segundo um desenho meu), da "zinga" tem o comprimento de 4 metros, ao passo que o garfo em baixo só se estende até 12 centímetros.

O guató passa grande parte de sua vida viajando em canoa. Aproveitando a grande quantidade de ramificações fluviais de que dispõe, sai frequentemente para visitar os seus companheiros de tribo residentes nos mais recônditos lugares. Quando as águas começam a subir e abrem novas vias pela região pantanosa, o que acontece a partir de fevereiro, os guatós deixam asocas para empreender longas viagens em suas embarcações, à procura de caça.

Ao embarcar uma família, a mulher senta-se no fundo da embarcação para pilotá-la, no centro as crianças que ajudam muito bem a mover o barco com os seus remos, de acôrdo com a idade. À frente está sentado ou de pé o homem, manejando o seu remo comprido.

Quando se ausentam para longe, costumam levar a maior parte dos seus bens.

3 — Habitação

Pelo fato do índio guató manter quasi toda sua propriedade constantemente no barco compreende-se, talvez, o motivo por que êle tem tão pouco cuidado na construção de sua casa (movir).

A estampa XII mostra-nos a habitação típica guató em todo o seu primitivismo, ao passo que a grande casa do cacique Timóteo, em Figueira, de paredes laterais, sistema de postes, já parece aproximar-se do "rancho" brasileiro.

O esquema da casa típica (estampa XII) é um quadrado, cujos lados medem 4 ms. Na parte central dêsse esquema ergue-se uma vara de 3.10 ms. de altura. As partes superiores das duas varas são ligadas a uma outra em sentido horizontal que appia os dois lados do telhado, que se estendem até o solo. Êstes constam de uma armação de varas, que se acha necessariamente coberta pelas grandes folhas de acurí. Por toda a parte a chuva penetra por êsse abrigo mal feito e aberto na cumieira⁶⁰.

A nota típica das habitações guatós observa-se no cavalete, sob a cumieira, que serve para armazenar diversos utensílios, principalmente a reserva de flechas. Evidentemente essa singularidade das choças guatós se relaciona com a singularidade da natureza em que

(60) Concordam com essa descrição os relatos de Koslowsky a respeito dos guatós do alto Paraguái. (V. Koslowsky Pg. 3, 9 e 24).

vivem. Como nessas paragens pantanosas as habitações certamente se acham sujeitas às inundações, o engenho humano arranjou um recurso contra essa desvantagem, que aqui provoca interessante desenvolvimento das habitações lacustres, sobretudo diante de outras regiões da terra. Os objetos domésticos, que não encontram lugar no mencionado cavalete, são metidos no sapé dos lados do telhado ou se dependuram sobre uma acurí ali próximo, cujas folhas voltadas para baixo se oferecem para isso (V. est. XII). Vêem-se, frequentemente, tais palmeiras carregadas de colheres de sopa, fuso de fiar, brinquedos e outras coisas.

Uma choça, como a que descrevemos, só serve para uma família⁶¹. Voltaremos a tratar do assunto, e falaremos mais detidamente sobre a vida dos guatós em famílias isoladas. Jamais vi mais de duas casas juntas.

O domicílio guató acha-se sempre junto da água, habitualmente a alguns passos para dentro do mato, escondido⁶². Mas aquele que conhece a região, sabe perfeitamente onde se encontra a casa de um guató, seja à beira do lago ou do braço de rio, porque quasi sempre o guató reside junto a uma figueira enorme, dominando todas as outras árvores, reconhecível ao longe.

4 — Leito e banco de assento

Dispondo de pouco espaço na habitação, é fácil compreender que o índio guató, logo que o tempo o permite, durma lá fora, diante da soleira, não na rede, mas sim no chão. Costumam forrá-lo, entretanto, com esteiras de duas espécies. Algumas (mádaakútsi) são traçadas com folhas de acurí, outras (miró) são constituídas de junco ligado por meio de fios atravessados⁶³. Afim de amaciar o leito costumam colocar ainda a pele de um veado mafaet(i)r (V. B. 4895, 171 cms. de comprimento por 186 cms. de largura em baixo) ou a de um jaguar máfaedyépagó (V. B. 4894, 163 cms. de comprimento, sendo 111 cms. de largura em baixo). Essas peles são simplesmente ressecadas, colocando-se as mesmas esticadas e presas a pauzinhos metidos em orifícios feitos nas extremidades. As peles de jaguar tinham as partes anteriores das patas cosidas à cabeça do animal, o que emprestava ao todo uma forma quadrangular.

Em consequência da imensidade de mosquitos que proliferam na região habitada pelo índio guató, explica-se que o *mosquiteiro* (ma-

(61) V. Castelnau, Vol. III, Pg. 13.

(62) Castelnau, Vol. III, Pg. 12.

(63) Vide mais adiante os detalhes da confecção dessas esteiras, no capítulo sobre tecelagens.

geetó) constitua parte muito necessária do seu leito. Esses largos mosquiteiros, como sacos, feitos da fibra de tucum⁶⁴, dão a impressão exata de um produto cultural devido puramente às exigências de vida

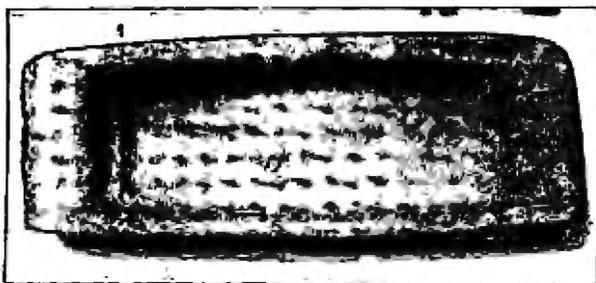


Fig. 32

Banco de madeira em forma de gamela. . . .

(Visto de baixo)

Mus. Etn. Berlim, V. B. 4899, 1/9 do táb. nat.

local, como tanta coisa dos guatós, e, num plano completamente isolado da cultura ameríndia.

Presentemente esses mosquiteiros são, na maioria, feitos de tecido de algodão importado, de modo que as de legítimo material indígena já se tornaram uma raridade. O exemplar trazido por mim (V. B. 4896) foi o único que encontrei feito à moda antiga, isto é, de fibra de tucum.

Quando faltam as árvores necessárias para colocar o mosquiteiro que protege o leito, principalmente durante as longas viagens pelos rios, o guató finca os cabos dos seus compridos remos no solo, afim de prender neles o seu mosquiteiro. Para que êle não toque o corpo, é separado por dois paus atravessados pelas malhas.

Para assento ou antes para apoiarem a cabeça na posição deitada, êles se utilizam de *banquinhos de madeira* (mikirbada). Nesses objetos permite-se reconhecer um interessante grau de desenvolvimento, isto é, do incompleto ao mais completo, do pedaço de tronco ao banco de quatro pés, assim como a finalidade que levou ao aperfeiçoamento dessa forma mais adiantada. Em muitos casos um simples pedaço de tronco servia para assentar. Um dos graus mais desenvolvidos é aquele em que, para aliviarem o peso do cêpo, facilitando, portanto, a sua movimentação, procuraram escavar sua parte inferior como si fôsse uma gamela de madeira (V. Fig. 32, V. B. 4899, 63 cms. de comprimento, 19,5 cms. de largura, 10 cms. de altura). No outro exemplar, que constitue a forma imediatamente seguinte, que infelizmente não pude obter, os dois lados menores da gamela não existiam, de onde surgiu o banco em forma de trenó, conhecido em outras partes

(64) V. detalhes sobre a confecção mais adiante.

da América do Sul. A forma mais recente (fig. 33, V. B. 4898, 32,5 cms. de comprimento, superfície superior 21 cms. de largura, 9,6 cms. de altura) tem as peças centrais dos dois lados maiores da antiga gamela cortadas, de maneira que o tipo trenó se tornou um banquinho leve de quatro pés.

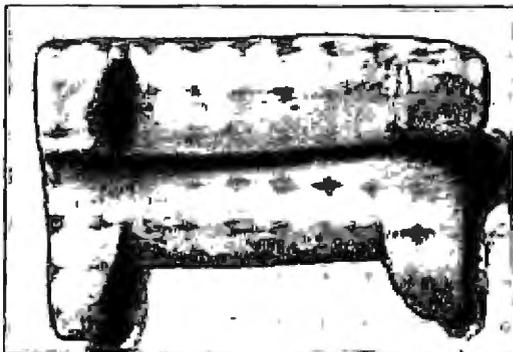


Fig. 33

Banco de madeira de quatro pernas.
(Visto de baixo)

Mus. Etn. Berlim, V. B. 4898, 1/6 do tam. nat.

5 — Indumentária e Ornamentos

A cultura indígena guató perdeu muito no que se refere ao seu vestuário e enfeites. Apenas aqui e ali, isto é, nas crianças, era possível encontrar alguma coisa puramente indígena, mas que já nos pareceram simples restos de tempos passados⁶⁵. As poucas peças ornamentais de caráter indígena, que pude ainda colecionar, foram os únicos espécimes encontrados no meio de 46 indivíduos avistados por mim.

Trata-se, primeiro, de *colares de sementes* (madsahuag (í) r), sendo um pertencente a uma mulher (V. B. 4904), dois outros (V. B. 5039 v. Fig. 34 e V. B. 5040) usados por crianças em torno do pescoço. O material era de caroços de sementes, à semelhança de que se usa em muitas regiões sul-americanas e que o brasileiro chama de "Leite de N. Senhora". A fig. 35 apresenta exemplar de um par de *ligaduras*, (matsurubó), usado, um pouco abaixo do joelho, por um menino. (V. B. 5045 a, b). Em um cordão de dois fios pendem gar-

(65) V. Castelnau, II, 373 e III, 14, segundo o qual, os objetos de adorno eram muito apreciados nos indivíduos encontrados por ele. Quasi todos usavam colares no pescoço de diferentes dentes de animais, especialmente do crocodilo. Os tufo de que falo mais adiante, usados nas orelhas, eram naquela época usados por todos os guatós. Muitos tinham no lábio inferior perfurado um pequeno botoque, e, alguns tinham os cabelos amarrados em carapicho sobre o crâneo. (V. também o desenho fornecido por Castelnau de um homem guató).

ras de capivara. As figs. 36 e 37 reproduzem dois *tufos de penas de arara, vermelhas e azues* (máraaví), dos quais o primeiro (V. B. 4906) era usado por uma mulher, o segundo por uma criança; os tufos es-

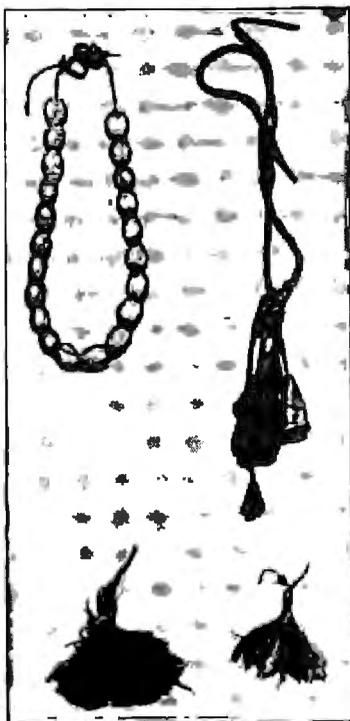


Fig. 34 a 37

Colar de sementes, ligadura para a perna com garras de capivara e dois tufos de penas para as orelhas...

tavam presos a um cordão de fibra de palmeira e seguros pelos orifícios das orelhas perfuradas ⁶⁶.

Os colares da fig. 38-40, usados por crianças menores, são compostos do mais variado material. Na fig. 38 (V. B. 5042) ha dois óssos de casca de tartaruga, outro ósso menor e duas conchas enfiados um depois do outro. Na fig. 39 (V. B. 1476 da coleção Rohde) ha, ao lado de um grande número de conchas, algumas pernas de escaravelho e uma pequena cruz de madeira, sendo que a cadeia da fig. 40 (V. B. 5041) é constituída de três figurinhas de madeira, das quais se destaca a maior delas, representando, segundo os índios, um coelho (méki) de execução caraterística, e ainda um ossinho, uma garra de preguiça e quatro conchas pequenas.

No que se refere à indumentária, Castelnau diz que os guatós andavam nus, exceto uma tanguinha que amarravam pelos quadrís ⁶⁷. Isso não se verifica mais presentemente com respeito às mulheres e moças guatós que usam exclusivamente saia, deixando a parte superior do corpo comumente descoberta. (V. Estampa X).

O traje típico ⁶⁸ é ainda hoje, para o elemento masculino, uma tanga, presa sobre os quadrís por uma correia de couro. Apenas, essa tanga é constituída exclusivamente de uma *calça de homem* dobrada (ma-vaeta), isto é, as pernas das calças são voltadas para cima e as extremidades são metidas para dentro do cinto. (V. Estampa IX). As crianças, naturalmente, andam nuas até a idade de dez anos.

Os índios da primeira povoação, Figueira, vestiam quando cheguei pela primeira vez, na maior parte à semelhança dos colonos brasileiros, isto é, *camisa* (mafae) e *calça*; as mulheres — saia, mas como

(66) V. Castelnau II, Pg. 373: "Tous avaient les oreilles traversées d'un petit bouquet de plumes éclatantes".

(67) Castelnau II, Pg. 373.

(68) V. Koslowaky Pg. 3 e 7.

a gente de Figueira se achava prevenida da minha visita, admite-se que a maioria se tenha absterido da indumentária indígena propriamente dita para me receber. Pelo menos, Mequi que me acompanhou para além de Figueira, ali chegado, tratou logo de retirar a calça europeia que usava corretamente, para colocá-la à moda guató, à guisa de tanga.

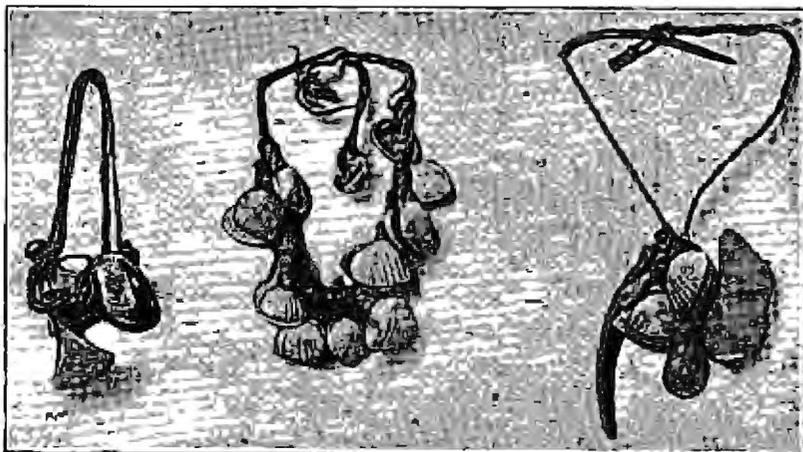


Fig. 38 a 40

Colares de sementes, das crianças.

Mus. Etn. Berlim, V. B. 5042, 1476 e 5041, 2/5 do tam. nat.

Geralmente o guató nada usa na cabeça. O homem, em todo o caso, possui um *chapeu de palha* (méhokuir (V. B. 4904) artisticamente confeccionado, que representa composição original da velha arte de tecer indígena e modelo europeu.⁶⁹

As ligaduras tecidas em algodão, usadas pelos homens na articulação esquerda da mão, para se protegerem contra o impulso do arco, assim como o abano de mosquitos constantemente usado por homens e mulheres na mão ou sobre um dos ombros, são tratados mais adiante no capítulo de trançados e tecelagens.

6 — Objetos de caça ou armas

Jamais um homem guató se afasta da sua casa sem levar sobre os ombros a sua comprida *lança* (madzúr) (em brasileiro: zagaia),

(69) Vide mais detalhes no capítulo Trançados. V. outrossim as fotografias em Koslowsky na estampa II.

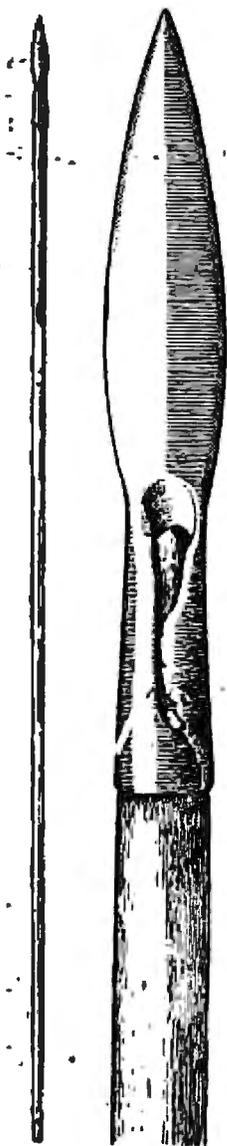


Fig. 41

Lança com ponta de ferro.

Mús. Etn. de Berlim, V. B. 5047, 1/20 respectivamente 3/8 do tam. nat.



Fig. 42

Lança com ponta de osso.

Mús. Etn. de Berlim, V. B. 1510, 3/8 do tam. nat.

que constitue sua arma principal contra os jaguares e crocodilos, tão comuns naquelas paragens.⁷⁰

A forma comum da lança é a da fig. 41 (V. B. 5047, 319 em de comprimento), onde se vê uma extremidade de ferro colocada no cabo, de 3 m. de comprimento, sendo que a forma mais antiga, onde, em vez da ponta de ferro, havia um osso tubular, o que é muito raro agora. Só consegui ver um exemplar dela, e isso na povoação mais afastada na região lacustre de Uberaba. O exemplar reproduzido pela fig. 42 (V. B. 1510) provém da coleção Rohde. A comparação dos dois tipos diferentes da fig. 41 e 42 dá como resultado uma analogia interessante entre a atual ponta de ferro e a remota ponta de osso, tanto no que diz respeito à forma como à maneira de colocá-las. Apesar de tudo é certo, e os guatós mo confirmaram, que as pontas de ferro não são de fabricação indígena, mas são feitas em Corumbá especialmente para os índios. Esse fato ensinanos que, pelo fato apenas de ser um objeto de material importado, adaptado à forma indígena primitiva, não devemos

Fig. 43 Arco dos guatós.
Mus. Etn. de Berlim, V. B. 4962, 1/10 do tam. nat.

(70) Já Castelnau II, pg. 371, III, Pg. 13 e 14 fala nessas lanças como sendo armas inseparáveis dos guatós, servindo para a caça de jaguares e crocodilos e diz que esses instrumentos têm um comprimento de 4 m. V. Koslowsky, pg. 3 e estampa II.

deduzir daí imediatamente que os indígenas aprenderam também a arte de confeccionar esse material. Pode, como no caso das pontas de lança, dar-se o fato de que o fornecedor de pontas de lanças, flechas ou outros objetos de ferro para os índios, fabrique os seus artefatos exatamente de acordo com as "intenções" de seus consumidores. Nas povoações maiores havia, por toda a parte, homens, na maioria negros, que eram senhores da arte de ferreiro e é de se atribuir a estes o largo uso das peças de ferro entre os guatós, embora correspondam exatamente às formas indígenas.

Na caça ao jaguar a finalidade principal da zagaia é matar o jaguar, já ferido pela flecha de tacoára.

As mordidas e ranhaduras na parte inferior do cabo são testemunhas francas das lutas acerbadas travadas nessas ocasiões.

Ao lado da zagaia as principais armas de caça são os arcos e flechas. Os guatós parecem acostumar-se pouco ao uso das armas de fogo. Só encontrei duas velhas espingardas de varetas.

O grande arco (magadidá ou magátia) é construído com a madeira dura de carandá, que se acha envolta até a extremidade final com tiras de cipó⁷¹ (V. fig. 43-49). O corte transversal do pau do arco é geralmente tal que o lado oposto ao cordame é mais fortemente enroçado do que o que se volta para o mesmo, mas também pode adquirir uma forma circular, o que é regra nas extremidades finais de todos os arcos. O comprimento dos quatro arcos da minha coleção (V. B. 4959-4962) varia entre 1,97 e 2,24 m.

No que concerne ao cordame do arco (mats'aagátir), predomina o que é comum a todos os arcos, isto é um cordão de três fios de fibra tucum.⁷² O nome indígena "mats'a agátir" faz supor, porém, que essa não deve ter sido a fibra primitiva. Pelo contrário, cita Castelnau, ao lado dela uma outra espécie de arco, provido de tripa de macaco (guariba) e é o que deve ter sido o tipo mais primitivo.⁷³ Temos na palavra (ma) tsaagátir o radical tsa, que, conforme o meu vocabulário, designa as cordas da viola, feitas de tripa guariba (v. N. 125 do Vocabulário: (I) ts'a, ao passo que "gátir"⁷⁴ é o mesmo que "gátia"

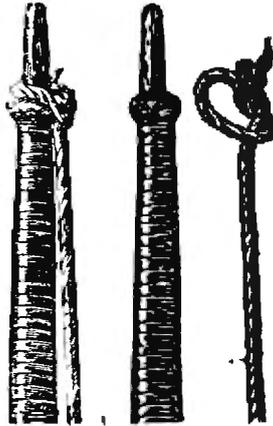


Fig. 44 e 45

Extremidade superior do arco.

Mus. Etn. de Berlin, V. B. 4962, 1/3 do tam. nat.

(71) Koslowsky (pg. 19) diz que antes do pau ser enrolado no cipó, é untado com cêra, afim de oferecer ao cipó melhor apoio.

(72) Koslowsky (P. 19) observa que o fabrico dessa espécie de fibra de arco, que se deve às mulheres, é o que dá mais trabalho na construção de todo o arco, exigindo muito tempo.

(73) Castelnau, III, P. 14.

(74) "ma" é prefixo.

(arco). Daí deduz-se que “em geral a corda do arco” recebeu o nome do material de que foi feito, que no caso é de tripa de guariba, demonstrando assim a pre-existência dessa última espécie.

As figuras 44-48 permitem reconhecer claramente a maneira de se prender o cordame do arco ao mesmo. Afim de evitar que a corda escorregue para o meio, ha, na extremidade onde termina o enrolamento de cipó, um anel grosso feito da própria tira de cipó.

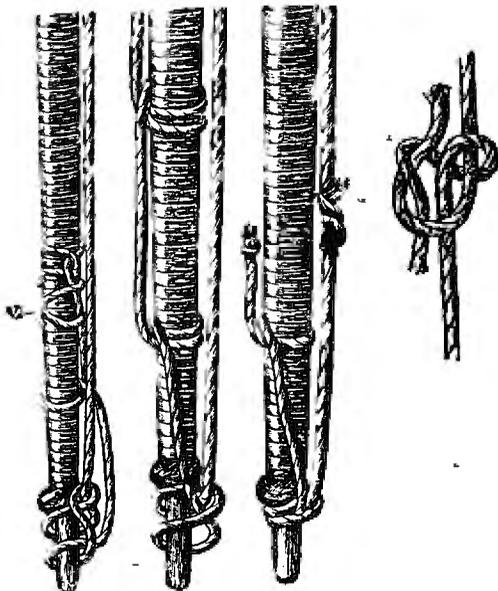


Fig. 46 a 49
Extremidade inferior do arco e o sistema
de enlace da corda.

V. B. 4962

V. B. 4960

V. B. 4960. Guatós. 1/3 do tam. nat.

Prende-se a corda de tal modo que a fibra se estende facilmente, antes de ser manejada e relaxa imediatamente após o uso. Isso é uma disposição importante para manter o arco pronto a ser usado, e é rigorosamente adotada pelos guatós. Para que esse requisito seja perfeito firma-se a corda diferentemente nas duas extremidades do arco. Naturalmente a corda de fibra é reforçada nas duas pontas por um nó.

Na extremidade abaixo daquela em que é presa, consegue-se alongar ou diminuir a corda de fibra. Para isso é necessário que o laço simples, dado na outra ponta do arco, seja primeiro retirado (Fig. 44 e 45).

Afim de obter isso é preciso dobrar muito o arco, o que exige bastante força, principalmente quando ele está distendido. Realiza-se esse manejo, apoiando-se a ponta inferior do arco no chão, empurrando-se então com o joelho o centro com tanto vigor que o laço superior se solte (fig. 45). Retirada a corda aí, é fácil diminuí-la ou aumentá-la graças à maneira especial por que é feito o laço em baixo, conforme se trate de esticar ou soltar o arco. Uma vez encurtado o laço e novamente atado na extremidade do arco, temo-lo diante de nós completamente distendido e pronto a desferir a flecha, ao passo que, no caso contrário, isto é, quando se aumenta a corda, a distensão é naturalmente diminuída. Afim de tornar mais claro o mecanismo do enlace na extremidade inferior, procuramos representá-lo nas figs.

46 e 47 com a corda afrouxada. A fig. 48, porém, nos dá a verdadeira imagem de um nó apertado.



Fig. 50

Flecha para pássaro com cabo de cambaiuva. Engrossamento na extremidade superior em forma de pendão de milho.

Mus. Etn. Berlin, V. B. 4991, 1/3 do tam. nat.

Certamente que o cordame precisa ser bastante comprido para permitir a distensão da corda do arco, e ainda possibilitar que a extremidade livre seja reforçada pelo laço. Quasi sempre o cordame é notavelmente maior, conforme mostra a fig. 48, para servir de reserva em caso de necessidade, isto é, na hipótese de romper a fibra. Em tal caso dá-se simplesmente um nó com as duas pontas arrebitadas, como se vê nas figs. 48 e 49.

A preparação das flechas depende muitíssimo do material; portanto, podemos distinguir duas ordens de flechas guatós, as de cambaiuva e as de ubá.

Embora as flechas de cambaiuva estejam representadas na minha coleção, apenas por um exemplar, elas formam, contudo, o tipo geral das flechas guatós que se vê em maior número em qualquer povoação desses índios. Trata-se (fig. 50, V. B. 4991) de uma *flecha-pássaro* (tauats'í) e é o que de mais simples se pode imaginar em matéria de flechas. A parte dianteira forma, como em todas as flechas-pássaro, uma grossura em feitiço de clava mas não se trata, como de costume, de um pedaço de madeira apenso, mas sim da própria extremidade da cana de cambaiuva, mais maciça e mais larga.⁷⁵ Como essa cana é mais resistente do que a de ubá, sendo menos fácil de rachar, não se torna necessário o trabalho complicado dos entalhes, descrito mais adiante a propósito de outro tipo de flecha guató (ubá). Basta fazer-se um corte nos pequeninos intervalos entre os nódulos da cam-

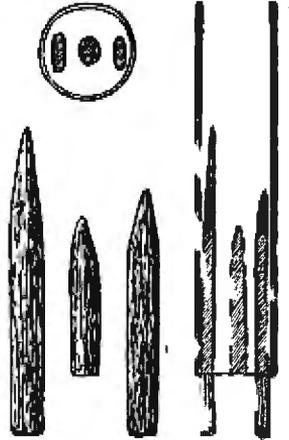


Fig. 51-a a 51-c

Os três paus recortados da flecha guató e o cabo de ubá.

baíúva, para se obter base suficientemente resistente. Para se prender as duas penas no cabo da flecha, é bastante fazer-se uma pequena envoltura de cipó, que vai em feitiço de espiral de uma a outra extremidade das penas.

Temos representação bem diferente do preparo de flechas de ubá, que, pelas suas qualidades especiais exige uma confecção toda peculiar. Em virtude da facilidade com que racha a cana de ubá, principalmente os longos e grossos cabos utilizados nas compridas flechas dos guatós, uma simples incisão na parte inferior do cabo, como na flecha anteriormente descrita, não ofereceria bastante resistência. Como se tem observado por toda a parte entre os aborígenes, aqui também se verifica o cuidado especial na manipulação da parte inferior do cabo afim de emprestar-lhe uma resistência maior. Apenas, na flecha guató adota-se um sistema de fazer as incisões completamente diferente do que se conhece até hoje entre os povos ameríndios.

Na fig. 51 a-c vê-se como três pausinhos consistentes (de palmeira) são introduzidos na parte inferior do cabo da flecha de modo tal que o do centro, que possui um corte horizontal mais ou menos redondo (v. fig. 51a), penetra até o fim do cabo enquanto os dois pausinhos laterais, de corte horizontal mais oval, se estendem um pouco para além da extremidade do cabo, servindo dessa maneira de verdadeiro dente. A êsse propósito Hermann Meyer refere-se, em seu trabalho sobre arcos e flechas do Brasil Central,⁷⁶ apenas aos dois últimos dentes e até eu mesmo deixei, ao tempo em que fiz minhas divulgações provisórias sobre os guatós,⁷⁷ despercebido o pau do meio, que, embora não chame tanto a atenção, não deixa de ser tão importante quanto os outros dois.

A fig. 51 mostra o corte horizontal e a fig. 51c o corte longitudinal através da extremidade inferior da flecha com os três pausinhos, ao passo que na fig. 51b se vêem os três pausinhos com o lado mais largo voltado para a frente.

Afim de que o cabo não rache em consequência dos pedacinhos de madeira nêle introduzidos, torna-se necessário, então, um ligamento, cujos detalhes se percebem pelas figuras 52-55. Ao contrário do que se observa na flecha anteriormente descrita, êsse ligamento, assim como o reforço da parte inferior da pena na extremidade superior do cabo, é feito sempre com algodão. Somente em exemplares que aparecem muito isoladamente e geralmente tão pequenos que se devem considerar como flechas de crianças, (na coleção de Rohde), é que se encontra um envolvimento de cipó (fig. 50) igual ao das flechas de cambaiúva (fig. 56).

O enrolamento em forma de anel, que aparece na fig. 57, ao lado do enrolamento com cipó, apresenta caráter bem secundário e só serve

(75) Encontram-se flechas muito parecidas, mas muito mais enfeitadas, na coleção v. d. Steinen, relativa aos hororós do rio S. Lourenço.

(76) Dr. Hermann Meyer: "Bogen und Pfeile in Zentralbrasilien". *Etnographische Studie* (Arcos e flechas do Brasil Central. Estudo etnográfico) Leipzig, P. 50.

(77) V. Debates da Sociedade Antropológica de Berlin, 1902: Os guatós, p. 83.

para firmar a cana rebentada naquele ponto, encontrando-se o mesmo processo de ligamento em outras flechas guatós, quando avariadas.

As duas penas na extremidade do cabo são de tal modo envolvidas por algodão, conf. fig. 54 e 55, que a ponta superior revirada da pena (fig. 54), assim como a sua extremidade inferior, (fig. 55) ficam tam-

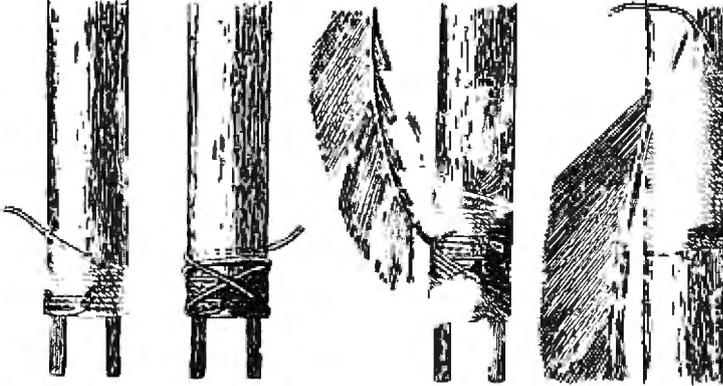


Fig. 52 a 55

Envoltura de algodão na extremidade inferior da flecha guató e cabo de ubá.

$\frac{2}{3}$ tam. nat.

bém ligadas. Nas extremidades o envolvimento pela fibra de algodão é ainda reforçado com cêra.

As penas são, como em algumas flechas de penas costuradas da região das cabeceiras do Xingú, partidas ao meio no sentido de comprimento, apenas uma banda é cortada fora.

A falta da tesoura necessária explica o feitiço em zigue-zague em que fica o resto da pena cortada com uma lâmina, como um resultado da própria técnica.

Conforme os diferentes usos da ponta, distinguem-se seis diferentes tipos de flecha de ubá dos guatós.

Primeiro Tipo :

Flechas de ponta simples em madeira

V. B. 4995 — 174 cm de comprim. Parte em madeira 38 cm, idem que leva pena 21,2 cm.

V. B. 4996 — 201 cm de comprim. Parte em madeira 66 cm, idem que leva pena 21 cm.

O tipo mais simples dessa espécie (fig. 58) consiste numa vara afilada nas duas extremidades e introduzida na parte superior do cabo

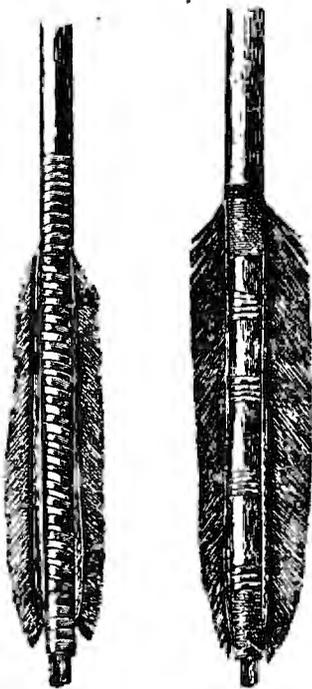


Fig. 56 e 57

Flechas de ubá dos guatós com enrolamento de cipó na parte inferior do cabo.

1/3 tam. nat. V. B. 1517 e 4986 respect.

simo rara. Além dos exemplares trazidos por mim, talvez ainda tivésse visto um ou dois.

Terceiro Tipo :

Flechas para passaros de ponta engrossada (tauats'i)

- V. B. 4987 — 157 cm compr., Parte em madeira 22,5 cm, idem em pena 15,5 cm.
 V. B. 4988 — 171 cm compr., Parte em madeira 20 cm, idem em pena 19,3 cm.
 V. B. 4989 — 157 cm compr., Parte em madeira 18,5 cm, idem em pena 22 cm.
 V. B. 4990 — 130 cm compr., Parte em madeira 18 cm, idem em pena 20 cm.

Também o terceiro tipo tem pouca significação (fig. 61-64), empregado na maioria pelos rapazinhos que atiram essas flechas nos passarinhos, ou fazem despencar com elas as frutas das árvores.⁷⁸

(v. fig. 65). Até o ponto em que o cabo é penetrado e um pouco além, a tira de cipó enrola-o em espiral para evitar que rebente a cana.

Quasi que não se considera êsse tipo como arma de caça, entre os guatós, sendo apenas utilizado para exefícios. Para isso servem-se preferentemente do tronco de bananeira como alvo, pois as flechas se fincam bem na casca macia dessa árvore ao mesmo tempo que não se estragam.

Segundo Tipo :

Flechas de ponta adentada de madeira

V. B. 4992 — 191 cm de compr., Parte em madeira 58 cm, idem em pena 23 cm.

V. B. 4993 — 195 cm de compr., Parte em madeira 59 cm.

Outro tipo de flecha que, aliás, não tem muita importância para os guatós é o reproduzido nas figs. 59 e 60, em que a ponta simples descrita no tipo anterior é aqui provida de dentes. Essa espécie, que usam para apanhar peixes, é muitísimo rara.

(78) V. Koslowsky, p. 21.



Fig. 58
Flecha guató com
ponta de madeira
simples.
1/3 tam. nat.



Fig. 59
Flecha guató com
ponta de madeira
denteada.
Mus. Etn. Berlim, V.
B. 4992, 1/3 do tam.
nat.



Fig. 60
Flecha guató com
ponta de madeira
denteada.
Mus. Etn. Berlim, V.
B. 1508, Coleção Rohde,
1/3 do tam. nat.

Há uma tal semelhança entre a forma de clava da fig. 61 e o engrossamento da flecha de cambaiúva, reproduzida na fig. 50, que somos forçados a admitir uma relação entre as duas. Enquanto nesta última a espessura na extremidade da raiz da cana é natural, na flecha da fig. 61 ela procurou ser imitada artificialmente na madeira. Dessa maneira temos, pelo menos nêsse caso, na flecha de cambaiúva simples de extremidade grossa, o ponto de partida ou a origem da flecha para passarinhos.

Na série de figs. 61 a 64, em ordem progressiva, vemos na fig. 62, junto ao ponto em que a vara penetra o cabo, um espessamento em forma de anel, que, evidentemente, tem a finalidade prática de evitar que, durante um chôque forte através da grossa extremidade da flecha, rebente a madeira do cabo por causa do forçamento interno da vara. Nessa flecha o enrolamento de cipó é curto, o que prova que, em virtude do anel de que é provida, não se torna muito necessário o reforçamento. O anel que tornamos a ver nas figs. 63 e 64, bem abaixo da extremidade grossa, fornece belo exemplo de casos importantes à historia da evolução ornamental: quando ha necessidade de um dispositivo prático num determinado objeto, o seu caráter ornamental é de natureza secundária; com a evolução, porém, sua utilidade prática torna-se irreconhecível, para dar lugar ao simples ornamento.

A pequena protuberância em forma de botão na extremidade dianteira, que se vê na flecha da fig. 64, distinguindo-a da anterior, tem, aparentemente, por objetivo evitar que o pássaro atingido por ela seja muito machucado.

Passamos agora a examinar as flechas de caça propriamente ditas, que assumem importância na economia do índio. São na maior parte as de ponta de tacoara e as de ponta de osso.

Quarto Tipo :

Flechas de ponta de tacoara, mandauats'i

- V. B. 4980 — 196,5 cm Compr., Parte em madeira 15 cm, Ponta 41 cm, parte em pena 20 cm.
- V. B. 4981 — 155 cm Compr., Parte em madeira 9,5 cm, Ponta 18 cm, parte em pena 17,5 cm.
- V. B. 4982 — 179 cm Compr., Parte em madeira 18 cm, Ponta 27,5 cm, parte em pena 21 cm.
- V. B. 4983 — 180 cm Compr., Parte em madeira 21 cm, Ponta 23 cm, parte em pena 23,5.
- V. B. 4984 — 193 cm Compr., Parte em madeira 19 cm, Ponta 23,5 cm, parte em pena 20,3 cm.
- V. B. 4985 — 172 cm Compr., Parte em madeira 14,5 cm, Ponta 28 cm, parte em pena 20,5 cm.
- V. B. 4986 — 152,5 cm Compr., Parte em madeira 17,5 cm, Ponta 23,5 cm, parte em pena 21 cm.

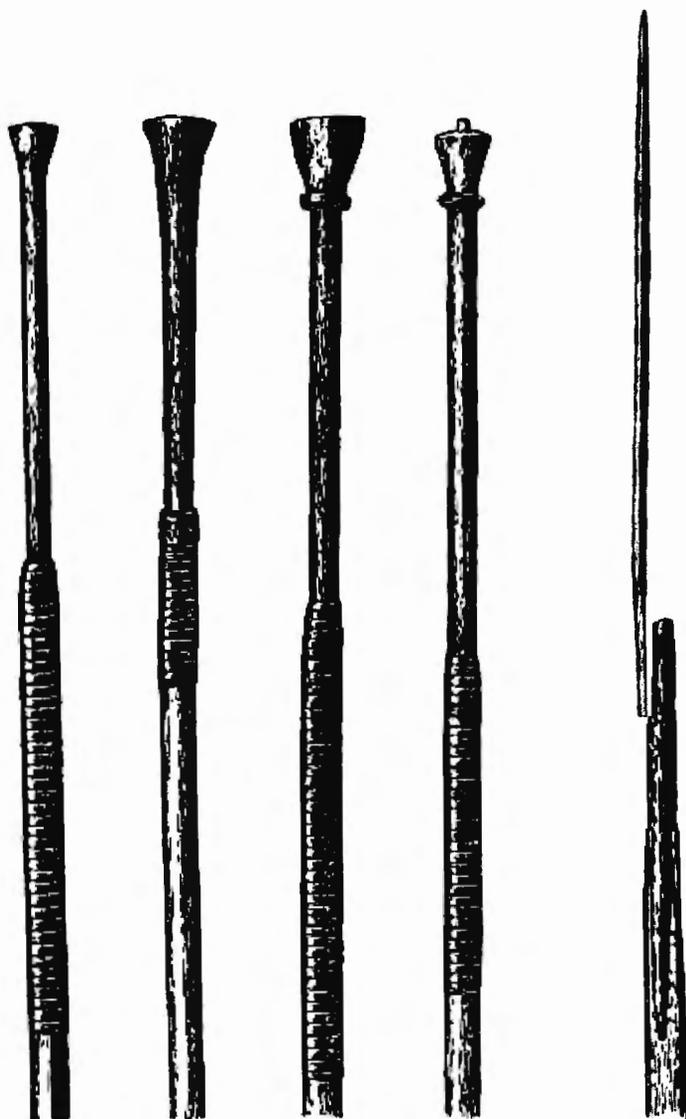


Fig. 61 a 64

Flechas para pássaros dos guatós com
ponta de madeira engrossada.

Mus. Etn. Berlim, V. B. 4989, 4990, 4988 e 4987,
1/3 do tam. nat.

Fig. 65

Flecha guató de
ponta de taquára.
Envolvimento de cipó.
Vê-se destacada a parte
da frente do cabo da
flecha de uhá. 1/3 do
tam. nat.

A flecha de ponta de taquára é destinada aos animais maiores como jaguares e veados. Conforme os tipos que vimos atrás, temos aqui, além

do pau engastado na própria cana do cabo, ainda uma ponta de cana de tacoara, como se vê na fig. 65, e onde não se verifica o enrolamento



Fig. 66 e 67

Flechas guatós de ponta de ta-
quára (extremidade superior)

Mus. Etn. Berlim, VIIE 6417. V. B.
4985, 1/3 tam. nat.

Fig. 68 e 69

Flechas guatós de ponta de ta-
quára (extremidade inferior)

Mus. Etn. Berlim, V. B. 4980 VIIE 6417,
1/3 tam. nat.

com cipó. Afim de que a ponta tenha um apoio resistente, a sua extremidade inferior é adaptada no corte superior da parte em madeira. Frequentemente, esse corte, fig 69, está apenso à peça de tacoara na base superior da parte em madeira. Adquirindo assim forte apoio para a ponta de tacoara, ela permite, por sua vez, ser facilmente retirada pela parte superior, o que é feito já de propósito, afim de que o cabo se desprenda da ponta ao atingir o animal.

O formato desse dardo de tacoara é muito arbitrário, ora é mais estreito, ora mais largo, ora se reduz, pouco a pouco, à largura da haste estreita engastada ao cabo, como nas figs. 67 e 68, ora termina ali com uma chanfradura como nas figs. 66 e 49. Às vezes, ha na parte inferior do dardo um corte que, como dissemos, se juxtapõe como base à parte em madeira, outras vezes êle não existe, como na fig. 68. O comprimento do dardo varia entre 18 cm. até 41 cm. Deve-se considerar que os índios têm o hábito de afilar essas pontas logo depois do uso, tanto nos dardos de tacoara como nos de osso, de modo que elas diminuem cada vez mais, surgindo daí essa variedade de tamanhos. E' de interêsse especial examinar-se a ponta dianteira da peça de tacoara, que, conforme vemos nas figs. 68 e 69, é de tal maneira conformada que o corte horizontal forma um triângulo, que permite, como se sabe, uma eficiência especial.

Quinto Tipo :

Flechas com ponta de osso, mandápi

- V. B. 4966 — 162,5 cm de Compr., Parte de madeira 37,5 cm, Ponta de osso 7,8 cm, parte da pena 17,2 cm.
- V. B. 4967 — 160 cm Compr., Parte de madeira 39 cm, Ponta de osso 5,4 cm, Pena 17 cm.
- V. B. 4968 — 207 cm Compr., Parte de madeira 56,5 cm, Ponta de osso 5 cm, Pena 19 cm.
- V. B. 4969 — 182 cm Compr., Parte de madeira 50 cm, Ponta de osso 4,5 cm, Pena 19 cm.
- V. B. 4970 — 182 cm Compr., Parte de madeira 56 cm, Ponta de osso 4,5 cm, Pena 20,8 cm.
- V. B. 4971 — 186 cm Compr., Parte de madeira 53 cm, Ponta de osso 3,5 cm, Pena 17,5 cm.
- V. B. 4972 — 196,6 cm Compr., Parte de madeira 56,3 cm, Ponta de osso 5,3 cm, Pena 21 cm.
- V. B. 4973 — 190 cm Compr., Parte de madeira 51,5 cm, Ponta de osso 7 cm, Pena 20,5 cm.
- V. B. 4974 — 183 cm Compr., Parte de madeira 50,5 cm, Ponta de osso 4,5 cm, Pena 22,5 cm.
- V. B. 4975 — 164,5 cm Compr., Parte de madeira 57 cm, Ponta de osso 4,3 cm, Pena 19 cm.
- V. B. 4976 — 189 cm Compr., Parte de madeira 56,8 cm, Ponta de osso 5,4 cm, Pena 22 cm.
- V. B. 4977 — 197 cm Compr., Parte de madeira 52 cm, Ponta de osso 5 cm, Pena 20 cm.

- V. B. 4978 — 196 cm Compr., Parte de madeira 58,5 cm, Ponta de ôsso 5,8 cm, Pena 21 cm.
 V. B. 4979 — 207 cm Compr., Parte de madeira 60 cm, Ponta de ôsso 6 cm, Pena 20,8 cm.
 V. B. 4994 — 178 cm Compr., Parte de madeira 57 cm, Ponta de ôsso — falta — Pena 19 cm.



Fig. 70

Flecha guató com ponta de osso.
 Propriedade do autor, 1/3 do tam. nat.

A forma mais comum de flecha é a que tem, aposto ao páu, uma ponta de osso, de macaco ou crocodilo (fig. 70) pegado com cola de peixe.⁷⁹ O comprimento das pontas de ôsso varia, conforme acima, entre 3,5 e 7,8 cms., o que não importa muito, pois se trata, como anteriormente, do contínuo afiar das pontas pelo incio, dando em resultado essa variedade de comprimentos. (V. Pontas de ôsso nas figs. 70 e 71, em que se observa que esta última tem uma ponta muito mais curta que a primeira.)

Esse tipo serve para caçar pequenos animais, principalmente para apanhar peixes.

Sexto Tipo:

Flecha em forma de arpão com ponta de osso, mats'ábaga

- V. B. 4997 — 151 cm Compr., parte em madeira inf. 7 cm, sup. 29,5 cm, ponta de osso 7 cm, parte da pena 16,5 cm.
 V. B. 4998 — 183 cm Compr., parte em madeira inf. 18 cm, sup. 32 cm, ponta de osso 4 cm, parte da pena 20 cm.

Além dos tipos até aqui expostos, ainda temos outro de forma especialmente destinada à pesca, que é uma espécie de arpão que se solta por meio do arco. (V. fig. 71). A parte em madeira tem em cima uma cavidade reforçada com enrolamento de cipó para proteger contra rachaduras, onde é engastado frouxamente outra parte em madeira denteada e com ponta de ôsso. Esta outra parte em

(79) A cola de peixe é também empregada na confecção da viola. Koslowsky, na página 20, refere-se, ao contrário, á cera extraída do jatobá, como o meio usado para ligar a ponta de osso.

madeira é ligada ao cabo por um longo fio de fibra de palmeira, que enrola a maior parte do cabo.

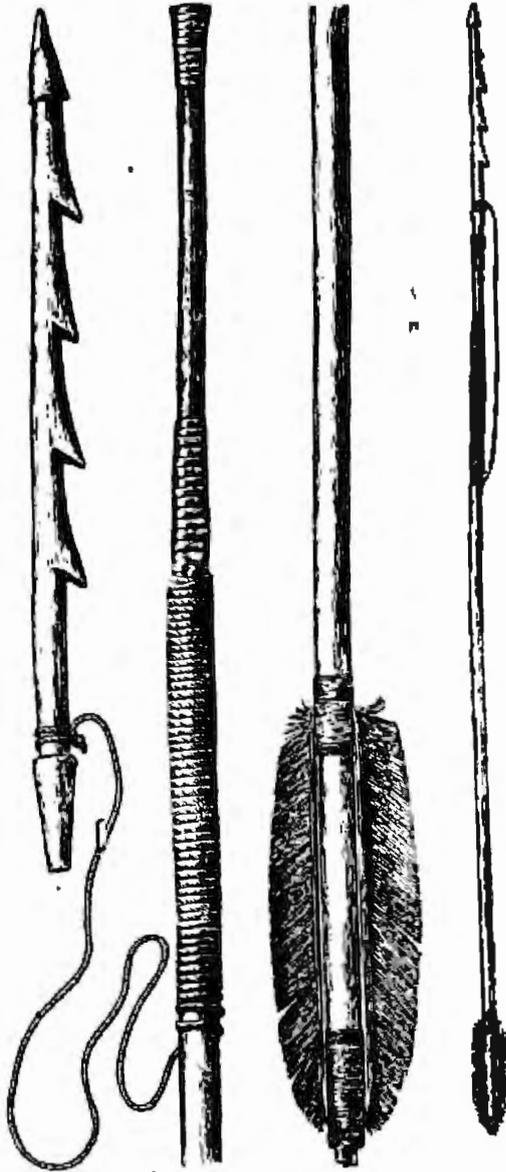


Fig. 71

Flecha-arpão com ponta de osso dos guatós.
V. B. 4998, 1/3 e 1/12 respect. do tam. nat.



Fig. 72

Arco com bola de barro dos guatós.
Mus. de Berl. V. B. 4964 1/9 do tam. nat.

O objetivo desse detalhe interessante e tão pouco conhecido pelas tribus sulamericanas é o seguinte: desde que a flecha tenha atingido o peixe, a parte em madeira superior solta-se do engaste e enquanto o peixe se afasta levando a ponta, o resto da flecha bóia à superfície da água. O fio está ligado à ponta fincada no peixe, e é apanhada pelo pescador, que facilmente puxa então o sua presa.

Outra arma, que ainda nos resta estudar, é o *arco com bola de barro, madögöpiinu*, que possui bolinhas de argila, *madogapino*, só servindo para visar passarinhos; não parece ter maior importância para a vida econômica do aborígene. V. B. 4963, 144 cm. de comprimento (Fig. 75-78). V. B. 4964, 125 cm. de comprimento (Fig. 72 até 74).

Nesse interessante instrumento pode-se reconhecer claramente que a finalidade prática sempre constituiu motivo determinante da evolução das pequeninas particularidades da forma, assim como a forma corresponde perfeitamente às exigências utilitárias.

O arco com bola de barro é diferente em tudo do arco comum, sendo até de outro material e outro madeiramento. Ao contrário do duro pau de palmeira do arco comum, é empregada uma madeira relativamente macia e clara. A forma especial do madeiramento consiste em que, ao atirar a bola que se coloca na corda do arco, a mesma não deverá tocar, o madeiramento e sim passar junto dêle. Para se conseguir isso, é necessário que a madeira, além da curva que já tem devido a tensão, ainda adquira uma outra em direção ao plano vertical que se tem em mira, de tal maneira que o centro do madeiramento (v. fig. 72) coincida no mesmo plano com o centro da corda do arco. Ora, si o madeiramento nessa curva se dividir em dois planos diferentes que correspondem ao resto do madeiramento do arco comum, inclusivé os seus cortes horizontais, mais ou menos arredondados — numa tensão mais forte — a curva em direção comum seria aumentada, ao passo que a outra curva, lateral, diminuiria à proporção que aumentasse a tensão. Então, em lugar do madeiramento comum que, geralmente, é de aspecto redondo no arco de bola, foi aproveitada uma madeira plana e larga, que, pela sua forma, possui elasticidade considerável no local da pontaria e bem pouca mobilidade na direção vertical do arco.

Somente uma parte de cerca de 12 cm. de comprimento mais ou menos, no centro do madeiramento, mostra-se diferente, devido a um corte mais arredondado horizontal introduzido com o fim de oferecer melhor manejo.

Afim de dar firmeza apropriada à corda, as duas extremidades do arco são recortadas.

O arco de bola, V. B. (Fig. 75 e 76) tem uma série de recortes pequeninos (serão ornamentais?) na beirada de uma das extremidades do arco.

A corda do arco V. B. 4964 consiste num fio de algodão, a do arco V. B. 4963 de fibra de palmeira, como as cordas comuns.

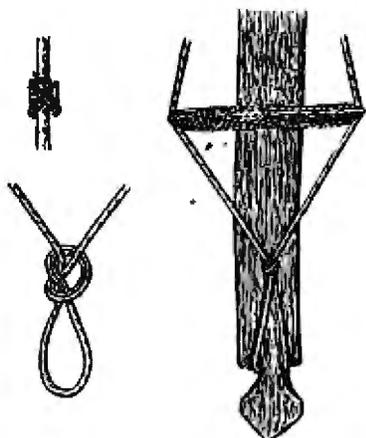


Fig. 73

Extremidade inferior do arco com bola de barro rel. à fig. 72.

Mus. Etn. Berlim, V. B. 4964, 1/3 do tam. nat.

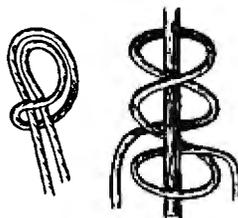


Fig. 74

Nó na corda dupla na extremidade superior do arco com bola de barro.
V. B. 4964

O contraforte para a bola colocado na corda do arco é mais bem reproduzido na fig. 78. Esse dispositivo é arranjado na parte central da fibra da corda, mas, conforme nos mostra a fig. 72, não fica em frente ao ponto em que se pega o arco e sim um pouco abaixo, afim de evitar uma colisão entre a mão e a bola.

As duas partes da dupla corda, que se ligam por meio desse dispositivo, consistem do mesmo e único fio que se amarra em laço em torno da extremidade inferior do arco, conf. fig. 72. O laço, ou é enrolado pelo fio de algodão (v. fig. 75 e 76) ou é formado por um simples nó (v. fig. 73). Na outra extremidade as duas pontas do fio amarram-se à voutade (fig. 74 e 77) em volta do recorte do arco. Essas duas partes assim amarradas são estendidas por meio de pauzinhos de 6 a 8 cm. de comprimento entre os dois pontos de ligamento. A fig. 73 (em cima, à esquerda) mostra como o fio se acha preso nos cortes das pontas desses pauzinhos, seguros por uma ligação de algodão em forma de cruz através do recorte.

A fig. 76 mostra o método tão diferente do arco comum, com que a corda do arco de bola é relaxada após ter sido usada. Isso não se dá, como geralmente acontece, pelo aumento da fibra da corda em consequência do relaxamento do nó numa das extremidades do arco, mas simplesmente o laço preso no recorte, fig. 76, é repuxado por toda a largura do madeiramento do arco.

As bolas pertencentes a essa arma (V. B. 4965 com mais ou menos 2.5 cm. de diâmetro) são de barro levemente cozido.

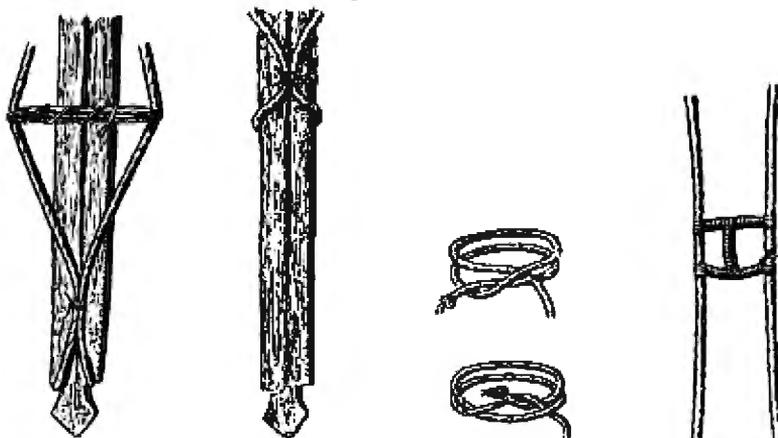


Fig. 75 e 76

Extremid. inf. do arco com bola de barro.

Na fig 75 em estado de tensão

Na fig 76 em estado de relaxamento

1/3 tam. nat.

Fig. 77

Nó da corda dupla na extremid. sup. do arco com bola de barro.

V. B. 4963

Fig. 78

Contraforte que prende a bola de barro no arco dessa espécie.

V. B. 4963, 1/3 do tam. nat.

7 — Alimentação e preparo da comida

E' circunstância decisiva para as relações econômicas dos guatós a riqueza da flora e da fauna que os cercam, fornecendo-lhes tudo de que precisam para se manterem sem que dispendam maiores esforços para isso. Os densos bósques estão cheios de caça, em que predomina o veado dos pântanos, a capivara e diversas espécies de macacos próprios para se comer, assim como diversas aves. Frequentemente aparece um sinimbú, que é aquele grande lagarto, cujos óvos se apreciam muito, uma boa, ou ainda uma tartaruga. Mas o elemento principal, a água, oferece ao índio guató rica fonte de alimentos: Os crocodilos, cujas caudas são extraordinariamente apreciadas, encontram-se em superabundância, ao passo que os lagos e braços de rio estão cheios de peixes, entre os quais predominam a piranha e o pacú.

Com respeito aos vegetais, têm eles principalmente a banana, que cresce comumente nas proximidades das casas em pequeno número de pés. Mas as frutas são trazidas, na maior parte, das plantações de banana que existem já ha tempos remotos na colina artificial, isto é, nos "aterrados", como se exprimem os brasileiros. Deve haver muitos desses "aterrados" nas proximidades do morro de Caracará, que consistem, em grande parte, de conchas aglomeradas, tendo por cima uma

camada de humus, que correspondem, portanto, aos "sambaquis", já conhecidos, na America do Sul. Os guatós disseram-me que os que erigiram êsses morros artificiais pertenciam à tribo "matsubehe".⁸⁰

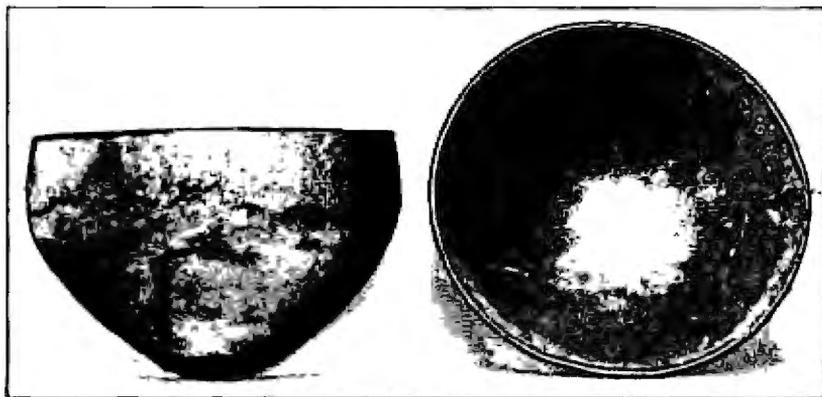


Fig. 79 e 80

Panela e tijela de barro dos guatós.

Mus. Etn. Berlim, V. B. 4913 e 4916, 1/8 do tam. nat.

Outro alimento vegetal dêsses indígenas são os grãos farinhentos, semelhantes aos do milho, da planta aquática "forno d'água". As mais diversas variedades de frutas do mato, sobretudo as da palmeira acurí e também a "sibota" desenvolvem-se sempre junto às casas.

No que diz respeito ao preparo dos alimentos, faz-se notar que não é a mulher que se ocupa nisso e sim o homem. Pude sempre observar êsse fato em Gaiba e em Uberaba. Distinguem-se êsses índios de outros da América do Sul pelo costume de não assarem os peixes ou outras carnes sôbre um cavalete, mas cozerem-nas n'água. O caldo é apreciado de modo especial. De vez em quando, punham um rabo de sinimbú ou coisa semelhante sôbre as brasas, mas isso constituia exceção e jamais vi no fogo qualquer espécie de cavalete para fritar. A sôpa de bananas, prato nacional, é de um sabor extraordinariamente bom. As frutas são colhidas ainda completamente verdes, de muito longe, descascadas e cortadas em rodelinhas, sendo cozinhadas com pequenos fragmentos de peixe. Naturalmente não ha sal ou qualquer outro tempero. Uma das sôpas que vi preparar era de carne de boa, partida aos pedaços, destripada, mas com a pele; outra ainda de capivára picada, ambas muito gordurosas, qualidade muitissimo apreciada pelos guatós.

A essa espécie de comidas, mais ou menos líquidas, corresponde certamente a espécie de vasilhame de que se utilizam.

(80) V. Koslowsky, Pg. 13, afirma que os guatós ainda hoje têm o hábito de enterrar os seus mortos nessas colinas.

Os manjares são servidos em vastas *panelas de barro, mik (i)r*, de linhas muito simples.



Fig. 81
 Panela de barro dos guatós.
 Mus. Etn. Berlin, V. B. 4914, 2/9 tam. nat.

- V. B. 4913 — Altura 22,6 cm, Diâmetro sup. 35,5 cm (fig. 79)
 V. B. 4914 — " 18,2 " " " 28,0 " (fig. 81)
 V. B. 4912 — " 15,7 " " " 24,0 " (fig. 82)



Fig. 82
 Panela de barro e tampa em forma de
 tijela, dos guatós.
 Mus. Etn. Berlin, V. B. 4912 e 4915, 1/4 tam. nat.

Essas panelas terminam em baixo numa linha tão aguda, conforme se vê nas fotografias, que só uma delas, a menor, consegue firmar-se

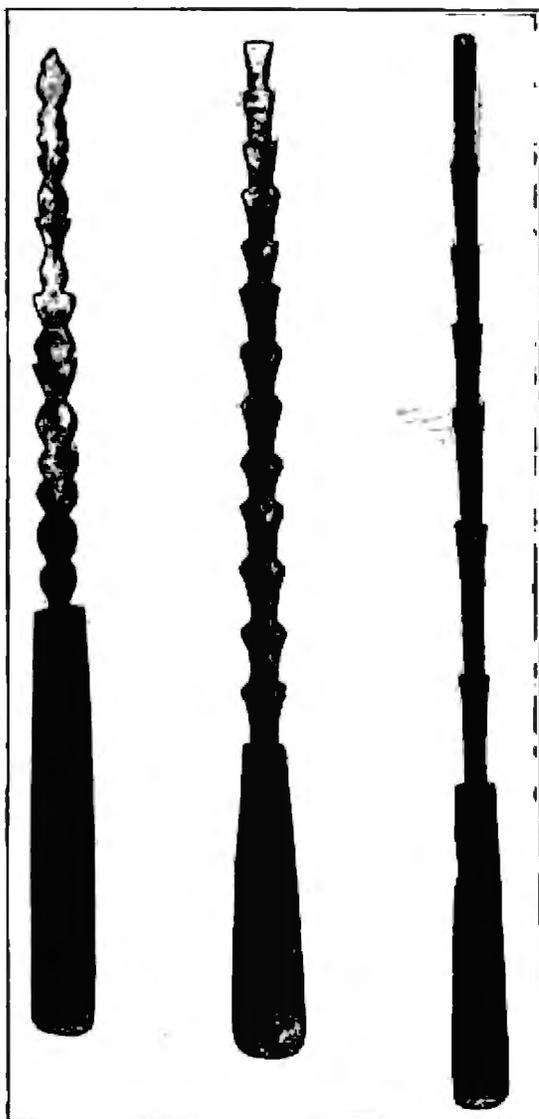


Fig. 83 a 85

Espátula para sopa, dos guatós.

Mus. Etn. Berlim, V: B. 1467, 4926 e 4927, 1/7 tam. nat.

sem apoio. Explica-se essa singularidade pelo processo por que se usam essas vasilhas. Assim, elas não são colocadas, como fazem os índios do Xingú, sôbre duas ou três pedras ao redor da fogueira,

mas a parte aguda é entalada entre as pontas, em brasa, de três galhos grossos colocados em raio. Afim de se avivar o fogo costumam colocar, depois, umas achas menores. A borda superior da panela é singela como na fig. 79, outras vezes forma uma espécie de anel simples, como na fig. 81, ou êsse anel é provido, conforme a fig. 82, único exemplar em que encontrei semelhante ornato, de impressões muito unidas, feitas com as unhas dos dedos.

Servem de tampas unas *tigelas rasas, músa* (fig. 82), que são ao mesmo tempo utilizadas como pratos.

V. B. 4915 — Altura 6,8 cm, diâmetro 26,0 cm (fig. 82 em cima).

V. B. 4916 — Altura 12,6 cm, diâmetro 39,3 cm (fig. 80)

O material dêsses caldeirões, assim como o das tigelas, é de um barro muito rude e de côr preto-cinzentos.

Durante o cozimento, a comida costuma ser mexida, de quando em quando, por meio de uma *espátula para sôpa, (mákuada)*.

V. B. 4926 — 95 cm compr. (fig. 84)

V. B. 4927 — 100 cm compr. (fig. 85)

V. B. 1467 — da coleção Rohde, (fig. 83)

Essas compridas espátulas para sôpa, ao lado das grandes colheres de pau, são os únicos utensílios que têm como traço característico regular um ornato no cabo constituído de recortes.

A refeição realiza-se de modo exatamente determinado. Os homens ficam de pé, rodeando o caldeirão, onde enchem as suas colheres de tempo em tempo. Essas enormes *colheres de pau, mágua(a)dá*, servem simultaneamente de pratos.

V. B. 4920 — 58,0 cm compr. (fig. 86).

V. B. 4921 — 53,5 cm compr. (fig. 87).

V. B. 4919 — 41,5 cm compr. (fig. 88).

V. B. 4922 — 39,0 cm compr.

As mulheres sentam-se durante o repasto ao redor de outra panela ou de uma das tigelas em que o preparador da comida despeja o alimento. Elas não comem, como os homens, com as colheres, mas com *conchas, maguá(a)*.

V. B. 4928 — 14 cm de compr.

Para guardar água para beber possuem êles grandes *bilhas de barro, matû*, de côr avermelhada e consistência porôsa, onde a água, graças à evaporação, esfria consideravelmente.

V. B. 4910 — 31,2¹ cm de altura, (fig. 89).

V. B. 4907

V. B. 4908 — 11,8 cm altura.

V. B. 4911 (fig. 90).

V. B. 4909 — 14,3 cm altura, (fig. 91).

Sõmente encontrei um caso, fig. 91, da ornamentação de bilha por meio de quatro pequenas saliências.

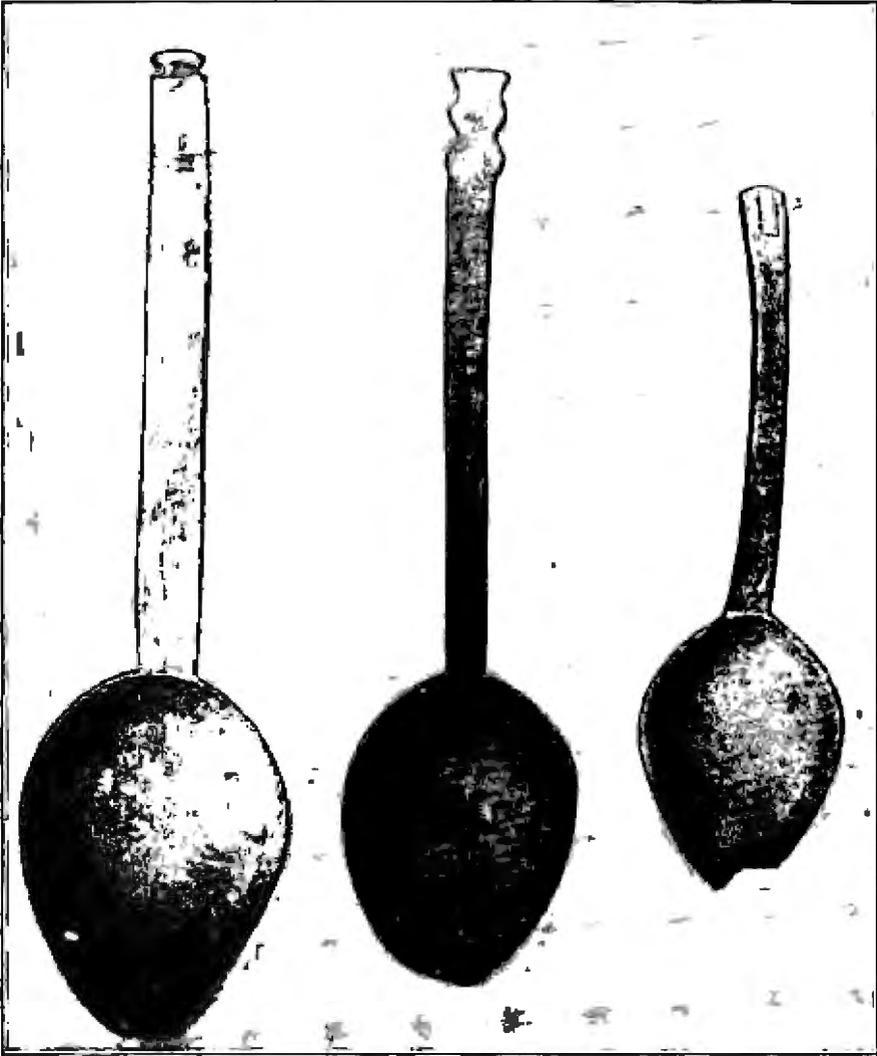


Fig. 86 a 88
Colheres de páu dos guatós.

Mus. Etn. Berlin, V. B. 4920, 4921 e 4919. 2/9 tam. nat.

Êsses púcaros eram geralmente cobertos com uma grande casca de abóbora. (V. fig. 89) Dentro da tampa encontra-se ainda outra

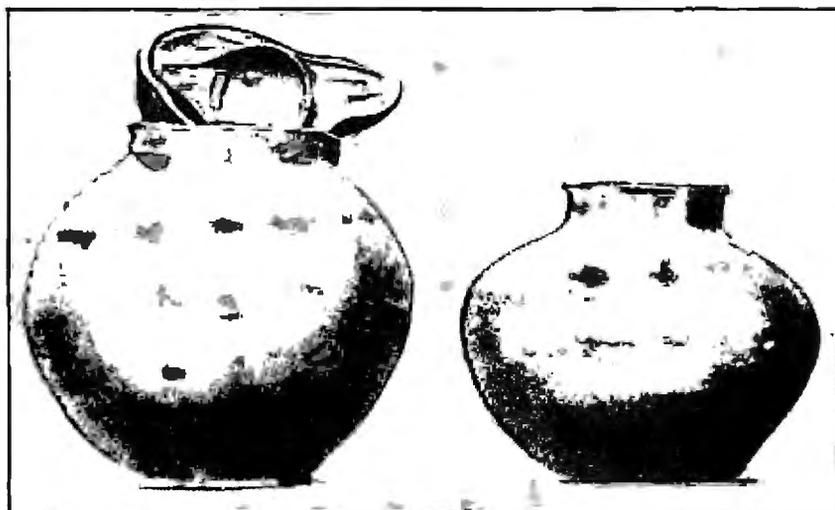


Fig. 89 e 90

Bilhas de barro dos guatós.

Mus. Etn. Berlin, V. B. 4910 e 4911, 1/7 tam. nat.

casca de abóbora, menor, *matuyéko* (V. B. 4958), que, ao contrário da maior, pode ser introduzida no interior da bilha para retirar água. Essa vasilha de beber água era às vezes substituída por uma lata velha, cujos bordos foram previamente recortados. De outra feita encontrei uma chávena de barro, feita de acôrdo com o modelo europeu. (V. B. 4917, fig. 93, V. B. 1462, fig. 92, Coleção Rohde).

No que concerne à bebida nacional indígena da tribo guató, feita do suco fermentado do acurí, denominada "tchitcha", já me referi atrás, detalhadamente.

Para completar, ainda resta citar os seguintes utensílios:

1) — *O molininho para obter fogo, mápir.*

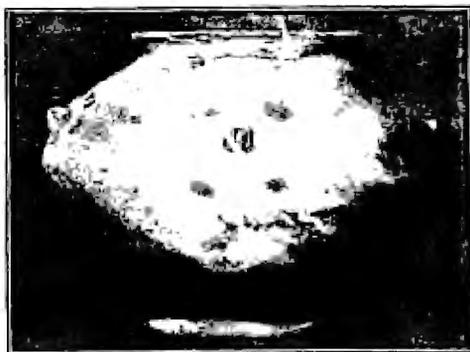


Fig. 91

Bilha guató.

Mus. Etn. Berlin, V. B. 4909, 2/7 tam. nat.

(V. B. 5010 a, b. V. B. 5011 a, b. = fig. 95. V. B. 5012 a, b = fig. 94).

Já num trabalho anterior,⁸¹ em que tratava dos diversos tipos de molinilho para fogo, sulamericanos, inclusive o dos guatós,⁸² de que tratei com detalhes, me referí ao entalho lateral que essa tribo (fig. 94) faz no orifício do molinilho, semelhante ao que se vê na África e na América do Norte e que é predominante, também, na América do Sul. Obtêm o fogo, com o molinilho como se sabe, colocando-se um pau, denominado o fuso,⁸³ na cavidade de um outro, o eixo, de modo que o primeiro está de pé e o outro horizontal, remexe-se então com as palmas das mãos para lá e para cá, devendo fazer-se uma pressão tão forte para baixo, que a fricção produza suficiente quantidade de farelo e calor, provocando o encandescimento do farelo.



Fig. 92 e 93

Chícaras ou chávenas de barro

V. B. 1462 e 4917, 1/3 tam. nat. •

Um dos requisitos importantes nêsse instrumento de obter fogo, entre todos os povos ameríndios do sul, é a abertura lateral, feita de uma ou outra madeira no orifício do molinilho, o que trás dois pro-veitos: Primeiro, porque assim-o farelo que se desprende pela fricção se junta num montículo, depois, porque fica diretamente em contacto com os pontos em que o calor atinge o máximo. Os guatós fazem essa abertura lateral (v. fig. 94) por meio de um talho agudo no orifício do eixo. Tanto o fuso como o eixo são da mesma madeira móle.

A fig. 95 mostra como o fuso, quando está curto, é colocado num velho cabo de flecha, para facilitar o seu manejo.

2) *Malhador de pedra, mátaha:*

V. B. 4937, (fig. 96).

O único utensílio de pedra dos guatós é o malhador para partir caroços de palmeira, principalmente o da acurí. Chego a chamar de

(81) V. meu artigo na revista "Zeitschrift fuer Ethnologie", 1903. Cad. 1, p. 76 ff.

(82) Veja ebenda, p. 79.

(83) As designações fuso e eixo para os dois paus são tiradas de Hough, que em dois trabalhos tratou minuciosamente dos métodos diversos de fazer fogo. V. Walter Hough: "Fire-making apparatus in the U. S. National Museum. Annual Report of the Smithsonian Institution". Washington 1890, p. 530 ff. O mesmo: "The methods of fire-making. Report of the National Museum". p. 395-409 Washington 1892.

“utensílio” a essas pedras rudes, porque com o uso elas adquirem forma; assim, ao colocar-se uma pedra para suporte e outra (fig. 96) para malhar nela os caroços, o manejo constante acaba por lhes dar uma



Fig. 94

Molininho para obter fogo, dos guatós.

V. B. 5012, 1/3 tam. nat.



Fig. 95

Molininho engastado num cabo de flecha velho.

V. B. 5011, 1/3 tam. nat.

forma côncava, evitando que os grãos pulen longe, obtendo-se assim, um verdadeiro utensílio. Quanto mais usado, mais perfeito fica. O importante é que, durante o manejo certo de ambas as pedras, elas

adquiram uma concavidade idêntica. É claro que na pedra que oferece dois ou mais lados por onde se possa malhar, as excavações vão se formando nessas superfícies à proporção que são utilizadas. Encontram-se êsses malhadores em maiores quantidades junto às casas ou aos pontos de maior movimento, sob as palmeiras.

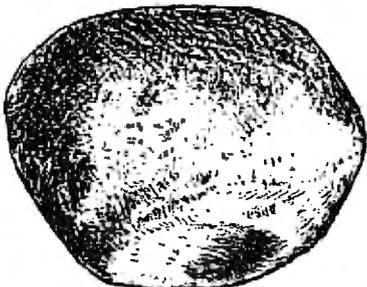


Fig. 96

Malhador de pedra para partir sementes de palmeira (guatós).

V. B. 4937, 1/2 tam. nat.

4) *Cacete, maragucu*.⁸⁴

Um cacete de 0,50 m. de comprimento, de madeira resistente, era sempre levado na canoa do guató, servia para dar na cabeça do peixe, fígado pela flecha, afim de, ao tirá-lo do cabo, o peixe, debatendo-se, não o quebrasse.



Fig. 97

Tijela de madeira guató.

V. B. 4918, 1/7 tam. nat.

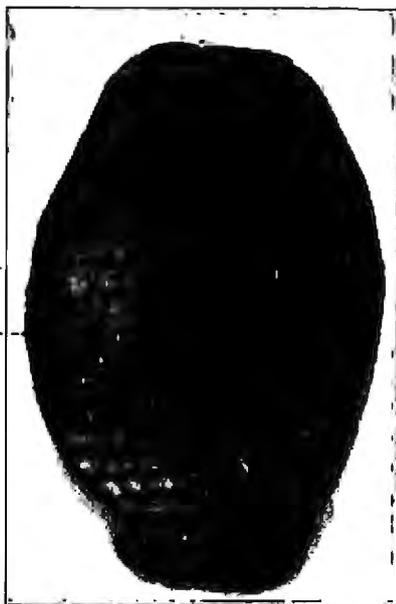


Fig. 98

Tijela da couraça torácica de crocodilo (guatós).

V. B. 4950, 1/7 tam. nat.

(84) Ortografia francesa de acôrdo com Castelnau.

5) *Tijelas de couraça torácica de crocodilo, mibaeko:*

(V. B. 4950-4952, cerca de 50 cm. de compr., cerca de 33 cm. larg., fig. 98).

Elas servem para apanhar o barro da beira do rio que se emprega no fabrico das panelas. Os exemplares da coleção permitem ainda distinguir no seu interior restos desse barro.

8 — Trançados e Tecelagens

Generalidades

A mesma simplicidade, que caracteriza os utensílios dos guatós, encontra-se em seus trançados e nas suas tecelagens, que ainda se acham na sua fase primitiva. Já no meu trabalho anterior: "Ableitung Suedamerikanischer Geflechtmuster aus der Technik des Flechtens" (Modelos de trançados ameríndios do sul, derivados da técnica do trançado, ⁸⁵) tive várias oportunidades de entrar em detalhes sobre os trançados guatós, cujo estudo mais aprofundado me levou a escrever aquele primeiro trabalho.

Enquanto ali, porém, o objeto da divulgação era apenas o desenvolvimento do ornamento através das espécies de trançados que têm a sua origem no trançado da folha de palmeira inteira e que, por isso mesmo, chamaria simplesmente de trançados de folha de palmeira, aqui tratarei da segunda espécie principal de trançados sulamericanos, conforme já os classifiquei, acrescentando ainda a descrição de certo número de juncos, nervuras de folhas, feixes de fibras de palmeira e capim, ou fios de algodão duplo, que se encaixam em sentido paralelo, prendendo-se através do enlaçamento de fios duplos.

I

Primeiro tipo dos principais trançados sulamericanos, i. é., da folha

Entre estes trançados, na página 492, do trabalho acima referido, tratei do processo pelo qual dois grupos de tiras retas que se defrontam, saem de tal modo ligadas que as de um grupo passam por cima de certo número de tiras do outro grupo e vice-versa, de tal maneira que, os enlaçados que corriam sempre na mesma direção, graduadamente juxtapostos, ficam um por cima do outro.

Conforme procurei esclarecer bem (p. 498) o fato é que a espécie de trançados, a que me referirei aqui, desenvolveu-se pelo aproveitamento da folha de palmeira em sua totalidade, subdividindo-se logo em

(85) "Zeitschrift fuer Ethnologie" (Revista de Etnologia), 1904, Cada. 3 e 4 pg. 490-512.

duas outras formas primordiais, conforme a natureza do seu ponto de partida ou começo, seja a da folha simples ou a da folha flabeliforme. Trata-se de uma sub-divisão, que se faz valer tanto na disposição conjunta do trabalho, como, sobretudo, no desenho essencial e na própria arte ornamental do entrançado que a ela se liga.

Na região habitada pelo índio guató, não se encontra a mais importante das palmeiras empregadas para o trançado, que é a de folhas flabeliformes, denominada burití. Usam-se, pelo contrário, as largas e pinuladas folhas do acurí, de modo que tratamos aqui de uma sub-espécie de entrançados, que não nos poderia levar às múltiplas formas do estudo ornamental dos trabalhos da folha flabeliforme, em que, pelo contrário, o único ornato possível é a alternada direção, ora horizontal, ora vertical, para onde correm as tiras.

Mais tarde, ao estudar o ornato indígena nas cabeceiras do rio Xingú, ainda voltarei a tratar, com mais minúcia, da grande influência que ali exerceu o trançado ornamental originado da técnica dos trabalhos em folha flabeliforme em geral e sobretudo na pintura. Por ora só nos interessa assinalar que, enquanto ali existe uma variedade de trançados flabeliformes na ornamentação, o mesmo não se pode dizer dos guatós, cujos trabalhos são de folhas pinuladas.

A larga folha pinulada da acurí é trabalhada conforme o objeto de uso que se tem em vista fabricar, mas sempre o processo é de se empregar uma folha inteira, onde os folíolos entrançados permanecem fixos na nervura da folha. Esta, muitas vezes, preenche funções bastante especiais.⁸⁶

A folha da acurí é utilizada em seu estado natural no arranjo do leito, para atizar o fogo e como forro ou abrigo de diversos objetos domésticos. Também é aproveitada, por outro lado, para três fins correspondentes: primeiro, para a esteira ou rede de dormir, segundo, para o abano e terceiro, para o cesto.

Conforme podemos ver bem na reprodução (fig. 106) do abano para fogo, as pínulas da folha do acurí não partem da nervura em intervalos regulares; costuma haver um espaço de duas em duas, às vezes também de três em três, cujo tamanho corresponde mais ou menos ao lugar que ocupa cada grupo dessas pínulas. Jamais se pode obter um trabalho perfeito, i. é sem buracos, usando uma única folha de palmeira, conforme nos prova o cesto triangular de uma só folha, que é o produto mais primitivo dessa espécie de trançado geralmente conhecido.

Vemos, entretanto, por toda parte, o desejo de alcançar um trançado denso, sendo então empregadas duas ou mais folhas em trabalhos mais perfeitos. Essas folhas são de tal maneira colocadas que se evitam as falhas o mais possível.

(86) A única exceção a essa regra é o cesto da fig. 114, cujo ponto de partida do entrançamento é inteiramente fora do comum e se acha em correlação estreita com a arte de entrançado dos chapéus de palha, certamente por influência estrangeira (v. fig. 113).

O essencial do trançado de folha pinulada, assim como do trançado de palmeira simples em geral, reside no processo de encader, até mesmo nos trabalhos mais simples, dois grupos iguais em número, de pínulas em posição vertical, quando se empregam ambos os lados da folha, de tal maneira que as pínulas de um grupo pulam igual quantidade de pínulas do outro grupo.

Assim, por exemplo, faz-se o trançado na vasta rêde ou esteira de dormir (fig. 105) do seguinte modo: Em primeiro lugar os folíolos de trás da nervura, partindo (v. figura) de cima para a direita e, de baixo para a esquerda, são passados sôbre três folíolos que partem da frente da nervura, de cada vez; estes, por sua vez, seguem na direção de cima, para a esquerda, de baixo para a direita. Na segunda carreira de malhas é o contrário: Cada folíolo do grupo da frente passa sôbre 3 folíolos do outro grupo de cada vez.

Conforme veremos mais adiante, pulam-se, também, 1 ou 2 malhas. Mas, ao lançarmos um olhar para os diversos trançados veremos que naqueles em que (fig. 99) os folíolos se alternam de um em um, não

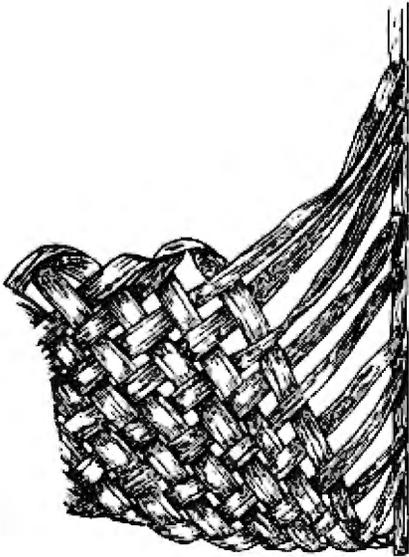


Fig. 99

Trançado de uma malha em um cesto guató.

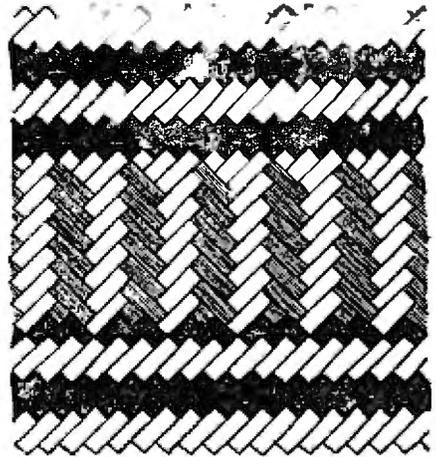


Fig. 100

A passagem do listrado horizontal para a direção vertical e viceversa nos trançados de folhas pinuladas.

se consegue obter um tecido tão bom e isento de falhas como naqueles em que é feito de dois em dois ou de três em três, de modo que, por uma razão prática, os trançados de duas e três malhas tinham, por força, que predominar.

Já salientamos que no trançado das folhas pinuladas, corre, primeiro, uma série de malhas presas na nervura da folha para a mesma direção (v. fig. 105) sôbre a qual se segue uma série de malhas que atalham as primeiras em sentido vertical e assim por diante. Como as malhas se dirigem em sentidos vários, elas refletem a luz diversamente, o que cria as listras do modelo, que, para a ornamentação do trançado palmáceo assim como para a maior parte do ornato sulamericano, exerce influência decisiva.)

Semelhante a uma trança de cabelo, onde as malhas, dirigindo-se para a mesma direção, se limitam uma á outra em intervalos regulares, o trançado da folha pinulada se salienta necessariamente pela disposição graduada: No trançado descrito mais acima, tratando-se de tomar as malhas de três em três (como por exemplo, na fig. 105), verifica-se forçosamente que o folíolo 1a pula os folíolos 1b, 2b, 3b, que o fol. 2a, os fols. 2b, 3b, 4b, que o fol. 3a os fols. 3b, 4b, 5b, etc., formando, assim, as respectivas ordens.

No estudo do ornamento, torna-se importante salientar que as listras, produzidas pelas malhas, correndo em série, numa mesma direção (relativa aos trançados palmáceos) não seguem na direção das diversas listras isoladamente, mas encontram-se num ângulo de 45 graus, conforme no ex. da fig. 105, onde as listras do entrançado correm em posição diagonal, isto é em direção horizontal ou vertical.

De acôrdo com o que expliquei, vê-se que as listras do modêlo se dirigem, antes de mais nada, paralelamente à nervura da folha. Esse é o caso, também, nos trançados da folha da acuri dos guatós, que segue a regra geral. Sômente nos cestos em que a nervura faz orla superior, (V. p. 183 f.) aparecem exemplares de trançados que começam com um listrado vertical em direção à nervura (v. fig. 111). A feia irregularidade do trabalho, que se verifica no ponto de partida da nervura em consequência a êsse sistema de trançar, deve ser encarada como uma anomalia do próprio gênero de trançado.

Conforme ainda exporemos isoladamente, as diversas formas de trançado, ou essas listras continuam paralelas à nervura até voltarem novamente ao ponto de partida do trabalho, ou, como na esteira da fig. 105, se verificam transposições que vão da nervura, paralelamente, para o sentido vertical e vice-versa (v. fig. 100). Essas transposições são feitas por meio de uma irregularidade introduzida no trançado, em que, por exemplo, no trançado de três malhas se passam 1, 2 e 5 malhas ao lado das regulares 3 (v. fig. 101-104). Mas mesmo aqui, nos trançados de folhas pinuladas, como nos flabeliformes, já se pode deduzir que essa transposição não foi provocada extraordinariamente pelo contar e modificar das diversas malhas, apenas originou-se da própria maneira de trançar. Assim como se vê o começo da esteira da fig. 105, onde se trançou regularmente junto à nervura, 3 listras para cima com 3 para baixo, continúa-se regularmente, afim de obter

à esquerda e à direita uma orla certa. Assim como começamos, antes, da nervura, agora partimos do bordo, começando sempre com 3 sobre 3 respectivamente. Verifica-se a transposição do horizontal para o

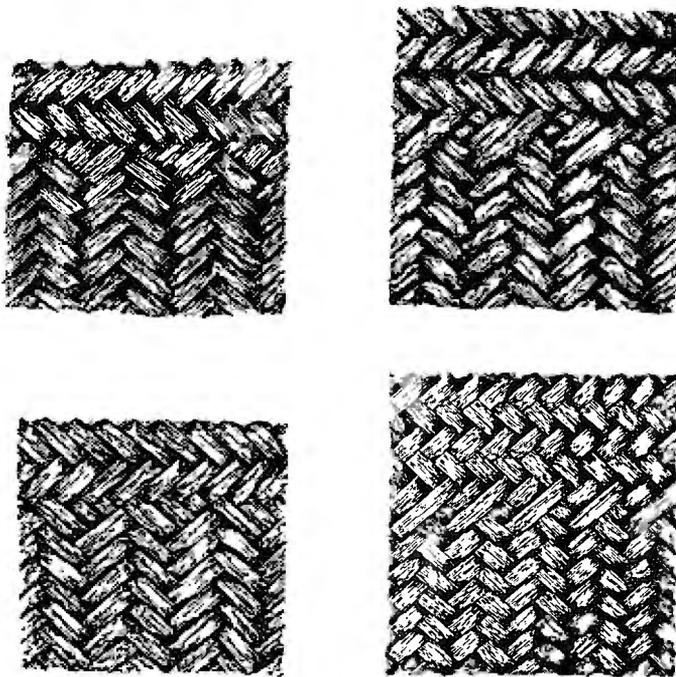


Fig. 101 a 104

Irregularidade que se apresenta no trançado ao se verificar a passagem ou mudança da direção horizontal para a vertical.

Figs. 101 a 103 (de três malhas) 104 (de duas malhas)

vertical, sendo que no ponto de transposição contam-se 1, 2 e 5 listras puladas. Afim de se obter, então, no bordo inferior da esteira um acabamento certo e igual ao ponto de partida, a padronagem da extremidade inferior precisa passar à posição horizontal da trança de acabamento do bordo inferior. A transposição dá-se do mesmo modo que antes.

Correspondendo inteiramente ao que acabamos de explanar, temos no abanador (fig. 106), primeiramente, as partes de trançado determinadas pelo listrado horizontal paralelo à nervura; depois as pontas livres dessa primeira parte do trabalho, entrançadas lateralmente, correm aos lados. Veja-se, mais adiante, como o mesmo princípio ou regra rege os trançados flabeliformes, isto é, a direção do listrado é condicionada pelos bordos ou orlas do trabalho.

Nos trançados de acurí há, além dêsse processo, ainda outro que serve para preencher as pontas dos folíolos, isto é, são reunidos em três feixes e trançados semelhantemente ao que se faz com o cabelo. Todos os trabalhos entrançados de acurí, típicos, dos guatós, como esteiras, abanos ou cestos, terminam em tranças que, na extremidade, levam um nó final. Nos cestos de asa há um grupo de folíolos que logo de início são reunidos numa trança dessas para formarem assim a própria asa. (V. figs. 110 e 112).

1 — Esteiras para dormir de fôlha de acurí (fig. 105), mádaakútsi

| | | | | | | |
|-------------|------------|---|---------|--------|-----|---------|
| Catálogo N. | V. B. 4889 | — | Tamanho | 1,75 m | por | 0,74 m. |
| " | V. B. 4890 | — | ca. | 1,76 m | " | 0,62 m. |
| " | V. B. 4891 | — | | 1,38 m | " | 0,60 m. |

(V. B. 1448, 1449).

Já disse que na confecção das grandes esteiras de acurí, por causa da irregularidade da divisão dos pontos de partida do trabalho, são empregadas duas fôlhas, que as reforçam.

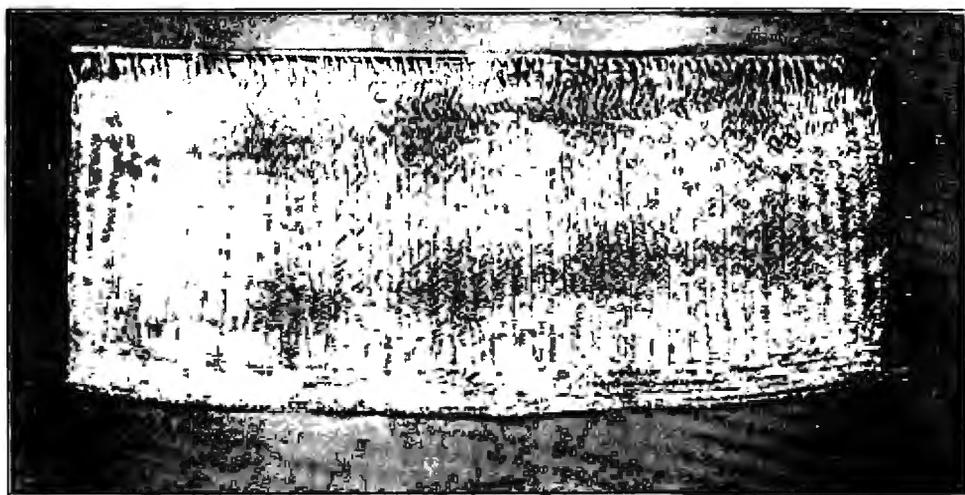


Fig. 105

Esteira ou rede de dormir dos guatós.

Mus. Etn. Berlim, V. B. 4981, 1/13 tam. nat.

Os dois grupos de folíolos, mais ou menos verticais entre si, são escolhidos de modo tal, que as pínulas que saem, ali, na figura, nas frentes das duas nervuras das fôlhas, formam um dos grupos e no trançado elas correm em cima para a esquerda e em baixo para a di-

reita, enquanto as pínulas que partem por trás formam o outro grupo e daí correrem em sentido contrário.

Essa esteira apresenta-se com o formato de um retângulo. Uma das beiras mais compridas é formada pelas duas nervuras, a outra pela trança com que se faz o acabamento, que no caso só se estende para um dos lados e que termina um pouco além do corpo do trabalho, com um nó nas pontas.

As orlas dos dois lados menores formam-se do seguinte modo: Os folíolos que partem dali são dobrados em ângulo réto, indo então juntar-se aos folíolos do outro grupo.

O trançado é feito de modo que cada folíolo de um grupo se transporta pulando sempre três do outro, o que mais acima chamamos de trabalho a três malhas.

Observa-se que nas esteiras (V. B. 4889, 4890), o trançado corre geralmente no sentido de comprimento, ao passo que na esteira da fig. 105, passa depois para a direção atravessada e por fim de novo para a primeira direção (V. Pg. 176).

2 — Abanos para fogo, de folha de acurí (fig. 106), tiakanatá

Catálogo N. V. B. 5013 — Tamanho 52 cm por 35,5 cm.

” V. B. 5014 — ” 42 ” ” 27,5 ”

” V. B. 5015 (incompleto), fig. 107. Tamanho 41 cm. por 25,5 cm.

São semelhantes em essência, mas diferentes na forma e na execução, os numerosos abanadores que servem para atizar as brasas.

Também se empregam duas folhas. A fig. 106 mostra-nos os dois grupos de folíolos que compõe o trabalho. Pode-se observar melhor ainda na fig. 107, onde se acha reproduzido um abano ainda não terminado. Na fig. 106, de acôrdo com o sistema seguido nas esteiras, cada folíolo de um grupo passa por cima de três do outro: no centro, porém, o trabalho continua em duas malhas. No abano incompleto da fig. 107 vê-se esta última forma de trabalho desde o início.

Somente pequeno trecho dos dois lados horizontais do abano são trabalhados como as esteiras, depois os folíolos começam a dobrar e passam para o grupo de folíolos verticais. Após isso as pontas que sobram de cada grupo de folíolos são amarrados em duas tranças de cada lado, terminando em nós. Depois disso essas tranças ainda são intercaladas algumas vezes pelo trançado a dentro, afim de reforçar o acabamento.

Na fig. 107 vemos um folíolo repontando no centro do abano, em fabricação, pelo que se depreende que, conforme a necessidade, se usam folíolos suplementares.

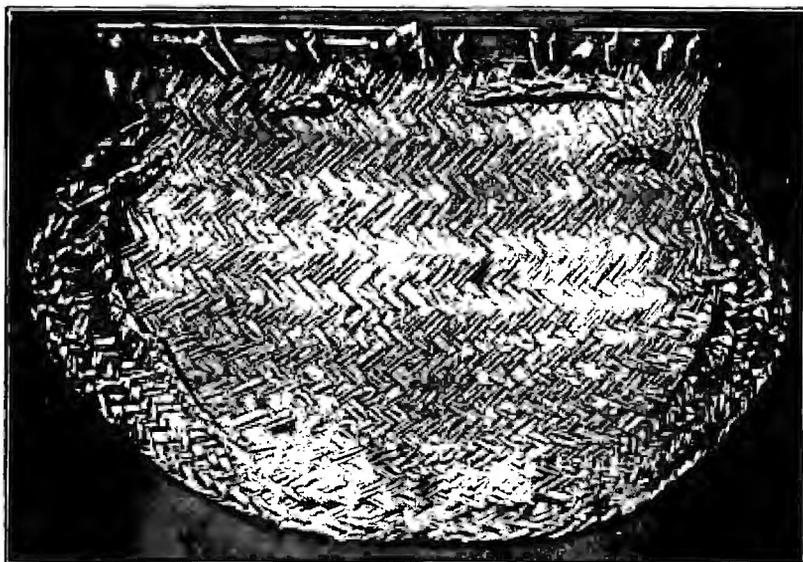


Fig. 106

Abano para fogo, dos guatós.

Mus. Etn. Berlim, V. B. 5014, 1/4 tam. nat.

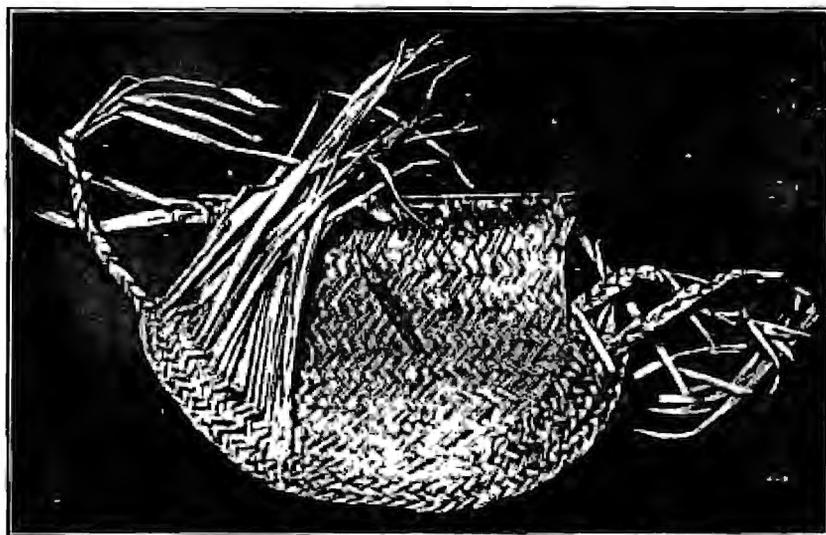


Fig. 107

Abano para fogo, incompleto (guatós)

V. B. 5015, 1/6 do tam. nat.

3 — Cêstos de fôlha de acurí, mu(n)dá

Podem-se distinguir dois tipos principais de cêstos dessa fôlha, de acôrdo com a maneira de se empregarem as nervuras.

Nos cêstos do primeiro típo, as nervuras encontram-se em um dos lados e é daí que o trançado continúa até o fim. Um número de folíolos superiores é amarrado numa trança, cuja extremidade é presa às pontas trançadas do resto dos folíolos, formando assim a asa do cêsto. Conforme o sistema de trançar, ainda dividiremos êste grupo em dois tipos, um, mais primitivo, de formato mais triângular e outro de feitio quadrado, mais evoluído.

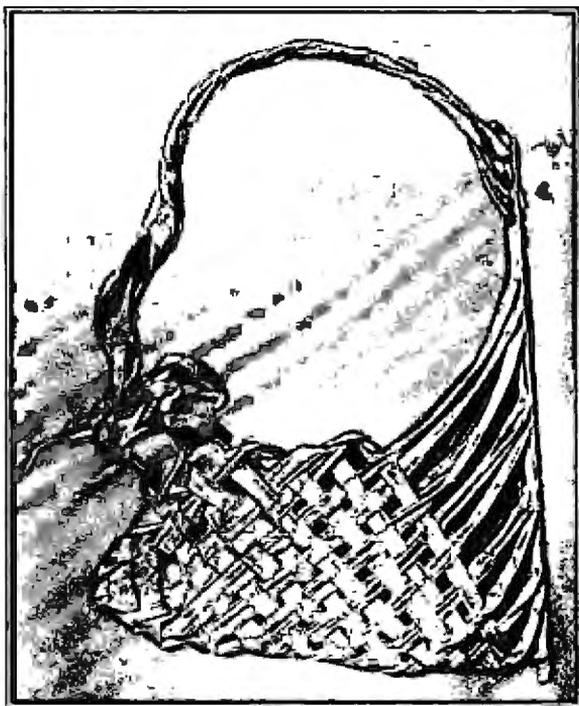


Fig. 108

Cesto triangular com a nervura da folha de lado
(guatós).

V. B. 4942. 1/5, do tam. nat.

Nos cêstos do segundo típo principal, as nervuras formam a orla superior do cêsto e o trançado, em consequência disso, parte justamente dêsse ponto. As pontas dos folíolos, conforme descreveremos mais adiante, terminam em duas tranças para cada lado na base do cêsto.

a) *Cêsto triangular, tendo a nervura de um lado.* (Fig. 10)

| | | | | |
|------------------------|---|---------|-------|-------------|
| Catálogo N. V. B. 4939 | — | Nervura | 37 cm | de comprim. |
| | | Base | 42 cm | " |
| V. B. 4940 | — | Nervura | 44 cm | " |
| | | Base | 40 cm | " |
| V. B. 4941 | — | Nervura | 43 cm | " |
| | | Base | 48 cm | " |
| V. B. 4942 | — | Nervura | 33 cm | " |
| | | Base | 28 cm | " |

Êsses cêstos guatós devem ser considerados como o tipo mais simples em materia de cêsto com asa. Ao contrário de todos os outros trançados em acurí, êles só empregam aquí uma única nervura.

O trançado começa com os dois folíolos de baixo que se acham um folíolo de trás é trançado em frente ao outro. O juntamente com a série de folíolos da parte da frente. Depois surgem os dois seguintes de baixo, e assim por diante.

As pontas, no fim do trabalho, tanto as da frente como as de trás, dobram em ângulo réto e são adicionadas, daí em diante, ao grupo de folíolos em frente.

As pontas, no fim do trabalho, tanto as da frente como as de trás são reunidas numa trança, pela qual o lado do cêsto oposto à nervura que ainda se acha aberto, fica fechado. A extremidade da trança é amarrada, então, da maneira acima descrita, à asa.

Nêsse trançado um folíolo pula somente um folíolo do outro grupo, de modo que podemos classificá-lo: trançado de uma malha.



Fig. 109
Cesto quadrangular com a nervura da
folha de lado.

V. B. 4943, 1/7 do tam. nat.

b) *Cêsto quadrado, tendo a nervura lateralmente.*

| | | | | |
|---------------------|---|---------|---------|-----------|
| Catálogo V. B. 4943 | — | Nervura | 46,0 cm | de compr. |
| | | Base | 43,0 cm | " |
| V. B. 4944 | — | Nervura | 18,0 cm | " |
| | | Base | 8,5 cm | " |
| V. B. 4945 | — | Nervura | 45,0 cm | " |
| | | Base | 37,0 cm | " |

O exemplar da fig. 109 já representa uma forma muito mais adiantada do que os cêstos anteriormente descritos. Ao contrário daqueles, são aqui indispensáveis duas nervuras de fôlha, colocadas uma atrás da outra, pois são precisos dois grupos de folíolos para a frente e dois para trás do cêsto, portanto, ao todo, são necessários quatro grupos.

Os dois grupos de folíolos, dirigidos para a frente, são formados pelos folíolos que partem de cada uma das duas nervuras fronteiras, correspondendo à parede de trás os folíolos das duas nervuras de trás. As pontas que sobram na extremidade inferior do cêsto, na frente, são dobradas e adicionadas, como no trabalho dos cêstos triangulares, ao trançado da parede de trás e vice-versa. As pontas da extremidade superior são dobradas em ângulo réto, exatamente como no cêsto triangular, e prosseguem entrançadas no grupo de folíolos da mesma parede do cêsto que lhes fica em frente.

Cada folíolo de um grupo pula sempre dois do outro.

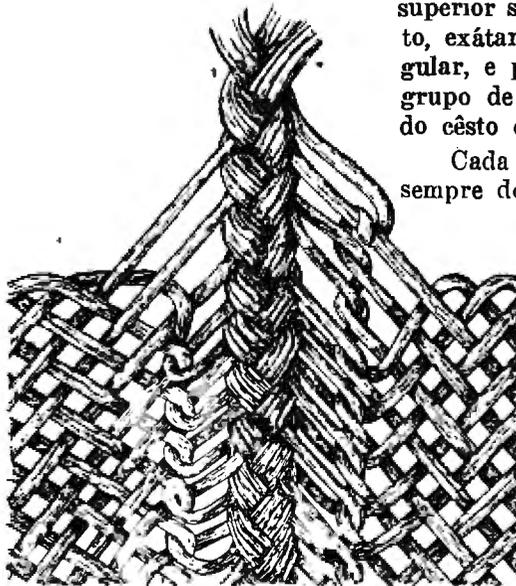


Fig. 110

Desenho esquemático para mostrar como se prendem as pontas livres dos folíolos ao lado do cêsto.

V. B. 4943

O modo de prender as extremidades dos folíolos nos cantos é diferente nos dois exemplares de grandes cêstos dessa coleção. Na fig. 109 todos êsses folíolos são reunidos em cima numa trança, sendo que os de um grupo são diretamente apanhados na trança, os do outro grupo somente depois de fazer-se um entrelaçado recíproco com as pontas que surgem para cima e para baixo.

O desenho esquemático (fig. 110) pretende mostrar em detalhe como se realiza o trançado que une os lados do cêsto. Vemos o tran-

gado nessa figura no lado oposto ao da nervura. No lado esquerdo temos, por conseguinte, uma parte do trançado de trás e pela direita uma parte da parede frontal. O trançado está ralo, afim de se poder verificar a trama do trabalho.

No outro cêsto as pontas são trançadas duas a duas em direção oposta, inteiramente idênticas ao processo empregado nos cêstos do grupo seguinte, conforme esclareceremos. A trança em baixo termina numa cauda amarrada à extremidade superior e presa na asa.

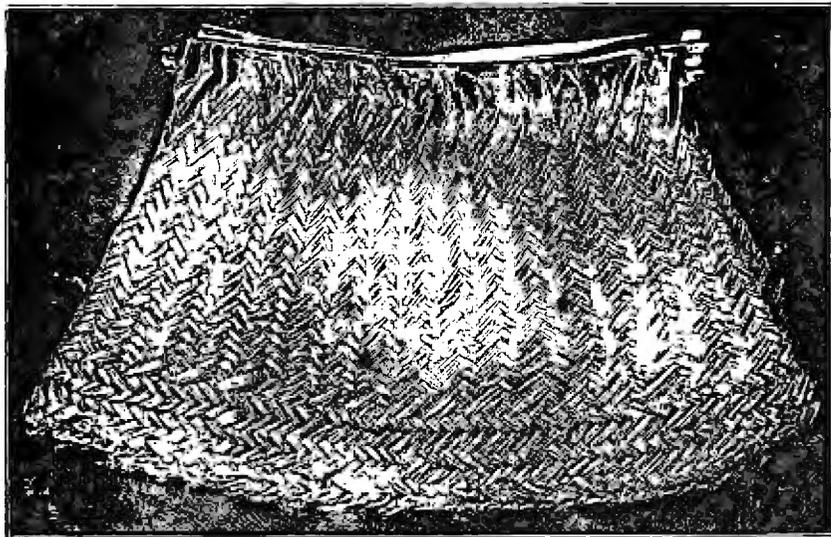


Fig. 111

Cesto dos guatós, com a nervura na borda superior.

V. B. 4948, 1/6 tam. nat.

c) *Cêstos, tendo a nervura na extremidade superior.*

| | | | | | | | | | | |
|------------------------|---|----------------|----|-----|------|----|-----|--------|----|-----|
| Catálogo N. V. B. 4946 | — | Bordo Superior | 19 | cm, | inf. | 23 | cm, | altura | 18 | cm. |
| V. B. 4947 | — | " | " | " | 38 | " | " | 59,5 | " | 33 |
| V. B. 4948 | — | " | " | " | 42 | " | " | 63 | " | 35 |
| V. B. 4949 | — | " | " | " | 29 | " | " | 44 | " | 29 |

Conforme já dissemos acima, encontramos um novo tipo de cêsto em que as nervuras formam a orla superior, ao contrário das formas anteriormente descritas. Outro contraste com os trabalhos anteriores decorre das fôlhas não serem aproveitadas em sua forma natural, isto é, nos dois lados dos folíolos, mas a nervura é dividida em dois lados separados. Na fig. 111 formam a orla superior do cêsto oito dessas nervuras, isto é, quatro que partem para constituir a parte de trás e

quatro para a da frente do trançado em forma de anel. Em alguns dos cêstos a orla superior não é feita de pedaços avulsos de nervuras cortadas em dois, mas uma ou mais são dobradas nos lados em anel simples, onde começa, então, propriamente o trançado.

A divisão dos folíolos em grupos depende do próprio número de nervuras divididas em duas partes.

O trançado pode ser, como no tipo anterior, passado sôbre duas malhas de cada vez, mas na maioria dos cêstos o processo é, como na a fig. 111, onde cada folíolo pula três do outro grupo. Sobre o desenho dessa espécie de cêsto, veja pag. 176.

A base do cilindro assim composto é feita, então, pelo trançado das pontas em baixo, isto é, conforme na fig. 112, em duas tranças que vão em direção oposta. Portanto, de acôrdo com o tipo anterior, em que se trata do lado aberto, aqui é o fundo do cêsto que se fecha com uma trança.

Na fig. 112 temos em uma forma esquemática parte do cêsto visto por baixo. Para ficar mais compreensível, desenhamos com lapis mais

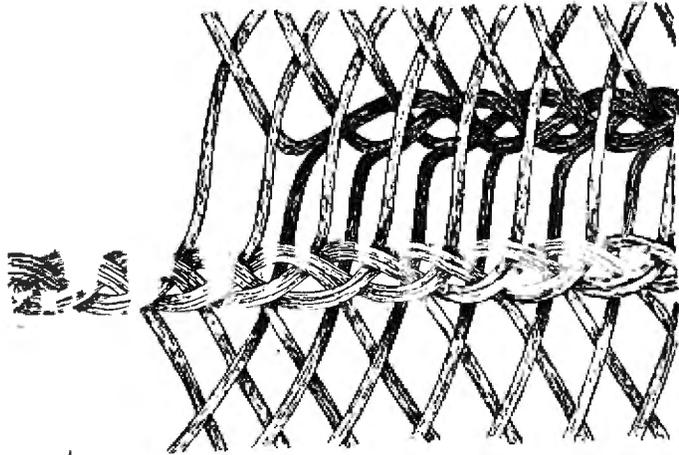


Fig. 112

Desenho esquemático para mostrar como se prendem as pontas livres dos folíolos no fundo do cesto.

V. B. 4948

forte o trançado que sóbe e que, na realidade, é o trabalho situado diretamente atrás da trança mais clara, formando, portanto, a parte interna do fundo do cêsto, enquanto a parte mais clara da trança se acha na parte externa do mesmo. O desenho nos mostra que os folíolos vindos de uma mesma direção, tanto de trás como da frente do cêsto, são reunidos e executados em trança. E isso se faz pelo tran-

gado exterior do cêsto (a parte mais clara da fig. 112) realizado pelos folíolos que seguem em cima para a direita e em baixo para a esquerda, enquanto o trançado interno (a parte escura da fig. 112) se compõe dos folíolos que partem em cima para a esquerda e em baixo para a direita. Ambas essas tranças terminam em nó, que é duas vezes passado pelo corpo do trabalho, voltando ao nó, ao qual é preso.

Como o trançado, mesmo nessa última forma de cêsto, não oferece oportunidade para fazer uma asa, então, no caso de ser indispensavel (como no N. V. B. 4947), usa-se uma tira de fibra que é amarrada na extremidade superior.

4 — Outros trançados de fôlhas de acurí

Chapéu de palha, máhokuir.

Catálogo N. V. B. 4905 — Diâmetro da borda — 38 cm, Altura 14,5 cm (fig. 113).

(V. B. 1468, 1469, 1517).

Cêsto de trançado fino.

Catálogo N. V. B. 1458 (fig. 114).

Finalmente, ainda quero incluir aquí duas formas de trançados que estão fóra das considerações anteriores por pertencerem a um

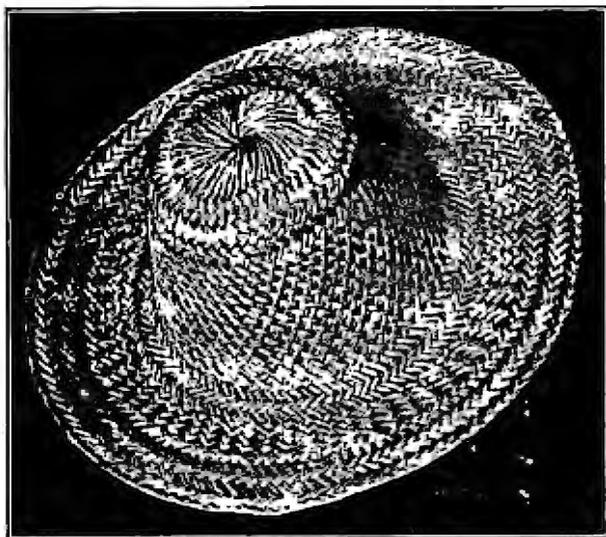


Fig. 113
Chapéu masculino guató.
V. B. 4905, 1/5 tam. nat.

grau muito mais evoluído desse trabalho. Isolo-as das outras formas por que a habilidade que exigem na sua confecção, de acôrdo com o que pude saber, não se pode atribuir inteiramente aos índios guatós. Em Uberaba afirmaram-me claramente que só uma pessoa, aliás, uma mulher, em toda aquela região, sabia fabricar os chapéus típicos usados pelo elemento masculino adulto. Sobre a origem dêsse trabalho não há, naturalmente, muito de positivo que dizer, apenas sabe-se que, no que diz respeito ao adiantamento cultural dos guatós em relação ao trançado e à tecelagem, a confecção do chapéu de palha é de tão pouco



Fig. 114

Cesto guató.

V. B. 1458, 1/3 tam. nat.

valor quanto o cêsto da fig. 114, pertencente à coleção de Rohde e de que eu não trouxe nenhum exemplar.

II

O segundo ponto de partida ou sistema de iniciar o trançado, e, ao mesmo tempo, da tecelagem são as vastas esteiras de fibra, onde uma longa série de tiras é ligada entre si por meio de fios horizontais. Nos abanos contra mosquitos e nos vastos mosquiteiros, em vez de fibras empregam-se feixes de tucum ou herva, frouxamente enrolados. Esse método de trançar, espalhado por toda a América, norte

como sul — consiste simplesmente (fig. 115) em dois fios laçados sobre si mesmos, que, simultâneamente, em cada meia volta, enlaçam em torno de si mesmos um feixe de fibra ou fio que vêm em sentido contrário.

Logo que êsses fios duplos enlaçaram todos os fios horizontais, um após outro, êles se acham em condições correspondentes à tecelagem que se denomina “cadeia”. Com o fio duplo, assim como o fio interseccional, atravessa alternadamente os fios verticais da direita para a esquerda, eu desejaria, pelo menos no que vou dizer a seguir, usar da palavra técnica “cadeia” dos tecelões. O fio atravessado pode, então, ser simplesmente designado por “fio duplo”, pois assim o distinguiremos do fio interseccional que corre diferentemente.

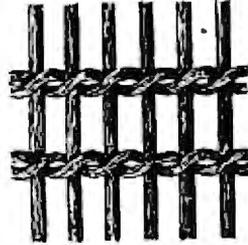


Fig. 115

Esquema do trançado de fio duplo.

Mais tarde, na investigação dos tecidos dos guatós, ainda voltaremos a mostrar como ali os fios da cadeia também são, da mesma forma que acima, trazidos à posição necessária ao tecido, de modo que nas simples tecelagens à mão, dos guatós, podemos perceber a passagem que se dá do trançado para o tecido. Os guatós não têm objeto tecido em que não haja o fio duplo próprio do trançado.

A trança que empregam geralmente nos trabalhos em acurí torna a manifestar-se nesses trabalhos, sobretudo, reforçando os bordos das esteiras de junco, dos mosquiteiros e dos abanos de fibra, onde, nestes, tecidos de algodão, a trança prende as cordas no cabo.

O fio dos guatós, tanto o de algodão como o fio mais fino de tucum, é sempre torcido para a direita, usando-se duas fibras, enquanto os grossos cordões de fibra de palmeira, usados na corda do arco, são torcidos em três, para a esquerda. Essa diferença flagrante no torcer dos fios parece explicar-se se considerarmos que os cordões mais grossos não são feitos com o fuso de que se servem para os fios mais finos. Nos arcos de bola, referidos atrás, a corda de um dêles, feita de algodão, é torcida para a direita e a outra, de fibra de tucum, para a esquerda.

Usam o algodão e a fibra de palmeira na fabricação dos fios. Os instrumentos empregados nesse fabrico são os que descrevo a seguir.

5 — Arco para desfiar algodão em rama, magayida (V. N. 145 do vocabulário)

Catálogo N. V. B. 4999, 68 cm de comprim.

Para desfiar a rama do algodão usam um arco rudemente trabalhado, com uma corda de fibra de palmeira (fig. 116)

Vi uma mulher guató a trabalhar com êsse instrumento: Metia-o continuamente por um monte de algodão a dentro, puxando constantemente a corda, com o que o algodão se desenrolava cada vez mais.

Como êsse emprego do arco, conhecido em outras partes do mundo, ainda não foi observado por outros na América do Sul, deixaremos que o futuro decida si estamos diante de uma demonstração cultural



Fig. 116

Arco para desfiar o algodão em rama (guató).

V. B. 4999, 1/6 tam. nat.

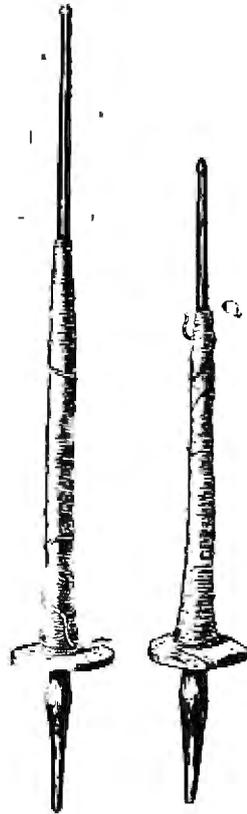


Fig. 117 e 118

Fusos guató.

V. B. 5004 e 5002, 1/3 tam. nat.

indígena, ou si se trata de influência estranha, sobrevinda mais tarde e adotada pelos aborígenes.

6 — Fuso, madáhuits'i. Gastão do fuso — emũ (ng)

(V. Vocab. n. 140)

| | | | | | | | | | | | |
|-------------------|------|---|----------------|------|-----|----------|----|--------|-----|-----|---|
| Catálogo N. V. B. | 5000 | — | Comprim. | 39 | cm, | Diâmetro | do | gastão | 4,5 | cm. | |
| | 5002 | — | " | 26,5 | " | " | " | " | 4,2 | " | |
| | 5003 | — | " | 25,5 | " | " | " | " | 4 | " | |
| | 5004 | — | " | 6,6 | " | " | " | " | 4 | " | |
| | 5001 | — | Gastão isolado | | | | | | | 3,7 | " |

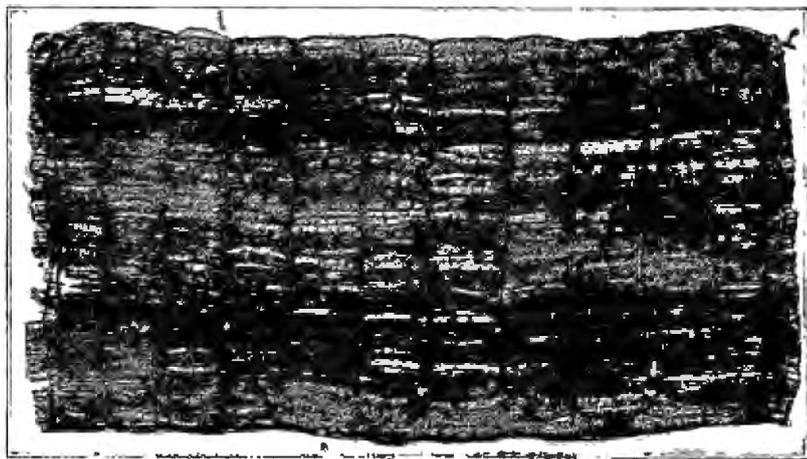


Fig. 119

Esteira de junco para criança.

V. B. 5036, 1/6 tam. nat.

O outro instrumento é o fuso, sendo o castão do mesmo em madeira ou em osso de tartaruga. A extremidade de trás do gastão termina em um botão.

7 — Esteira de junco, miró

| | | | | |
|-------------------|---------------------|---|----------------------------|--|
| Catálogo N. V. B. | 4892 | — | Tamanho 129 cm por 104 cm. | |
| | 4893 | — | | |
| | 5036 | — | Tamanho 29 cm por 56 cm. | |
| | (V. B. 1453, 1519). | | | |

O interessante dos trançados de fio duplo é sobretudo o modo simples de se prenderem os fios e amarrá-los. Temos na figura n. 120 uma esteira de junco esquematicamente representada, cujo início é o mais simples possível. Um fio isolado de fibra enlaça a trança que termina a cadeia da borda superior. Em cada meia volta as duas pontas desse fio envolvem um junco em torno do outro e depois du-

plamente, como acima ficou descrito. Quando o fio duplo chega ao outro lado da esteira, êle se amarra em torno da borda da cadeia.

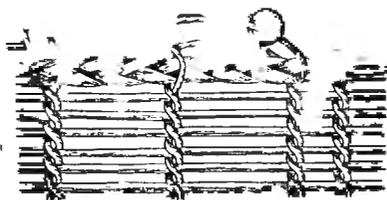


Fig. 120
Desenho esquemático do
trançado em junco.

V. B. 5036

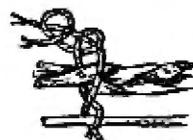


Fig. 121
Ponto de partida
do trançado em
junco.

V. B. 5036 esquemá-
ticamente representado.

Então os dois fios correm durante um trecho perto da borda até que de novo se amarram; daí em diante correm como antes, mas em direção oposta à cadeia de junco. Quando o fio duplo chega, então a outra extremidade da cadeia de junco ainda se fecha, no fim, por um nó duplo (fig. 121). Conforme dissemos, as orlas do comprimento ficam reforçadas, por isso que os três juncos terminam numa só trança.



Fig. 122

Trança na borda do
trançado em junco.

V. B. 5036 esquemáticamente
representada.

Afim de compreender melhor, fotografei uma esteira pequena, que me informaram pertencer a uma criança. As esteiras de junco para adultos, conforme as medidas já mencionadas, assumem grandes proporções.

8 — Abano para mosquitos de fibra de tucum, mapara

Catálogo N. V. B. 1514 — Cabo 42 cm compr., trançado 30 cm de largo.

N. V. B. 5035 — Cabo 18 cm compr., trançado 12 cm de largo.

Os abanos para mosquitos de tucum, de que a coleção berlinense possui dois exemplares, estão ainda em pouco uso, em relação com os abanos de tecido de algodão de que trataremos mais adiante. Eu mesmo só encontrei um pequeno exemplar infantil.

O trançado dessas peças corresponde, em princípio, inteiramente ao das esteiras acima, apenas em vez de feixes de juncos empregam-se fibras de tucum frouxamente enroladas. No abano para mosquitos da fotografia junto, as duas bordas compridas são do mesmo modo terminadas numa trança. Nos dois lados transversais saem as extremidades livres, semelhantes a franjas, de dentro do trançado.

Usa-se o abano para mosquito que fica pendurado no cabo, balançando-o em torno. É interessante observar-se como o trançado da fig. 125, esquemáticamente representado, é preso no cabo. Podemos

ainda reconhecer distintamente aqui o principio característico de todos os graus de cultura menos desenvolvidos, isto é, o de procurar tudo fazer de uma só peça, evitando emendas inúteis, no que, aliás, reside a solidez do velho fabrico aborígene. A demonstração esquemática



Fig. 123
Abano de mosquitos de fibra de tucum.

V. B. 1514, 1/6 tam. nat., Coleção Rohde

na fig. 125 permite distinguir bem como o fio duplo, após ter percorrido toda a cadeia de fibra de tucum, tendo sido por fim amarrado por meio de um nó duplo, é ao mesmo tempo e sem interrupção transformado na corda que une o trançado com o cabo. Esse emprego múltiplo e prático de um mesmo fio ainda encontraremos de modo mais evidente na confecção dos largos mosquiteiros. A corda formada pelo duplo fio, que corre para lá e para cá, é presa no cabo envolvido por um pequeno fio isolado.

9 — Mosquiteiro, mageetó

Catálogo N.º V. B. 4896 — Borda superior 189 cm de compr.
inferior 211 " " "
Altura 97 " " "

O maior progresso dos guatós foi alcançado com os vastos mosquiteiros de trançado com fio duplo, e que usam estendidas, como um vasto sacco, sobre o indivíduo a dormir. Entre os guatós de Uberaba,

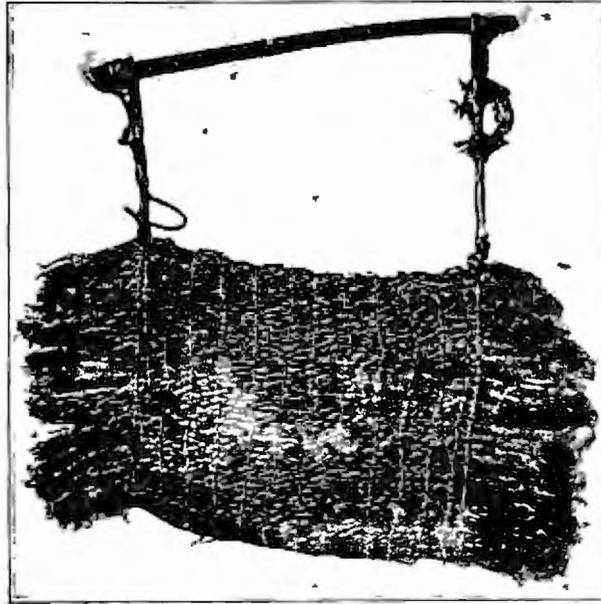


Fig. 124
Abano de mosquitos de fibra de tucum, para criança.
V. B. 5035, 1/3 tam. nat.

visitados por mim, êsses mosquiteiros já eram muito raros, de modo

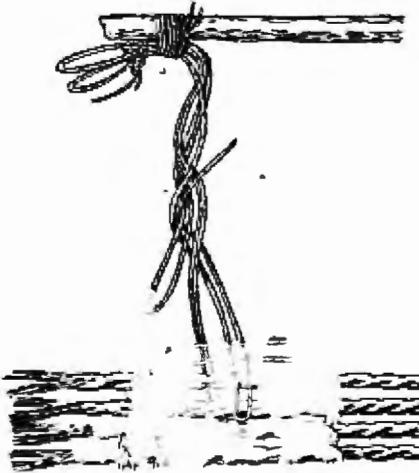


Fig. 125
Esquema do trançado relativo ao
abano de mosquitos da fig. 124.
V. B. 5035

que foi com custo que consegui um exemplar. Ao realizarem comigo a transação, chamavam êles para mim a atenção de como é trabalhosa a peça de tão grandes dimensões e parece evidente que é justamente por êsse motivo que introduziram o uso geral de mosquiteiros de pano leve, em substituição a êles.

O essencial na confecção desses mosquiteiros também é o sistema de fazer tudo de uma só peça, sem precisar emendar. O esquema da fig. 127 mostra os detalhes da confecção. A cadeia é formada por feixes de fibras de tucum frouxamente torcidos ou, conforme vemos em algumas pe-

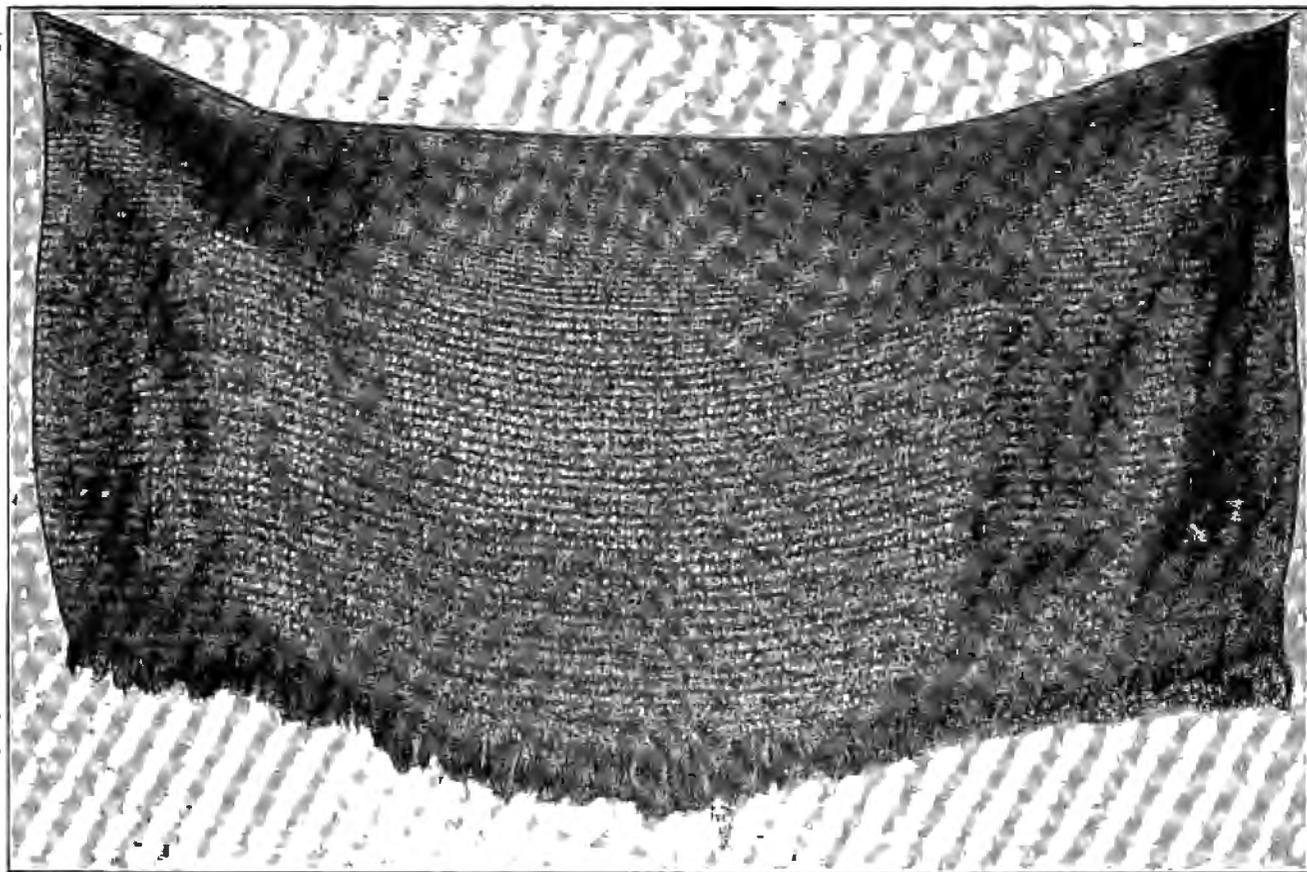


Fig. 126
Mosquiteiro de fibra de tucum (guató)
1/11 tam. nat.

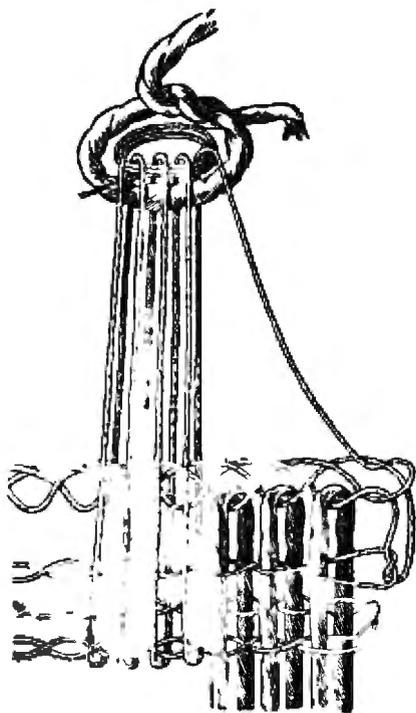


Fig. 127

Esquema do trançado do mosquito.

gas da coleção Rohde, de talos de capim. Esses feixes são primeiramente amarrados no centro por três fios de tueum em trança, de modo que a trança do fio forma a borda superior do mosquito. Depois que o trançado percorreu todos os feixes, um dos fios abandona, depois de seguro, os outros dois e forma, conforme se vê na fig. 127, o gancho. Os dois fios restantes percorrem, então, todos os fios duplos fazendo uma espiral em torno dos feixes de fibra, de modo tal, a envolverem primeiro, da direita para a esquerda, todas as metades de feixes voltadas para a frente (fig. 127, parte clara), depois da esquerda para a direita envolvem as voltadas para trás até chegarem à borda inferior do mosquito que, assim, adquire a forma de um saco invertido, onde se vê um pequeno trecho de pontas livres como franjas.

10 — Abanos para mosquito tecidos em algodão, mapara

Catálogo N.º V. B. 5020 — Cabo 54,0 cm de compr., Tecido 38,0 por 34,0 cm.

V. B. 5021 — Cabo 52,5 cm de compr., Tecido 39,5 por 30,5 cm.

V. B. 5022 — Cabo 40,0 cm de compr., Tecido 25,0 por 18,0 cm.

(V. B. 1450 — 1452, 1513).

Já salientamos que os guatós não possuem tecelagem que não contenha trançado. Nos abanos para mosquitos em algodão, assim como nas braçadeiras de algodão, usadas pelo caçador no pulso esquerdo para proteger-se contra o choque do arco, a cadeia é executada de modo que os fios são trazidos para a sua devida posição por meio de um trançado duplo de fio também duplo. Conforme se vê nas figuras 128 e 129, em vez dos feixes de fios duplos isolados, empregam-se aqui, de quatro em quatro, fios simples. Um desses pares de feixes é virado para a direita, o outro para a esquerda, de maneira que as malhas ali juntas uma da outra não correm paralelas, mas vão uma ao encontro da outra.

A fim de que os dois pares de feixes se amarrem um no outro, trocam em determinados espaços alguns fios (fig. 128), ou até mesmo trocam os feixes inteiros entre si (fig. 129). Em cada meia volta dos pares de feixes muitos fios da cadeia são enlaçados. Depois que a cadeia é assim realizada, entra o fio interseccional, que (fig. 130) ora vai da direita para a esquerda, ora vice-versa.

O modelo do tecido que pode ser muito variado, realiza-se do modo mais simples, pintado em duas côres. (V. fig. 131 e 132).

Nas formas mais primitivas do abano para mosquitos, a corda torcida ou trançada, que reúne o tecido com o cabo, igual aos abanos de fibra já descritos, é formada, em parte, pelos mesmos fios, que exe-

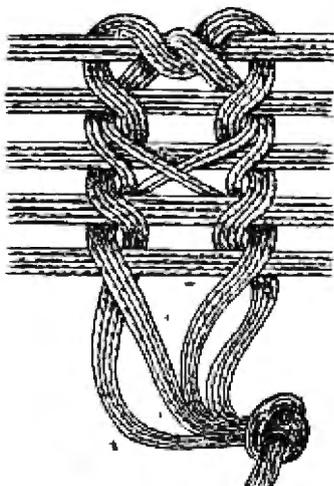


Fig. 128

Trançado de fio duplo na borda dos abanos para mosquitos, tecidos (esquema).

cutam o trançado lateral de fio duplo, o que faz demorar o trabalho de amarrar (V. fig. 134). Em outros abanos para mosquitos a corda é simplesmente cozida ao tecido.

11 — Faca para tecelagem, mateada para

Catálogo N.º V. B. 5005. Tamanho 49 cm por 4,5 cm.
V. B. 5006. Tamanho 51 cm por 5 cm.

Afim de fazer passar o fio interseccional do abano para mosquitos através da cadeia e, além disso, firmá-lo no tecido, os guatós usam uma faca para tecer de madeira e de superfície plana (figs. 135 e 136).

Em parte alguma entre os guatós pude encontrar, algum outro instrumento de tecelagem, pelo que sou de opinião que os tecidos primitivos dêses indígenas foram confeccionados sem o auxílio de um

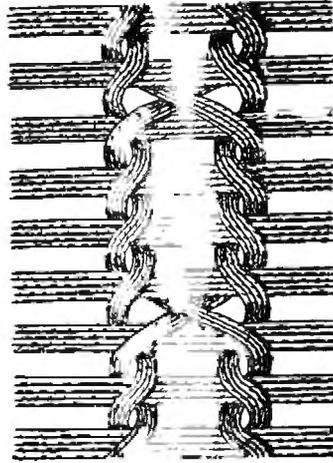


Fig. 129

Trançado de fio duplo na borda dos abanos para mosquitos, tecidos (esquema).

tear. Usam simplesmente a faca para perpassar os fios pela cadeia. Ainda reforçaremos êsse nosso ponto de vista mais adiante, ao tratarmos da linguagem.

12 — Ligaduras para pulso, mavãerúta

| | | | | | | |
|--------------|-------------|---------|--------|-----|-----|-----|
| Catálogo N.º | V. B. 4900. | Tamanho | 86 cm | por | 4 | cm. |
| | V. B. 4901. | " | 123 cm | " | 3,5 | " |
| | V. B. 4902. | " | 103 cm | " | 3,4 | " |
| | V. B. 4903. | " | 107 cm | " | 2,5 | " |

(V. B. 1474, 1475, 1558).

Já salientamos que o máximo alcançado na tecelagem e no trançado é o trabalho das ligaduras de algodão, que o guató usa no pulso para se proteger do choqué com a corda do arco.

Como se reconhece facilmente no tecido (V. figs. 137-139) dessas ligaduras de pulso, ao contrário dos abanos, a cadeia é formada por um ou dois fios de cores diferentes que corre no sentido de comprimento para cima e para baixo. Evidentemente a cadeia forma-se, então, pelo enrolamento do fio em torno de dois objetos quaisquer. A maneira por que o duplo fio de enrolar as pontas da ligadura é preso no final da cadeia, já nos faz deduzir isso.

Parte dos fios da cadeia fica livre nas extremidades, pois só a carreira de fios é devidamente ajustada através do trançado de fio duplo, depois de afastar-se um pouco da extremidade, semelhante ao que acontece com os abanos de mosquitos. E' interessante notar-se

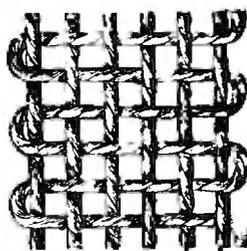


Fig. 130
Esquema do
tecido.

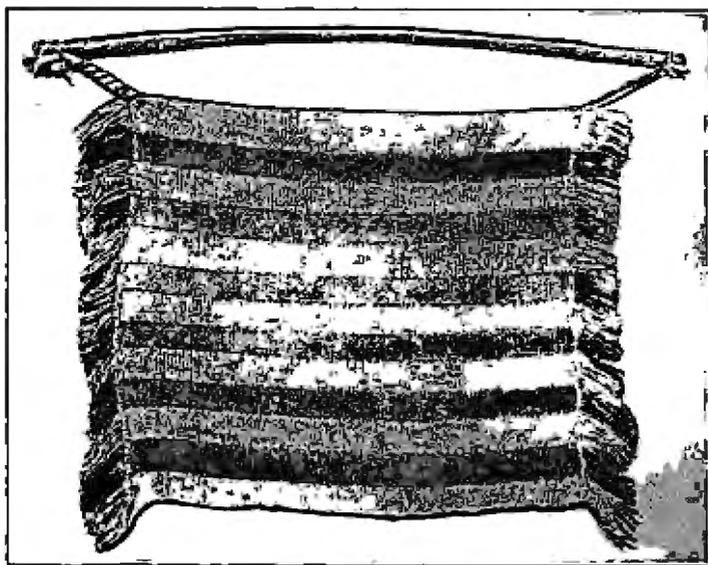


Fig. 131

Abano de mosquitos, tecido de algodão.

Mus. Ein. Berlin, V. B. 5020, 1/6 tam. nat.

nêsse trançado de fio duplo a maneira simples (fig. 128) por que é reforçado logo no início. Atrás disso segue logo o fio interseccional de sempre, pulando de cada vez um fio ao comprido.

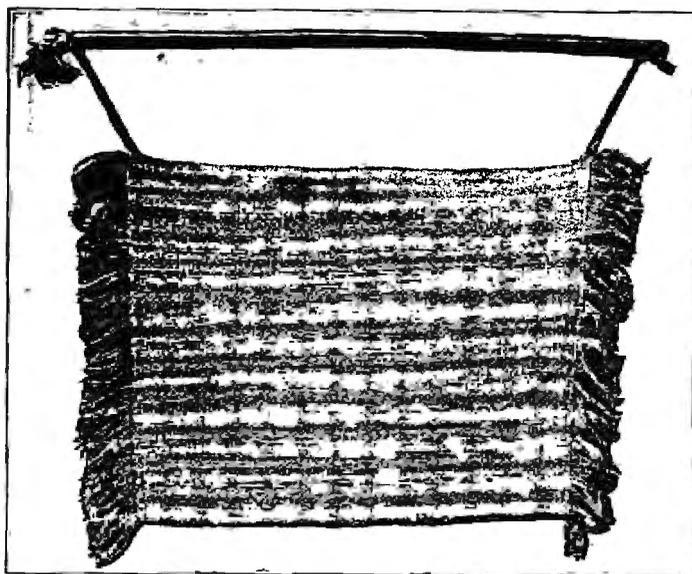


Fig. 132
Abano de mosquitos, tecido de algodão.
Mus. Etn. Berlim, V. B. 5021, 1/6 tam. nat.

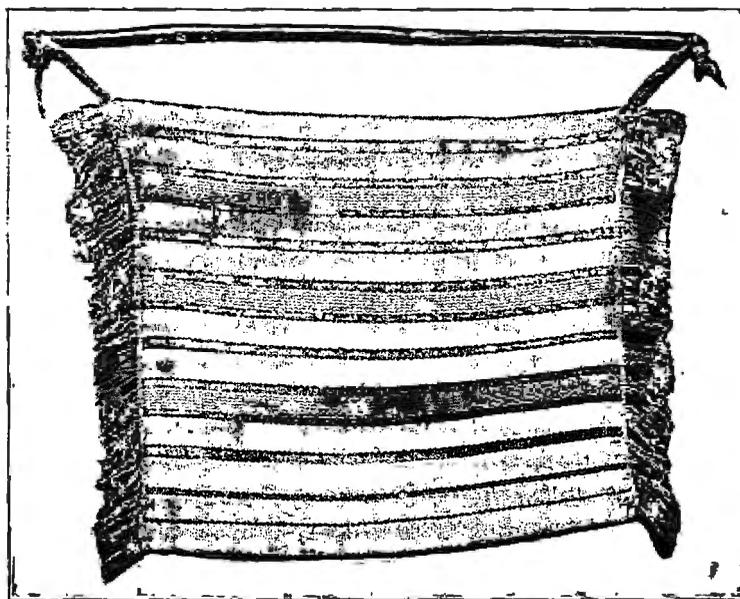


Fig. 133
Abano de mosquitos, tecido de algodão.
Mus. Etn. Berlim, V. B. 1450. Coleção Rohde, 1/6 tam. nat.

O que distingue as ligaduras dos abanos são os padrões muito mais desenvolvidos da maioria dos tecidos.

Nos abanos só temos listras simples ao comprido que, como já dissemos, se criam pela alternância, na cadeia, de um número de fios escuros com outro de fios claros. Nas liga-

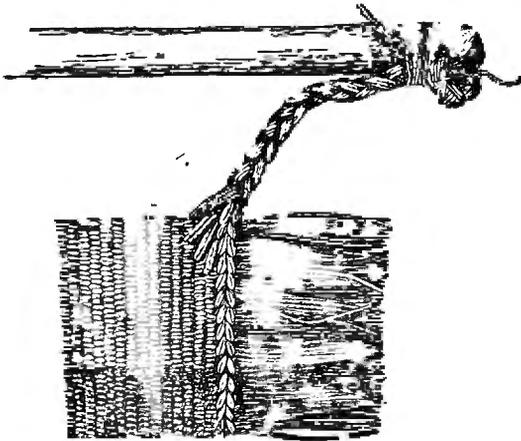


Fig. 134

Canto direito superior do abano de mosquitos da fig. 131

V. B. 5020

duras de pulso temos, além destes, ainda outras listras atravessadas e mais variadas, para o que foi preciso que o produtor do tecido tivesse introduzido um ponto de vista completamente novo.

E' peculiar a um tecido normalmente ⁸⁷ feito que os fios da cadeia sejam tão apertados que não se perceba, entre as malhas, o fio interseccional. Em toda a parte em que o

(67) E' diferente, por exemplo, entre grande parte de tecidos peruanos antigos, onde os fios da cadeia são cobertos pelos fios interseccionais, de modo que estes é que participam na padronagem do tecido. Quando os fios se acham intimamente ligados aos fios interseccionais, eles formam por si mesmos o padrão cobrindo o fio interseccional; si estão bem separados, verifica-se o contrário, isto é, este cobre aquele.

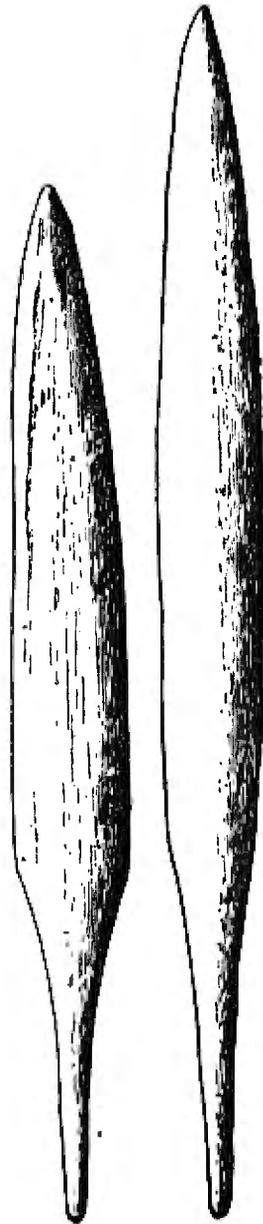


Fig. 135 e 136:
Facas para tecelagem dos guatós.

B. 5006 e 5005, 1/3 tam. nat.
Mus. Etn. Berlin,

fio interseccional passa por cima de um fio de cadeia, os dois fios vizinhos comprimem-se e passam por cima dêle, ficando de tal maneira reunidos que êle desaparece por baixo. Dessa maneira todos os fios

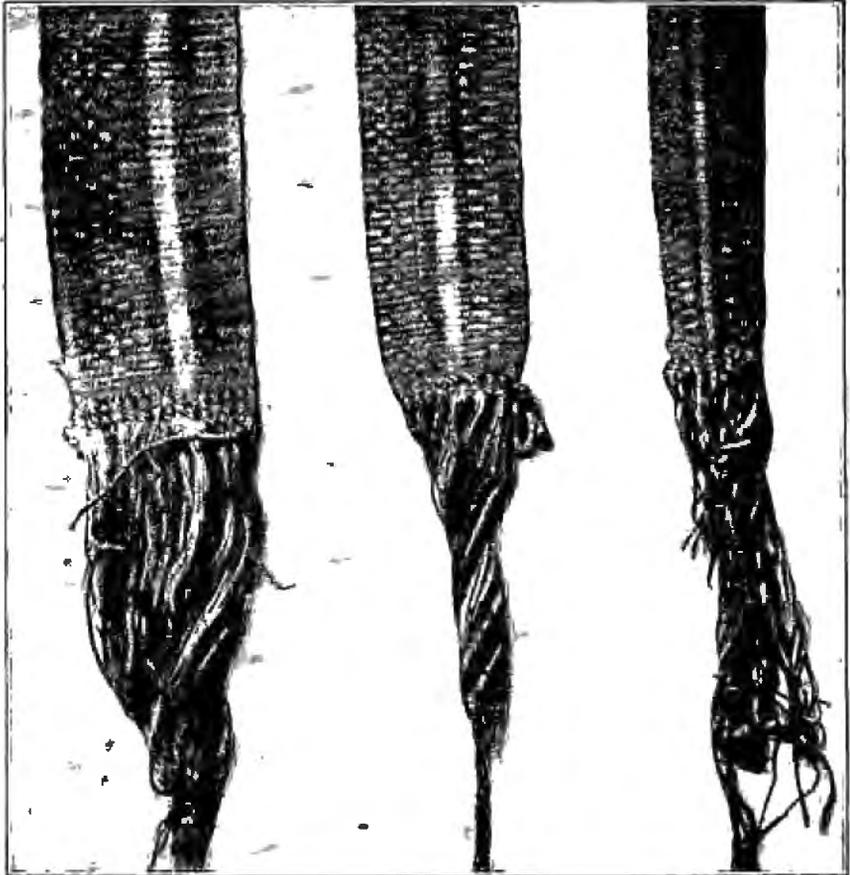


Fig. 137 a 139

Ligaduras para pulso dos guatós.

Mus. Etn. Berlin, V. B. 1475, 1558 (Coleção Rohde) e V. B. 4903, 3/5 do tam. nat.

da cadeia, que passam por cima de um fio transversal, formam uma ordem fechada de malhas. Conforme se pode ver nas figs. 141 a 144, onde o esquema está exatamente reproduzido, as séries de malhas, si numerarmos constantemente os fios da cadeia, alternam-se, em malhas

de número par com as de número impar. Assim se obtem de modo mais simples o padrão de listras atravessadas desde que se usem fios de côres diferentes para as ordens par e impar.



Fig. 140

Como se prende o fio duplo no final da cadeia da ligadura para pulso.

Os quatro modelos reproduzidos mostram as variações de padronagem possíveis por simples combinação do modelo em listras transversais e horizontais. Em materia de padronagem ou variações que ultrapassem o obtido pelo fio interseccional que atravessa as malhas, a arte dos guatós não vai mais longe.

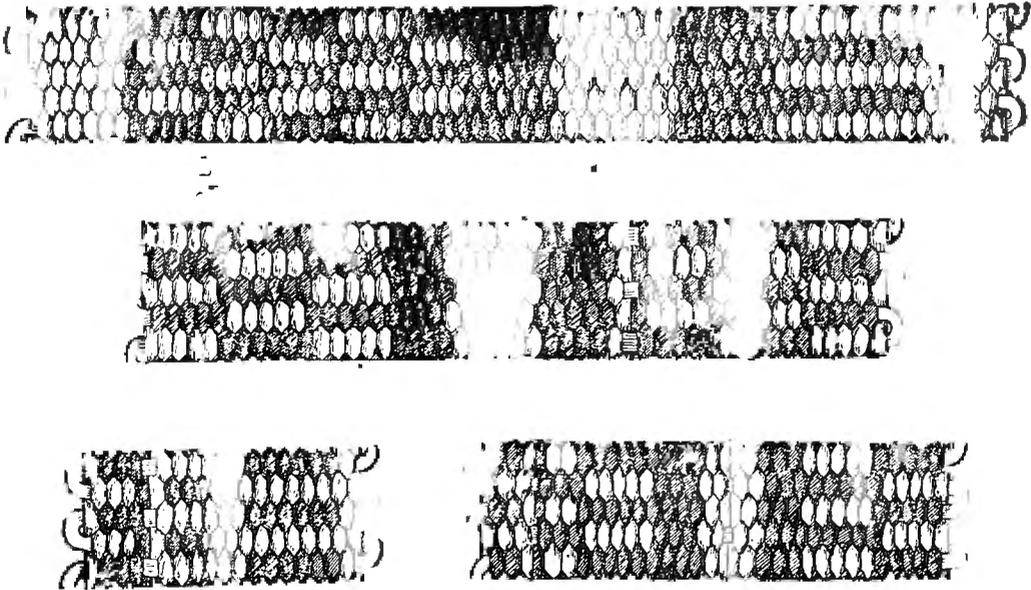


Fig. 141 a 144

Representação esquemática das malhas de tecido das ligaduras de pulso.

V. B. 1475, 1558, 4902 e 4903

CAPÍTULO IX

Índios guatós — Linguagem

I — Generalidades

O material linguístico de que disponho é o produto de minha convivência de três semanas com os guatós dos lagos Gaíba e Uberaba, isto é desde Outubro até Novembro do ano de 1901.⁸⁸

A maioria das palavras foi registrada com o auxílio dos respectivos objéto e das respectivas atividades e qualidades, sendo mais tarde controlada em língua portuguesa, pela minha companheira de viagem guató, a Rosa.

As frases 2 a 34 provêm, também, dessa índia e pude colhê-las através de demoradas conversações, provocadas por mim, dizendo-lhe que me tratasse como si eu fôsse um estrangeiro conhecedor de sua língua e que viésse visitá-la. Só depois é que fiz com que ela traduzisse para o português as frases por mim anotadas. Com isso evitei a simples versão do português para o guató, de expressões mais ou menos estranhas aos índios, que formam frequentemente a base da pesquisa linguística.

Nota-se logo que todo êsse processo mental é outro, conforme o índio, conhecedor de uma língua européa, consegue exprimir-se através dela ou pela sua propria língua materna. O índio em contacto temporário com uma civilização européa, mais ou menos desenvolvida, é portador de dois mundos de idéias diversos, um dêles o do aborígene, outro o do meio exterior que está mais próximo dele. Aprende a língua estranha não como uma tradução da sua, mas capta-a progressivamente, pouco a pouco, com os novos conceitos do novo ambiente que se avizinha dêle.

Os guatós têm o costume de colocar os seus filhos, após terem atravessado o período da puberdade, a serviço de colônos brasileiros, por algum tempo. Êsses jovens entram então em novas condições de vida e assim aprendem a linguagem correspondente à sua nova situação. Si conseguem, mais tarde, livrar-se das obrigações que dependiam do seu empregador, voltam, depois de uma ausência de anos, para o seu antigo ambiente, isto é ao seu velho mundo de idéias — à sua velha linguagem. Certamente que os costumes e os indivíduos

(88) V. minha palestra nas atividades da Soc. Antropológica de Berlim. Reunião de 15 de fevereiro de 1902. P. 77 ff.

dêsse remoto círculo sofrem muito a influência do elemento que volta para êle, imbuído das idéias e dos costumes de um mundo estranho, mas essa influência ainda não se verificou entre os guatós de maneira tão absoluta que não se criasse uma separação chocante, na mentalidade do guató, entre os seus companheiros de tribo e o guató que viveu entre os brasileiros. E é justamente essa divergência de mentalidade do índio que se pode tornar fatal ao etnólogo que não procura, antes de mais nada, cohabitar com os índios e inteirar-se dos seus costumes, pois do contrário o aborígene não lhe appareceria na qualidade inata de índio, da selva e sim na sua nova qualidade adquirida de europeu, isto é de brasileiro. Às perguntas que se lhe fazem, sobre coisas que lhe dizem respeito, por exemplo, responde sob o ponto de vista europeu e no que diz respeito à sua língua materna fornece uma simples tradução de conceitos brasileiros. Mas, só se consegue penetrar na linguagem legítima do indígena, quando se está no seu ambiente, que nos dá uma idéia real da conversação que os aborígenes mantêm entre si.

Para dar uma idéia ao leitor, da conversação entre índios guatós, de que se possa inferir a sua mentalidade, apresento a seguir algumas frases que, mais adiante, se acham analisadas linguisticamente:

“Como é quando você está viajando, o que você viu o rio? está hinpo ⁸⁹ aonde andaste? gente agora (estam) bons lá? quanta gente você viu? esta longe o rio quando você esta viajando? aonde vai agora? quando você vem outra vez? quando você vem outra vez trazer algumas coisas para nós? nunca mais (agora) você vem aonde você vem é muito longe. Quando chega lá (na sua casa) você não vai mais longe. Nem quando quer você não vem mais tão cedo você não vem mais.”

“Como é lá sua banda, (esta) bonito? Sua banda tem muita gente? tem bastante casas? aqui na banda você está longe. Nós não sabia que você vem parecer por aqui. Quem é, quem sabia que você quer parecer por aqui. Agora você já vai embora. Você pareceu aqui tão longe. Estes gentes daqui não passeiam aqui não tem gente que passeiam tão longe. Estes gentes daqui não vão longe. Por isso não viu não viu nada gente. Quando algum quer ir não chega lá. Acham longe adonde você vem por isso não querem ir lá. Não é como você quem passeiu como você que vou longe passear. Aquí estes gentes não vão longe e por isso não sabem como é gente uma outra cidade”.

“Adonde você veio é longe, lá na sua banda tem bastante criação? Quando você chega lá chora sua mãe, ela pergunta aonde você andou e si o caminho está limpo, o que você viu para lá? onde você andou é longe ou é perto? E' como aqui ou é diferente? E' lá limpo? Você conta tudo o que viu por aqui, algumas coisas que viu por aqui.”

(89) N. da T. — “hinpo”, o autor quer dizer “limpo” isto é, caminho limpo, transitavel.

II — Formação das Palavras

O que notabiliza a linguagem guató diante de todas as outras línguas aborígenes sulamericanas, é a simplicidade das formações das palavras e das frases. Uma parte, relativamente considerável, do tesouro linguístico guató consiste simplesmente em radicais monossilábicos, colocando-se o prefixo — *ma* — geralmente usado. As palavras polissílabas, por sua vez, pode-se afirmar com alguma segurança, são, em tão grande número, compostas de palavras monossílabas que não exageraremos, segundo minha opinião, si admitirmos que em todas as palavras polissílabas ha realmente um composto de radicais, verificando-se assim que *o idioma guató é em geral uma linguagem monossilábica*.

Os conceitos reunidos numa frase apresentam um mosaico variado desses radicais, que, conforme as diversas combinações, podem ter funções verbais, nominais ou pronominais, ou também de partículas de qualquer espécie. Mas a dificuldade principal na explicação dêsse mosaico está nas variações vocais, que frequentemente sofrem as múltiplas raizes, conforme as raizes vizinhas, e isso tanto para as consoantes como para as vogais.

R a d i c a i s

1 — Radicais monossilábicos

Para mostrar melhor como os conceitos mais comuns dos guatós são emitidos por vocábulos monossílabos, dou a seguir uma relação das palavras do meu vocabulário que, ou são diretamente monossilábicas, conforme se vê nas designações de parentesco, ou de um outro modo em que, retirando-se o prefixo abstrato — *ma* — ou colocando-se no lugar deste um pronome (geralmente na terceira pessoa), ainda resta um radical monossilábico. Nas palavras em que, em vez da vogal *a* e dos prefixo *ma*, aparecem *i*, *o*, ou *u*, só registrei aqui aquelas em que essa modificação parece basear-se na simples harmonia vocal, ao passo que os diversos casos em que essa transformação fonética também se pode ligar a uma contração do — *ma* — com a primeira sílaba do radical, não foram considerados.

1 — Partes do corpo

| | | | |
|-------|-------|---|---------|
| (ma) | ts'íó | — | bôca |
| (ma) | kuá | — | dente |
| (i) | rãē | — | olho |
| (ma) | ve | — | orelha |
| (ma) | to | — | pescoço |

| | | | |
|------|-------------------|---|--------|
| (ma) | ra | — | mão |
| (ma) | po | — | braço |
| (ma) | bo | — | pé |
| (i) | pe | — | fígado |
| (ma) | deu ⁹⁰ | — | carne |
| (ma) | fãē | — | pele |
| (ma) | kir | — | cabelo |

2 — *Elementos naturais*

| | | | |
|------|---------|---|---------|
| (ma) | bíro | — | estrela |
| (ma) | bãē | — | chuva |
| (ma) | fi | — | noite |
| (ma) | gū (ng) | — | água |
| (ma) | tá | — | fogo |
| (mo) | kué | — | lenha |
| (ma) | kú | — | pedra |

3 — *Elementos etnográficos*

| | | | |
|------|----------------------|---|-------------------------|
| (má) | ní (ng) | — | barco |
| (má) | kū (ng) | — | remo |
| (ma) | kó | — | machado de pedra |
| (ma) | tū (ng) | — | bilha de barro |
| (mi) | k (i) r ^o | — | panela |
| (ma) | guá (a) | — | concha com que se come |
| (ma) | há | — | caracol com que se bebe |
| (má) | pir | — | fuso de fazer fogo |
| (ma) | bó | — | fumo |
| (i) | ts'á | — | corda da viola |
| (i) | ts'ó | — | orifício da viola |
| (ma) | dz'úrr | — | lança |
| (e) | mū (ng) | — | gastão do fuso |
| (ma) | fãē | — | camisa |
| (ma) | chie ⁹¹ | — | flecha |

4 — *Relações de parentesco*

| | | |
|------|-----|---------------------------|
| bé | — | filho |
| io | — | filha |
| pá | — | irmão do pai |
| mé | — | irmão da mãe |
| kuir | — | irmã do pai e irmã da mãe |
| nga | — | neto e neta |
| (ma) | dãē | homem casado |

5 — *Animais*

| | | | |
|------|-------|---|------------------|
| (má) | ku | — | macaco |
| (ma) | po | — | porco |
| (mi) | t(i)r | — | veado do pântano |
| (ma) | h(i)r | — | tapir |

(90) madeu é ortografia francesa apanhada por Castelnau. O -eu- do seu vocabulário corresponde ao meu -ir-.

(91) ortografia francesa segundo Castelnau. O seu -chie- corresponde ao meu t-s'i-.

| | | | |
|------|----------|---|------------------------------|
| (mi) | pi | — | tatú |
| (ma) | k(f)r | — | capivara |
| (mã) | hi | — | jacutinga |
| (ma) | dz'ir(r) | — | anhuma |
| (ma) | tū(ng) | — | ema |
| (ma) | bó | — | pomba |
| (ma) | hí(r) | — | tujujú (cegónha) |
| (ma) | ts'õ | — | "yoco" (sic) |
| (má) | to | — | carão |
| (mã) | kē | — | biguatinga |
| (ma) | d(i)r | — | casudo |
| (ma) | pír | — | pintado |
| (ma) | ts'í | — | peixe, semelhante ao pintado |
| (mã) | pī | — | rubago (peixe) |
| (ma) | ié | — | mosca |
| (ma) | ka | — | mosquito |
| (mu) | kuir | — | "carregador" (formiga) |

6 — *Plantus*

| | | | |
|------|------|---|-------------------|
| (ma) | dár | — | árvore, madeira |
| (ma) | má | — | mandioca |
| (mũ) | ku | — | jatobá |
| (ma) | ts'í | — | frúta do "sibota" |
| (ma) | đu | — | tarumã |

7 — *Verbos*

| | | | |
|-------|-------|---|----------------------|
| (mã) | ho | — | cantar |
| (gua) | va | — | (tu) andas (ou vais) |
| (mã) | ts'ia | — | espírrar |
| (gua) | ts'ir | — | tu vês |

De tudo isso se conclue que, entre 390 substantivos, 69 são de radical monossilábico, isto é uma sexta parte, enquanto dos 47 verbos, 4 podem provar seu radical monossilábico.

Já nêsses vocábulos de radical monossilábico se nota que é relativamente frequente o emprêgo de uma mesma sílaba radical para exprimir conceitos muitas vezes bem diversos. O fato de "ts'ió" tanto significar nossa "boca" como o "orifício da viola" é devido simplesmente ao acaso que faz com que êsses conceitos, para nós distintos, se reunam em um só na linguagem guató. A bôca é justamente o orifício que mais chama a atenção do nosso olhar no corpo humano; dela partem os sons da voz, assim como do redondo buraco da viola saem outros sons.

E' bem compreensível, mesmo para o nosso sentimento linguístico, que se fundam êsses dois conceitos em um só. O modo pelo qual, entretanto, se relaciona intimamente esse conceito total para com cada um dos outros conceitos não poderá ser nunca estabelecido cientificamente ou por méra dedução com base segura. Desdê logo não se pode dizer si "bôca" é o conceito primário, que depois tenha sido

transferido para o de "buraco" (da viola) ou si, ao contrário, o conceito geral de "orifício" foi secundariamente empregado para designar parte do corpo humano "boca", ɔ, finalmente, em terceira hipótese, si ambos os conceitos nasceram de um outro mais abstrato e superordenado para, depois, decompor-se nas significações especiais.

O mesmo fato temos a observar a propósito da palavra (ma) fãe = péle e camisa, assim como (ma) dár = árvore e madeira. Nestes, também, parecem formar-se os mesmos conceitos provenientes dos radicais formados pelas mesmas vogais. E' claro que (ma) fãe designou camisa de forma secundária, através do conhecimento adquirido da indumentária européia, ainda que essa transformação do conceito se tenha processado há séculos, considerando-se que os europeus já naqueles tempos penetraram as selvas dos guatós.

Não é tão fácil, entretanto, explicar a concordância literal que se encontra em maior número de radicais monossilábicos, de modo que a vogal de um determinado conceito, seja de parte do corpo ou de um objeto ou de um parentesco, é ao mesmo tempo o radical que designa um animal qualquer ou planta.

Vemos isso nos seguintes radicais:

| | |
|---------------------------|---|
| (ma) tó — pescoço | (má) to — carão |
| (ma) ve — orelha | (ma) vaē — cão |
| (ma) kú — pedra | (má) ku — macaco |
| (má) pí — fuso p. f. fogo | (ma) pí — pintado |
| (ma) chie (92) — flecha | (ma) ts'í — peixe (semelhante ao pintado) |
| (ma) tū(ng) — bilha | (ma) tū(ng) — ema |
| (ma) pó — braço, ventre | (ma) po — porco |
| (ma) bó — pé | (ma) bō — pomba |
| (ma) deu — carne (93) | (má) d(i)r — cascudo |
| (ma) kír — cabelo | (ma) k(i)r — capivara |
| (mi) k(i)r — panela | (mi) k(i)r — papagáio |
| kuir — iramá | (mu) kuir — "carregador" (formiga) |
| (ma) kú — pedra | (mū) ku — jatobá |
| (ma) chie (92) — flecha | (ma) ts'i — "sibota" (fruta) |

Nesses 14 casos não é possível subordinar, sem mais preâmbulos, como na questão anterior, dois objetos bem diferentes a um conceito superior, comum aos dois.

Seria talvez explicável que o "carão", com o seu pescoço comprido, correspondesse à palavra guató, que designa pescoço, assim como que a palavra cão correspondesse a ouvido, por ser a orelha tão desenvolvida nos cães. São semelhantes, outrossim, os furos arredondados, que existem de um lado do instrumento de fazer fogo, e as manchas do peixe pintado, mas com isso esgotam-se as tentativas de explicar por essa forma a questão, si bem que, conforme veremos mais abaixo, os sinais característicos de um animal serviram, em muitos outros casos, para a denominação de uma espécie.

Não se pode provar, por exemplo, que exista ou alguma vez existisse qualquer relação entre uma grande bilha para guardar e esfriar água e a ema, que é o avestruz sulamericano. Em todo caso, não o podemos provar apenas com o material linguístico e etnológico de que dispomos. Do mesmo modo não sabemos qual a relação entre a panela de barro e o papagaio, o cabelo e a capivára. E' possível que, em alguns casos, em que trataremos das modificações fonéticas, estas tenham influido determinadamente na concordância dos radicais ou, então, de algum outro modo bem diverso. Assim, o vocábulo (má)ku, que designa certo macaco que emite sons característicos, de onde lhe veio o nome, parece nada ter de comum com "ma kú" = pedra.

Das concordâncias fonéticas dos radicais que designam planta com outros radicais, temos o caso interessante de (mũ)ku, jatobá, árvore que possui uma lenha dura como pedra, e o radical que designa "pedra".

Em todo caso é certo que a lingua guató distingue muito bem o sentido dos radicais homófonos: costumam servir-se do acento tônico que aparece em maior número de radicais e que recai, conforme o significado, quer na sílaba radical quer no prefixo. Outra razão dessa distinção dos radicais concordantes é que as palavras que designam utensílios ou partes do corpo revelam, na maioria dos casos na construção da frase, uma relação pronominal condicionada pelo caso concreto em vez do prefixo abstrato "ma" que tão raro é aqui. Êste prefixo aparece, talvez, até exclusivamente, na maioria dos vocábulos que designam animais. Além disso verificar-se-á facilmente em cada caso isolado qual das duas significações, tão diferentes entre si, está sendo visada.

Outro fenômeno que se apresenta é a analogia entre radicais que designam até mesmo conceitos análogos, de modo que se apresenta o problema de verificar até que ponto essa afinidade de vozes se apoia na conexão de sentido.

(Ma)gũ(ng) significa "água", (ma)kũ(ng) é "remo", objeto que está em relação íntima com a água. As duas palavras (ma)dz''eékũ(ng) = rio e moreekũ(ng) = baía dão uma explicação fácil a essa semelhança notável dos dois radicais relativos aos dois conceitos análogos. Percebe-se logo que gũ(ng), água e o gũ(ng) contido nos vocábulos madz''eékũ(ng) e moreekũ(ng) dependem, primeiramente, de uma modificação vocal em que o g se tornou k ou vice-versa, visto que o kũ(ng) dessas duas palavras corresponde exatamente ao conceito de água. Assim os sons de gũ(ng) e kũ(ng) serviram originariamente para designação do mesmo conceito, sendo facilmente explicável que a linguagem usasse para designar "água do rio e suas baías" e "remo" a forma de som de gũ(ng) e kũ(ng) respectivamente, conforme se encontra nos vocabulos rio e baía.

E' semelhante a relação fonética e a relação conceitual das palavras:

| | |
|---------------------------------|-------------------------------|
| (ma) bír ^o — estrela | (má) pir — fuso de fazer fogo |
| (ma) guá(a) — concha de comer | (ma) kuá — dente |

talvez seja o caso, também, em:

| | |
|-------------------------|----------------------------|
| (ma) fãē — péle | (ma) ve — orelha ou ouvido |
| (ma) po — ventre, braço | (ma) bo — pé |

Nêstes quatro exemplos, também, a diferença reside em que a consoante inicial do radical se pronuncia ora duro, ora brando. Entretanto não é possível reconhecer bem claramente a analogia conceitual nêstes casos, para se chegar a conclusões seguras. De qualquer modo o sentido relativo entre estrela e fuso de fazer fogo seria bem compreensível si ajuntarmos também a palavra na(a) pir^o, quente.

Nos vocábulos (ma)guá(a) — concha e (ma)kuá — dente é fácil encontrar uma relação fonética que corresponde a uma relação conceitual, devido à notável semelhança do material de ambos êsses objetos, tanto pela aparência como pelo feitio.

E' notável, outrossim, a semelhança fonética entre (ma)da(r) — madeira, árvore e (ma)tá — fôgo, desde que se reflita que naquelas regiões a lenha de árvore é o único elemento usado na alimentação do fogo.

Ainda resta citar os radicais (ma)kú — pedra, makó — machado de pedra e (ma)kuá — dente. São muito inseguros êstes casos e só são suficientes para nos animar a prosseguir as pesquisas nessa orientação.

2 — Derivação de radicais polissílabos de raízes monossilábicas

O primeiro ponto de apoio para estabelecer que as raízes monossilábicas formam as palavras compostas é constituído pelos radicais monossílabos, dados acima, onde verificamos que a raiz e o radical coincidem de modo tal a que se pode deduzir logo significação de determinado radical o correspondente conceitual da raiz. Portanto, desde que podemos encontrar nesses radicais polissilábicos o seu significado segundo as suas raízes, o que nos faz reconhecer nítidamente que ha também uma relação conceitual entre a palavra polissílaba e uma parte da mesma que é a raiz, podemos concluir que ha uma composição de relação conceitual formada pelas referidas raízes monossilábicas.

Temos, por exemplo, as três seguintes palavras:

- 1 — (má)guá(a) — concha com que as mulheres tomam sopa
- 2 — (ma)gua(a)dá — colhér de pau com que os homens tomam sopa
- 3 — (ma)dá(r) — madeira

Os dois primeiros utensílios citados servem exatamente ao mesmo fim, assim como são semelhantes em formato e tamanho, até mesmo o cabo que distingue, pelo feitio, a colher de pau da concha. A diferença essencial consiste no material de que são feitos êsses objetos, portanto, é relativamente a isso que a formação (ma)gua(a)dá se realizou de (ma)guá(a), isto é, adicionando a raiz da(r) = madeira.

Assim, conforme depreendemos do próprio vocabulário dado, vemos grande número de radicais polissílabos provenientes dos radicais monossílabos, que nos são conhecidos. Este fato leva-nos a descobrir os componentes dos radicais compostos. Vimos no período anterior como é frequente dar-se uma analogia conceitual, coincidindo com uma analogia fonética. Ao tratarmos dos radicais polissilábicos podemos continuar nessa orientação, verificando como a analogia conceitual é marcada foneticamente por uma concordância de certas sílabas, das quais uma parte, como no exemplo acima, também forma por si mesma um radical de significação bem determinada. Ao contrário do que fizemos antes, daremos agora mais um passo e admitiremos que em dois radicais diferentes conceitualmente, mas de certo modo análogos entre si, reaparecem certas sílabas de modo notável. Devemos também atribuir a estas sílabas um valor independente do conceito, como fizemos em outro caso, e isto ainda que não apareçam, por si mesmas, como radicais independentes.

| | | | | | | | | |
|----|----|------|----|----|--------|-------|-----|---------------------|
| ma | | | | ra | | | | mão |
| ma | | | | | bo | | | pé |
| ma | | ts'a | | | bo | | | planta do pé |
| ma | | ts'a | da | | bo | | | dedo do pé |
| ma | | ts'a | da | ra | | | | dedo da mão |
| ma | lɔ | ya | | ra | | | | unha do dedo da mão |
| ma | ɬɛ | z'a | | | lɔ | | | unha do dedo do pé |
| ma | | | | | | | | madeira |
| ma | | | | | gua(a) | da(r) | | colher de pau |
| ma | | | | | gue | da | vai | colher de metal |
| ma | | ts'a | da | | gue | | vai | garfo de metal |

Nêste esquema acha-se reunido um grupo de vocábulos, que reproduz do melhor modo a significação conceitual das diferentes sílabas.

Das oito⁹⁴ sílabas, separadas em colunas, quatro já são conhecidas através dos radicais monossilábicos: ra — mão, bo — pé, da(r) — madeira e gua(a) — concha para comer. Elas representam as quantidades determinadas que, uma vez subtraídas das palavras em que se encontram, nos darão os resultados silábicos que são as significações das sílabas que restam da palavra.

Assim, ts'a da coincide com ra — mão no conceito de "dedo", e gue vai — colher no conceito de "garfo". Deve, portanto, haver qual-

(94) Acham-se separadas "da" da 3.^a coluna e da(r) da 7.^a, porque não ha nenhuma relação conceitual entre ambas.

quer sentido de dedos da mão e os dentes do garfo, que se exprimem pelas duas sílabas ts'a.

Dessas duas sílabas vemos que ts'a está contido no radical ts'a(a) bó — planta do pé sem estar acompanhado da sílaba da. Infelizmente não possuo no meu vocabulário uma palavra para "palma da mão". Em consequência do esquema acima podemos, entretanto, admitir, com toda a segurança, que êsse conceito não é outro sinão — mu ts'a (a) ra.

Podese observar toda essa decomponibilidade do idioma guató dos seus vocábulos polissílabos que se reduzem a vozes monossilábicas de valor conceitual no meu vocabulário geral, onde, ao lado de cada termo, se encontra a palavra transformada fonética e conceitualmente. (V. especialmente os números 1, 39, 68, 101, 119, 364 e 365).

O que se observa de modo muito nítido é a composição de certas vozes monossílabas também nas palavras que designam parentesco (N.º 191 a 216 do Voc.). Assim temos:

| | | |
|---------|---|-----------------------|
| me mẽ | — | mãe |
| me me | — | mãe |
| bá pa | — | pai |
| pá | — | irmão do pai |
| (ma)dãē | — | marido (homem casado) |
| dě(e)tě | — | pai do marido |

Compare-se aqui (mu) guā(a) kuā — pakú (peixe), em que se acha contida com clareza duas vezes a raiz kuā, evidentemente por causa dos dentes muitíssimos aguçados dêsse peixe.

3 — Fonemas e Modificações fonéticas

Podemos considerar como componentes de uma sílaba típica guató uma consoante simples seguida de uma vogal simples ou dupla, como, por exemplo, nas sílabas ma ra — mão, ma kuá — dente. O número de consoantes é limitado, tanto é que l, s, z, absolutamente não aparecem. Restam, portanto, os seguintes elementos do alfabeto: b, d, f, g, h, k, m, n, p, r, t, v, s', z'', y. ⁹⁵.

As únicas consoantes duplas que formam exceção a essa regra geral são ts', dz'', e dy, que, conforme veremos mais adiante, se acham em estreita ligação. Não podemos considerar o fonema gn, muito frequente nas palavras, como sendo uma consoante dupla, pois êle sôa vocálicamente.

As únicas consoantes no fim das sílabas são: o n, o m (menos frequente) e o r (mais frequente.). (V. por exemplo, mun do kuĩr — cabeça). Ainda assim parece que essa exceção se fez secundariamente,

(95) N. da T. — O g alemão pronuncia-se sempre, como nas palavras "galo", "gado", etc. O h é aspirado.

através de modificação fonética, metátese ou assimilação em sílabas que originariamente correspondiam à regra geral.

Temos, além das vogais simples *a*, *ã*, *e*, *i*, *o*, *u*, as seguintes vogais dobradas:

aa, *ai*
ea, *ee*, *eu*
ia, *ie*, *iu*
oa
ua, *ue*, *ui*

O *i* e o *u* ainda costumam aparecer nasalados: *ĩ*, *ũ*.

* * *

Já nas anteriores considerações tive várias vezes oportunidade de me referir às modificações fonéticas. Deve-se, sobretudo, às formas imprevistas por que se manifestam o termos podido derivar de um certo número de vocábulos a sua composição, feita de raízes bem determinadas, ao passo que em outros essa composição cada vez mais nos escapava.

A modificação fonética, que experimentam as raízes monossilábicas ao se transformarem em radicais polissílabos, pode ser naturalmente consonantal e também vocal.

No primeiro caso, temos a registrar a frequente transformação de consoantes duras em brandas, como, por exemplo, *f* em *v*, sendo que em certos casos também pode dar-se a modificação de consoantes análogas dêsse modo, assim quando *f* se torna *b*, *ts'* torna-se *y*.

Tomemos a palavra *ma fae*, que significa tanto pele como camisa. Os vocábulos *ma fae dyépagó* — pele de jaguar (mé pago. — jaguar) e *ma fae t(i)r* — pele de veado (mi tir — veado) mostram-nos como a mesma raiz é empregada em composições para designar pele, isto é, o pêlo de determinado animal. Si *mi bæ ko* é a couraça de crocodilo (miko = crocodilo) que usam como tijela, poderemos admitir com toda a segurança que esta palavra se formou de modo inteiramente idêntico ao caso anterior, e que a analogia vocal e conceitual do *bae* e do *fae* não é apenas casual. Evidentemente o *f* de *fe* sobreu modificação, transformando-se em som brando antes do *k* duro da sílaba seguinte, tendo o *v* facilmente se tornado *b*, fenômeno que se registra também em outras línguas. Outra tijela, de crocodilo, muito menor que a designada por *mi bæ ko*, foi chamada *mi pae yo ré ko*. Como aqui entravam as sílabas *yo ré* entre *bae* e *ko*, não havia motivo para abrandamento, por sua vez o *bae* voltaria a ser duro — não se transformava, porém, de novo no *fae* de origem, mas em *pae*, que lhe é muito mais próximo.

Verifica-se fenômeno semelhante em *f* da raiz *fãe* da palavra *vãe ta* — calça, onde o *t* duro influenciou, aparentemente, com igual intensidade sobre as letras iniciais da sílaba anterior, conforme o *k* do outro caso. Tornamos a encontrar o mesmo *vãe* em *ma vãe ru ta* — pulseira (ligadura).

Observamos a mesma correspondência de consoantes brandas e duras nas seguintes palavras:

ts'a da bó — dedo do pé
 ma te ya bo — unha do dedo do pé
 mu ts'a da ra — dedo da mão
 ma te ya ra — unha do dedo da mão
 ma ts'i i ko — chocalho de casca de abóbora
 ma ton yi ko — vasilha de casca de abóbora

Nestas seis palavras o *t* duro parece ter provocado o abrandamento do *ts'* em *z'* ou *y*, como parece ser uma tendência geral não começarem nunca duas sílabas diretamente subsequentes por consoantes duras. De acordo com isso não aparecem jamais em todo o vocabulário nem nas frases, duas sílabas subsequentes que comecem com *k*, *p* ou *f* ou com cada uma dessas consoantes. O *t* e o *ts'* também revelam essa tendência, conforme vimos nos exemplos acima; entretanto a regra não é absolutamente comum aqui, sobretudo nos casos em que uma das duas sílabas consideradas contém uma vogal dupla, vide por exemplo, *ma fãe t (t) r* — pele de veado e *ma vãe ta* — calça.

Além dos casos em que o abrandamento das consoantes iniciais das raízes se atribue a razões determinadas, aparecem outros em que isso não é possível. Assim, já vimos anteriormente a relação íntima que existe entre *gũ* e *kũ*.

ma gũ — água
 ma kũ — remo
 ma dz'eé kũ — rio
 mo ree kũ — baía

Temos de maneira semelhante a relação das sílabas correspondentes em:

man daua ts'í — flecha de taquára
 taua ts'i — flecha para pássaro
 ma bi dzi — flecha de criança

Para efeitos de comparação, podemos citar também, as seguintes:

na(a) — quente e má p'ir — fuso de fazer fogo, por um lado e
 ma bíro — estrela, de outro lado, assim como
 ma kuá — dente, de um lado e
 ma guá(a) — concha (usada como colher) de outro lado.

Com respeito a outra espécie de modificação fonético-vogal, temos como fatores importantes na composição dos radicais das palavras,

tiradas das sílabas-raízes, a metátese e a assimilação, respectivamente, contração. São justamente êsses dois fenômenos linguísticos que influem sériamente através de seu efeito conjunto, no desenvolvimento geral de uma língua como a guató. Nela, os radicais, em consequência de uma forte tendência para o polissílabo em função dos conceitos específicos, apresentam, ao contrário, uma tendência oposta para limitar o número de sílabas, que favorece, por sua vez, a generalização dos conceitos em vez de sua especificação.

Estudando-se com cuidado a linguagem guató verifica-se claramente quanto ela é cruzada de modificações fonéticas em todos os seus elementos e, até mesmo nas mais simples raízes monossilábicas, não se podendo jamais dizer ao certo si já não sofreram diversas transformações durante a sua formação progressiva conceitual.

Certamente que é difícil estabelecer as modificações fonéticas baseadas em alguns exemplos, mas só recorreremos a êsses exemplos comô fatos nos casos em que a analogia das palavras consideradas se verifique também com relação ao conceito.

Assim, devido à sua analogia conceitual poderemos admitir também uma analogia fonética nas duas palavras mã ta ri — trovão e mo kviã tar — relâmpago, acrescentando ainda o vocábulo mu kia tair — nuvem, cuja analogia fonética com os dois casos é indiscutível. Admite-se desde o início que a concordância das três letras tar na palavra relâmpago e na palavra trovão não é por puro acaso, visto que ambos os termos estão em íntima relação recíproca. Admitamos, então, que o *i* de tari falta em tar (relâmpago) e que foi introduzido na sílaba anterior kva por transposição (kva já nos é uma raiz conhecida em *dente*), que houve neste caso metátese regressiva, a palavra relâmpago teria, portanto, uma explicação simplicíssima: “kua” é a raiz de dente e refere-se em geral a tudo que é “denteado”, como por exemplo, a espátula de madeira para sôpa, cuja designação é ma kua da (isto é: madeira denteada). O conceito de relâmpago não poderia ser melhor analisado do que pela decomposição do conceito kua juntamente com tari, radical de trovão, onde o radical ta — fogo, ao que parece, torna a evidenciar-se. Temos como traço de união na transformação da palavra mo kvia tar, o termo mu kia tair — nuvem, onde a metátese de *i* diante de *r* só representa breve vogal intercalada antes do *r*, mas que ainda é notada na sílaba kia. Casos como êste em que a vogal *i* tem numa das sílabas o som reduzido ao mínimo, ao passo que é distintamente pronunciado na sílaba anterior da mesma palavra, é que parecem ser muito comuns na língua guató. Compare-se mĩ t(í)r = veado, em que a sílaba mĩ se originou do prefixo ma + *i* por assimilação. Do mesmo modo mi k(í)r = panela. E’ semelhante também o caso mi po r(i)ts’e vaii = faca.

Outro caso bem distinto de metátese regressiva verifica-se na formação do vocábulo *ma s'io vir* = boneca de pano, da palavra *ma s'ir vuir* — gente.

As seguintes palavras são, do mesmo modo, ligadas aos fenômenos de metátese e assimilação:

- (i) *kū ri* — cílio
- (ma) *kír* — cabelo
- (ma) *gu kúr* — sobancelha,

com a raíz *kuir* nas palavras que designam cabeça, chapéu e outros termos análogos em conceito.

Assim, também,

- mar fo* — terra e
- ma fo ra ta* — cinza = fogo de terra (*ta* = fogo).

Já vimos antes a assimilação da vogal *a* no prefixo *ma* pela vogal *i*, por exemplo, em *mi t(i)r* — veado. Idênticos fenômenos ligados ao prefixo *ma* encontramos nos vocábulos *me pa go* — jaguar, *mu ts'í* — algodão e *mo vír* — casa, conforme se depreende das composições que se realizam com estas palavras.

Assim, má *fæ dyépagó* = pêlo de jaguar, *ma to yěpagó* = cavalo; *me pagó*, portanto, veio ao que parece de *ma dyepagó logo*, *ma yepagó*; *ma da huits'i* significa fuso (isto é, madeira para o algodão), *muts'i*, ao que parece veio de *ma huits'i*; e *hio vir* significa “sua casa”, *gua hio vir* significa “tua casa”, portanto, *movír* deve ter vindo de *ma hio vir*.

Em todos os casos em que no prefixo *ma* se verificou a substituição da vogal *a* por outra, teremos que considerar uma assimilação idêntica desde que não se trate de um caso de simples harmonia vocal, como, por exemplo, na palavra *mu ku* = jatobá, que, aliás, pode ser devido a uma assimilação ligada a uma metátese recente, como vimos acima nos vocábulos *mi k(i)r^o* e *mi t(i)r*.

III — V o c a b u l á r i o

A — Para Orientação do Leitor

1 — O vocabulário que dou sob a designação B segue a ordem objetiva, com a seguinte distribuição:

- 1 — Partes do corpo (N. 1 a 47)
- 2 — Natureza (N. 48 a 77)
- 3 — Elementos etnográficos (N. 78 a 190)
- 4 — Analogias e semelhanças (N. 191 a 225)
- 5 — Animais (N. 226 a 363)
- 6 — Plantas (N. 364 a 390)
- 7 — Adjetivos (N. 391 a 419)

- 8 — Números (N. 420 a 442)
 9 — Partículas e demais observações (N. 443 a 459)
 10 — Verbos (N. 460 a 507)

2 — O vocabulário que registrei inclui palavras do vocabulário de Castelnau⁹⁶ para efeitos de comparação e as palavras dêste são precedidas da letra C.

As palavras que sofrem os fenômenos atrás referidos, em que encontramos os mesmos fonemas radicais ou análogos, acham-se assinaladas com o respectivo número da palavra a comparar.

Para estudar a "Frase....." acham-se as frases do idioma guató na parte IV.

3 — *O prefixo ma e os pronomes* — Quasi todos os substantivos do vocabulário e pequena parte dos verbos começam com a sílaba "ma", que frequentemente sofrem assimilação, respectivamente contração com a primeira sílaba do radical ou, às vezes, também, por harmonia vocal⁹⁷, transformando-se em me, mi, mo ou mu. Somente nas designações de parentesco (com exceção de madãe — marido) falta sempre a sílaba ma ou a sua equivalente.

Na ligação dos diversos conceitos na frase, assim como no acréscimo de um pronome ao substantivo essa sílaba ma desaparece.

Compare-se matã: fogo; ogapoégõta: acende o fogo; movir (de ma hiovir): casa; guahiovir: tua casa.

A sílaba ma, de acôrdo com isso, parece indicar a ausência de qualquer relação concreta que, porventura, haja no respectivo substantivo, conforme acontece, por exemplo, no idioma guanã⁹⁸ e com o sufixo ti; podemos considerá-lo, portanto, como um prefixo abstrato.

Nos casos em que os substantivos do vocabulário não começam com o prefixo abstrato ma, manifesta-se frequentemente a vogal i (respect. e). E' o que se verifica nas palavras que designam as partes do corpo. Não encontramos, evidentemente, nesses casos o substantivo em sua forma simples e sim ligado ao pronome, isto é, ao da terceira pessoa. (V. com respeito aos pronomes as frases, 2, 3, e 21 e os Ns. 78, 191, 465, 471, 473, 482 e 503 do Vocabulário.)

4) — Observações sôbre a ortografia de que me utilizei no rēgistro dos vocábulos: ^{98a}

| | | | | |
|----|---|-------------------|---|------------|
| ã | — | pronuncia-se como | — | a longo |
| ã | — | " | " | a breve |
| â | — | " | " | a tônico |
| ũ | — | " | " | u nasal |
| ãê | — | " | " | a tônico |
| s' | — | " | " | ch francês |
| v | — | " | " | w alemão |

(96) V. Castelnau, Vol. V. P. 283.

(97) V. Pg. 173.

(98) V. meu trabalho "Guanã" (Guanás), na Revista de Etnologia (Zeitschrift fuer Ethnologie) 1903, Caderno 2 e 3, Página 590 ff.

(98a) — N. da T. — Em virtude de não dispor a Editora de todos os sinais utilizados pelo autor, fomos forçados a recorrer a alguns outros que, aliás, só substituem os originais de uma forma incompleta.

y — pronuncia-se como — i consonantal, como o y inglês em youth
 r^o — " " — r muito reduzido
 z" — " " — j francês

B — Vocabulário — (Em ordem objetiva)

I — Partes do corpo

- | | |
|--|---|
| 1. CABEÇA, mundokuir, C. do-keu. | 9. OLHO, irae C. marei |
| ' Para kuir v. N. 154 máho- kuir — chapéu, N. 186 étagkuir — recorte da flecha de osso, N. 44 igikuir — crista do galo, N. 308 möröbik(u)ir — car- deal (pássaro), N. 349 mukuir — carregador (formiga), N. 40 makir — cabelo. | 10. ORELHA, máve C. mavi |
| 2. Cérebro, C. toori | 11. PESCOÇO, máto |
| 3. Fronte, C. toori | 12. Garganta, C. yotorito |
| 4. Língua, C. chagi | 13. Queixo, C. ebo |
| 5. BOCA, mats'io C. djio | 14. MÃO, mará C. ida |
| V. N. 127 its'io — orifício da viola. | V. N. 18 muts'adára — dedo da mão, V. N. 19 mutogúra — pole- gar, V. N. 25 máteyára — unha do dedo da mão, V. N. 424 a 429 tóhera — cinco, kinyuira — dez, V. N. 280 — mirátaaga — pelicano. |
| 6. Lábio, C. iguai-o. | 15. OMBRO, yúkuyahu C. chawapo |
| 7. DENTE, makuá C. maqua | 16. BRAÇO, mapó C. mapo |
| V. N. 366 makuadár — fô- lha, V. N. 76 mákú — pedra, N. 97 mákuada — espá- tula para sopa. | 17. COTOVELO, marópa Para ro v. N. 22 marõga — joelho. |
| 8. NARIZ, itáaga, C. taga | 13. DEDO DA MÃO, muts'a- dára C. tijaque |
| V. N. 45 itáaga — bico de pássaro, V. N. 280 mirátaaga — peli- cano, para ga temos N. 86 epígagá — ponta or proa do barco. | Para ra v. N. 14 mará — mão, Para ts'ada v. N. 24 ts'adabó — dedo do pé, N. 103 mats'adagueváí — garfo. para ts'a v. N. 23 mats'aabó planta do pé. |

- N. 46 mas'āga — asa
 N. 252 C. madjāhé — pás-saro
 N. 125 its'á — corda da viola
 N. 162 mats'aagátir — corda do arco
 N. 25 máteyára — unhas dos dedos da mão⁹⁹
 N. 26 matez''abó — unha do dedo do pé¹⁰⁰
19. POLEGAR, mutogúra
 Para ra v. N. 14 mará — mão.
20. PÉ, mabó
 C. apoo
 V. N. 23 mats'aabó — planta do pé
 V. N. 24 ts'adabó — dedo do pé
 V. N. 26 matez''abó — unha do dedo do pé
 V. N. 430 a 439 ts'enehebó — onze, kinguimbó — vinte
21. PERNA, mŭvi
 C. uvi (côxa)
 C. mucupana (perna, canela)
22. JOELHO, marōga
 Para ro v. N. 17 marópa — cotovelo
23. PLANTA DO PÉ, mats'aabó
 Para bo v. N. 20 mabó — pé
 Para ts'ada v. N. 18 muts'adára — dedo da mão
24. DEDO DO PÉ — ts'adabó
 Para bo v. N. 20 mabó — pé,
 Para ts'a v. N. 18 muts'adára — dedo da mão
25. UNHA DO DEDO DA MÃO, máteyára
 Para ra v. N. 14 mára — mão
 Para te v. N. 26 matez''abó,
 Para ya, ts'a v. N. 18 muts'adára — dedo da mão e corda da viola
26. UNHA DO DEDO DO PÉ, matez''abó
 Para bo v. N. 20 mabó — pé
 Para te v. N. 25 máteyára — unha do dedo da mão
 Para z''a, ts'a v. N. 18 muts'adára — dedo da mão e corda da viola.
27. BICO DO SEIO, iŭfa.
 28. Peito, C. daapé
 29. Região Lombar, ióku
 30. UMBIGO, itóono
 31. PENIS, ióob (i)r
 Para b(i)r v. N. 32 ifeeb(i)r traseiro
32. TRASEIRO, iféeb(i)r
 Para b(i)r v. N. 31 ióob(i)r — penis
33. FÍGADO, ipě
 34. Ventre, C. ipo
 35. Coração, C. acogo
 36. SANGUE, múnguaha
 C. mongua-a.
 37. Toucinho, C. magunpo
 38. Carne, C. madeu
 39. PELE, mafāē
 C. ifai
 V. N. 112 miabēko — tijela de couraça de crocodílo¹⁰¹
 V. N. 150 máfāēdyépagō — pelo de jaguar

(99) e (100) V. pg. 213.

(101) V. pg. 213.

- V. N. 151 mafāēt(i)r — pelo de veado
 V. N. 155 mafāē — camisa
 V. N. 156 mavāēca — calça
 V. N. 157 mavāērūta — ligadura de pulso
 V. N. 402 tōōfāē — grande
 V. N. 113 mipaeyoréko — pequena tijela de couraça de crocodilo¹⁰²
40. CABELO, makīr
 C. ma-eu
 Para kir v. no N. 1 mundo kuīr — cabeça,
 Para kuri no N. 41 ikūri — cílio¹⁰³,
 Para kur no n. 42 magúkūr — sobrançelha¹⁰⁴
 v. além disso N. 74 C. madjo-ougeu — capinzal
 N. 368 ik(i)ryabó — galho
 N. 160 mads'ahuag(i)r — Colar de sementes de capim
 N. 104 matiök(i)r — canudo para beber ts'its'a
41. CÍLIO, ikūri
 V. N. 40 makīr — cabelo
42. SOBRANCELHA, magúkūr
 C. mokou-oudi
 Para kur v. N. 40 makīr — cabelo
43. ESPORÃO DO GALO, yobumbō
 V. N. 173 yubū — ponta de osso da flecha
 Para bo N. 20 mabó — pé.
44. CRISTA DO GALO, igĩkuir
 Para kuir v. N. 1 mundokuir — cabeça
45. BICO, itáaga
 V. N. 8 itáaga — nariz
46. ASAS, mas'āga
 Para sa v. N. 252 C. madjahé — pássaro
 N. 18 muts'adára — dedo da mão
47. CAUDA, ipána
 C. ipána

II — Natureza

48. SOL, nuvae
 C. nouveai
 V. N. 58 ēfagndanūvāē — crepúsculo
49. LUA, múpina
 C. upina
 V. N. 396 úpive, amarelo
50. ESTRELA, mabír^o
 C. mabeu
 V. N. 406 na(a)pir — quente
 V. N. 115 mápir — fuso de fazer fogo
51. CÉU, muts'á
52. TERRA, marfó
 C. mafó
 V. N. 71 maforáta — cinza¹⁰⁵

(102) V. p. 213.

(103) e (104) V. pg. 215.

(105) V. pg. 215.

53. NUVEM, mukiatáir¹⁰⁶
Para táir v. N. 56 mātari —
trovão
N. 57 mokviatar — relâm-
pago
54. CHUVA, mavãe
C. mavei
55. ARCO-IRIS, mipá
56. TROVÃO, mātari¹⁰⁷
C. matariaa
V. N. 53 mukiatáir — nuvem
57. RELÂMPAGO, mokviã-
tar¹⁰⁸
C. ito
V. N. 53 — mukiatáir —
nuvem
58. CREPÚSCULO, ěfãgndã-
nũvãe
Para nũvae v. N. 48 nũvae
— sol
59. Dia, C. machno
60. Noite, C. mafi
61. ÁGUA, mágũ¹⁰⁹
C. magneu
V. N. 84 mákũ — remo
N. 62 madz"eékũ — rio
N. 63 moreekũ — baía
62. RIO, madz"eékũ¹¹⁰
C. matogiquen,
C. moudieque (peque-
no rio)
Para kũ v. N. 61 mágũ —
água
V. frãse n. 2 gudz"eikũ — rio
63. BAÍA, moreekũ
Para kũ v. N. 61 mágũ —
água
64. LAGO, magáho
65. BRAÇO DE RIO, ioiáki
66. Cachoeira, C. apowakou
67. ILHA, guatoiéki
Para oiéki v. oiáki em n. 65
68. FOGO, matã
C. mata
V. N. 116 tiakanatã — abano
para fogo
V. N. Frãse 37 ogapoégota
— acende o fogo
V. N. 71 maforãta — cinza
V. N. 56 mātari — trovão
V. N. 57 mokviatar — re
lãmpago
69. LENHA, mokué
70. FUMAÇA, mugí
V. N. 119 matãhegi — ci-
garro
V. N. 463 guahegi — fumar
71. CINZA, maforãta (i. é
terra de fogo)¹¹¹
V. N. 52 marfó — terra
N. 68 mata — fogo
72. MORRO, marãpo
C. marapo
73. Floresta, C. modj-ao
74. Capinzal ou Campina, C.
madjo-ougeu
V. N. 160 mads'ahuag(í)r —
colar de sementas de
capim
V. N. 40 makír — cabelo
75. Caminho, C. maouvi
76. PEDRA, mãkú
C. macou
V. N. 7 makuá — dente
V. N. 88 makó — machado
V. N. 382 mũku — jatobã
V. N. 118 vaígukuárigakú —
pedreira?
77. PRATA, marãhe

(106), (107) e (108) V. pg. 213 f.

(109) e (110) V. pg. 213.

(111) V. pg. 215.

III — Elementos Etnográficos

78. CASA, movír
C. moucu
ahiovír(10) — nossa casa
ehiovír — sua casa
guahiovír — tua casa
V. Fráse 15
79. Povoação, C. thajou
80. TELHADO, akuégn
81. PORTA, apeoiá
82. RANCHO FESTIVO, ma-
feerító
83. BARCO, máni
C. moutomou, barco
grande
C. moudinouu, barco
pequeno
Para to em C. moutomou v.
N. 402 tööfäe — grande
84. REMO, mákū
V.N. 61 mágū — água
85. VARA PARA IMPELIR
A CANOA (Em port.:
zinga)¹¹², madyuädä
Para da v. 365 madár —
madeira
86. PONTA OU PRÔA DO
BARCO, eopígagá
Para ga v. N. 8 itáaga —
nariz
87. POPA DO BARCO, hihē
(e) ir
88. MACHADO, makó
V. n. 76 makú — pedra
N. 89 maandäko — cabo do
machado
89. CABO DO MACHADO,
maandäko
V. N. 88 makó — machado
N. 365 madár — madeira
90. PRATO DE BARRO,
mús'a
N. 91 mús'aadá — prato de
madeira
91. PRATO DE MADEIRA,
mús'aadá
V. N. 90 mús'a — prato de
barro
V. N. 365 madár — madeira
92. BILHA DE BARRO, V.
N. 266 matū, ema
93. PANELA, mik (i) rº
N. 254 mikí(rº) — papagaio
N. 152 mikírbädä — banco
de madeira
94. CANECA, mats'úugiírgn
V. N. 460 gogfign — beber
95. COLHER, maguivái
V. N. 96 mágua(a)dá —
grande colher de pau
V. N. 103 mats'adaguevái —
garfo
V. N. 101 mats'éevai — faca
de campo
96. GRANDE COLHER DE
PÁU, mágua (a).dá
V. N. 98 maguáa — concha
para tomar sopa
V. N. 365 madár — madeira
V. N. 95 maguivái — colher

(112) Zinga, o autor escreve "zinga".

97. ESPÁTULA PARA SOPA, mákuada
Para kua v. N. 7 makuá — dente
Para da N. 365 madár — madeira
98. CONCHA PARA TOMAR SOPA, maguá (a)
V. N. 96 mágua(a)dá — grande colher de pau
99. CARACOL PARA BEBER, mahá
100. SOPA DE BANANAS, mähödz'inö
101. FACA DE CAMPO, mats'évái
C. nickeevai (em francês: sabre)
V. N. 467 mageho(u)ets'évai — amolar
N. 102 minor(i)ts'éváii
Para vai v. N. 118 vaígukuarigakú — pedreira?
N. 95 maguivái — colher
N. 103 mats'adaguevái — garfo
102. FACA, mipor (i) ts'éváii
C. motepougouai
V. N. 101 mats'éevai — faca de campo
103. GARFO, mats'adaguevái
Para guevái v. N. 95 maguivái — colhér
Para ts'ada N. 18 muts'adára — dedo da mão
104. CANUDO PARA TOMAR "TS'TTS'A", mätiók (i) r
Para k(i)r v. N. 368 ik(i)ryabó — galho
V. N. 40 makír — cabelo
V. N. 105
105. "BOMBILHA", (Cana para tomar mate), mätiók (i) r
V. N. 104
106. VASILHA OU CUIA DE CASCA DE ABÓBORA PARA TOMAR MATE, matönyiko
Para yico v. N. 109 mats'íiko — chocalho de abóbora
N. 108 matuyéko — tijela de abóbora
107. PEQUENA TIJELA DE CASCA DE ABÓBORA, matuyéko
V. N. 106 e 108.
108. VASILHA OU CUIA DE ABÓBORA, mis'evéku
V. N. 107 e 109.
109. CHOCALHO DE CASCA DE ABÓBORA, mats'íiko
Para ts'íiko v. N. 106 matönyiko — vasilha de abóbora
110. SUMO DE ACURÍ FERMENTADO, ts'its'a (Vocabulo admitido)
111. AGUARDENTE DE AÇUCAR, pokí
C. mapoqueue
112. TIJELA DE COURAÇA DE CROCODILO (grande), mibãeko
Para ko v. N. 320 miko — crocodilo
Para bãe v. N. 39 mafãe — pele
N. 113

113. TIJELA DE COURAÇA DE CROCODILO (pequena), mipeyoréko
V. N. 112 mibāēko
114. CAIXA, mes'eds'ika, mats'iaívia
115. FUSO DE FAZER FOGO mápir
V. N. 406 na(a)pir—quente
V. N. 50 mabír — estrela
116. ABANO PARA FOGO, tiakanatá
V. N. 68 matá — fogo
Para tia v. N. 139 matēadaápara — faca para tecer
V. N. 144 madátiadaápana — tear
117. PEDRA DE BATER CAROÇOS, mātaha
118. PEDREIRA, vaígukuári-gakú
V. N. 76 makú — pedra
V. N. 474 hārikā — buscar
Para vai v. N. 101 mats'eévai — faca de campo
V. N. 467 mageho(u)ets'evai — amolar
119. CHARUTO, matáhegi
V. N. 70 mugí — fumaça
V. N. 463 guahegi — fumar
120. FUMO, mabó
C. maboo
121. PENEIRA PARA FARINHA DE MANDIOCA, ugoágoma
V. N. 373 mamá — mandioca
V. N. 122
122. RALADOR DE MANDIOCA, mateíkuma
Para ma v. N. 373 mamá — mandioca
Para teu v. tea em N. 139 matēadaápara — faca para tecer
123. CESTO (trançado de folha de acurí) mu (n) dá
V. N. 365 madár — madeira
124. VIOLA (Instrumento de cordas), magáhu
Para hu v. N. 493 — cantar
" ga v. N. 494 vāgaāts'a — dansar
125. CORDA DA VIOLA, its'á
V. N. 494 vāgaāts'a — dansar
V. N. 162 mats'aagátír — corda da viola
Para ts'a v. N. 18 muts'adára — dedo da mão
126. CARAVELHA DE VIOLA, its'āgi
V. N. 125 its'a — corda
127. ORIFÍCIO REDONDO DA VIOLA, its'ío
V. N. 5 mats'ío — boca
128. OS TRÊS FIOS HORIZONTAIS NA EXTREMIDADE SUPERIOR DA VIOLA ékuagíto
129. CARACACHA, (Instrumento de música feito de bambú torneado). magaragats'a
V. N. 494 vāgaāts'a — dansar

130. CORNETA PARA CHAMAR, mūpō V. N. 365 madár — madeira
Para tea v. N. 116 tiakanatá
— abano para fogo
131. CASTANHETA DE CASCO DE ANIMAL, máts'urubó V. N. 20 mabó — pé
132. RAMINHO DE PENAS PARA A ORELHA, máraavi V. N. 10 máve — orelha
133. DIADEMA, muts'aari Para ts'a v. N. 46 mas'ága — asas
134. AGUILHÕES DA RAIÁ (Instrumento contra dor de dente), mos'ibáku V. N. 7 makuá — dente
135. BONECA DE PANO, mas'iovir V. N. 217 masirvuir — gente
V. Fráse 4
136. CLAVA, C. maragueu
137. LANÇA, madz-úrr
138. ARMA, gátu C. makeu V. Fráse 36
139. FACA PARA TECER, própria para a confecção do abano de mosquitos, matěadaápara V. N. 144 madátiadaápana — tear para redes
V. N. 158 mapára — abano para mosquitos
140. FUSO, madáhuits'i¹¹³ V. N. 142 muts'io — algodão
N. 143 muts'io — fio
N. 365 madár — madeira
141. EIXO DO FUSO, emū (ng)
142. ALGODÃO muts'io¹¹⁴ C. moutchai V. N. 143
N. 140 madáhuits'i -- fuso
N. 378 máguaguets'i — palmeira tucúm
143. FIO, muts'io V. N. 142
144. TEAR de redes, madátiadaápana V. N. 139 mateadaápara — faca de tecer para abanos de mosquitos
V. N. 146 mápana — rede de algodão
V. N. 365 madár — madeira
V. N. 116 tiakanatá — abano para fogo
145. ARCO PARA ALISAR O ALGODÃO EM RAMA, magayidä V. N. 161 magadidá — arco
146. REDE DE ALGODÃO mápana V. N. 144 — madátiadaápana
V. N. 147
147. REDE DE FIBRA DE TUCUM, mats'edebá V. N. 146

148. ESTEIRA DE DORMIR DE JUNCO, miró
149. ESTEIRA DE DORMIR DE FOLHA DE ACURÍ, mádaakúts'i
V. N. 390 müküadã — acurí
150. PELO DE JAGUAR (Rede de dormir), máfãē-dyépago
V. N. 240 mépago — jaguar
N. 39 mafãē — pele
151. PELO DE VEADO, mafãēt (í) r
V. N. 237 mīt(f)r — veado
N. 39 mafãē — pele
152. BANCO, mikĩrbãdã
V. N. 365 mádar — madeira
N. 93 mik(f)r^o — panela
153. Roupa, Ć. maré
154. CHAPÉU, máhokuir
V. N. 1 mundokuir — cabeça
155. CAMISA, mafãē
V. N. 39 mafãē — pele
V. N. 156, 157
156. CALÇA, mavãēta
V. N. 155, 157
157. LIGADURA PARA PULSO, mavãērúta
V. N. 155, 156
158. ABANO DE MOSQUITOS, mapára
V. N. 139 matãedaápara — faca para tecer
159. MOSQUITEIRO, mageetó
160. COLAR DE SEMENTES DE CAPIM, mads'ahuag (í) r
V. N. 74 C. madjo-ougeu — capinzal
161. ARCO, magadidã magátia C. magatea
V. N. 145 magayidã — arco para alisar o algodão em rama
162. CORDA DO ARCO, mats'aagátir
V. N. 161
para ts'a v. N. 18 muts'adãra — dedo da mão
163. ARCO (Do arco de bola), madõgõpiinu
V. N. 164
V. N. 165 mãpiino — barro
164. BOLA DE BARRO (Do arco de bola), madõgãpino
V. N. 163
N. 165
165. BARRO mãpiino
V. N. 163, 164
166. FLECHA, C. machie
Para chie(i.é ts'i na minha ortografia)
V. N. 167, 169, 170
167. FLECHA COM PONTA DE TACUARA, mandauats'i
V. N. 169 tauats'i — flecha para pássaros
V. N. 166 C. machie — flecha
V. N. 170 mabidz'i — flecha de criança

168. FLECHA COM PONTA DE ÓSSO, madápi
V. N. 175 — Cabo da flecha
169. FLECHA PARA PÁSSARO COM PONTA DE MADEIRA MAIS GROSSA, tauats'í
V. N. 167 mandauats'í
170. FLECHA DE CRIANÇA mabidz'í
Para dz'í v. ts'í em N. 167 mandauats'í — flecha c/ ponta de tacuara
171. FLECHA-ARPÃO, mats'áabaga
172. PONTA DE TACUARA DA FLECHA, míta
173. PONTA DE ÓSSO DA FLECHA E DA FLECHA - ARPÃO, yubū
V. N. 43 yobumbo — esporão do galo
174. PONTA DE MADEIRA DA FLECHA PARA PÁSSARO, iětoga
175. CABO DA FLECHA, madápi
V. N. 168 madápi — flecha com ponta de osso
176. CABO DO ARPÃO, eida
177. O ENROLADO DAS FLECHAS, mambáve
178. O ENROLADO DAS PENAS NA FLECHA DE CRIANÇA, mundáda
179. O ENROLADO DE ALGODÃO DA FLECHA, muts'í^o
V. N. 142 muts'í^o — algodão
180. O ENROLADO DE ALGODÃO DO ARPÃO ivegnkuir
Para kuir v. N. 1 mundo kufr — cabeça
181. PEÇA DE MADEIRA, INTERMEDIÁRIA, DA FLECHA DE TACUARA, mākūgubō
182. PEÇA DE MADEIRA INTERMEDIÁRIA DE UMA FLECHA DE PONTA DE OSSO E A PEÇA DE MADEIRA DENTADA DE UM ARPÃO, yúpi
183. A PENA DO CABO DA FLECHA DE TACUARA, makidyaye
184. A PENA DO CABO DA FLECHA PARA PÁSSARO, mad-s'eyéya
185. CORTE NA FLECHA DE TACUARA, mátaguígits'é
V. N. 186
186. CORTE NA FLECHA DE ÓSSO E NO ARPÃO, étagikuir
Para kuir v. N. 1 mundo kufr — cabeça
V. N. 185'

187. CORTE NA FLECHA PARA PÁSSARO, étayekuĩr
Para kuir v. N. 186, N. 1
188. CORTE NA FLECHA DE CRIANÇA, madehedz'e
189. CORDA DO ARPÃO, eits'áegeri
190. COLA DE PEIXE PARA LIGAR A PONTA DE OSSO, madóko

IV — Relações de Parentesco

191. Mãe, memě
guagi — tua mãe; v. frase
31
V. N. 199 mé — irmão de mãe
192. PAI, bápa
V. N. 198 pá — irmão de pai
193. FILHO, bé
C. alora
194. FILHA, ió
C. moudiohaja
C. jio (minha filha)
195. IRMÃO MAIS VELHO, ts'ína
Para ts'í v. N. 197 ts'ívāē — irmã
V. N. 208 ts'ína — primo mais velho
196. IRMÃO, MAIS MOÇO, didáhir
V. N. 209 didáhir — primo mais moço
197. IRMÃ — ts'ívāē
Para ts'í v. N. 195 — ts'ína — irmão mais velho
198. IRMÃO DO PAI, pá
V. N. 192 bápa — pai
199. IRMÃO DA MÃE, mé
V. N. 191 memě — mãe
200. IRMÃ DO PAÍ, kuir
V. N. 201
201. IRMÃ DA MÃE, kuir
V. N. 200
202. PAI DO PAI, tovāēiu
Para vāēiu v. N. 203 kū(ng)
vāēiu — mãe do pai
203. MÃE DO PAI, kū(ng)
vāēiu
Para vāēiu v. N. 202 tovāēiu — pai do pai
Para kū(ng) v. N. 205 kū(ng)vuir — mãe da mãe
204. PAI DA MÃE, ts'avuĩr
Para vuĩr v. N. 205
205. MÃE DA MÃE, kū(ng)
vuĩr
Para vuĩr v. N. 204 ts'avuĩr — pai da mãe
Para kū(ng) v. N. 203 kū(ng)vāēiu — mãe do pai
206. NETO, nga
207. NETA, nga

208. PRIMO MAIS VELHO, ts'ina
Para ha v. N. 211 muhás'i — esposa
V. N. 195 ts'ina — irmão mais velho
209. PRIMO MAIS MOÇO, didáhir
V. N. 196 didáhir — irmão mais moço
210. MARIDO, madãe
C. matai
211. ESPOSA, muhás'i
C. mouhaja
Para ha v. N. 214 giõha — mãe do marido ou da esposa
N. 216 ts'íeha — cunhado
212. PAI DO MARIDO, dēētr
V. N. 213
213. PAI DA ESPOSA, dēētē
V. N. 212
214. MÃE DO MARIDO, giõha
Para gi v. N. 191 guagi — tua mãe,
V. N. 215
215. MÃE DA ESPOSA, giõha
V. N. 214
216. CUNHADO, ts'íeha
Para ha v. N. 211 muhás'i — esposa
217. GENTE, mars'irvuir
V. frase n 4
V. N. 135 mas'ióvir — boneca de pano
218. MENINO, s'íagants'i
V. frase n. 35
219. VELHO, VELHA, C. meu
220. NEGRO, C. mibaia-chou
221. BRANCO, C. akua-chou
V. N. 391 mákuó — branco
222. ÍNDIO, C. magueu-chou
223. MULATO, C. noupirego-chou
224. DEUS, C. ochewekin
225. DIABO, C. moukelengui

V — Animais

226. MACACO (Em tupí, macaco), (Simia macacus spec.), máku
227. MACACO, C. macpo
228. MACACO (pequena espécie), mas'ári
229. "BOÇA DÁGUA" (Macaço da espécie macacus boca dágua), maguá-ahu
230. BÚGIO (Tupí) (Mycetes barbatus), mūkué
231. MORCEGO (spec.), muts'iga
C. mapo
232. COATI (Tupí), (Nasua socialis), mähādyáho
C. maajaho
233. BOI, mavaká ("do brasileiro: vaca")^{114a}
C. vaca

(114a) — N da T. → O autor escreveu: "Ochse", o que em português só se traduz por "boi". Depois diz: "vom Bras. vacca, Kuh"; Kuh é que significa vaca.

234. CAVALO, matöyëpago
C. tojepago
V. N. 240 mëpago — jaguar
N. 402 tööfäe — grande
235. PORCO, mapo
C. mapo
236. CAVALO, mavãe
C. mavii
237. VEADO PEQUENO (Em
tupí: "suasú"), (Cervus
rufus ou campestris),
méds'iavi
C. mejjavi
238. VEADO GALHEIRO
("Em tupí: suasú-
pucu", (Cervus palu-
dosus), mit (í)r
V. N. 151 mafäet(í)r — pele
de veado
239. TAPIR ("Em tupí: tapi-
ra"), (Tapirus ameri-
canus), mah(í)r
240. JAGUAR, ("Em tupí:
yaguára), (Felis onça)
mëpago
C. apaco
V. N. 234 matöyëpago — ca-
valo
V. N. 150 máfedyëpago —
pele de jaguar
241. JAGUATIRICA (Tupí),
(Felis mitis [parda-
lis]), mǎroódz"a
242. Lobo, C. mougouteu
243. TATÚ (Tupí) (Dasypus),
mipí C. mipí
244. SARIGUEIA (Didelphys
spec.), mis'egaz"iguãfir
245. LONTRA (Lutra brasi-
liensis), mãëvë
246. PACA (Coelogenys paca),
mís'iäviz"itö
247. ESQUILO (Sciurus aes-
tuans), mǎréiyi
248. RATO (spec.), mits'õáki
249. GOLFINHO ou PEIXE-
PORCO (Cavia ape-
rea), mëki
250. AGUTÍ (Dasypsecta agu-
ti), mitö
251. CAPIVARA (Hydrochoe-
rus capyvara), mak(í)r
C. maqueueu
252. PÁSSARO, C. madjahé
V. N. 46 mas'aga — asas
253. NINHO, mǎgunyitso
254. P A P A G A I O (spec.),
miki (r^o)
V. N. 93 mik(í)r^o — panela
255. ARARA (Spec. azul),
mǎtaha
256. ARARA (spec. encarna-
da), mǎtöga
257. ARARA (spec. encarna-
da), mãs'ãga
C. machada
258. P E R I Q U I T O (spec.),
mípe
259. PERIQUITO (spec.), mi-
táda
C. mitada
260. GALO, magare(d)z"oié
C. magari-jahé
V. N. 129 magariagats'a —
caracacha
261. MUTUM (Crax), makãna
262. JACUTINGA (Tupí), Pe-
nelope pipile), mãhi
263. PERDIZ (Perdix spec.),
mütirö
264. ARACUÁ (Tupí), (Orta-
lida canicollis), mikãna
265. ANHUMA (Tupí), (Pala-
medea cornuta), mad-
z"í(r)

266. **EMA** (Tupí), (Rhea americana), matū
C. maatou
V. N. 92 matū — bilha de barro
267. **POMBO** (spec.), mabō
N. 20 mabō — pé
268. **POMBA** (spec.), mikī-rh(a)
269. **POMBA** (spec.), mīkī(n)
270. **TUCANO** (Tupí), (Ramphastos discolorus), matōc(g)ōiāē
C. matogouiai
271. **CANCÃO** (Tupí), Eris-matura dominica), tō-māts'óuii
272. **PESCADOR** ("Nome brasileiro que se dá a um certo pássaro"), mīráts'a
273. **CABEÇA SECA** (Idem), mikō
274. **TUJÚJŪ** (Tupí: tuyuyu), (Mycteria americana ou ciconia mycteria), mahí(r)
275. Jabiru, C. nicko
276. **SOCO** (Tupí), (Ardea brasiliensis), mikvo
277. **YOCO** (Sic) (Nome bras. de um certo pássaro), mats'ō
278. **GARÇA CINZENTA** (Ardea spec.), māguāha
279. **CARÃO** (Tupí) (Ardea scolopacea, sive Ibis infuscata), mātō
V. N. 11 mātō — pescoço
280. **COLHEREIRO** (Platalea rosea), mirātāāgā
V. N. 45 itāaga — bico
V. N. 14 mará — mão
281. **GAIVOTA** (Spec.), mǎngǎāna
282. **PATO**, mibǎ
283. **MARRECO**, magvēbo
284. **ANDORINHA** (Spec.), muts'āabe
V. N. 285
285. **ANDORINHA** (Spec.), toyots'āabe
V. N. 284
286. **GRALHA** (Cyanocorax coeruleus), tomatē
287. **"AMASSA - BARRO"** ¹¹⁵
(Nome bras.), Furnarius spec.), mipába
V. N. 288
288. **"AMASSA - BARRO"** ¹¹⁶
(Nome bras.), Furnarius spec.), māguani-paaba
V. N. 287
289. **CURICACA** (Tupí), (Spec. Ibis), matodikāna
290. **CURICACA** (Tupí), (Ibis spec.), mǎkōdǎ
291. **"Yao"** (Tupí), (Crypturus noctivagus, sive zabele bras.), mūfats'āho
292. **FRANGO D'ÁGUA** (Fulica spec.), maguāato
Compare-se com o nome da tribo: guató
293. **"BIGUA-TINGA"** (Tupí), (Plotus anhingā), mǎhē
294. **BIGUÁ** (Tupí), (Carbo brasilianus), mitūyé

(115) e (116) N. da T. — "Amassa-barro" — O autor escreve "massabarro". De acôrdo com Rodolfo Garcia deve tratar-se do pássaro João-de-barro (Rufus furnarius).

295. SARIEMA (Tupí), (*Di-cholophus cristatus*), muts'īga
296. "CAFEZINHO" (Bras.) (Pequena ave dos charcos), mits'í
297. PICAPÁU (*Picus spec.*), mitumbávi
298. BAGUARÍ (Tupí), (*Ciconia spec.*), muga
299. BAGUARÍ (Tupí), (*Ciconia spec.*), māgu'ōgā
300. "ESCRAVO DE JOÃO PINTO" (Sic) (Bras.) makūūhe
301. CABURÉ (Tupí) (*Strix spec.*), mubō
302. URUBÚ (Tupí), (*Catharista spec.*) mōgú
303. URUBÚ (Tupí), (*Catharista spec.*), mats'īga
304. GAVIÃO (Spec.), mēdz'āha
305. GAVIÃO (Spec.), mārōdz'íkāna
306. GAVIÃO (Spec.), maguikīngua
307. GAVIÃO (Spec.), mūtākoraāpē
308. C A R D E A L (*Cardinalis cucullatus*), mōrōbik(u)ir
V. N. 1 mundokuír — cabeça
V. N. 154 máhokuír — chapéu
309. S A P O e R Ā (Spec.), mītōhu
310. S A P O e R Ā (Spec.), ōpīgadz'ēnye
311. S A P O e R Ā (Spec.), māguārēté
312. S A P O e R Ā (Spec.), mātrogua
313. S A P O e R Ā (Spec.), mādčvi
314. SENEMBÚ (Tupí), (Espécie graúda de lagarto), míkuaahu
315. PAPAVENTO (Grande lagarto brasileiro), mītāmūhā
316. OURIÇO (Espécie de lag. bras.), maroyave
317. L A G A R T O (Lagartixa spec.), mipēeri
318. L A G A R T O (Lagartixa spec.), mihā
319. L A G A R T O (Lagartixa Spec.), mibīrēkn
320. CROCODILO (*Crocodilus selerops*), miko
V. N. 112 mibāēko — tijela de crocodilo
321. S u e u r i ú (Tupí), (*Boa spec.*), mikúari
C. miquari
322. CASCÁVEL, C. mijii
323. Cobra, C. mojijipao
324. CÁGADO (*Platemis spec.*) mútaab(i)r
325. Peixe, C. megenti
326. PIRANHA (Tupí) (*Serrasalmo piraya*), mūt(i)r
327. CURIMBATÁ (Tupí) (Spec. peixe) mivū
328. CASCUDO (Spec. peixe) mād(i)r
329. CARÁ (Tupí) (Spec. peixe), mīboōts'í
330. PACÚ (Tupí) (Spec. peixe), muguāakuā
V. N. 7 makuá — dente
331. P A C U P E B A (Tupí) (Spec. peixe), mūpā
332. PINTADO (Spec. peixe), mapír
333. PEIXE, SEMELHANTE AO PINTADO, mats'í

334. JAÚ (Tupí) (Spec. peixe), mīpěz"ėgntí
 335. Rubafo¹¹⁷ (Spec. peixe), mǎpī
 336. BORBOLETA (spec.), muboóta
 337. BORBOLETA (spec.), mandagúnta
 338. MOSCA (Spec.), maié
 339. MOSCA (Spec.), mádz"ihī
 340. MUTUCA (Spec. brasil.) nivóoto
 341. "MOSQUINHA" (Spec. bras.) mǎrčrě
 342. "MANDORRI" (Tupí) (Spec. abelha), manōpinō
 343. MARIMBONDO (Tupí) (Spec. vespa), maguáha
 344. MEL, mápagua
 V. N. 345
 345. PIOLHO, mápagua
 V. N. 344
 346. MOSQUITO, maká
 347. FORMIGA (Spec.), mǎrómō
 348. FORMIGA (Spec.), mufára
349. FORMIGA CARREGADOR (Spec. brasil.), mukuír
 Para kuir v. N. 1 mundokuír — cabeça
 350. "FORMIGA TOCANGUIRA"¹¹⁸ (Spec.), mīs'ieb(i)r
 351. "FORMIGA TOCANGUIRA"¹¹⁹ (Spec.), magū(ng)děrahū
 352. GRILO (Spec.), tomoiééié
 353. GRILO (Spec.), mas'ioót(i)r
 354. GRILO (Spec.), movíriri
 355. GRILO (Spec.), mǎkčodyě
 356. GRILO (Spec.), maiyěhe
 357. SANGUESSUGA (Spec.), mǎts'ō(ng)tǎ
 358. CARANGUEJO (Spec.), mútǎ
 359. CARACOL (Spec.), mapagopě
 360. CONCHA (Spec.) māguāz"ipī
 361. CONCHA (Spec.), maguōě
 362. CONCHA (Spec.), miūri
 363. CONCHA (Spec.) mutí-dǎguā

VI — Plantas

364. ÁRVORE, madár
 C. mador
 V. N. 365 madár — madeira
 V. N. 366 makuadár — folha
 V. N. 384 matoadár — flor
 V. N. maguidá — cana de açúcar
 V. N. 396 mūkuadǎ — acurí
365. MADEIRA, madár
 V. N. 364 madár — árvore
 V. N. 85 madyuādǎ — vara de impelir a canoa
 V. N. 89 maandáko — cabo de machado
 V. N. 91 mús'aadá — prato de madeira

(117) N. da T. — "Rubafo", peixe de rio, a traíra (Erythrinus traíra, Cuv.) (Rodolfo Garcia).
 (118) o (119) N. da T. — "Formiga-tocanguira" — O mesmo que tocandira ou tocandeira.

- V. N. 96 máguaadá — grande colher de pau
 V. N. 97 mákuada — espátula para sopa
 V. N. 123 mu(n) dá — cesto
 V. N. 139 mateadaápara — faca para tecer
 V. N. 140 madáhuits'i — fuso
 V. N. 144 madátiaadaápana — tear
 V. N. 145 magadidã — arco para alisar algodão em rama
 V. N. 149 mádaakúts'i — esteira de acurí
 V. N. 152 mikirbãdã — banco
 V. N. 168 madápi — flecha c/ ponta de osso
 V. N. 175 madápi — cabo de flecha
 V. N. 176 eida — cabo de arpão
 V. N. 178 mundada — o enrolado nas penas da flecha de criança
366. FOLHA, makuadár
 V. N. 364, 365 madár — árvore, madeira
 V. N. 7 makuá — dente
367. RAÍZ, matána
 368. GALHO, ik(i)ryabó
 V. N. 40 makir — cabelo
369. FLOR, matoadár
 V. N. 364 madár — árvore
 N. 409 nitoavi — bom, bonito
370. MILHO, madz''éro
 C. majei
371. FEIJÃO, moparóha
 C. moupapiroca
372. Batata, C. mouka
373. MANDIOCA, mamá
 V. N. 121 ugoágoma — pe-neirador de mandioca
 V. N. 122 mateúkuma — ra-lador de mandioca
374. CANA DE AÇUCAR, maguidá
 N. 462 arogueda — chupar cana de açúcar
375. BANANA, mǎguããdz''ã
 C. maquajaha
376. FIGUEIRA, mūkã
 377. "MANGAVE" (Sic)¹²⁰
 mararita
378. TUCUM, máguaaguets'í
 V. N. 379
 142 muts'io — algodão
379. FRUTO DO TUCUM, ma-takúuvets'í
 V. N. 378
380. ACURÍ, mūkũadã
 C. midjii
 V. N. 366 makuadár — folha
381. CARANDÁ, mūf(i)r
 382. JATOBÁ, mūku
 V. N. 76 makú — pedra
383. Ingazeira, mirádz''a
 383-A. Embauva¹²¹, mamãadã
 384. SIBOTÁ (fruto), mats'í
 385. UNHA DE GATO (Ar-busto de espinhos), mákugubó
386. "PAUDAIO"¹²² (sic), mī-põõgãdã

(120) N. da T. — "Mangave" — O mesmo que mangaba, fruto de mangabeira.

(121) N. da T. — "Embauva", o mesmo que inbaúba (Cecropia spec.) (Rodolfo Garcia).

(122) N. da T. — "Paudaio", deve ser "pau-d'alho"

387. "RUNCADOR"¹²³ (sic), mōguãadõ
388. TARUMÁ, madõ
389. FORNO DÁGUA, mīguã-tã
390. GUAAPE¹²⁴ (Planta aquática), mudãda

VII — Adjetivos

391. BRANCO, mákuó
V. N. 221 C. akua-chou — branco
392. PRETO, ipë
393. AZUL, rápoukuaadá
V. N. 394 mará pou — verde
394. VERDE, mará pou
V. N. 393 rápoukuaadá — azul
395. VERMELHO, maráts'o
396. AMARELO, úpive
V. N. 49 rúpina — lua
397. ESCURO, aguári
398. CLARO, matüüdza
399. LIMPO, nís'ia
400. VIAVEL, nãbí
V. frase 3
401. SUJO, mirori
402. GRANDE, tööfãë
Para töö v. N. 443 toopü (ng) — muitos
N. 404 toguéts'a — alto (N. 413 notõ — duro)
N. 83 C. moutomou — barco grande para fãë v. N. 39 mafãë — pele
403. PEQUENO, dzavĩ
404. ALTO, toguéts't
Para to v. N. 443 toopü (ng) — muitos
- N. 402 tööfãë — grande (N. 413 notõ — duro)
405. BAIXO, diópada
406. QUENTE, na(a)pír
C. apeu, calor
V. N. 50 mabir — estrela
V. N. 115 mápír^o — fuso de fazer fogo
407. FRIO, nakarákuaiu
C. máraquai, o frio
408. MUITO LONGE, okuó-heyá
V. Frase 6, pahe em frase 21 ivia pahe: "eles não vão longe"
409. BOM, BONITO, nitoavi
C. itoa (bom)
V. frase 4
410. BONITO, C. nitou
411. MAU, RUIM, nikiiro
C. mifau
412. FEIO, C. mifau
413. DURO, notõ
414. Pesado, C. itavo
415. Leve, C. nitaan
416. BRAVO, (no sentido de SELVAGEM), nakãdza
417. MANSO, nanĩndë
418. Podre, C. eiguaoraea
419. DIFERENTE, DIVERSO, iogr
V. Frase 28 e 33

(123) N. da T. — "Runcador" — não é conhecido. (Rodolfo Garcia).

(124) N. da T. — "Guaape" — deve ser aguapê — planta aquática da família das Nymphaeaceas (Nymphaea rugosa, Mey.).

VIII — Adjetivos numerais

420. UM, ts'énehe
C. tchenai
V. N. 425 ts'enekaéhera—seis
V. N. 430 ts'enehebó — onze
V. N. 438 C. tchenai-ai-quachoi-bo — dezesseis
V. N. 440 C. tchenai-jiga — vinte-e-um
421. DOIS, dúni
C. dou-oumi.
V. N. 426 dunikaéhera — sete
V. N. 431 duniimbó — doze
V. N. 436 C. douounai-ai-quachoi-bo — dezessete
422. TRÊS, ts'úmo
C. tehoum
V. N. 427 ts'umokaéhera — oito
V. N. 432 ts'umoimbó — treze
V. N. 437 C. tehoum-ai-quachoi-bo — dezoito
423. QUATRO, deéka(i)r
C. dekai
V. N. 428 (deka(i)r) kaékaira — nove
V. N. 433 deekairkaírkairbó — quatorze
V. N. 438 C. dekai-ai-quachoi-bo — dezenove
424. CINCO, tóhera
C. toera
V. N. 14 mará — mão
Para ra v. N. 425 — N. 429 — seis — dez
425. SEIS ts'enekaéhera
C. tchenai-caicaira
V. N. 420 ts'énehe — um
Para hera N. 424 tóhera — cinco
V. N. 14 mará — mão
426. SETE, dunikaéhera
C. dououini-caicaira
V. N. 421 dúni — dois
Para hera N. 424 tóhera — cinco
V. N. 14 mará — mão
427. OITO, ts'umokaéhera
C. tehoum-caicaira
V. N. 422 ts'úmo — três
Para hera N. 424 tóhera — cinco
N. 14 mará — mão
428. NOVE, deka(i)rkaékaira
C. dekai-caicaira
V. N. 423 deéka(i)r — quatro
Para hera N. 424 tóhera — cinco
V. N. 14 mará — mão
429. DEZ, kínyuira
C. quínoida
Para ra v. N. 14 mará-mão
430. ONZE, ts'enehebó
C. tchenai-ai-caibo
V. N. 420 ts'énehe — um
N. 20 mabó — pé
431. DOZE, duniimbó
C. douounai-ai-caibo
V. N. 421 dúni — dois
N. 20 mabó — pé
432. TREZE, ts'umoimbó
C. tehoum-ai-caibo
V. N. 422 ts'úmo — três
N. 20 mabó — pé

433. QUATORZE, deekairkaír-
kairbó
C. dekai-al-caibo
V. N. 423 deéka(i)r — qua-
tro
V. N. 20 mabó — pé
434. QUINZE, C. quinoibo
V. N. 10 C. quinoida
N. 20 mabó — pé
435. DEZESSEIS, C. tchenai-
ai-quachoibo
V. N. 420 ts'énehe — um
N. 20 mabó — pé
436. DEZESSETE, C. douou-
nai-ai-quachoibo
V. N. 421 dúni — dois, N.
20 mabó — pé
437. DEZOITO, tchoum-ai-qua-
choibo
V. N. 422 ts'úmo — três
N. 20 mabó — pé
438. DEZENOVE, C. dekai-ai-
quachoibo
V. N. 423 deéka(i)r — qua-
tro
V. N. 20 mabó — pé
439. Vinte, C. quinoui - qua-
choibo
V. N. 20 mabó — pé
440. Vinte-e-um, C. tchenai-jiga
V. N. 420 ts'énehe — um
441. Vinte-e-seis, C. dechagiga
442. Trinta, C. tchenai-jiga-cai-
caira

IX — Partículas e demais Observações

443. MUITOS, toopū
V. frase 15
V. N. 446 deepū — quantos
Para to v. N. 402 tōōfāē —
grande
V. N. 404 toguéts'a — alto
444. ALGO, ALGUMAS COI-
SAS, era
V. Frase 9
445. COMO E'?, diruadé
V. fr. 2
446. QUANTOS?, deepū
V. fr. 5
V. N. 443 toopū — muitos
447. QUANDO?, navaéekigi
V. fr. 8
448. LÁ, AQUÍ (Partícula que
indica o local da ação),
hani
V. fr. 4
449. PARA LÁ, he (também se
diz: hi), indica o local
para onde se dirige a
ação
V. fr. 7
450. ESTE AQUÍ, gine
V. fr. 4
V. N. 453 dign'(digne) —
agora
451. DE VOLTA, ts'a
V. fr. 7

452. DE NOVO, OUTRA VEZ, namara
V. fr. 12 e 10
453. AGORA, dign'
Para gn v. N. 450 gine — aquí
454. NUNCA MAIS, nianinaeso virmara
V. fr. 10
Para mara v. N. 452 namara — de novo
455. POR ISSO, iruadeye eraaye
V. fr. 25
Para iruadeye v. N. 445 di-ruadé — como é?
456. NÃO, égu
V. ego fr. 23
C. mau
Negação verbal pela vogal *i*, v. fr. 12
457. Sim, C. ii
458. CUMPRIMENTO, oihebí
V. fr. 1
459. ADIANTE! (“Em brasileiro: vamos!”), kúra
V. fr. 39 kúra gúteradya — “vamos embora”

X — Verbos

460. BEBER, gogúgn
V. N. 94 mats'úugiírgn — caneca
461. COMER, guárogn' (provavelmente 2.^a pess.), tu comes)
C. aroeguen
V. 462 arogueda — chupar cana
462. CHUPAR CANA, arogueda
V. N. 374 maguidá — cana de açúcar
V. N. 461 guárogn — comer
463. FUMAR, guahegi (provav. 2.^a pess., tu fumas)
V. N. 70 mugí — fumo
N. 119 matáhegi — charuto
464. FAZER, ònõ(ho) nã
465. ACENDER FOGO, oga-poégota, acende o fogo igapoégota, eu acendo o fogo
V. fr. 37
466. PRENDER, C. ooutchai (Francês: attacher)
467. AMOLAR, mageho(u)ets'evai
V. N. 101 mats'eévai — faca de campo
V. N. 102 mipor(i) ts'eváii — faca
Para vai v. N. 118 vaigu-kuárigakú — pedra
468. DEITAR, okúgua
469. DORMIR, adákuani
C. kouni
470. SENTAR, ágähāgī
C. naguagueu

471. IR ou ANDAR, nakáni, okani, eu vou ou eu ando; eguava, tu vais ou tu andas
 V. fr. 3 guava — tu vais ou tu andas
 V. fr. 3 ivia — eles não vão ou eles não andam
 ahodyíka — nós vamos ou nós andamos
 dekia ts'amohióvoro — vou para casa V. fr. 38
472. Correr, C. niguouai
 473. VIAJAR, kīraugōhēgn
 guakérehi — quando viajas; v. fr. 2
 v. gōhegn' em fr. 21
 v. fr. 11 kaioguak(i)rgi — onde vais
474. BUSCAR, hārīka
 V. N. 118 vaígukuárīgakú — . pedreira?
475. TRAZER, hōdōkiā
 V. fr. 9 òdōkiderahani — para trazer algumas coisas para nós
476. DAR, adomahi (eu dou)
 V. fr. 35
477. ATIRAR COM A FLECHA, ukuēnikūni
 478. Caçar, C. yavarou
 479. MATAR, kērāgāgū (ng)
 C. wadoubegou
 480. BATER, nekéera
 C. negoun
 481. BRIGAR, áhedz"az"ín(g)
 482. REMAR, oióga
 naiogaío — eu remo
 naióga — êle rema
 naiogahi — nós remamos
 guats'iaióga — vocês remam
483. LAVAR, kuafú
 C. waafé
 484. LIMPAR, ōguāhadya
 485. CORTAR, mākimbō
 486. LANÇAR, guāyā(hă)
 487. Morder, C. eta
 488. Falar, C. moufeu
 489. CHAMAR, ōkāaye
 490. PERGUNTAR, déhogn'ma,
 ela pergunta
 V. fr. 31
491. NADAR, naafúrīgúgn
 C. afeaeuni
 492. Mergulhar, C. afeugua
 493. CANTAR, mǎho, C. maho
 V. N. 124 magáhu — viola
494. DANSAR, vāgaāts'a
 C. agacha
 V. N. 129 magaragats'a — cacacha
495. RIR, guākuāhu
 496. Estar alegre, C. atarijou
 497. CHORAR, mahóne, ela chora
 C. aouni
 V. fr. 31
498. ESPIRRAR, mǎts'ia
 C. atchian
 499. DEFECAR, kēragōkū
 500. URINAR, ípinar
 501. SOLTAR GASES, dīts'í-dōis'í
 502. MORRER, vǎts'ōgǎ
 503. VER, SABER, guats'ír,
 tu vês
 V. fr. 2
 kibets'ír (v. fr. 23) e akeheibets'ír (28) êles não sabem

504. Cansar, C. acoura 507. TER MEDO, montaguaga-
 505. ESTAR DOENTE, gátu, êle tem medo da
 näküvē espingarda
 C. akoai, doente V. N. 138 gatu — espingarda
 506. Febre, C. apouja v. fr. 36

IV — Frases da Língua Guató¹²⁵

- 1 — oihebí
 bom dia (cumprimento)
- 2 — diruadé guakérehí
 como é *quando você está viajando*
 nagua guats'ír gudz"ēkū(ng)
 o que *você viu* (d) *o rio?*

diruadē (também: iruadē. V. fr. 23 e fr. 34) encontra-se frequentemente como partícula interrogativa geral na frase direta e indireta (v. 23 iruadē kibāē ts'ír, ("êles não viram como era". 28, 31, 34). A Rosa traduzia: "como é". Acrescentando a sílaba ye "erua-deye" resulta o "por isso" português, que é igual ao eráaye em 23.

guakérehí, quando você está viajando. V. kiraugohegn N. 473 do vocab. e bem assim a frase n. 6.

Deduz-se com segurança que "gua" é o pronome da 2.^a pess. V. guats'ír — você vê ou viu, guavá — você foi. E bem assim os substantivos: guagi — sua mãe(31), guahiovir — sua casa (78) e na expressão iókaguak(i)rgi "lá na sua banda" "de onde você vem".

na, assim como diruadé parece ser uma partícula interrogativa, conforme se vê na frase a seguir. Na fr. 8 ela está contida na palavra navēekigide, que é a palavra interrogativa "quando?"

guats'ír — conforme o que dissemos acima é a 2.^a pess. do verbo "ver" — V. 5 e 34. Além disso kibe ts'ír em 23 e akéhei be ts'ír que foi traduzido em 28 por "êles não sabem".

gudz"ēkū(ng) — o rio. V. 6 e madz"eékū(ng) do Vocab. (N. 62).

- 3 — nãbí guavá
 está limpo *aonde andaste?*
 diruadé?
 como é?

nãbí — a respeito de "na" na interrogação v. 2.

guavá — você vai, você foi — v. 32 hēgvouvādi(7), "onde você vai agora?"

mara guavā(10) "você vem outra vez (também 12)".

neta guaavāts'āna (13) "mesmo quando quer você não vem mais".

deguavāts'a (8) — "você vem outra vez?"

(125) N. da T. — Reproduzo a tradução portuguesa das frases guatóas, conforme as apreender Max Schmidt. Embora incorretas, são fáceis de compreender.

iviã (21, 27) — “*éles não vão*”.
 gos'irvuir viã (22) — “*esta gente não vai*”.

V. ive (21, 25).
 diruadē, v. 2.

4 — gos'irvuir di-toa-g'n
 gente *agora (estam) bons*
 hani?
 lá?

gos'irvuir — radical: s'irvuir; com o prefixo abstrato, temos: mas'irvuir, a gente.

V. 5, 15, 21, 23, 28.
 ginãē gos'irvuir (22, 27) “*estes gentes*”.

V. no Vocab. o n. 135 mas'ióvir — boneca de pano.
 di-toa-g'n — toa é o radical do adjetivo nitoavi — “*bom, bonito*”.

V. 14 e 31 e N. 409 do Vocab.
 dig'n — partícula temporal “*agora*”.

V. hegvouvādig'n (7) — “*onde você vai agora*”, bem assim 12, 13, 19.
 hani (às vezes abreviado para “*han*”). Partícula local, designa o local da ação, “*lá*” e “*aquí*”.

V. ödökiderāhani (9) “*trazer algumas coisas para nós, aquí*”.
 gōs'irvuir iog(i) rhan(28) — “*gente de lá*”.
 toopū(ng) koiēehani (30) — “*lá na sua banda ha muita criação?*” V. 32, 33 e 34.

5 — deepū(ng) gōahír guats'ír?
 quanta *gente* *você viu?*

deepū(ng) — “*quanta*”. É a interrogação quantitativa.

V. toopū(ng) (15, 30) “*bastante*”. A sílaba “*de*” encontra-se além de em deepū(ng) também em outros sentidos interrogativos.

V. diruadē (2) “*como é?*”, navāēkigide (8) “*quando?*”, deekuóheya (6) “*é longe?*”.

Assim, também, no verbo déhogn'ma (31, 32) “*ela pergunta*” ha esta sílaba.

goahír — significa aquí o mesmo que gos'irvuir (v. 4).
 guats'ír (v. 2).

6 — deekuóheya odz"ēekū(ng)
 está longe o rio (sic)
 guakérehí?
 quando você está viajando? (sic)

deekuóheya -- a respeito da sílaba “*de*” na interrogação vide 5.
 okuóheya — “*muito longe, muito longe*”.

V. 11, 16, 29, 32.
 odz"ēekū(ng) v. 2.
 guakérehí, v. 2

7 — hēgvouvā dign'?
aonde vai agora?
 dēkiats'áhio?
já vai embora ¹²⁶ ?

he (também se diz hi) é como hani (v. 4) a partícula local, mas indica o local para onde se dirige a ação.

V. dehog'ñma heguava (31) "ela pergunta aonde você foi".
 guakéhi (2, 6), "quando você está viajando".
 kiraugohégñ — "viajar", N. 473 do Vocab.

V. 7, 9, 10, 17 etc.

va, v. 3, gua-va — você vai.

digñ — v. 4.

dekiats'ahio — v. 9, 19, 38. A sílaba ts'a também se encontra em outras combinações de significação idêntica e parece corresponder à expressão alemã "zurück" (em sentido de local), (N. da T. — "zurück" — (ir) embora).
 guavats'a 8; detehyets'árehi 31, 33.

8 — navāēkigi deguavats'agine?
quando *você vem outra vez?*

navāēkigi — "quando?" v. 9.

"na" na interrogativa vide 2,

"de" na interrogativa vide 5,

guava — "você vem" — v. 3,

ts'a — v. 7.

gine — "aquí", também se diz gn'e; do mesmo modo em 33 (tínee ní) gíne giog(i)r — "é como aqui ou é diferente?" (iog(i)r — diferente), gine gos'irvuir (21, 22) "estas gentes daqui", "estas gentes".

9 — navāēki ts'ǎheri
quando *você vem outra vez*
 òdōki dera hani?
trazer *algumas coisas* *para nós.*

navāēki — v. 8.

ts'ǎheri; ts'a v. 7; heri v. 7.

òdōki — "trazer", v. hōdōkia do Voc. N. 475.

era — "algumas coisas", v. eráaye — "por isso" em 23, e erahani em 32 e 34,

hani — v. 4

10 — nianināēs'ovirmara guavānihi
nunca mais *(agora) você vem*

Na negativa verbal está sempre contida a vogal "i", assim também aqui em *n — i — a — mara*, "não mais".

(126) N. da T. — "Já vai embora?" — No original "já vou embora", entretanto o autor interpreta em alemão por "já vai embora?".

V. inamarãtēhēyēgn'heedign' (13): tão cedo você não vem mais; ihegn'dign' (12): você não vai mais longe; iviapahe (27): eles não vão longe.

V. ainda os nrs. 21, 22, 23, 24, 25, 28.

Encontramos a palavra namara no mesmo sentido em 12 e 13.

guavã — você vem — v. 3

hi — v. 7

11 — k a i o k u ó h e y a g u a k (i) r g i
 aonde você vai ¹²⁷ é muito longe

kuóheya — “longe, muito longe” — v. 6

kaio-gua k (i)rgi ou também ioka-gua k (i)rgi — “aonde você vai”, “lá na sua banda”. V. 25, 29, 30; gua é o pronome da 2.^a pess. V. iokaguahe em 14 e 21, cuja significação é idêntica.

12 — e n a m a r a g u a v á
 quando chega lá (na sua casa)
 i h ē g n ' d ī g n '
 você não vai mais longe

namára — “mais” (no sentido de “não mais”) v. 10.

guavã — “você vem”, “você vai”, relaciona-se tanto com a palavra anterior como posterior. V. 3.

i — negação, v. 10.

hēgn' — por certo — he gn'e — “para aqui”.

he v. 7, 20; g'ne v. 8; v. kiraugohegn' — “viajar” N. 473 do Vocab.

dīgn', v. 4.

13 — n e t a g u a a v á t s ' ā n a
 nem quando quiser ^{127a} você não vem mais
 i n a m a r ā t ē h ē y ē g n ' h e e d i g n '
 tão cedo você não vem mais

guava — “você vem”, v. 3.

tsa — (ir) “embora” v. 7.

negação — v. 10.

hēgn' — “para aqui” — v. 4.

dīgn' — “agora”, v. 4.

14 — d i r u a d ē i ō k a g u a h e
 como é lá na sua banda
 n i t o a v i ?
 (está) bonito?

diruadē — “como é?” V. 2.

iōkaguahe — “lá na sua banda”, v. kaio-gua k(i)rgi em 11.

he — v. 7.

nitoavi — “bonito”, v. 4.

(127) N. da T. — “Aonde você vai” — No original “aonde você vem”, entretanto o autor interpreta em alemão por “aonde você vai”.

(127a) N. da T. — “Nem quando quiser... etc.” no original: “Nem quando quer... etc.”

- 15 — toopũguarias'irvuir?
sua banda tem bastante gente?
 tōfiáígvkír?
tem bastantes casas?

toopũ — “bastante” — v. 30.

V. também 5, deepũ (ng), — “quanto”.

gua — pronome da 2.^a pess. V. 2.

mas'irvuir — “gente”, v. 4.

movuir — “casa”, v. N. 78 do Vocab.

- 16 — okoiadigokugāhādēhee gí nedi
aquí na banda você está longe

gine — “aquí”, v. 8.

- 17 — nagoh(i)rdī idagats'i nitéer ehi
nós não sabia que você vem parecer por aquí (sic)

rehi — v. 7, 18.

- 18 — ds'ōts'ēagag'n dāteérhi
quem é, quem sabia que você quer parecer por aquí (sic).

rehi — v. 7, 18.

- 19 — ts'adign da dékiats'ágn'hi
agora você já vai embora

ts'a — “embora” — v. 7.

dign — “agora”, v. 4.

hi, v. 7.

- 20 — óhé déhēgn' hegn'ē
você apareceu aquí tão longe ^{127b}

hēgn, hēgne — “para aquí”, v. 12.

- 21 — g(i) ne haeruadé iveteheh(i)n
estas gentes daqui não passeiam
 diokáguah(i)n ivee kéos'irvuir
aquí não tem gente
 iviápahē itinēheniō māēhe gōhe egn'
que passeiam longe

A tradução portuguesa dessa frase é bem pouco clara. Em todo o caso na palavra “iokáguah(i)n” está indicado o lugar para onde a gente não viaja, isto é “para a sua banda”. V. 14 e 11.

(127b) — N. da T. — Esta frase, no original, reza: “Vosse pareceu aquí só longe.”

g (i) ne — “aquí” estas, v. 8.

s'irvuir — “gente”, v. 8

hæruadé — v. diruadé em 2

iveteheh(i)n — “eles (a gente) não querem ir lá”; v. iteheh(i)n em 24
 “êle quer ir lá” e kiiveétehi em 25 “êles não querem ir lá”.

ve — vem, em todo o caso, de “andar” em 3; *he* em 7.

iviapahê — êles não vão longe, v. 22 e 27

ivia — êles não vão, v. 3; *i* — negação, v. 10

gôhegn — as mesmas sílabas encontram-se em kirau gôhegn — “via-
 jar”. Vi N. 473 do Vocab. V. o n. 12 com respeito a hegn.

22 — gine gos'irvuir viápaads'in
estas gentes daqui não vão longe

gine — “estas”, v. 8

gos'irvuir — “gentes”, v. 4

viapaa, v. 21 e 27; *i* negação, v. 10.

23 — eráaye iruadēki bāēts'ir
por isso não viu
 ēgo baets'ir os'irvuir
não viu nada gente (sic)

eráa — v. 9

ye, v. 25, onde o ye está ligado ao iruadē = “por isso”.

iruadē, v. diruadé “como é”, em 2

baets'ir — “êles vêem”, “êles viram”, v. 2. 28

ēgo — negação forte, v. N. 456 do Vocab.

24 — tonaně tōananě tagviiva
quando alguém quer ir, não
 iteheh (i) n
chega lá.

iiva — não chegam lá, v. 3

iteheh(i)n — êle quer ir para lá, v. iveteheh(i)n 21 e kiiveétehi 25; *he*, v. 7.

25 — kaiokuóheya guak (i) rgi
acham longe adonde você vem
 iruadeye kiiveétehi
por isso não querem ir lá

kaiokuóheya guak(i)rgi — v. 11

iruadeye — “por isso”, v. eraaye 23, iruadé v. 2

(k)iveétehi — “êles não querem ir lá”

i — negação; v. 10

iveétehi — v. 21; *hi*, v. 7.

26 — ineruadē gnomehe
não é como você que passou
 kapahes'íurehi
como você que foi longe passear

i — negação; v. 10

eruadē — v. 2

apahe — v. 27; iviapahe — “êles não vão longe”, e viapaa em 22

rehi — v. 7

27 — gine gos'irvuir
aquí estas gentes
 iviápahē
não vão longe

gine — “estes aquí”, v. 8

gos'irvuir — “gente”; v. 4

ivia — “êles não vão, andam”; v. 3

iviápahē — v. 21

28 — akéheibaets'ir diruadēha
e por isso não sabem como é
 gos'irvuir
gente
 iogrhan
uma outra cidade

ibaets'ir — “não sabem”, v. 23; i negação, v. 10

diruadē, v. 2

gos'irvuir — v. 4

iogrhan; han — v. 4

iog'r; v. 33, “diferente, em outro lugar”, portanto está aqui ligado à partícula han = “em outro lugar”

29 — iókaguak(í)rgi okuoheyaye
.adonde você veio é longe

iokaguak(í)rgi, v. kaioguak(í)rgi em 11.

okuoheya, v. 11.

30 — iókaguak(í)rgi toopū(ng)koiëehani?
lá na sua banda tem bastante criação?

iokaguak(í)rgi v. 29 e 11

toopū(ng) — “bastante” — v. 15

koië — “criação”.

hani — v. 4.

31 — díteheyets'árehi mahóne
quando você chega lá hora
 guagi déhogmahéguavá
sua mãe ela pergunta aonde
 diruadeguava nítoavi
você andou e si o caminho está limpo

diteheyets'árehi — “quando você chega lá”

t'sa — v. 7

hi — v. 7

mahóne — ela chora

guagi — “sua mãe”; gua — pronome da 2.^a pess., v. 2, v. mãe no Vocab.
 n. 191 — mēmě

déhog'ma — “ela pergunta”; v. medébehog'n'ma em 32,

he — v. 7

guava — v. 3

diruadé — v. 2

nítoavi — “bonito”; v. 4.

32 — medébehog'n'ma heráhan?
o que você viu para lá?
 okuóheyáyedí guaváhan?
onde você andou é longe ou é perto?

medébehog'n'ma — v. dehog'n'ma — “ela pergunta”, em 31.

herá(erá), v. 9 — “algumas coisas

han(hani), v. 4

okuóheya — v. 11.

guava — v. 3

Para okuóheyá-yedí = “longe ou perto”, v. 33: gine-giogr =
 “igual ou diferente”.

33 — guats'irdióka diruadéha?
o que você viu para lá o que é?
 tíneenígínegiog'r?
é como aqui ou é diferente?
 bieyih(i)ngenigiōka?
é lá limpo?
 dítehéyets'arehi medea gōhěg'nhi
quando chegou lá, assentou e contou tudo.

guats'ir — você viu, v. 2.

dióka, v. 11 (ioka-gua k(i)rgi, “onde você vai”,

diruadé — “como é”, v. 2

gine — “aqui”, v. 8

g'iogr — “diferente”, v. 28

dítehéyets'arehi — v. 31

- 34 — medégoat(i)r aiũ(ng)
você conta tudo
 guats'írhani erahani
o que viu por aquí algumas coisas
 guats'írhani eruads'hani
que viu por aquí como é por aquí

- guats'ir, v. 2
 hani, v. 4
 era, v. 9

- 35 — adomahi s'íágants'i
eu dou ao menino
 mūt(i)r
uma piranha

mūt(i)r, v. N. 326 do Voc.

- 36 — montaguagátu
êle tem medo da espingarda

gátu — v. 138 do Voc.

- 37 — ogapoégota — *acende o fogo*
 igapoégota — *eu acendo o fogo*

matã = fogo, v. N. 68 do Voc.

- 38 — dekiats'amohiovororo
eu vou para casa

dekiats'a, v. 7
 mohiovororo, v. n. 78 do Voc.; ahiovirio — "nossa casa".

- 39 — kira gúteradya!
vamos embora!

CAPÍTULO X

Índios guatós — Elementos antropológicos ⁽¹²⁸⁾

É fenômeno que nos chama a atenção o terem todos os indivíduos do sexo masculino os membros inferiores relativamente pouco desenvolvidos ao passo que o resto do corpo, principalmente os braços, apresenta em geral uma forte constituição, tanto nos músculos como nos ossos. Infelizmente não foi possível estabelecer o fato por meio de algarismos, visto que me faltava qualquer instrumento de medição. Assim, temos que nos contentar com uma vista sobre as fotografias que reunimos.

Nota-se já em Mequi, de 11 anos (V. estampa VIII), cujas linhas do corpo são apreciáveis, o precário desenvolvimento das pernas. Os cinco guatós da fig. 145 (pai e quatro filhos) mostram forte constituição da parte superior em evidente contraste com as extremidades inferiores. Do mesmo modo na estampa IX, onde os dois índios barbados, já idosos, com bastante adiposidade na parte superior do corpo, exibem pernas, cuja fraqueza é flagrante.

Temos, portanto, que estabelecer a causa dêsse sintoma geral e indagar a vida que levam os guatós, afim de podermos relacionar diretamente os fatos.

Já discorremos anteriormente com detalhes sobre a região habitada por êsses índios, que é dotada de tudo que êles precisam para o seu sustento, isto é, tratamos da sua "província geográfica". Dissemos que é toda sulcada de lagos e braços de rio, que, no período da cheia do rio Paraguai, fica alagada completamente numa extensão de milhas e milhas. Entre essas superfícies líquidas erguem-se morros e colinas densamente cobertos de vegetação, e sobre tudo isso aterros de conchas, obra artificial de tribus que alí viveram antigamente, em que se acham as plantações de bananas. A natureza mostra-se em toda parte propícia aos guatós, de modo que os pontos mais importantes para eles se acham ligados pelos igarapés. Entretanto, as vias de comunicação por terra são geralmente impossíveis por causa dos morros, do denso matagal e dos vastos pântanos que estorvam qualquer passagem. Resultou daí que a canoa é o único meio de comunicação, aliás, como, sempre foi. Somente durante o período em que as águas cedem é que as famílias, que vivem habitualmente espalhadas pela região,

(128) V. minha conferência: "Die Guató" (Os guatós). Debates da Sociedade de Antropologia de Berlim.

fixam-se nos ranchos de construção primitiva, afim de poder entregar-se ao prazer de sua bebida predileta, que é o sumo fermentado da palmeira acurí, que sempre cresce na proximidade da habitação. Ao subirem as águas, dando assim acesso a outras regiões, os guatós com as respectivas famílias, abandonam os seus ranchos, para dedicar-se por um tempo mais longo à caça. Nesses períodos os guatós passam meses inteiros nas canoas.



Fig. 145
Guatós de Caracará. Pai e quatro filhos.

Além de tudo isso o guató é um habitante aquático por excelência; mais do que qualquer outra tribo do continente sulamericano. Dessa maneira não é de admirar que uma vida como a que êle leva, inteiramente unilateral acabe por se exprimir no próprio corpo humano, especialmente na fraqueza das pernas. Certamente afirmamos isso, considerando a premissa geral de que um certo modo de vida pode determinar sinais antropológicos típicos em certos grupos de população.

Podemos esclarecer o fenômeno frequente das pernas em X e a consequente configuração do pé chato pela mesma razão. Encontramos isso de modo flagrante na fig. 145, onde toda a família apresenta a anomalia. Vemos, também, nitidamente, a formação de pernas tortas no índio que se acha à entrada do rancho, na estampa XII.

Um quadro característico da vida da família guató no interior da canoa, vemos na estampa XI. A mulher está atrás, pilotando a embarcação, as crianças estão sentadas no centro e o homem está de pé, na proa, locomovendo o barco para a frente por meio do comprido remo ou "singa". O índio guató, portanto, passa grande parte de sua existência nessa posição. Suas extremidades inferiores, cujas funções estão para êle em segundo plano, são utilizadas apenas como ponto de apôio

ao próprio corpo. Sendo assim, as pernas exercem atividades bem diversas, principalmente quando o índio está de pé a mover o barco com a vara. É preciso pensar que o pé se acha, então, firmado sobre a base redonda da canoa e que, ao manter o equilíbrio dentro dela, torna-se necessário abrir as pernas lateralmente. Por se firmarem os pés nessa base arredondada, verifica-se uma pressão contrária medial muito forte sobre a perna e como essa energia medial se efetua longamente nas pernas já de si pouco desenvolvidas, isso constitue o maior fator na deformação das pernas em X.

Creio que a mesma posição que provoca o fenômeno das pernas tortas contribue, também, muito para a formação dos pés chatos, pois a pressão principal se faz contra um lado do pé.

Além dessa forte tendência para as pernas em X, que se deve encarar como fenômeno certamenté patológico, havia entre os 46 guátos uma forte porcentagem de indivíduos defeituosos. Vi um homem e uma mulher completamente cegos. Uma criança de quasi três anos não sabia correr e era idiota. Temos, portanto, seis inválidos em 45 são, por-

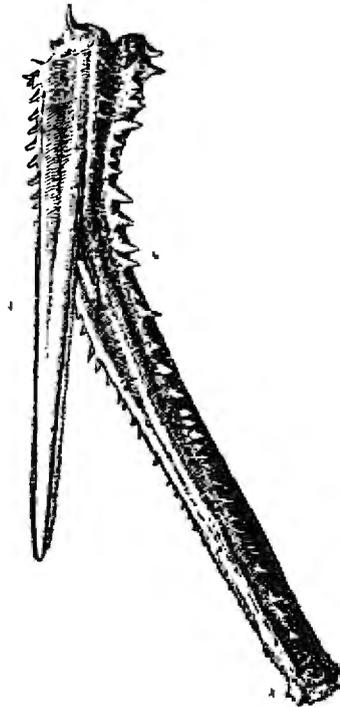


Fig. 146

Aguilhões de arraiá empregados na dor de dente.

Mus. Etn. Berlim, V. B. 5018, 1/1
tam. nat.

tanto 15%. O consumo abundante de álcool deve contribuir bastante para essas más condições de saúde¹²⁹.

A dor de dente também aflige os guatós, prova-o o instrumento que reproduzimos na fig. 146, constituído de um agulhão de arraia, que serve para gretar a gengiva.

E' notavel, outrossim, a obliquidade dos olhos em muitos individuos; esta é de modo tal que o canto exterior do olho fica mais alto que o interno. (V. Est. VIII).

A côr da pele não é de um pardo muito escuro. Nota-se isso nas partes do corpo menos atingidas pelo sol, que são bastante mais claras.

Os homens usam geralmente barba muito longa, mas fina que, à primeira vista, apaga o tipo guató característico. (V. Est. IX e Fig. 145). Os cabelos masculinos, ora são muito ondulados, ora lisos. São cortados de modo tal que todos os cabelos que correm para a frente atingem o meio da testa. Os que correm para trás alcançam a mesma periferia dos que correm para a frente, e quando excedem essa medida são aparados.

O cabelo das mulheres é deitado em parte para trás e é muito comprido. Poucas o têm enrolado em nós sobre a cabeça, como a que vemos na mulher do centro da Estampa X.

Nada vi com respeito à pintura do corpo, tatuagem ou mutilação. Apenas vi as orelhas de uma mulher e de uma criança perfuradas, onde passava um fio que segurava um raminho de penas, costume que antigamente devia ser mais popular, certamente. (V. P. 144 e Nota 66).

(129) As considerações de Rohde (Originalmitteilungen l.c. 1885, Pg. 15 f.) de que as mulheres guatós eram em geral fraquinhas e que essa circunstância se devia ao fato de, quando crianças, terem praticado impudicicias, não podem ser confirmadas por mim, pelo menos não de uma maneira tão geral. Não tive oportunidade de observar qualquer coisa a esse respeito, entre meninas, durante a minha permanência ali. Também não se confirma o que Rohde disse sobre as mulheres, de que a maioria era estéril. Quasi todas as familias que vi possuíam filhos e exceptuando a criança idiota acima citada, todas me davam a impressão de fortes e desenvolvidas. (V. Est. VIII).

CAPÍTULO XI

A psicologia individual dos guatós

NA explanação do caráter espiritual do índio guató, considero perfeitamente o perigo que existe em me deixar cair em erro, o que tão comumente se verifica em assuntos como êsse. E' claro que, tendo vivido no meio dos guatós durante algum tempo, com êles trabalhando, tomando as refeições em sua companhia e com êles me divertindo, tenha formado uma opinião geral sôbre os seus traços característicos. Creio que para um terceiro só são de valor as conclusões baseadas em determinadas premissas, e que só lhe merecem confiança os traços de caráter a que posso juntar ao mesmo tempo os diversos exemplos por mim observados como formas fenomenológicas dêsses traços.

Desde logo podemos afirmar certo grau de indolência espiritual dêsses índios pelo pouco zêlo com que constroem as casas, pela falta quasi completa de ornamentação nos objetos de uso, indolência essa agravada talvez pela bebida exagerada do álcool, que vai deixando as suas marcas, principalmente nas pessoas mais idosas. Notei a indifferença dessa gente pela maneira displicente por que enfrentavam minha ânsia de conhecer sua linguagem. Entretanto, essa troca de designações de animais e objetos formava grande parte da minha conversação com os índios das cabeceiras xinguenses. A todo instante perguntavam como o caraíba chamava a êsse ou aquele animal, sendo que a differença de linguagem lhes dava sempre novos motivos para rir. Gostavam muito de me ouvir cantar canções alemãs. Queriam, sempre, por exemplo, que cantasse a canção alemã "Margareta, Menina Sem Par" ou coisa semelhante, até que alguns, afinal, conseguiram reproduzir a melodia e os versos de modo mais ou menos reconhecível. Como era tudo diferente entre os guatós! Foi a muito custo que conseguí que um dêles exprimisse duas ou três palavras, após o que, já com o espírito cansado, se foi afastando, aborrecido, dando-me a entender bem claramente que não desejava mais ser iluminado por essas coisas... Procurei por todas as maneiras obter algumas narrações que pudesse fielmente anotar, prometendo-lhes em troca mundos e fundos, mas sempre me diziam: "Não tem mais". As canções alemãs quasi não surtiam efeito; não se davam ao trabalho de aprender uma melodia nova e pouco habitual aos seus ouvidos. Preferiam certamente o canto do cururú, uníssonos e muito menos cansativo, embora durasse longo

tempo, com o acompanhamento da viola, instrumento interessante, mas simples, feito por êles, (v. fig. 26) a que sempre se acrescenta o ranger rítmico da caracachá (v. fig. 27).

Verificamos, através de alguns fatos, que essa falta de atividade mental por parte dos índios guatós é mais a consequência da preguiça mental do que da ausência de capacidade. Basta observar que o guató em contacto com os brasileiros aprende perfeitamente a língua destes, embora a tribo, isolada, só use o idioma próprio.

Em um dia de chuva, em que nada se podia fazer de mais interessante, dediquei-me a algumas tentativas com os meus homens para fazê-los escrever. O jovem Mequi¹³⁰ mostrou-se, então, bem superior aos outros meus companheiros, inclusive ao Reginaldo que é um mulato muito esperto. Após alguns instantes, Mequi escrevia três números e a letra i a mão livre, enquanto os meus companheiros adultos brasileiros, apesar de realizarem o mesmo esforço, não conseguiam outro tanto. O mesmo rapazinho, cantava, reproduzindo versos de cururú, sem ter a menor noção dessa língua. Mostrou-se, também muito hábil em apreender o sentido de minhas palavras, quando lhe transmitia uma tarefa.

Jamais encontrei qualquer pintura em objetos dos guatós a não ser, quando em Gaíba, alguns desenhos de animais a carvão de lenha gravados em duas árvores. As figs. 147 e 148 reproduzem êsses de-

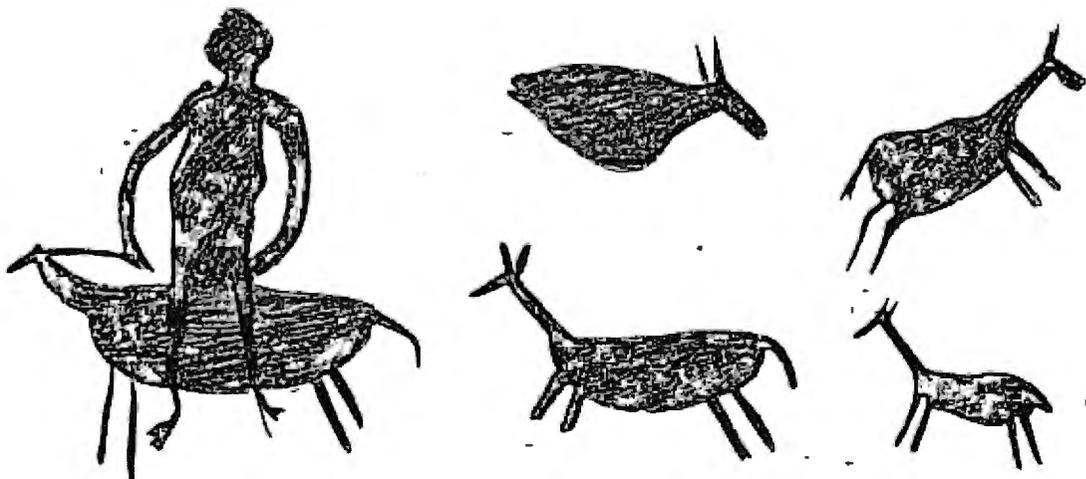


Fig. 147

Desenhos guatós executados a carvão num tronco de árvore.

senhos, conforme pude copiá-los no próprio local, com toda a exatidão. Em uma das árvores achavam-se as figuras do N. 147. A primeira,

(130) N. da T. — O autor escreve Meki. .

conforme é evidente, representa um cavaleiro montado (os índios o confirmaram, também), traçado em forma indígena característica, que é justamente ter o cavaleiro ambas as pernas visíveis na frente do desenho¹³¹. As rédeas são estampadas por um traço que vai da mão direita do cavaleiro até a cabeça do cavalo. Depois vemos mais quatro animais, sendo que o primeiro, que não tem pernas, deve representar, segundo os índios, um porco. Não se pode perceber bem por que a figura representa o porco. Os restantes três serão cavalos, o que se compreende facilmente. Acha-se muito bem caracterizada a vaca do N. 148, que se via na árvore seguinte.

Todas essas figuras são de animais que o índio guató não possui nas terras que ocupa, de modo que se conclue logo que o artista não pretendeu exercitar-se no desenho, mas procurou dar uma idéia aos seus semelhantes do que havia visto em outra região.

Pelo pouco que encontrei em desenhos, vemos que essa arte é uma raridade nessa tribo. Entretanto os desenhos não revelam menos habilidade do que os de outros aborígenes da América-do Sul. Isso ainda é uma prova de que os guatós são muito mais preguiçosos do que espiritualmente incapazes¹³².

A sua mente é por demais indolente para se preocupar com o futuro. Verifiquei tudo isso durante as negociações que com êles mantive. Poucos objetos possuíam, para êles, valor determinado, como as peles de jaguar, os arcos e as flechas. O guató tem um depósito desses objetos e o prejuizo que deles sofre não é notado imediatamente, mas só após certo tempo. Para qualquer coisa que lhe sirva apenas momentaneamente, sobretudo por aguardente, fumo ou anzóis, o guató troca todos aqueles valores. Quanto aos utensílios de uso diário, já opõe maior resistência. Assim é difícil arrancar-lhe um abanador para mosquitos, (cada indivíduo possui apenas um), bragaadeiras usadas pelos homens e principalmente a "sagaia"¹³³, que é a grande lança com que caçam os jacarés. O guató não reflete absolutamente que êsses objetos se substituem facilmente com pouco trabalho, e que até lhe podem render bastante, si quisesse fabricá-los. Sabe apenas que a perda de um desses objetos lhe acarreta esforço imediato, isto é, que êle precisa fazer outros, mas para isso não tem vontade, mormente quando está no tempo de tomar a ts'its'a.

No que concerne à famosa hospitalidade dos índios, os guatós, pelo menos, só me toleraram. E só toleram porque recebem "pinga" ou alguns utensílios que muito apreciam. Nada oferecem, mas recebem

(131) -V. mais adiante e, também, K. v. d. Steinen, "Entre os aborígenes do Brasil Central" (Trad. brasileira de Egon Schaden). Est. XVII.

(132) A analogia desses desenhos com os desenhos dos "xinguanos" é facilmente explicável pelo fato dos guatós terem entrado em contacto com a civilização e os "xinguanos" com a civilização do Paranatinga, vide no capítulo XIII. (N. da T. — O autor, quando se refere à civilização aqui, diz cultura européia, "europäische Kultur").

(133) N. da T. — "Sagaia" — trata-se da "zagaia".

recusar tudo. Em Figueira o chefe Timóteo concedeu-me o favor de guardar no seu rancho as minhas coisas. Entretanto num povoado de Gaíba, êsse favor, apesar da chuva torrencial, me foi simplesmente negado. O estrangeiro não dorme no interior da casa do seu hospedeiro, mas diante da mesma e, conforme o costumê, deve ir procurar por si mesmo alimentos. Si é bastante ousado e trata de tomar parte nas refeições sem convite, não o interpelam por isso. Assim tomei parte nas mesmas para conhecer os diversos pratos. Para beber o "ts'its'a" os guatós saíam sempre sem me convidar, excepto o meu velho amigo Timóteo, de Figueira. Si me dirigia depois para o local, costumavam dizer que não havia mais bebida no orifício da palmeira. Mas, desde que galgava, apesar de tudo, o alto da árvore, verificava sempre que tal alegação não era verdadeira. O índio havia mentido

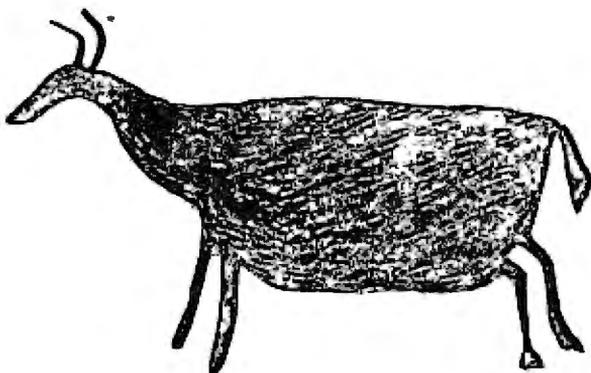


Fig. 148

Desenho guató, representando uma vaca, feito a carvão num tronco de árvore.

para poder beber sosinho a grande quantidade que ainda restava. Em todo o caso, ao tirar-lhe o canudo para beber a "ts'its'a", embora sem convite, êle não se importava com isso.

O que facilitava as minhas relações com os guatós, comparativamente com os indígenas do Xingú, era sobretudo a qualidade de serem honestos no sentido que nós, civilizados, damos à palavra. Jamais desapareceu qualquer das minhas coisas durante a minha permanência entre êles. Antes de continuar a viagem de Figueira em diante, confiara minha coleção etnográfica ao velho guató Timóteo e ao regressar, após algumas semanas, não faltava uma única peça. Do mesmo modo, pude confiar plenamente no menino guató, certo de que nunca iria avançar nos meus objetos sorrrateiramente.

De um modo geral os guatós davam a impressão de terem um caráter mais firme do que os outros índios com que me encontrei.

Conforme já referi, a caça do jaguar começa com uma flechada sobre o animal: êste enfurecido avança para o seu agressor que já o espera para lhe cravar a grande lança com ponta de ferro, sendo que antigamente essa ponta era de osso. Creio que para essa espécie de caça, tornam-se necessárias coragem e força iguais; poucos europeus encontrariam prazer em empregar semelhante método. A cada momento o índio guató está sujeito a um encontro com os jaguáres, tão comuns na sua região. Nem mesmo quando a mulher e filhos se dirigem aos depósitos de "ts'its'a", o índio podia deixá-los sós, acompanhando-os sempre com a lança ao ombro. Nem todos os aborígenes sulamericanos enfrentam tão resolutamente o jaguar, provocando-o o fato, relatado por José, meu companheiro de viagem, que os bacairís do rio Coliseu se haviam retirado de suas antigas habitações próximas desse rio, por ser aquela parte da região muito frequentada pelos jacarés.

A valentia do guató também se reflete na dimensão de suas armas, tão singulares entre as tribus sulamericanas, bem assim os objetos de uso. Observa-se, por exemplo, o tamanho dos remos, dos arcos e flechas, das vasilhas de barro e, de acordo com a nossa concepção, as gigantescas colheres dos homens. Veremos no capítulo seguinte como esse traço de energia, no caráter do homem guató, corresponde a uma tendência para o individualismo pronunciado. Não se poderá saber qual dos dois fatores é o primário, mas é certo que ambos influíram um no outro com o correr dos tempos.

Fortes cenas de ciúmes, mesmo entre parentes próximos, são comuns entre os guató¹³⁴, por outro lado os parentes inválidos e indefesos são tratados com uma dedicação sem par. Já relatei anteriormente que certa mãe alimentava o seu filho de três anos, mentecapto, derramando-lhe cuidadosamente o líquido, com uma colherzinha, dentro da boca. Encontrei por duas vezes pessoas inteiramente cegas nas habitações do lago de Uberaba, uma vez um homem e outra uma mulher. Ambas as vezes, vi êsses cegos rodeados de cuidados: O cego chegou até a ser levado para o meio dos bailarinos no cururú. Durante a dança o indivíduo, que estava na sua frente, estendia-lhe um abano de mosquitos, facilitando-lhe, assim, acompanhar os movimentos sem tropeçar. Em um dos povoados, ao pretender entrar em negociações com o anfitrião, veio de repente, um outro guató para servir de árbitro. Mais tarde notei que o guató com quem quis fechar o negócio não tinha a capacidade de fazer contas. Trataram, portanto, de o proteger contra alguma fraude possível. Além de tudo isso é preciso não esquecer o trabalho insano que deve dar um inválido, quando é preciso assisti-lo constantemente. Enquanto êsses aborígenes bebem a "ts'its'a", permanecendo mais tempo nos seus domicílios,

(134) V. pg. (145) — V. também Koslowsky: Tres semanas entre los Índios Guatós, p. 18. (Revista del Museo de La Plata 1895).

ainda é mais fácil, mas imagine-se o que representa tratar êsses doentes pelos longos meses a fio em que vivem nas canoas!

O índio guató mostra especial predileção pelas crianças, não só pelas suas, que, aliás, têm sempre junto de si, mas em geral, também pelas outras que não lhe pertencem. Assim como no rio Coliseu, nada conseguia tornar-me mais simpático do que presenteá-las, ou alegrá-las por uma série de artes que fazia para elas. Foi, portanto, uma prova elevada de confiança que o velho Timóteo me demonstrou ao deixar que eu levasse o filho Mequi como companheiro de viagem, e creio que devo essa confiança, sobretudo, à amizade que o rapazinho já mostrava por mim antes da partida.

Nota-se, já entre as crianças, que as mais velhas tratam cuidadosamente das menores, dedicando muito tempo a êsse trabalho. Mequi nunca foi capaz de se alimentar antes do pequenino João, de 5 anos, filho da nossa companheira Rosa.

A criançada brinca muito e com grande ruído; os rapazes já em idade púbere tomam também parte diversas vezes nesses folguedos.

CAPÍTULO XII

Condições de vida dos guatós em relação ao socialismo e ao individualismo

Não se pode mais estabelecer si existiu entre os guatós, antigamente, união mais íntima na vida em comum. Atualmente as relações recíprocas dos guatós, e grupos vizinhos, são muito frouxas, por conseguinte, pouco regulares.

Nada encontrei de que pudesse deduzir da existência de relações mais estreitas com as tribus vizinhas. Entre as tribus do Coliseu vi, por exemplo, grande parte de objetos obtidos alhures, mas os guatós só possuíam coisas originais suas. É justamente a falta de trocas de produtos com outras tribus, coisa que tem influido sempre no desenvolvimento da indústria aborígene, que faz com que a indústria guató seja tão pouco desenvolvida e tão monótona.

No que diz respeito à posição da tribo guató na formação do povo brasileiro e como unidade de população influenciada pela cultura européia, temos a distinguir, primeiro, a parte da população guató que vive numa comunidade limitada sobre um território já limitado por si mesmo; segundo, aqueles que são de vez em quando enviados para fora dessa unidade para entrar em contacto com os habitantes mistos da unidade de população brasileira. Diversas mulheres vivem propriamente fora da região guató em companhia de homens brasileiros. Nessas condições, encontrei em Bracinho três mulheres, em Amolar uma, e uma em S. José. Ha crianças guatós criadas por famílias brasileiras, como uma menina que encontrei em Corumbá. Finalmente, ha os que ficam até certa idade ao serviço de brasileiros, por dividas contraídas, o que os impede de voltar tão cedo à mata e se, acaso, regressam, a lembrança do mundo civilizado acaba atraíndo-os novamente. Nesse caso temos um filho de Timóteo. Esse processo de assimilação está roendo constantemente os fundamentos da tribo guató e não durará muito que, junto a outros fatores, tenha desaparecido a idéa de uma população guató, ainda que o minguado resto dá mesma se meta nos mais recônditos pontos da região lacustre do rio Paraguai.

Não se pode extrair dados das poucas datas históricas de que dispomos (V. P. 135 f.) sobre o modo por que a comunidade fechada dos guatós estabeleceu contacto com a sociedade brasileira, desde o tempo

em que os primeiros europeus penetraram aquelas paragens. Só conseguimos verificar certas forças que influíram, ora repelindo, ora atraíndo os guatós ao contacto com o círculo brasileiro.

Uma das forças que os repelia era certamente a varíola que grassou em diversas épocas nessa tribo. Assim, alguns anos atrás, quando apareceu a epidemia, os guatós não foram vistos durante muito tempo, conforme me informaram. Ainda no ano passado, a grande mortandade acarretada por essa doença fez com que muita gente de Caracará deixasse os seus domicílios.

Ha outros dois fatores contrários à anexação dessa tribo ao povo brasileiro, fatores êsses devidos às condições da provincia de Mato Grosso. Em primeiro lugar, o trabalhador que fica devendo ao seu patrão, só pode resgatar a divida com o próprio esforço, isto é, fica devendo sua pessoa. O guató que entre num contrato dêsse gênero dá-se mal porque não está habituado a trabalhar sempre e na época do tsitsa ou das grandes caçadas sente-se atraído ao seio da tribo. Deixa, então, o patrão, que fica, por sua vez, à sua procura. Mas o guató esconde-se. A êsse respeito, soube de um caso que me contaram: O habitante de um rancho daqueles havia desbravado boa parte de terras para plantar, mas teve que abandonar tudo por medo da gente do Acurizal, pois devia ao proprietário da mesma "fazenda" e sabia que iria ser tirado de seu lar à força.

A influência nociva de semelhante estado de coisas agrava-se pela circunstância de Acurizal situar-se na estrada que facilita o comércio entre a região guató e os brasileiros; por conseguinte a família a que me referi fica, por exemplo, isolada de qualquer comunicação com os brasileiros. A gente de Acurizal leva a coisa a tal ponto que todo o bareo que por ali passa é interpelado para dar satisfação do seu destino.

O segundo obstáculo evidenciava-se justamente durante a minha estada entre os guatós. Estavamos na época da revolução, quando se procedia ao recrutamento por toda a parte e a gente era obrigada a tomar as armas à força. Por isso mesmo não havia hipótese de um guató sair de seu esconderijo na mata. Ouví dizer de fonte relativamente verídica, que chegaram a caçar alguns dêsses índios encontrados numa canoa no alto Paraguai. E só escaparam por terem pulado dentro d'água e nadado até a margem oposta. E' evidente que tais circunstâncias dificultam a aproximação dos índios, pois despertalhes grande desconfiança.

Ha, também, dois fatores que permitem, de outro lado, ao guató entrar em contacto com o mundo civilizado. Primeiramente é habito enviar os filhos-homens, quando já crescidos, ao serviço dos brasileiros e trocar, então, êsses serviços por alimentos e utensílios.

O primeiro fator é importante, pois, dessa maneira, o guató aprende, na sua juventude, a língua brasileira, as dansas e as can-

ções, os usos e costumes do Brasil. Já referi atrás que os homens guatós com quem me encontrei dominavam, sem excepção, o idioma brasileiro. O guató ainda aprende a lavrar a terra assim como a tratar de cavalo, gado e outros animais domésticos úteis, mas o mais interessante em tudo isso é o fato de, quando regressa à casa paterna, êle nada aproveita dos conhecimentos adquiridos para empregá-los ali. O cavalo, a vaca e o porco ficam apenas em sua recordação, conforme o demonstram os desenhos na árvore (Figs. 147 e 148), mas para que precisa êle usar dessas novidades si a natureza lhe fornece o necessário sem maior esforço a despendê-lo?

Os principais alimentos e utensílios que o guató vai buscar ao

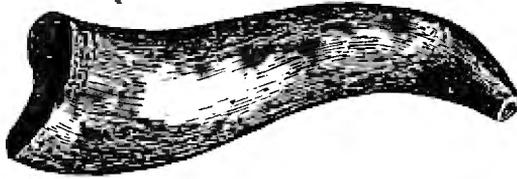


Fig. 149

Corneta de alarme dos guatós.

Mus. Etn. Berlim, V. B. 5009, 1/3 tam. nat.

meio brasileiro foram citados atrás. São principalmente: fumo, camisas, calças, panos de vestidos, tecido de mosquitoiro, faca e pontas de "zagaia". Êle compra êsses objetos com

o dinheiro que representam as suas peles, esteiras, bilhas de água etc. E afim de entrar na posse dos objetos desejados, os guatós procuram de tempos em tempos as povoações vizinhas em companhia de suas mulheres e crianças. Dessa maneira os moradores de Amolar conheciam a maior parte dos indígenas que encontrei em Figueira, Gaíba e Uberaba. Falando de modo abstrato, conclue-se que o guató participa de certa maneira no trabalho comum e na troca de valores do círculo social europeizado, mas êle só precisa dessa sociedade em virtude de uma parte mínima de suas necessidades.



Fig. 150 e 151 .

Instrumento de música e boneca de pano das crianças guatós.

Mus. Etn. Berlim, V. B. 5046 e V. B. 5038, 1/4 tam. nat.

Sabendo-se que as famílias guatós residem tão isoladas umas das outras, depreende-se que não se efetua entre essa tribo uma fusão social. Falta aqui completamente o principal elemento essencial que tanto concorre para a socialização das con-

dições de vida dos índios sulamericanos — a lavoura. Quaisquer atos comuns à tribo em geral não são compreendidos pelos guatós.

E' raro ver-se reunidos numa festa os três chefes de tribo autorizados pelo governo brasileiro, e nada pude saber que indicasse que tais festas fossem pretexto para tratarem de assuntos de interesse superior.

Não se pôde absolutamente ver qualquer distribuição de trabalho entre as famílias. Verifica-se o mais crasso individualismo no exemplo de Gaíba, onde duas famílias residindo juntas possuem cada uma os seus acurizais para a produção da ts'its'a.

As relações entre as famílias que residem tão afastadas, são, em geral, cordiais, pois em quasi toda a povoação guató encontrei indígenas visitantes durante maior e menor tempo. Esses visitantes (V. fig. 149) já de longe anunciam a sua chegada, através dos sons da corneta. Não pude nessas ocasiões observar quaisquer trocas de valores, parecendo que esas visitas têm mais um caráter psicológico do que econômico. A família do índio guató, com exceção dos poucos utensílios que obtêm do colono brasileiro, depende de si mesma: cada membro sabe suprir suas próprias necessidades.

Mas, no seio dessa família, ha uma distribuição regulamentada de tarefas: o confeccionamento ou a compra de alguns objetos é sempre trabalho do homem ao passo que outras atividades competem à mulher. As crianças, conforme o sexo, ficam ao serviço de seus pais. Os apetrechos para caça e pesca são preparados pelo homem, assim como a própria caça e pesca constituem seu privilégio. É ainda êle quem faz a comida. As mulheres ocupam-se exclusivamente em fabricar panelas e outras coisas de barro. Também fiam e tecem.

Assim vê-se que a maior parte do trabalho compete ao homem enquanto as mulheres, conforme pude observar, levam uma vida bas-

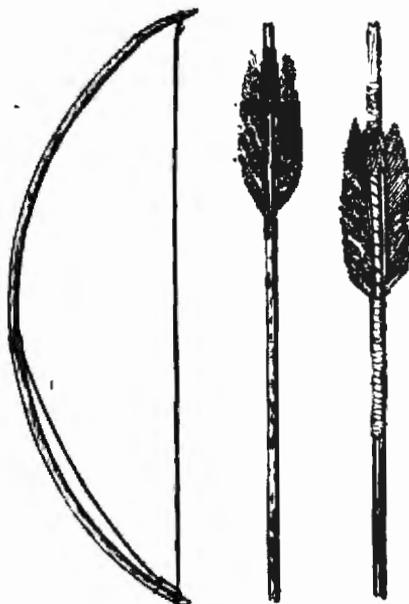


Fig. 152
Arcos infantís, guatós.

Fig. 153 e 154
Flechas das crianças guatós.
Mus. Etn. Berlim, V. B. 5025, 1/9
tam. nat.
Mus. Etn. Berlim, V. B. 5028 e 5031,
1/3 tam. nat.

tante ociosa. Entretanto, durante as viagens na canoa costumam auxiliar o homem na direção da mesma. Para isso, ela senta-se, como já disse, na parte de trás da canoa. Os trançados são executados por ambos os sexos.

As crianças tomam parte em todos os trabalhos, ativamente, o que prova toda a sorte de utensílios de pequenas dimensões e próprias para as crianças. Nêsse sentido encontra-se uma pequena e curiosa viola para brinquedo (v. fig. 150), que se assemelha em todos os detalhes à fig. 26, inclusivé na diferença de tamanhos. É interessante ainda a exatidão com que é imitado o método de se prender a



Fig. 155
Cuia guató. Brinquedo de criança.

Mus. Etn. Berlim,
V. B. 5044, 1/3
tam. nat.



Fig. 156
Chocalho de casca de abóbora, das crianças guatós.

Mus. Etn. Berlim,
V. B. 5037, 1/3
tam. nat.

cordinha do pequeno arco infantil na fig. 152. Pertencem a êsse pequeno arco as flechazinhas das figs. 153 e 154, que são feitas em parte por nervuras da folha do burití e em parte por um pequeno pau, cujas penas nos cabos são muito bem arranjadas. Resulta de tudo isso que a família forma a unidade que provê por si mesma, quasi todo o necessário à manutenção da vida do indivíduo, sendo que, parte pela distribuição de trabalho entre os diversos membros da família, parte pelo esforço geral.

CAPÍTULO XIII

Elementos sobre o direito entre os guatós

O exame científico das formas do direito na tribo guató chocasse necessariamente com as maiores dificuldades possíveis, devido ao estado de mistura, talvez metamorfose, que nela se verifica. Tratei anteriormente sobre as unidades de população de que faz parte a comunidade guató e respectivamente a que se está formando. Vimos como essa comunidade guató participa em alguns sentidos da unidade social formada pela população de influencia cultural européia. A essa participação social na população brasileira, corresponde também uma adaptação até certo grau do direito do índio guató à comunidade do direito brasileiro, tanto sob o aspecto do direito público como do civil.

Esboça-se, portanto, a questão: Até que ponto as formas determinadas do direito brasileiro influíram sobre os guatós, e até que ponto se encontra entre eles o direito aborígene em estado puro. Naturalmente que não se pode mais estabelecer indutivamente a transformação operada nesse direito aborígene pelo contacto entre os guatós e a legalidade brasileira, em vista da absoluta inexistência de dados que confirmem qualquer hipótese a respeito.

1.º) Comunidade legal e régimen dos caciques ¹³⁵

Um guató, que vinha da colina de Caracará e se achava em visita ao povoado do lago de Uberaba, forneceu-me uma imagem mais exata da forma de governo da povoação guató. Assim, segundo êle, a comunidade divide-se em três círculos de habitantes, chefiados cada um por um cacique. O primeiro abrange a gente das margens do alto Paraguái, o segundo os habitantes dos lagos Gaíba e Uberaba e a colina de Caracará e o terceiro os do baixo rio S. Lourenço. No momento achavam-se vagos os cargos de cacique do primeiro e segundo círculos, visto que os seus ocupantes haviam morrido vítimas da recente epidemia de varíola.

(135) V. minha conferencia: Os guatós, l.c. Pg. (87. 88).

Os chefes são nomeados pelo governo brasileiro, isto é, o governo nomeia os indivíduos que, segundo os guatós, se acham predestinados a tal missão. Contaram-me, outrossim, que tendo então morrido o chefe do primeiro círculo, a sua gente esperava que fosse nomeado um dos seus três filhos como sucessor, o que prova evidentemente que a escolha do governo leva em consideração as concepções de direito dos aborígenes. Agindo assim consegue da melhor maneira que a população guató se torne de direito público parte integrante na totalidade da população brasileira. Atualmente o guató reconhece na nomeação de um indivíduo predestinado pelo governo brasileiro um requisito necessário à qualidade de chefe de tribo.

Observa-se, também, que a concepção do guató em relação ao direito de sucessão do chefe é regida pela lei da hereditariedade masculina.

Segundo me disseram, era dever desses caciques reunir todos os moradores do seu círculo para uma grande festa em comum.

Ainda ha uns 20 anos atrás, a colina de Caracará, conforme informações dos colonos, foi o ponto de reunião geral dos guatós que ali apareciam todos de tempos em tempos. Aliás a influência desses chefes é precária. Em todo o caso uma testemunha de vista contou-me que ha 20 anos o seu poder fôra maior que atualmente: Naquela época havia em um lugarejo do rio S. Lourenço, denominado Madre Velha, um chefe de nome Lobo que tinha autoridade para arrancar a mulher de um dos guatós (no caso chamava-se o guató Dotsa) e dá-la ao seu irmão (Joaquim). Aconteceu, porém, que Dotsa tomou de nove a sua mulher ao irmão, matando-o algum tempo depois durante uma festa à "ts'its'a".

2.º — Direito executivo

Já dissemos que os guatós devem ser considerados como parte da totalidade do estado brasileiro. Mas é claro que não se pode falar em leis brasileiras aplicadas a êles como compensação às garantias que lhes oferece o governo brasileiro. As autoridades administrativas matogrosseuses não penetram nas relações privadas desses índios, ao passo que aos caciques nomeados falta, pelo menos atualmente, a necessária autoridade de poder executivo. As forças, que aqui se fazem sentir de modo a nem se poder mencionar execução de direitos, são encontradas em fonte bem diversa, isto é: *devem ser investigadas em menor parte no terreno econômico e na maior parte no terreno psicológico.*

E' justamente este último aspecto da filosofia do direito que foi o menos tratado na sua literatura. Reconhece-se a necessidade de uma força para se fazer cumprir uma lei. O que me parece pouco pratico e completamente inepto para a nossa concepção etnológico-filosófica é a limitação dessa força executiva que se impõe como uma força

exterior, agindo contra o indivíduo que infringe uma lei. A consequência pouco prática dessa determinação de conceito resulta do fato de não podermos assinalar com a expressão "artigo de lei" as normas que regem as relações de uma comunidade, quando elas estão firmemente fundadas que são seguidas sem exceção, de tal modo que chegam a excluir a necessidade de uma força sancionadora contra a violação. Enquanto não houver clareza também neste ponto, que é o fundamento geral da definição jurídica, haverá grande dificuldade no trabalho conjunto da etnologia com a jurisprudência, que, ultimamente, cada vez mais lhe vai estendendo a mão. A mim só me resta frisar essa circunstância e usar para o meu estudo etnológico da jurisprudência a minha própria definição de "artigo de lei" e "comunidade legal". Existem artigos de lei quando as relações entre os membros de uma comunidade de população se acham regulamentadas entre si. Desde então a comunidade de população torna-se comunidade legal, as relações transformam-se em relações de direito e as regras dessas relações, tornam-se os artigos de lei, isto é, as próprias leis¹³⁶.

De acordo com isso, entre os guatós, aquele que confeccionou um objeto qualquer já por si deve ser considerado como o proprietário do mesmo, visto que as relações dos guatós se acham de tal modo regulamentadas, que o indivíduo que produz, dispõe do seu produto, sendo respeitado pelos outros. É evidente que a existência da lei: "O produtor de um objeto é proprietário do mesmo" se destaca muito mais no caso em que uma outra pessoa perturba ou infringe o direito de dispor ou de transferir do proprietário, visto que essa interferência terá como consequência a reação do proprietário que está com o direito, embora a lei propriamente não seja criada entre os guatós para regular um fato consumado. A força que age para a execução do direito é, antes de mais nada, o instinto psicológico de um indivíduo que se firma nas relações amigáveis e recíprocas dentro de um círculo de outros indivíduos. Assisti um caso em Figueira onde João ao brigar com o seu irmão Timóteo prejudicava propositalmente o acurizal deste, decepando as longas folhas que pendem da palmeira e de que se servem os índios para galgá-la. O resultado disso foi que Timóteo ficou muito enraivecido com êsse atentado aos seus direitos, de tal maneira que o irmão precisou deixar Figueira em compainha de toda sua família, inclusive sua mãe. É coisa que se percebe logo, que a perturbação do equilíbrio no seio de um círculo mais estreito de membros, como esse, em que os indivíduos estão habituados a relações constantes entre si, realizando festividades gerais, etc. traz imediatamente um sentimento de mal-estar. Êsse mal-estar entre as pessoas que participam de uma violação de direitos aparecerá sempre, desde que surja um caso idên-

(136) Vide meu trabalho: "Ueber das Recht der Tropischen Naturvoelker Suedamerikas", Zeitschrift fuer vergleichende Rechtswissenschaften "Sobre o Direito dos Povos Primitivos residentes nos Trópicos Sulamericanos", Revista de Direito Comparado.

tico em que o instiuto leva a uma nova infração por parte de uma força contrária.

Depois pouco faltará para que isso se verifique, principalmente quando o grupo de pessoas, que rodeia os elementos diretamente envolvidos na violação da lei, participa na solução do conflito assim criado. Eu fui testemunha do caso em Figueira, quando João atirara Timóteo no chão com uma paulada na cabeça. Depois disso hâvia-se afastado, mas voltou logo munido de arcos e flechas e faca de campo, afim de completar a morte de seu irmão. A reação de Timóteo também foi clamar por vingança. Observa-se, outrossim, que um fratricídio impetrado aqui teria provocado o sentimento de pena nos parentes proximos que assistiam à cena. Desse modo, estes trataram de interferir, principalmente as mulheres. A filha de João procurou suavizar a cólera de Timóteo, alegando que seu pai havia agido assim em estado de embriaguês. A mãe dos dois irmãos mandou dizer-nos ocultamente que João se achava armado e voltava para matar Timóteo, pedindo-nos que evitassemos tal coisa. A consequência de tudo isso foi que o crime não se verificou, porque várias mulheres entraram em entendimentos com João, demovendo-o do intento e obrigando-o a entregar-lhes as armas.

3.º — Direito de Família

Os guatós que eu conheci viviam em regime monogâmico. Castelnau e outros afirmaram que um chefe de família possuía várias mulheres, e isso é confirmado pelo que me contaram vários colóns antigos da região que conheciam as condições de vida mais remotas dos guatós.

Koslowsky (a. a. O. S. 13 — 14) poude colher interessantes informações de que o marido, no caso em que a esposa não lhe dá filhos, tem o direito de abandoná-la e casar com a sua irmã mais moça, o que se dá também, em caso de morte da primeira. Koslowsky cita ainda um fato em que um índio guató chegou a casar com várias irmãs, sendo que somente a caçula lhe proporecionara uma prole, sendo, por isso, conservada por êle.

De acordo com as designações de parentesco, podemos assinalar o seguinte:

O irmão mais velho é distinguido do irmão mais moço, por uma designação especial.

A palavra para primo mais velho sôa identicamente á palavra que designa irmão mais velho, e a de primo mais moço à de irmão mais moço.

O irmão de pai distingue-se por um nome especial do irmão de mãe. Entretanto irmã de pai não se distingue de irmã de mãe.

E' interessante a relação que ha entre o irmão de pai com o pai e o irmão de mãe com a mãe. Ambas as vezes a segunda palavra resulta da duplicação da primeira:

| | | |
|------|---|--------------|
| pã | — | irmão de pai |
| bápa | — | pai |
| mẽ | — | irmão de mãe |
| mêmé | — | mãe |

4.º — Direito de Propriedade

No que diz respeito ao direito de propriedade, encontramos entre os guatós quasi que exclusivamente a propriedade individual. Já me referí atrás que no lago de Gaíba, onde moravam duas familias juntas, havia entretanto um acurizal pertencente a ambas. Em Figueira, Timóteo possuía um acurizal, ao passo que o seu irmão, morando a cinco minutos de distância, com a mãe de ambos, não dispunha do mesmo.

Até mesmo a propriedade infantil é reconhecida e respeitada pelos proprios pais. Assim, Timóteo não me quiz vender a esteira de dormir pertencente ao seu filho de dez ou onze anos de idade, sem prévio consentimento deste. Dizia "pertence a meu filho".

Certos utensílios como vasilhas de barro e apetrechos de fiar e tecer são de propriedade feminina e o homem não os cede sem indagar primeiro à mulher.

Considera-se propriedade a conquista de coisas sem dono como a caça do animal, a pesca de peixes úteis, a criação e domesticação de animais selvagens e, finalmente, a colheita de frutas do mato.

Outra razão para se considerar propriedade é a confecção própria de um objéto. Assim, já me referi a que as mulheres têm o direito às suas produções em barro. O construtor de uma canôa é proprietário dela. Aquele que prepara um acurizal para a bebida da tehitcha é proprietário do mesmo, etc.

A transferênça de propriedade também é razão para assegurar-lá. Essa transferênça pode realizar-se por troca ou compra ou mesmo por presente.

CAPÍTULO XIII-A

Infiltração da cultura européia nas cabeceiras xinguenses

UMA das principais dificuldades com que a etnologia luta constantemente no estudo dos aborígenes, especialmente no que diz respeito à explicação do material enviado de fóra aos nossos museus, está no problema de se saber até que ponto estamos diante de produções aborígenes de determinada tribo ou, por outro lado, até que ponto essa cultura que encontramos já se acha imbuída do ar europeu, principalmente através dos nossos viajantes. Seria fácil decidir si as influências européias se transferem diretamente; si, por exemplo, a chita, as contas, as ferrarias européias ou imagens bíblicas são encontradas entre os indígenas, que as receberam de comerciantes ou missionários europeus, apropriando-se delas. Com isso, porém, não esgotamos de modo algum o assunto. Mesmo nos casos em que um objeto indígena qualquer não traga a marca européia, mesmo ali onde não se manifesta um modo de pensar europeu, ainda pode muito bem ser que esse utensílio ou determinado modo de pensar só se tornou “existente” em consequência do contacto com a cultura européia, que é para o selvagem tão singular. Em toda a parte em que duas ou mais culturas heterogêneas se chocam, êsse contacto provocará sempre uma certa influência e, conforme a espécie ou antes a força do choque, essa influência se mostrará variada. Si uma civilização como a européia atua de repente e com demasiado ímpeto, sobre uma outra, diferente dela, que não atingiu ainda um grau tão elevado de desenvolvimento, é certo que a cultura européia exercerá influência mais ou menos aniquiladora sobre ela. Os representantes desta última perdem os seus valores culturais em virtude da diversidade de seus bens, sendo duvidoso que consigam sair do nada para atingir o mesmo grau de cultura da que deles se aproxima sem prévia adaptação.

Infelizmente estudou-se muito pouco o problema da penetração dos primeiros elementos de origem européia nas regiões indígenas e, por conseguinte, a maneira por que se verificou essa influência ao primeiro contacto de tais culturas com a civilização européia, e assim, a êsse respeito, todo o material histórico necessário permanece em trevas.

Seriam também interessantes as elucidações que se fariam a respeito também da maneira prática de tratar os índios por parte

dos europeus que entre êles se introduziram. Isso nos teria fornecido dados para uma pesquisa de finalidades bem determinadas, no continente americano, ao tempo da primeira aproximação com a cultura européia, em que culturas tão heterogêneas se entrecrocaram como é raro encontrar na história da humanidade.

Atualmente é difícil conseguir encontrar qualquer unidade de população que não tenha sofrido a influência cultural européia, que se tenha conservado bastante pura para constituir campo propício à observação dos efeitos que causam esse primeiro contacto com a civilização européia.

Um desses raros povoamentos humanos era constituído pelas diversas tribus das cabeceiras xinguenses, quando foram surpreendidas pelos elementos das duas expedições-v. d. Steinen.

Como é possível estabelecer, com toda a segurança histórica, os outros pequenos pontos de contacto que êsses índios ainda tiveram com a civilização até a época da minha própria expedição, julgo oportuno fazer a seguir uma investigação mais minuciosa sobre os efeitos da primeira penetração de valores culturais europeus, isto é das suas desvantagens de ordem cultural, nessas tribus de índios.

No que concerne às circunstâncias especiais, que fizeram com que êsses índios permanecessem no território em que nasce o rio Xingú até o ano de 1884, que é o ano em que foram encontrados pela primeira vez pela primeira expedição-v. d. Steinen e que se tivessem mantido livres de qualquer contacto com a cultura européia, creio que devem ser atribuídas antes de mais nada à posição geográfica da região e também às relações dessa tribo com as suas tribus vizinhas.

O difícil acesso às cabeceiras xinguenses é bem conhecido através da história que relata a exploração desse rio. Como, devido às fortes correntes do alto Xingú, a penetração não é muito possível pelo lado da região amazônica, o único meio de comunicação para ali é a estrada rural que vai de Cuiabá, passando pela bifurcação das águas, que fica entre a bacia do La Plata em direção sul e a bacia do Amazonas, em direção norte. Essa estrada, que atravessei com a minha tropa de bois, caminhando uns 40 dias, oferece tantos obstáculos, que até hoje os matogrossenses se apavoram diante da idéia de estender as suas explorações em busca de borracha até essa região.

Dessa maneira, a própria natureza zelou pela absoluta solidão dos indígenas nas cabeceiras xinguenses.

Por outro lado, devemos considerar que a natureza não poderia ter impedido que êsses índios estendessem as suas características até o território de cultura europeizada, promovendo assim espontaneamente o seu contacto com ela. O índio xinguese faz hoje em dia o

caminho que vai do alto Coliseu até o Paranatinga em quatro dias, levando ainda as suas provisões nas costas. Deve ter havido, portanto, outra razão que impediu a êsses habitantes das selvas se mantivessem no seu estreito círculo. A razão é a vizinhança das tribus inimigas.

Todo aquele, que já teve a oportunidade de viajar por essa região, terá gravado fundo na memória a impressão que causava só a pronúncia dos nomes caiabí e suiá. Os temidos suiás fecham-lhes o caminho norte para o alto Xingú, enquanto os velhos inimigos hereditários dos bacairís, os caiabís, habitam o território que fica entre os rios da cabeceira xinguense e o Paranatinga. Portanto, sendo evidentemente mais fortes que os bacairís ao tempo da 1.^a expedição, ofereciam pesado obstáculo às relações eventuais dos bacairís com os seus irmãos de tribo europeizados do rio Paranatinga.

Estavam as coisas nêsse pé, quando, em 1884, por ocasião da primeira expedição de v. d. Steinen, o bacairí Antônio, da aldeia do Paranatinga, se avistou pela primeira vez com os seus irmãos de tribo nas cabeceiras xinguenses. Antônio aproveitou sua experiência durante essa expedição para, no ano de 1886, juntamente com o chefe de aldeamento Felipe, intentar por conta própria uma nova visita aos seus irmãos das cabeceiras e foi possível fazer com que alguns dêles se deixassem conduzir ao Paranatinga, sob o pretexto de retribuirem a visita. A segunda expedição v. d. Stein conseguiu, então, tornar conhecidos aos bacairís paranatinguenses os seus irmãos do Coliseu. Seguiram-se depois as duas expedições — do Dr. Hermann Meyer e dos cinco americanos, infelizmente desaparecida. Entrementes, Antônio, que se tornara cacique do aldeamento do Paranatinga, de novo viajou ao território xinguense em companhia do seu enteado José e, finalmente, em 1901, eu mesmo empreendi minha expedição ao Coliseu, que é o terceiro afluente, na cabeceira, da esquerda para a direita. Todas essas viagens tiveram o efeito de entabular relações constantes entre os índios do Paranatinga e os das cabeceiras xinguenses. Mas, antes disso, Antônio e os seus homens, de posse de algumas boas armas que puderam obter durante as expedições européas, dominaram os caiabís, garantindo de certo modo o caminho. E' justamente por terem sido essas comunicações, entre o Paranatinga e o Coliseu, protegidas contra os caiabís, graças à primeira expedição ao Xingú, que se deve ligar grande importância histórica a tais tribus. O que os europeus trouxeram aos índios, em novas impressões diretas, não tem certamente tanta significação no desenvolvimento da cultura aborígene, quanto as relações duradouras que se estabeleceram entre os selvagens e os seus irmãos europeizados do Paranatinga.

Uma impressão um tanto profunda deve ter causado aos índios do Coliseu o primeiro contacto com os europeus, que denominam de

“caraibas”, o que pude observar na agitação geral de que, ainda no meu tempo, se sentiam possuídos toda a vez que sabiam da minha vinda, quer os indivíduos de uma canoa, quer os habitantes de um lugar qualquer. Essa gente, que vivia em tão limitado horizonte, experimentava então a sensação de que novamente havia oportunidade de ver ou aprender algo de novo, e de adquirir, se fosse possível, outras raridades. Com efeito o que eu trazia não eram lá surpresas tão grandes quanto os objetos trazidos em 1887. Os machados de aço, as camisas e os fósforos tinham perdido o brilho, devido ao uso constante que fazíamos deles, mas eram exigidos como objetos de alto valor e reclamavam: “machado”, “camisa”, “fósforos”. As armas de fogo do homem branco ainda causavam respeito ou medo, mas não espantavam como coisa sobrenatural, sendo que ao sermos recebidos pediam até que déssemos um tiro de salva. Os índios, que me apreciavam, principalmente as índias, regorgitavam de grossas cadeias de contas européias e como não era possível usar todas elas no pescoço, colocavam-nas como echarpes sobre um dos ombros ou sobre ambos, de modo que a minha modesta provisão de missangas sofreu uma cotação muito por baixo em relação aos tempos antigos. A única coisa que ainda surtia efeito sobre êles, como novidade, era a música.

E’ natural que expedições como as realizadas ao Xingú também apresentem os seus inconvenientes na história da região. Assim, originou-se um estado de coisas muito tenso entre os bacairís residentes na maioria no alto Coliseu e as tribus situadas mais abaixo, pois estas invejavam àqueles por lhes ter cabido a maior parte dos tesouros trazidos pelos europeus, cuja posse dava aos bacairís maior realce. Parece que essa inveja é que motivou o assassinio por parte dos bacairís de Maigerí do chefe Tumaiaua, pouco antes da minha chegada; êsse chefe tinha servido muito aos membros das expedições alemãs. Mas, de um modo geral, a tranquila passagem das chamadas expedições alemãs pouco influiu nas relações exteriores dos índios, assim também o assassinio dos cinco norte-americanos pelos suiás não teve maiores consequências, visto que todos eles foram mortos simultaneamente e não apareceu depois disso nenhum vingador. Assim, os índios do Coliseu puderam, depois do contacto europeu, continuar ali a sua vida como até então. As instituições sociais, as concepções de direito, as formas econômicas, os usos e costumes eram no meu tempo, os mesmos que os anteriores. Com isso podiam êles tirar o melhor proveito dos novos objetos e das novas habilidades adquiridos com os seus irmãos europeizados do Paranatinga, sem que precisassem abrir mão, ou antes, conservando plenamente os seus bens culturais.

O melhor exemplo para provar o quanto é benéfico um tal aproveitamento de valores culturais alheios, conservando ao mesmo tempo o estado cultural originario do aborígene, me foi fornecido pelos bacairís do segundo aldeamento, onde permaneci umas duas sema-

nas. Até o momento do contacto europeu êsses índios lavraram os seus campos exclusivamente com os seus machados de pedra. Somente quando se conhece a maneira habil com que êsses indígenas sabem aproveitar ao máximo as forças naturais é que se pode compreender como é que conseguem, por meio de recursos tão precários, abater as vastas extensões de floresta, numa sequênciã perfeitamente regular.

No método seguido por êles apenas uma árvore bem forte é abatida com a acha. As outras recebem uns cortes em determinada direção, de modo que ao cair a maior leva consigo as menores, sendo que a queda de uma árvore de uma vez só abre uma clareira bem grande na mata virgem. Como êsse sistema ainda persiste entre os bacairis, ao tempo em que já possuem muitos machados de aço, o resultado que obtêm é ainda maior, pois o método prático auxiliado pela ferramenta de aço aumenta as probabilidades, muito mais do que si tivessem adotado métodos diferentes

Chegamos agora à questão mais importante que é a essência da penetraçã o de uma nova cultura, isto é, que trata da difusão de concepções e ideologias estrangeiras por entre os índios e principalmente do que isso representa em relação aos costumes e usos estranhos. De novo eu gostaria de tomar aqui o meu ponto de partida através dos fatos históricos.

Como nenhum de nós, os europeus que procuramos as cabeceiras do rio Xingú, conheciamos as línguas indígenas, certamente que a transferência de concepções e idéias européias por parte dos expedicionários foi muito superficial. Trata-se naturalmente só das relações estabelecidas pelas referidas expedições entre os índios europeizados do Paranatinga e os seus companheiros de tribu das cabeceiras xinguanenses.

Já salientamos que no ano de 1886 vieram os primeiros bacairis residentes no rio Batoví em visita à aldeia do Paranatinga. Essas visitas foram se tornando frequentes e um certo número de indivíduos das cabeceiras, os chamados "xinguanos", estabeleceram-se entre os seus irmãos de tribu europeizados. Ao tempo da minha estada no aldeamento do Paranatinga, pude contar 15 homens e outras tantas mulheres e algumas crianças, todos xinguanos. Geralmente costumam as mulheres vir um pouco mais tarde que os respectivos maridos. Assim, o enteado do chefe Antônio, José, fôra buscar sua mulher no Coliseu e, por ter êle os cunhados na 2.^a aldeia bacairí, ali permaneceu radicado. Chico, o xingvano que me acompanhou a partir do Paranatinga, também aproveitou a sua estada na segunda aldeia, seu lugar de origem, para ali casar-se, muito embora não pudesse na ocasião levar a mulher imediatamente consigo. Pretendia vir buscá-la brevemente. Muitos dos xinguanos que se achavam no Paranatinga eram esperados no Coliseu, em visita, quando eu lá estava. Conforme

já expús, à minha chegada foram-me concedidas as primeiras honras do lugar por um índio que havia vivido longo tempo no Paranatinga, vestido com calça e camisa e considerado como a pessoa mais adequada para me receber.

De acordo com todos êsses fatos podemos afirmar que o comércio entre os bacairís paranatinguenses e os do Coliseu é muito animado e suas relações são estreitas, exercendo, em vários sentidos, um efeito intenso, primeiro sobre os bacairís residentes no Coliseu e indiretamente sobre as suas tribus vizinhas, devido ao contacto com os bacairís do Paranatinga. E tanto mais forte é êsse efeito, quanto não é unilateral, e sim recíproco.

A cultura originária dos índios do Paranatinga tão fortemente europeizada retomou, entretanto, desde o contacto com os irmãos de tribo do Coliseu, muitos dos velhos usos indígenas. Vimos, assim, que a grande habitação de José mostra frisos de parêde legitimamente aborígenes (P. 32). Antônio passou a dançar à sua moda antiga, com a parte superior do corpo toda pintada. Pretendiam, outrossím, por causa dos muitos casos de doença no Paranatinga, mandar buscar um curandeiro do segundo aldeamento do Coliseu para que se desse à velha prática de sugar a raíz de uma planta do ventre de um dos doentes e porque se estabelecesse ali. Certamente que a cultura europeizada dos índios paranatinguenses se opôs a êsses hábitos, aos quais certamente não emprestavam mais a antiga fé, fortemente imbuídos, como estavam, das concepções civilizadoras. Assim, os velhos aborígenes da aldeia do Paranatinga procuravam explicar-me os cantos e as dansas realizados pelos xinguanos nessa aldeia, dizendo que a gente estava a cantar para os "deuses". De outra feita, declararam-me que era "coisa atoa", isto é, que nada significa, seu conteúdo é bobagem.

E' justamente pelo fato dos índios europeizados do Paranatinga terem retomado os antigos usos e concepções aborígenes; mas dentro dos limites que a sua capacidade assim adquirida lhe permite, que se nota, por outro lado, uma grande influência desta na concepção dos índios do Xingú, inclusive sôbre a sua maneira de encarar os próprios costumes. Mesmo que encontrassem uma explicação singela, trivial para algumas das suas práticas, para as suas dansas e cantos, contudo, adeririam em breve às explicações "*mais certas*" dos seus irmãos de tribo, que reputam mais sagazes, do Paranatinga, principalmente quando a gente lhes faz perguntas a êsse respeito. E quando chegasse o tempo em que os índios do Coliseu tivessem progredido a tal ponto, em matéria de europeização, fôsse possível um entendimento mais próximo com o pesquisador que por ali passa, de tal forma que êste consiga deduzir de suas explicações as suas próprias concepções, o sentido de suas dansas e cantos — quando chegar

êsse tempo essas próprias explicações já de há muito deixaram de ser primitivas. Elas não serão, então, nem o produto de concepções puramente européias, nem o de uma mentalidade puramente indígena, mas um resultado misto de equívocos recíprocos, provenientes de ambos.

Verificamos na fig. 157 desenhos executados pelos índios Benedito e Augustino, que vieram do Batoví para o Paranatinga, onde moraram algum tempo. Observa-se que no contacto de várias culturas o efeito da nova concepção e da nova capacidade de apreensão precede justamente à linguagem e aos outros valores de cultura. Tanto Antônio como Augustino mal falavam e compreendiam algumas palavras portuguesas, aliás possuíam calça e camisa, mas conduziam-se como legítimos índios xinguanes.

As primeiras três figuras humanas são de Benedito, as outras, de animais pertencentes a Augustino.

A figura humana do centro, que é uma índia de pé, com um colar de missangas no peito e com ulurí (cêrca de $\frac{3}{5}$ partes do original) Benedito desenhou a lapis no meu caderno de notas. A figura masculina à esquerda e a feminina à direita, sentada, foram desenhadas por êle em cima de um remo, que tinha construído para o meu companheiro André no nosso porto de embarque.

As figuras de animais, Augustino também as desenhara a lapis sobre um remo que havia confeccionado para mim, para a nossa viagem de canoa. Êsses desenhos foram exatamente reproduzidos por mim em meu caderno de notas.

A diferença ininteressante entre êsses desenhos e os dos índios, que nunca estiveram no Paranatinga, reside desde logo na diferença do próprio objeto, que serviu de representação para as figuras nas pás dos remos. Não se trata mais de modelos geométricos usados nos merechus ou nos ulurís ou coisas semelhantes, desenhos meramente ornamentais, mas trata-se aqui de demonstrações tiradas da natureza. A figura masculina no remo do Benedito representa a mim mesmo, segundo êle, havendo-me representado numa atitude especial. Afim de alcançar o lugar onde as minhas canoas foram construídas de uma cortiça de jatobá, foi preciso atravessar a cada instante um novo braço de rio, cujas águas me chegavam mais ou menos até o pescoço. Uma escarpa íngreme e lamacenta levava à superfície d'água. Quando na manhã seguinte em que Benedito desenhava no remo, pretendi atravessar êsse rio, fui até ao declive, naturalmente sem roupas, supérfluas, atingindo as águas em muito menos tempo do que desejava, porque acabei escorregando declive abaixo, o que causou muito riso aos índios. Êsse quadro deu motivo a que Benedito, que tinha sempre umas brincadeiras loucas na cabeça, me pintasse daquela maneira. A terceira figura que é a índia sentada representava, segundo

êle, a minha mulher lá na pátria, que não podia deixar de existir segundo a sua maneira de ver, uma vez que eu tinha idade para isso.

No que diz respeito às figuras de Augustino, quatro são animais domésticos, que naturalmente não existem nas cabeceiras xinguenses. A primeira é um boi com rabo e chifres característicos, a segunda é



Fig. 157

Desenhos dos "xinguanos" Benedito e Augustino.

um porco e os primeiros dois da série inferior representam dois cavalos. São muito características a crina e a cauda do segundo cavalo. Além disso cada um dêles é provido de "cabresto".

Dos outros animais vemos um pássaro que representa um tuiuiú, um quadrúpede, um animal pendurado que representa um macaco e o último um veado. As pernas traseiras do veado, que a princípio ficaram muito compridas, foram corrigidas depois pelo "artista".

O que distingue êsses desenhos da maneira de desenhar não influenciada dos índios xinguenses é o sentido naturalístico muito mais convincente. Chegam mesmo a distinguir lados e perspectiva. A musculatura das pernas é destacada, a barriga da perna e a pata são notadas. Os traços aqui não servem apenas, como nos desenhos não influenciados, para gravar os pontos característicos do objeto dado a conhecer, mas reproduzem-se exatamente como deve aparecer diante dos olhos, como imagem.

Essa maneira de debuxar dos xinguanos, que se encontra nesse estado de metamorfose, mostra uma semelhança notável com os desenhos dos guatós mais atrás (P. 253), que representam, também, modelo que trai as impressões recebidas no seio dos colônos europeizados. A semelhança com os desenhos guatós é muito maior do que a porventura existente com os dos companheiros de tribo que não estiveram no Paranatinga (vide mais adiante). Os guatós também desenharam um boi, um cavalo e um porco, o que também denota uma representação naturalística análoga.

Não se poderia atribuir isso a uma mesma razão, ao contrário do que se admite comumente.

Assim como se verifica aqui a maneira semelhante de desenhar em dois povos, inteiramente diversos entre si, mas em contacto com uma cultura européia, comum a ambos, não se poderia, também em outros casos em que se encontra uma identidade notável, sob vários pontos de vista, em povos diferentes, atribuí-la a uma mesma razão, coisa, aliás que não se admite comumente? E' justamente pela analogia muito frequente dos mitos que êsse ponto de vista é de muito alcance, pois os mitos pela sua natureza só são recebidos por indivíduos que se aproximaram tanto da cultura europeizada que se torna possível um entendimento mais íntimo. Eu não pretendo resolver aqui êste problema, somente destacá-lo como tal, pois não há absolutamente o necessário material para poder resolvê-lo decisivamente. Apenas se pode afirmar que ali onde os índios já representam, por exemplo, bois ou cavalos ou, como acontece entre os índios dos campos norte-americanos que já estampam nas suas bonitas peles de búfalo as suas armas de fogo, os próprios desenhistas já não sabem dar explicações sinceras, e muito menos os seus descendentes, sobre a origem dêsses desenhos.

Verifica-se como se processa rapidamente essa influência indireta de uma concepção estranha, de uma apreensão diferente das coisas, quando se observa principalmente as modificações processadas nos habitantes xinguenses que ainda não foram pessoalmente ao Paranatinga, mas que já receberam as novas impressões através dos seus com-

panheiros de tribo que de lá voltaram. Essa transformação se nota muito na ornamentação. Embora eu a atribua a contra-gosto a essa influência estrangeira, duas interessantes peças da minha coleção, isto



Fig. 158

Pau de vibrar (ou zunidor) representando uma figura humana, dos bacairis.

Mus. Etn. Berlim, V. B. 5230, 2/5 tam. nat.



Fig. 159

Pá de virar beijús, pintada com figuras de atiradores.

Mus. Etn. Berlim, V. B. 5181, 2/5 tam. nat.

é, o pau de vibrar (?) na forma de uma figura humana, sôbre a qual ainda se acha pintada uma figura igual, com fuligem (Fig. 158) e a pá de virar beijús (Fig. 159), na qual estão estampadas, entre o conhecido padrão do ulurí, quatro figuras humanas prontas para atirar

(talvez com arco e flecha), estou convencido de que peças iguais a essas de representação naturalística não teriam sido encontradas ao tempo da expedição de v. d. Steinen.

Na canção anotada por mim, isto é, no “huganotile” dos bacairís do segundo aldeamento do Coliseu (vide mais adiante), que era cantada após o desbravar da mata, já encontramos a palavra “Cuiabá” (no sentido de “capital dos brancos”), revelando, assim, a idéia de um lugar muito distante.

CAPÍTULO XIV

Trançados; o ornamento inspirado no trançado na região - das cabeceiras xinguenses

Já no meu trabalho "Ableitung Suedamerikanischer Geflechtmuster aus der Technik des Flechtens"¹³⁷ (Modelos de trançados sul-americanos derivados da técnica do trançar) tive várias oportunidades de referir-me aos trançados dos índios das cabeceiras do rio Xingú. Do mesmo modo salientei numa publicação feita no "Globus"¹³⁸ alguns pontos de vista que se referem em geral às relações que se podem estabelecer entre os trançados e o estudo do ornamento.

Ao discorrer atrás, minuciosamente, sobre os trançados dos guató, ¹³⁹ só tive ocasião de referir dois dos três grupos principais dos trançados sul-americanos por mim investigados,¹⁴⁰ sendo que dêsse primeiro grupo, isto é, dos trançados de folha de palmeira só mencionei a primeira sub-espécie, que designei por trançados de folha pinulada. Ao contrário disso, nas cabeceiras do Xingú todas essas três espécies se manifestam, e, com respeito ao primeiro grupo, isto é, dos trançados de folha de palmeira, nota-se quasi que exclusivamente a segunda sub-espécie que, diante dos "trançados de folha pinulada", eu classificaria como "trançados de folha flabeliforme". A não ser alguns "discos" usados na cabeça, *primitivamente trabalhados*, só aparecem trançados de folha pinulada entre os suiás e os trumaís que, ao que parece, penetraram relativamente muito tarde nessas regiões.

Além do material por mim trazido, foi oferecida ao nosso museu a rica coleção de trançados de que trato a seguir e que veio daquelas paragens juntamente com as coleções de v. d. Steinen e de Meyer.

I.º Grupo Principal: Trançados em folha de palmeira

A) Trançados de folha pinulada

Já salientei atrás que os trançados de folha pinulada das cabeceiras xinguenses, exceptuando-se alguns discos usados na cabeça, pri-

(137) V. "Zeitschrift fuer Ethnologie" (Revista de Etnologia) Cad. 3 e 4, 1904, pg. 490 ff.

(138) V. "Globus" vol. 86, N. 7, 1904, P. 119 ff.: "Aus den Ergebnissen meiner Expedition in das Schinguquelgebiet" (Resultados da minha expedição à região das cabeceiras do rio Xingú).

(139) V. atrás, pg. 172 ff.

(140) V. "Ableitung Suedamerikanischer Geflechtmuster etc.", pg. 492.

mitivamente trabalhados só são conhecidos pelos suiás e os trumais. Dos dois exemplares, que possuímos na coleção berlinense, o primeiro, (V. B. 1651) vem dos suiás e foi obtido por ocasião da primeira viagem ao rio Xingú, feita por v. d. Steinen. E' pequena a diferença com que o cesto, em que as duas nervuras de onde saem as folhas pinuladas e formam um dos lados do cesto se distingue do tipo de cesto dos índios guatós¹⁴¹. Apenas falta ao cesto suiá a asa que se encontra no dos guatós, sendo que a trança que termina na nervura do lado oposto mostra uma diferença pequena. Os folíolos que correm para êsse lado são trançados, de acôrdo com a fig. 112, de dois em dois em tranças que correm para direções opostas, isto é, a de baixo corre de cima para baixo e a de cima de baixo para cima. A diferença está apenas em que a trança que vem de cima para baixo não termina em baixo numa cauda, à vontade, conforme se vê nas figs. 111 e 114, mas é apanhada pela trança que vai de baixo para cima. Outra diferença consiste no detalhe em que a nervura interna serve ao mesmo tempo para fortificar a extremidade superior do cesto.

O trançado é feito de maneira que dois folíolos de um grupo são atravessados por cada folíolo de outro grupo; portanto, é um trançado de duas malhas. O padrão listado, que se forma pelas malhas correndo em linhas numa mesma direção, mostra-se naturalmente paralelo à nervura, de cima para baixo, enquanto os folíolos seguem diagonalmente.

O segundo exemplar de trançado em folíolos (V. B. 4229), pertencente à coleção Meyer, vem dos trumais. Êsse cesto corresponde completamente aos cestos guatós com a nervura na margem superior, descritos na pag. 180 ff. Duas nervuras correm uma sôbre a outra, formando a margem superior e da qual partem os folíolos. O trançado é de malha dupla e as listas são horizontais, correspondendo à posição da nervura. O refôrço na extremidade inferior é feito por dois trançados em direções opostas, conforme o esquema da fig. 112.

B) Trançados de folhas flabeliformes¹⁴²

Já em outro trabalho¹⁴³ fizemos notar a importância que assume o problema dos métodos de trançar em relação ao estudo do ornamento sul-americano e ainda mostraremos a seguir, com mais detalhes, como quasi toda a ornamentação, especialmente a dos índios das cabeceiras, se baseia no desenvolvimento dessa espécie de trançados.

Vimos, também, quando tratamos dos trançados pinulados dos guatós, que a base de qualquer modelo puro de trançado consiste em

(141) V. pg. 151 ff.

(142) V. meu trabalho "Ableitung Suedamerikanischer Geflechtmuster", P. 499 ff.

(143) Ebenda, P. 502.

listas, que se formam pelas malhas que correm na mesma direção que as ordens do trançado. A única variação possível nessa padronagem é a colocação das listas em direção vertical em vez da sua primitiva posição horizontal.

De acôrdo com a natureza da coisa, essas listas formam sempre um ângulo de 45 graus em relação às listas dos dois grupos do trançado, ao mesmo tempo que nos trançados pinulados, que começam da nervura da folha, elas formam o ângulo de 45 graus tanto em direção paralela como em vertical.

Como nos trançados flabeliformes o método de trançar dos dois grupos de folíolos é inteiramente igual ao dos trançados pinulados, isto é, as folhas pinuladas de um grupo pulam constantemente dois outros, assim aquí também só há uma única "possibilidade" para a padronagem das malhas que correm numa mesma direção, colocadas em séries umas sôbre as outras. Só há uma diferença na padronagem dos trançados pinulados, que é a do material, o qual determina o ponto de partida do trabalho, fornecendo assim a unidade fundamental do trançado.

O tipo fundamental dos trançados flabeliformes é fornecido pelo entrançamento simples de duas grandes folhas de palmeira flabeliformes (nas cabeceiras xinguenses: o burití), conforme se vê na tijela da fig. 176, p. 297 ou nos cestos das figs. 182 e 183, em que os folíolos de uma folha constituem um grupo de listas, os da outra folha o outro grupo de listas verticais. Verifica-se melhor no esquema da fig. 160 como é preciso que se forme necessariamente, em primeiro lugar, um quadrado no entrançado direto das listas e que todas as outras unidades de trançado se juntem ao correr do trabalho à primeira, que é o quadrado, sendo que todas elas só podem assumir forma quadrada.

Nos casos especiais, mas frequentes, em que o número de listas de ambos os grupos é igual, êsse ângulo reto que daí se forma torna-se um quadrado. Já em outro trabalho¹⁴⁴ admiti para essa unidade de trançado originária a expressão "quadrado de trançado", por ser muito simples.

Como, conforme já dissemos, o processo das malhas nos trabalhos flabeliformes é exatamente igual ao dos pinulados, deve manifestar-se também, como nestes, uma padronagem constituída pelas malhas que se dirigem na mesma direção. O esquema da fig 160 mostra que êsse listrado ao contrário do listrado dos trançados pinulados, que sempre corre paralelo a um dos lados da unidades de trançado, não segue paralelamente aos lados do quadrado de trançado mas sim em um ângulo de 45 graus. Verifica-se tal fato, portanto, no caso em que a forma quadrangular do trançado executa um quadrado, na direção de uma das diagonais. A única variação possível, aquí como nos trançados pinula-

(144) Ebenda, P. 502.

dos, apresenta-se pelo listrado dos diversos quadrângulos que pode suceder em duas direções verticais opostas. A grande diferença entre a padronagem nos trançados de forma pinulada e a combinação que se faz das duas espécies de quadrângulos nos trançados flabeliformes reside na diversidade com que o listrado vertical das duas unidades de trançado, respectivamente os quadrângulos do mesmo, se chocam. Nos trabalhos pinulados as listras da segunda unidade, que se distingue pela direção do listrado, acham-se todas em posição vertical sôbre a última listra da unidade de trançado (v. figs. 100-105). Entretanto, nos trançados flabeliformes o processo das listras opostas, verticais, dos dois quadrângulos que se encontram, verifica-se pela união das listras que partem dos dois lados do contacto com os seus pontos finais, formando um ângulo reto. Toda a padronagem dos trançados flabeliformes, em suas variações tão simples, não depende de outra coisa, sinão das diferentes continuações que são possíveis e utilizáveis na junção dos dois quadrângulos diversos. Como o quadrângulo do trançado deve ser considerado a base dos trançados flabeliformes junto à sua ornamentação muito desenvolvida e tornada exemplar na maioria da ornamentação sul-americana, teremos que, a seguir, estudar mais minuciosamente a essência do quadrângulo de trançado, afim de poder, por êsse exame, relacionar a junção dos diversos quadrângulos que se formam por si mesmos, sobretudo com respeito à simetria. Ainda me referirei ao fato, já assinalado em outro local,¹⁴⁵ de que os trançados feitos da folha flabeliforme inteira foram fundamentais para o desenvolvimento das ordens de trançados de outro material, de modo que, também, os incluiremos na denominação geral de "trançados flabeliformes", sejam eles de folíolos avulsos ou de juncos.

1 — Natureza do Quadrângulo de Trançado

O quadrado de trançado consiste, em essência, de dois grupos verticais de tiras que se entrançam de tal modo que cada uma delas passa alternadamente sôbre um determinado número de tiras do outro grupo e por baixo delas, de forma que as partes de cada tira superior se disponham em séries ao lado da parte superior da tira vizinha; temos no esquema da fig. 161, portanto, que, si, por exemplo, a tira + b_1 corre por cima de + a_1 + a_2 + a_3 e por baixo de + a_4 + a_5 + a_6 , a tira + b_2 se dirige sôbre + a_1 + a_2 e sob + a_3 + a_4 + a_5 , a tira + b_3 sôbre + a_1 e sob + a_2 + a_3 + a_4 e assim por diante.

A quantidade de tiras perpassadas é, como em geral se observa nos trançados sul-americanos, inclusive na região xinguense, de 3 (fig.

(145) V. meu trabalho "Ableitung Suedamerikanischer, etc.", p. 496. -

160 e fig. 161); mais raramente é de 2 (fig. 162 e fig. 163) e muito excepcionalmente de 1. Quanto a outras variações não se manifestam. (Naturalmente, não tratando dos diferentes pontos de encontro de muitos quadrângulos).

Comparando-se o esquema ABCD com A'D'EF verifica-se como nesse sistema de trançar resultam duas espécies de quadrângulos, que

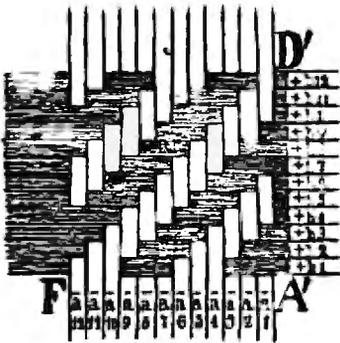


Fig. 160

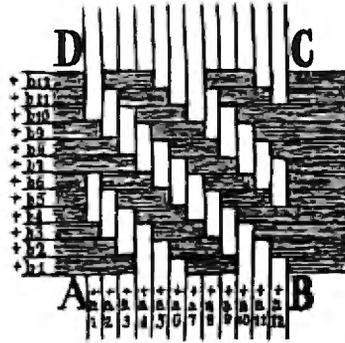


Fig. 161

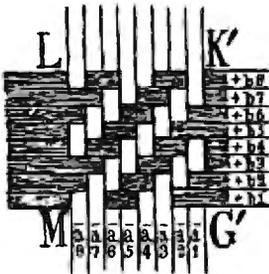


Fig. 162

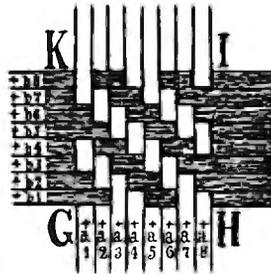


Fig. 163

quando a tira $+ a_1$ é trançada pelas tiras b naquela forma, as restantes tiras a ($+ a_2, a_3, a_4, \text{etc.}$) se podem juntar seguidamente e do mesmo modo, ora para a direita, ora para a esquerda. No primeiro caso (fig. 161) as diversas ordens que separam as partes superiores dos dois grupos de tiras, sobem, isto é, da esquerda em cima e para a direita, em baixo; no segundo caso, porém, (fig. 160) descem, sendo que da direita, em cima e para a esquerda em baixo. Para se estabelecer matematicamente a natureza dos quadrângulos do trança-

do, poderemos reproduzir essa diferença no fato das tiras a, no 1.º caso, que se juntam para a direita, numa sequência, serem as tiras + a, matematicamente falando, (portanto + a₁ + a₂ + a₃ etc.) e, por conseguinte, no 2.º caso, em que as tiras se juntam para a esquerda são as tiras — a (portanto — a₁ — a₂ — a₃ etc.). Ainda voltaremos a falar sobre a diferença entre as tiras + b que se seguem de baixo para cima e das tiras — b que se seguem de cima para baixo.

Para se determinar matematicamente um quadrângulo no caso concreto, são precisos mais dois dados, além de saber si o quadrângulo é de 3 ou 4 malhas e si sua sequência é da esquerda para a direita e vice-versa (isto é, si as tiras a são positivas ou negativas) e de outro lado si segue de baixo para cima ou vice-versa (isto é, si as tiras b são positivas ou negativas). Esses dados são: o número dos dois grupos de tiras, tanto a tira a como a tira b e ainda o primeiro movimento do trançado no ponto de partida A.

Portanto, temos que o quadrângulo do trançado A B C D está determinado por:

$$\begin{aligned} A B &= + a_1 + a_2 \dots\dots + a_{12} \\ A D &= + b_1 + b_2 \dots\dots + b_{12} \\ &+ b_1 (+ a_1 + a_2 + a_3) \text{ é preto }^{146}. \end{aligned}$$

O quadrângulo A' D' E F está determinado por:

$$\begin{aligned} A' F &= - a_1 - a_2 \dots\dots - a_{12} \\ A' D' &= + b_1 + b_2 \dots\dots - b_{12} \\ &+ b_1 (- a_1 - a_2 - a_3) \text{ é preto.} \end{aligned}$$

O quadrângulo G H J K está determinado por:

$$\begin{aligned} G H &= + a_1 + a_2 \dots\dots\dots + a_8 \\ G K &= + b_1 + b_2 \dots\dots\dots + b_8 \\ &+ b_1 (+ a_1 + a_2) \text{ é preto, } + b_1 (+ a_3 + a_4) \text{ é branco,} \\ &(+ b_1) (+ a_5) \text{ é preto.} \end{aligned}$$

Nesse quadrângulo assim determinado pelas três igualdades simples é possível estabelecer pelas designações numéricas qual a tira de determinado grupo, em qualquer parte do quadrilátero, se acha na parte superior do trançado, no que, aliás, se baseia toda a padronagem.

(146) A expressão "é preto", relacionada com a fig. 160, é simplesmente uma abreviatura para quando quero dizer: "a tiras + b corre sobre as tiras + a correspondentes". Nos esquemas a seguir as tiras + b serão sempre diferenciadas das tiras + a pelas cores preta das palmeiras e branca das segundas, afim de ficar mais claro. Como neste caso na fig. 160 $\frac{1}{2}$ b₁ (+ a₁ + a₂ + a₃) são pretas, bastam os dados das primeiras três tiras + a para designar ao mesmo tempo triplicidade das malhas do trançado. Em outros casos torna-se necessário o dado de + b₁ (+ a₄ + a₅), assim por exemplo, + b₁ (+ a₁ + a₂) é preto, + b₁ (+ a₃ + a₄ + a₅) é branco.

É, portanto, facilmente calculavel o modo pelo qual, em um certo número de tiras, que partem de um certo ponto do ângulo do trançado, terminam os outros três ângulos.

Um olhar para o quadrilátero A B C D (Fig. 161) mostra que $+ b_1 (+ a_1 + a_2 \dots + a_{12})$ corre do mesmo modo que $+ a_1 (+ b_1 + b_2 \dots + b_{12})$. É necessário, portanto, que, quando, por exemplo, o quadrado $+ a_1 (+ b_{12})$ seja branco, o quadrado $+ b_1 (+ a_{12})$ também o seja.

Do mesmo modo $+ a_2 (+ b_1 + b_2 \dots + b_{11})$ corre exatamente como $+ b_1 (+ a_2 + a_3 \dots + a_{12})$.

Do mesmo modo corre no quadrado A' D' E F:

$$+ b_1 (- a_1 - a_2 \dots - a_{12}) \text{ inteiramente igual a } a - a_1 (+ b_1 + b_2 \dots + b_{12}).$$

Portanto si $b_1 (- a_{12})$ é branco, $- a (+ b_{12})$ também o é.

Afim de simplificarmos o cálculo por esse sistema devemos considerar que no trançado de três malhas a sétima tira de um mesmo e único quadrângulo deve sempre corresponder à primeira tira do trabalho, enquanto no trançado de malha dupla é sempre a quinta tira que deve corresponder à primeira.

Si, por conseguinte, A B C D $+ b_1 (+ a_1 + a_2 + a_3)$ é preto, $+ b_1 (+ a_7 + a_8 + a_9)$ também será preto. Si $+ a_1 (+ b_1 + b_2 + b_3)$ é preto, $a_1 (+ b_7 + b_8 + b_9)$ também será preto.

Segue-se daí que quando se precisa determinar qualquer parte do trançado de qualquer quadrado amplo, é só recorrer à sua parte correspondente que é a parte do quadrado formada pelas primeiras seis tiras de ambos os grupos de tiras.

Assim como, por exemplo, o quadrado $(+ a_7 + a_8 \dots + a_{12}) (+ b_7 + b_8 \dots + b_{12})$ é igual ao quadrado do trançado $(+ a_1 + a_2 \dots + a_6) (+ b_1 + b_2 \dots + b_6)$, o quadrângulo, por exemplo, $(+ a_{37} + a_{38} \dots + a_{42}) (+ b_{43} \quad b_{44} \dots \quad b_{48})$ deve ser igual ao último.

Por conseguinte, temos ainda que, por exemplo, o quadrado $+ a_{38} (+ b_{44})$ deve corresponder ao quadrado $+ a_2 (+ b_2)$.

Daí resulta que o cálculo de qualquer parte de um quadrado de trançado é simples, conforme se segue:

Dados: $+ b (+ a_1 + a_2 + a_3)$ é preto

Determinar: $+ b_{59} (a_{74})$

$$59 : 6 = 9 \frac{5}{6} \quad 74 : 6 = 12 \frac{2}{6}$$

$$\text{portanto, } + b_{59} (+ a_{74}) = + b_5 (+ a_2)$$

$$+ b_5 (+ a_2) = + b_1 (+ a_6)$$

$+ b_1 (+ a_4 + a_5 + a_6)$ é branco, porque $b_1 (+ a_1 + a_2 + a_3)$ é
 preto, portanto $+ b_1 (+ a_6)$ branco,
 $+ b_5 (+ a_2)$ branco,
 $+ b_{59} (+ a_{74})$ branco.

Tendo estabelecido assim as propriedades matemáticas principais
 do quadrado do trançado, dou na tabela a seguir o aumento progres-
 sivo do quadrado de trançado de malha tríplex ($+ a_1 + a_2 + a_3$)
 ($+ b_1 + b_2 + b_3$), acrescentando-lhe alternadamente de cada vez uma
 tira $+ a$ e uma tira $+ b$, até que se torna o quadrado de trançado
 ($+ a_1 + a_2 \dots + a_6$) ($+ b_1 + b_2 \dots + b_6$).

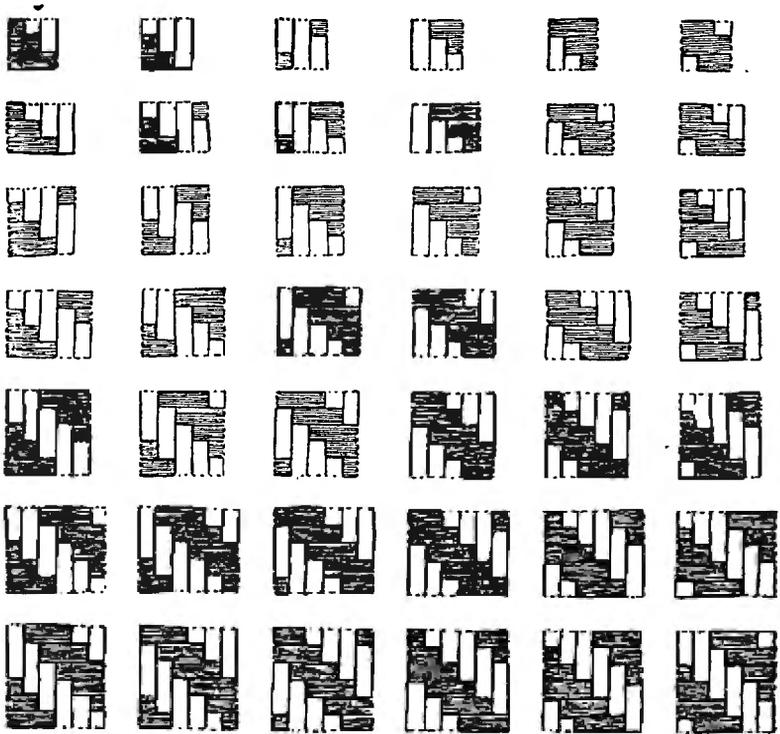


Fig. 164

Aumento progressivo do quadrado de trançado pelo acréscimo
 alternado de tiras a e tiras b .

Para o quadrado de trançado de malha dupla a tabela é inteira-
 mente idêntica, apenas podem dar-se quatro possibilidades diferentes
 em cada ordem da tabela. O desenvolvimento do quadrângulo

$(+ a_1 + a_2 + a_3) (+ b_1 + b_2 + b_3)$ nos forneceria imagem igual, apenas as linhas limítrofes entre as tiras brancas e pretas encaminham-se aqui da direita superior para a esquerda inferior em vez de, como na tabela ao lado, da esquerda superior para a direita inferior.

Por causa disso eu me vi obrigado a reproduzir em detalhes tabelas, onde se percebem as formas possíveis que pode assumir o quadrângulo, porque um olhar para êsse quadro geral fornece uma idéia melhor da estreita ligação de grande parte da ornamentação sul-americana até as suas formas superiores, com essas diferentes manifestações do quadrado simples, que é o elemento básico do trançado flabeliforme. Enquanto, no estudo do ornamento xinguense, que também está estreitamente ligado ao quadrilátero do trançado, só os padrões resultantes da composição variada dos quadrados $(+ b_1 + b_2 \dots + b_x)$ $(+ a_1 + a_2 \dots + a_y)$ e $(+ b_1 + b_2 \dots + b_x) (- a_1 - a_2 \dots - a_y)$, e bem assim dos quadrados $(- b_1 - b_2 \dots - b_x) (+ a_1 + a_2 \dots + a_y)$ e $(- b_1 - b_2 \dots - b_x) (- a_1 - a_2 \dots - a_y)$ nos forneceram a base para um desenvolvimento múltiplo do ornamento, em outras regiões, principalmente em grande parte das regiões peruanas, o quadrilátero como unidade em suas diferentes manifestações (v. tabela) constituiu um fator primordial para uma ornamentação de rico conteúdo geométrico. As diversas ordens que percorrem o quadrado, os pontos ou as ordens ou os cruzamentos nos ângulos reproduzem-se com uma exatidão quasi matemática nos tecidos peruanos e nos vasilhames de barro antigos do Perú. Uma demonstração disso nos é dada principalmente pela coleção recentemente conquistada para o Museu de Berlim, por Bolívar, do Departamento de Ica, no Perú. Verifica-se ali de que profundezas emergiram as formas, as manifestações diversas do simples quadrângulo ao consciente dos manipuladores dessas vasilhas e desses tecidos. Desperta-nos, por isso mesmo, admiração por êsses manipuladores que tomaram como modelo para a sua ornamentação o quadrado de trançado e que se restringiram á velha forma, de modo tal que em muitas partes se pode dizer que há uma correlação matemática, na reprodução do quadrado trançado, não só como unidade, mas também na reprodução de suas composições ¹⁴⁷

As duas espécies de quadrados trançados em suas diferentes composições

E' somente da composição das duas espécies de quadrados trançados, que encontramos nos trabalhos flabeliformes e também no resto da ornamentação sul-americana, que se deduz o motivo prático para

(147) Encontramos também essa estreita dependência do trançado nas vasilhas de barro mexicanas e nos caracteres hieroglíficos.

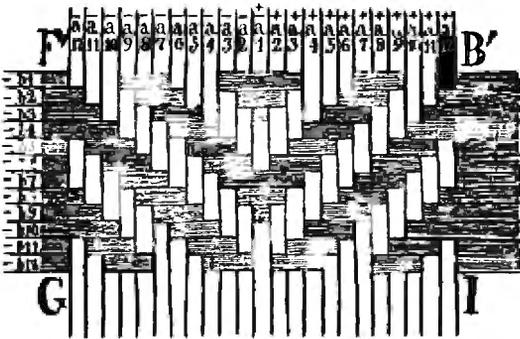
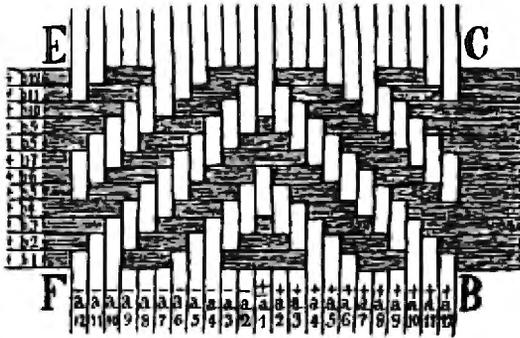


Fig. 165.

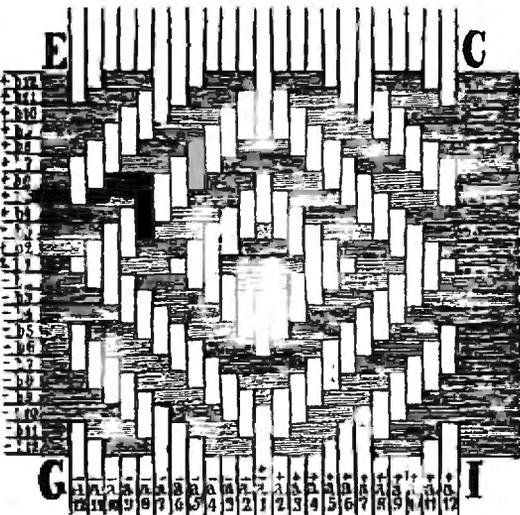


Fig. 166

a distinção feita anteriormente entre essas duas qualidades de quadrados trançados. No quadrado ABCD (v. fig. 161), onde as ordens se superpõe para a direita e para a esquerda, contamos os dois grupos de tiras, a partir de A da esquerda para a direita, como tiras $+ a$ ($+ a_1 + a_2 \dots + a_x$), as que seguem de baixo para cima como tiras $+ b$ ($+ b_1 + b_2 \dots + b_y$). No quadrado A' D' E F, ao contrário (v. fig. 160), onde as ordens descem à direita e à esquerda, contamos os dois grupos de tiras a partir de A', da direita para a esquerda, como tiras $- a$ ($- a_1 - a_2 \dots - a^x$), e as que seguem de baixo para cima também de tiras $+ b$. A vantagem desse sistema de designar é que o mesmo corresponde inteiramente à natureza da composição dos quadrados de trançado. No quadrado ABCD o trabalho, a partir de a_1 para a direita, corre exatamente como no quadrado A' D' E F a partir da tira $- a_1$ para a esquerda e, si, como na fig. 165, reunirmos os dois quadriláteros ao quadro FBCE de maneira que a tira a_1 em sua qualidade de tira

$+ a_1$ forme o ponto de partida para o quadro ABCD ao mesmo tempo que em sua qualidade de tira $- a$ forme o ponto de partida para o quadro A' D' E F, os pontos correspondentes dos dois quadros do trançado coincidem tão igualmente quanto os pontos correspondentes do sistema das coordenadas. Continuando no estudo das combinações dos quadros de trançado temos, ainda, a acrescentar as combinações de tiras $+ a$ com tiras $+ b$ e de tiras $- a$ com tiras $+ b$ que coincidem com as combinações de tiras $+ a$ com tiras $- b$ e de tiras $- a$ com tiras $- b$ (V. fig. 165). Assim como anteriormente a tira $\pm a_1$ em sua qualidade de tira $- a$ foi considerada o ponto de partida comum dos dois quadros regulares que dêle partem para os dois lados, verifica-se que, por outro lado, também a tira b na qualidade de tira $\pm b$ é o ponto de partida do trançado que se vem formando para cima pelas outras tiras $+ b$ e do trançado que do mesmo modo se vem formando para baixo pelas tiras $- b$.

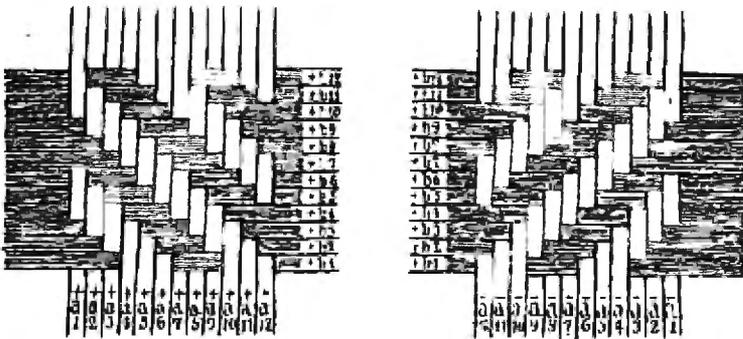


Fig. 167

Couforme mostram as figs. 160, 161, 165 e 166 obtemos assim um após outro quatro quadrângulos de trançado congruentes, cujos ângulos correspondentes se voltam um contra o outro, de modo que todos os pontos correspondentes dos mesmos se dispõem de maneira idêntica aos pontos correspondentes do sistema coordenado rectângular. *E é nessa manifestação que está a explicação do desdobramento simétrico dos modelos de trançado flabeliforme que deu origem à rica ornamentação sul-americana.*

Enquanto obtinhamos nas composições descritas das duas espécies de quadros trançados uma padronagem de quadros concêntricos, origina-se um outro modelo, também, de cruzamentos bem diversos e que é a segunda possibilidade a considerar nas combinações trançadas. Assim como encaramos anteriormente a tira a como $\pm a_1$, na qualidade de ponto de partida comum aos dois quadrados juxtapositos, podemos também ver nas duas tiras últimas dos quadrados o ponto de partida comum, conforme se vê na fig. 167, a tira $+ a_2$ e tira

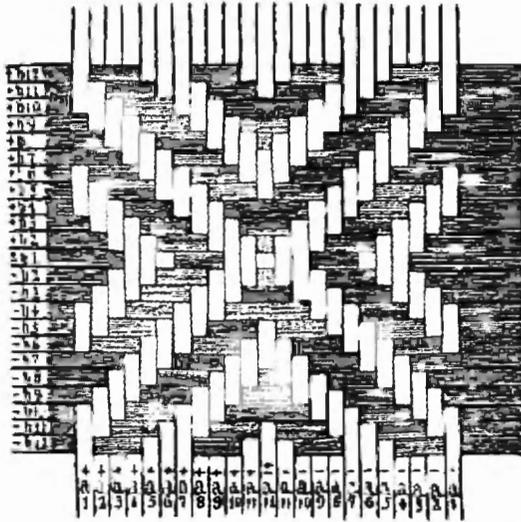


Fig. 168

— a_{12} . Assim como anteriormente as ordens dos quadros desciam regularmente para os dois lados, a partir da tira $\pm a$, os mesmos sobem agora, do mesmo modo, e regularmente, para os dois lados a partir de $\pm a$. O quadrado que sai da tira — a está agora em contraoposição ao anterior, à direita, saindo da tira $+ a$. Do mesmo modo que antes os dois quadros correspondentes oriundos da tira — b podem juntar-se para baixo. A fig. 168 mostra como atingimos, por esse

caminho, novamente a uma padronagem característica, cujos pontos correspondentes também correspondem, como no caso anterior, exatamente aos pontos correlatos do sistema de coordenadas retangular ¹⁴⁸.

Como ambas essas composições descritas até agora permitem combinações entre si à vontade, verificamos que, no caso, tanto as tira a como as tira b , na qualidade de $+$ e $-$ participam dos grupos oriundos de grupos de quadrados concêntricos dessas combinações, relativos aos modelos cruzados descri-

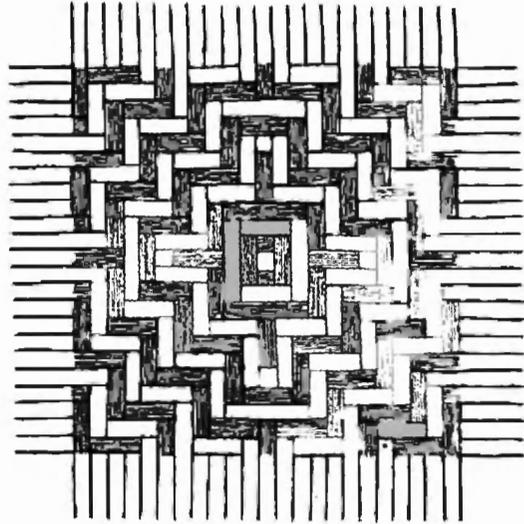


Fig. 169

Demonstração esquemática de quadros de trançado juxtapostos

(148) É da mesma combinação acima descrita o modelo da fig. 169, destacado pelo sombreado. O trançar da fig. 169 é o mesmo que o da fig. 168. Fazendo-se a comparação das figs. 176 e 179, por exemplo, um olhar experimentado poderá ver nos dois modelos o mesmo trançado, sendo que ao iluminar o objecto ora se impõe mais a primeira, ora a segunda padronagem. Ali, onde a diver-

tos antes (V. fig. 171). Mas desde que as tiras + b se acham ligadas com + a e tiras — a e si as tiras + a se ligam com as tiras + b e — b, a padronagem torna-se zigzague.

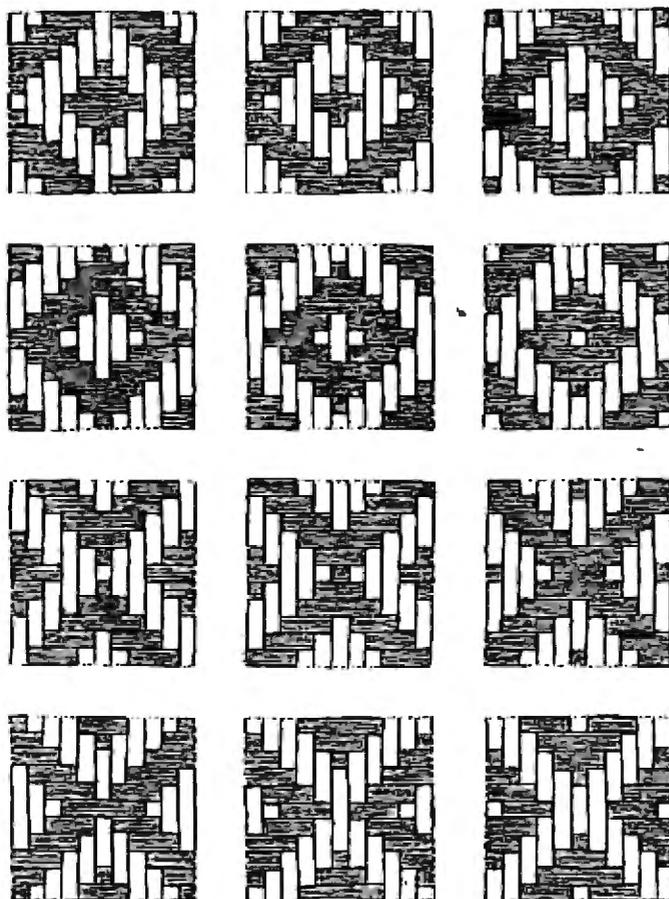


Fig. 170.

Tabela das diferentes figuras possíveis de se manifestarem no ponto de contacto dos quadros de trançado juxtapostos.

São excepcionalmente importantes para o estudo do ornamento as figuras que se originam no centro das combinações das duas espécies de quadros de trançado; apresentamos por isso na tabela junta todas

sigade de cor dos dois grupos de tiras da fig. 168 é mais destacada, o modelo da fig. 169 desaparece também ao olhar experimentado. Enquanto a padronagem da fig. 169 não encontrou acolhida na ornamentação xinguenso, a mesma tem papel importante na ornamentação peruana antiga.

as formas possíveis desses centros, isto é, as figuras que se manifestam no contacto geral dos quatro quadros juxtapostos, conforme sua disposição.

Vimos na pag. 238/9 que, conforme o ponto de partida do trançado, se pode criar de cada vez um determinado número de tiras, seis quadros diferentes em cada uma das espécies de trançados. Si, por exemplo, o quadro de trançado consistia de (6) tiras $+ a$ e (6) tiras $+ b$, eram possíveis os seguintes pontos de partida para o trabalho :

- 1) $+ b_1 (+ a_1 + a_2 + a_3)$ é preto,
- 2) $+ b_1 (+ a_1 + a_2)$ é preto, $+ b_1 (+ a_3)$ é branco,
- 3) $+ b_1 (+ a_1)$ é preto, $+ b_1 (+ a_2 + a_3)$ é branco,
- 4) $+ b_1 (+ a_1 + a_2 + a_3)$ é branco,
- 5) $+ b_1 (+ a_1 + a_2)$ é branco, $+ b_1 (+ a_3)$ é preto,
- 6) $+ b_1 (+ a_1)$ é branco, $+ b_1 (+ a_2 + a_3)$ é preto.

Dai se segue logo que também as composições dos quatro quadrângulos $(+ b_1 + b_2 \dots + b_6)$ $(+ a_1 + a_2 \dots + a_6)$, $(+ b_1 + b_2 \dots + b_6) (- a_1 - a_2 \dots - a_6)$, $(- b_1 - b_2 \dots - b_6) (+ a_1 + a_2 \dots + a_6)$ e $(- b_1 - b_2 \dots - b_6) (- a_1 - a_2 \dots - a_6)$ no ponto em que se tocam os quatro cantos voltados um para outro, devem apresentar forçosamente quatro formas diferentes. Vimos que as partes correspondentes das composições dos quadros, a partir do ponto central comum, eram sempre idênticas. Portanto, si no exemplo citado $+ b_1 (+ a_1 + a_2 + a_3)$ era preto, então também o devem ser $+ b_1 (- a_1 - a_2 - a_3)$ e $- b_1 (+ a_1 + a_2 + a_3)$ e $- b_1 (- a_1 - a_2 - a_3)$. Nêsse caso o centro é formado do pequeno quadrado constituído pelos quadrângulos juxtapostos (v. fig. 170 carreira superior, à esquerda), quadrado êsse formado pelas malhas pretas das tiras b . Do mesmo modo notamos no caso em que $+ b_1 (+ a_1 + a_2)$ é preto, $+ b_1 (- a_3)$ é branco, a manifestação de uma cruz preta no centro do quadrado juxtaposto e no caso em que $+ b_1 (+ a_1)$ é preto, $+ b_1 (+ a_2 + a_3)$ é branco, a presença de um ponto preto. Do mesmo modo aparecem as três outras possibilidades, que são o quadro branco, a cruz branca e o ponto branco conforme mostram os quadros juxtapostos da segunda carreira da fig. 170.

Como em um quadro de traçado de um certo número de tiras como por exemplo, no quadro $(+ b_1 + b_2 \dots + b_6)$ $(+ a_1 + a_2 \dots + a_6)$, a disposição das partes do trançado $+ b_1 (+ a_4 + a_5 + a_6)$ depende da disposição da parte do trançado $+ b_1 (+ a_1 + a_2 + a_3)$ torna-se claro por si mesmo que também nos centros da outra espécie de juxtaposição dos quadros em que (v. fig. 170 as duas carreiras inferiores) a tira $\pm a_6$ constitui o ponto de partida comum dos dois quadrados juxtapostos, formam-se, obrigatoriamente seis "possibilidades". Assim como no caso anterior desses seis centros diversos ha de

cada vez dois que se distinguem um do outro pela orientação das tiras que os compõem, (essa mesma distinção, como se verifica na fig. 170, pode ser feita também pela côr). Ainda sob o ponto de vista ornamental, se pode aqui também distinguir três formas.

As composições descritas atrás tinham todas um ponto "central" de contacto comum. Esse sistema de composição do trançado e bem assim os ornamentos daí derivados são os que dominam na região das ca-

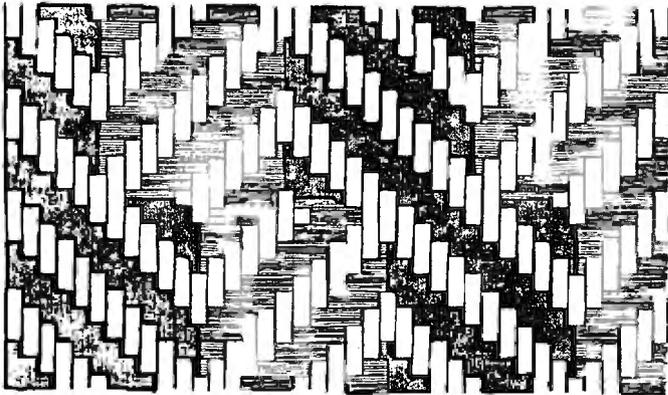
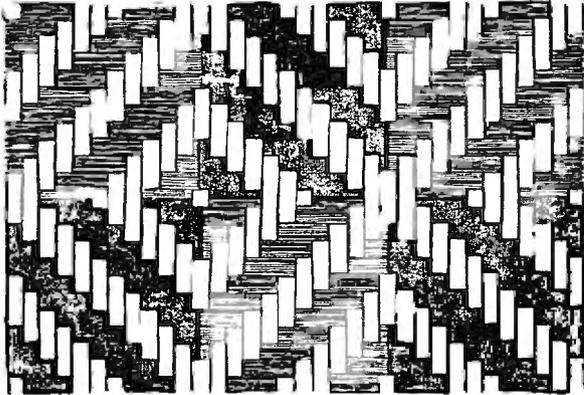


Fig. 171 e 172

Demonstrações esquemáticas de trançados.

beceiras xinguenses. A única exceção conhecida é a manga para dansar dos auetós, reproduzida mais adiante, em cuja padronagem simplesmente em zig-zague aparecem figuras em forma de enxada. Essa forma especial de trançado depende evidentemente de uma

irregularidade involuntária no trançar, isto é, de que não houve bastante cuidado em fazer os quadros juxtapostos de tamanho igual, de

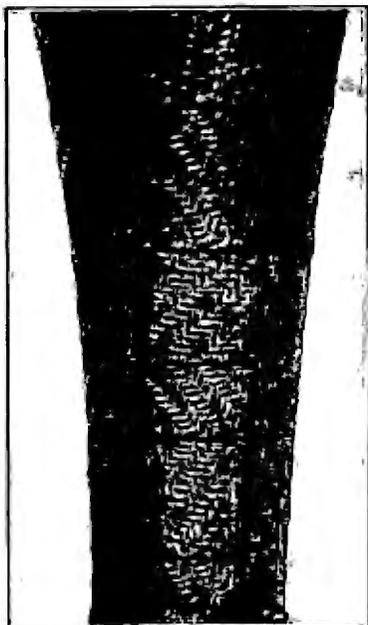


Fig. 173
Aljava de trançado meândrico
do rio Branco.
(bauanas)

Berlim, 750, 1/2 do tam. nat.
Mus. Etn.

de modo que os quatro cantos correspondentes, voltados um para o outro, não se tocam em um único ponto, e sim de dois em dois. No capítulo anterior mostrei que, semelhante ao que se observa no exemplar auetó, também em outros trançados sul-americanos e nos ornamentos relacionados, onde aparece muito o padrão meândrico, se verifica que não são formados por outra coisa a não ser por um sistema especial de composição dos quadros, que não é o das espécies anteriormente descritas. Comparando-se as fig. 171 e 172, vemos como o modelo anteriormente tratado na fig. 171, já leva por si mesmo à formação do meândro pelo fato da carreira inferior dos quadros se achar um pouco impelida por cima da superior. Vê-se, portanto, que quisesse ou não a irregularidade, já o manipulador do trançado tinha o bico sinuoso, meândrico, diante dos olhos. Em toda parte em que os quadros estão dispostos um por cima do outro, de modo tão irregular que um avança lateralmente sobre o outro, o efeito na padronagem será igual ao do avanço da carreira inferior contra a superior do nosso esquema (V. fig. 173).

Aplicação da teoria dos quadros de trançado aos trançados flabeliformes, na região das cabeceiras do rio Xingú

Antes de entrarmos no estudo dos trançados da região xinguense, restam ainda duas questões a resolver: primeiro, por que, nos trançados flabeliformes, é empregado o mesmo sistema de trançar dos folíolos isolados (i. é: três sobre três, para baixo, ou duas sobre duas, para baixo, numa disposição ordenada vizinha das malhas que correm na mesma direção), conforme decorre por si mesmo nos trançados flabeliformes pelo começo dos folíolos na nervura da folha (v. p.

174; segundo, por que designamos também sob o nome de trançados flabeliformes, aqueles trabalhos, cujas tiras não consistem de tiras de folhas flabeliformes, mas sim de junco.

Já assinalei nas ps. 280/1 o tipo fundamental do trançado flabeliforme xinguense, que é o simples trançar de duas folhas flabeliformes (v. fig. 176 e 182). Nessa espécie de trabalho não ha motivo imperioso para se trançar de acordo com o sistema das folhas pinuladas, embora a sua estreita analogia com os trançados flabeliformes já poderia explicar de certo modo o método de semelhante trançar.

Mas também nos trabalhos flabeliformes pode existir um motivo direto para a referida maneira de trançar, justamente quando o trançado não parte, como nos casos dos do Xingú, de duas folhas flabeliformes, mas de uma única. Não disponho dessa forma de trançado, como originário nas cabeceiras xinguenses propriamente, mas pude trazer um cesto desses da região dos bacairís do Rio Novo, que conservavam muitas curiosidades típicas dos seus irmãos de tribo do rio Xingú¹⁴⁹. (V. fig. 174).

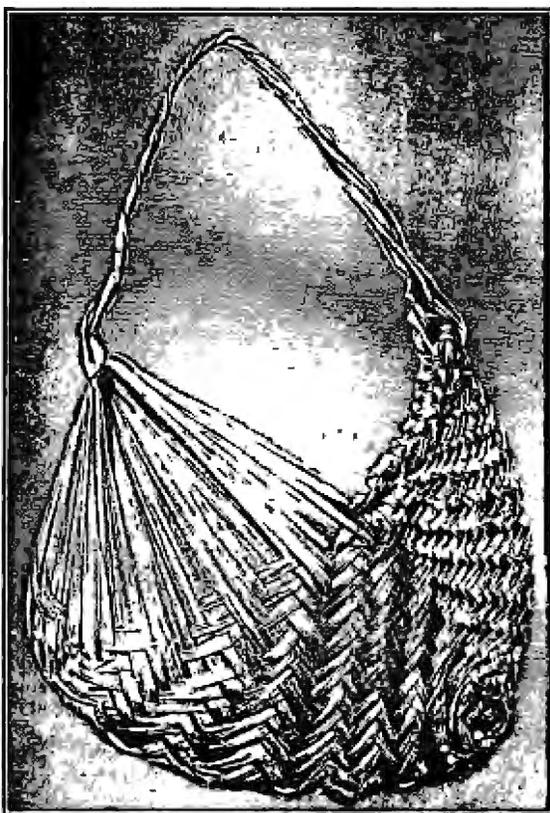


Fig. 174

Cesto dos bacairís do rio Novo
Mus. Etn. Berlin, V. B. 5068, 1/6 do tam. nat.

Esse cesto constitue um trançado dos mais primitivos que se poderia obter com folhas em leque, e que representa para o estudo dos trançados flabeliformes o mesmo que os cestos primitivos triangulares de folha de acurí (v. p. 180) para os trançados de folha pinulada.

(149) V. p. 13.

O trançado do cesto de acurí parte, como se observa no esquema da fig. 175, da tira existente no centro da folha, de modo que as tiras se dividem em dois grupos sendo que cada um se entrança com o outro de três em três tiras, de onde resulta o mesmo sistema típico de trançar dos trançados de folha pinulada com a respectiva seriação das malhas.

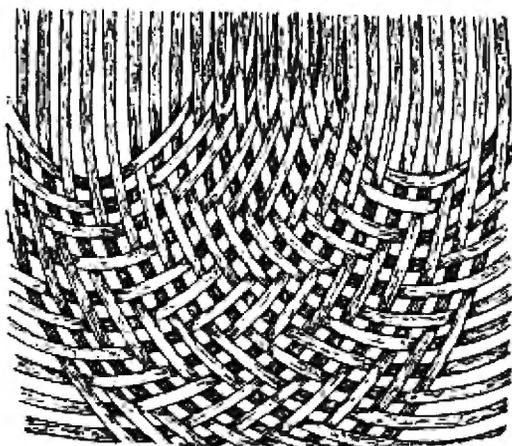


Fig. 175
Esquema do trançado do cesto da fig. 174;
começo do trançado.

Diante da matéria exposta deve ficar estabelecido si realmente os trançados de duas folhas flabeliformes se desenvolveram através do trançado de uma só dessas folhas. Em todo caso a estreita analogia entre as duas formas de trançado, é explicada suficientemente pelo fato de ser a mesma regra que controla a técnica da seqüência das malhas em ambas as formas

Si, por conseguinte, o entrançado da folha de palmeira como totalidade, tanto nos trançados flabeliformes, como nos de folhas pinuladas, nos conduziu ao problema do trançado das tiras isoladas, já tiramos daí razão plausível para que se admita que os trançados feitos de outro material, como, por exemplo, tiras de junco, manifestando assim um método de trançar condicionado, devem ser considerados trançados de folha de palmeira derivados e, devido ao sistema de serem trançados, devem-se considerar trançados de folha de palmeira.

Mas ainda ha um fato que justifica de modo mais incisivo essa hipótese, isto é a concordância muito notável das formas de trançados de outros materiais, cujo método de trançar é o mesmo, e as reproduzidas espontâneamente pelo entrançamento das folhas de palmeira. Ainda havemos de reconhecer, a seguir, ao tratarmos dos diversos tipos de cestos, como os tipos trabalhados em junco se relacionam intimamente com os confeccionados de folha de palmeira.

Já em outra parte¹⁵⁰ me referí ao seguinte: Mesmo onde os folíolos ou as tiras não se acham mais presas à nervura ou ao pecíolo, mas estão desde logo entrançados na qualidade de tiras avul-

(150) "Ableitung südamerikanischer Geflechte", Pg. 496.

sas, ainda assim conservam a mesma disposição dada pela nervura ou o pecíolo. Nos trançados em que as folhas de palmeira são empregadas na forma de tiras avulsas é que se nota melhor a passagem progressiva dos trançados de tiras de junco, semelhante aos trançados de folha de palmeira, para as formas mais evolucionadas posteriores.

Ao examinar as várias manifestações dos trançados na região das nascentes do rio Xingú, devemos partir de dois tipos fundamentais, cuja diferença reside na própria razão utilitária.

As duas folhas que formam o trançado de (fig. 176) uma tigela burití podem ser, ora de vime rasa ou, como na fig. 182, parecer-se mais com uma bolsa de vime. Desses dois tipos formaram-se depois outras variedades em que, entretanto, se podem reconhecer, ainda que de maneira superficial conforme veremos, a origem primitiva.



Fig. 176

Tigela de folha de burití dos naucúas.

Mus. Etn. Berlim, Coleção Meyer, 1/7 tam. nat.

1) Tigela de folha de burití e os trançados criados através dela

Na tigela de vime, constante da coleção Meyer (fig. 176), vemos de modo mais evidente e mais claro possível a formação dos quadrados trançados e a sua composição, cuja teoria expuzemos.

As diversas tiras avulsas de duas folhas de burití estão entrançadas de modo a formar seis quadros variados que se formaram, evidentemente, à proporção que iam sendo trabalhados. De início, deve ter-se originado o quadro ABCD, ao qual se juntou, ou o quadro situado à direita de BC ou o quadro ABEF; etc.

Si applicarmos o método já assinalado, aos quadros de trançado, em que se vêem em toda extensão na fotografia, ao ABCD e ao ABEF, poderemos determiná-los do seguinte modo :

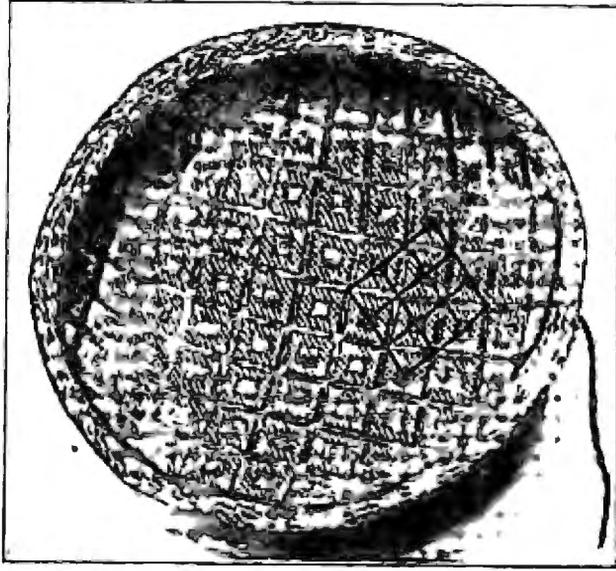


Fig. 177

Tigela de vime dos bacairís.

Mus. Etn. Berlim, 4320, Coleção Meyer, 1/4 tam. nat.

$$AB = + a_1 + a_2, \dots + a_{16}$$

$$AD = + b_1 + b_2 \dots + b_{16}$$

Em $+ b_1 (+ a_1)$ a tira b está em cima

em $+ b_1 (+ a_2 + a_3 + a_4)$ a tira a está em cima.

$$AF = - b_1 - b_2 \dots - b_{21}$$

Daí resulta logo o calculo matemático de que no ponto E, que é o ponto de contacto entre os quatro quadros que se encontram, deve encontrar-se um cruzamento formado pelas tiras b.

Então, de acordo com o que dissemos acima (v. p. 238), precisamos somente calcular que a parte do trançado $- b_{21} (+ a_{14} + a_{15} + a_{16})$ se acha disposto de modo tal que em $- b_{21} (+ a_{14})$ a tira a fica em cima, em $- b_{21} (+ a_{15} + a_{16})$, ao contrário, a tira b é que está por cima.

Temos que (conf. p. 285).

$$- b_{21} (+ a_{14} + a_{15} + a_{16}) = - b_3 (+ a_2 + a_3 + a_4) = \pm b_1 (+ a_4 + a_5 + a_6).$$

Temos então que em $+ b_1 (+ a_2 + a_3 + a_4)$ a tira a está por cima portanto, em $+ b_1 (+ a_5 + a_6)$ a tira b é que está em cima, em $- b_{21} (+ a_{14})$ é a tira a que está em cima, em $- b_{21} (+ a_{15} + a_{16})$ finalmente a tira b está em cima.

A tigela de vime descrita corresponde, tanto na disposição geral do trançado como na padronagem, à tigela de vime da fig. 177, que é feita de junco e não de folha de palmeira. Assim como fiz anteriormente, assinalai também aqui com linhas em preto os diversos quadros (em número de 9) do trabalho para ficar mais claro ao leitor. A regularidade do desenho da tigela de vime é devida a que, primeiro, os quadros assim juxtapostos são formados de um número igual de tiras; segundo, o número delas é calculado de tal modo que os 2 ângulos opostos no interior dos quadros sejam iguais; que, portanto, como neste caso existindo num dos ângulos dos quadros de trançado um ponto branco, no ângulo oposto também o devemos encontrar. (V. p. 285).

Portanto, si, como na fig. 177, $+ b_1 (+ a_1)$ é branco, $+ b_1 (+ a_2 + a_3)$ é preto, o número das tiras deve ser calculado de maneira que $+ b_x (+ a_x)$ se torne branco, $+ b_x (+ a_{x-1} + a_{x-2})$ se torne preto.

Mas isso é o que se verifica, quando na fig. 177 os quadros se compõem de nove tiras a e nove tiras b cada um, pois $+ b_9 (+ a_9) = + b_3 (+ a_3) = + b_1 (+ a_5)$, portanto, é branco; $+ b_9 (+ a_8 + a_7) = + b_3 (+ a_2 + a_1) = + b_1 (+ a_4 + a_3)$, portanto, é preto.

É interessante a tigela de vime reproduzida na fig. 177, onde se nota o processo comumente usado nas nascentes xinguenses, que é a diferenciação das tiras a das tiras b pela cor. As canas utilizadas têm, por natureza, um lado superior que é liso e um inferior que é áspero. Ora, no trabalho das tiras a o lado áspero é que ficou por cima e no das tiras b o lado liso, pelo que o desenho já se destacou por si. Entretanto, o fato do cesto com o uso ficar sujo, principalmente, pela aderência da fumaça, deixando-o mais escuro, sobretudo nas ásperas tiras a, o manipulador foi levado forçosamente ao sistema de pintar os seus cestos, conforme o vemos na fig. 177. No caso, todo trabalho foi caiado de fuligem preta, depois do que foi lavado, tendo saído toda a tinta das tiras lisas, mas nas tiras ásperas ela se manteve.

Em toda essa disposição, portanto, e daí no que diz respeito aos desenhos, correspondem a essas tigelas dois tipos, também muito rasas, cuja evolução levou à formação de quatro paredes laterais. Os dois tipos distinguem-se pela maneira por que são confeccionadas essas paredes.

Um desses tipos é o cesto trazido por mim, da fig. 178, que obtive dos bacairís. E' comumente espalhado nas cabeceiras xinguenses e usam-no no interior das habitações, para guardar toda sorte de utensílios.

O fundo do mesmo (v. fig. 179 também) é formado por quadros de $6 \times 9 (= 54)$. Já um olhar lançado aos seis quadros, assinalados pelas linhas pretas feitas por mim, deixa perceber que as mesmas são de tamanhos irregulares por serem constituídas por um número diferente de tiras. Apenas reina uma certa regularidade no seguinte:

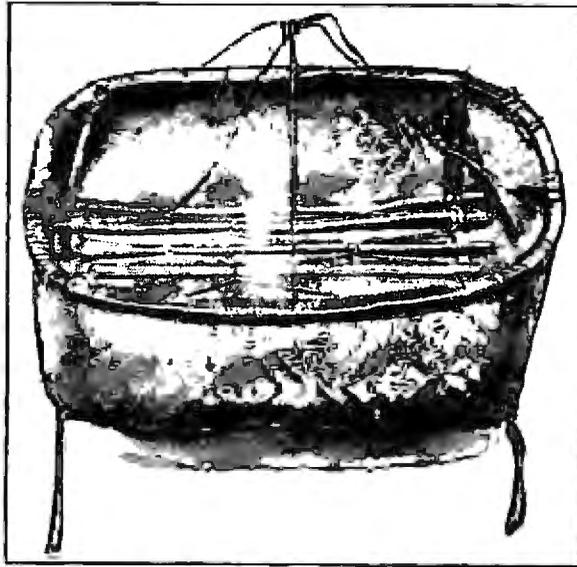


Fig. 178

Cesto bacairí

Mus. Etn. Berlim, 5220, 1/9 tam. nat.

é que cada um dos nove quadros juxtapostos numa ordem contém sempre o mesmo número de tiras b, e que cada um dos seis (fig. 179) quadros superpostos contém o mesmo número de tiras a. Essa regularidade nos garante que quatro quadros se tocam sempre em um ponto, conforme descrevemos anteriormente, de onde surge a padronagem de quadrados concêntricos nos diversos grupos. Como, porém, o número de tiras dos diversos quadros é desigual, as partes do trançado constituídas de quatro quadros cada uma no ponto de contacto, conforme se vê na fig. 177, não são iguais umas às outras, mas surgem todas as “possibilidades” da fig. 170, de modo variado.

A fig. 178 mostra no interior do cesto uma armação de paus, que serve para reforçar o cesto. Ao que parece essa armação já representa certa necessidade mesmo durante o trançado, pois as quatro

pontas livres, no fundo, apontam em lugares certos, afim de envolver a extremidade superior do cêsto, (também constituída de madeira), presa a essa armação, antes de ser entrançada por uma espiral feita de canas divididas. Essa espiral percorre uma após outra as pontas das tiras que saem da extremidade do fundo e são dobradas para cima, partindo da extremidade do fundo até à extremidade

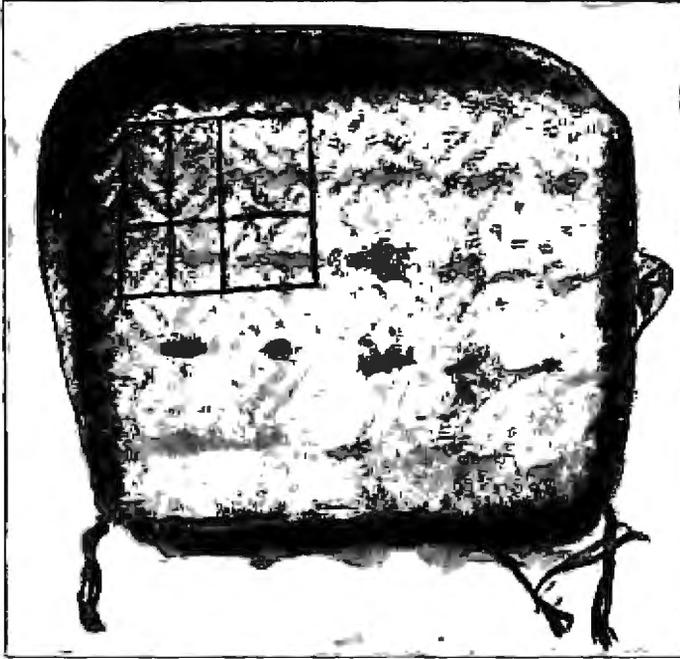


Fig. 179

Fundo de cesto da fig. 178, 1/8 tam. nat.

superior do cêsto, juntando-se entrementes ao sistema de trançar "seguido" até aquí e à sua respectiva padronagem.

O trançado já pronto dos lados apresenta, daí, os mesmos quadros que se manifestam por si mesmos na primitiva técnica; apenas êsses quadros não se apresentam aquí, no caso, um após outro, mas por uma anexação consciente ao modelo anterior que existe no fundo do cêsto.

- Em dois outros cêstos dêsse tipo, pertencentes à coleção v. d. Steinen, a padronagem das quatro partes laterais se destacam mais, porque a espiral que percorre as quatro pontas livres das tiras que formam o fundo é, ao contrário destas, tinta de preto.

Era um cêsto semelhante, da coleção Meyer, os quatro lados são formados por um trançado que, por sua natureza, pertence ao terceiro grupo principal de trançados sulamericanos, do qual trataremos adiante.

A fig. 180 apresenta o outro tipo de cêsto, em que os lados se formam diferentemente do cêsto anteriormente examinado. O exemplar vem dos bacairís e pertence à coleção v. d. Steinen. Enquanto essa espécie de cêstos do Xingú, confeccionada de tiras de folha de palmeira, se acha representada apenas por dois exemplares, a coleção

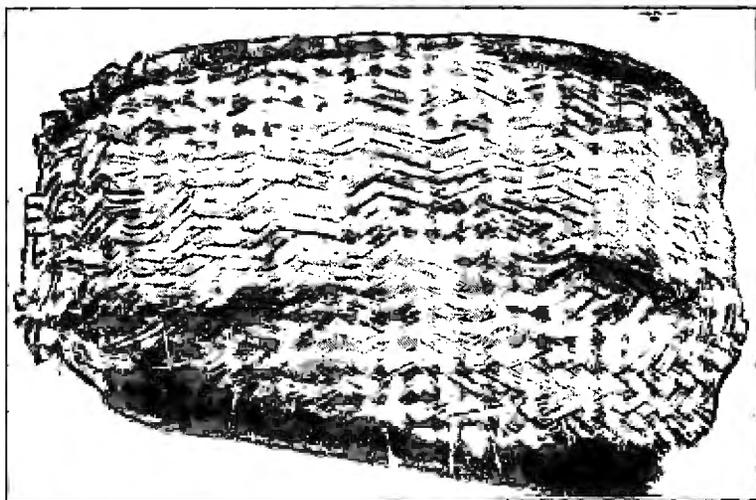


Fig. 180

Cesto bacairí

Mus. Etn. Berlim, V. B. 2408a, Coleção K. v. d. Steinen, 1/3 tam. nat.

trazida por Hermann Meyer daquela tribo no Ronuro, cujo nome e origem ainda não puderam até hoje ser estabelecidos, mostra diversos exemplares desse tipo de cêsto.

A fig. 181 reproduz minuciosamente a ordem das malhas de uma parte do cesto da fig. 180, sendo que o quadro BHEC forma o trançado do fundo, ao passo que os triângulos BCD, EFC, EHG e HJB, são as partes das quatro paredes laterais. Toda a parte JGFD compõem-se de quatro quadros de trançados, que surgiram evidentemente, um após outro, conforme o método de trançar descrito anteriormente. A determinação numérica, de acôrdo com o que já sabemos, para êsses quadros de trançado é a seguinte:

$$AE = - a_{16} - a_{15} \dots - a_1$$

$$AC = + b_1 + b_2 \dots + b_{17}$$

$$AB = + a_{16} + a_{15} \dots + a_1$$

$$AH = - b_1 - b_2 \dots - b_{17}$$

em $\pm b_1$ ($\pm a_{16} \pm a_{15} \pm a_{14}$) a tira b está por cima.

A ordenação das malhas da parte JGFD resultante dessa determinação é executada sempre sem qualquer irregularidade, ao passo que nos entrançamentos externos desses lados do cêsto, conforme se

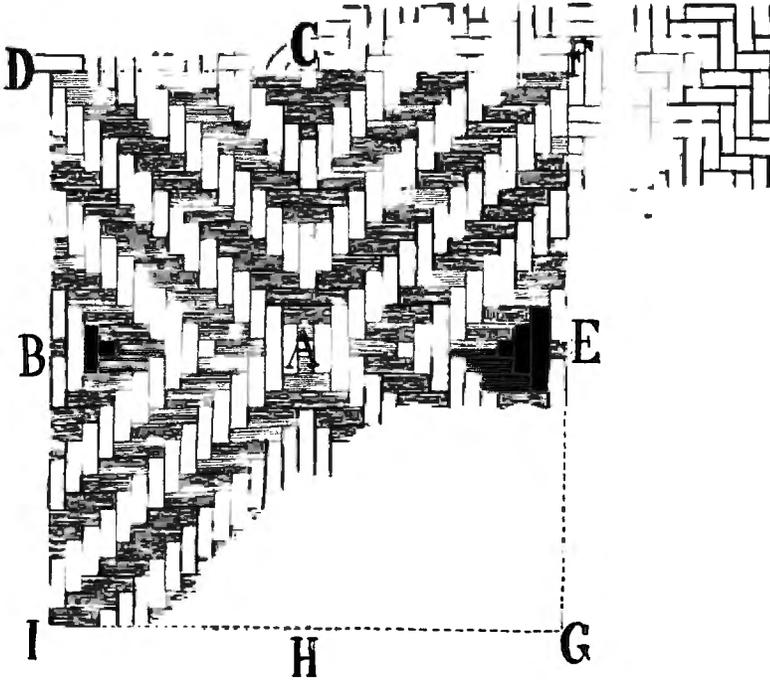


Fig. 181

Sequência das malhas no trançado do cesto da fig. 180

vê claramente em cima na fig. 181, reina uma grande irregularidade na seriação das malhas. E justamente através dessa irregularidade, que, começa logo depois da tira $\pm b_{17}$ e $\pm a_1$, é que se pode determinar com certeza o sistema de trançar do cêsto na forma já descrita. Portanto, nos cestos desse tipo forma-se, primeiro, a parte JGFD, a qual, de acordo com a fig. 180, é composta de vários quadros de tran-

gado. Dessa parte, os ângulos BCD, EFC, EGH e HJB são redobrados para cima, sendo que os intervalos entre êsses ângulos são preenchidos pelo entrançamento das pontas livres.

É justamente o tipo de cêsto que acabo de descrever, muito comum também no resto da América do Sul, que nos mostra bem claramente como os trançados flabeliformes dependem da formação dos quadrados de trançado. E' evidente que quando num cesto, as quatro paredes laterais só devem ser feitas das tiras que compõem esse fundo, assim como o quadrado HECB da fig. 181 deverá dispor-se de modo a que as tiras corram na direção diagonal. De outro modo,



Fig. 182

Bolsa de folha de buriti dos bacairís

Mus. Etn. Berlim, V. B. 5217, 1/3 tam. nat.

si as tiras corressem paralelamente ao lado do quadrado, conforme o sistema comum do quadrado trançado ou suas combinações, em cada lado do fundo, só estariam disponíveis as pontas de um grupo de tiras na confecção da referida parede lateral. Seria, portanto, necessário, como no cesto da fig. 178, substituir o outro grupo por um novo elemento de trançado, acessório. Entretanto segundo as regras

do trançado flabeliforme, não é possível a formação de um quadrado, no qual as tiras corram em sentido diagonal, como acontece no trabalho de folhas pinuladas. Era, portanto, impossível, ao mani-



Fig. 183

Bolsa de folha de burití dos bacairís
Mus. Etn. Berlim, V. B. 5216, 1/5 tam. nat.

pulador, com o método de que dispunha, realizar a parte do trançado HECB sem as partes BCD, EFC, EGH e HJB, e assim, por uma necessidade calculada, essas partes dos quatro lados deveriam surgir simultaneamente com a confecção do fundo.

2) Bolsas de folha de burití e os trançados delas originados

Possue um ponto de partida completamente diverso dos trabalhos até agora desenvolvidos, o tipo de cesto reproduzido pelas figuras 182 e 183¹⁵¹. Nessas bolsas o trançado decorre, conforme o tipo principal da espécie de trançado anterior, do entrançamento de duas folhas de burití, mas, por um processo inteiramente diferente. Em 182 e 183, da minha coleção, a diferença evidencia-se no fato de o tran-

(151) V. meu trabalho: "Ableitung südamerikanischer Geflechtmuster", P. 500, fig. 13 e 14.

gado em 183 ser de uma malha, ao passo que o outro é de três malhas, como é comum nos trabalhos xinguenses.

O esquema da fig. 184 reproduz exatamente, malha por malha, o processo do trabalho do cesto da fig. 182. Para maior clareza os quatro quadros acham-se um pouco desfiados. O esquema mostra em GIBJ o fundo do cesto, JBC o lado da frente, o triângulo GEF o lado posterior e os triângulos GJI e EDB as duas paredes laterais do cesto. Deve-se imaginar, por conseguinte, que o ponto F se acha atrás do ponto C, de modo que as tiras que saem de EF e GF até os

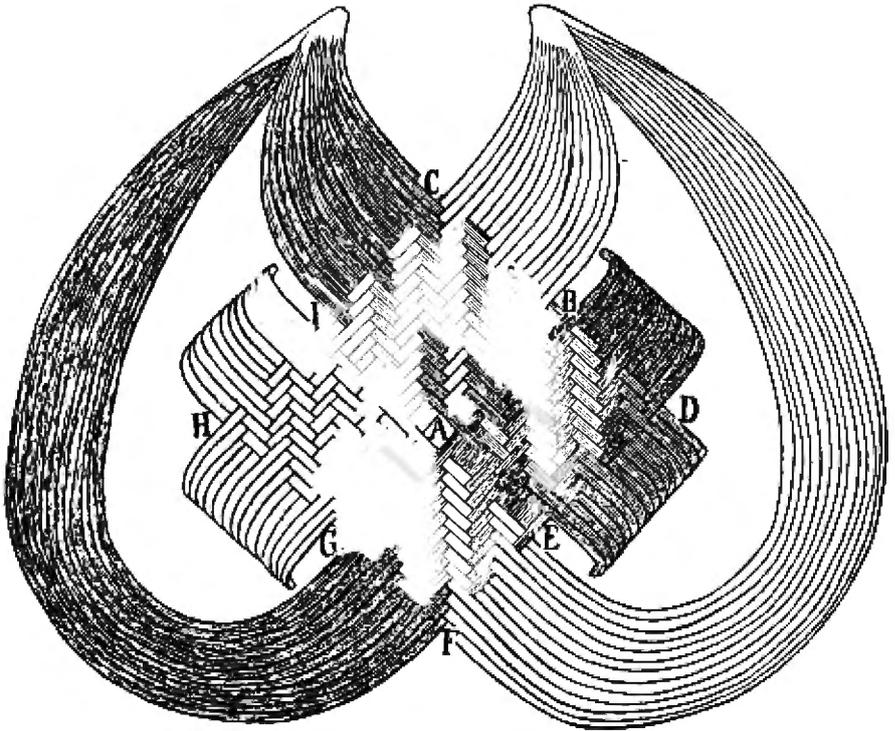


Fig. 184

Esquema do trançado do cesto da fig. 182, V. B. 5217

pecíolos das duas folhas flabeliformes não são, na realidade, mais longas do que as que vão de CB e CJ até os pecíolos.

O esquema nos mostra como é surpreendente a simplicidade com que também essa espécie de cestos é trançada e como também aqui toda a trama se compõe de quadros, que vão surgindo um após outro, conforme se verifica no resto dos trançados flabeliformes.

Os quatro quadrados ABCJ, ABDE, AEEFG e AGHJ correspondem, cada um isoladamente, com algumas pequeninas irregularidades de pouca monta, exatamente às exigências do quadrado de trançado típico, que acabamos de estudar. Assim o quadrado ABCJ é determinado por :

$$\begin{aligned} \Delta J &= a_{14} + a_{13} \dots + a_1 \\ AB &= + b_1 + b_2 \dots + b_{15} \\ \text{em } + b_1 & (+ a_{14} + a_{13} + a_{12}) \text{ a tira a está por cima.} \end{aligned}$$

Mas, nos trançados de cesto, de que tratamos, os quadrados não seguem um após outro como nos anteriores trabalhos tratados, por causa do ponto de partida original. Naquêles o trançado corria de modo que, ao primeiro quadro, se juntava lateralmente um outro e assim por diante. Nos cestos do esquema 184, porém, os quadros fronteiros ABCJ e AEEFG devem necessariamente formar-se, primeiro, sendo que de maneira completamente independente. E' somente por que as pontas livres de ambos os quadros são entrançadas nos seguintes quadros ABDE e AGHJ que o trançado se torna um todo constituído. Comparando-se o quadrado ABCJ com o quadro AEEFG, vê-se ainda que o primeiro, a partir do ponto C, é trançado exatamente igual ao segundo que parte do ponto F. Si houvesse, portanto, um número igual de tiras, cada quadro refletiria exatamente a imagem do outro. E' nessa singularidade condicionada pelo ponto de partida do trançado que reside o motivo do sistema especial e tão divergente, porque se configura o ponto de contacto (A da fig. 184) dos quatro ângulos que se tocam, assim como o modo diverso por que dois quadros juxtapostos se chocam em sua linha limítrofe. Já em outra parte¹⁵² me referi a essa singularidade de um determinado tipo de trançado sulamericano. E' justamente nos cestos da Guiana, conhecidos pelo desenvolvimento que tomaram alí as diferenças de padronagens de trançado, que se evidencia êsse caráter específico, (que encontra explicação através da fig. 185 e do esquema 186,) formando, assim, relação estreita.

O cesto bacairí da fig. 185, pertencente à minha coleção corresponde em toda a sua conformação às bolsas de burití de que tratamos.

Conforme mostra o esquema da fig. 186, também nêsse cesto de tiras de cana o quadro ABCJ constitue o reflexo exato do quadro AEEFG. Uma diferença exterior ao esquema 184 parece evidente, desde que o quadro ABCJ da fig. 186 em vez de ser formado pelas tiras + a é formado pelas tiras — a, sendo que podemos determinar êsse quadro assim :

(152) "Ableitung südamerikanischer Geflechtemuster", P. 495.

$$\begin{aligned}
 AJ &= - a_1 - a_2 \dots - a_{18} \\
 AB &= + b_1 + b_2 \dots + b_{18} \\
 \text{em } + b_1 (- a_1 - a_2 - a_3) &\text{ a tira } - a \text{ está por cima.}
 \end{aligned}$$

O quadro AEFG apresenta, em contraste com o quadro anterior, três tiras b a mais, estando determinado assim:

$$\begin{aligned}
 &\dots \\
 &= + {}_1a + a_2 \dots + a_{18} \\
 &= + {}_1b + b_2 \dots + b_{21}
 \end{aligned}$$

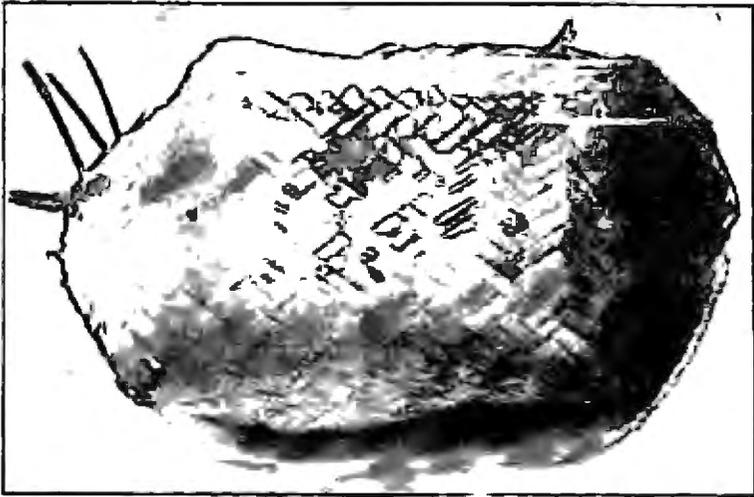


Fig. 185

Cesto bacairí, visto por baixo

Mus. Etn. Berlim, V. B. 5218, 1/4 tam. nat.

Verifica-se uma diferença primordial em relação aos trançados flabeliformes comuns (fig. 186) pela circunstância de a tira $- a_1$, não coincidir com a tira $+ a_1$, e a tira $- b_1$ não coincidir com a tira $+ b_1$. Essa particularidade explica-se de modo mais fácil pelo seguinte: de acordo com o método de trançar, acima descrito, do cesto reproduzido na fig. 182 e 184, os dois quadros idênticos e fronteiros ABCJ e AEFG surgiram primeiramente independentes um do outro, como si fossem quadros de trançado isolados. Depois disso, reúne-se num todo, pelo entrançamento das pontas livres das tiras $+ b$ do quadro ABCJ com as pontas das tiras $+ a$ do quadro AEFG, juntando-se ao novo quadro AEDB, e bem assim as pontas livres das tiras $- a$ do quadro ABCJ com as tiras $- b$ do quadro AEFG, que se juntam ao quadro seguinte.

Após termos, assim, estabelecido o ponto de partida que toma o trançado do cesto reproduzido na fig. 185, o resto do trabalho é inteiramente análogo ao tipo do cesto da fig. 180. O quadro GEBJ

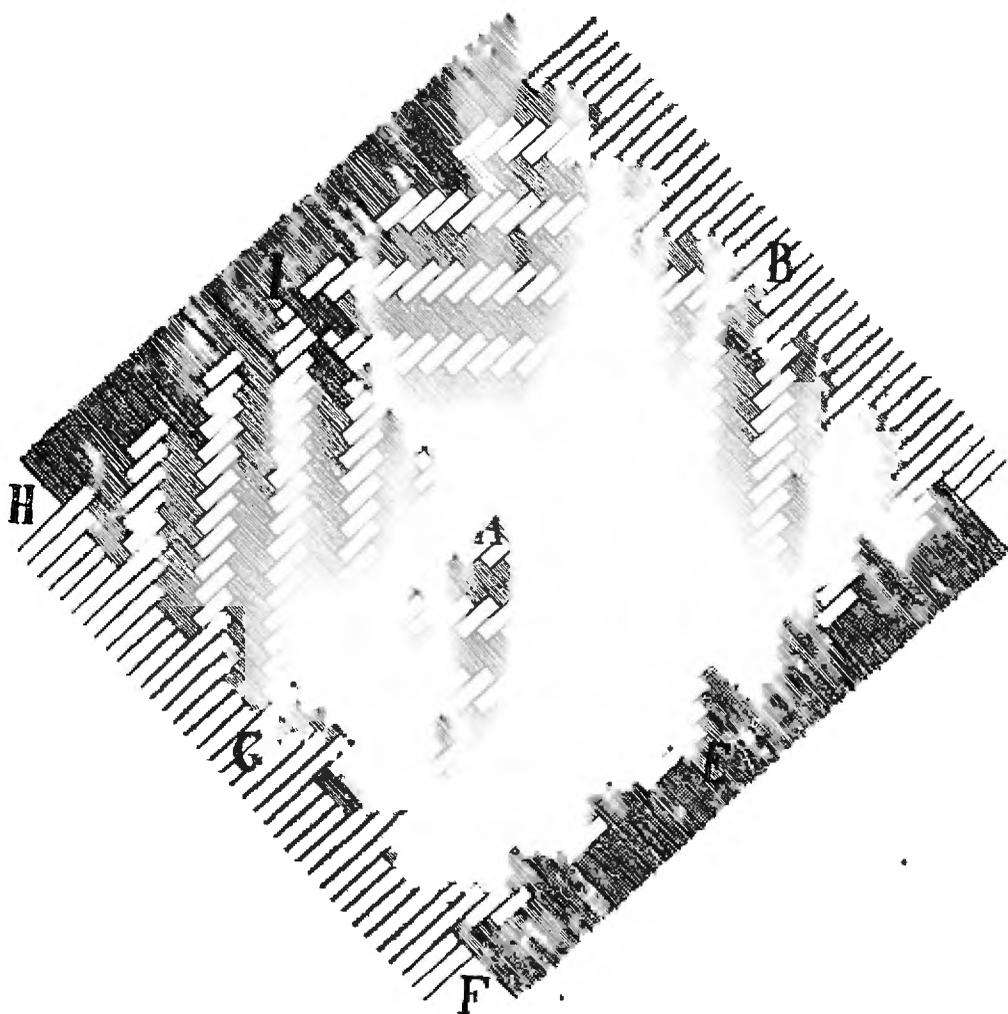


Fig. 186

Esquema do trançado do cesto da fig. 185.

forma o fundo, os quatro triângulos BCJ, BDE, EFG e GHJ são os começos de cada uma das quatro paredes laterais do cestô dobrado

em 90 graus, sendo que o trançado das paredes laterais continua depois da maneira descrita atrás.

E' no tipo de cesto descrito por último, que se percebe nítidamente como, pela maneira especial de aplicar a folha de palmeira em sua totalidade, resultou o sistema de trançar modelo, que serviu

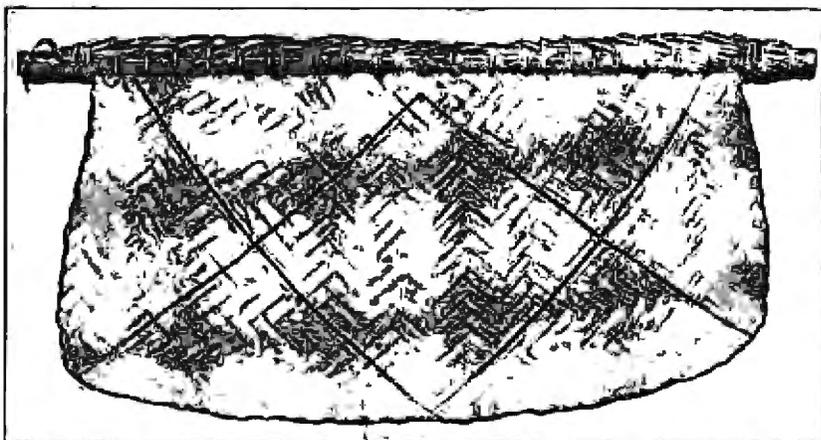


Fig. 187

Abano para fogo dos bacairís.

Mus. Etn. Berlin, V. B. 2437a, Coleção K v d. Steinen, 1/5 tam. nat.

de padrão aos outros trançados de materiais diversos e que, por isso, foi por nós denominado "trançado de folha de palmeira". Os mesmos tipos, que, nos trançados legítimos de folha de palmeira, se tornam o ponto de partida do trabalho por meio das diferentes possibilidades da aplicação da folha, voltam a manifestar-se de modo inteiramente semelhante nos cestos trançados de folíolos avulsos ou de tiras de outro material, no mesmo sistema, que justifica a concepção em que baseamos esse estudo, isto é, que devemos pesquisar o ponto de partida para todos os trançados dessa espécie na folha de palmeira total e não nos seus folíolos avulsos.

Como acréscimo ao estudo dos cestos de folha flabeliforme, temos que citar aqui os abanadores de fogo xinguenses, trançados do mesmo modo, dos quais já tratei em particular no meu trabalho "Ableitung Suedamerikanischer Geflechtmuster aus der Technik des Flechtens", uma vez que justamente nesses trançados se pode provar muito bem como os desenhos e os padrões se relacionam com a técnica do trançado.

Nas figs. 187-189 temos o abanador de fogo da coleção v. d. Steinen, V. B. 2437a, representado nas diversas fases de sua evolução.

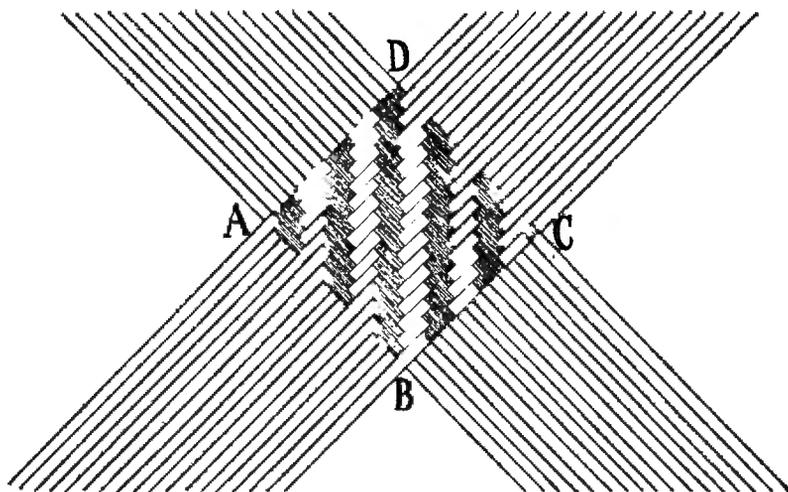


Fig. 188

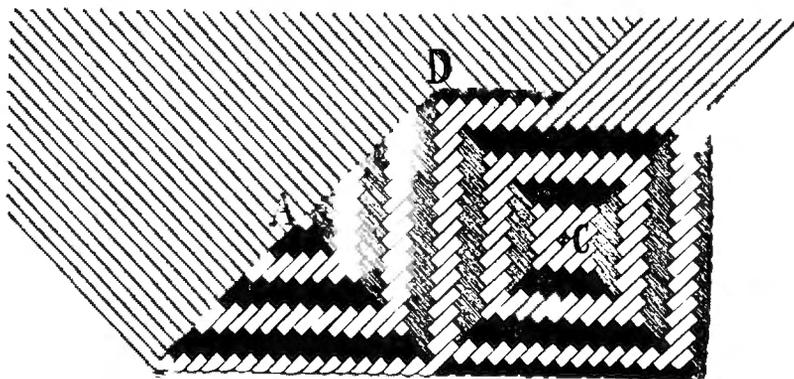


Fig. 189

Demonstração esquemática do trançado do abano para fogo.

O começo do trançado é formado (fig. 188) pelo quadro típico ABCD, cuja determinação será a seguinte:

$$AB = + a_1 + a_2 \dots + a_{14}$$

$$AD = + b_1 + b_2 \dots + b_{16}$$

em $+ b_1 (+ a_1)$ a tira a está por cima,
 em $+ b_1 (+ a_2 + a_3 + a_4)$ a tira b está por cima.

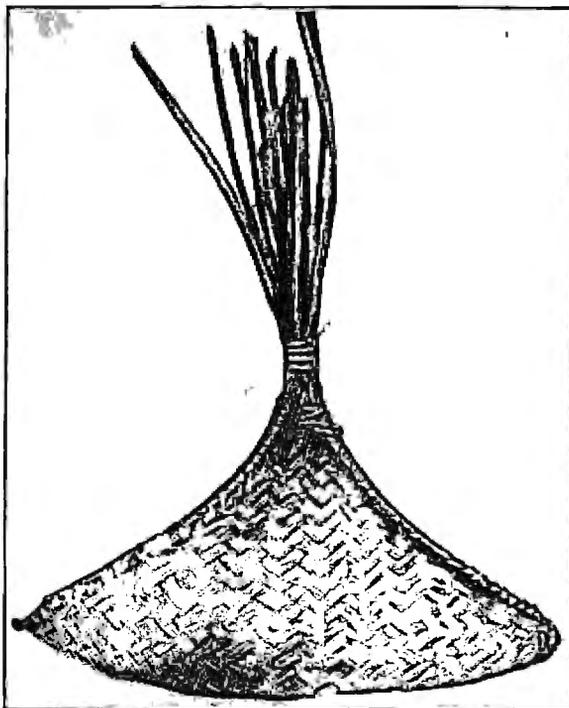


Fig. 190

Abano para fogo dos bacairis.

Mus. Etn. Berlin, V. B. 2438b, Co. K. v. d. Steinen, 1/5 tam. nat.

Na continuação do trabalho no abanador, verifica-se uma diferença essencial em relação aos trançados descritos, pelo seguinte: As novas partes de trançado não se formam, como ali, por meio de novas tiras que se acrescentam, mas de um modo todo especial, aproveitando apenas as pontas das tiras do primeiro quadro, o ABCD. O lado esquerdo da fig. 189 mostra que ao quadro ABCD juntam-se, primeiro, os dois triângulos ABE e BCF, de modo que o triângulo ABE se forme somente pelas pontas das tiras a do quadro ABCD, o triângulo BCF apenas pelas tiras b do quadro ABCD. O processo pelo qual êsses dois triângulos se ligam ao quadrado, pode observar-se bem na

fig. 189. Assim, para a formação do triângulo ABE dobra-se, primeiro, a última tira do quadro ABCD, isto é $+ a_{17}$, num ângulo de 90 graus; daí continúa na qualidade de tira $- b_2$ através das pontas livres do restante das tiras $+ a$. Depois, as tiras $+ a_{16} + a_{15} \dots + a_2$ na qualidade de $- b_3 - b_4 \dots - b_{17}$ formam, por ordem, o resto do trançado do triângulo ABC. A ponta livre da tira $+ a_1$ em E faz com que seja dobrada num ângulo de 180 graus juntando-se, na qualidade de tira $- a_2$ ao trançado geral, que é o começo

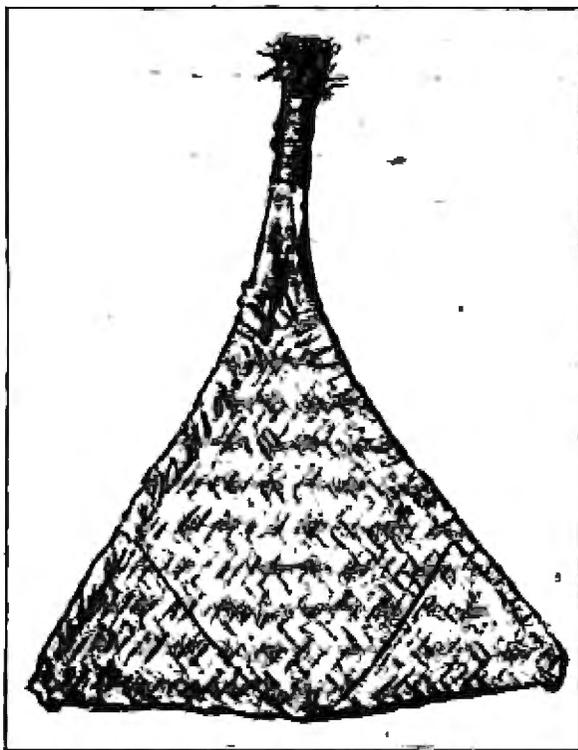


Fig. 191

Abano para fogo dos bacairís.

Mus. Etn. Berlin, V. B. 5219, 1/5 tam. nat.

da parte de trançado da esquerda que ainda falta e que corresponde à parte FGD do lado direito da fig. 189. As restantes tiras que se transformaram em tiras $- b$ juntam-se depois numa dobra de ângulo de 90 graus a essa tira $- a_2$ na qualidade de $- a_3 - a_4 \dots - a_{17}$, correspondendo ao processo anterior.

Já salientei¹⁵³ que, pelo fato do trançado continuar regularmente, após dobrar nas margens em EB, BF e FG, deve necessariamente formar nos bordos do abano uma padronagem paralela ao bordo, isto é de acordo com o começo dado pelo quadro ABCD. A

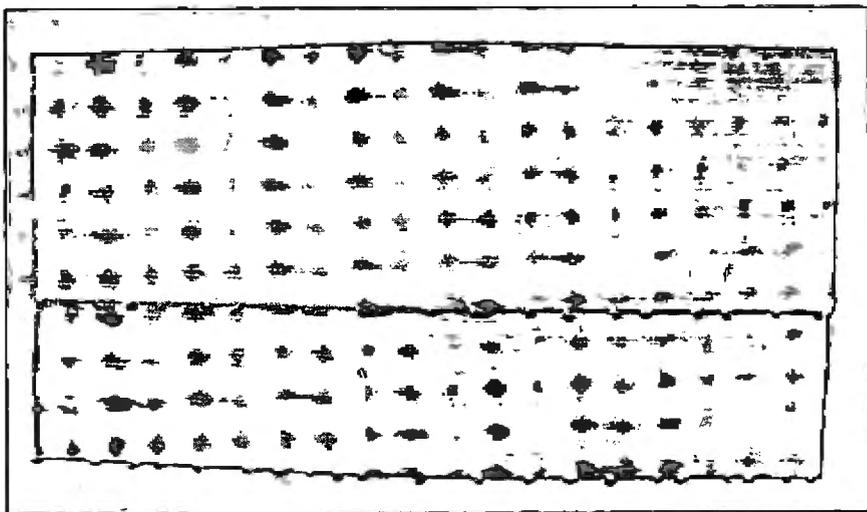


Fig. 192
Peneira bacairí.

Mus. Etn. Berlin, V. B. 5208, 1/7 tam. nat.

padronagem do abano pronto deve fornecer necessariamente o desenho que aparece na fig. 187, aplicando-se êsse método de trançado.

Aham-se na mesma base o trançado dos dois abanos para fogo, em feição de triângulo, das figs. 190 e 191. O ponto de partida dos mesmos é exatamente como no outro, o quadro ABCD. Na fig. 190 o mesmo consiste, conforme a fig. 187, de tiras + a e tiras + b, sendo que no abano da fig. 191, da minha coleção, pelo contrário, de tiras - a e tiras + b. Em outras palavras: No abano da fig 191 a padronagem listrada do quadro de trançado encaminha-se no sentido paralelo à margem inferior do abano; nos dois outros abanos, em direção vertical à margem inferior.

Verifica-se na fig. 189 que, de modo inteiramente idêntico, os triângulos EBA e BCF se atam ao quadro ABCD e com isso o trançado termina nesses abanos triangulares, antes que os triângulos EHD e FGD fossem acrescidos como na fig. 187.

(153) "Ableitung südamerikanischer Geflechtmuster", p. 505.

Já salientei anteriormente que o listrado dos dois triângulos EAB e BCF devem necessariamente apresentar o desenho em sentido paralelo à margem inferior. No abano da fig. 191, onde já no pri-

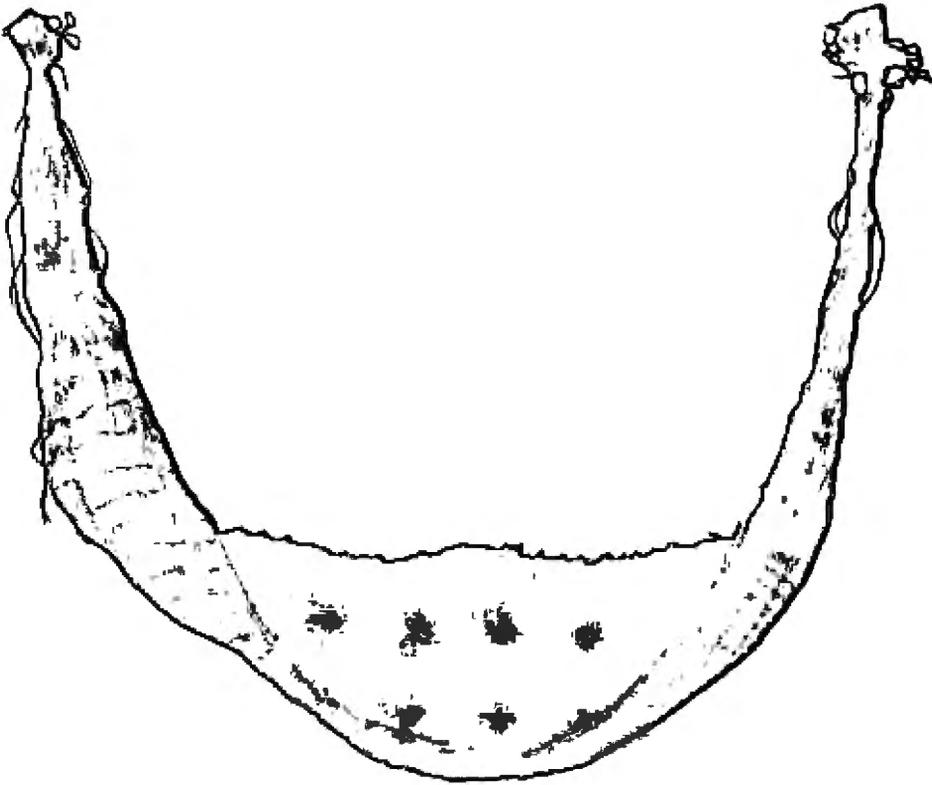


Fig. 193

Rede aueto de fibra de burití.

Mus. Etn. Berlim, V. B. 5278

meiro quadro se manifesta êsse desenho, o listrado do abano todo, ao contrário do que se vê no abano da fig. 190, deve ser por unidade.

2.º Grupo Principal: Trançados de fio duplo

A segunda espécie de trançados sulamericanos, que designo por “trançado de fio duplo”, aparece na região das nascentes do rio Xingú, e emprega-se principalmente em rês de dormir (v. figs. 193

e 194) e nas peneiras para mandioca. Mas, êsse trançado também encontrou aplicação em outros objetos, assim, por exemplo, nas roupagens de festa ¹⁵⁴, nas nassas, num certo tipo de cêsto e muito usado nos trançados de folha flabeliforme para reforçar as pontas das tiras ¹⁵⁵.

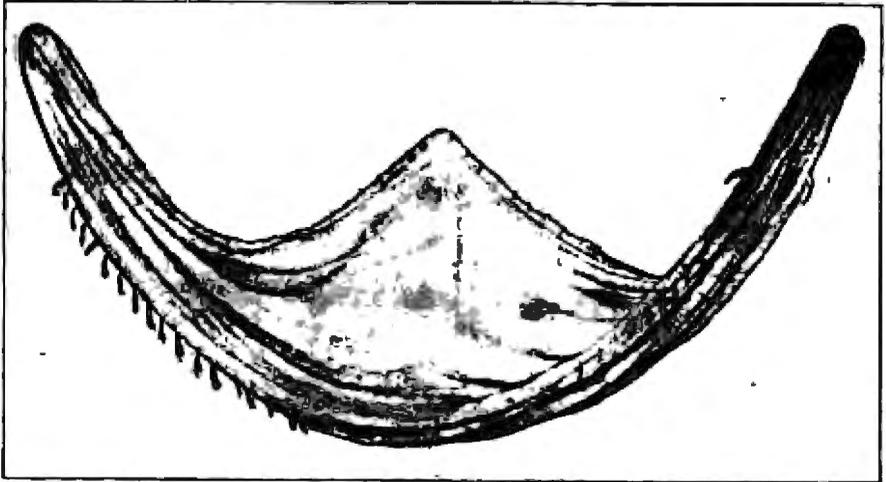


Fig. 194

Rede bacairí de fibra de algodão (Propriedade do autor).

É um trançado bem simples o da peneira reproduzida na fig. 192. Uma série de varas paralelas de talos de folha de burití é enlaçada por um fio duplo, pelo sistema da esteira de junco dos guatós, da fig. 119 e esquema 120. A pequena diferença, porém, daquela é que não é o mesmo fio duplo, que, após ter entrancado as varas uma por uma, volta no mesmo sentido a realizar a mesma tarefa, mas êsse fio duplo só percorre as varas uma única vez, sendo que o próximo fica a uma certa distância e de modo independente.

A mesma diferença encontra-se nas rêdes das figs. 193 e 194 da minha coleção. Na primeira, que conquistei aos auetós, a cadeia consiste de uma corda de fibra de burití e fio duplo de algodão, ao passo que na outra, que obtive dos bacairís do Paranatinga, mas que, conforme me asseguraram, era originária dos “xinguanos”, tanto a cadeia como o fio duplo eram de algodão.

(154) K. v. d. Steinen: “Entre os aborígenes do Brasil Central” (trad. brasileira) p. 388.

(155) Sob o aro de madeira do bordo do cesto, da fig. 178 e bem assim nos diademas trançados.

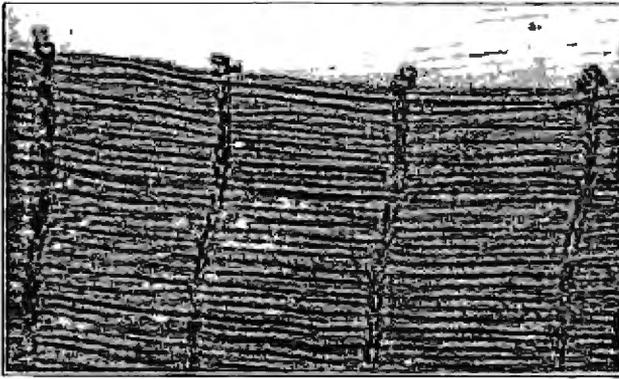
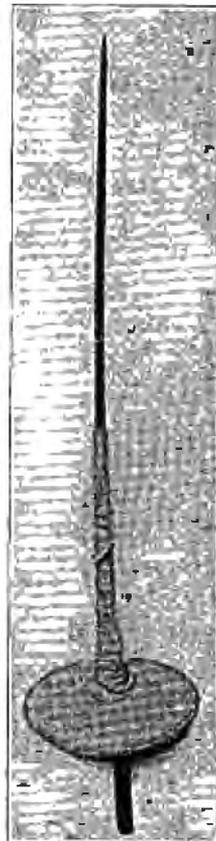
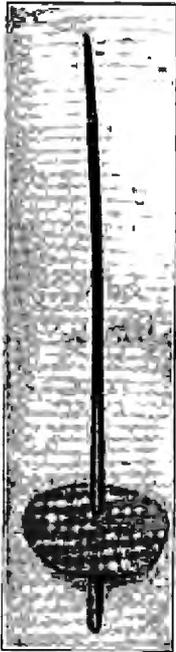


Fig. 195
Trançado da rede da fig. 194.



Figs. 196 e 197

Fusos e gastão de barro bacairís

Mus. Etn. Berlim, V. B. 5186 e 5187, 2/7 tam. nat.

A cadeia em ambas as redes foi simplesmente feita, de modo tal, que um fio, correndo constantemente em torno de dois postes distantes um do outro, enrola-os. Os fios da cadeia dêsse modo constituídos em sentido paralelo são abraçados pelo fio duplo; contudo, pelo siste-

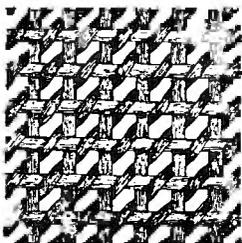


Fig. 198

Demonstração
esquemática de
trançado

ma do esquema 129, de maneira que correm sempre dois pares de fio duplo um ao lado do outro; os fios de cada um dêesses pares é torcido em torno em direção diferente, o que tem por consequência a convergência de duas malhas que se juxtapõem de cada vez. Em algumas redes de algodão dêesse tipo, pertencentes aos meinacús, da coleção v. d. Steinen, os pares de fio duplo assim constituídos são tão unidos, como si fossem os fios da trama de um tecido, que a cadeia desaparece inteiramente sob as malhas dos fios duplos, apresentando todo o trançado o aspecto de um pano densamente tricotado.

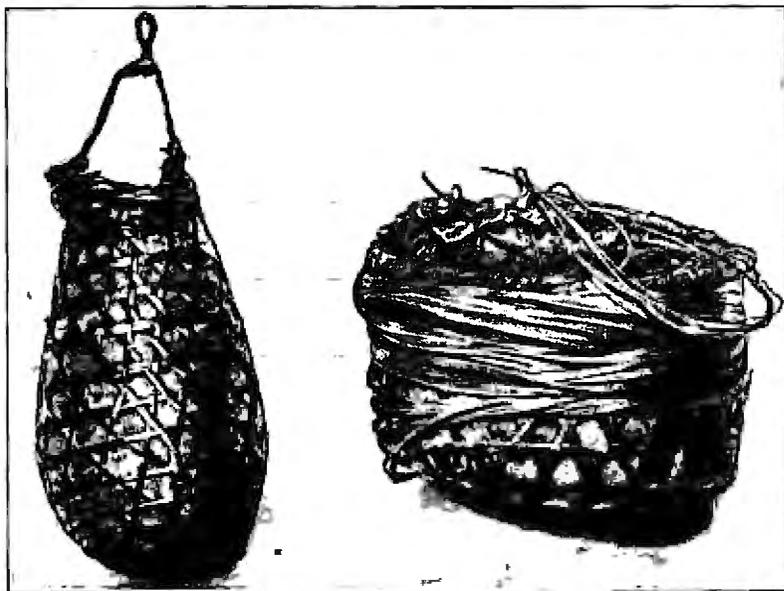


Fig. 199 e 200

Trançados de cestos naucuás

Mus. Etn. Berlim, V. B. 4331 e 4391, 1/3 (am. nat.)

3.º Grupo Principal dos trançados

O terceiro grupo principal dos trançados sulamericanos, que consiste (fig. 198) em dois grupos de tiras (exclusivamente tiras de junco) superpostos em direções opostas, são entrançados por um terceiro grupo, numa terceira direção¹⁵⁶ — é encontrado em quantidade na região das cabeceiras xinguenses. Na coleção v. d. Steinen assim como na de Meyer, ha muitos exemplares em que êle aparece. Como, porém, a minha própria coleção não contém exemplar algum relativo ao grupo, não entrarei (no capítulo a seguir) em detalhes sôbre as diferentes formas dêsse grupo de trançados. Apenas gostaria de assinalar desde já que essa espécie de trançado não apresenta nenhuma analogia com o trançado de folha de palmeira, tendo, aparentemente, um ponto de partida inteiramente diverso. Êste deve ser investigado, segundo penso, no entrançamento de qualquer objeto, como das figs. 199 e 200, de modo que, também nos casos em que o trançado aparece de um modo independente, segundo todas as probabilidades, durante a confecção, foi preciso lançar mão de um objeto ou de uma armação quaisquer, afim de dar ao trançado, forma determinada.



Fig. 201

Cesto trumai

Mus. Eth. Berlin, V. B. 2841,
1/5 tam. nat.

(156) V. "Ableitung, etc.", já citado aqui p. 494, bem assim fig. 6.

CAPÍTULO XV

O estudo do ornamento na região das cabeceiras do Rio Xingú

1 — A ornamentação derivada ou inspirada nos modelos ou padronagens de trançado

JÁ no capítulo anterior tratei, em parte, da ornamentação, isto é, da padronagem diversa que se manifesta pelo próprio processo de trançar, especialmente no que diz respeito aos cestos e aos abanos para fogo. Vimos que nos trançados flabeliformes a técnica do trabalho e a ornamentação se acham tão estreitamente relacionadas que a primeira não existe absolutamente sem a segunda. Da técnica de trançar resultam, como elementos fundamentais do trançado, os quadros que, com o seu listrado diagonal e a conformação especial de dois ângulos voltados um para o outro, “ornamentados” por si mesmo, e nos quais se originam diferentes desenhos pela diversidade de composição das tiras, chamam a atenção não só como elementos básicos do trançado, como também por constituírem elementos fundamentais da ornamentação ligada ao próprio trançado.

Temos, portanto, nos trançados de folha flabeliforme os objetos que se ornamentam imediatamente desde a sua formação, nos quais o conceito de ornamento se cria e desenvolve por si mesmo. Sendo assim, explica-se por que a ornamentação de trançado, da maneira por que se manifestou primeiramente na técnica do trançado de folha de palmeira, conseguiu exercer influência tão profunda na ornamentação geral, influência essa que preponderou, aliás, em todo o continente sulamericano.

Antes de mais nada a ornamentação no trançado foi-se desenvolvendo naturalmente, segundo a orientação dada pelo próprio processo do trançado. Fez-se uso das propriedades matemáticas do quadrado de trançado, conforme salientamos na pag. 285, afim de, por meio de combinações perfeitamente determinadas das diversas “possibilidades” de trançado, obter combinações perfeitamente determinadas, conforme o exemplo da tigela trançada, da fig. 177. Procurou-se destacar os desenhos através de recursos exteriores, voltando-se para cima um

dos grupos de junco com o lado liso e outro com o lado áspero. Verificou-se que a fuligem passada no junco aderiria mais no lado áspero do que no liso, aproveitando-se dessa circunstância para se pintar logo de início todo o cesto de preto, depois do que era lavado, o que fazia com que só as malhas ásperas de cima mantivessem a cor preta¹⁵⁷. Outro passo para a frente foi terem pintado o lado áspero das tiras de um dos grupos antes de começar o trançado, conforme é o caso nos cestos da coleção de v. d. Steinen, fig. 178 e bem assim nos diademas trançados dos bacairis de que tratamos mais adiante.

Assim, si nos trançados, certa parte se desenvolveu cada vez mais como ornamento, isso fez com que o mesmo se tornasse finalidade por si próprio, isto é, se tornasse simples enfeite, livre de qualquer objetivo prático ou utilitário. Os índios durante as festas enfeitavam o corpo, enfiando nos braços umas mangas trançadas, conforme as reproduzidas aqui. Colocavam um disco na cabeça à guisa de diadema (v. mais adiante), ou o prendiam a ela através de como se viam em um disco oval como uma máscara (v. mais adiante). Cobriam, outrossim, diversos objetos de madeira, com tecido trançado, algumas clavas trumais¹⁵⁸ (usadas durante as dansas) e nos cabos das estólicas¹⁵⁹.

Si se tomar em conta que a superfície de um trançado flabeliforme, devido ao processo especial de trançar, sempre apresenta um desenho mais ou menos capaz de chamar a atenção e que em geral nos trançados de folha de palmeira típicos, ao contrário das superfícies de outros utensílios, não há partes dessa superfície isentas de ornamento, compreender-se-á facilmente que essa ornamentação, que surge à proporção que se trança, se tenha estendido a todas as outras superfícies.

Assim, vemos, primeiro, o trançado de folha de palmeira cobrir as superfícies a ornamentar, conforme acima referido; depois, uma espécie de manga trançada que se veste no braço; cobre-se, também, com trançado flabeliforme os cabos de objetos de uso como paus de matar peixes e estólicas. Pouco falta para que êsses modelos de trançado flabeliforme sejam diretamente acomodados à superfície a ser ornamentada por meio de qualquer outro recurso, seja colorindo-a, seja pela cauterização com brasa de leuha, ou pela incisão feita com um instrumento afiado diretamente sôbre a superfície a receber a ornamentação.

Nessa transferência do ornamento trançado para a pintura, a gravação e a arte de recortar, temos a considerar, antes de tudo, a capacidade humana como fator de ligação entre os modelos de tran-

(157) Vide ps. 299-300.

(158) Vide Karl v. d. Steinen: "Entre os aborígenes do Brasil Central" (trad. bras.) p. 357/8.

(159) V. Museu de Berlim, V. B.

çado transferidos e os primitivos padrões, isto é, os que serviram de ponto de referência, originados da própria técnica de trançar. Aventa-se, sobretudo, a questão: Como foi que os padrões, constituídos pelo próprio trabalho de trançar apareceram como tais na consciência do manipulador e quais os detalhes que se gravaram mais em sua memória como sinal característico? Para responder a essa pergunta, desejo chamar a atenção, antes de mais nada, sobre a importância de o investigador por si mesmo fazer a experiência do trançado, para ficar perfeitamente a par do mecanismo por que se manifestam espontaneamente as padronagens durante a execução do trançado. Aprendi nos últimos dois anos, em que me preocupei minuciosamente com os trançados sulamericanos, tendo por mim mesmo confeccionado vários modelos, a apreciar a vista do índio, habituada desde a infância a ver as padronagens ou os diversos desenhos se esboçarem no trançado. A vista do índio, por isso mesmo, supera, nesse ponto, a nossa. Acostumado às malhas do trançado que, como vimos, se criam pela própria arte, de acôrdo com leis determinantes, o meu olhar também agora vê nesses modelos alguma coisa bem diversa do que antes. Somente a observação da técnica pôde habituar progressivamente o olhar que contemplava superficialmente as linhas em losangos, linhas meândricas, linhas em zigzague e outras manifestações da composição dos quadros de trançado, a distinguir nos mesmos os elementos propriamente ditos do trançado flabeliforme, assim como a própria padronagem. O olhar exercitado consegue perceber sem maior dificuldade, êsses quadros, diferenciados pelo listrado, em diversas direções e até mesmo nos modelos meândricos, cujos quadros de trançado, listrados em direções iguais se acham dispostos em séries ou colunas (v. fig. 172). A vista inexperiente, porém, pode verificar isso, sublinhando-se os diversos quadros como o fiz, por exemplo, nas figs. 177, 179 e 187. Comparando-se a fig. 266, onde os quadros se acham sublinhados, com a fig. 265, que não sublinhamos (pode-se verificar isso).

O que aos índios das cabeceiras xinguenses se mostrou como mais característico nos trançados flabeliformes, e que foi transferido como tal para o ornamento derivado dêsses padrões, é o seguinte:

- 1.º — A unidade do quadrado propriamente.
- 2.º — O listrado diagonal do quadrado.
- 3.º — A natureza especial dos cantos do quadrado e a singularidade que daí se origina pelo ponto de contacto de quatro quadrados de trançado que se encontram.

Não foi considerado ponto característico na ornamentação derivada a seriação juxtaposta das malhas, correndo na mesma direção, isto é, a forma em série das diversas listas, atravessando o quadrado

de trançado em diagonal. Enquanto parte da ornamentação peruana se caracteriza pela observação exata dessa formação em série, nas cabeceiras xinguenses o listrado do quadrado é simplesmente reproduzido (no quadrado exato) pelas linhas retas que vão em sentido diagonal.

Os quadros de trançado, na ornamentação derivada, não se manifestam somente nas combinações trançadas da maneira característica acima descrita, mas, como aconteceu na ornamentação derivada do trançado, os antigos peruanos, por causa da sua evolução adiantada, de tal modo os concebem como unidade ornamental, que êles são aproveitados independentemente das verdadeiras combinações dos trançados. Daí resultam, então, novos desenhos ou padrões que não se encontram nem mesmo nos trançados de folha flebeliforme (v. p. 331-f).

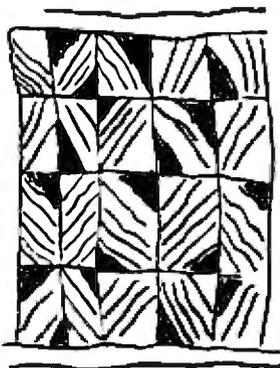


Fig. 202
Desenho a mão feito
pelos suiás (Segundo
K. v. d. Steinen).

Pode-se notar como o olhar do indígena das cabeceiras xinguenses já distinguiu a unidade do quadrado de trançado como coisa característica, pela ornamentação derivada, onde se observam os diversos quadros limítrofes, separados, frequentemente, por linhas semelhantes às que sublinhei na fig. 177. Vemo-los nitidamente nos desenhos dos suiás, reproduzidos por K. v. d. Steinen¹⁶⁰ (v. fig. 202) e bem assim (v. "Entre os aborígenes do Brasil Central, pags. 346/7) nos fusos de fiar dos camaiurás e nas pás de virar beijús dos mesmos e também dos iaulapatís na gravura 54¹⁶¹, nas cabaças de abóbora da fig. 53¹⁶² e bem assim num grande número de máscaras¹⁶³.

Nos objetos trazidos por mim, essa limitação dos diversos quadros, através de linhas, é nitidamente representada nos modelos de pintura executados nas máscaras auetós das figs. 261, 262 e 264. Em todo o caso, essas linhas, do mesmo modo que a maioria dos exemplos de K. v. d. Steinen para o caso em apreço, não são traçadas numa figura que partisse do ponto de encontro de cada quatro quadros que se tocam, fato este, aliás, de que ainda voltaremos a tratar. Verifica-se êste último caso, em parte, na máscara meinaçu de K. v. d. Steinen, reproduzida na fig. 105¹⁶⁴. Os quadros limítrofes são separados entre si por linhas também no desenho em ziguezague das figs. 206 e 207 representadas sobre pás de virar beijús, (v. fig. 267).

(160) V. "Durch Central Brasilien", p. 213.

(161) V. "Entre os aborig. do Brasil Central", p. 376.

(162) Ebenda, p. 343.

(163) " , p. 398 e 399.

(164) V. Ebenda p. 346.

sendo que na fig. 206 as linhas são completas ao passo que na fig. 207, correspondendo à anterior, não passam pelas figuras da extremidade. Na pá de virar beijús da fig. 212 só se acham traçadas as linhas horizontais e na fig. 223, na cuia de abóbora, somente as verticais.

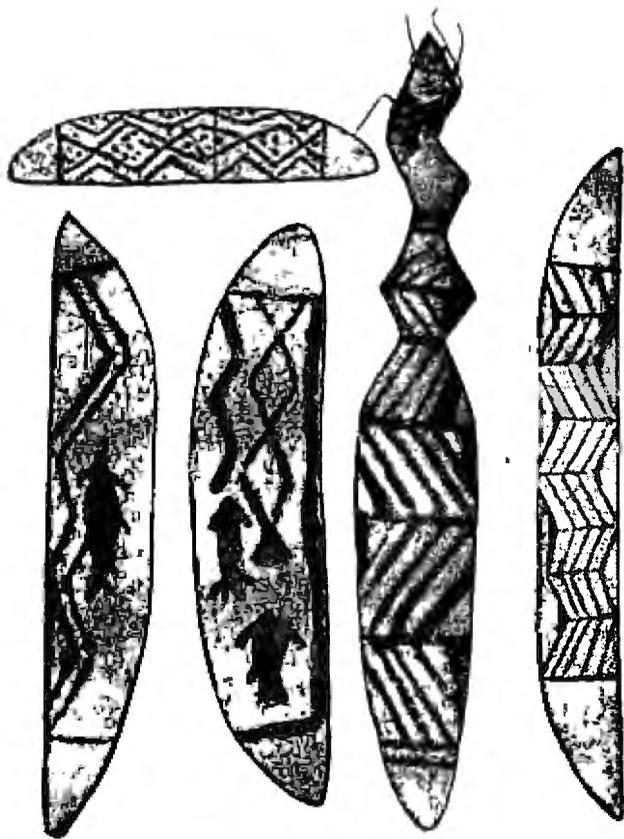


Fig. 203 (em cima) e fig. 204 a 207

Pás de virar beijú dos bacairís

1/4 tam. nat., Mus. Etn. Berlim, V. B. 5184, 5180, 5179, 5183, 5127

Observando-se os desenhos nas pás dos bacairís das figs. 203 a 217, veremos que o essencial representado neles, semelhante ao que acontece nos modelos de trançado flabeliforme, é que certas partes da superfície a ornamentar estão listradas para a direita, em baixo, para a esquerda, em cima, e certas partes da mesma em direção à esquerda, em baixo, para a direita, em cima. Toda a superfície de cada uma das pás de beijús permite decompor-se em um número de quadros listra-

dos em direção igual, perfeitamente igual ao que acontece nos modelos de trançado propriamente. Somente nota-se que êsse listrado só é reconhecível como tal através de linhas pretas e vermelhas, sem que a proporção de larguras das listas de trançado tivessem sido consideradas. Assim a espessura das riscas brancas e pretas da fig. 214 corresponde mais ao listrado do desenho dos trançados do que à

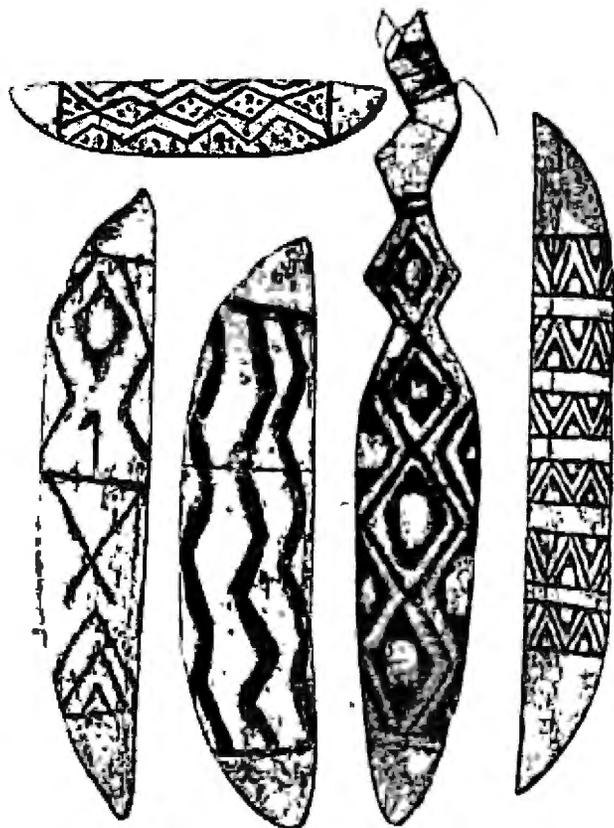


Fig. 208 (em cima) e fig. 209 a 212

Pás de virar beijú dos bacairís

Costas das figuras 203 a 207, 1/4 do tam. nat.

espessura das listas das figs. 207 e 216, em que o listrado é feito em espaços brancos muito largos. Mas essa particularidade na reprodução dos modelos de trançados, tendo mais em vista destacar os detalhes característicos do que realizar uma cópia exata e fiel da natureza, encontra-se igualmente entre os índios das cabeceiras xinguen-

ses na reprodução de outros modelos, naturais, como por exemplo, no desenho de animais.

Temos que, portanto, procurar interpretar do mesmo modo, a figura característica que se manifesta de um modo especial no ponto de contacto dos quatro quadros de trançado juxtapostos, figura que se apresenta em formas diferentes.

Vimos que, dos grupos principais de trançados flabeliformes da região das cabeceiras, eram constituídos diferentemente, nos seus pon-

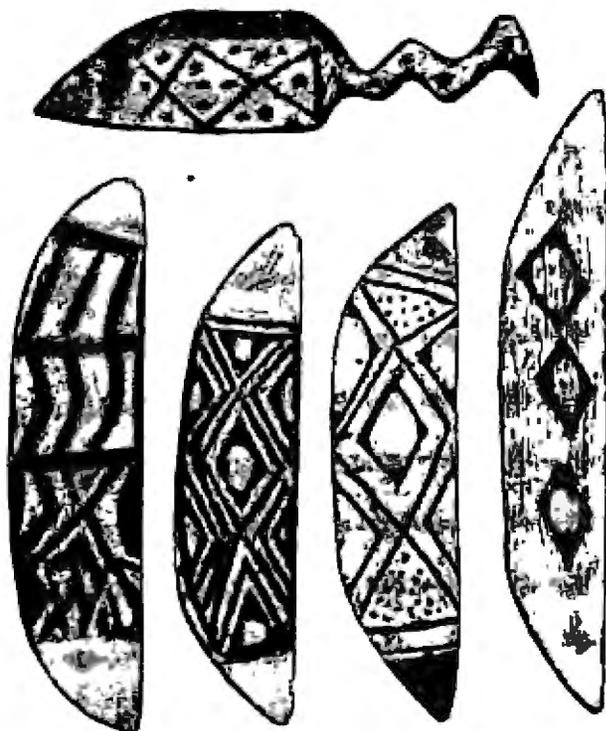


Fig. 213 (em cima) e fig. 214 a 217
Pás de virar beijú dos bacairís

1/4 tam. nat. Mus. Etn. Berlim, V. B. 5182, 5169, 5174, 5177, 5173

tos de encontro, devido à técnica do trabalho, primeiro, os trançados derivados da tigela rasa trançada, fig. 176 (p. 297-ff, principalmente a fig. 185). Compare-se a fig. 181 por um lado e por outro a fig. 186. Nota-se, também, essa diferença e de modo análogo, em segundo lugar na ornamentação derivada dos padrões de trançado.

No centro da pá de virar beijús, representada pela fig. 54 de K. v. d. Steinen e bem assim nos desenhos suiás, reproduzidos mais atrás, fig. 202, as figuras formadas pelos ângulos dos quadros de trançado, que se ajuntam, correspondem exatamente ao desenho formado na fig. 185 ¹⁶⁵.

Essa singularidade na ornamentação derivada, que corresponde à especialidade do trançado, reproduz-se, conforme acontece nos casos mais frequentes dos contactos dos quadros de trançado, na figura correspondente dos trançados flabeliformes comuns, desenvolvidas no Xingú de um modo muito característico e que, de acôrdo com K. v. d. Steinen, se tornou conhecida pelo nome bacairí de padrão ou desenho: "merechú" ¹⁶⁶.

Comparando-se os padrões nas figs. 211, 215 e 216 com os modelos da fig. 179, verifica-se que cada um dos merechús corresponde exatamente a cada uma das figuras formadas nos trançados flabeliformes no ponto de contacto dos quatro quadros de trançado.

Verifica-se:

$$\begin{array}{ll}
 (+ b_1 + b_2 \dots\dots + \surd) & (+ a_1 + a_2 \dots\dots + a_y) , \\
 (+ b_1 + b_2 \dots\dots + \surd) & (+ a_1 + a_2 \dots\dots + a_y) , \\
 (- b_1 - b_2 \dots\dots - \surd) & (+ a_1 + a_2 \dots\dots + a_y) e \\
 (- b_1 - b_2 \dots\dots - \surd) & (- a_1 - a_2 \dots\dots - a_y)
 \end{array}$$

Inteiramente de acôrdo com isso aparecem no bordo das figuras metades de "merechús". São raros os desenhos, como na fig. 217, em que as linhas correspondentes ao listrado dos quadros de trançado não aparecem. Mesmo nesses poucos casos a posição do desenho é tal que corresponde notavelmente às linhas do trançado.



FIG. 218

Modelo ou padrão "merechú", segundo K. v. d. Steinen

O ponto importante é que justamente a posição geométrica do merechú, dada pelo próprio padrão do trançado, é a determinante, sendo que a sua configuração pormenorizada poderá ser diversa. Tendo o merechú, como de costume, tomado o seu formato de quadra-

(165) V. também os "peixes couraça" ("Panzerfische") em K. v. d. Steinen. Ebenda, Estampa IX.
 (166) V. K. v. d. Steinen Ebenda, p. 329.

do, mas cujos quatro cantos são cheios, êste detalhe não é absolutamente indispensavel ao seu aspecto característico. Os quadrados reproduzidos na fig. 218, por mim sublinhados, de ângulos preenchidos, são também merechús. Os quadrados simples sem os cantos cheios da fig. 205 da pá de virar beijú dos bacairís, igualmente foram designados por êles como sendo "merechú".

De acôrdo com isso já não parece duvidoso que o padrão merechú seja o modelo característico dos trançados flabeliformes, concebido ¹⁶⁷ pela média dos índios. Apesar disso, ainda temos que perguntar: Por que justamente a figura, no ponto de encontro dos quadros de trançado, é tão frequentemente usada em sua forma exata de quadrado, de cantos preenchidos? Vemos que essa insistência em reproduzi-la é devida à impressão geral que fornecem as figuras dos trançados, o que se revela em algumas máscaras trançadas dos camaiurás, da coleção Steinen, nas quais as superfícies superiores, feitas de algodão, e trançadas pelo sistema dos trabalhos flabeliformes, dão-nos a mesma impressão que os merechús pintados.

São dois os motivos, já salientados, que nos ajudam a explicar a forma especial do merechú como um quadrado de cantos cheios. O primeiro é a circunstância de que, na ornamentação derivada dos índios xinguenses, as ordens do trançado, conforme vimos acima, não são consideradas, mesmo quando reproduzem as linhas do trançado. Daí se segue que êsses índios não distinguem a diferença das diversas variações (v. fig. 170) no ponto de encontro de quatro quadros, seja qual

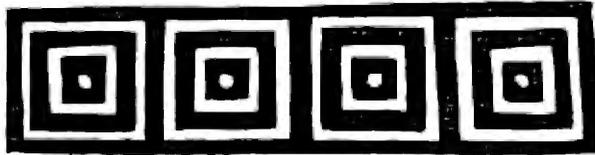


FIG. 219
Friso de parede dos bacairís

for a manifestação, um ponto, uma cruz, ou um quadrado cheio, ao contrário do que foi observado exhaustivamente entre os antigos peruanos, não só nas ordens dos listrados da ornamentação derivada, como em geral. No Xingú só conheciam duas "possibilidades": ou enegreciam completamente o quadro no ponto de encontro, conforme se vê nas figs. 218 e 237, ou faziam no centro do mesmo a cor branca.

Outra razão é o desprezo pelas dimensões das formas a copiar, conforme já dissemos atrás. Vimos acima como as linhas, reprodu-

(167) V. K. v. d. Steinen na "Korrespondenzblatt der deutschen Gesellschaft fuer Anthropologie, Ethnologie und Urgeschichte". (Folha de Correspondência da Soc. Alemã de Antropologia Ethnologia e Pre-Historia). Ano 35, N. 10, Outubro 1904, p. 126 ff.

zindo o listrado dos quadros, ora são traços grossos, ora finos. Do mesmo modo, os próprios "merechús" são geralmente muito grandes em relação aos respectivos quadrados em sentido diagonal e, de acordo com isso, a coloração branca no centro do merechú é representada de um modo maior do que devia ser na realidade. Com efeito, podemos indicar também outras grandes variações nas proporções mensuráveis do centro branco do "merechú". No modelo de friso de parede dos bacairis, reproduzido por mim em outro trabalho¹⁶⁸, verifica-se que em cada quadrado situado no ponto de encontro de cada quatro unidades de trançado, há apenas um pequeno ponto branco no centro (v. fig. 219). Assim, também, no "modelo de peixe pacú" de K. v. d. Steinen na estampa VII, que corresponde em seu todo exatamente ao modelo merechú, vemos no centro do quadrado branco um pontinho preto. Em alguns merechús da fig. 211 êsse sinal branco central ainda é relativamente pequeno, ao passo que, ao contrário, na fig. 216, por exemplo, tanto nos merechús completos como nos meios-merechús da extremidade, o centro branco é tão grande que somente os cantos externos dos quadrados, e, respectivamente, dos triângulos, permanecem preenchidos de preto.

Os ornamentos de trançado, tirados do ornamento derivado do trançado, uma vez que se definiram, recuaram frequentemente, durante a sua evolução, dos caminhos percorridos pela técnica do trançado, o que os levou a formas inteiramente novas de ornamentação. Vimos anteriormente como o "quadro de trançado" (v. pg. 320), com as suas propriedades específicas, foi compreendido na ornamentação derivada, como elemento fundamental da ornamentação e que essa consistia meramente numa reprodução das propriedades características dos quadros de trançado, tanto em sua unidade como em suas composições. As linhas em ziguezague, nas figs. 206 e 207, reproduziam a padronagem que se cria quando os dois quadrados de trançado, listrados em direção oposta, são constante e alternadamente juxtapostos numa mesma direção, ao passo que a padronagem "merechú" correspondia ao desenho que se formava através de certo número de quadros de trançado, dos quais os quatro quadrados que se juntam em torno de um ponto são coordenados. Com isso, esgota-se necessariamente a série das formas ornamentais, derivadas diretamente dos trançados da região das cabeceiras xinguenses, desde que não foi atingido alí o desenvolvimento meândrico como produto da compreensão da padronagem trançada. Mas o fato é que ainda temos que contar com outra série de ornamentos muito mais ampla, mas indiretamente desenvolvida e que se inclui na categoria do ornamento derivado dos trançados. Vemos isso no modelo da cabaça de abóbora da fig. 223. Toda a

(168) V. "Aus den Ergebnissen meiner Expedition in das Schingú-Quellgebiet". Globus Bd. 36 N. 7 p. 121, Abb. 2.

superfície dela é dividida, ao comprido, em linhas paralelas que marcam seis espaços estreitos e que são entre si iguais em essência, e dos quais cada um corresponde mais ou menos ao padrão do modelo zig-zague relativo à pá de virar beijú da fig. 206. Os cantos das diferentes unidades, correspondentes aos quadros de trançado, isto é, os cantos dos quadros listrados numa mesma direção não são quartos de merechús de cantos clicios, como por exemplo se verifica na fig. 212, mas são preenchidos, parte, em preto, e, parte, em branco também, correspondendo aos merechús da fig. 218. No que diz respeito à desproporção desses cantos em relação às unidades dos quadros de trançado, em comparação às partes percorridas pelas linhas diagonais,



Fig. 220 a 222 (à esquerda) e fig. 223 (à direita)

Cuias bacairís pintadas com “ulurí”, 1/5 tam. nat.

Mus. Etn. Berlin, V. B. 5243, 5248, 5244, 5255

não ha nada de especial com relação ao que dissemos (v. p. 326). Cada um dos espaços, entre as linhas em zig-zague, deve ser encajado do mesmô modo que na fig. 206, isto é, como um padrão de

trançado de derivação típica. O que há de especial no modelo como todo, e a sua diferença do anterior é que os espaços estreitos na superfície superior da cabaça de abóbora foram cada um de per si considerados, como unidades independentes, não sendo levada em conta a sua posição recíproca, isto é, si a mesma corresponde à posição dos quadros de trançado em todas as partes do trançado. Enfim, no padrão da cabaça de abóbora da fig. 223 cada um dos longos e estreitos espaços corresponde ao padrão de trançado propriamente, ao passo que o desenho composto da soma de todos os espaços estreitos da superfície da cabaça não corresponde mais. Enquanto no trançado propriamente dito os meios-merechús¹⁶⁹ do modelo zigzague deveriam ter-se transformado no início, necessariamente, em merechús



Fig. 224 a 226

Representação de pássaro, homem e peixe

completos, pela aposição de outros quadros laterais, neste caso, os meios quadros, *pelo acréscimo livre dos espaços estreitos, conservam-se na qualidade de triângulos, isto é na qualidade de "ulurís"*¹⁷⁰. Assim vemos na vasilha da fig. 223 a formação de triângulos juxtapostos característicos do feitio do ulurí, que, como mostram as figs. 220 e 222, se desenvolveram após desprezar-se as linhas diagonais, que na fig. 223 ainda são conservadas, para passar a diferentes formas, que se alternam uma na outra.

O desenho — ulurí, que acabo de "derivar", consiste em ordens paralelas entre si, contendo os triângulos juxtapostos. Vemos que é

(169) Merechú neste caso é igual ao quadrado cheio, conf. fig. 218.

(170) V. p. 267.

essencialmente diverso do ulurí triangular dos bacairís, o qual consiste em que cada dois triângulos com os cantos voltados para si são ligados por uma linha que vai dos cantos de um dos triângulos a outro ¹⁷¹.

Nas figs. 224 a 226 reuni uma série de ornamentos que, conforme o seu sentido, isto é, peixe, figura humana e pássaro, embora representem objetos tão diferentes, se acham íntimamente ligados na sua criação, pois os três desenhos têm por base a ornamentação derivada dos trançados, já descrita. Isso se torna mais evidente na figura do pássaro inspirada na pá de virar beijús da fig. 209, que, aliás, não me disse claramente o desenhista representar uma figura de pássaro, mas tê-lo-ia dito certamente, si lhe tivessem feito tal pergunta com a técnica peculiar a um etnologista prático. No caso, porém, o índio ininterrogado talvez fosse além, indicando mesmo a espécie do pássaro.

Assim como tomamos os padrões de trançado somente em sua relação com o todo (v. cap. XIV), não nos sendo permitido retirar partes à vontade com o fim de explicá-los, também é condição primordial para a verdadeira compreensão do ornamento derivado dos modelos de trançado, conceber o mesmo em sua conexão com a ornamentação de toda a superfície de objeto ornamentado. Vimos acima que a ornamentação derivada da região xinguense, além das figuras que se fazem no ponto de encontro de cada quatro quadros de trançado coordenados, caracteriza-se, primeiro, pelas linhas reproduzindo o listrado diagonal dos diversos quadrados (v. p. 326-f), depois ainda vemos a unidade dos diversos quadros de trançado destacada por linhas peculiares (v. p. 325-f). Si, considerando isto, observamos a fig. 209, é fácil reconhecer que aqui não aparecem linhas, inclusive o caso do "pássaro", que não coincidam com uma das três categorias anteriores. Toda a superfície da pá de virar beijús pode decompor-se em dez quadrados isolados, dos quais há sempre dois que se juxtapõem. O par de quadros superior limita-se por uma linha transversal, em cima. Em ambos os pares superiores há, além das linhas diagonais, também o merechú correspondente à figura, formada no ponto de encontro de quatro quadros de trançado juxtapostos.

O terceiro par de quadros de trançado é separado dos quadros que se sucedem por baixo por uma linha transversal, além do que ainda há uma linha vertical que separa o quadro esquerdo do direito. Além de cada linha diagonal, existente nesses pares de quadros de trançado, ainda há no quadrado esquerdo o acréscimo a uma outra linha dessas, a qual exprime na figura do pássaro a cabeça, isto é, o bico. Do quarto par de quadros só está indicada cada uma das linhas diagonais que formam o corpo do "pássaro", sendo que dêste

(171) V. meu trabalho "Aus den Ergebnissen meiner Expedition in das Xingúquellgebiet" (Resultados da minha expedição à região das nascentes do rio Xingú), "Globo", vol. 86, n. 7, p. 121.

último, o par inferior dos quadrados, isolado por baixo por uma linha transversal, salientam-se quatro diagonais de cada vez, das quais as superiores, ajudam a formar a figura do pássaro. Todas as linhas da

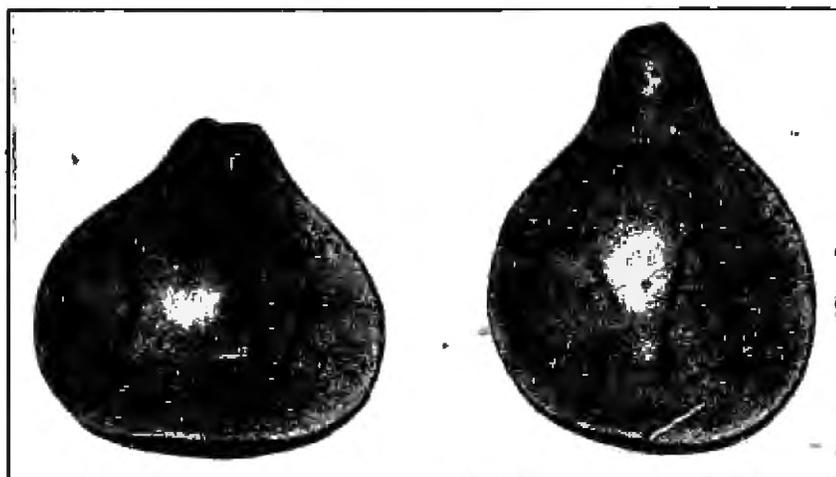


Fig. 227 e 228

Cuias bacairís com desenhos de peixes, pelo processo da cauterização

Mus. Etn. Berlim, V. B. 5251 e 5250, 1/2 tam. nat.

ave, na fig. 224, são explicadas, de acôrdo com isso, pelas linhas diagonais dos respectivos quadros de trançado e também pelas linhas contornantes. Foi somente através da escolha definida das linhas, em geral usadas para caracterizar os quadros de trançado, que se conseguiu neste caso especial da figura de pássaro, fazer com que além de representarem caracteristicamente os quadrados de trançado, ainda significassem um pássaro.

Temos que admitir, em todo o caso, o mesmo curso evolutivo nos peixes reproduzidos pelas figuras 231 a 233, cuja derivação dos padrões de trançado é, antes de tudo, tão importante, graças à analogia que há entre a representação puramente naturalística do peixe e as figuras formadas no ponto de contacto de quatro quadros de trançado coordenados, o que explica certamente que estas figuras são em geral compreendidas como sendo de peixes, tratando-se até de um certo peixe, o merechú dos bacairís. Não posso deter-me aqui, recordando minuciosamente a derivação; por isso indicarei as figuras que se seguem. Vemos já de um modo particular a ordenação dos peixes claramente delineados no remo bacairi da fig. 234, onde existe a conexão desses peixes com as figuras determinadas do desenho de trançado que lhe corresponde, o "merechú".

Uma comparação, que se faça entre as cuias de abóbora das figs. 235 a 238, mostra-nos de um modo especial o processo por que foi aproveitado o padrão trançado original, reproduzido na ornamentação derivada e desenvolvido depois na representação de um peixe.

E' sobretudo interessante para o problema que se refere aos processos por que os indígenas empregaram os padrões do trançado, na

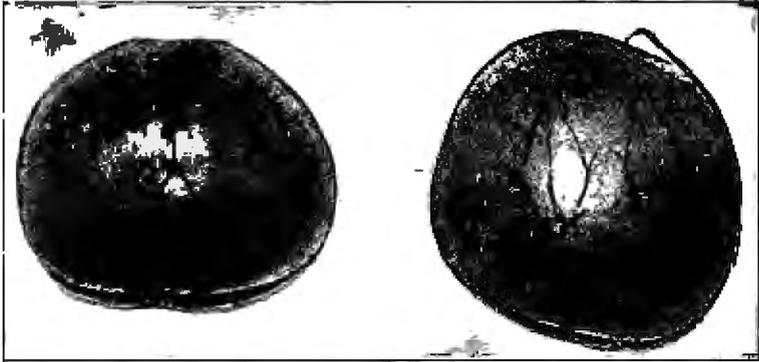


Fig. 229 e 230

Cuias bacairís com desenhos de figuras, pelo processo da cauterização.

(229 "peixes", 230 "merechús") Mus. Etn. Berlim, V. B. 5247 e 5254, 2/7 tam.

apresentação de suas figuras, o desenho a lapis dos naueuás dá fig. 225, extraído do livro de K. v. d. Steinen: "Entre os Aborígenes do Brasil Central". Est. XVII (171 A). Nessa espécie de desenhos é preciso ter em vista que os índios não têm o hábito de usar um lapis e que o seu manejo lhes causa grande dificuldade. De acôrdo com isso, é importante saber ainda que o índio naueuá autor dos desenhos, a quem foi mandado, súbitamente, reproduzir uma figura humana à lapis, ainda uma vez tomou por base o trançado, pelo que se compreende a analogia notavel entre o ser humano da fig. 225, a outra ao lado, representando um pássaro, e a outra que simbolisa um peixe.

2 — Denominação dos ornamentos derivados dos padrões de trançado

E' fato provado que os índios das regiões das cabeceiras do Xingú sabem dar nomes determinados aos ornamentos derivados dos padrões de trançado puramente geométricos, acima descritos, nomes êsses que

(171a) N da T. — V. trad. brasileira de Egon Schaden:
"Entre os aborígenes do Brasil Central", já citado.

se relacionam principalmente com o reino animal. Já no capítulo anterior estudamos as estreitas conexões dos ornamentos do trançado, puramente geométrico, e as diversas formas de animais, explicando

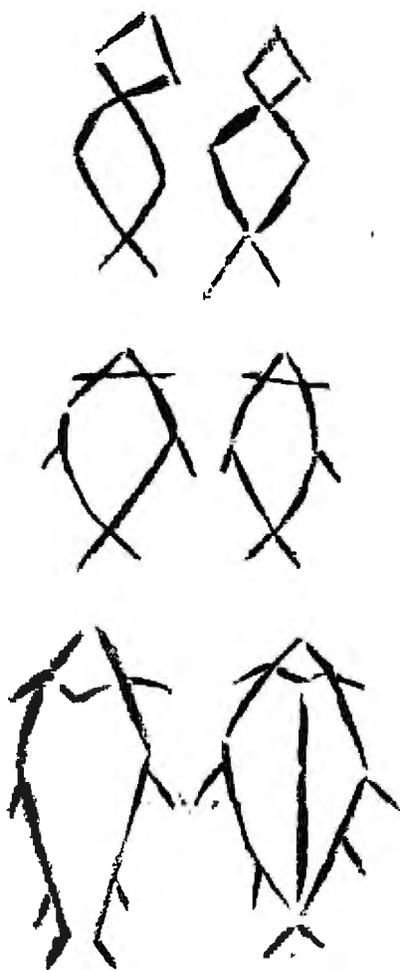


Fig. 231 a 233

Figuras de peixes das cuias

V. B. 5251, 5250 e 5247



Fig. 234

Remo bacairís
pintado de peixes,
segundo esboço do
autor.

que estas eram derivadas daquilo que constitui a base do ornamento de trançado. Encontramos então, mais ou menos realísticas figuras de

peixes nas superfícies de diversos objetos, sôbre cuja relação técnica com as figuras geométricas puras não havia dúvida. As diversas metamorfoses de uma coisa para a outra, isto é, dos modelos derivados da técnica do trançado pura até o peixe realístico são naturalmente tão difíceis de distinguir que, frequentemente, é com esforço que se pode decidir si estamos no caso diante de uma representação subjectiva, ou si a designação de peixe é apenas uma representação subjectiva, ou si finalmente estamos diante de uma afinidade puramente linguística, correspondente a uma analogia de ambos os conceitos através das palavras idênticas. Cada um dêsses três motivos, diante da imensa importância que se atribue a êsses desenhos, refletirá mais ou menos fortemente sôbre os outros.

Assim, num desenvolvimento mais adiantado, não importará muito si em um ponto qualquer de uma superfície ornamentada aparecer o desenho de um peixe realístico em vez da figura de trançado,

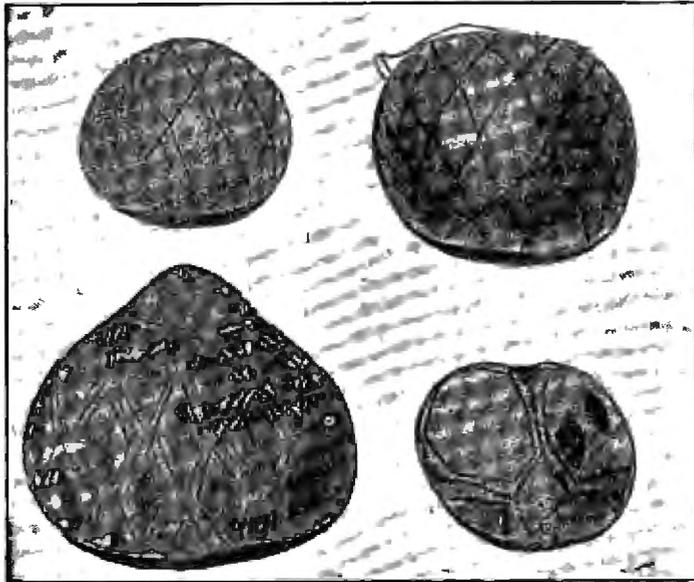


Fig. 235 a 238

Cuias de casca de abóbora bacairis, com os desenhos pintados e cauterizados.

Mus. Etn. Berlim, V. B. 5252, 5240, 5242, 5246, 1/5 tam. nat.

geométrica, que se esperava encontrar ou si, ao contrário, o desenho geométrico, em vez do peixe. O "peixe" de denominação igual e análogo como figura de animal pode representar, também, sem qualquer significação o ponto da figura puramente ornamental do dese-

nho geométrico, assim como, ao contrário, a figura geométrica “peixe” pode, num caso especial, ser provida da significação interior de um peixe realisticamente representado. Com o material de que dispomos não se pode decidir até que ponto um e outro assumem êsses aspectos no caso especial.

De qualquer modo, o indígena xinguense não se contenta com a designação das figuras acima pelo conceito da espécie geral “peixe”. O “peixe” que êle deriva, como bom conhecedor dos peixes de seus modelos trançados, é uma espécie bem determinada, que se assemelha, na maior parte, segundo a sua imaginação, a um tipo muito frequente na lagoa de sua região e que tem afinidade com a piranha¹⁷². Portanto, leva o nome dêsse peixinho que é denominado pelos índios bacairís “merechú”¹⁷³, e é por merechú que se designa a figura ornamental e geométrica de peixe, calcada na derivação dos padrões trançados.

Comparando-se as figuras 211 e 218, por exemplo, verifica-se quão pouco importam os detalhes das formas relativas às figuras geométricas derivadas, afim de se denominarem merechús. Ambos êsses modelos, tanto os de linhas limitadas e quadrados pretos (fig. 218) como os quadrados de cantos cheios (fig. 211), são designados pelos índios por “merechús”¹⁷⁴.

Mas nem sempre tais desenhos são assim denominados. Em casos especiais¹⁷⁵ recebem o nome de “peixe-pacú”, isto é, continúa peixe, mas de outra espécie, que, entretanto, não é lá muito diferente do outro, a julgar pelo desenho.

Deixando de lado essas diferenças sutís, *teremos como conclusão primordial que os índios das cabeceiras do rio Xingú designam como “peixes” as figuras formadas no ponto de encontro dos quatro quadrados coordenados seguintes:*

$$\begin{array}{ll} (+ b_1 + b_2 \dots\dots + b_x) & (+ a_1 + a_2 \dots\dots + a_y) \\ (+ b_1 + b_2 \dots\dots + b_x) & (- a_1 - a_2 \dots\dots - a_y) \text{ e} \\ (- b_1 - b_2 \dots\dots - b_x) & (+ a_1 + a_2 \dots\dots + a_y) , \\ (- b_1 - b_2 \dots\dots - b_x) & (- a_1 - a_2 \dots\dots - a_y) , \end{array}$$

Verifica-se isto pelo menos no estudo do ornamento derivado dêsses trançados. Entretanto não se poderá, infelizmente, estabelecer, si essa designação bem definida se refere, também aos próprios desenhos dos trançados, pois até agora não se realizaram pesquisas a respeito dos nomes dos desenhos geométricos relativos aos trançados sulamericanos.

(172) V. K. v. d. Steinen — “Entre os abor. do Bras. Centr.”, p. 133, 252 ff., 410 ff.

(173) A respeito dos diversos nomes dados a esse peixe pelas outras tribus xinguenses das cabeceiras, vide em K. v. d. Steinen, ebenda, p. 330.

(174) V. K. v. d. Steinen, ebenda, ps. 336-7.

(175) Idem, idem, Est. VII, 3 e 9.

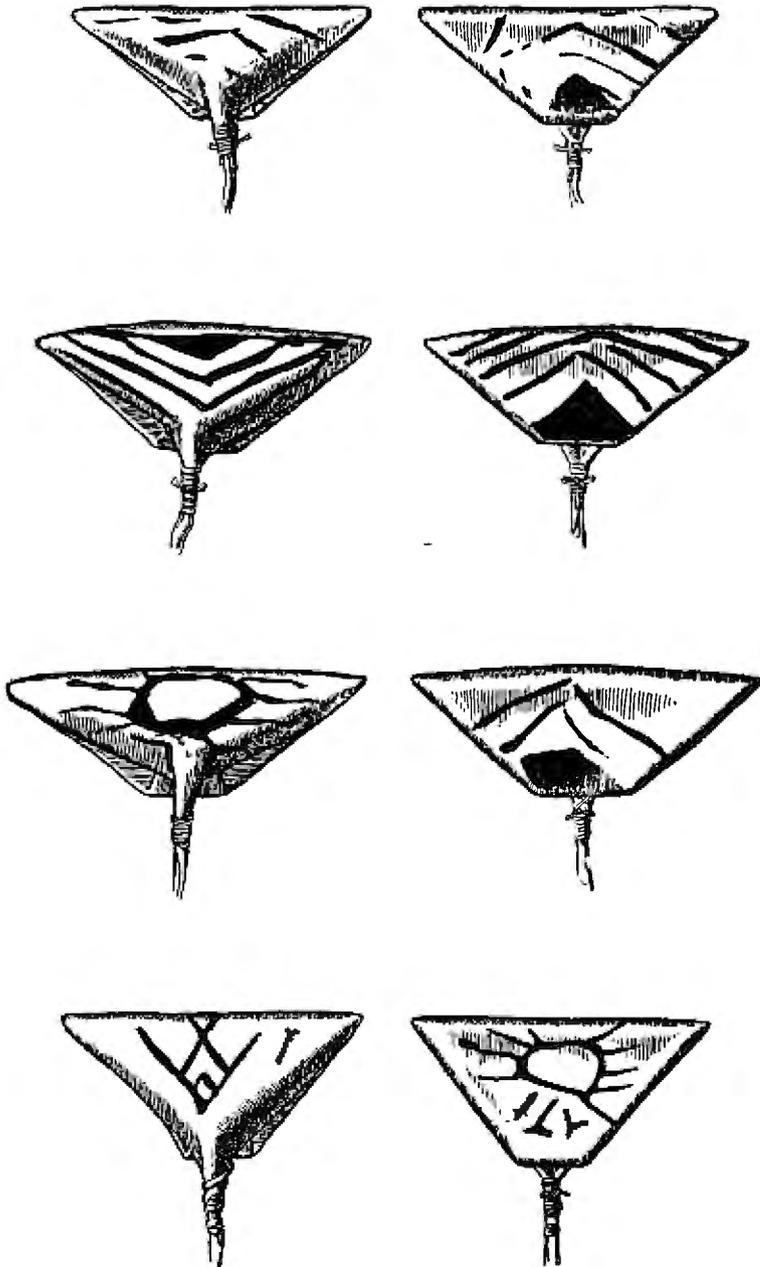


Fig. 239 a 242

Triângulos femininos, "ulurís", dos bacairís. Frente e costas e respectiva ornamentação.

Mus. Etn. Berlim, V. B. 5193, 5192, 5194, 5194, 3/4 tam. nat.

Já vimos (p. 308-f) que existe uma particularidade no ponto de encontro de quatro quadrados de trançado juxtapostos nos trançados de cestos, cuja criação deduzimos ou derivamos da bolsa trançada da fig. 182. A forma particular que se manifesta na parte central do fundo desses trançados de cestos (fig. 186) ficou bem consciente na mentalidade do índio xinguense, o que nos prova o fato de terem êles aproveitado essa forma como ornamento de trançado no disco para a cabeça reproduzido na fig. 272. O desenho ou padronagem executado nesse disco corresponde, ao repetir-se, (essa repetição não se verifica, em todo o caso, nos trançados das cabeceiras xinguen-ses) ao modelo reproduzido na obra de v. d. Steinen (Estampa IX, fig. 3) e que também é designado pelo nome de um peixe, sendo que entre os auetós pela denominação "akará" (isto é, o peixe cará) e entre os bacairís pela de "nuki" (espécie de peixe) (K. v. d. Steinen, pag. 307).

Vimos que quando em um trançado as duas formas de quadrados de trançado $(+b_1 + b_2 \dots + b_x)$ $(+a_1 + a_2 \dots + a_y)$ e $(+b_1 + b_2 \dots + b_x)$ $(-a_1 - a_2 \dots - a_y)$ seguem simplesmente para uma direção alternando-se uma com a outra, o desenho se apresenta através de linhas zigzagues que correm paralelas uma em relação a outra (v. p. 292 e fig. 267). E esse padrão em zigzague ainda foi empregado frequentemente na ornamentação derivada.¹⁷⁶ Também esse padrão em zigzague derivado do modelo de trançado tem uma designação bem determinada. Os bacairís chamavam-no — agáu — isto é, "cobra" (na generalidade). Eu, pelo menos, ouvi a declaração expressa de: "agáu", para o desenho reproduzido na pá de virar beijús da fig. 205.¹⁷⁷ Portanto, trata-se novamente de um nome de animal que é dado ao conhecido desenho derivado dos trançados. Também neste caso não sabemos, infelizmente, si o próprio trançado, que forneceu o modelo do desenho "agáu", tem o nome de "agáu".

Esse desenho de cobra agáu deve ser distinguido, por sua vez, dos padrões puramente geométricos divulgados por mim no "Globus", os quais eram designados de acordo com a pele das diversas espécies de cobras.¹⁷⁸ O complemento "ivénu" que levava, então, cada nome de cobra de determinado desenho, fornecido pelos índios bacairís, foi-me explicado pelos índios que falavam o português; traduziram, portanto, "ivénu", por "tintura" (V. Globus, P. 124). Dessa maneira, êles me indicaram um "desenho da cobra jibóia",¹⁷⁹ dizendo ser "tutuni ivénu", outro "desenho da sucuriú" (Boa Scytale) como "ogúdo ivénu", e um terceiro ainda como "agáu ivénu", que era o "desenho de cobra em geral". Finalmente, num outro desenho (Globus L. e. P. 121, Fig. 6) a parte superior relativa

(176) V. figuras 206 e 207 em K. v. d. Steinen, ebenda.

(177) De acordo com K. v. d. Steinen, ebenda, p. 334.

(178) V. meu artigo no Globus, Vol. 86, N. 7, p. 120 ff.

(179) N. da T. — O autor escreve "joboya".

ao "ogúdo ivénu" acima referido foi designada também com essas duas palavras, mas o grande e largo risco branco em ziguezague imediatamente abaixo dessa parte do desenho, foi-me dado como "agáu", (sem o complemento "ivénu"), simples denominação de cobra. Daí temos que o padrão ou desenho — agáu e o padrão ou desenho — agáu-ivénu são objetos completamente diversos. E' justamente a circunstância desses desenhos, tão diversos pela sua significação, aparecerem combinados, como acontece na fig. 6 l. e., reproduzindo o friso de parede bacairí, que me parece elemento importante para poder afirmar que nesse gênero de denominações só se trata de simples nomes de desenhos "geométricos" gerais.

De outros dois desenhos geométricos que, de acordo com os seus padrões executados na superfície da couraça da tartaruga me foram dados como "maimai ivénu", isto é "tintura do cágado", temos um reproduzido na fig. 219.¹⁸⁰

Por fim, ainda resta examinar o desenho "ulurí" que são triângulos colocados um junto do outro, e que assumem a maior importância no estudo do ornamento das cabeceiras xinguenses, ao lado do desenho-merechú. Vimos mais atrás (P. 331) como ele se formou pela evolução dos ornamentos derivados dos trançados e que, de acordo com isso, esses ulurís se permitem definir muito bem, como sendo metades de merechús.

Ao explicarmos o nome desse desenho, é muito importante salientar, em primeiro lugar, que êsses triângulos assim encarreirados nem sempre são dados como ulurís, mas existem também nomes para êles como "moreços" (auctós: tatsiá, bacairís: semimo) e "yarimatáze" (bacairís: certo passarinho).¹⁸¹ Nas cuias das figuras 220 a 223 existem mais ou menos todas as variações possíveis em matéria desse motivo de desenho. Na vasilha maior encontramos ainda, em parte, as linhas que limitam os "meios merechús", correspondendo à fig. I da estampa IX em K. v. d. Steinen. Depois vemos as carreiras de triângulos nessas vasilhas ordenadas de tal modo que, como na fig. 220, os triângulos de uma carreira se acham logo atrás dos da outra carreira, portanto, com a ponta tocando o centro das bases dos triângulos em frente; vemos depois as pontas das carreiras de trás tocarem os pontos finais das bases do triângulo da carreira em frente, como na fig. 222. Mas sempre se notam transformações (v. fig. 221). Em parte alguma, porém, ha uma diferença essencial. Anda que certos pequenos sinais façam os índios designar esses triângulos surgidos do trançado ora como "ulurís", ora como "tangas femininas",¹⁸² ora como tatsiá (moreços) e até com o nome de certos pássaros, pelo

(180) V. Globus I. c. P. 121, fig. 2.

(181) V. K. v. d. Steinen: U d. Naturv., p. 336 e 338. Estampa XXII.

(182) N. da T. — O autor diz "Frauendreiecke", isto é: triângulos femininos.

menos neste caso, temos diante de nós diferentes nomes para sua criação e essência, de acordo, porém, com desenhos idênticos.

Para o esclarecimento da denominação das carreiras triangulares, inspriadas no pequenino triângulo de cortiça d'árvore, o "ulurí", usado pelas mulheres das tribus do rio Coliseu para velar o sexo, é importante a circunstância de ter conseguido trazer comigo alguns exemplares, nos quais entre outros ornatos (v. figs. 241 e 242) se acham, também, pintadas as "metades de merechús" e além disso os "padrões-ulurís", e isso, juntamente com as linhas contornantes dos trançados propriamente ditos. Esse desenho-ilurí das figs. 239 a 241 estampado nas tangas ainda revela que foi concebido como "metade de merechú", o que é confirmado pelo pequeno peixe da fig. 242, que corresponde inteiramente ao desenho geométrico do merechú, de acordo com a derivação acima descrita da figura de peixe.

Examinando-se bem, é fácil explicar que o triângulo (tanga) das mulheres, o "ulurí", esteja coberto pelo meio merechú, pois isso equivale à própria confecção do ulurí que é de um quadrado de cortiça ou fibra dobrado ao meio. Esse quadrado de fibra, pintado de "mirechú" portanto, foi dobrado em diagonal, o que exigiu meio merechú para a parte da frente e outro meio para a parte de trás, o que, depois, como desenho próprio da frente do ulurí, obteve o nome de "desenho-ulurí".

É certo que nos ocupamos até aqui com as superfícies ornamentadas, direta ou indiretamente ligadas à técnica do trançado. Encontramos, porém, no escavador da raiz da mandioca (fig. 243) um ornamento de superfície que, embora deva sua origem a uma determinada técnica, revela origem bem diversa. A espiral de linha preta que envolve o escavador de baixo para cima é feita simplesmente assim: a madeira é enrolada, primeiro por uma tira (à maneira do envolvimento das flechas com cortiça de "vaimbé"¹⁸³) em espiral, depois do que o escavador é enegrecido ao fogo. É claro que no lugar em que passou a tira, a cor primitiva permaneceu, enegrecendo-se as outras partes.

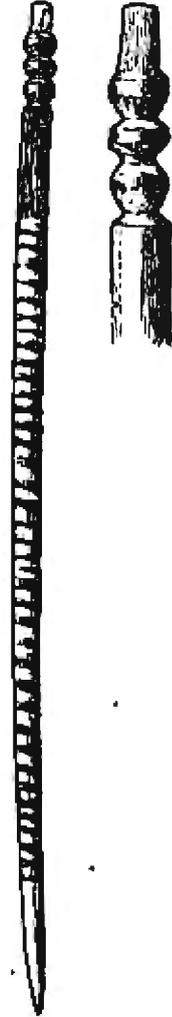


Fig. 243

Escavador de mandioca, bacairí

B. 5204, 1/4 do tam. nat. Mus. Etn. Berlim, 1/4 do tam. nat.

(183) N. da T. — "Vaimbé" — ou guaimbé — goimbé — imbé ou cipó de imbé, planta da família Araceae (*Philodendron bipinnatifidum*, Schott) — Rodolfo Garcia. (O autor escreve "vaimbé").

Desenhos a lapis feitos pelos índios do rio Coliseu

Entre os desenhos a lapis que os índios do Coliseu executaram em meu livro de notas de viagem, reproduzidos nas figs. 244, 245 e 247, um tanto reduzidas, encontramos, primeiro, algumas figuras

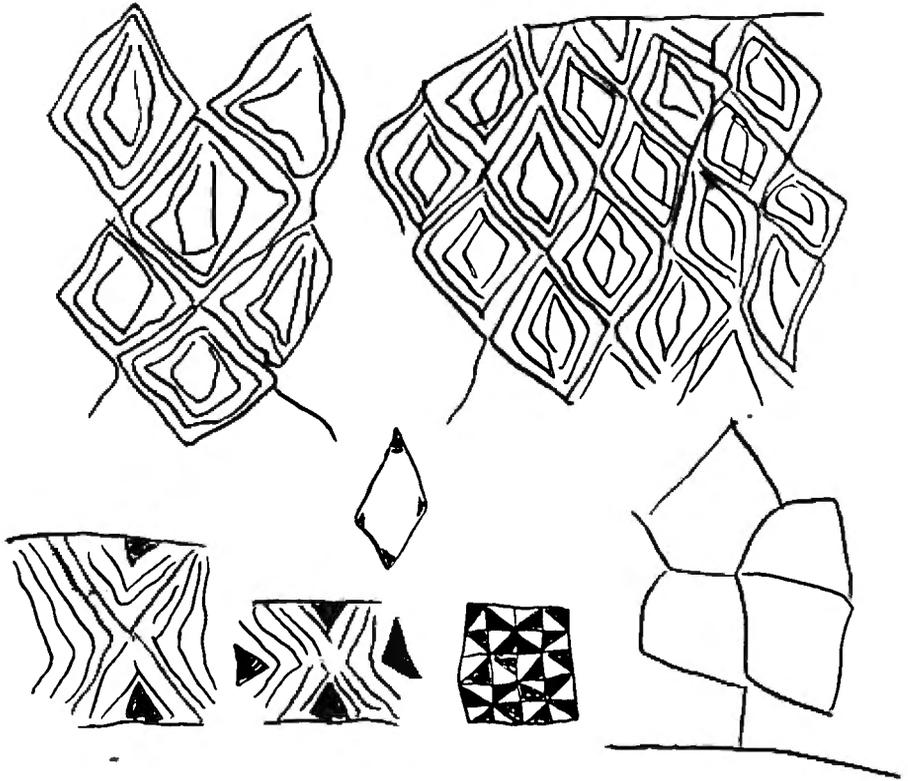


Fig. 244

Desenhos a lapis dos bacairís, 1/1 tam. nat.

geométricas, feitas pelos bacairís que se pode aplicar, em sua essência, ao que dissemos anteriormente a respeito dos desenhos derivados de trançados. Nos dois desenhos superiores da fig. 244 encontramos o desenho de trançado típico, com os seus quadrados concêntricos, em juxtaposição e que, de acordo como que dissemos atrás (Ps. 327/8) deve ser compreendido como desenho merechú, mesmo nessa forma. Além disso, vemos no centro da figura um único merechú com os seus quatro cantos cheios.

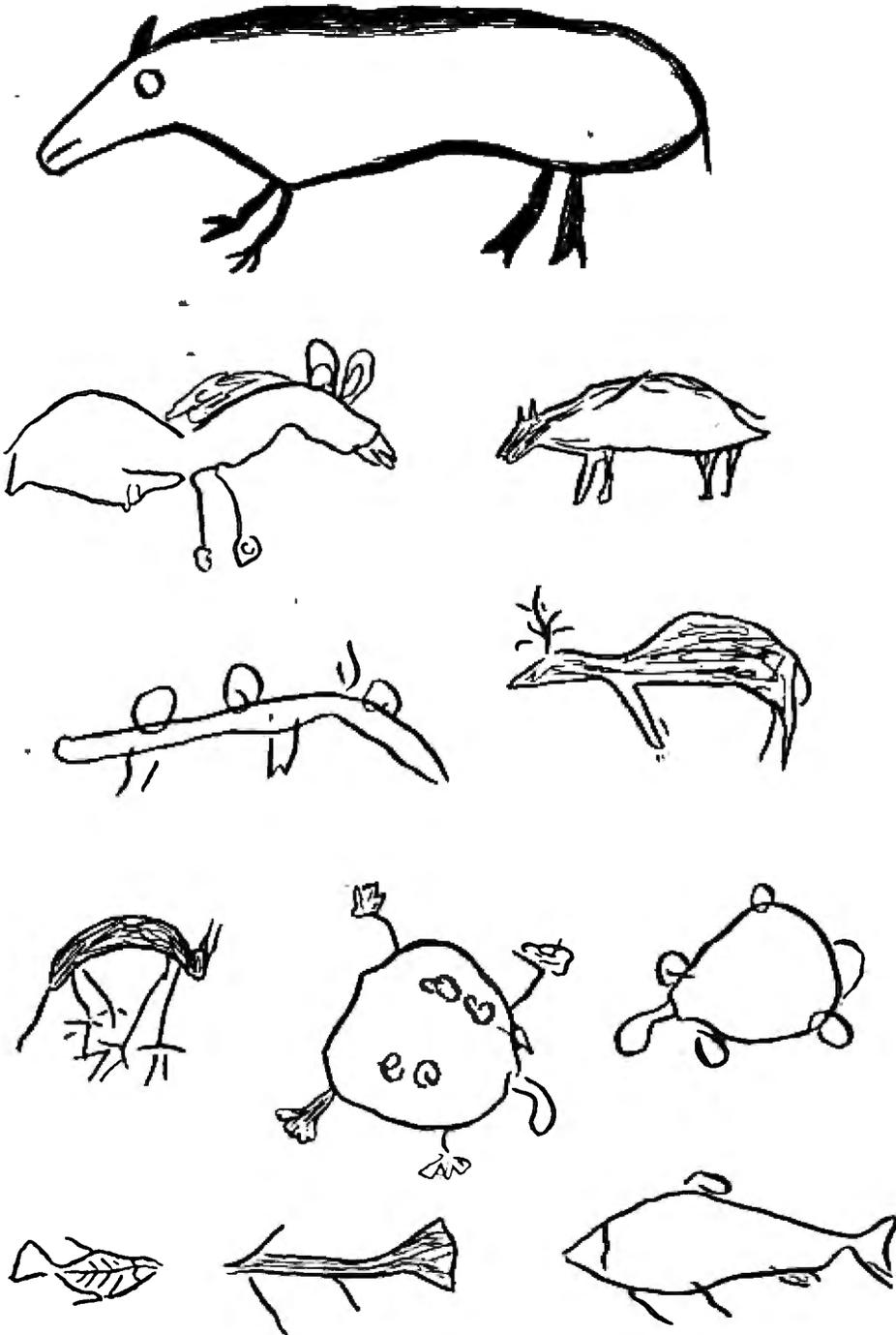


Fig. 245

Desenhos a lapis dos bacairís, cerca 1/1 tam. nat.

No plano inferior da figura, os dois primeiros desenhos representam cada um quatro quadros de trançado, que se acham na posição descrita na pag. 240. O terceiro desenho tem o nome de "kumaivénu".

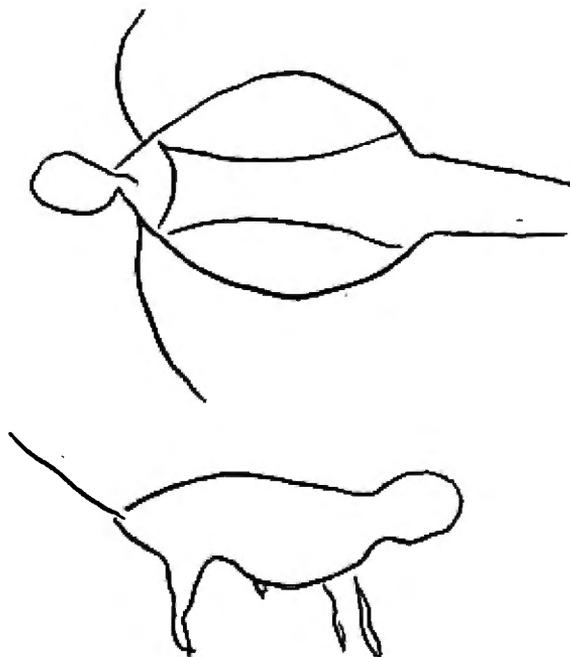


Fig. 246

Figuras na areia dos auetos.

A respeito dos desenhos de figuras, da fig. 245, já me referi à maioria delas no "Globus". O grande tapir da fig. 245, em cima, é original dos auetos, todos os outros desenhos são dos bacairis residentes na segunda aldeia do rio Coliseu.

O tapir referido distingue-se sobretudo pelos traços característicos da espécie. Não levando em conta o focinho, bem reconhecível, é notável que os dedos das patas anteriores tenham sido esboçados em tamanho maior que os das posteriores, correspondendo inteiramente à realidade, embora não reproduzam o número exato dos dedos em qualquer uma delas. Na terceira fila superior dos desenhos, segue-se então o tamanduá, i. é. "bayák(a)" com o seu longo focinho muito bem caracterizado. O primeiro animal da quarta fila seria um "kunohor (isto é: rato). Seguem-se duas tartarugas bem reconhecíveis, que apresentam interessante semelhança com os desenhos de

tartarugas dos bororós, reproduzidos por K. v. d. Steinen. Na carreira final estão representados tres peixes. E' de se observar no primeiro peixe o desenho da espinha, na realidade invisível, mas que é considerado pelo seu pintor como característica do peixe, o que

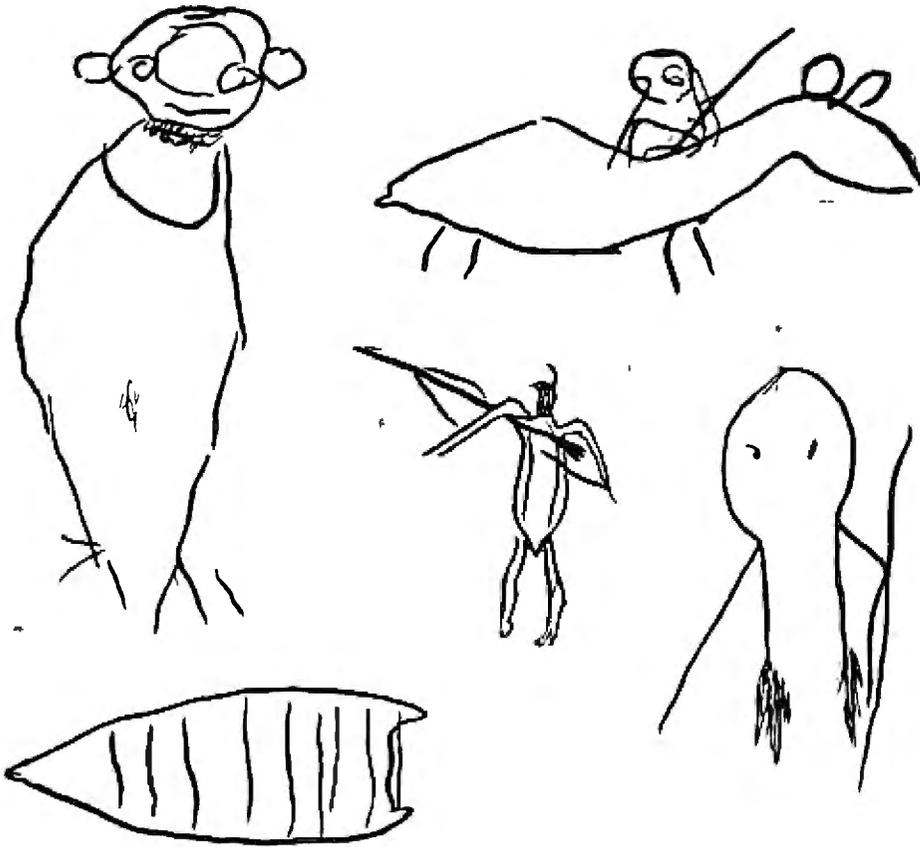


Fig. 247

Desenhos à lapis dos bacairís, cerca 1/1 tam. nat.

se identifica com os desenhos de espinhas nos frisos de parede bacairís divulgados por K. v. d. Steinen (V: U.-d. Naturv. Est. 20).

Dos desenhos da fig. 15 ainda está determinado o macaco "negu", (em cima, à direita). O animal da esquerda e o "sēr" que está em baixo, também à esquerda, me foram fornecidos como sendo "hasike" e "pómari".

Na fig. 246¹⁸⁴ vêem-se quatro desenhos de figuras humanas, que pretendem representar-me a mim, bem assim o esboço de uma canoa. A primeira figura é a mais parecida, pois até se vê a minha barba, além de um colar no pescoço, comumente usado pelos bacairís do sexo

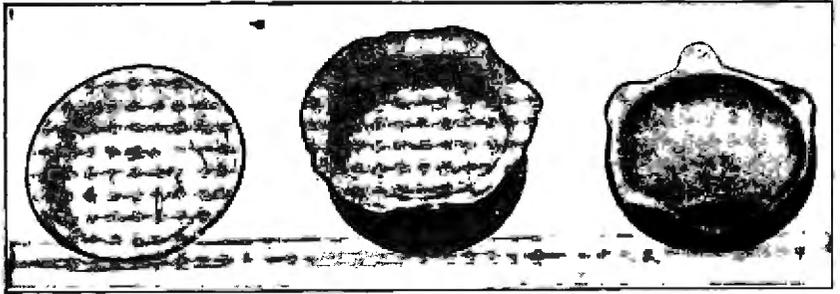


Fig. 248 a 250

Cabaças de barro da região das cabeceiras xinguenses.

Mus. Etn. Berlim, V. B. 5268, 5267, 5266, 1/4 tam. nat.

masculino, mas que, naturalmente, nunca coloquei no meu. Não se

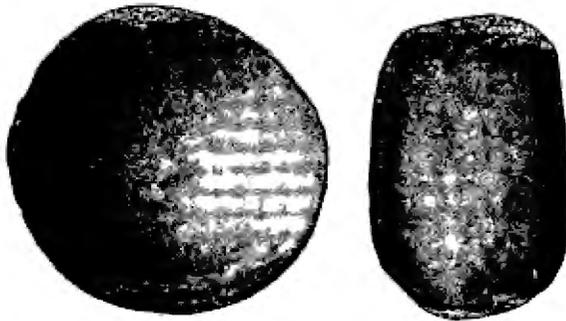


Fig. 251 a 252

Vasilhas de barro da região das cabeceiras xinguenses, xinguenses.

Mus. Etn. Berlim, V. B. 5258 e 5261, 1/4 tam. nat.

esqueceram, também, de esboçar os órgãos genitais. Na seguinte figura, à direita, encontro-me a cavalo, de armas em punho, no papel de arqueiro.

(184) N. da T. — Trata-se da fig. 247 e não 246 conforme engano na edição original.

(184a) — N. da T. — Vide trad. bras. de Egon Schaden: "Entre os aborígenes do Brasil Central", já citado.

Na canoazinha da fig. 246, que devemos imaginar vista de cima para baixo, está especialmente bem desenhada a popa do barco do-



Fig. 253 e 254
Vasilhas de barro da região das cabeceiras xinguenses.

Mus. Etn. Berlim, V. B. 5265 e 5262, 1/4 tam. nat.

brada para cima assim como representadas por linhas transversais as pequenas tábuas no interior da canoa que servem para separar a elástica cortiça de que é feito o barco.

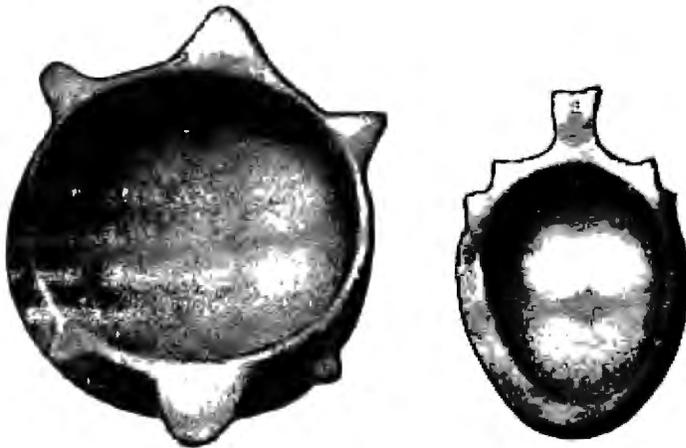


Fig. 255 e 256
Vasilhas de barro da região das cabeceiras xinguenses, em forma de animais.

Mus. Etn. Berlim, V. B. 5263 e 5264, 1/3 tam. nat.

Para completar, juntarei ainda a este capítulo, sobre o estudo do ornamento, um grupo de vasilhas de barro trazidas por mim.

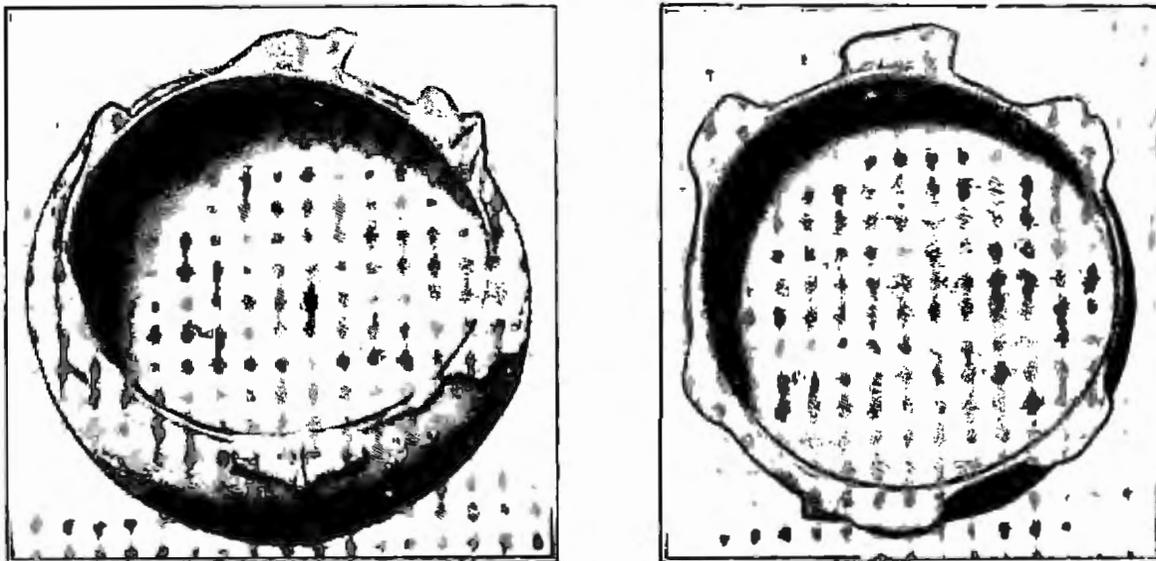


Fig. 257 e 258

Vasilhas de barro da região das cabeceiras xinguenses, em forma de morcego.

Mus. Etn. Berlim, V. B 5260 e 5257, 1/3 tam. nat.

Seis delas possuem uma espécie de prolongamento na extremidade superior, que vemos, por exemplo, também, nas figs. 253 e 254. São conformadas como membros do corpo de animais, isto é, como cabeças

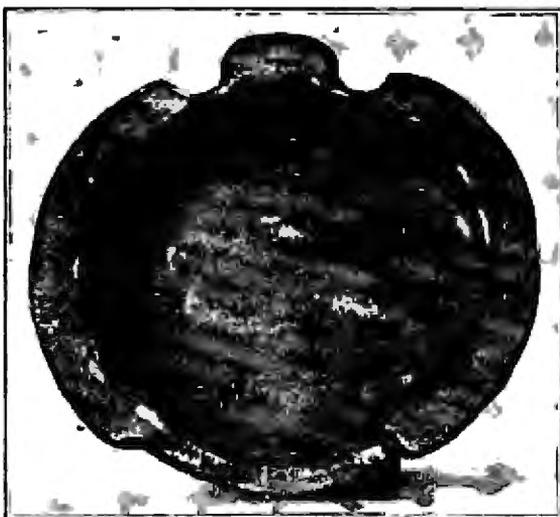


Fig. 259

Vasilha de barro da região das cabeceiras xinguenses, em forma de animal.

Mus. Etn. Berlim, V. B. 5259, 1/3 tam. nat.

e rabos. Ha, sobretudo, que notar entre essas seis panelas em feitiço de animais, duas panelas-morcegos (por assim dizer) bem características (Figs. 257 e 258). Para mais detalhes indico a pag. 369 ff de U. d. Naturv., de K. v. d. Steinen.

CAPÍTULO XVI

Ornamentações usadas durante as dansas. Textos de canções da região das cabeceiras xinguenses

DURANTE a minha permanência entre os índios das cabeceiras xinguenses não tive, infelizmente, oportunidade de assistir aos seus bailados de máscaras. Por isso limitar-me-ei, aqui, à descrição puramente etnográfica dos objetos de adorno usados por eles durante essas festas, o que completará em certos pontos o já rico material em máscaras xinguenses do Museu de Berlim, produto das expedições anteriores à minha.

Temos antes de mais nada as três mangas trançadas, segundo os padrões típicos do “trançado flabeliforme” (v. figs. 265-268), que até hoje não foram investigados. São justamente estas mangas que podem estabelecer a estreita ligação existente da maior parte dos motivos pintados nas máscaras de madeira com os desenhos originários do “trançado flabeliforme”. Dessa maneira elas demonstrarão a grande importância dos padrões derivados da técnica do trançado e explicarão o sentido das máscaras ornamentais.

No capítulo XV, P. 321 f, salientei que os modelos geométricos resultantes da técnica do “trançado flabeliforme” podem ser empregados de duas maneiras na ornamentação de superfícies: a primeira, é direta, i. é, recobre-se a superfície por um trançado propriamente, de um ou outro padrão; a segunda maneira é indireta, isto é, os padrões ou desenhos na superfície ornamentada aparecem na qualidade de “motivos derivados de trançados”, mas pintados, gravados ou cauterizados.

São, também, estas as duas maneiras por que, na região das cabeceiras do rio Xingú, o motivo de trançado é aproveitado no enfeitar o corpo humano. Em primeiro lugar, temos as mangas que, como o fazem os auetos, recobrem o braço, mangas essas providas dos referidos desenhos. Depois, como se observa entre os bacairís, temos os diademas trançados pelo mesmo processo que essas mangas e usados sobre a cabeça, ou então, como usam os camaiurás, discos, de feitio ovalado e providos dos modelos de trançado (máscaras de trançado) que são presas na testa. O “trançado flabeliforme” serve, neste caso, diretamente á or-

namentação das determinadas superfícies, através da ornamentação necessariamente ligada ao "trançado flabeliforme". Por outro lado, porém, verifica-se como manifestação secundária, na maioria dos casos, que esses desenhos são diretamente executados sobre o corpo,¹⁸⁵ ou então sobre as máscaras, (tecidas com) um material diferente da parte provida dos padrões de trançado flabeliforme. Incluem-se neste caso as superfícies das máscaras de madeira (por exemplo a fig. 261) ou também as superfícies das máscaras de trançado, não confeccionadas pelo processo dos "trançados flabeliformes", como, por exemplo, se vê nas máscaras de trançado dos auetós,¹⁸⁶ feitas de acordo com o "trançado de fio duplo" (v. esquema da fig. 115).

Esta questão de suma importância, diz respeito ao processo diferente e transitório nas diversas tribus do Xingú, pelo qual se fazem as máscaras de trançado ovais em que o trançado é colorido. Na coleção de K. v. d. Steinen, no Museu Etnológico de Berlim, existem tais máscaras de trançado originais dos camaiurás, dos trumais, dos auetos e dos bacairís. Em todas estas quatro tribus o processo de trançar essas máscaras é diverso. Em primeiro lugar, excetua-se a máscara bacairí de K. v. d. Steinen da pag. 303 cujo material nem é trançado, mas enredado. Entre as máscaras ovais das outras três tribus, as dos camaiurás são aparentemente as mais antigas. Nelas encontramos o trançado flabeliforme típico com os seus desenhos geométricos. Assim, uma delas mostra-nos o simples modelo zigzague à maneira do padrão na manga da fig. 267. Nas restantes máscaras camaiurás pertencentes ao grupo é empregada a padronagem da manga reproduzida na fig. 265. Certamente que os desenhos de "trançado flabeliforme" pouco se destacam nessas máscaras, uma vez que foram empregados fios finos em vez de largas tiras de trançado. E' por esse motivo que os índios foram levados a destacar a padronagem em varios exemplares, repassando-as com cores. Frequentemente percebe-se nessa pintura que não foi muito respeitado o motivo de trançado propriamente dito, de modo que ambos, tanto o trançado como o próprio merechú, o qual deveria reproduzir fielmente o trançado, apresentam-se bastante confusos".¹⁸⁷

Nas máscaras dos trumais, aquí, o material está pintado pelo processo do esquema de tecido (isto é, um para cima, outro, para baixo, v. fig. 130), ao passo que as máscaras trançadas dos auetos são feitas exclusivamente pelo sistema "trançado de fio duplo" (v. o esquema na fig. 115). Tanto nas máscaras trumais como auetos, onde as duas formas ou figuras geométricas nossas conhecidas são substituídas pelo trançado, estão pintados os mesmos "merechús" que vemos nas máscaras camaiurás, nas quais surge mais nítido o desenho originario do trançado propriamente dito. Os merechús que vemos

(185) V. fig. 20 e K. v. d. Steinen: "Entre os abor. do Bras. Central", p. 231 ff.

(186) V. por exempli, K. v. d. Steinen, ebenda, p. 401, fig. 108 e 109.

(187) V. K. v. d. Steinen, ebenda, p. 408.

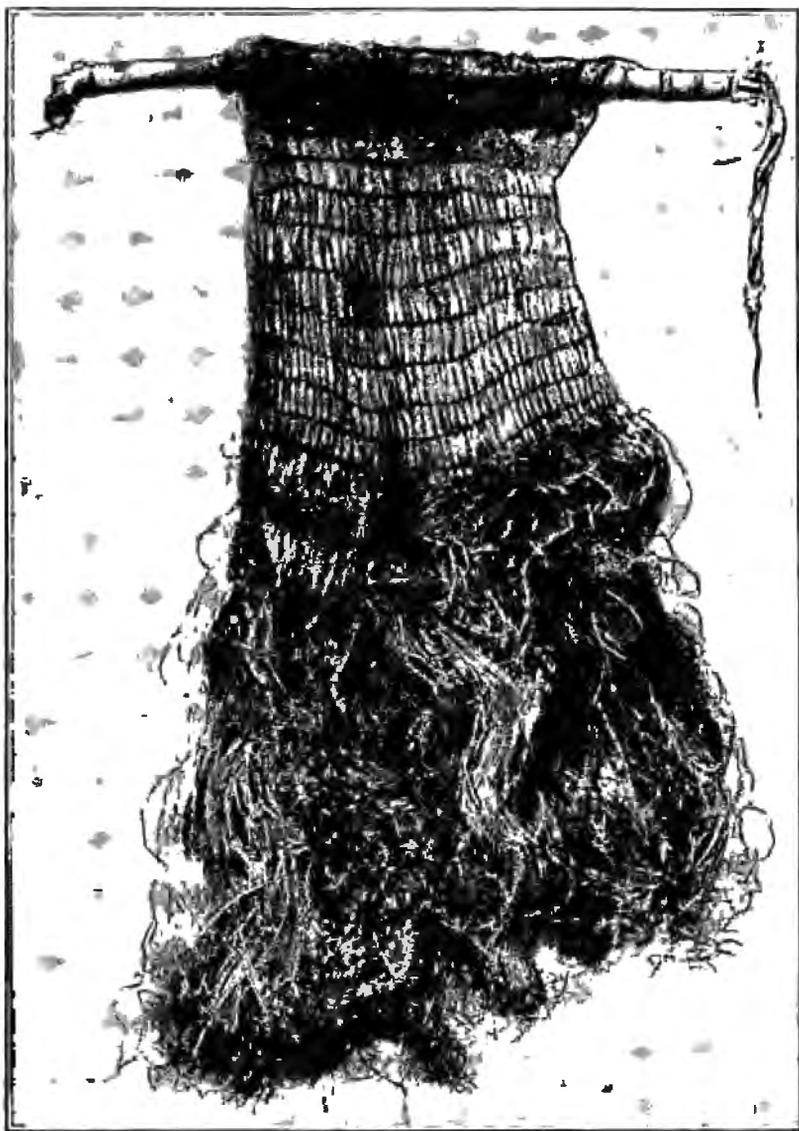


Fig. 260

Máscara de trançado aueto "kualáuit". ---

Mus. Etn. Berlín, V. B. 5273, 1/5 tam. nat.

pintados sobre as máscaras de madeira (v. por exemplo fig. 261) correspondem em seu todo quasi sempre aos merechús das máscaras trançadas, não havendo possibilidade de uma diferença essencial entre esses tipos.

Certamente que até agora só me referi a determinado aspecto dos trajés de festa, isto é, tratei apenas das superficies enfeitadas com figuras geométricas. Não ha. que negar que as máscaras exercem ainda outras funções, pois além de enfeitar o corpo se ligam também aos adornos da cabeça e aos berloques de palha, ou assumem outro aspecto completamente diverso. Assim, por exemplo, as máscaras e fantasias dos bacairís¹⁸⁸ confeccionadas pelo "trançado de fio duplo" nada têm que ver com a ornamentação de superficies. O exemplar da fig. 260 da máscara trançada aucto, por sua vez, liga-se estreitamente àquelas.

Em todo caso observam-se nas máscaras das tribus do rio Coliseu as mais diferentes fases de uma evolução irregular. Influências recíprocas exercidas durante as fases mais diversas dessa evolução criaram um quadro geral, cujos componentes estão sempre relacionados por transformações, ainda que esses componentes permaneçam, em certo sentido, individuais, como acontece, por exemplo, às máscaras de trançado ovais em relação à espécie de trançado.

Antes de passar à descrição das diversas peças de adorno usadas pelos índios durante as suas festas, pertencentes à minha coleção, gostaria de fazer mais uma observação aqui a respeito do processo usado na confecção das máscaras bacairís. Pude fazer essa observação quando da minha passagem na segunda aldeia bacairí, denominada Maimaiéti. Trata-se da fabricação de uma máscara-bagre (Welsmaske), conforme K. v. d. Steinen a reproduziu na p. 387 do seu livro "Entre os aborígenes do Brasil Central". Esse disfarce não foi trançado à mão livre, mas teve por molde um menino, que para isso era envolvido num tufo frouxo de palha. Depois começava o trançado de baixo para cima por meio de um "fio duplo" seguindo em espiral.

O rancho festivo aucto e a grande corneta de alarme, constituída de um tronco de árvore, bem assim a maneira por que as diversas máscaras foram arrumadas na oca, estão minuciosamente relatados na página 66.

Entre as máscaras auctos que pude trazer, encontram-se duas, muito idênticas, trançadas (fig. 260) de fibra de burití cuja relação com as máscaras bacairís feitas pelo trançado de fio duplo e os trajés bacairís já foi descrita acima. Em todo o caso essas máscaras auctos também são trançadas por meio de um molde humano, conforme o caso da "máscara-bagre". Sua composição consiste em se enrolarem primeiro tufos de fibra burití em volta de um pauzinho, entrançando-se os tufos e a parte inferior do pau, afim de firmar este náqueles.

(188) V. K. v. d. Steinen, ebenda, p. 386, 387 e 388.

Depois disso um "fio duplo" atravessa em espiral de cima para baixo todo o trabalho, da maneira por que se executa o mosquiteiro guató, cujo esquema é representado pela fig. 127. Na extremidade inferior ha um processo especial de prender os fios, processo diferente do que usam para o trançado de fio duplo-comum.

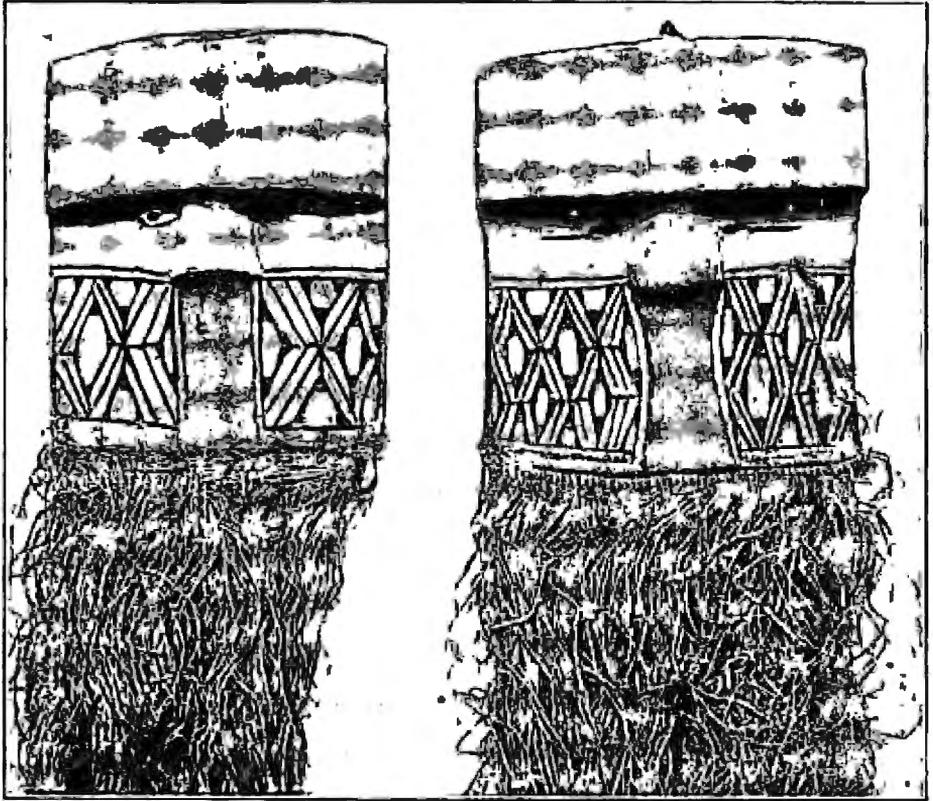


Fig. 261 e 262

Máscaras de madeira auetos.

Fig. 261 — "enerepirá", Mus. Etn. Berlin, 5270.

Fig. 262 — "pangai", Mus. Etn. Berlin 5271, 1/6 do tam. nat.

Os selvícolas forneceram-me o nome dessa máscara, dizendo: "kualáuit".

Chegamos assim ao exame das máscaras de madeira dos auetos e das respectivas mangas trançadas. Dessas últimas ha um tipo especial que pertence, conforme me disseram os índios, à máscara-enerepirá, da fig. 261. Entretanto, as máscaras-pangái (figs. 262 e 264) que, em essência, são iguais, também possuem mangas como pertences.

Das quatro máscaras de madeira da minha coleção, três são muito parecidas entre si, isto é a enerepirá e as duas pangáís, ao passo que a quarta, továuit (fig. 263) escapa aos tipos de máscaras auetos até agora conhecidos. A maioria das máscaras tinha na altura dos olhos fragmentos de conchas perfuradas, de que só resta uma na máscara-enerepirá. De todas as máscaras pende uma longa franja de palha.

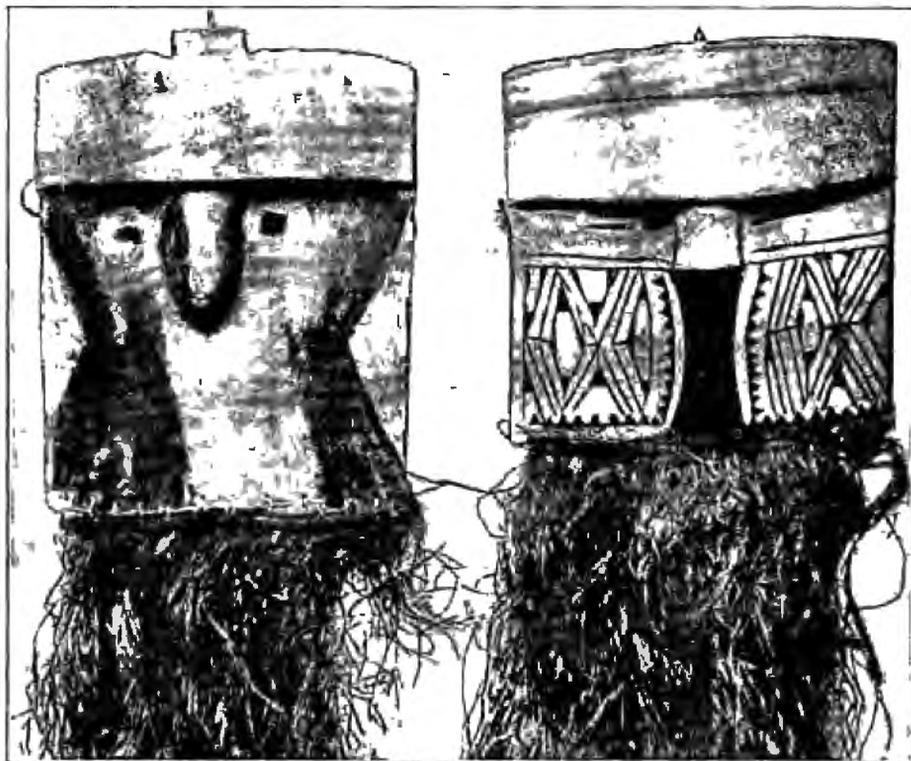


Fig. 263 e 264

Máscara dos auetos.

Fig. 263 — "továuit", Mus. Etn. Berlim, V. B. 5272.

Fig. 264 — "pangái", Mus. Etn. Berlim, V. B. 5269, 1/6 do tam. nat.

Infelizmente só foi possível estabelecer o sentido da expressão "pangái", relativa às duas máscaras. A palavra pangái significa em aucto o peixe piranha. As duas máscaras pangái, aliás, só se diferenciam das enerepirás pelas carreiras de triângulos negros, na extremidade inferior do desenho merechú de que estão enfeitadas, figurando ainda os mesmos em ambos os lados da parte preta central. Entretanto,

tô, essas carreiras de triângulos se acham muito relacionadas com o desenho ulurí de que tratei atrás (P. 331), o que não obsta a que neste caso, graças à sua semelhança com as filas de dentes de piranha dessa máscara, recebessem o nome de “pangái”, ou, que, ao contrário, para dar o aspecto característico à máscara fossem aprovietados como máscara-piranha.

Outra diferença entre as máscaras pangái e a enerepirá está na larga tira preta que parte de debaixo do nariz e vai até a extremidade inferior da máscara. Na máscara enerepirá essa risca é preta e simples de lados paralelos, enquanto estes últimos na máscara pangái são côncavos, de modo a assumir a risca a forma de uma ampulheta. A diferente coloração — a risca da enerepirá é vermelha, a das outras duas são pretas — parece ser de pouca importância na distinção das máscaras, pois ao pedir-lhes o nome para uma máscara de risca vermelha, os auetós também responderam: pangái.

O motivo merechú desenhado nas faces das três máscaras em apêrço já foi examinado na p. 323. E’ justamente a relação que ha entre essas máscaras de madeira e as suas mangas para dansar que justifica da melhor maneira a derivação do modelo merechú do respectivo trançado típico, baseado no trançado flabeliforme. Nas três máscaras, venos, ao lado das linhas que indicam o listrado diagonal dos “quadros de trançado”, também aquelas que correspondem às linhas limítrofes dos diversos quadros. (V. p. 323).

Forneceram-me ainda os nomes de outras máscaras de madeira, de que não pude conseguir exemplares: Assim, temos:

1 — Uliulí (nome de um pássaro) — esta máscara pode ser estudada em cotejo com o tipo da enerepirá, fig. 261. Também a uliulí tem os merechús desenhados nas faces e só se destingue da enerepirá, porque a risca larga central é preta e não vermelha e porque as linhas horizontais no canto dos olhos dobram em ângulo agudo, bem junto das extremidades laterais da máscara.

2 — Teteviet era uma máscara sem merechú, de testa e traço central vermelhos. Em cada um dos cantos externos dos olhos ha um pequeno ângulo, cuja extremidade se acha voltada para o olho (como na fig. 111 do livro “Entre os abor. do Brasil Central”, de K. v. Steinen). A boca consiste numa dentadura de piranha.

3 — Uírivari corresponde à máscara reproduzida por K. v. d. Steinen, ebenda P. 403, desde que se abstraia o merechú desenhado nas suas faces.

Ainda resta citar aquí o tipo “monotsi”, que apresentava aspecto inteiramente diverso das máscaras até agora conhecidas, mas que não pude trazer por ser exageradamente grande. Consistia em um galho de cipó flexível enrolado frouxamente em forma de grande disco; vista no chão; tinha uns 3 metros de diâmetro. Através de

um trançado frouxo que ia em direção dos raios intervalados do disco (provavelmente, pelo processo do trançado de fio duplo), a espiral era mantida em sua posição, mas só até certo ponto, pois o círculo externo do disco, quando na cabeça do dansarino, balançava elásticamente para cima e para baixo em torno da mesma.

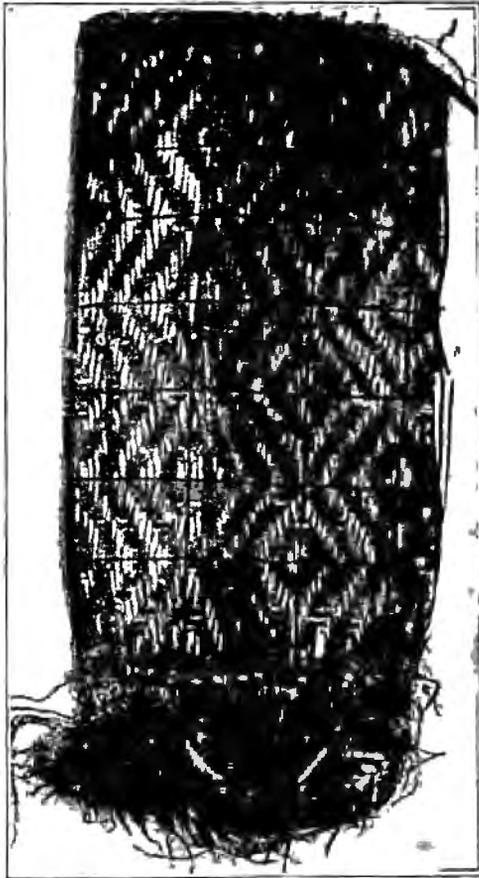


Fig. 265

Manga trançada para dansas,
dos auetos.

Mus. Etn. Berlin "5277, 1/5. tam. nat.

No que concerne às mangas, como pertencem das máscaras de madeira, elas se apresentam, tanto em relação ao trançado como ao ornamento, representantes típicos dos "trançados flabeliformes"

acima estudados (Ps. 294/5 ff). Afim de mostrar rapidamente como essas mangas-fantasia se compõem também de quadros de trançado, sublinhei na fig. 266 os diversos quadros da fig. 265 do mesmo modo por que o fiz ao tratar dos cestos. Como os quadros sublinhados nessa manga não são iguais entre si, aparecem necessariamente, de acordo com as explicações dadas a respeito dos diversos quadros de tran-

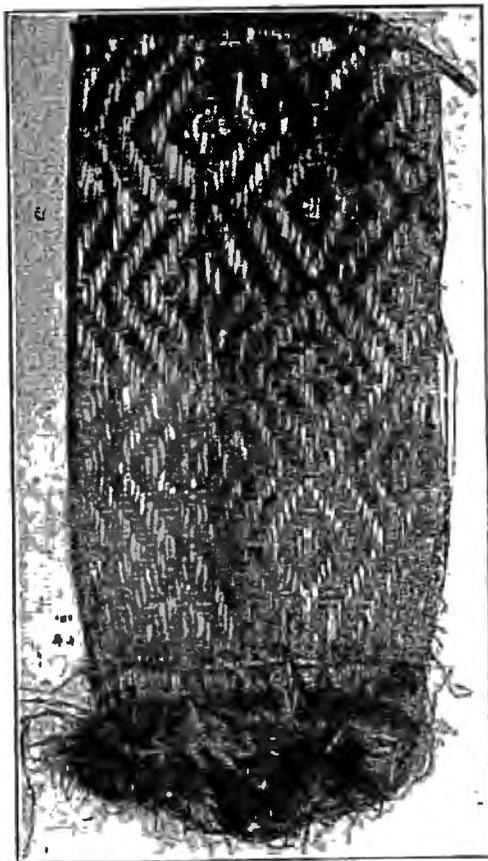


Fig. 266

Manga para as dansas da fig. 265,
com quadros de trançado sublinhados.

çado (v. p. 287 ff), algumas figuras diferentes no ponto de encontro de cada quatro quadros. É justamente à direita dessa manga que se percebe muito bem as três variações manifestadas no ponto de encontro, variações essas que se acham diretamente uma sobre a

outra, isto é, primeiro vê-se o quadrado cheio (em branco), depois, por cima, o simples ponto (em preto), e por último a cruz (em branco).

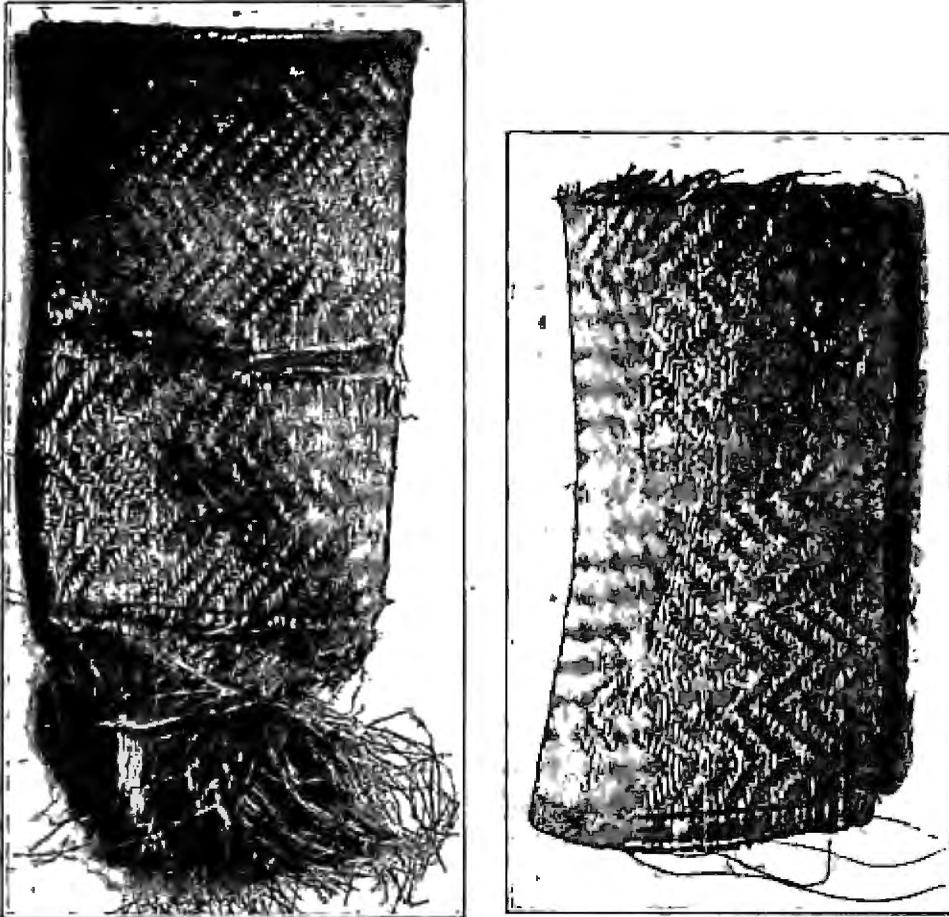


Fig. 267 e 268

Mangas de trançado para as dansas dos auetos.

Mus. Etn. Berlim, 5275 e 5276, 1/5 tam. nat.

A segunda manga na fig. 267 revela o desenho simples em ziguezague, conforme já o descrevemos na p. 288, e na manga da fig. 268 aparecem, além desse, os meandros acima referidos e que formam exceção rara. Ao que parece, trata-se aqui de uma irregularidade do trançado, feita de propósito (v. p. 289).

São inteiramente idênticas às mangas auetos os discos de cabeça bacairís (fig. 269), apenas estes são mais estreitos, sendo que na sua orla superior e inferior ha um contorno de madeira envolto em fio



Fig. 269

Disco trançado dos bacairís.

Mus. Etn. Berlin, V. B. 5224, 1/3 tam. nat.

de algodão. Embora eu colecionasse os quatro discos de cabeça sem me deter na escolha, conforme me ofereciam os índios, verifica-se que constituem modelos legítimos dos padrões realizados pelo “trançado flabeliforme”.

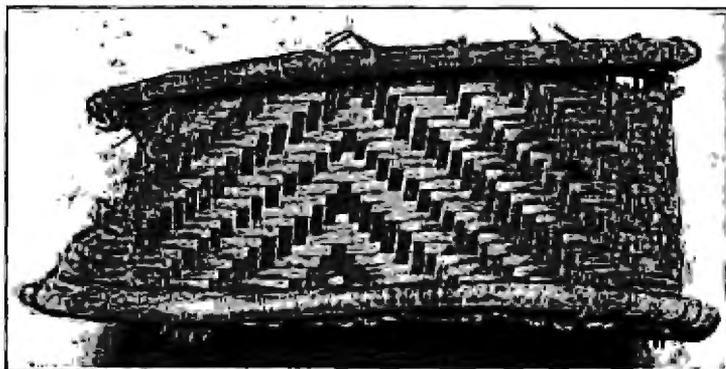


Fig. 270

Disco trançado dos bacairís.

Mus. Etn. Berlin, V. B. 5223, 1/3 tam. nat.

O desenho simples é apresentado pelo disco da fig. 269. Ele consiste de uma única série de quadrados juxtapostos e dessa maneira

torna-se indispensavel o desenho ziguezague (correspondendo à manga de dançar da fig. 267). Os outros três discos consistem em duas carreiras passando uma sobre a outra. Enquanto o disco de “duas malhas” da fig. 270 e o de “três malhas” da fig. 271 apresentam o

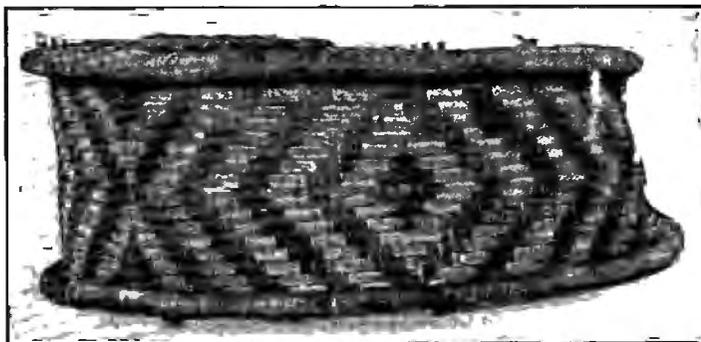


Fig. 271

Disco trançado dos bacairís.

Mus. Etn. Berlim, V. B. 5222, 1/3 tam. nat.

listrado comum dos trançados flabeliformes, o disco da fig. 272 mostra, no centro, aquela figura excepcional encontrada no fundo do cesto da pags. 307/8.

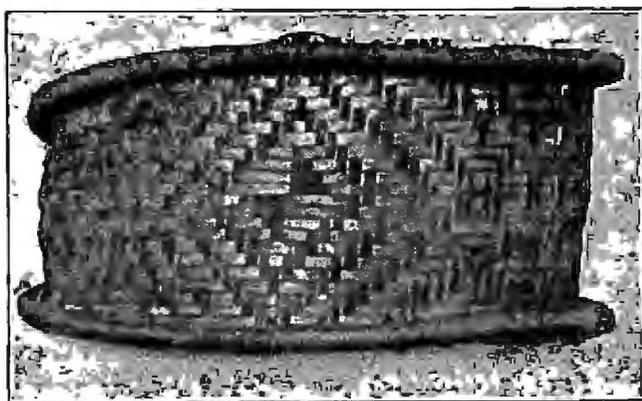


Fig. 272

Disco trançado dos bacairís.

Mus. Etn. Berlim, V. B. 5222, 1/3 tam. nat.

São conhecidos os pássaros de madeira (da col. v. d. Steinen e col. Meyer), usados pelos bacairís como ornamento de cabeça para

as dansas. Entre os bacairís do primeiro aldeamento do rio Coliseu encontrei grande número de peixes de madeira pintados e que eram usados para o mesmo fim.¹⁸⁹

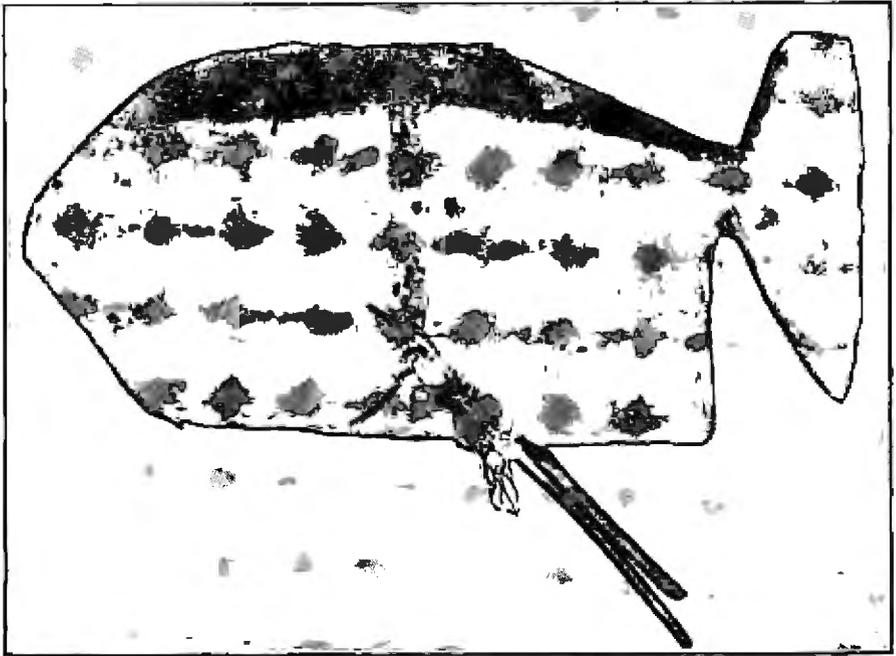


Fig. 273

Peixe de madeira dos bacairís, "pacupira".

Mus. Etn. Berlin, V. B. 5227, 1/4 tam. nat.

Para os dois peixes das figs. 273 e 274 foram-me dados pelos bacairís do rio Coliseu os nomes de "a k u p i r a" (isto é, peixe pacú)¹⁹⁰ que se deve, em língua tupí, considerar como a tradução feliz da palavra empregada pelos bacairís para designar esse mesmo peixe. Ambos os peixes são pintados de preto e branco, conforme mostra a fotografia. O pau que se acha preso ao corpo desses peixes tem por finalidade fixá-los num cavalete, que os dansarinos colocam sobre a cabeça.

Com respeito ao peixe mais fino, da fig. 275, foi-me indicado o nome de "n i v a g a", que, segundo os meus amigos índios do Para-

(189) V. o peixe de madeira dos bacairís do rio Batoví em K. v. d. Steinen: "Entre os abor. do Bras. Central" p. 362 fig. 75.

(190) Segundo K. v. d. Steinen: Die Bacairísprache, Leipzig, 1892, P. 37. A palavra bacairí correspondente a peixe é "pâte".

natinga, é o mesmo que "curimbata" (Salmo curimata Gloch. Pacu . . argenteus Spix.). Esse peixe de madeira também é repassado de

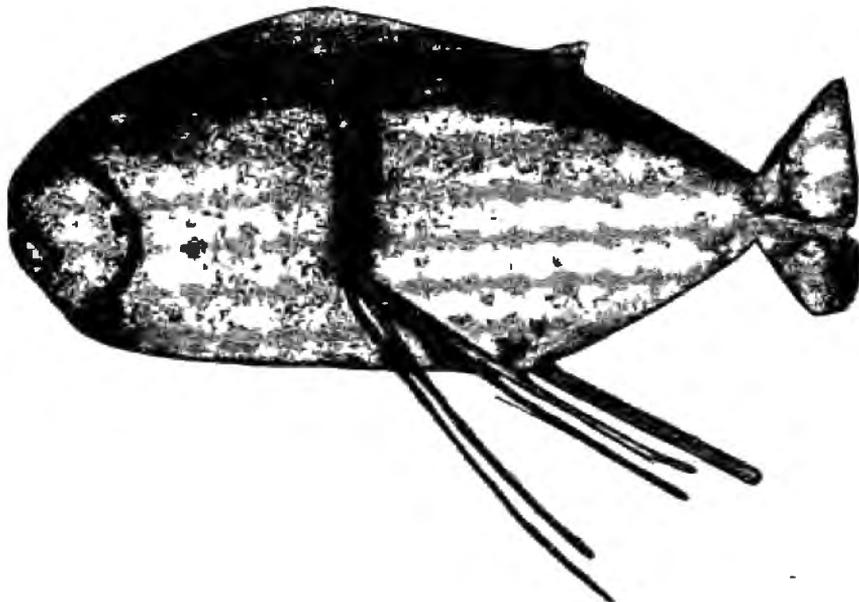


Fig. 274
Peixe de madeira dos bacairís, "pacupira".
Mus. Etn. Berlim, V. B. 5226, 1/3 tam. nat.



Fig. 275
Peixe de madeira dos bacairís, "nivaga".
Mus. Etn. Berlim, V. B. 5228, 1/3 tam. nat.

preto e branco e tem no ventre o orifício por onde se faz penetrar a vara fixadora.

O peixe da fig. 276 é preto, tendo um quadrado vermelho (im-perceptível na fotografia) em torno do orifício, no centro do peixe.

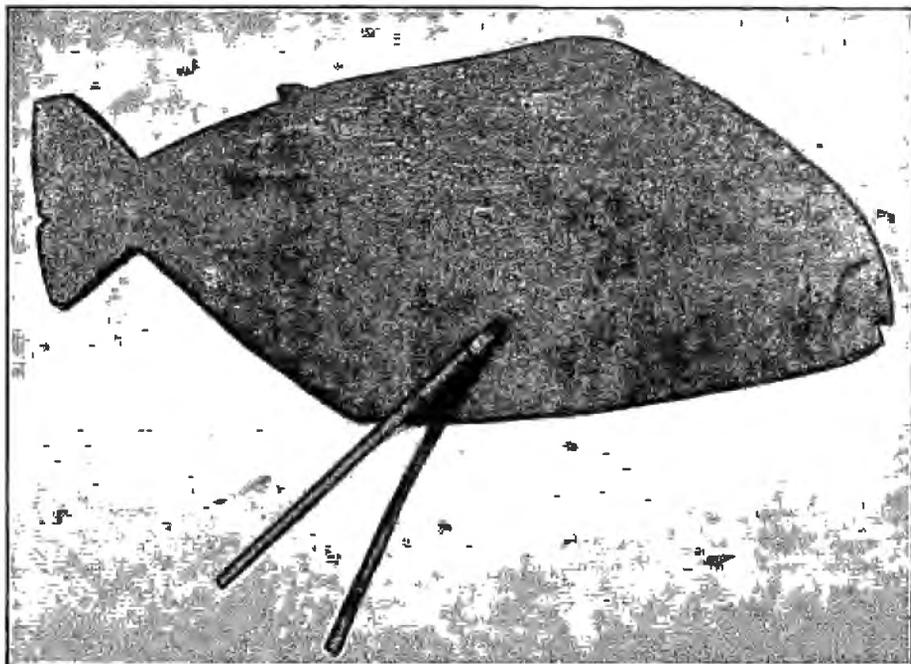


Fig. 276

Peixe de madeira dos bacairís, "copiri".

Mus. Etn. Berlim, V. B. 5225, 1/4 tam. nat.

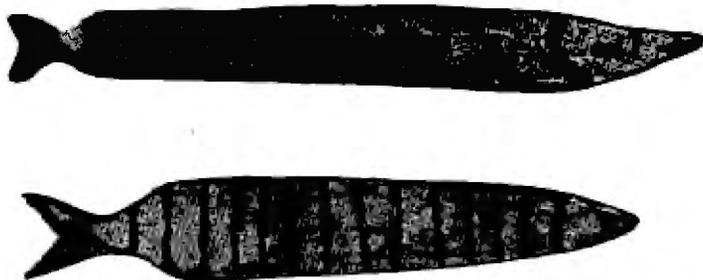


Fig. 277 e 278

Peixes de madeira dos bacairís.

Mus. Etn. Berlim, V. B. 5231 e 5232, 2/5 tam. nat.

A este exemplar chamam os selvicolas de "kopiri", mas eu não o posso explicar com mais pormenores.

Devo ainda citar os exemplares de peixes das figs. 277 e 278, que não são perfurados no ventre, e devem ser considerados simples bastões de madeira.

Os cantos dos índios do rio Coliseu

1 — O canto do "y a u a r i" dos auetos

As estrofes seguintes fornecem-nos algumas amostras dos cantos mais importantes auetos, que é o chamado "canto do yauari", isto é, o canto da estólica, que tem o nome inspirado na principal arma gurreira dos índios auetos, cuja flecha de dardo de pedra ou madeira é arremessada com grande força.¹⁹¹

Pude saber que essa é ainda hoje a arma principal entre diversas tribus xinguenses, porque justamente quando me achava nessas regiões aconteceu haver escaramuças entre auetos e trumaís. Alguns daqueles apareceram, certa vez, muito exaltados, de volta de uma caça, dando a entender por meio de mímica muito expressiva que os trumaís haviam lançado estólicas sobre eles no interior da floresta.

O "yauari" parece ser o canto guerreiro tanto dos auetos como dos camaiurás.

A copla propriamente dita segue num fio interminável. As cinco estrofes que dou a seguir são, por conseguinte, apenas exemplos, que pude registrar, muito confortavelmente, durante a nossa viagem de volta da aldeia dos auetos, pois os dois companheiros meus dessa tribu cantavam-nas frequentemente, de modo que pude escrever não só os dizeres como acentuar o ritmo. Infelizmente não colhi a tradução, mas reproduzo a melopéia, para dar uma idéia do ímpeto e do ritmo tão bem definido que caracterizam esses cantos guerreiros^{191a}:

I

- 1 — Nikáyarikáyari ihāhā ihāhā ī
- 2 — Nikáyarikáyari ihāhā ī
- 3 — Nikáyarikáyari ihāhā ihāhā ī
- 4 — Nikáyarikáyari ihāhā ī ī

(191) A respeito do canto da estólica dos camaiurás, V. K. v. d. Steinen, "Entre os abor. do Brasil Central", p. 405 e 406.

(191a) — N. da T. — Vide apêndice, onde reproduzo esses cantos indígenas, com a acentuação exclusivamente rítmica.

- 5 — Okaríayameráyen iveráyauarí
- 6 — Idem
- 7 — Ivakátukátunáyeríviráyauarí ihāhā ī
- 8 — Nikáyarikáyari ihāhā ī
- 9 — Idem
- 10 — Ihāhā ihāhā ī

II

- 1 — Hēyauāri nātu hēyauāri nātu yauāri yauāri
- 2 — Hēyauāri nātu hēyauāri nātu yauāri ōhō
- 3 — Hēyauāri nātu ōhō ōhō
- 4 — Hēpēkētikēti hēpēkētikēti ōhō
- 5 — Idem
- 6 — Hēyauāri nātu yauāri yauāri
- 7 — Hēyauāri nātu hēyauāri nātu ōhō ōhō

III

- 1 — Ūēnikū ēnikū ūēnikū āhiyu āh āhī
- 2 — Idem
- 3 — Idem
- 4 — Idem
- 5 — Mākāhaúirī nāvākaúārī
- 6 — Idem
- 7 — Irūvītūnēr ū yūhaihai āhī āhī āhī

IV

- 1 — Nūālātā yēkī nāhā
- 2 — Idem
- 3 — Nūērivali yēkīnāhā āhī āhī
- 4 — Idem
- 5 — Yākivā yauārīa āhī āhī
- 6 — Yūhai hai āhī āhī

V

- 1 — Āyā kātāmākōnatūyā yāhū yāhū
- 2 — Idem
- 3 — Idem
- 4 — Idem
- 5 — Evēnu āhā
- 6 — Aī hā hā
- 7 — Īyakūakarivērikūa yāhā hū yāhā
- 8 — Idem

II — Copla “huganotile” dos índios bacairís

O “huganotile” dos bacairís e o canto dos auetos têm caráter bem diverso. Damos também a sua tradução mais ou menos aproximada. É canto juvenil, entoado quando voltam da mata, após tê-la desbravado.¹⁹² O conteúdo dessa copla indígena legítima é tão interessante quanto simples e trivial. Não discorre sobre qualquer conjuração de demônios para fazer com que brotem as plantas ou tenham elas bom crescimento, mas celebra simplesmente os jovens que partem para o trabalho na floresta, e passam antes pelas tabas a solicitar comida e bebida em troca das horas de esforço. São as mulheres que lhes oferecem o tributo, pois a elas e suas famílias cabe, depois, a maior soma de benefícios. Na segunda parte da copla, que se refere à volta dos jovens da mata, o pedido de alimentos é mais insistente, pois agora se trata de compensação pelo trabalho realizado. No último dia de trabalho, quando a mata já foi toda roçada, a parte que diz respeito a isso era cantada com extraordinária veemência e com melhor êxito ainda, visto que desta vez se tratava de oferecer os alimentos para as festividades que comemoram o trabalho completado (v. p. 83).

1.^a PARTE (Antes de partirem para a mata)

- 1 — Hügănötîlê hügănötîlê
Está mim mandando¹⁹³
Mandais-me embóra¹⁹⁴
- 2 — Hügănötîlügănötîlügănötîlê
Está mim mandando
Mandais-me embora
- 3 — Mësaikürunã ügănötîlê
Na nossa terra está mim mandando
Mandais-me para as diversas partes da nossa região
- 4 — Päkürëñän ügănötîlê
Na Paranatinga está mim mandando
Mandais-me embora para o Paranatinga

(192) V. pormenores a respeito desse canto na página 79-80.

(193) A tradução portuguesa desses versos foi feita pelo meu companheiro José, do rio Paranatinga. Transmito-a no seu linguajar imperfeito, conforme me forneceu o autor.

(194) N. da T. — A terceira linha de cada estrofe consiste, no original, da interpretação alemã dos versos, que traduzi, afim de tornar mais claro o sentido dos mesmos, de acordo com Max Schmidt.

- 5 — Kūyābārā ūgānōtīlē
 No Cuiabá¹⁹⁵ está mim mandando
 Mandais-me embora para Cuiabá (a cidade dos brancos)
- 6 — Hūgānōtīlūgānōtīlūgānōtīlē
 Está mim mandando
 Mandais-me embora
- 7 — Kākūirbāermā ūāpīrmāsē
 Migao não da de comer
 E não me dais mingau de mandioca para comer
- 8 — Hūgānōtīlūgānōtīlūgānōtīlē
 Está mim mandando
 Mandais-me embora
- 9 — Ūrērōlē mūītōitonē
 Fui eu que fiz sua casa
 A mim que construí vossa casa
- 10 — Hūgānōtīlūgānōtīlūgānōtīlē
 Está mim mandando
 Mandais-me embora, mandais-me embora

2.^a PARTE (De volta da floresta)

- 1 — Hūgānōtīlē hūgānōtīlē
 Está mim mandando
 Mandais-me embora
- 2 — Hūgānōtīlūgānōtīlūgānōtīlē
 Está mim mandando
 Mandais-me embora
- 3 — Āsēmāibā ūrūānūgā
 Depressa me dá beijú
 Depressa dai-me beijús
- 4 — Āsēmāibā ūokūānūgā
 Depressa me da migao
 Depressa dai-me beijús

(195) É interessante que o nome de Cuiabá, simbolizando um lugar distante de onde provêm os brancos, já tenha penetrado na copla indígena.

- 5 — Sirăčkēbă ānugăkelē
Não é isso me dá
Não dai-me só isso
- 6 — Őrsāmūrū ānugăkelē
Purviu me da
Dai-me polvilho
- 7 — Hūgănōtilūgănōtilūgănōtilē
Está mim mandando
Mandais-me embora
- 8 — Īvērăsēisē kārăgēpā
Agora eu não roço mais
Não roçarei mais a floresta
- 9 — Īvērăsēisē kănhōkēpā
Agora eu não limpo mais
Não limparei mais as plantações
- 10 — Tōuōrēkūrū măsēkēlē
Você “canha” muito
Sois muito sovinas
- 11 — Hūgănōtilūgănōtilūgănōtilē
Está mim mandando
Mandais-me embora
- 12 — Hōprsēāsē āsēāsē
Eu volto
Eu volto
- 13 — Őtōbōdāsī ōpresēsē
Na casa velha eu volto
Voltarei à casa abandonada
- 14 — Kăkūibāmăsē kōipīrămăsē
Você não dá de comer
Pois não me dais de comer
- 15 — Ālėkēlē ĩrpūkēsēdē
Chega, não ranco mais mandioca
Chega, não arrancarei mais a mandioca
- 16 — Īrpăkădāi ĩrpăkăsīdā
Não capo mais mandioca
Não podarei mais os mandiocais
- 17 — Hūgănōtilē hūgănōtilē
Mandais-me embora
Mandais-me embora

- 18 — Hūgānōtīlūgānōtīlūgānōtīlē
Está mim mandando
Mandais-me embora
- 19 — Tēlēmītīsē mūrīkātīlē
Você podia ficar lá mesmo na casa velha
Poderieis ter ficado nas casas velhas (agora abandonadas)
- 20 — Pōgānāēlē mūrīkātīlē
No campo você podia ficar
Poderieis ter ficado nas selvas
- 21 — Hūgānōtīlūgānōtīlūgānōtīlē
Está mim mandando
Mandais-me embora

III — A copla do “avinase” dos bacairís

O canto seguinte de que, infelizmente, não pude obter a tradução foi cantado na noite da véspera dos trabalhos de roçar:

- 1 — Āvīnāsē āvīnāsē.
- 2 — Idem
- 3 — Idem
- 4 — Āsēūkūyā ūūānāsē
- 5 — Āvīnāsē āvīnāsē
- 6 — Epīenāurse ōguānase
- 7 — Āvīnāsē āvīnāsē
- 8 — Asēakēalēyeralēdīlīūnagēdīlī ūānāsē
- 9 — Āvīnāsē āvīnāsē

IV — Duo bacairí

Os dois versinhos seguintes representam um duo cantado por dois rapazes bacairís. Os cantores entravam nas casas e alí dansavam aos pares para lá e para cá, durante algum tempo. Como de hábito entoavam essas coplas na véspera dos trabalhos do roçado, sendo que o assunto das mesmas, segundo José, ainda diz respeito aos trabalhos.

- 1 — Ōmāsīrākūrō pērkōtō
- 2 — Oihúsīrākūrō pērkōtō

CAPÍTULO XVII

Economia e Direito dos Índios do Rio Coliseu

Ao estudarmos os fatores econômicos e jurídicos entre os índios devemos distinguir dois aspectos, isto é, ou os indígenas aderem á cultura brasileira europeizada, sacrificando sua independência econômica e legislativa, ou conservam a sua cultura primitiva de nativos, mantendo, assim, sua independência. Este último caso é o que se verifica entre os selvícolas das nascentes xinguenses, que vivem às margens do Coliseu.

1 — Economia

Como em todos os problemas econômicos, importa aqui também saber de que maneira esses índios independentes satisfazem as suas necessidades de vida com os recursos de que dispõem.

A natureza também para eles se mostra limitada no fornecimento de suas dádivas. Na maioria das vezes, tornam-se indispensáveis instrumentos especiais no aproveitamento dos recursos naturais, ou então é preciso desenvolver um trabalho especial para a utilização direta da matéria prima. Também aqui representam papel importante o trabalho geral, distribuição do mesmo e trocas de produtos, embora de uma forma bem diversa daquela do mundo civilizado.

Si me abstrair das poucas demonstrações de cultura européia reveladas pelos índios xinguenses nos últimos tempos, através das expedições científicas que chegaram até eles, teremos diante de nós um grupo humano para quem o emprego do metal ainda ha pouco tempo era completamente desconhecido, e para quem os óssos, os dentes, as pedras e a madeira constituíam o único material para o fabrico de seus utensílios.

Longas extensões de mata vírgem foram desbravadas por meio do machado de pedra. Pequenas pedras agudas servem de ponta à verruma na perfuração dos mais diversos objetos. Os agudos dentes de vários roedores, como os do aguti e da capivara, servem de cinzeis, às vezes com cabo, outras vezes mesmo sem ele. Os finos dentes do peixe-cachorro (v. fig. 279) são utilizados na perfuração de diferentes

coisas. Para cortar toda a sorte de objetos, principalmente o cabelo, é empregada a dentadura aguçada da piranha (v. fig. 280), sendo que a nossa tesoura eropéia era designada pelo nome desse peixe. Servem de escavadores ou enseadas as garras gigantescas do tatú-gigante, ou então uns pauzinhos curtos e afilados nas suas extremidades. A nossa pláina era representada por uma concha furada no centro.



Fig. 279

Maxilar inferior do peixe-cachorro.

Mus. Etn. Berlin, V. B. 5200a

Com efeito, todos êsses instrumentos mostravam-se muito mais eficientes do que se poderia imaginar. Vi como ao prepararem um arco por meio da concha furada saíam longas aparas da madeira e eu mesmo me utilizei durante muito tempo, com bons resultados, da dentadura de piranha para afilar a ponta do meu lapis. Mas, de qualquer maneira, é necessário um aproveitamento habilidoso das forças naturais, ao empregarem-se esses instrumentos, para se conseguir o que de fato conseguem esses índios. Com respeito aos trabalhos de roçado por meio do pequeno machado de pedra, que, à primeira vista, nos parece a coisa mais milagrosa, foi-me dado observar, de perto entre os índios bacairís do segundo aldeamento no Coliseu. Tornou-se-me logo mais claro o processo indígena ao assistir o desbravamento de um trecho de mata mais extenso. Começaram então a fazer cortes com o machado em um maior número de árvores, umas junto das outras, em pontos determinados; depois disso faziam o mesmo numa árvore que ficava no fim da mata e que deitavam abaixo. Esta, ao tombar, levava na queda as outras golpeadas habilidosamente para esse fim, e assim por diante. Dessa maneira arrasavam, de uma só vez, largas extensões de floresta vírgem.

Todas as tribus indígenas do Coliseu, por mim visitadas, eram legítimos agricultores. Como lhes faltava, naturalmente, qualquer noção de criação de gado, eram obrigados a caçar e pescar para obter

rem carne. A forma pouco adiantada de sua lavoura, em que falta qualquer elemento para melhorar o solo, onde a cinza das árvores qualquer elemento para melhorar o solo, onde a cinza das árvores queimadas é a única maneira de adubar a terra, faz com que esta só produza no máximo duas vezes, o que motiva a inconstância dos índios em seus domicílios. Contudo essa inconstância é bem maior do que se pode fazer idéia, por causa de uma circunstância que frequentemente tem sido desprezada, quando se estudam as formas econômicas primitivas.



Fig. 280

Maxilar inferior do peixe-piranha.

V. B. 5201, 1/1 tam. nat.
Mus. Etn. Berlin,

E' que esses índios só possuem um produto importante para as suas relações econômicas e sociais, que é a mandioca, isto é, a "mandioca brava". O plantio, o crescimento e a colheita dessa mandioca requerem condições muito especiais e, por isso, trazem consigo consequências econômicas e sociais de relevo. Todas essas condições de vida aqui são tão diferentes em seus fundamentos que quasi nos impossibilitam de fazer comparações com as européias. A sementeira e a colheita em nosso sentido, sobretudo a consideração de um tempo relativamente muito limitado para a sementeira e a colheita, não entram em estimativa nas condições de vida dos índios do Xingú. Apenas se tem em vista marcar o tempo, por ocasião de iniciar a limpeza da mata, que é a primeira e mais importante condição numa plantação de mandioca, porquanto ela é iniciada no período da seca, de modo que ramos e hastes mais finas secam de tal modo que ainda podem ser queimados durante essa época.

O desbravamento da mata de que antes nos referimos é a principal trabalho para um futuro mandiocal. E' somente em terras onde havia anteriormente vegetação florestal que é possível fazer brotar o tubérculo, pois só dá em terreno úmido e úbere. Além disso ajuda se torna necessária a cinza dos galhos de árvore queimados para melhorar a terra. Os troncos mais fortes das árvores tombadas não são devorados pelo fogo, mas ficam onde estão. E' nos intervalos entre um e outro que se planta a mandioca da maneira mais simples possível, pois metem-se os tanchões da planta da mandioca no sólo, fazendo certos intervalos. A respeito do mais, ficamos sabendo, através das "huganotiles" acima reproduzidas, que eles costumam limpar a plantação das ervas nocivas (II — 9) e que as plantas são podadas (II — 16). Esses trabalhos, porém, distribuem-se num espaço de tempo assás prolongado, pois o mandiocal precisa de três anos para dar uma colheita compensadora.

Esso demorado crescimento da mandioca é de grande importância no problema da permanência da população numa região. Pode-se fazer o cálculo de que o sólo devidamente preparado pelos índios se

mostre produtivo por duas vezes, o que importaria em seis anos de permanência da plantação no mesmo local. Como, no caso de necessidade, se desbrava o terreno junto à antiga plantação, essa nova área fica mais longe das casas, de modo que só depois de muitos anos é que se torna imperiosa a mudança das casas nas proximidades das plantações, que então já avançaram muita distância. Assim se explica o grande cuidado com que as ocas, onde residem às vezes oito famílias juntas, são construídas. E' claro que o prazo de três anos para uma colheita de mandioca é apenas aproximativo. Disse-me que, após esse tempo, era bom tirar os tubérculos das plantas para consumo. Ao mesmo tempo não se trata para elles de mais ou menos alguns meses. Para as condições económicas é fator importante que se retirem as plantas da terra justamente quando são necessárias ao consumo.

Em todo caso a necessidade de tubérculos é mais forte no período da sêca, pois nessa época há mais facilidade de secar ao sol a raiz ralada e expremida, obter assim uma farinha duradoura para a fabricação do beijú. Na segunda aldeia bacairí, tinham preparado enormes cavaletes, onde se viam grandes quantidades dessa massa de mandioca expremida a secar ao sol. Daí tirariam uma quantidade boa de farinha para a estação chuvosa.

E' da maior importância para a vida espiritual e social de todas essas tribus o fato de não existir entre ellas uma distribuição de trabalho igual à que se desenvolveu na história económica europeia em que a população se subdivide em ramos de profissões determinadas. Apenas em relação ao sexo nota-se certa diferença na execução de tarefas. Assim, o desbravar da mata virgem, a construção de habitações, a caça e a pesca são atribuições exclusivas dos homens ao passo que o plantio, a colheita da mandioca e bem assim todo o preparo da alimentação vegetal é da competência feminina.

Sem falar nessa divisão de trabalho pelos sexos, todo o individuo é obrigado a participar na produção de coisas indispensáveis às necessidades da vida, o que faz com que o aprendiz do individuo seja bem mais polimorfo que entre nós. Desde a mais tenra infância o menino é obrigado a ajudar ao pai nos trabalhos, e a menina à mãe. E é justamente nesse auxílio prestado pelas crianças, que, naturalmente, muito as beneficia, reside um fator importante da economia indígena, isto é, ao contrário da nossa opinião corrente, a prole numerosa é considerada o melhor meio no aperfeiçoamento económico da família.

Mas o ponto mais importante no exame das relações sociais desses índios é a reunião de todas as forças de trabalho de uma comunidade para uma tarefa conjunta desde que haja maior soma de esforço a dispensar. Para dar um exemplo concreto, darei aqui novamente um aspecto observado por mim durante o roçado bacairí.

Havia um determinado indivíduo, que precisava de uma plantação. Para isso era preciso limpar uma extensão de terreno. Já nas noites anteriores ao dia que começaria o trabalho, a população masculina exigia reciprocamente a participação no trabalho, por meio de cantos e dansas. Em geral essa tarefa era motivo para tais festividades, que perduravam sempre. Na manhã do primeiro dia de trabalho, os meninos e os rapazes desfilavam cantando e dansando diante das oças, pedindo alimentos para o esforço que iriam despendar. Cada uma das donas de casa oferece a cada um dos dansarinos alguma comida e bebida, depois do que o ban lo todo segue para o mato. O proprietário da futura plantação, cuja mulher ofereceu a maior quantidade de alimentos aos rapazes, é o chefe do empreendimento e ao mesmo tempo o maior organizador das festividades. Uma vez no seio da mata, todo o elemento masculino, como unidade cerrada, começa o trabalho do desbravamento. Até mesmo os meninos de quatro a cinco anos de idade, cujas vozes estrídulas já se fazem ouvir durante o entoar das coplas, ajudam aplicadamente na tarefa.

Após um trabalho de seis a sete horas, todos os operário sse põem novamente a caminho da volta, tomando um banho em comum e regressam cantando e dansando, ao aldeamento, onde tornam a receber o prêmio devido em alimentos.

Durante três dias, prolongaram-se os trabalhos. O terceiro dia era o último e encerrava-se a tarefa com uma festa geral durante a noite. O "huganotile", copla indígena que já reproduzimos e que os jovens cantam com entusiasmo, fornece-nos, pelo seu sentido, os elementos para julgarmos do seu valor.

Já disse ser necessária ao índio uma maneira inteligente de aproveitar as forças naturais, afim de obter êxito em seus trabalhos. Outra condição é fabricarem os utensílios depois da matéria prima se achar devidamente preparada, isto é, adaptada para os diversos fins e não ir buscá-la a última hora, para fabricar, então, um ou outro objeto que está a fazer falta.

No momento em que desbravavam o mato, pude ver como imediatamente os selvícolas passavam a procurar os pedaços de madeira aproveitáveis. Alguns dêles estavam sentados adiante e fabricavam no mesmo instante alguns utensílios com os galhos e ramos que apanhavam. Assim, faziam arcos, pás de virar beijús, cabos de machados e outras coisas, conforme os fragmentos de madeira.

Outra roça feita a alguns meses, fornecera aos nativos a necessária lenha para o fogo, consumida em grande quantidade por aquí, pois mantinham fogo dia e noite ao lado de suas redes.

Dessa maneira chegamos ao segundo fator que proporciona aos índios os necessários objetos de necessidade: a troca de mercadorias fator que também prepondera no seio dessas tribus.

Vimos anteriormente como numa mesma comunidade cada indivíduo toma parte nos trabalhos gerais, de modo que não se poderia tratar aqui de relações de trocas em grande estilo. E' diferente, porém, quando se trata dessas relações entre os membros de diversas comunidades e, sobretudo, entre os de diversas tribus. Precisamente, durante uma viagem feita às cabeceiras do rio Xingú, onde está domiciliado grande número de tribus, diferentes até na língua falada, é que se oferece frequentemente oportunidade de observar essas animadas relações recíprocas e, sobretudo, a maneira original por que se realizam.

Quando passa uma canoa de tripulantes estranhos por uma povoação, são estes obrigados, em primeiro lugar, a entregar todos os objetos aproveitáveis existentes no interior da embarcação. Não costumavam trocar coisa por coisa, conforme o deveram ter visto fazer pelo pessoal das expedições. O que fazem é encher o estrangeiro com material de viagem, que lhe permita prosseguir.

Também são comuns as trocas de mercadorias entre índios de dois barcos de diferentes tribus. Vi várias vezes os meus companheiros auctós trocarem suas flechas com as de índios estranhos que passavam numa canoa. Mas as flechas dos próprios auctós, meus companheiros, não eram, na sua maioria, de fabricação própria e sim originárias de outras tribus, o que nos faz deduzir que o comércio de trocas é coisa habitual nessa região.

E' evidente que o movimento de troca de produtos entre diferentes tribus é de grande importância no desenvolvimento da cultura indígena, pois dessa maneira o selvícola chega a possuir objetos valiosos, de que a natureza de sua própria região não lhe forneceria a matéria prima ou para cujo fabrico uma outra qualquer tribu manifesta maior habilidade. Assim, tínhamos na região das cabeceiras xinguenses, os vaurás e meinacús, por exemplo, que eram os melhores fabricantes de vasilhames de barro, enquanto a folha dos machados de pedra eram privilégio dos trumaís¹⁹⁶.

2 — Aspectos Jurídicos

No estudo do direito entre os povos selvagens, é preciso, certamente, dispor de elementos especiais. Não são de nenhum valor as deduções tiradas de um número de fenômenos jurídicos, sem que se possuam informações positivas acerca desses fenômenos. Por isso esforcei-me em colher dados pormenorizados, mas tive que interromper minha tarefa logo no início devido ao meu regresso prematuro. Na segunda

(196) V. K. v. d. Steinen, "Entre os abor. do Bras. Central", p. 429.

aldeia do rio Coliseu conseguiu estabelecer as relações de parentesco dos habitantes de cada uma das quatro grandes oças, sob o aspecto puramente individual. Daí também pude compor as árvores genealógicas, que dou mais adiante. Si fosse possível arranjar um material bem definido também de outras tribus ameríndias do sul ou si se pudesse ainda completar o que colhi a respeito dos bacairís, procurando determinar o parentesco entre os moradores de uma povoação, talvez se pudesse fazer mais luz sôbre o problema até agora muito obscuro da organização fundamental das diversas comunidades jurídicas e bem assim das relações oriundas do direito de família. Só desejo fazer uma demonstração concreta das observações que realizei em relação às condições jurídicas dos índios do rio Coliseu.

Durante a minha estada na região das cabeceiras tive a impressão nítida de que cada estrangeiro (excepto quando a comunidade jurídica se acha separada dêle por algum motivo especial), desde que cumpra certas obrigações também pode fazer valer certos direitos sem causar conflito. Em todo o caso essas obrigações a cumprir podem ser muito duras para um europeu, como a exigência bíblica, por exemplo, de admitir que o dono de duas camisas (ou calças) ofereça uma delas a quem não possui nenhuma.

Frequentemente observei que, quando um estrangeiro chegava com uma porção de objetos, era de direito apanharem os índios tudo de que precisassem, o que, em todo o caso, os obrigava a pagar, de qualquer modo, o privilégio. E' que, quando se passa por alí com essas mercadorias, parece que o aspecto os choca, há a impressão de um infringimento ao direito. Antes de chegar, em companhia dos meus companheiros bacairís, à região dos naucuás, êles julgaram melhor deixar a maioria de suas coisas no meio do mato. Por mais que me dificultassem a passagem por essas regiões por causa da quantidade de coisas que trazia comigo, os índios das várias tribus, após me despojarem do último botão, permitiam, entretanto, que voltasse pelo mesmo caminho, livremente.

O Coliseu, no seu curso principal, era permitido a todos sem exceção. Cada membro de qualquer tribu podia transitar por todo o curso do rio, viajar de barco, pescar, caçar pelas florestas próximas e pernoitar às suas margens. Não era permitido, porém, penetrar nos afluentes pertencentes a outra tribu para se dedicar à pesca.

Após êsse exame do direito das gentes trataremos do fundamento das diversas comunidades jurídicas e das leis que as regem.

Certamente que, como acontece com quase todos os índios sulamericanos, a duração de uma comunidade que forma uma unidade social, é muito relativa. Assim, por exemplo, os três aldeamentos bacairís que existiam no rio Coliseu ao tempo da empresa v. d. Steinen, quando

lá cheguei, haviam-se fundido em dois. Com a mesma facilidade, de acôrdo com as necessidades, os aldeamentos assim fundidos tornariam a se subdividir. Por isso é difícil dizer onde e quando essas comunidades começam e bem assim quando se tornam comunidades jurídicas.

Dos princípios que regem geralmente a organização humana, devemos considerar o que concerne ao território o mais forte no processo da cristalização de uma comunidade jurídica das tribus residentes no Xingú o princípio territorial.

Ainda não é possível esclarecer bem quais são as outras forças sociais que influem na comunidade de aldeia, além do princípio territorial, principalmente quando pensamos nas grandes habitações, onde moram muitas famílias juntas. Apenas uma coisa podemos afirmar: é que também aqui o princípio da comunidade matriarcal exerce forte impulso na socialização.

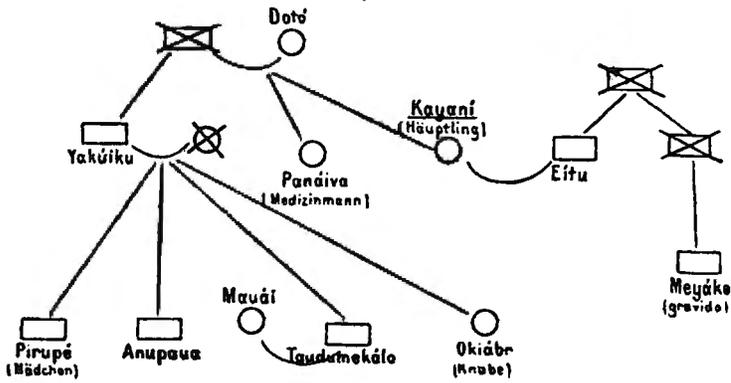
A complexidade das manifestações sociais, provocada pela interpenetração dos diversos princípios de organização, correspondem as leis que regem essa organização até agora completamente obscuras. Também não há certeza suficiente a respeito do verdadeiro sentido do regime dos caciques, principalmente nos aldeamentos, como no dos bacairís da 2.^a povoação do Coliseu e bem assim entre os auetós onde existem vários caciques numa mesma aldeia. As condições, sob as quais alguém é recebido na comunidade ainda são pouco transparentes nem tão pouco se sabe como é que um indivíduo pode pertencer a várias comunidades. Também em relação ao direito de família serão necessárias muitas pesquisas isoladas antes que se chegue a conclusões mais gerais.

A seguir reproduzo por meio das árvores genealógicas a maneira por que se relacionam as pessoas de cada uma das ocas da segunda aldeia dos bacairís do Coliseu. Como de costume, os pequenos círculos referem-se ao elemento masculino, os pequenos quadrados ao feminino. O círculo ou o quadrado cruzados significam que a pessoa respectiva já morreu. Os pequenos arcos indicam casamento, as linhas retas a descendência.

As pessoas, cujas relações de parentesco não se podem estabelecer exatamente ou que não as possuem, estão indicadas na árvore genealógica com as necessárias observações.

A fig. 281 fornece a série esquemática pela qual os habitantes da casa I dispõem as suas redes, onde se vê também a minha e a de André. E' preciso notar outrossim que as redes das casais não se acham uma ao lado da outra, mas uma sôbre a outra. Nas outras três ocas os moradores só podiam ser distinguidos como os da banda esquerda e os da banda direita da casa.

Habitantes da Oca II



Ainda se contam: Baruní, um ancião. Inóro, filho do mesmo.

Disposição em série das Redes de Dormir na Oca II

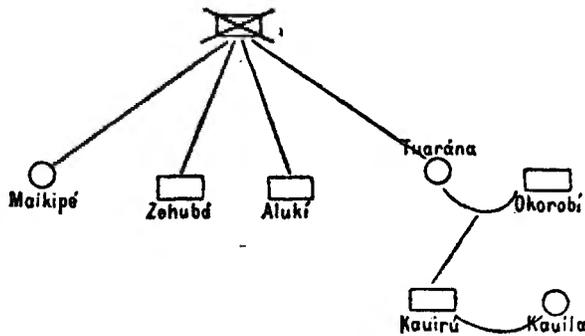
Banda esquerda

- Iacúicu □
- Pirupé □
- Anapauá □
- Mauái ○
- Taudumacálo □
- Oquiàbr ○

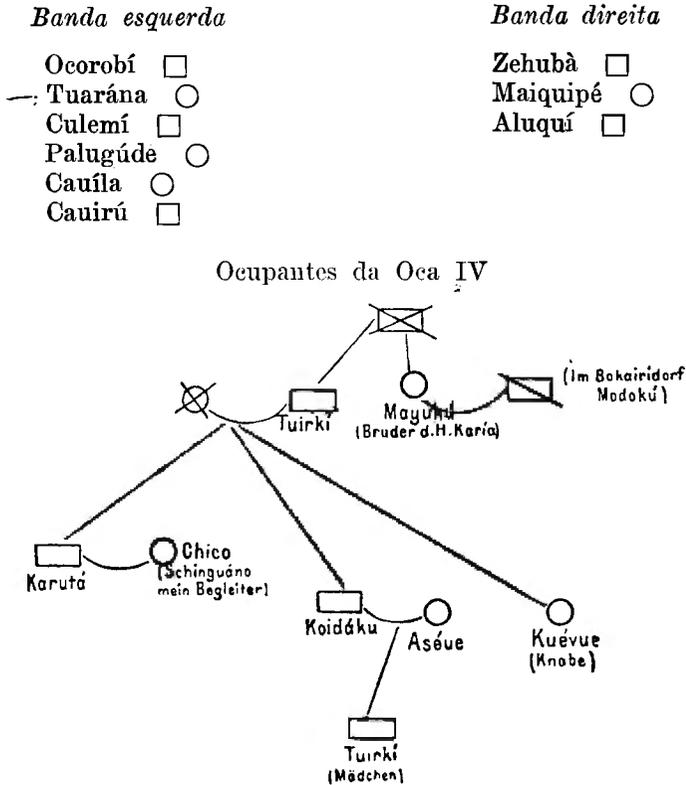
Banda direita

- Caiani ○
- Eítu □
- Meiaque □
- Panáiva ○
- Dotó ○
- Baruní ○
- Inóro ○

Ocupantes da Oca III



Ordem das Redes de Dormir da Oca III



Além disso: Cortaúí, menino orfão de pai e mãe.

Disposição das redes na Oca IV



A respeito das quatro árvores genealógicas assim distribuídas, destacam-se os seguintes pontos de vista:

1 — Os moradores de uma mesma oca representam um certo parentesco, ou uma grande família no sentido mais amplo, no seio da qual, como se vê na fig. 280, as diversas famílias se mantêm isoladas entre si.

2 — O homem, ao casar-se, vai residir na oca da esposa, isto é, ele entra na família dela. Assim, por exemplo, na oca I vemos os

casais Caialábi e Coláui, na oca II o falecido esposo de Iacúicu e Mauái, na oca II Cauíla e na oca IV o falecido esposo de Tuirquí e Aséue.

3 — Forma exceção (que considero um dos indícios principais dessas tribus) em todos os quatro casos a pessoa que serve de representante de determinada oca, diante de toda a população. Nasocas I e II essas duas pessoas são, ao mesmo tempo, “caciques”. Na oca I o cacique Caría habita juntamente com a prole de sua irmã falecida. Sua mulher, Caupé não mantém os seus parentes na mesma casa, mas, ao casar-se, acompanhou o marido. Do mesmo modo na oca II o cacique Caianí reside com os seus parentes. Sua esposa, Eítu, mantém em sua casa Meiaúque, a filha de uma irmã falecida. Isso porém não importa, pois Meiaúque e sua tia poderiam ter ido morar com Eítu. O quadrado cruzado que significa a mãe de Eítu só está indicado com o fim de mostrar o parentesco entre Eítu e Meiaúque, o que não quer dizer, de maneira alguma, que a mãe tenha antigamente morado na casa II.

Na oca III reside Tuarána juntamente com os seus parentes. Entretanto, Ocoróbí tem os seus em outra parte. Na casa IV Maiucú mora com sua família e é o representante da casa. A mulher, porém, não está em sua companhia, pelo menos nessa época, achando-se na aldeia Modocú, situada mais para junto do rio Batoví.

As relações entre dois cunhados, isto é, entre o marido e os irmãos de sua mulher, sempre me pareceram muito íntimas, daí também resultar a ligação estreita que se verifica entre as crianças com o seu tio materno.

De acôrdo com o que me testemunhou José, o esposo, após a morte da mulher, é obrigado a casar com a irmã da mesma. “O sogro diz-lhe: Agora tua mulher está morta, deves casar-te com a irmã”¹⁹⁷.

O casamento parece não requerer qualquer cerimonial, mas é perfeitamente observado como uma união duradoura. Um dos índios que me acompanhara desde o Paranatinga e que se tinha casado certa vez com uma mulher da aldeia bacairí, mostrou-se sériamente preocupado, por temer a vingança dos irmãos da mulher, não me havendo acompanhado, por essa razão, à aldeia propriamente.

Isso naturalmente não impede de se poder ter ao mesmo tempo várias esposas. Pode-se, conforme me assegurou José, buscar mais uma mulher em localidade vizinha, sem que isso altere as boas relações com os parentes da esposa número um. Esta costuma até acompanhar o marido na excursão à procura de outra, para variar, sendo que, muitas vezes, segue também a própria família da esposa. Essa circunstância é muito importante, sob o ponto de vista da cultura, pois dessa maneira é possível criar-se um centro econômico mais variado.

(197) Vide também as mesmas condições entre os guatós, p. 316.

De acôrdo com isso, havendo um filho entre a mulher de uma tribo e o marido de outra, êle pertencerá à tribo materna e torna-se membro da família materna. Nem por isso a relação do pai para com êsse filho deixa de ser estreita. Já ao nascer o pai se submete ao mais rigoroso couvade, isto é, deita-se, após o nascimento da criança, dentro da rede como si estivesse doente, praticando o mais rigoroso jejum, como si tivesse sido êle e não a mulher que tivesse dado à luz¹⁹⁸. E, ainda muitos meses depois, êle se priva de certos alimentos, especialmente os gordurosos. Dêssa maneira eu já lutara com dificuldades com os meus companheiros indígenas, porque não podiam comer nos nossos peixes, fazendo-me esperar sempre para apanharem, outros peixes, permitidos.

Estudaremos agora as condições de propriedade. Com respeito aos bens móveis, observa-se que domina a propriedade individual bem definida. Até mesmo as criancinhas faziam valer os seus direitos nesse sentido, quando se tentava tirar-lhes exemplares para a coleção etnológica. Os pais, por sua vez, deixavam-nas à vontade na cessão de seus objetos.

Essa propriedade individual consta, naturalmente, dos próprios objetos fabricados pelo proprietário. Do mesmo modo, nas caças e nas pescas, não levando em conta as excursões gerais dessa natureza, o que acerta no animal é o seu dono, embora, moralmente, se considere na obrigação de oferecer alguma coisa aos outros quando há superabundância.

Também está bem definida a transferência da propriedade por tradição, conforme já se nota através das relações de troca bastante animadas dessas tribus. Em todo o caso a maneira por que se realiza êsse comércio ainda é pouco desenvolvida, pois ainda não existe a concepção de determinado valor para determinada mercadoria. Conforme já dissemos atrás, por isso mesmo a troca de objeto por objeto era completamente ignorada. A troca de mercadorias é regida muito mais pelo sentimento de hospitalidade. Como o estrangeiro é uma visita, é bem tratado e por ser visita tem obrigação de oferecer presentes.

E' muito mais sério o problema do imóvel, que é a área ocupada.

Já tivemos oportunidade de estudar aquí o que diz respeito a plantação de uma extensão de terra. Vimos que quando um certo indivíduo, na sua qualidade de pai de família, tem necessidade de uma área agrícola, toda a população masculina se agita para realizar o trabalho. Devido ao trabalho geral em benefício de uma família, cria-se o direito a certo usufruto geral dessa área, pelo menos, durante o tempo em que a terra produzir, portanto, o trabalho de todos é pago pelo direito que têm então à propriedade.

(198) Vide K. v. J. Steinen: "Entre os abor. do Brasil Central" p. 430 ff.

CAPÍTULO XVIII

Vocabulários

REPRODUZIREI aqui a seguir, dois pequenos vocabulários, o dos “auetos” e o dos “camaiurás”, que, em virtude do maior número de verbos, serviriam de complemento aos vocabulários desses indígenas, assinalados por K. v. Steinen (Entre os abor. do Bras. Central, p. 676-ff).

As palavras auetós, colhi-as, na maior parte, durante o regresso à aldeia bacairí em companhia dos dois indígenas dessa tribo; as do idioma camaiurá pelo “suposto índio camaiurá” (v. p. 60), que me acompanhou até à região dos auetós.

Coordenei as palavras de acôrdo com o seu sentido. A sua ortografia é fonética, de acôrdo com os dados fonéticos, da p. 216. Ao lado dos vocábulos apreendidos por mim, coloquei os correspondentes de v. d. Steinen, que assinaei por “St”.

O meu vocabulário “guató”, inclusive um grupo de frases, já foi dado na p. 217 ff.

O copioso vocabulário “guaná” (v. p. 101) juntamente com algumas frases curtas e anotações gramaticais já foram em tempo divulgadas por mim na “Zeitschrift fuer Ethnologie” (Revista de Etnologia) Berlim 1903, Vol. 35, P. 324-336 e P. 560 a 604.

O vocabulário “apiacá”, anotado por mim, na localidade de Rosário foi aproveitado pelo meu colega Dr. Koch nos debates da “Berl. Gesellsch. fuer Anthrop., Ethn. u. Urgesch.” (Sociedade berlinense de Antropologia, Etnologia e Pre-História) (Berlim 1902, P. 359-ff).

Vocabulário Aueto

I — Partes do corpo

- 1 — Cabelo — iáp (St. iáp, yeap)
- 2 — Olho, meu — iteetá, seu — netá (St. itetá)
- 3 — Penis — ituíp (St. ituöp)
- 4 — Testículos — tupia (St. itupia)
- 5 — Bico (do pássaro) — nantsí
- 6 — Olho (do pássaro) — netá
- 7 — Língua (do pássaro) — nengú
- 8 — Pescoço (do pássaro) nanduríp

- 9 — Pena (do pássaro) náp
- 10 — Pena da asa (do pássaro) — nambepó
- 11 — Asa (do pássaro) — nambembongáng
- 12 — Perna (do pássaro) — naúp

II — Natureza

- 13 — Sol — kuát (St. kuát)
- 14 — Lua — tatü (St. tatü)
- 15 — Céu — hüvapít (St. huvapít)
- 16 — Nuvem — haman (St. amán)
- 17 — Chuva — hamán okiyu (St. amán)
- 18 — Água — ü (St. ü)
- 19 — Rio — üitó (St. üitó)
- 20 — Lagôa — nangám (St. uatú)
- 21 — Corredeira ou pequena cachoeira — ganyagímoto
- 22 — Barro, lama — indoái (St. ntaíi, ütái = terra)
- 23 — Areia — indaái (v. 22)
- 24 — Pedra — (g)itá (St. kütá, kótá)
- 25 — Fogo — tará (St. tará)
- 26 — Lenha — (tarapeté), nepéit
- 27 — Fumaça — tarandsing (St. trans'ing)
- 28 — Vapor — andemiateyu?

III — Elementos etnográficos

- 29 — Oca — ok (St. ok)
- 30 — Oca das festas — ototóp (St. ototá[me]).
- 31 — Oca dos hóspedes — tapüi
- 32 — Dentadura da piranha — ipirány
- 33 — Flauta — karituüt
- 34 — Óleo para passar na pele — indaié
- 35 — Cuia de óleo — endaiyepáp
- 36 — O instrumento com que se passa o óleo — indaiéapít
- 37 — Vara que impede a canoa — ivirands'ing
- 38 — Meu arco — irapat (St. rapát = arco)
- 39 — Envolvimento do arco — nantsám
- 40 — Corda do arco — nangutí
- 41 — Corte na flecha — naeinyá
- 42 — A pena da flecha — madoai
- 43 — Envolvimento da flecha com vaimbé — nendemoabít
- 44 — Cabo da flecha — tembiáandu
- 45 — Dardo de tacoára — ivainbék
- 46 — Barco — maambé (St. maambé, maampé)
- 47 — Beijú com água — kaū(ng)i (St. euváp — pogu (bebida))
- 48 — Beijú — yamím (St. yomem, yamem)

IV — Cacique

49 — Cacique — morekuát (St. morekuat)

V — Animais

- 50 — Macaco — kayít (St. kayöt)
 51 — Caitetú — tats'itú (St. tats'itú)
 52 — Capivara — kapivát (St. kapiivát)
 53 — Imundície de capivára — kapivarivori
 54 — Idem de tapir — tapiirevóri
 55 — Jaguar — tauát (St. tauvát)
 56 — Lontra — napa
 57 — Papagaio — tangánet (St. tangánet)
 58 — Marreco¹⁹⁹ — uaná
 59 — “Bacuirá”²⁰⁰ (passarinho) — uileuíle
 60 — Urubú — turuapírít
 61 — Araçari — lüt
 62 — “Buitivi” (Será espécie de pássaro?)²⁰¹ — mitukú
 63 — Andorinha — hiroüt
 64 — Pomba — bikák
 65 — Pássaro (que faz “ui ui iho”) — ihiyo
 66 — Gavião de rio — tatiá
 67 — Bua — narindauát
 68 — Japú²⁰² rapú (St. mirapú, nyapú)
 69 — Espécie de pássaro — murák
 70 — Tuiuí — noriáya
 71 — O mesmo (?) — mozantsinguatú (?)
 72 — Saracúra (?) — tarakút
 73 — Socó — kakáu
 74 — Certo passarinho escarlate — kualpurá
 75 — Certo periquito — sukiyít
 76 — Outro gênero de periquito — noviroatú
 77 — Pato de espécie grauda — nepék (St. nepét)
 78 — Colibrí — pringít
 79 — Tucano — tungán
 80 — “Karakurá” (?)²⁰³ — tarakút
 81 — Jacaré — topepiri (St. tapepiret)
 82 — Senimbú — taruruámet

(199) N. da T. — O autor escreve: “Mareka”.

(200) N. da T. — “Bacuirá” deve ser batuirá, nome comum a diversas aves da família Charadriidae (Rodolfo Garcia).

(201) N. da T. — Trata-se certamente do nosso “hem-to-vi”.

(202) N. da T. — O autor escreve: Yapú.

(203) N. da T. — Note-se que os nrs. 72 e 80 têm ponto de interrogação do autor, mas trata-se, como se vê, de “saracúra”, em ambos os casos.

- 83 — Tartaruga de rio — tauarí (St. tavarü)
 84 — Certo peixe — turuvitsán
 85 — “Curimbatá” (peixe) — nipián
 86 — Bagre pintado — truví (St. turuí)
 87 — Piranha — pangái (St. pankanyánget)
 88 — “Bagadú” (peixe) tumá
 89 — Peixe — piraít (St. piraüt)
 90 — Raia — ripaüt
 91 — Cobra (certa vez, também, lagarta grande, na água) — mói
 (St. mói)
 92 — Piú (mosquito pequeno) — nipiú
 93 — Mosquitinho²⁰⁴ — tonuntonorit
 94 — Borboleta — kuyokuyo
 95 — Traíra (?) — piutá
 96 — Concha — karayaví
 97 — Ninho de passarinho — tavinokáiroté
 98 — Ovo — upiá

VI — Plantas

- 99 — Madeira, árvore — iríp (St. ivirá, óp)
 100 — Lenha — nepeít (St. tepeyap)
 101 — Cortiça da árvore — iipé (St. iipé)
 102 — Pedaco de madeira — úp (öp)
 103 — Urucú — irikú
 104 — Algodão — amats’itó (St. amats’itú)
 105 — Carogo duro do algodão — amats’itó — táp
 106 — Algodão desabrochado — amets’tó — táp
 107 — Tabaco — bé (St. pã, päh)
 108 — A folha com que se enrola o charuto — beóp
 109 — Madeira própria para arco — raparíp
 110 — “Sariba” (madeira) própria para arco — nyapüp
 111 — Jatobá — mads’ipa (St. matsiöp)
 112 — “Embayuva” — rapagoteïp
 113 — Unha-de-gato (Árvore de espinhos) — nirepoits’an
 114 — Figueira — marauká

VII — Substantivos abstratos

- 115 — Canto — atepiritsán
 116 — Dansa — anyarunyitsan
 117 — Canto-dansa — mandundé

(204) N. da T. — O autor não cita o nome de “mosquitinho”, mas explica que se trata da “abelha grande que faz casa na areia da margem”.

VIII — Adjetivos

- 118 — Azul — iköritu (St. iköretú, hikületú)
 119 — Vermelho — tangetu (St. tangetú = carmím)
 120 — Amarelo — itúvitu (St. ituvetu)
 121 — Preto — tánetú (St. tanetu, tanütu)
 122 — Branco — ntsüingetu (St. ints'ingatu, ints'ingutu)
 123 — Frio, friorento — tseteyairgi
 124 — Pequeno — mansuükatu
 125 — Grande, alto — itetánaa

IX — Verbos

- 126 — Comer — ekaruitsan
 127 — Remar — tegóitu (entelugoie)
 128 — Remar de uma margem à outra — insauavit
 129 — Beber água — ayuitsánau (ayuizáu)
 130 — Cuspir água — itatupatsanakíri
 131 — Comer beijú — yaumimitsánau
 132 — Lavar (as mãos) — antepokiritsan
 133 — Raspar com a faca — ambiumminiátan
 134 — Banhar-se — kayatuvitsan
 135 — Urinar — akualuvitsán
 136 — Matar — aporoiuká
 137 — Ir. — kaipepot
 138 — Correr — andanitsan
 139 — pular — aporitsán
 140 — Sentar, acocorar-se — atsigayiútsan
 141 — Levantar — iambúm
 142 — Trautear — diambófp
 143 — Soprar flauta — kalítuitsán api^o(r)
 144 — Voar — avúre
 145 — Cantar — tepirtanané
 146 — Cante — itetepirtanane
 147 — Disparar a flecha — aavín(ge)
 148 — Cheirar — neambín
 149 — Morder — aítóntana
 150 — Olear (a pele) — kaimdimomayitsánani
 151 — Dormir — ateyuvién
 152 — Apanhar areia — idainsíng
 153 — A água cozinha — opopureyu
 154 — Remexer o fogo — taraivitsanáo
 155 — Soprar o fogo — taretanamonda
 156 — Impelir o barco com a vara — ateatopáyeko
 157 — Caír na areia — epotimiá miapotuimiak
 158 — Despertar — emanyamí .

X — *Diversos*

- 159 — “Vamos” ou “Adiante!” — *navíng*
 160 — Bastante — *yemé*
 161 — *não* — *aníte* (St. *ãn*, *ovane*)

Vocabulário Camaiurá

- 1 — Braço de rio — *amó*
 2 — Água rasa, Recife — *niitsí*
 3 — Água funda — *yötá*
 4 — Cachoeira *akūgita*, *avudyě*
 5 — Casa, oca — *hok* (St. *hök*, *ho(k)*, *apöt*)
 6 — Carne — *piná*
 7 — Espelho — *páru*
 8 — Caixote — *karamemá*
 9 — Cachorro — *yereimáp*
 10 — Passarinho, pernalta de pernas vermelhas — *kuikúit*
 11 — “Bagadú” (peixe)²⁰⁵ — *ananüa*
 12 — Bagre pintado — *tuimara* (St. *tsuruí*)
 13 — Espécie de borboleta — *panapana(m)*
 14 — Libélula — *sihuét*
 15 — Bom — *katu*
 16 — Mau — *ita katu*
 17 — Grande — *tuviyap(la)*
 18 — Pequeno — *tāpiatsá*
 19 — Baixo — *agatzāvituat*
 20 — Alto — *yegamaí*
 21 — Quente — *yerapír*
 22 — Frio — *yehū*
 23 — Dois (filhos) — *mokoi* (*yeraüt*), (St. *mokói*)
 24 — Três (caciques) — *maapüt* (*morérekuáret*), (St. *moapüt*)
 25 — Beber — *airauí*, *airát* — eu bebo — *ye airauí*
 26 — Comer — *akarú*, *aít*
 27 — Deitar — *āyenuané*
 28 — Dormir — *takiranin*
 29 — Sentar — *yeapikap*
 30 — Estar de pé — *tauhamanit*
 31 — Ir — *aatá*
 32 — Correr — *anyā*
 33 — Pular — *irvaipót*
 34 — Falar — *yahuayiú*
 35 — Cantar — *maraká*

(205) N. da T. “Bagadú” — Peixe de rio, o mesmo que *bagre* — Teschauer, Novo Dic. Nacional v.v.

- 36 — Lavar — vapakarí
- 37 — Banhar-se — tayaukaní (t)
- 38 — Remar — yahakuitáp
- 39 — Cortar com a tesoura — insonyo
- 40 — Bater — yüakuát
- 41 — Queimar — amunyém
- 42 — Atiçar o fogo — amonĩ, amonĩ tatá
- 43 — Disparar a flecha — yatavatsĩ
- 44 — Defecar — apots'íranĩ
- 45 — Cheirar — nem
- 46 — Mais ! (exigência) — hamó
- 47 — Bastante — avuyé

O canto do “yauari”

(com a acentuação exclusivamente rítmica)

I

- 1 — Nikáyarikáyari íhaha íhaha í
- 2 — Nikáyarikáyari íhaha í
- 2 — Nikáyarikáyari íhaha íhaha í
- 4 — Nikáyarikáyari íhaha í í
- 5 — Okaríayameráyen iveráyauarí
- 6 — Idem
- 7 — Ivakátukátunáyeriviráyauarí íhaha í
- 8 — Nikáyarikáyari íhaha í
- 9 — Idem
- 10 — Ihaha íhaha í

II

- 1 — Héyauári nátu héyauári nátu yauarí yauarí
- 2 — Héyauári nátu héyauári nátu yauarí ohó
- 3 — Héyauári nátu ohó ohó
- 4 — Hépekétikéti hépekétikéti ohó
- 5 — Idem
- 6 — Héyauári nátu yauarí yauarí
- 7 — Héyauári nátu héyauári nátu ohó ohó

III

- 1 — Ueníku eníku uéniku ahíyu áh ahí
- 2 — Idem
- 3 — Idem
- 4 — Idem
- 5 — Makabaúirí navakaúarí
- 6 — Idem
- 7 — Irúvitúnerú yúhaíhaí ahí ahí ahí

IV

- 1 — Nuálatá yéki náha
- 2 — Idem

- 3 — Nuérivali yékináha ahí ahí
- 4 — Idem
- 5 — Yakíva yuarí ahí ahí
- 6 — Yuháí ahí ahí ahí

V

- 1 — Áya katámakánatúya yahú yhaú
- 2 — Idem
- 3 — Idem
- 4 — Idem
- 5 — Evenu áha
- 6 — Aí há há
- 7 — Íyakúakárivérikúa yáha hú yáhá
- 8 — Idem

Copla “hunganotile”

(com a acentuação exclusivamente rítmica)

1.^a PARTE

(Antes de partirem para a mata)

- 1 — Húganótilé húganótilé
- 2 — Húganótilúganótilúganótilé
- 3 — Mésaikúrúná úganótilé
- 4 — Pákurénan úganótilé
- 5 — Kúyabará úganótilé
- 6 — Húganótilúganótilúganótilé
- 7 — Kákuirbáermá úapírmásé
- 8 — Húganótilúganótilúganótilé
- 9 — Úrerolé muitóítoné
- 10 — Húganótilúganótiléganótilé

2.^a PARTE

(De volta da floresta)

- 1 — Húganótilé húganótilé
- 2 — Húganótilúganótilúganótilé
- 3 — Ásemáibá úruánugá

- 4 — Ásemáibá úokuánugá
- 6 — Órsámurú ánuágakelé
- 7 — Húganótilúganótilúganótilé
- 8 — Ivéraséisé kárágepá
- 9 — Ivéraséisé kánhókepá
- 10 — Tóuorékurú másékelé
- 11 — Húganótilúganótilúganótilé
- 12 — Hóprséasé áséasé
- 13 — Ótobódasí ópreséasé
- 14 — Kákuiibámasé kóipirámasé
- 15 — Álékelé írpukésedé
- 16 — Írpakádaí írpakásidá
- 17 — Húganótilé húganótilé
- 18 — Húganótilúganótilúganótilé
- 19 — Télemítisé múrikátilé
- 20 — Póganáelé múrikátilé
- 21 — Húganótilúganótilúganótilé

Copla “avinase”

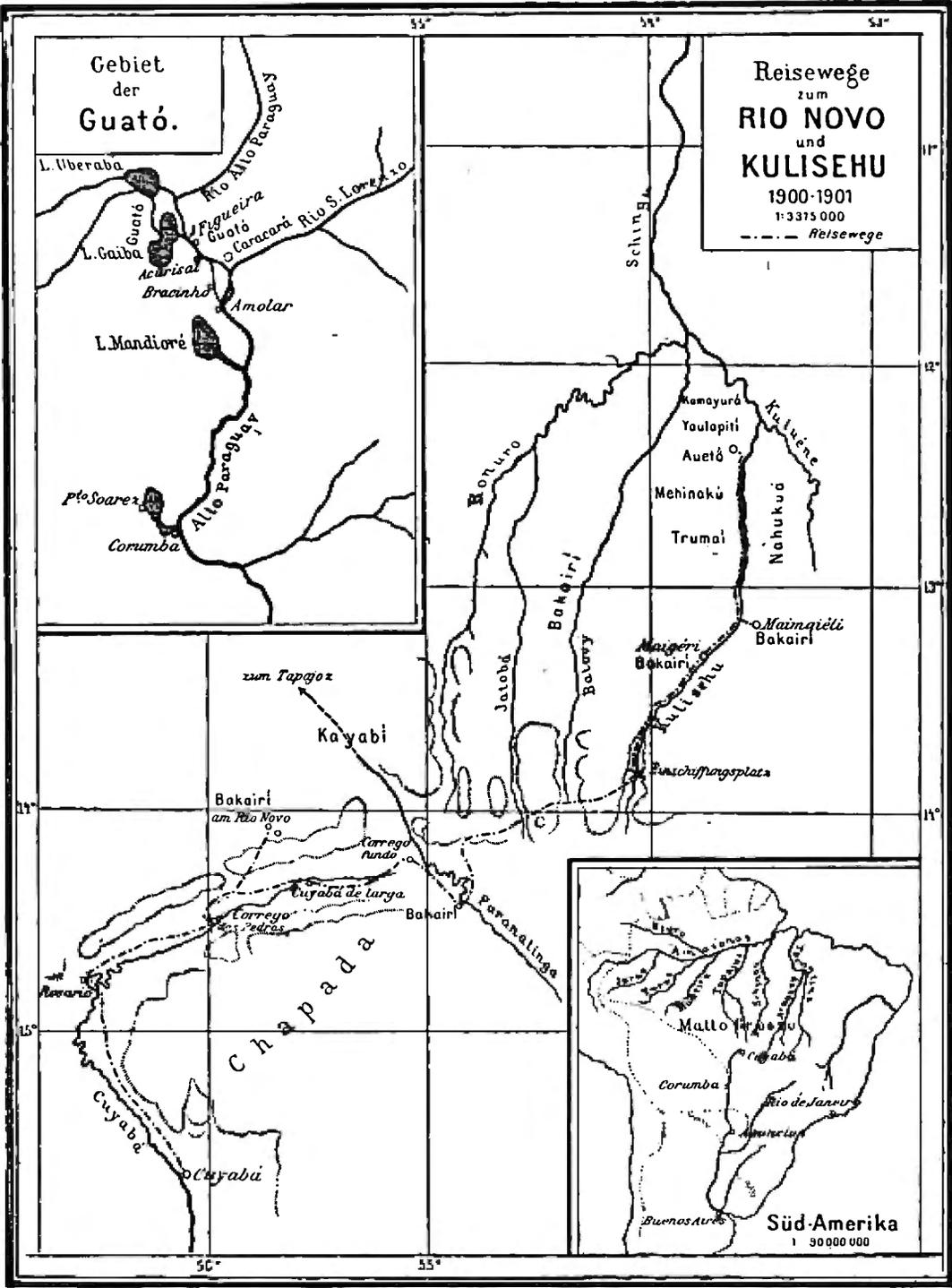
(com a acentuação exclusivamente rítmica)

- 1 — Avináse avináse
- 2 — Idem
- 3 — Idem
- 4 — Asékúkúya unánasé
- 5 — Avináse avináse
- 6 — Epíenáurse óguánase
- 7 — Avináse avináse
- 8 — Aséakéaléyerálédilíúuagédilí uanáse
- 9 — Avináse avináse

Duo Bacairí

(com a acentuação exclusivamente rítmica)

- 1 — Ómásirákuro pérkotó
- 2 — Oihúsirákuro pérkotó



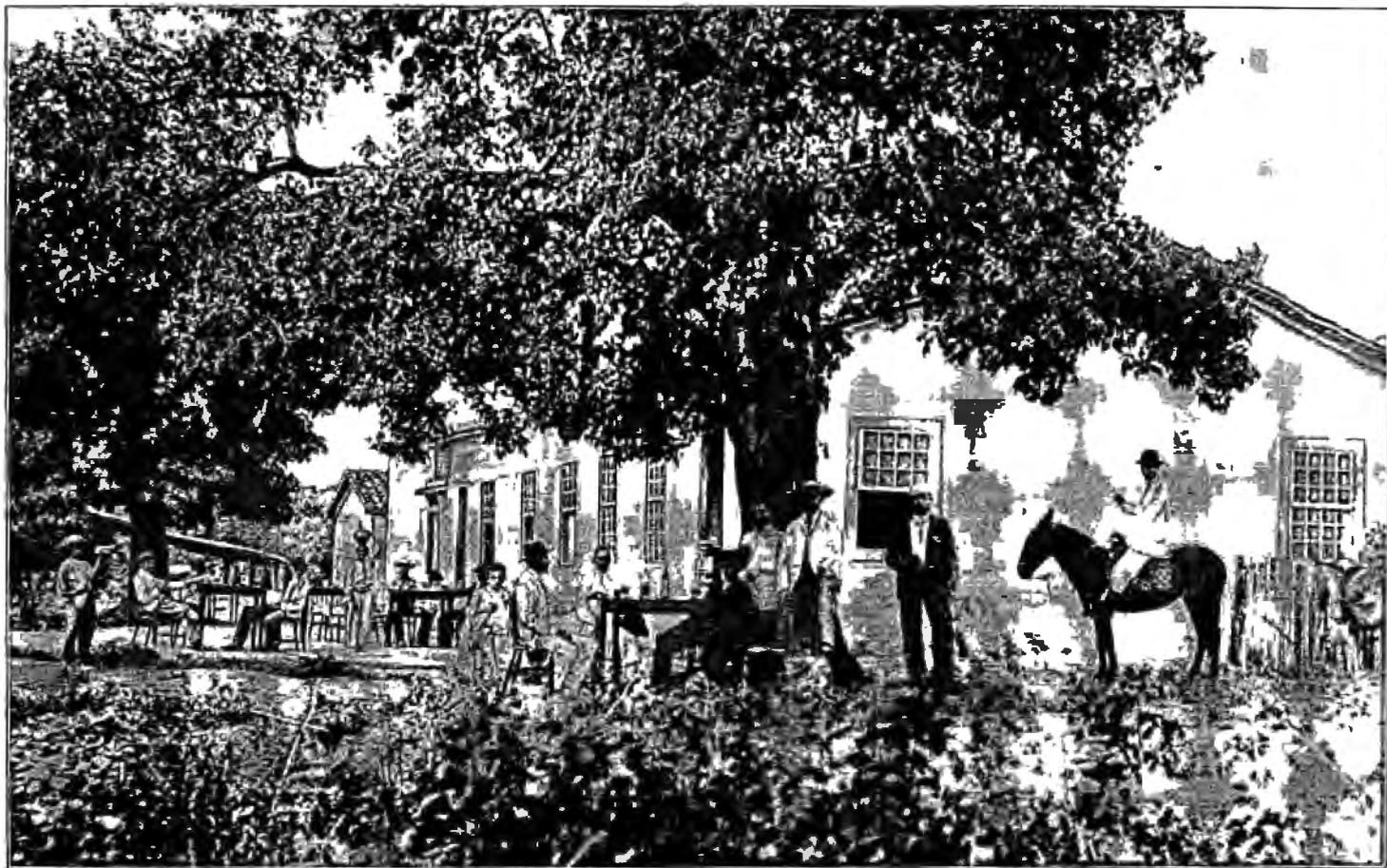


Estampa II
Índios Linguas.

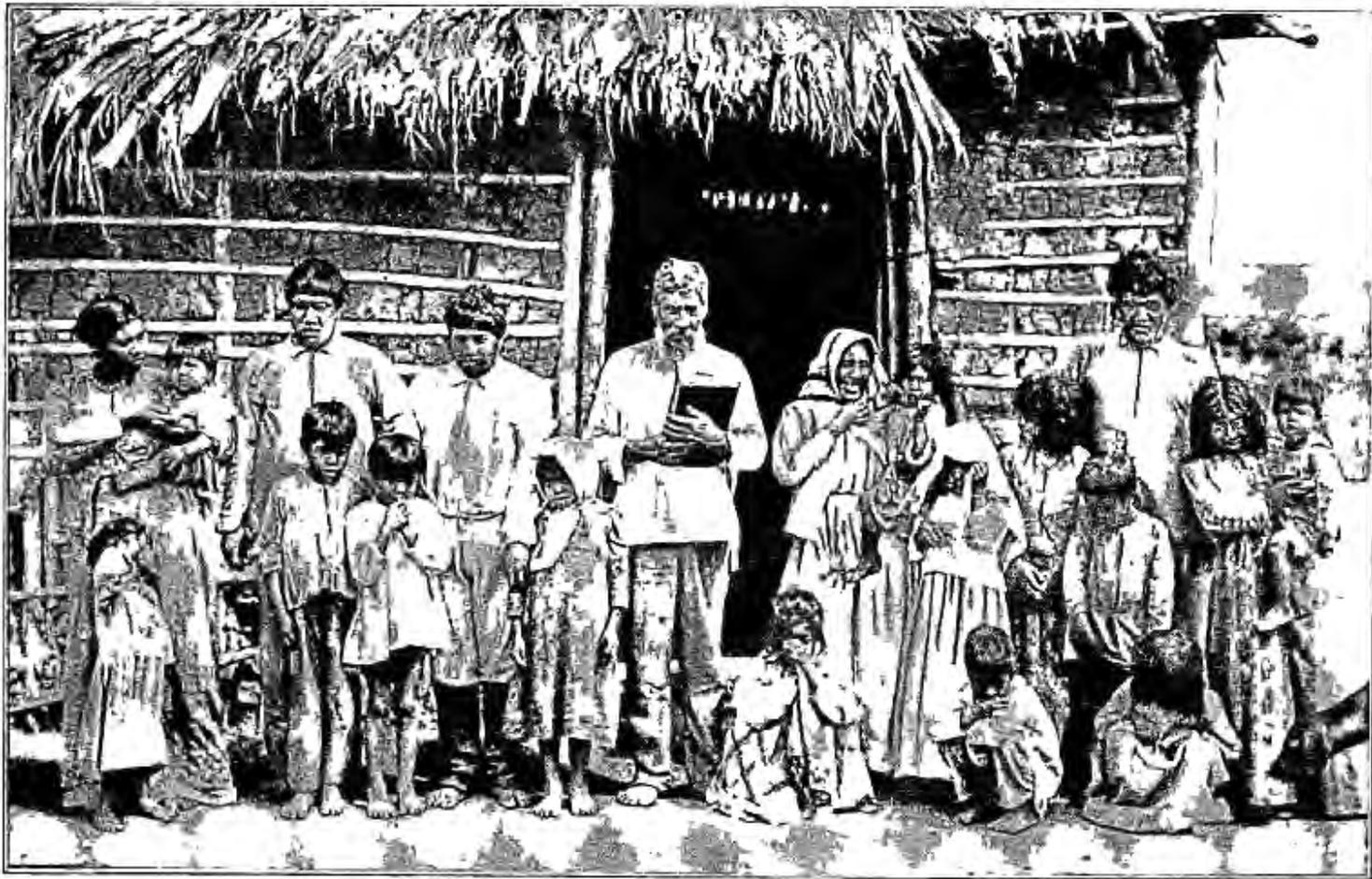


Estampa III

Meninos banhando-se nas proximidades de Corumbá.



Estampa IV
Cervejaria alemã, em Corumbá.



Estampa V
Bacairis do rio Novo.



Estampa VI
Usina de açúcar no rio Cuiabá.



Estampa VII

Rio Cuiabá.



Estampa VIII
"Mequi", o menino guató.

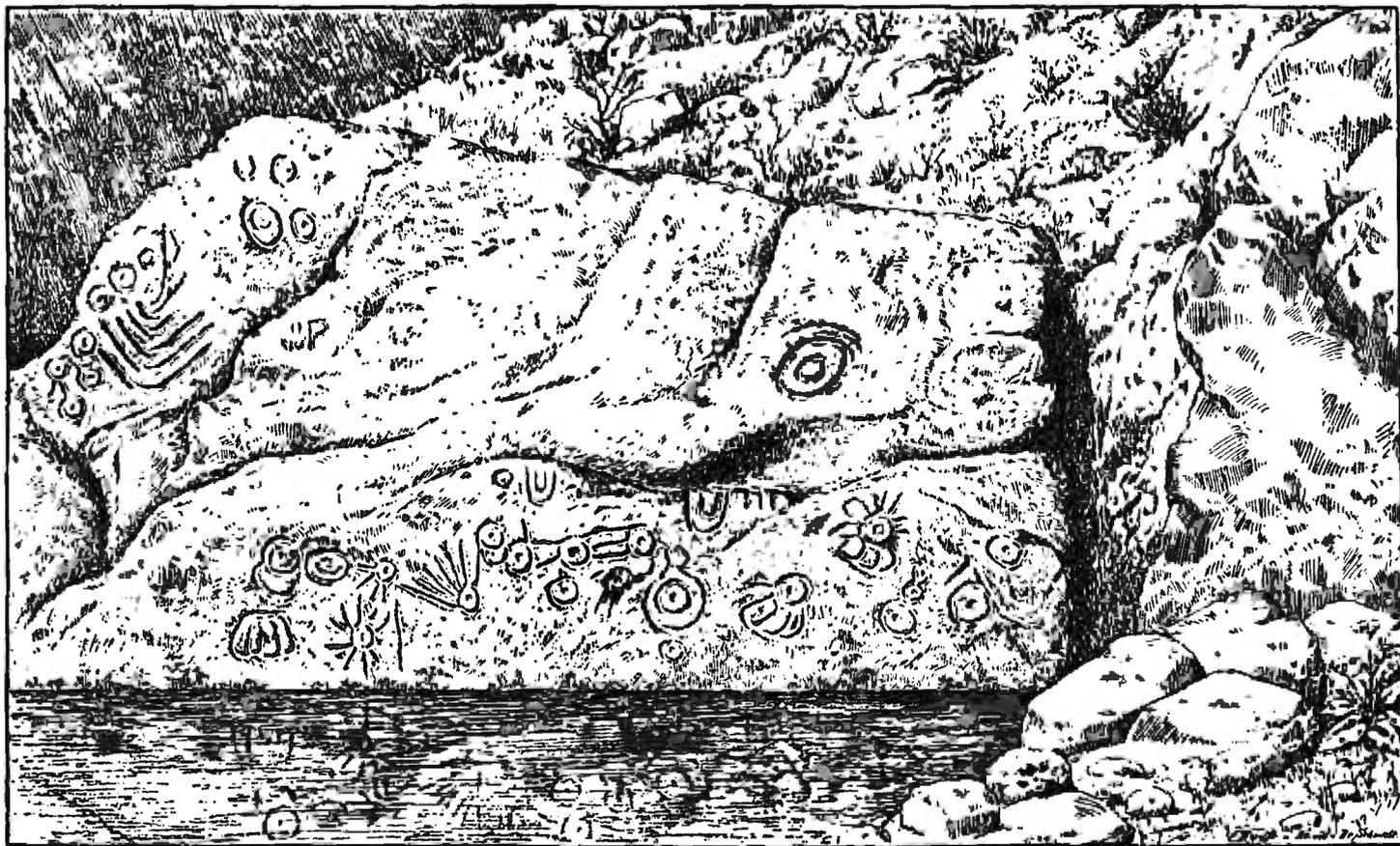


Fig. 28
Gravuras na rocha no lago de Guafba.



Estampa IX
Homens guatós.

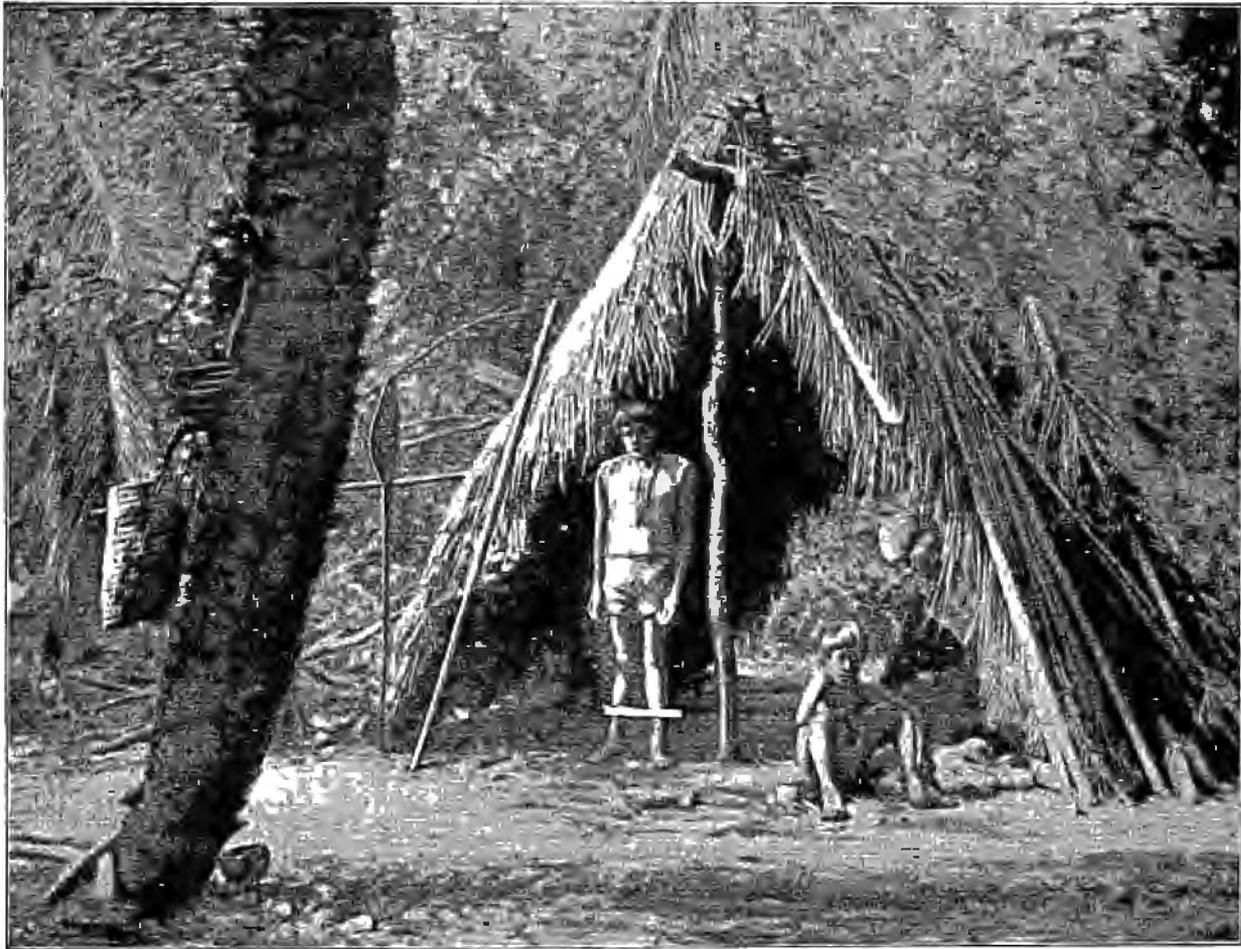


Estampa X
Mulheres guatós.



Estampa XI

Uma família guató na canoa.



Estampa XII
Choça guató.

BRASILIANA

Série GRANDE FORMATO

Sob a direção de Fernando de Azevedo



A SÉRIE "BRASILIANA" que, lançada há pouco mais de dez anos, já completou a segunda centena de volumes, é a maior, mais vasta e mais completa biblioteca de estudos brasileiros. O êxito invulgar que devemos à simpatia com que o público acolheu essa iniciativa e ao apóio franco e generoso que nos trouxeram os aplausos de uns e a colaboração valiosa de outros, nos animou a alargar o plano primitivo, criando na série "BRASILIANA" uma seção especial de obras em grande formato.

A experiência nos havia mostrado a inconveniência de publicar, no formato regular dos livros dessa coletânea, certas obras que, pelo número e pela importância das gravuras, seriam sacrificadas em volumes de menores dimensões. As gravuras reduzidas em tamanho para reprodução em páginas dos volumes comuns perderiam, sem dúvida, com a nitidez, parte de seu interesse pitoresco ou de seu valor documentário. Daí a resolução que tomámos de publicar em volumes de formato maior essas obras, que exigem, pela sua natureza, melhor apresentação material, difícil e, em certos casos, impossível de se obter em volumes de proporções reduzidas.

Essa iniciativa representa, pois, mais um esforço para corresponder à confiança do público e facilitar a incorporação, na série "BRASILIANA", de obras do maior alcance e interesse que dela ficariam excluídas por uma dificuldade de ordem puramente material, fácil de ser removida, sem quebrar a unidade orgânica de concepção e de plano dessa coleção.

Volumes publicados na BRASILIANA Série Grande Formato

- Vol. 1 — *Maximiliano* — Príncipe de Wied Neuwied: VIAGEM AO BRASIL — Tradução de Edgar Süsskind de Mendonça e Flavio Poppe de Figueiredo — Refundida e anotada por Oliverio Pinto. Edição ilustrada.
- Vol. 2 — *Dr. Max Schmidt*: ESTUDOS DE ETNOLOGIA BRASILEIRA — Peripélias de uma viagem entre 1900 e 1901. Seus resultados etnológicos. Tradução direta do alemão de Catarina Baratz Cannabrava. Ilustrado com 281 gravuras, 12 estampas e 1 mapa.
- Vol. 3 — *Karl von den Steinen* — O BRASIL CENTRAL — Expedição em 1884 para a exploração do Rio Xingú. — Tradução e notas de Catarina Baratz Cannabrava. — Edição ilustrada.

Próxima publicação.

Padre *Antonio Colbacchini*: OS BOROROS ORIENTAIS (Orarimugudoc) — Contribuição da Missão Salesiana de Mato Grosso ao estudo de Etnografia Brasileira. Edição profusamente ilustrada.



Edições da

COMPANHIA EDITORA NACIONAL
SÃO PAULO